

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

**“HOMOSSEXUAIS SÃO...”:**

revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva *queer*

Doutorando: Jackson Ronie Sá da Silva  
Orientadora: Profa. Dra. Edla Eggert

São Leopoldo, RS

2012

**Jackson Ronie Sá da Silva**

**“HOMOSSEXUAIS SÃO...”:**

revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva *queer*

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Edla Eggert

São Leopoldo, RS

2012

Silva, Jackson Ronie Sá da.

“Homossexuais são...”: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva *queer* / Jackson Ronie Sá da Silva. - 2012.

400 f.:il.

Impresso por computador (Fotocópia).

Orientadora: Edla Eggert.

Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

1. Educação sexual – Sec. XX. 2. Homossexualidade – Aspectos médicos, psicológicos e educacionais. 3. Teoria queer. I. Título.

CDU 613.88“19”

**Jackson Ronie Sá da Silva**

**“HOMOSSEXUAIS SÃO...”:**

revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva *queer*

Tese apresentada como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutor em Educação, pelo  
Programa de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –  
UNISINOS

Aprovada em     /     /

BANCA EXAMINADORA

---

**Profa. Dra. Edla Eggert** (Orientadora) – UNISINOS

---

**Profa. Dra. Cláudia Pereira Vianna** – USP

---

**Prof. Dr. André Sidnei Musskopf** – EST

---

**Profa. Dra. Maura Corcini Lopes** – UNISINOS

---

**Prof. Dr. Danilo Romeu Streck** - UNISINOS

*Aos qualiras maranhenses.*

*Meu papel – mas este é um termo excessivamente pomposo – é o de mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam, que elas têm por verdadeiro, por evidentes, alguns temas que foram fabricados num dado momento da história, e que esta suposta evidência pode ser criticada e destruída.*

(FOUCAULT, Michel. **Sexo, poder e indivíduo:** entrevistas selecionadas. Desterro, Santa Catarina: Edições Nefelibata, 2005, p.16-17).

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais João Januário e Maria da Paz, pela presença constante e apoio incondicional.

À minha irmã Elisângela e aos irmãos Jefferson e Jângulo.

Ao Departamento de Química e Biologia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pela confiança e apoio durante esses quatro anos de estudos doutorais.

Aos professores, às professoras, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Escolho Edla Eggert, Maura Corcini Lopes e Danilo Romeu Streck como representantes de uma prática de docência e vitalidade exemplares.

Estou profundamente grato à Edla Eggert pelas suas inestimáveis e valiosíssimas orientações. Faço reverência especial à sua paciência, cuidado, amorosidade e rigor nas correções e apontamentos. Para mim um exemplo de vigor intelectual e sólida experiência acadêmica.

Igual agradecimento destino à professora Maura Corcini Lopes, pelo compartilhamento dos conhecimentos sobre Michel Foucault e por ter me apresentado o pensamento de um intelectual como ele é: instigante, controvertido, problematizador, inquieto, instável e infinitamente plural. Participar das aulas e discussões nos seminários proferidos por Maura me potencializou como docente e pesquisador

Rendo homenagem também ao professor André Sidnei Musskopf, pela sua meticulosidade e intelectualidade. Com ele percebi que é possível discutir “temas difíceis de discutir” por vários caminhos, como a Teologia.

A Fernando Vinícius Pereira de Almeida, por sempre acreditar em minhas ações como pessoa e docente. Pela sua amizade, fidelidade, carinho e lealdade.

A Vânia e Evandro Nunes, pessoas que me acolheram em São Leopoldo – RS. Agradeço por todas as ações que realizaram tentando me proporcionar segurança, alegria e paz. Ambos, juntamente com Dudy e Pepy são minha família gaúcha.

Aos amigos Cristóvão, Dilmar, Joel e Alan. Com eles a vivência no Rio Grande do Sul se tornou bela, prazerosa e familiar.

Ao amigo Carlos Erick e às amigas Teresa Cristina Pereira Brenha e Ana Alice, por me auxiliarem na correção, organização e formatação da tese. Suas intervenções foram fundamentais.

Às amigas Zafira Almeida, Raimunda Fortes, Andrea Azevedo, Francisca Helena Muniz, Luzia Amélia, Laurinete Alencar Muniz, Vera Lúcia Maciel Silva, Sofia Sousa Sales,

Vera Lúcia Pavão Almeida, Maria José Fernandes Porto e Genoveva Alves, mulheres ímpares, pessoas lindas, amigas do peito. Meu muito obrigado pela torcida, pelo apoio, pelo carinho e por serem mulheres plurais.

Aos “parceiros” Pablo Ricardo Ramalho Leite, Danilo Nunes Santos e Natanael Bezerra Monroe, pessoas queridas, amigos do peito.

A Weyffson Luso, Jordane, Fernando Vinícius e Maurício José, amigos que contribuíram imensamente nas atividades do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências e Sexualidade, no Departamento de Química e Biologia da Universidade Estadual do Maranhão. Nossas leituras e discussões foram essenciais para a construção da ideia de “pedagogia dos manuais médicos”.

A Haraújo, amigo de longa data, pessoa especialíssima...

Enfim, às pessoas queridas e adoradas que compreenderam minhas ausências e afastamentos.



## RESUMO

A partir da análise dos conteúdos de livros de medicina, psicologia e educação publicados no Brasil, entre os anos 1920 e 1970, realiza-se a argumentação de que um conjunto de ideias sobre a homossexualidade foram configuradas e constituíram-se em saberes médicos pedagogicamente articulados, visando gerir os sujeitos categorizados como homossexuais, os quais denominei de *pedagogia dos manuais médicos*. A tese defendida é também que essa pedagogia influencia ainda hoje o pensamento de quem escreve sobre a homossexualidade. Entretanto, foi possível, perceber nessa análise que um movimento contrário é exercido por outros/as escritores/as, visto que nos acervos das bibliotecas consultadas há obras que apresentam conteúdos que tentam desconstruir as ideias sobre o/a homossexual veiculadas pela *pedagogia dos manuais médicos*. A construção da tese de que essas produções ensinam como conduzir sujeitos qualificados de homossexuais, ditando formas de tratar, curar e posicioná-los/as mediante a lógica heterossexual de viver a sexualidade, foi baseada em um conjunto de pressupostos médicos inscritos em 43 livros tendo como perspectiva de análise a teoria *queer*. Foram utilizados os fundamentos da análise documental. O material de pesquisa foi categorizado e dividido em dois *corpora*: *corpus 1* – livros de medicina, psicologia e educação publicados entre os anos de 1928 a 1978 (catalogados a partir de quatro bibliotecas: três em Porto Alegre/RS e uma em São Luís/MA) – e *corpus 2* – livros de sexualidade e educação sexual (catalogados a partir de quatro bibliotecas de escolas públicas de ensino médio em São Luís/MA). As ideias e representações sobre a homossexualidade veiculadas nessas produções vão do biológico-higienista, passando por ideias psicologizantes até discursos que focalizam o tema a partir de uma visão qualificada como desconstrucionista, visto que imprimem uma discussão pautada na contextualização e problematização do tema ao apresentarem o/a homossexual como uma pessoa que deve ser respeitada, valorizada e percebida como cidadã/o. A *pedagogia dos manuais médicos* está inserida nas práticas de educação sexual e em todos os espaços sociais e suas ideias podem ser percebidas em livros que abordam a temática da sexualidade. Ela ainda apresenta traços das proposições sobre o homossexual veiculadas no século XX, mas ganha outros contornos e age de acordo com as necessidades da cultura. As resistências a essa forma de ver a sexualidade homossexual também estão em constante movimento e uma possibilidade de reagir às operações dessa pedagogia cultural é problematizá-la, trabalhando-se com metodologias que introduzam discursos desconstrucionistas e presentificadores sobre os sujeitos que vivem a experiência homossexual.

Palavras-chave: Homossexualidade. Medicina. Educação Sexual. Livros. Teoria *Queer*.

## ABSTRACT

From the analysis of the contents of medical, psychology and education books published in Brazil, from 1920 to 1970, the argument is made that a set of ideas about homosexuality have been set and constituted in medical knowledge articulated pedagogically, in order to manage the specimen categorized as homosexual, which I termed the pedagogy of medical textbooks. This study also argued that this pedagogy still influences the thinking of those who write about homosexuality. However, it was possible to notice in this analysis that a backlash is exercised by other writers, as found in the collections of the libraries there are works that have content that attempt to deconstruct ideas about homosexual transmitted by the medical textbooks. The construction of the thesis that these productions teach how lead with individuals qualified as homosexuals, dictating ways to treat, cure, and position them in straight way through the logic of living sexuality, was based on a set of assumptions registered in 43 medical books having as a perspective The queer theory analysis. It were used the fundamentals of documentary analysis. The research material was categorized and divided into two corpus: corpus 1 - medicine, psychology and education books published from 1928 to 1978 (cataloged from four libraries: three in Porto Alegre / RS and one in San Luis / MA) - and corpus 2 - books about sexuality and sex education (categorized from four school libraries in public high schools in San Luis / MA). The ideas and representations of homosexuality made in these productions go to biological - hygienist, go through psychological ideas to the speeches that focus on the theme from a view qualified as a deconstructionist one, because print a guided discussion based on questioning in the context of the subject by presenting the homosexual as a person who should be respected, valued and perceived as a citizen. The pedagogy of medical textbooks is included in the practice of sex education and all social spaces and their ideas can be seen in books that address the topic of sexuality. This pedagogy still has traces of propositions about the homosexual propagated in the twentieth century, but get other contours and acts according to the needs of the crop. The resistance to this way of seeing homosexual sexuality are also in constant motion and an ability to react to the operations of cultural pedagogy is to confront it, working with methodologies that introduce deconstructionist discourse and made present on the individuals who live homosexual experience.

Keywords: Homosexuality. Medicine. Sex Education. Books. Queer Theory.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	<i>Corpus 1</i> – Relação dos livros de medicina e psicologia utilizados para compor o “ <i>corpus medicina/psicologia</i> ”. Os livros foram catalogados em quatro bibliotecas: Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em São Leopoldo – RS; Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS), em Porto Alegre – RS; Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre – RS; e Biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luís – MA.....	40
<b>Quadro 2</b>	<i>Corpus 1</i> – Relação dos livros de educação que compuseram o “ <i>corpus educação</i> ”. Os livros foram catalogados em quatro bibliotecas: Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em São Leopoldo – RS; Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS), em Porto Alegre – RS; Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre – RS; e Biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luís – MA.....	42
<b>Quadro 3</b>	Relação dos livros de sexualidade e educação sexual catalogados no Centro de Ensino Médio Cidade Operária, São Luís, Maranhão, utilizados na composição do <i>corpus 2</i> .....	44
<b>Quadro 4</b>	Relação dos livros de sexualidade e educação sexual catalogados no Centro de Ensino Médio Liceu Maranhense, São Luís, Maranhão, utilizados na composição do <i>corpus 2</i> .....	44
<b>Quadro 5</b>	Relação dos livros de sexualidade e educação sexual catalogados no Centro de Ensino Médio Manoel Beckman, São Luís, Maranhão, utilizados na composição do <i>corpus 2</i> .....	45
<b>Quadro 6</b>	Relação dos livros de sexualidade e educação sexual catalogados no Centro de Ensino Médio São Cristóvão, São Luís, Maranhão, utilizados na composição do <i>corpus 2</i> .....	45
<b>Quadro - Resumo 1</b>	- Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: FOREL, Augusto. <b>A questão sexual</b> . 2ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul....	50
<b>Quadro - Resumo 2</b>	- Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: SILVA, Gastão Pereira; SILVA, José Pereira. <b>Crime e Psico-Análise</b> . Rio de Janeiro: Livraria Editora Marisa, 1933. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.....	51

<b>Quadro - Resumo 3</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: VIVEIROS DE CASTRO, Francisco José. <b>Atentados ao pudor</b> : estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 4ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 1943. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.....	52
<b>Quadro - Resumo 4</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: LACHAPELLE, Paulo. <b>Psiquiatria pastoral</b> . Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1944. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.....	54
<b>Quadro - Resumo 5</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: FOUQUÉ, Charles. <b>Homossexualismo</b> : o amor que não ousa dizer seu nome. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1953. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	55
<b>Quadro - Resumo 6</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: IRAJÁ, Hernani. <b>Psicoses do amor</b> : estudos sobre as alterações do instinto sexual. 9ed. , Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1954. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	57
<b>Quadro - Resumo 7</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS. <b>Erotologia feminina</b> : com fotografias originais. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora, 1955. A obra foi adquirida na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS), Porto Alegre.....	59
<b>Quadro - Resumo 8</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: PAUCHET, Victor. <b>Os filhos</b> : sua preparação para a vida. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Companhia Editora Nacional, 1934. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.....	95
<b>Quadro - Resumo 9</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: STEKEL, Wilhelm. <b>Educação dos pais</b> . Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.....	96
<b>Quadro - Resumo 10</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: SCHMIDT, Isabel Junqueira. <b>Orientação educacional</b> . Porto Alegre: Editora da Livraria Globo, 1942. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.....	98
<b>Quadro - Resumo 11</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: RAMOS, Arthur. <b>A criança problema</b> : a higiene mental na escola primária. 2ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1949. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.....	99

<b>Quadro - Resumo 12</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: NEVES, Margarida Sinai. <b>Educação sexual</b> . Porto Alegre: Editora Globo, 1954. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.....	101
<b>Quadro - Resumo 13</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: NÉRICI, Imídeo. <b>Seus filhos, o sexo e você</b> : normas de educação sexual da infância à adolescência. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	103
<b>Quadro - Resumo 14</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: CAPRIO, Frank; BRENNER, Donald. <b>Conduta sexual</b> : aspectos psicoleais incluindo casos típicos. São Paulo: IBRASA, 1967. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.....	117
<b>Quadro - Resumo 15</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: STORR, Anthony. <b>Desvios sexuais</b> . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	119
<b>Quadro - Resumo 16</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: ULLERSTAM, Lars. <b>As minorias eróticas</b> . Rio de Janeiro: Imago, 1967. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.....	120
<b>Quadro - Resumo 17</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: VANDERVELDT, J.H.; ODENWALD, R.P. <b>Psiquiatria e catolicismo</b> . Lisboa: Editorial Aster, 1968. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	121
<b>Quadro - Resumo 18</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: WEIL, Pierre. <b>A criança, o lar e a escola</b> : guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1960. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	134
<b>Quadro - Resumo 19</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: SCHMIDT, Maria Junqueira. <b>Também os pais vão à escola</b> . Rio de Janeiro: Editora Agir, 1964. A obra foi adquirida na biblioteca Benedito Leite (Biblioteca Pública do Estado do Maranhão).....	135
<b>Quadro - Resumo 20</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: ROCHA, Zaldo. <b>Como educar nossos filhos?</b> Rio de Janeiro: Vozes, 1965. A obra foi adquirida na biblioteca Benedito Leite (Biblioteca Pública do Estado do Maranhão).....	136

<b>Quadro - Resumo 21</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: SCHMIDT, Maria Junqueira. <b>Educar para a responsabilidade</b> . Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1967. A obra foi adquirida na biblioteca Benedito Leite (Biblioteca Pública do Estado do Maranhão).....	138
<b>Quadro - Resumo 22</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: ELLIS, Albert. <b>Sexo e o homem solteiro: mitos e realidade</b> . São Paulo: Editora Brasiliense, 1969. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.....	139
<b>Quadro - Resumo 23</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: EDELSTEIN, Isidoro. <b>Princípios educativos de medicina social: sexologia</b> . Rio de Janeiro, 1971. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	154
<b>Quadro - Resumo 24</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: SPOERRI, Thomas. <b>Compêndio de psiquiatria</b> . Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1972. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	156
<b>Quadro - Resumo 25</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: MARMOR, Judd. <b>A inversão sexual: as múltiplas raízes da homossexualidade</b> . Rio de Janeiro: Imago, 1973. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.....	157
<b>Quadro - Resumo 26</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: COSTIN, Frank. <b>Psicologia do anormal</b> . São Paulo: Brasiliense, 1978. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	159
<b>Quadro - Resumo 27</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: DUVALL, Evelyn Millis. <b>A juventude descobre o amor: fatos sobre o sexo e o amor para adolescentes</b> . 4ed. São Paulo: IBRASA, 1970. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	170
<b>Quadro 28</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: PANDU, Pandiá. <b>Enciclopédia do sexo ilustrada: sexualidade, amor, erotismo</b> . Rio de Janeiro: Editora Tanguará, 1970. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	171
<b>Quadro - Resumo 29</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: PEREIRA, F.A. (org.). <b>Moderna enciclopédia sexual</b> . 8 ed., v.2 (F-M), São Paulo: Libra Empresa Editorial, 1971. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.....	172

<b>Quadro - Resumo 30</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: NETTO, Aguiar. <b>Psicologia, ciência e vida: orientação educacional</b> . v.1. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.....	174
<b>Quadro - Resumo 31</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: NETTO, Aguiar. <b>Psicologia, ciência e vida: orientação educacional</b> . v.2. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.....	176
<b>Quadro - Resumo 32</b>	Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: NETTO, Aguiar. <b>Psicologia, ciência e vida: orientação educacional</b> . v.3. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.....	178
<b>Quadro - Resumo 33</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva biologicista extraídas do livro: BOLSANELLO, Aurélio. <b>Enciclopédia pedagógica da educação sexual: a sexologia sem preconceito</b> . 18 ed. São Paulo: Educacional Brasileira S.A, 1986. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio São Cristóvão, São Luís, Maranhão.....	233
<b>Quadro - Resumo 34</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva biologicista extraídas do livro: CHARBONNEAU, Paul Eugène. <b>AIDS: prevenção, escola</b> . 6ed. São Paulo: Paulus, 1987. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio São Cristóvão, São Luís, Maranhão...	234
<b>Quadro - Resumo 35</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva biologicista extraídas do livro: MULLINAR, Gill. <b>Dicionário de Orientação Sexual para adolescentes</b> . São Paulo: Melhoramentos, 1993. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Cidade Operária, São Luís, Maranhão.....	235
<b>Quadro - Resumo 36</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva biologicista extraídas do livro: TIBA, Içami. <b>Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo das novas gerações</b> . 11ed. São Paulo: Gente, 1994. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Manoel Beckman, São Luís, Maranhão.....	236
<b>Quadro - Resumo 37</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva biologicista extraídas do livro: ALVES, Rubem. <b>O gato que gostava de cenoura</b> . São Paulo: Loyola, 2001. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Manoel Beckman, São Luís, Maranhão.....	238

<b>Quadro - Resumo 38</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva psicológica extraídas do livro: SUPPLY, Marta. <b>Sexo para adolescentes: amor, puberdade, masturbação, homossexualidade, anticoncepção, DST/AIDS, drogas.</b> São Paulo: FTD, 1998. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Liceu Maranhense.....	254
<b>Quadro - Resumo 39</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva psicológica extraídas do livro: SUPPLY, Marta. <b>Papai, mamãe e eu: o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos.</b> São Paulo: FTD, 1999. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Cidade Operária, São Luís, Maranhão.....	255
<b>Quadro - Resumo 40</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva sociocultural extraídas do livro: HARRISON, Michelle. <b>O primeiro livro do adolescente sobre amor, sexo e AIDS.</b> Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Manoel Beckman, São Luís, Maranhão.....	270
<b>Quadro - Resumo 41</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva sociocultural extraídas do livro: SUPPLY, Marta et al. <b>Sexo se aprende na escola.</b> 2ed. São Paulo: Olho d'Água, 1999. O livro foi adquirido na Biblioteca da escola pública de Ensino Médio Liceu Maranhense, São Luís, Maranhão.....	271
<b>Quadro - Resumo 42</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva sociocultural extraídas do livro: BRUSCHINI, Cristina; BARROSO, Carmen. <b>Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola.</b> 7ed. São Paulo: Cortez, 2000. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Cidade Operária, São Luís, Maranhão.....	272
<b>Quadro - Resumo 43</b>	Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva sociocultural extraídas do livro: FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. <b>Sexualidade: prazer em conhecer.</b> Rio de Janeiro: Schering, 2001. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Cidade Operária, São Luís, Maranhão.....	273



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APROXIMAÇÕES.....</b>	<b>18</b>
<b>1.1</b>	<b>O qualira e a qualiragem.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2</b>	<b>O olhar e as lentes.....</b>	<b>27</b>
<b>1.3</b>	<b>Do <i>corpus</i> investigativo.....</b>	<b>34</b>
<b>2</b>	<b>ESCAVAÇÃO DE IDEIAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM LIVROS DE MEDICINA, PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO DOS ANOS 1920 AOS ANOS 1950.....</b>	<b>47</b>
<b>2.1</b>	<b>Dos livros de medicina e psicologia – décadas de 1920 a 1950.....</b>	<b>48</b>
2.1.1	Eugenismo e higienismo: ferramentas médicas para a pedagogização dos/as homossexuais?.....	61
2.1.2	A homossexualidade é hereditária ou hormonal?.....	75
2.1.3	A homossexualidade pode ser uma patologia psicológica?.....	77
2.1.4	O afeminado e sua produtividade pedagógica.....	80
2.1.5	Dos conselhos médicos: educar para prevenir.....	89
<b>2.2</b>	<b>Dos livros de educação – décadas de 1930 a 1950.....</b>	<b>93</b>
2.2.1	Educação, faca de dois gumes? Freud explica?.....	105
<b>3</b>	<b>ESCAVAÇÃO DE IDEIAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM LIVROS DE MEDICINA, PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO DOS ANOS 1960.....</b>	<b>115</b>
<b>3.1</b>	<b>Dos livros de medicina e psicologia – década de 1960.....</b>	<b>116</b>
3.1.1	Das explicações endocrinológicas à psicanálise freudiana.....	123
<b>3.2</b>	<b>Dos livros de educação – década de 1960.....</b>	<b>132</b>
3.2.1	A educação desenvolvida pelos pais: o problema, mas também a solução!.....	141

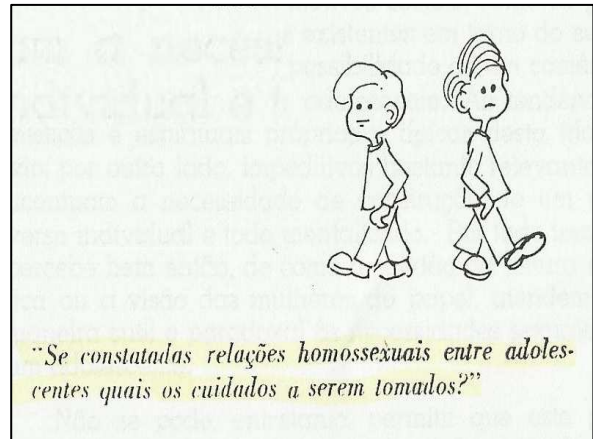
<b>4</b>	<b>ESCAVAÇÃO DE IDEIAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM LIVROS DE MEDICINA, PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO DOS ANOS 1970.....</b>	<b>152</b>
<b>4.1</b>	<b>Dos livros de medicina e psicologia – década de 1970.....</b>	<b>153</b>
4.1.1	Declínio da teoria hormonal?.....	160
<b>4.2</b>	<b>Dos livros de educação – década de 1970.....</b>	<b>169</b>
4.2.1	Explicar pela psicologia: o ambiente e a educação na homossexualização do sujeito.....	180
4.2.2	Educação moral e educação sexual na prevenção da homossexualidade.....	184
<b>5</b>	<b>A PEDAGOGIA DOS MANUAIS MÉDICOS.....</b>	<b>196</b>
<b>5.1</b>	<b>Ensinar e aprender com a <i>pedagogia dos manuais médicos</i>.....</b>	<b>196</b>
<b>5.2</b>	<b>Educação sexual como tecnologia discursiva.....</b>	<b>207</b>
5.2.1	As lógicas biologicista e psicologizante continuam operando.....	231
<b>5.3</b>	<b>Educação sexual presentificadora.....</b>	<b>258</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>285</b>
	REFERÊNCIAS.....	292
	FONTES DA PESQUISA DOCUMENTAL.....	307
	APÊNDICES .....	310

## 1 APROXIMAÇÕES

### 1.1 O qualira e a qualiragem

Durante dez anos de docência, na Educação Básica, muita coisa marcou minha vida de professor. Uma palavra que constantemente vem à mente quando me lembro das escolas onde lecionei é *qualira*. Em São Luís, capital do Maranhão, especificamente os homossexuais masculinos são geralmente denominados de *qualiras* ou *qualhiras*.

Nas representações da população ludovicense<sup>1</sup> *qualira* ou *qualhira*<sup>2</sup> significa homossexual masculino, homem afeminado. A denominação *qualira* foi inventada durante as atividades de carnaval de rua de São Luís onde se apresentavam vários blocos. Dizem que em um desses blocos havia um rapaz afeminado que se destacava por tocar a lira (instrumento de cordas dedilháveis ou tocadas com plectro, de larga difusão na Antiguidade). Sempre que o rapaz aparecia, as pessoas gritavam: “lá vem ele com a lira” e a repetição constante desse termo resultou na aglutinação das palavras, diminuindo a frase para “com a lira” até chegar em “*qualira*”. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999, p.1675) escreveu o seguinte sobre o verbete *qualira*: “*Qualira*: Bras. MA; CE. Chulo: Pederasta passivo; *Qualiragem*: Chulo: atitude ou modos de *qualira*”. Glauco Mattoso (2005, p.288), no *Dicionário do Palavrão e Correlatos*, explica o significado dos termos *qualira* e *qualiragem*: “*Qualira*: bicha; catamita; *Qualiragem*: bichice”. Ao buscar na mesma obra o significado de *Catamita* obtive a seguinte informação: “*Catamita*: *Catamite* (= passive pederaste). Pederasta passivo; the young male companion of a sodomite; boy; bicha; papa-pinto; lulu; ninfeto; sodomita” (MATTOSO, 2005, p.191).



Fonte: NETTO, Aguiar. **Psicologia, ciência e vida**: orientação educacional. v.2. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975, p.61.

<sup>1</sup> Ludovicense: aquele ou aquela que nasce na cidade de São Luís, estado do Maranhão (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2008, p.471).

<sup>2</sup> Grifos meus. Todas as palavras “*qualira*” e seus derivados foram grifados por mim. A intenção é chamar a atenção para o verbete que está sendo problematizado.

O termo *qualira* está intimamente relacionado a ações insultantes e caracterizações pejorativas. Operações que insistem em apontar e desqualificar homens interpretados como dóceis, passivos, femininos e frágeis. Augusto José de Abreu Andrade e Telci Teodoro da Silva (2005) argumentam que – em estudo realizado sobre os processos de exclusão social que muitos homossexuais enfrentam ao frequentarem escolas de ensino profissionalizante do Distrito Federal – uma das táticas mais utilizadas no processo de invisibilização de homossexuais masculinos é o uso frequente em nosso país de termos chulos e apelidos.

No Brasil de hoje, encontramos várias denominações: gay, viado, bicha, baitola, boiola, *qualira*, tibira, xibungo, traveca, etc., as quais, apesar de guardarem algumas diferenças semânticas entre si, no universo consensual referem-se *pejorativamente* a um homem que quer ser mulher, por isso, é *frágil, passivo* (ANDRADE; SILVA, 2005, p. 23). (grifos meus).

No magistério do ensino médio tive oportunidade de vivenciar inúmeros episódios constrangedores que envolviam estudantes e docentes identificados/as ou nomeados/as<sup>3</sup> como homossexuais. Também percebia que geralmente as injúrias e agressões iniciavam-se com um apelido ou palavra pejorativa, sendo o termo *qualira* campeão nas investidas discriminantes. Ainda assim, o conjunto de termos que alimentava os xingamentos era vasto. No caso dos homens, além do típico *qualira*, outros termos faziam parte do vocabulário depreciativo: *veado, boiola, baitola, florzinha, frutinha, rapaz-alegre, bicha, bichona, mulherzinha, fresco, maricas, maricon, dentre outros*. As mulheres eram marcadas pelas seguintes expressões: *sapatão, sapatona, sapata, saboeira, mulher-macho, lésbica*. No ambiente escolar ludovicense os termos *homossexual* e *gay* também têm expressiva utilização.

Na entrada e saída da escola, nos pátios, nos corredores, nas salas de aula, enfim, em todos os espaços da estrutura escolar não parava de soar *qualira*. *Qualira* para identificar os/as supostos/as homossexuais, *qualira* para intimidar, *qualira* para fazer chacota, *qualira* para falar mal, *qualira* para apontar docentes, funcionários/as e/ou corpo pedagógico. Eu era

---

<sup>3</sup> Neste texto faço uso do que André Sidnei Musskopf (2008a) denomina “linguagem inclusiva”. Segundo ele, “a linguagem corrente assume o masculino como padrão hegemônico perpetuando valores sexistas e discriminatórios” (MUSSKOPF, 2008a, p.7). Cláudia Vianna e Sandra Unbehaum (2004) argumentam que o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e comunicação supõe o masculino genérico para que as pessoas expressem representações, sentimentos e ideias. Ao analisarem as políticas educacionais colocando em destaque os processos históricos de invisibilização do gênero feminino elas são contundentes ao afirmarem que a ausência da distinção entre os sexos na linguagem subjacente às políticas educacionais pode justificar a permanência de desigualdades nas relações de gênero no debate educacional. Concordo com Musskopf (2008a) e Vianna e Unbehaum (2004). Assim, termos que se referirem tanto ao feminino quanto ao masculino serão grafados utilizando-se os seguintes recursos: “/as” ou “/os”, repetindo-se os termos nos dois gêneros ou substituindo-se por termos que expressam ambos os gêneros, mas que sejam precedidos pelo artigo correspondente quando necessário.

(e ainda sou!) identificado como *qualira*<sup>4</sup>.

Em muitos momentos, transitar pela escola era insuportável. Já sabia o que iriam dizer: “lá vem o *qua qua* da Biologia”, “esse *qualira* só quer ser”, “se esse *qualira* me reprovar acabo com o carro dele”, “ele até é bonito, mas é *qualira*”, “adoro as aulas desse *qualira*”, “o *qualirão* aí sabe muita Biologia cara!”, “aprendi Biologia com esse *qualira* que vai passando aí”, “se ele não fosse *qualira*, namoraria com ele”, “olha como o *qualira* rebola!”, “esse *qualira* merece é porrada”, “ainda dou uma surra nesse veado *qualira* que me reprovou nessa porra de matéria no ano passado”...

Acredito que sentimentos como medo, revolta e indignação pairavam pelas mentes dos inúmeros *qualiras* nas instituições de ensino médio onde trabalhei como professor de Biologia. Hoje, fazendo uma releitura da situação, percebo que a marca *qualira* carrega inúmeras intenções. Intenções às vezes claramente percebidas porque expõem agressões físicas e verbais. Outras vezes são sutis e silenciosas onde a tática é não dizer, não agredir, deixar o recado nas entrelinhas: olhares, gestos, mudanças bruscas no tom da voz e nas expressões faciais. O não dito expelle micro-partículas de intolerância. Os olhares sorrateiros e de reprimenda fortificam a “certeza” de que “o outro” é o “problema”. Os grãos de rejeição a cada dia soprados no rosto dos *qualiras* servem para estruturar o alicerce de um muro que deve separar.

Professores/as, pedagogos/as e demais profissionais da educação cotidianamente se posicionam frente ao tema da homossexualidade expondo ideias e representações que em maior ou menor grau reforçam preconceitos, estigmas e silenciamentos. A situação tem sido avaliada e documentada por instituições que lidam com os temas da sexualidade, da saúde e da educação. Em 2004, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e a ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS) se pronunciaram sobre a homofobia nas escolas. Os/as pesquisadores/as envolvidos/as nas investigações se posicionaram sobre o que vivenciaram nas instituições escolares.

A indiferença dos dirigentes e professores, a falta de preparo para se tratarem algumas situações pontuadas como irrelevantes e a falta de apoio ao jovem, o qual se sente perdido em meio a outros jovens, fazem com que o desânimo e o medo se instalem nesses indivíduos. A vergonha faz com que o jovem se recolha, pois a discriminação contra a sua pessoa é muito grande e a falta de apoio psicológico faz com que mais uma vez se sinta fora de um contexto social coletivo. A discriminação por ser homossexual leva o jovem a se culpar, sua auto-estima desaparece, o pavor

---

<sup>4</sup> Não leciono mais no Ensino Médio. Hoje sou professor em uma Universidade Pública de São Luís – MA. Nos corredores da Universidade já ouvi, inúmeras vezes, diálogo de alunos/as e docentes me nomeando como o “professor qualira do Curso de Ciências Biológicas”. Isso sem falar nas histórias que colegas e pessoas próximas me relatam.

da violência verbal e física o deixa completamente inoperante dentro do sistema. Ele não pode frequentar o banheiro masculino, pois sofre o risco de ser estuprado e violentado de todas as formas possíveis. Não pode fazer parte do time da escola, pois é tido como delicado demais, segundo a visão dos seus companheiros da mesma idade e da escola. O jovem homossexual se sente sem um ponto de apoio, sem uma referência, mesmo querendo se inserir no contexto da comunidade escolar. O resultado dessa exclusão é o abandono dos estudos e de uma estrutura que poderiam trazer benefícios futuros. Preferem não frequentá-la (ALMEIDA; RIOS; PARKER, 2004, p. 23) <sup>5</sup>.

A recorrência à linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais. É importante destacar a linguagem porque por ela se apresenta visões de mundo, representações e também a nomeação do outro por formas negativas ou contrárias à sua vontade com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p. 286) <sup>6</sup>.

Historicamente as “visões de mundo” (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p.286) sobre os homossexuais foram construídas a partir de conteúdos pejorativos e estigmatizantes. Representações, proposições, ideias e teorias foram posicionando-o socialmente. Jean Claude Bernardet (2006, p. 29), buscando compreender os processos históricos que levaram à estigmatização da homossexualidade, assim como os mecanismos sociais imbricados nas facetas dos preconceitos que cotidianamente gays e lésbicas sofrem, se questiona: “Quando apareceu tal ideia?”. Sua auto-indagação sobre o início das operações do paradigma patologizante traz contundentemente a resposta: “Recentemente, segunda metade do século XIX. Ela nasceu em meio aos médicos” (BERNARDET, 2006, p. 29).

Jimena Furlani (2003) informa que em 1869 o médico húngaro Karoly Maria Benkert inventa o termo homossexualismo, no contexto do discurso médico ocidental, para caracterizar uma forma de comportamento “desviante” e “perverso” entre pessoas do mesmo sexo. Portanto, o homossexual passa a existir, na história humana a partir do século XIX. Homossexualismo (o termo original) é uma palavra híbrida, formada pela fusão de três radicais de origem linguística distinta: 1. do grego, *homo* = “igual, semelhante, o mesmo que”; 2. do latim, *sexus* = sexo; 3. do latim, *ismo* = “próprio de”, “que tem a natureza de”, “condição de”. O sufixo *ismo* ao ser incorporado reforçou na representação da palavra os pressupostos da época (religioso-moralista, médico-patológico, jurídico-criminal) para os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, algo de natureza anormal,

<sup>5</sup> Estudo realizado em 2001 e 2002 pela Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) intitulado “Ritos e ditos de jovens gays” (ALMEIDA, RIOS, PARKER, 2004). A publicação foi resultado de um trabalho desenvolvido pelo Projeto Juventude e Diversidade Sexual. O público alvo: jovens gays da periferia do Rio de Janeiro com faixa etária entre 18 e 24 anos. O relatório completo pode ser acessado no site: [www.abiaids.org.br](http://www.abiaids.org.br)

<sup>6</sup> Pesquisa apresentada em 2004 pela UNESCO. A investigação é intitulada “Juventudes e sexualidade”. Além da temática homofobia, o estudo discute outras questões que envolvem a sexualidade dos/das estudantes como gravidez juvenil, contracepção, aborto e namoro. Mais detalhes ver Castro, Abramovay e Silva (2004).

essencialmente patológico, doente, desviante, perverso, pecaminoso (FURLANI, 2003).

Certa vez encontrava-me numa sala de professores/as de uma escola de ensino médio ludovicense quando um docente exaltado e colérico entrou falando sobre um aluno *qualira* do 3º ano.

Vocês já perceberam a *qualiragem* invadindo a escola? Os alunos do 3º ano estão tirando a sobrançelha. Isso é coisa de *qualira*, de veado, de maricas, de bicha, de gente pervertida, doente e safada. Parece que é uma febre. Todos querem tirar a sobrançelha, se arrumar bem, cuidar do corpo. Isso é coisa de *qualira* e de mulher. Quando saio de casa já tomo meu remédio contra essa febre. Estou vacinado. Não gosto de *qualira* e não nego. Que coisa é essa? Não dá para aceitar! Esses *qualiras* têm que aprender a ser homem. Filho meu não faz isso. Se começar com essas *qualiragens*, eu dou é porrada mesmo. Já pensou: homem tirando sobrançelhas! É o fim dos tempos!”<sup>7</sup> (grifos meus).

Ao afirmar que mexer no corpo para se embelezar “é coisa de qualira” ele ensinou aos seus pares o código da nomeação, da demarcação; incluiu os “qualiras” no espaço da “gente pervertida, doente e safada” e excluiu os “boiolas” da possibilidade de viverem seus desejos e subjetividades. Para o docente, a homossexualidade é uma prática feia, perversa, doentia e que deve ser combatida como se combate uma doença. O “remédio” é a “porrada”.

A “vacina” – em analogia às práticas médicas (operação preventiva) – é o discurso heteronormativo que deverá ser “injetado” sempre que forem colocados em xeque os pressupostos da sexualidade construída como normal. De acordo com Débora Britzman (1996, p. 1) a heteronormatividade pode ser definida como “a obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” ou, segundo Berenice Bento (2008, p. 40), é a capacidade de a heterossexualidade apresentar-se como norma, “a lei que regula e determina a impossibilidade de vida fora dos seus marcos”<sup>8</sup>. Ao situar a escola como instituição social reforçadora dessa prática, Guacira Lopes Louro se posiciona sobre as ações da heteronormatividade:

A escola, juntamente com a família, organiza-se de forma a ‘garantir’ a formação de indivíduos heterossexuais. A escola lida com ‘verdades’ que são discutíveis e contraditórias: em primeiro lugar, a ideia de que a heterossexualidade é a única forma normal e natural de sexualidade; a seguir, a preocupação em controlar os indivíduos para que dela não se desviem (LOURO, 2000, p. 42).

<sup>7</sup> Depoimento recuperado de um longo debate entre professores e professoras de uma escola pública de ensino médio em São Luís – MA no ano de 2007. O tema girava em torno da suposta homossexualidade de um aluno. Ao perceber que o docente em destaque construíra um discurso sobre a homossexualidade me interessei e acabei por anotar o que ele dizia.

<sup>8</sup> A heteronormatividade pode ser entendida também como “um lugar que designa a base de inteligibilidade cultural através da qual se naturaliza corpos/gêneros/desejos e definirá o modelo hegemônico de inteligibilidade de gênero, no qual supõe que para o corpo ter coerência e sentido deve haver um sexo estável expresso mediante o gênero estável (masculino expressa homem, feminino expressa mulher)” (BENTO, 2008, p. 40).

Os/As marcados/as como desviantes devem ser indiciados/as, indicados/as, menosprezados/as, minimizados/as e colocados/as em evidência. A ação homofóbica é central nesse processo de sujeição: “presente nos insultos, nas piadas, nas representações caricaturais e na linguagem cotidiana, a homofobia aponta gays e lésbicas como criaturas grotescas e desprezíveis” (BORRILLO, 2009, p. 20).

O professor ludovicense ao se posicionar sobre a “qualiragem que invade a escola” destilou uma homofobia encorpada, densa e construída a partir de diversas ideias, discursos e representações. Quando disse “isso é coisa de qualira e de mulher”, adicionou misoginia ao conteúdo homofóbico e nos alerta a perceber que o conceito de homofobia deve ser complexificado, alargado e redimensionado. Para Daniel Borrillo (2009), o conceito de homofobia não deve se restringir apenas às ações discriminantes pelas quais homossexuais masculinos e femininas sofrem. A caracterização da noção de homofobia, que segundo ele é complexa e multifacetada, deve incorporar elementos da misoginia, do sexismo e do racismo.

O excerto que expus sobre o professor que acusou o aluno de ser *qualira* por modificar sua sobrancelha aguçou meu olhar sobre a potência e produtividade de discursos hostis elaborados e acionados contra pessoas marcadas como homossexuais. Discursos que funcionam, desde sua invenção, ininterruptamente. Noções que se infiltram em todas as instituições sociais e tornam-se totais, inquestionáveis. Saberes que se estruturam a partir de diversas proposições e epistemologias. Epistemologias da religião, da ciência, da medicina, do direito, da psicologia, da pedagogia, do senso comum... Todas, juntas ou separadas, construíram e (re) constroem o monumento da homofobia: “a homofobia se constrói em torno de emoções (crenças, preconceitos, convicções, fantasmas...), de condutas (atos, práticas, procedimentos, leis...) e de um dispositivo ideológico (teorias, mitos, doutrinas, argumentos de autoridade...)” (BORRILLO, 2009, p. 28).

O incômodo causado pelas inúmeras agressões e desrespeitos vividos por mim e percebido em outras pessoas me fez questionar: O que é homofobia? Qual sua causa? Por que fazem isso? Leituras e reflexões<sup>9</sup> acerca do tema fizeram-me perceber que outros questionamentos precisariam ser elaborados. Era necessário ampliar o olhar: A partir de quais proposições e/ou de quais interesses a ideia de *qualira* se estruturou? O que foi construído

---

<sup>9</sup> Para a ampliação de minha compreensão sobre as complexas redes socioculturais que produzem o discurso categorizado como homofóbico foram importantes os textos de Bento (2008, 2006), Borrillo (2009, 2001), Butler (1999), Caetano (2005), Ferrari (2003, 2000), Figari (2007), Fone (2000), Fry e MacRae (1991), Furlani (2008, 2007, 2005a, 2005b), Green (2000), Hocquenghen (1980), Junqueira (2009, 2007), Lionço e Diniz (2009a, 2009b, 2009c), Louro (2009, 2008a, 2008b, 2007a, 2007b, 2006, 2004, 2003, 2001a, 2001b, 2000, 1999), Miskolci (2005), Musskopf (2008a, 2008b), Pereira (1994), Pocahy, Oliveira e Imperatori (2009), Prado e Machado (2008), Ramires Neto (2006), Santos (2005), Spencer (1996), Trevisan (2000) e Weeks (1999).



para que os *qualiras* se tornassem alvo de injúrias, violências e desrespeitos? Como a homofobia se configurou para ser o que é hoje?

A fala do docente sobre o aluno *qualira* evidencia a complexa rede de saberes e poderes que cimentam o obelisco homofóbico. Além do machismo e sexismo evidentes, percebo outras questões no texto construído pelo professor: evidencia o discurso religioso que, apesar de aparentemente “fora de moda”, sempre é acionado para demarcar a secular visão estigmatizante sobre a homossexualidade; demonstra as limitações que são impostas aos gêneros tendo como mote os ditames do determinismo biológico; revela a produtiva operação patriarcal da inferiorização do feminino; mostra a força do discurso patologizante; enfim, expõe uma operação homofóbica no espaço escolar estruturada a partir de proposições inventadas pelas ciências biomédicas dos séculos XIX e XX, de ideias seculares da religião e do moralismo vitoriano<sup>10</sup>. Robert Goldenson e Kenneth Anderson nos fazem pensar sobre as operações de constituição dos sujeitos a partir do que chamam de “Ética Vitoriana”:

[...] atitudes estereotipadas predominantes nas nações ocidentais, durante a época da rainha Vitória. [...] Por esse tempo, apregoava-se a noção de que a prática sexual em si é feia e animalesca, cabendo apenas às mulheres devassas admirá-la, enquanto que as mulheres ‘decentes’ deveriam até mesmo evitar sentirem-se sexualmente excitadas. Também era costume na época pensar que as mulheres apenas toleram as relações sexuais como um mal necessário e uma obrigação para com os maridos e, ainda, que sexo é algo de que não se deve falar, nem mesmo a portas fechadas. Como resultado [...] foram censurados livros [...], crianças eram mantidas em completa ignorância acerca de questões sexuais, os namorados eram vigiados, e as mulheres vestiam trajes de banho que cobriam as pernas até abaixo dos tornozelos (GOLDENSON; ANDERSON, 1989, p.102).

Michel Foucault<sup>11</sup> problematiza o moralismo vitoriano em seu livro *História da Sexualidade I*, ao discutir sobre as operações do dispositivo da sexualidade – e afirmar que, somos na realidade, estimulados a falar de sexo – coloca em destaque as operações do vitorianismo: “Parece que, por muito tempo, teríamos suportado um regime vitoriano e a ele nos sujeitaríamos ainda hoje. A pudicícia imperial figuraria no brasão de nossa sexualidade contida, muda, hipócrita” (FOUCAULT, 2007, p. 9). Anthony Giddens (1993, p. 34) amplia a discussão ao pontuar que o vitorianismo era potencializado pelo saber médico da época: “Foucault declara que a sexualidade no período vitoriano era segredo, mas um segredo aberto, ininterruptamente discutido em diferentes textos e em fontes médicas. O fenômeno do

<sup>10</sup> Moralismo vitoriano. Sinônimos: “Vitorianismo ou Ética Vitoriana” (GOLDENSON, ANDERSON, 1989, p.102); No *Dicionário Aurélio* encontramos os seguintes significados para o termo “Vitoriano”: “Pertencente ou relativo à rainha Vitória, da Inglaterra, ou ao período de seu reinado (1837-1901)”; “Que demonstra a respeitabilidade, o puritanismo, a intolerância, etc., atribuídos geralmente à classe média da Inglaterra vitoriana” (FERREIRA, 1999, p. 2081).

<sup>11</sup> Foucault (2007).

diversificado debate médico é importante, em grande parte pelas razões que apresenta”.

Moralismo que se dissipou para além do palácio de Backingham e que influenciou “o debate médico” (GIDDENS, 1993, p. 34) e a tão propagada e valorizada cultura do higienismo. Cultura do respeito, do pudor, do puritanismo, do corpo e mente saudáveis, do combate aos desvios, da caça implacável aos distúrbios e anormalidades. Ideologia médica que contribuiu (contribui) para dar sequência às seculares intolerâncias e desvalorizações do/a homossexual. Pelas mãos do puritanismo vitoriano, o higienismo deu continuidade ao projeto produtivo de desqualificar os sujeitos nomeados como homossexuais. Agora, de impuro/a, pecador/a ou desobediente às Leis Sagradas passou a ser gerido como delituoso/a, imoral, anormal, desviante, doente.

Os pressupostos do vitorianismo e da ciência higiênica produziram (e produzem) o “tipo pudibundo”. Produziram (e produzem) a cultura do “ser pudico”. Utilizaram (utilizam) saberes e poderes para (des) qualificar “os/as tímidos/as” e “os/as rubicundos/as”. Sujeitos que servem para manipular, destratar, agredir, maltratar, incriminar, patologizar e às vezes assassinar. Mas, os ensinamentos da rainha Vitória e da teoria higiênica, ou mesmo qualquer outro moralismo influenciado por essas ideologias, ou outras, produziram (e produzem) também sujeitos que não se deixavam (deixam) influenciar pela “ortopedia vitoriana”<sup>12</sup>. Sujeitos anormais, disparatados, contestadores, desregrados, inconformados, incorrigíveis, etc. Sujeitos veados, sujeitos *qualiras*, sujeitos *queers*<sup>13</sup> – nomações dadas pelos/as operadores/as da higiene, do moralismo, do senso comum, mas que foram subvertidas e utilizadas como mecanismo de contestação, de orgulho e presentificação<sup>14</sup>.

Quando iniciei meus estudos de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, na Linha de Pesquisa Educação e Processos de Exclusão Social, intentava analisar as representações sociais de alunos/as e professores/as do ensino médio sobre a homossexualidade. A ideia que tinha sobre representação social naquela ocasião me fazia crer que o objeto estava bem delimitado. Ledo engano. Ao adentrar nas discussões sobre exclusão social e suas conexões com inúmeras linhas de pensamento, pude perceber a fragilidade de minhas certezas e a complexidade do

<sup>12</sup> Uso o termo “ortopedia” como Michel Foucault (2008) utilizou em sua obra *Vigiar e Punir* para se referir às operações de disciplinamento dos sujeitos. Disciplina como ortopedia. Ortopedia como arte, técnica e ciência de corrigir os indisciplinados. Para Marta Maria Chagas de Carvalho (1997, p. 292), a “a arte de prevenção e correção. [...] ortopedia como arte de correção da deformação”. O higienismo praticou a ortopedia para corrigir os “deformados morais”, os “anômalos sexuais”.

<sup>13</sup> Berenice Bento descreve que a terminologia *queer* vem do inglês e significa estranho, esquisito, adoentado, veado, bicha louca, homossexual. Explica ainda que “os estudos *queer* invertem seu uso e passam a utilizá-la como marca diferenciadora e denunciadora da heteronormatividade” (BENTO, 2008, p.170-171).

<sup>14</sup> Musskopf (2008a, 2008b). A ideia de presentificação será apresentada no capítulo 5.

objeto que propunha estudar. Além disso, durante os três semestres de disciplinas obrigatórias e minha entrada no Grupo de Pesquisa coordenado pela professora Edla Eggert, tive contato com discussões e linhas de pensamento que foram essenciais para a implosão do projeto inicial. A aproximação com leituras do pensamento feminista e dos estudos gays e lésbicos assim como a incursão na teoria *queer* me instigaram a repensar a proposta de investigação que apresentei durante o processo seletivo para o ingresso no doutorado em Educação.

Registro como momento significativo na tecelagem da nova proposta o contato que tive com os estudos foucaultianos da Linha de Pesquisa III – “Currículo, Cultura e Sociedade” – quando cursei, no semestre 2008.2, a disciplina Leitura Dirigida cuja temática era “Michel Foucault e pesquisas em Educação”, sob coordenação das professoras Eli Terezinha Henn Fabris e Maura Corcini Lopes. Conhecer e interpretar o pensamento de Michel Foucault e suas conexões com a Educação me fez enxergar outras questões, ampliando dessa forma o olhar sobre o problema de pesquisa.

A Leitura Dirigida tinha como metodologia a análise de teses e dissertações que discutiam variadas temáticas em educação tendo como suporte teórico-metodológico o pensamento foucaultiano. Durante as atividades da disciplina tive também a oportunidade de conhecer o livro *Foucault & a Educação*. O autor, Alfredo Veiga-Neto, situa e analisa o pensamento de Michel Foucault fazendo com que se compreendam os principais conceitos foucaultianos (episteme, arqueologia, genealogia, governamentalidade, dispositivo, arquivo, discurso, enunciado e tecnologias do eu, dentre outros) e suas conexões com o campo educacional (VEIGA-NETO, 2007).

Outra atividade acadêmica doutoral que ajudou-me a pensar o objeto de estudo foi ter participado, no semestre 2009.1, do grupo de pesquisa coordenado pela professora Maura Corcini Lopes. Na ocasião, realizamos a leitura e discussão do livro de Michel Foucault intitulado *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (FOUCAULT, 2007). Para César Aparecido Nunes (2005, p. 24),

[...] a obra clássica de Foucault sobre sexualidade, publicada no Brasil em 1980 como *História da sexualidade*, em três volumes, tornou-se referência fundamental para a proposição de toda e qualquer questão teórica sobre sexualidade produzida posteriormente. Sua categorização sobre as formas de conceber a sexualidade, no Ocidente e no Oriente, partindo de formas discursivas e práticas diferenciadas, ainda é essencial para a apresentação do estado da questão.

A forma como atualmente enxergo a produção da homofobia influenciou minha opção em mudar o foco e a forma de “aprender” e compreender o objeto de investigação. Hoje, ao problematizar ideias e pressupostos médicos sobre a homossexualidade presentes em

livros de medicina, psicologia e educação, entendo que esses campos produziram durante os séculos XIX e XX argumentos e justificativas sobre como conduzir as discussões em torno da homossexualidade e dos sujeitos identificados como homossexuais. Tais pressupostos – não são somente os dispositivos médicos que influenciaram (e influenciam) nesse processo visto que outros campos também agem nessa produção discursiva – configuraram, estruturaram e redimensionaram argumentos e práticas que foram sendo absorvidas por autores e autoras que discutiam e produziam livros nas áreas de sexualidade e educação sexual.

## 1.2 O olhar e as lentes

Acreditava – como discuti no mestrado<sup>15</sup> – que as representações tinham uma gênese, um ponto inicial, uma “essência”, que poderíamos chegar ao âmago, às suas origens fundamentais, e ao conhecê-las em sua “totalidade”, poderíamos vislumbrar uma “solução geral” para o problema da homofobia na escola. Refiro-me ao modo como a representação social é discutida na perspectiva fenomenológica<sup>16</sup>.

Queiroz (2003, p. 36) pontua que os objetos da fenomenologia são dados absolutos apreendidos por meio da intuição imanente pura, sem a intermediação da cultura, da sociedade e de qualquer conceito ou teoria a priori. Seu objetivo principal é descobrir as estruturas essenciais dos atos de consciência e as entidades objetivas que correspondem a eles. Assim, “a fenomenologia lida com o conhecimento de essências, as fundações dos significados encontrados na consciência” (QUEIROZ, 2003, p. 37) e as representações sociais aparecem como instâncias privilegiadas de investigação fenomenológica, uma vez que elas contêm, em menor escala, todos os ingredientes do pensamento e da vida social. Cada uma delas pode se situar mais ou menos perto da essência, mas, num certo sentido, todas elas contêm um elemento de verdade.

Atualmente não descarto e nem desqualifico a análise das representações sociais. Reconheço que estudá-las é produtivo e importante. Todavia, percebo que precisamos ter em

---

<sup>15</sup> Minha dissertação de mestrado abordou as representações sociais de professores/as do ensino fundamental da rede pública municipal de São Luís – MA sobre a doença infecto-contagiosa hanseníase. O estudo utilizou o referencial teórico das representações sociais visando identificar conceitos, percepções e ideias sobre a enfermidade. Vinte professores/as que atuavam no ensino fundamental (5ª a 8ª séries), de diferentes disciplinas curriculares, participaram da investigação. As entrevistas mostraram que eles e elas interpretavam e conceituavam a hanseníase a partir de duas visões: uma classificada como biomédica e a outra como sociocultural (SÁ-SILVA, 2004).

<sup>16</sup> Esse campo tenta descrever “como o mundo deve aparecer para o observador ingênuo, despido de todas as pressuposições e das expectativas culturalmente impostas. Isso é captado no *slogan* que a fenomenologia retorna às ‘próprias coisas’” (EDGAR; SEDGWICK, 2003, p. 127).

mente que as representações são categorias produzidas e inventadas nas relações sociais e que sua construção, manutenção e abandono se nutrem a partir de interesses e necessidades. Elas são culturais e históricas e por serem construídas são mutáveis, variáveis e intencionais. Para Jimena Furlani (2005a, p. 27), “a representação é o modo como os significados, construídos e atribuídos pela retórica e pelo discurso, dão sentido e posicionam as diferenças, as identidades, os sujeitos, num processo que é fundamentalmente social, histórico e político”.

Guacira Lopes Louro (2007a, p. 98) expõe que as representações são “apresentações”. São maneiras como nos referimos culturalmente a pessoas ou grupos de pessoas. São “o que dizem aos sujeitos e sobre os sujeitos”, delineando seus modos de viver, agir, caracterizando seus traços, definindo seus contornos, caracterizando suas práticas, em suma, afirmam se uma pessoa pode ou não ser identificada como pertencendo a um determinado grupo. “Como formas culturais de nos referirmos aos sujeitos (e a nós mesmos), as representações nos dão sentido e certamente se transformam e se distinguem – histórica e socialmente” (LOURO, 2007a, p. 99). As representações não são apenas descrições que espelham as vivências e práticas das pessoas, mas descrições que as “constituem”. É importante entender as representações “como um reflexo ou espelho da realidade, mas como constituidora” (LOURO, 2007a, p. 99).

Griselda Pollock (1990) argumenta que todos os discursos sociais produzem representações e nega o pressuposto de que existe “lá fora” um mundo ou uma realidade “puros” que são descritos, operacionalizados, manipulados. Todas as representações produzem sentidos que são gerados na dinâmica social. A autora diz ainda: “É verdade que algumas (representações) acabam adquirindo a autoridade do óbvio, do senso-comum e da auto-evidência, a tal ponto de que seu *status* de representação é suprimido” (POLLOCK, 1990, p.203). Por isso, naturalizamos essa ideia e “passamos a aceitar uma apresentação dos sujeitos e do mundo como ‘a realidade’” (LOURO, 2007a, p.101). Sendo assim, “a representação é compreendida como aquelas formas de inscrição através das quais o Outro é representado” (SILVA, 2009, p. 127).

Encontrei em Tomaz Tadeu da Silva (2009) uma reflexão que reforça o que tenho pensado atualmente acerca das representações sociais. Ele analisa a relação entre “teoria” e “realidade” trazendo como exemplo a discussão sobre as teorias que explicam o currículo problematizando que, hegemonicamente, este ainda é visto como algo exterior, que pode ser descrito em detalhes pelos cânones científicos. Nessa perspectiva, segundo Silva (2009), caberia à teoria formular hipóteses para “descobri-lo”. Em geral, está implícita, na noção de teoria, a suposição de que a teoria “descobre” o “real”, de que há uma correspondência entre a

“teoria” e a “realidade”. De uma forma ou de outra, a noção envolvida é sempre representacional, especular, mimética: a teoria representa, reflete, espelha a realidade. A teoria é uma representação, uma imagem, um reflexo, um signo de uma realidade que – cronologicamente, ontologicamente – a precede. Assim, uma teoria do currículo começaria por supor que existe, “lá fora”, esperando para ser descoberta, descrita e explicada, uma coisa chamada “currículo” (SILVA, 2009).

Silva (2009) nos diz ainda que o currículo é produzido, dinâmico e histórico. Em síntese, acredita que o currículo carrega as marcas de quem o produz, é intencional, está impregnado de poder e interesses. Defende também que a verdade teórica nada mais é do que aquilo que pensamos e agimos sobre ela, ou seja, a teoria existe porque produzimos seus pressupostos e cuidamos para que ela se torne verdade e seja reproduzida.

Ações, gestos e pensamentos são construtos socioculturais. A análise cultural tem como concepção principal a ideia de que o universo sociocultural torna-se, na interação social, naturalizado e que acaba sendo esquecida sua origem social. Assim, “a tarefa da análise cultural consiste em desconstruir, em expor esse processo de naturalização” (SILVA, 2009, p. 134).

Dentro dessa perspectiva é que problematizei o objeto de investigação desta tese adotando uma concepção “na qual se focaliza o discurso, a linguagem, o significante” (SILVA, 2009, p. 127). Operação metodológica que me fez colocar em evidência ideias, representações, pressupostos e proposições sobre a homossexualidade e a heterossexualidade construídas como naturais. Discursos metanarrativos foram colocados em suspensão ao me apropriar, ler e categorizar os conteúdos sobre o sujeito homossexual presentes em livros de medicina, psicologia e educação. Pratiquei a desconfiança ao colocar em destaque os mecanismos naturalizantes e patologizantes desenvolvidos por discursos médicos sobre a homossexualidade os quais denominei de *pedagogia dos manuais médicos*<sup>17</sup>.

No meu entender, as ideias e pressupostos que sustentam essa pedagogia insistem em ser o “carro-chefe” do pensamento que guia as práticas pedagógicas em educação sexual na atualidade. Por isso, a escrita desta tese foi construída realizando um movimento teórico e metodológico visando descrever e problematizar alguns pressupostos médicos sobre a homossexualidade ainda considerados como totais e naturais. Praticando a “desconfiança

---

<sup>17</sup> A partir de agora ao me referir sobre a *pedagogia dos manuais médicos* irei grafá-la em itálico. A intenção é somente colocar em evidência esse termo visto que construo a tese baseando-me nos discursos, nas ideias e nos pressupostos da medicina, psicologia e educação que foram construídos sobre a homossexualidade no século XX. Minhas argumentações sobre a *pedagogia dos manuais médicos* serão apresentadas no capítulo 5 e se ancoram no conceito de pedagogia cultural apresentado por Shirley Steinberg (2001), Marisa Vorraber Costa (2010), Guacira Lopes Louro (2010) e Tomaz Tadeu da Silva (2009).

*queer*”<sup>18</sup> e colocando em evidência determinadas ideias veiculadas sobre o sujeito homossexual, minha intenção foi demonstrar que os saberes médicos das décadas de 1920 a 1970 elaboraram e propagaram discursos cujo principal objetivo era orientar os sujeitos a lidar com o/a homossexual e conduzi-lo ou reorientá-lo para a heterossexualidade. Ao realizar as descrições das ideias e proposições construídas sobre a homossexualidade no decorrer do século XX intentei demonstrar também que os mesmos contêm uma intenção pedagógica elaborada que continua ativa e operando em livros de sexualidade e educação sexual utilizados na atualidade.

A ideia de desconstrução como tática metodológica me ajudou a pensar os processos que (re) produzem discursos sobre a homossexualidade e a heterossexualidade. O pensar desconstrucionista “sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos das polaridades” (LOURO, 2007a, p. 32) de gênero e sexualidade e “supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita” (LOURO, 2007a, p. 32).

Aproximei-me das formas de pensar dos filósofos Michel Foucault e Jacques Derrida. Assim como Furlani (2005a), me apropriei de algumas ferramentas analíticas desses autores sem ter a pretensão de desenvolver uma análise ortodoxamente derrideana e foucaultiana. No entanto, achei produtivo e coerente utilizar algumas ideias que ambos desenvolveram sobre as operações discursivas que produzem sujeitos qualificados como inferiores, patológicos e fora dos padrões estabelecidos como normais e naturais – aqui em destaque os/as homossexuais.

Ao analisar o *corpus* que me deu suporte para fundamentar a tese de que os discursos sobre a homossexualidade presentes em conteúdos de livros médicos do século XX estruturam uma forma específica de conduzir, utilizei alguns pressupostos desses filósofos, principalmente via textos, teses, dissertações, ensaios e manuscritos de autores e autoras do campo educacional que operam com as ferramentas de análise foucaultiana e derrideana, assim como aqueles e aquelas que posicionam sua crítica à construção discursiva das identidades não-hegemônicas, como a homossexualidade. Tais linhas de pensamento advertem que falar sobre gênero e sexualidade não é tarefa simples. Essas teorizações criticam ideias e conhecimentos que tentam enquadrar, essencializar, naturalizar e padronizar atitudes e comportamentos. Seus pressupostos expurgam as operações heteronormativas que insistem

---

<sup>18</sup> Praticar a desconfiança *queer* nesse contexto de pesquisa visa desvelar os sutis processos médico-pedagógicos que contribuíram (e contribuem) para a cristalização dos binarismos e da naturalização dos gêneros e sexualidade, pois “representa, de certa forma, uma radicalização do questionamento da estabilidade e da fixidez da identidade” (SILVA, 2009, p. 105). A ação metodológica da desconfiança também serve para “problematizar a identidade sexual considerada normal, ou seja, a heterossexualidade” (SILVA, 2009, p. 105).

em polarizar gênero e sexualidade. São reflexões e formas de compreender o objeto de pesquisa acenando “para a capacidade de se refletir acerca das ciências do homem enquanto saberes, investigando as condições de sua existência com base na análise do que dizem, como dizem e porque dizem” (GONDRA, 2005, p. 288).

Apropriar-me do objeto a partir das proposições *queer*, das reflexões foucaultianas e do desconstrucionismo se constitui em um produtivo recurso metodológico “para responder à indagação acerca do que somos e como chegamos a ser o que hoje somos” (GONDRA, 2005, p. 289). A escolha da analítica *queer* foi uma forma de problematizar o discurso “total”, estranhar o instituído e chacoalhar os pressupostos naturalizantes historicamente construídos para o sujeito homossexual (BENTO, 2008, 2006, 2004, 2003; LOURO, 2009, 2008a; 2008b; 2007a; 2007b; 2006; 2004; 2003; 2001a, 2001b; 2000; 1999; FURLANI, 2008, 2007, 2005a, 2005b).

André Sidnei Musskopf (2008a) observa que os estudos gays e lésbicos tiveram influência na mudança de postura da Academia no que se refere às formas de abordar os temas em sexualidade. Explicita também que o movimento social homossexual brasileiro teve participação efetiva nesse processo: “Foi também no âmbito dos grupos e organizações que compõem o movimento GLBT brasileiro que se produziu uma vasta gama de materiais e reflexões sobre sexualidade no Brasil” (MUSSKOPF, 2008a, p. 102). De acordo com Musskopf, dentre as várias perspectivas teórico-metodológicas disponíveis para serem utilizadas na abordagem de objetos com temáticas no campo da sexualidade, como a homossexualidade, está a teoria *queer*: “A teoria *queer*, sem dúvida, tem sido utilizada como perspectiva teórica por muitos/as pesquisadores/as brasileiros/as” (2008a, p. 104).

A teoria *queer* tem se mostrado cada vez mais relevante e influente nos estudos que discutem a construção histórica do binarismo homossexualidade/heterossexualidade. Contribui também na compreensão dos complexos e inacabados processos de construção e desconstrução de diferentes episódios que têm como palco os espaços de convivência humana. Marco Aurélio Máximo Prado e Frederico Viana Machado (2008) informam que no limiar dos anos 1990 autoras feministas iniciaram um movimento que desencadeou no surgimento dos estudos *queer*. Liderado principalmente por Judith Butler, o movimento se colocou contra tudo aquilo que considerava essencialista, que tomavam a diferença sexual como verdade biológica ou pré-discursiva e contra quaisquer imposições normativas de formas padronizadas de feminilidade e masculinidade. Para Joshua Gamson, a teoria *queer* “baseou-se nos *insights* do construcionismo e em Foucault, mas colocou as preocupações pós-estruturalistas e pós-modernas em primeiro plano – críticas da identidade e políticas de



identidade, uma ênfase sobre o discurso e sua desconstrução, uma desconfiança das metanarrativas” (GAMSON, 2006, p. 352). Musskopf (2008a, p. 146) consegue aglutinar importantes informações sobre o campo teórico *queer*. Assim se expressa esse autor:

Partindo da ideia de sexualidade enquanto uma realidade fluida, complexa e múltipla, a teoria *queer* ‘interroga aspectos da vida social – a família, relacionamentos íntimos – mas também olha para lugares não tipicamente pensados como sexualizados – a economia, por exemplo’. Seguindo a linha de Foucault, estudos históricos mostram que categorias são construídas e atribuídas de acordo com questões de poder e trazem à tona questões de gênero e sexualidade onde antes não se pensava nesses temas provando que ‘a vida pessoal é sexualizada – e heterossexualizada. A área da sexualidade, suas categorias e construções, é a lente que teóricos *queer* usam para desenvolver seus trabalhos.

O movimento *queer* apontou a impossibilidade dos estudos de gênero dar conta de superar o binarismo feminino/masculino e o heterossexismo, dominantes no campo de estudos sobre a sexualidade (WELZER-LANG, 2001). Hoje, para além de um suporte teórico utilizado nas análises sobre orientação sexual ou identidade de gênero, a teoria *queer* ampliou seu espectro: “disseca sobretudo dicotomias, rótulos, normas, e principalmente a heteronormatividade” (SANTOS, 2005, p. 4).

Para Córdoba (2003), a teoria *queer* reforça o objetivo de transpor a sexualidade do campo do natural e das epistemologias que assim a situam, levando-as ao campo social e, uma vez que está atravessado por relações de poder, podemos dizer que a sexualidade se transpõe ao campo político. Assim, desnaturalizar a identidade sexual implica a renúncia de qualquer padrão de normalidade, extrapolando os motivos epistemológicos. Desta feita, os teóricos *queer* “reconhecem que todo discurso é contingente e posicionado, onde a sexualidade é uma construção discursiva” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 54-55).

As teorizações *queer* têm como um dos eixos de suas análises o estudo dos mecanismos históricos e culturais que produzem as identidades patologizadas. Nesse processo de desnaturalização, o foco explicativo para a constituição das identidades desloca-se do indivíduo para as genealogias dos discursos que limitam a categoria “humanidade” apenas a duas possibilidades excludentes: ou você tem pênis, ou vagina. Ou você é mulher, ou é homem. Ou você é masculino ou feminino. Para Joshua Gamson (2006), os estudos *queer* são basicamente uma iniciativa desconstrutiva, que desmontam a noção de um eu definido por algo que se encontra em sua essência, seja este o desejo sexual, a raça, o gênero, a nação ou a classe.

O que disseram sobre a homossexualidade para que ela se tornasse o que é hoje? Como se deu o processo de produção do sujeito homossexual? As questões citadas não são

problematizações novas, mas percebo ser interessante retomá-las visto que os ditos e escritos de inúmeros autores e autoras que se debruçaram sobre o tema me ajudaram a compreender melhor as redes discursivas produzidas sobre a homossexualidade pelos saberes médicos desde o século XIX. Autores/as como Andrew Sullivan (1996), Bell Hooks (1999), Berenice Bento (2008, 2006, 2004, 2003), Carlos Figari (2007), Denise Portinari (1989), Gabriel Rotello (1998), Guacira Lopes Louro (2009, 2008a; 2008b; 2007a; 2007b; 2006; 2004; 2003; 2001a, 2001b; 2000), James Green (2000), James Green e Ronald Polito (2006), Jeffrey Weeks (1999), Judith Buther (1999), Jurandir Freire Costa (1992), Michel Foucault (2007, 2000b), Michel Pollak (1990), João Silvério Trevisan (2000, 1986), Peter Fry e Edward McRae (1991), Richard Parker (1999, 1991), dentre outros, já pontuaram que, para compreendermos os processos socioculturais de estigmatização da homossexualidade, se faz necessário conhecer as construções histórico-culturais dos discursos empreendidos aos/às homossexuais.

Apesar de colocar como objeto de discussão a homossexualidade também tive em mente a questão: “O que disseram sobre a heterossexualidade para que ela se tornasse o que é hoje?”. Berenice Bento (2008, 2006, 2004, 2003), Guacira Lopes Louro (2009, 2008a, 2008b, 2007a, 2007b, 2006, 2004, 2003, 2000; 2001a, 2001b, 1999) e Jimena Furlani (2008; 2007; 2005a; 2005b; 2003) argumentam que as operações homofóbicas giram em torno do binarismo homossexualidade/heterossexualidade. Nos discursos que (re) produzimos, a heterossexualidade é colocada como “a manifestação natural”, “o pólo positivo”, “a condição padrão”, “a referência”, “a sexualidade normal”, “aquela situação que delimita”, “a sexualidade que ordena”, “o referencial para comparar”. Maura Corcini Lopes (2007, p. 12) ao problematizar sobre as operações da norma instituída nos alerta:

O princípio regulador da ordem social é o que orienta e regula os sujeitos de acordo com fronteiras imaginárias que definem os autorizados a participarem do lado dos incluídos e os autorizados a participarem do lado dos excluídos. Ambos são autorizados e definidos, constantemente, dentro de intrincadas redes de saber e poder.

E complementa: “Todo o espaço determinado por uma determinada ordem é delimitado e governado pela norma. Norma que classifica, compara, avalia, inclui e exclui” (LOPES, 2007, p. 11). Sendo assim, ao analisar os discursos médicos inventados sobre a homossexualidade presentes nos livros de medicina, psicologia e educação editados no século XX e nos livros de sexualidade e educação sexual catalogados em bibliotecas de escolas

públicas do ensino médio da cidade de São Luís, tive o cuidado de compreender também o dito e o instituído para a sexualidade heterossexual.

### 1.3 Do *corpus* investigativo

Adentrar nas tramas e meandros das práticas médicas que foram produzidas e reproduzidas em todo o século XX sobre a homossexualidade e imprimidas em livros de medicina, psicologia e educação requereu um aporte metodológico que levou em consideração a produção histórico-cultural de ideias e proposições sobre a homossexualidade.

A investigação de processos sociais pode ser realizada, reconstruída e problematizada a partir de fontes bibliográficas e da análise de documentos, sendo que a dinâmica de tais eventos pode ser compreendida utilizando-se a perspectiva histórica como suporte metodológico: “a compreensão dos fenômenos sociais dos nossos dias [...] depende do acontecimento que se tenha do passado. Assim, os acontecimentos atuais só têm significado com relação ao contexto dos fatos passados” (RICHARDSON, 1999, p. 245). Sendo assim, uma abordagem histórica permite perceber como se engendraram as forças que produziram o que consideramos, hoje, as verdades sobre a sexualidade.

Nunes (2005) ao discutir acerca dos objetos científicos que trazem como problematização a sexualidade humana lembra que os/as pesquisadores/as não devem deixar de contextualizar as dimensões socioculturais e históricas, porque abordar esse tema implica retomar alguns campos: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Segundo ele, não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de diferentes épocas e contextos.

Que tipo de abordagem e técnica de pesquisa me ajudaria a catalogar, categorizar e compreender os discursos médicos sobre a homossexualidade impressos em livros médicos do século XX? Esse mesmo procedimento de pesquisa me possibilitaria analisar os conteúdos sobre a homossexualidade presentes em livros de sexualidade e educação sexual catalogados em bibliotecas de escolas públicas do ensino médio na atualidade?

A pesquisa documental me pareceu apropriada para esse empreendimento investigativo. Para a consecução da investigação bibliográfica e documental me baseei nos pressupostos teórico-metodológicos de Cellard (2008), Duffy (2008), Pimentel (2001) e Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009). No ensaio *Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas*, Jackson Ronie Sá-Silva, Cristóvão Domingos de Almeida e Joel Felipe

Guindani (2009) argumentam que o uso de documentos em pesquisas<sup>19</sup> que investigam processos culturais deve ser estimulado porque podem revelar acontecimentos que ajudam a compreender situações socioculturais contemporâneas. Documentos – sejam fontes primárias ou secundárias – revelam muitas informações que podem ajudar os/as pesquisadores/as a avançarem na produção de conhecimento em vários campos das ciências humanas e sociais: o contexto histórico do acontecimento; as intenções do/a autor/a ao escrever aquela obra; as ideias que prevaleciam ou eram ocultadas, etc.

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado, orientam Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009). A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das ciências humanas e sociais, porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Quando uso as denominações “livros médicos”, “manuais médicos” ou “compêndios médicos” estou me referindo aos livros que cataloguei para compor o material de pesquisa desta tese. Este material foi lido e categorizado para produzir o *corpus* de análise: *Corpus 1*: Livros de medicina, psicologia e educação publicados no século XX (1920 a 1970); *Corpus 2*: Livros de sexualidade e educação sexual catalogados em escolas públicas do ensino médio da cidade de São Luís – MA.

Sobre esse uso gostaria de fazer um esclarecimento: o que utilizei para construir o *corpus* analítico foram trechos extraídos de livros de medicina, de psicologia, e da área da educação escritos por sujeitos que se propuseram, em um dado momento do século XX, a falarem sobre a homossexualidade tendo como lugar de discussão as áreas da medicina, da psicologia e da educação, respectivamente. Além disso, o *corpus 2* também traz trechos de conteúdos sobre a homossexualidade que veiculam discursos médicos, psicológicos e educacionais.

---

<sup>19</sup> A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores/as sobre o tema atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. Essa é a principal diferença entre a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica. No entanto, chamamos a atenção para o fato de que: “na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (M. M. OLIVEIRA, 2007, p. 70).

Enquadrei-os na categoria “livros médicos” por perceber que em suas estratégias discursivas encontrava-se diluído, às vezes de forma clara e em outros momentos implicitamente, o pensamento médico-higienista. Tal filosofia foi construída no meio médico e difundida para áreas como direito, criminologia, psicologia, educação física e a educação, dentre outras. Ainda, os livros consultados, mesmo não tendo necessariamente as insígnias de “compêndio médico” / “livro médico” / “manual médico” (ou ter sido escrito, literalmente, por um/a doutor/a<sup>20</sup>), trazem fortemente as marcas da medicina, principalmente ao divulgarem informações estruturadas a partir de noções como saúde-doença, diagnóstico, prevenção, tratamento e cura. Sendo assim, ao me referir às produções catalogadas usarei tais denominações mesmo tendo consciência de que parte dos livros não são “genuinamente” médicos.

Como os autores e as autoras dos livros catalogados apresentavam o tema da homossexualidade no decorrer do século XX? Que discursos eram produzidos e divulgados? Para os/as autores/as o que deveria ser feito diante da certeza (ou suspeita) da homossexualidade de um sujeito?

Os trinta e dois livros do *corpus 1* demonstraram que de 1928 a 1978 muita coisa foi dita sobre a homossexualidade. Teorias foram usadas para embasar incontáveis discursos corretivos acionados contra aqueles e aquelas identificados/as como homossexuais. Inúmeros foram os mecanismos utilizados para conter, abafar, reprimir e esgotar as forças daqueles e daquelas que através dos corpos, dos gestos, das atitudes e dos pensamentos eram apontados/as como delituosos/as, safados/as, criminosos/as, desviantes, anormais e doentes. Incontáveis foram as estratégias utilizadas para falar dos sujeitos “disparatados” porque esta “caça às sexualidades periféricas provoca a *incorporação das perversões* e a nova *especificação dos indivíduos*” (FOUCAULT, 2007, p. 50) (grifos do autor).

Acreditando que as ideias médicas sobre a homossexualidade patologizada continuam ativas e entendendo que a cultura (re) configura esses saberes, procurei compreender, descrever e problematizar alguns discursos sobre o/a homossexual veiculados em livros de sexualidade e educação sexual disponibilizados para consulta em bibliotecas de escolas públicas do ensino médio da cidade de São Luís-MA. Que ideias sobre a homossexualidade são apresentadas nesses livros? Que conexões existem entre estes livros e as ideias, proposições, teorias e saberes sobre a homossexualidade divulgados nos livros de medicina, psicologia e educação lançados no decorrer do século XX?

---

<sup>20</sup> Forma como tradicionalmente eram (e ainda são) chamados/as os/as médicos/as.

Guiando-me por estas questões – e apoiando-me nas teorizações *queer*, na perspectiva foucaultiana que alerta para a compreensão das estratégias discursivas de saber-poder na constituição dos sujeitos e no pensamento desconstrucionista aplicado ao campo educacional proposto por autoras como Bento (2008), Furlani (2008, 2007, 2005a, 2005b) e Louro (2009, 2008a, 2008b, 2007a, 2007b, 2006, 2004, 2003, 2001a, 2001b, 2000, 1999), – busquei descrever, compreender e problematizar os discursos sobre a homossexualidade produzidos e registrados em livros de medicina, psicologia e educação do século XX e em livros de sexualidade e educação sexual atualmente disponibilizados para consultas em bibliotecas de escolas públicas do ensino médio da cidade de São Luís.

As descrições e problematizações produzidas nos capítulos 2, 3 e 4 me levaram a pensar sobre a configuração de uma forma específica do saber médico em produzir e disseminar conhecimentos tendo como objetivo orientar, ensinar e sugerir formas de conduzir e gerir as pessoas qualificadas como homossexuais que denominei de *pedagogia dos manuais médicos* e que problematizo no capítulo 5.

Os *corpus 1* e *2* são densos e ricos em informações. Neles encontram-se diversas proposições e argumentos não só sobre a homossexualidade, mas também acerca de outros conteúdos que atravessam os temas da sexualidade e do gênero. Meu olhar conseguiu apreender conteúdos que traduzi como importantes para a problematização e construção desta tese. Mas, outras lentes, outros olhares, outros campos, outras epistemologias podem incursionar no *corpus* produzido<sup>21</sup>.

Construí *Quadros de Informações* com o intuito de aglutinar as ideias centrais do pensamento dos/as autores/as sobre a homossexualidade. Denominei-os de *Quadros-Resumos*. Assim, todos os *Quadros-Resumos* são sínteses elaboradas por mim durante o processo de análise dos livros. As informações contidas em cada *Quadro-Resumo* não são trechos selecionados dos livros, mas a compreensão que tive de cada obra sobre o conteúdo escrito acerca da homossexualidade. A criação desse recurso metodológico facilitou “enxergar”, compreender e trabalhar com a imensidão de dados qualitativos que produzi.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Optei por inserir nos apêndices da tese todo o material produzido por mim no processo de leitura em profundidade, categorização e análise dos livros – tanto o material que compôs o *corpus 1* como aquele utilizado para construir o *corpus 2*. Acredito que agindo desta forma dou a oportunidade para que outros/as pesquisadores/as se debruçem sobre o material e compreendam melhor o que estou defendendo como tese. Assim, a ideia de *pedagogia dos manuais médicos* pode ser apreendida com mais substancialidade, endossada e reforçada ou mesmo ser pensada de outras formas.

<sup>22</sup> De acordo como Maria Cecília de Souza Minayo (2010, p. 24) quem trabalha com dados qualitativos não deve se preocupar “em quantificar e em explicar, e sim em *compreender*: este é o verbo da pesquisa qualitativa. *Compreender* relações, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações e a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente, compreender e interpretar a realidade” (grifos da autora).

Os livros utilizados para compor o *corpus 1* foram publicados no decorrer do século XX. Construí trinta e dois *Quadros-Resumos* onde exponho as principais informações dos livros de medicina, psicologia e educação publicados entre as décadas de 1920 a 1970: título do livro, área do conhecimento, formação do/a autor/a, ano da publicação, o público a quem o livro é dirigido, as características gerais do livro, os conteúdos sobre a homossexualidade, a perspectiva da abordagem e as proposições pedagógicas que o/a autor/a enuncia ao tratar do tema da homossexualidade.

O *corpus 1* me mostrou que muitas das proposições dos campos da medicina e da psicologia estavam próximas. Devido a essa característica acabei por agrupá-las e em vez de ter um conjunto de informações sobre a homossexualidade advindas da medicina, psicologia e educação, separei-as em dois *subcorpus*. Assim, o *corpus 1* bifurcou-se e denominei-os de “*corpus medicina/psicologia*” e “*corpus educação*”. Esse procedimento muito me ajudou no manuseio e interpretação dos conteúdos que estruturaram as categorias de análise bem como no processo de escrita devido o volume de trechos que foram gerados no processo de categorização. Ainda assim, ficava difícil em muitos momentos separá-las porque existe um processo interessante de retroalimentação desses campos. As especificidades às vezes separam-nas e criam divergências e contradições, mas em outras situações precisam se unir para reforçar seu poder discursivo. O higienismo é um exemplo emblemático do acordo entre medicina e psicologia. Para Maria Lúcia Boarini e Oswaldo Yamamoto (2004, p. 2), apesar de o higienismo ser uma temática “virtualmente ausente no campo psicológico” e centrar-se tradicionalmente nos campos da antropologia, biologia, educação, educação física, medicina e psiquiatria, “isso não significa, todavia, que a Psicologia e os psicólogos estejam isentos desses discursos. Pelo contrário, em nosso entender é, sobretudo, nos limites tênues entre Educação/Psicologia/Saúde que as idéias higienista e eugenista encontram seu elixir da juventude”.

O “*corpus medicina/psicologia*” contém trechos selecionados de livros das áreas da medicina, psiquiatria e psicologia e dos livros que trazem discussões que conectam a medicina com a psicologia, criminologia e teologia.

A segunda grande categoria denominei de “*corpus educação*”. Ela é composta por trechos retirados de livros de educação, orientação educacional e educação sexual e de produções que misturam o campo da educação com a psicologia.

Outro ponto importante a destacar é a indicação que os autores faziam sobre o público para quem suas produções eram direcionadas. Quatro produções foram escritas para o público em geral: três estão inscritas no “*corpus educação*” e uma no “*corpus*

medicina/psicologia”. As vinte e oito produções restantes tinham público específico a atingir: o “*corpus medicina/psicologia*” demonstra que os autores e autoras esperavam ter seus livros apreciados principalmente por médicos/as, psiquiatras e psicólogos/as. Nesta categoria apenas um livro cita professores/as como possíveis leitores da obra. Em outros dois livros são citados religiosos e em duas produções apontam profissionais do direito como pessoas que devem apreciar os textos médicos (ver Quadro 1 e Quadro 2) .

O “*corpus educação*” apresenta trechos que demonstram claramente a intenção dos autores e autoras em terem professores/as e pais como seus leitores. Os livros que compuseram o “*corpus educação*” apresentavam uma linguagem simples e acessível embora ideias e proposições contidas sobre a homossexualidade fossem apresentadas em linguagem científica e médica. Esse fato demonstra – o material me fez compreender dessa forma – o quão as proposições e ideias médicas construídas sobre sexualidade e gênero, foram incorporadas, endossadas e (re) configuradas pelo campo educacional no decorrer do século XX. Mesmo utilizando termos e jargões da medicina e da psicologia esses livros dispunham de uma retórica didaticamente elaborada. Por outro turno, não surpreendeu ler os livros de medicina e psicologia e encontrar uma linguagem mais fechada e específica. Os trechos que compõem o “*corpus medicina/psicologia*” ilustram muito bem esse aspecto.

Quatorze livros que compuseram o *corpus 1* são obras estrangeiras que foram traduzidas para a língua nacional: nove livros do “*corpus medicina/psicologia*” e cinco livros do “*corpus educação*”. Os referidos livros são indicados nos Quadros 1 e 2 com a seguinte descrição: *obra traduzida (do alemão, francês ou inglês)*.



**Quadro 1:** *Corpus 1* – Relação dos livros de medicina e psicologia utilizados para compor o “*corpus medicina/psicologia*”. Os livros foram catalogados em quatro bibliotecas: Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em São Leopoldo – RS; Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS), em Porto Alegre – RS; Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre – RS; e Biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luís – MA.

Nº	LIVROS	ÁREAS	PÚBLICO-ALVO	ANO
1	FOREL, Augusto. <b>A questão sexual</b> . 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928. <i>(obra traduzida do francês)</i>	Medicina (Sexologia)	Médicos/as	1928
2	SILVA, Gastão Pereira; SILVA, José Pereira. <b>Crime e Psico-Análise</b> . Rio de Janeiro: Livraria Editora Marisa, 1933.	Psicologia (Psicanálise) / Criminologia	Advogados/as, médicos/as (psiquiatras) e psicólogos/as forenses	1933
3	VIVEIROS DE CASTRO, Francisco José. <b>Atentados ao pudor</b> : estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 1943.	Medicina (Psiquiatria) / Psicologia / Criminologia	Médicos/as, psiquiatras forenses, psicólogos/as forenses e criminologistas	1943
4	LACHAPELLE, Paulo. <b>Psiquiatria pastoral</b> . Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1944.	Medicina (Psiquiatria) / Teologia	Médicos/as e teólogos/as	1944
5	FOUQUÉ, Charles. <b>Homossexualismo</b> : o amor que não ousa dizer seu nome. Estudos psico-sexuais. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1953 <i>(obra traduzida do francês)</i>	Medicina	Público em geral	1953
6	IRAJÁ, Hernani. <b>Psicoses do amor</b> : estudos sobre as alterações do instinto sexual. 9 ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1954.	Medicina (Psiquiatria)	Médicos/as (psiquiatras)	1954
7	BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS. <b>Erotologia feminina</b> : com fotografias originais. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora, 1955.	Medicina / Psicologia	Médicos/as (psiquiatras) e psicólogos	1955
8	CAPRIO, Frank; BRENNER, Donald. <b>Conduta sexual</b> : aspectos psicolegais incluindo casos típicos. São Paulo: IBRASA, 1967. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Medicina / Psicologia	Médicos/as (psiquiatras), psicólogos/as e juristas	1967

9	STORR, Anthony. <b>Desvios sexuais</b> . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Medicina (Psiquiatria) / Psicologia	Médicos/as (psiquiatras) e psicólogos/as	1967
10	ULLERSTAM, Lars. <b>As minorias eróticas</b> . Rio de Janeiro: Imago, 1967. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Medicina (Psiquiatria) / Psicologia	Médicos/as (psiquiatras) e psicólogos/as	1967
11	VANDERVELDT, J.H.; ODENWALD, R.P. <b>Psiquiatria e catolicismo</b> . Lisboa: Editorial Aster, 1968. <i>(obra traduzida do alemão)</i>	Medicina / Teologia	Médicos/as (psiquiatras) e padres	1968
12	EDELSTEIN, Isidoro. <b>Princípios educativos de medicina social: sexologia</b> . Rio de Janeiro, 1971.	Medicina / Psicologia	Médicos/as, psicólogos/as e professores/as	1971
13	SPOERRI, Thomas. <b>Compêndio de psiquiatria</b> . Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1972. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Medicina (Psiquiatria)	Médicos/as (psiquiatras)	1972
14	MARMOR, Judd. <b>A inversão sexual: as múltiplas raízes da homossexualidade</b> . Rio de Janeiro: Imago, 1973. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Medicina (Psiquiatria)	Médicos/as (psiquiatras e médicos em geral) e psicólogos/as	1973
15	COSTIN, Frank. <b>Psicologia do anormal</b> . São Paulo: Brasiliense, 1978. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Medicina (Psiquiatria) e Psicologia	Médicos/as (psiquiatras) e psicólogos/as	1978

**Quadro 2:** *Corpus 1* – Relação dos livros de educação que compuseram o “*corpus* educação”. Os livros foram catalogados em quatro bibliotecas: Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em São Leopoldo – RS; Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS), em Porto Alegre – RS; Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre – RS; e Biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luís – MA.

Nº	LIVROS	ÁREAS	PÚBLICO-ALVO	ANO
1	PAUCHET, Victor. <b>Os filhos:</b> sua preparação para a vida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. <i>(obra traduzida do francês)</i>	Educação (Orientação educacional)	Pais	1934
2	STEKEL, Wilhelm. <b>Educação dos pais.</b> Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936. <i>(obra traduzida do alemão)</i>	Educação (Orientação educacional)	Pais e professores/as	1936
3	SCHMIDT, Isabel Junqueira. <b>Orientação educacional.</b> Porto Alegre: Editora da Livraria Globo, 1942.	Educação (Orientação educacional)	Orientadores/as educacionais e professores/as	1942
4	RAMOS, Arthur. <b>A criança problema:</b> a higiene mental na escola primária. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Editôra da Casa do Estudante do Brasil, 1949.	Educação (Orientação educacional)	Orientadores/as educacionais, professores/as e pais	1949
5	NEVES, Margarida Sinai. <b>Educação sexual.</b> Porto Alegre: Editora Globo, 1954.	Educação (Educação sexual)	Professores/as, pais e assistentes sociais	1954
6	NÉRICI, Imídeo. <b>Seus filhos, o sexo e você:</b> normas de educação sexual da infância à adolescência. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959.	Educação (Educação sexual)	Professores/as, psicólogos/as e pais	1959
7	WEIL, Pierre. <b>A criança, o lar e a escola:</b> guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professôres. Rio de Janeiro: Editôra Civilização Brasileira S.A, 1960. <i>(obra traduzida do francês)</i>	Educação / Psicologia	Professores/as e pais	1960
8	SCHMIDT, Maria Junqueira. <b>Também os pais vão à escola.</b> Rio de Janeiro: Editora Agir, 1964.	Educação (Orientação educacional)	Professores/as e pais	1964
9	ROCHA, Zaldo. <b>Como educar nossos filhos?</b> Rio de Janeiro: Vozes, 1965.	Educação (Orientação educacional)	Professores/as e pais	1965
10	SCHMIDT, Maria Junqueira. <b>Educar para a responsabilidade.</b> Rio de Janeiro: Livraria Agir	Educação	Professores/as e	1967

	Editora, 1967.		pais	
11	ELLIS, Albert. <b>Sexo e o homem solteiro</b> : mitos e realidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969. <i>(obra traduzida do francês)</i>	Educação (Educação sexual)	Público em geral	1969
12	DUVALL, Evelyn Millis. <b>A juventude descobre o amor</b> : fatos sobre o sexo e o amor para adolescentes. 4 ed. São Paulo: IBRASA, 1970. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Educação (Orientação educacional)	Professores/as e pais	1970
13	PANDU, Pandiá. <b>Enciclopédia do sexo ilustrada</b> : sexo, amor, erotismo. Rio de Janeiro: Editora Tanguará, 1970.	Educação (Educação sexual)	Público em geral	1970
14	PEREIRA, F.A. (org.). <b>Moderna enciclopédia sexual</b> . 8 ed., v.2 (F-M), São Paulo: Libra Empresa Editorial, 1971.	Educação (Educação sexual)	Público em geral	1971
15	NETTO, Aguiar. <b>Psicologia, ciência e vida</b> : orientação educacional. v.1. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975.	Educação (Orientação educacional) / Psicologia	Professores/as e pais	1975
16	NETTO, Aguiar. <b>Psicologia, ciência e vida</b> : orientação educacional. v.2. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975.	Educação (Orientação educacional) / Psicologia	Professores/as e pais	1975
17	NETTO, Aguiar. <b>Psicologia, ciência e vida</b> : orientação educacional. v.3. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975.	Educação (Orientação educacional) / Psicologia	Professores/as e pais	1975

Os Quadros 3, 4, 5 e 6 expõem as informações sobre o material de pesquisa categorizado para a composição do *corpus 2*: referência e temática do livro. Para a catalogação dos exemplares utilizei o seguinte critério <sup>23</sup>: livros de sexualidade e educação sexual que traziam em seu conteúdo uma discussão sobre a homossexualidade. Onze livros foram catalogados nos acervos das quatro bibliotecas de escolas públicas do ensino médio da cidade de São Luís – MA.

**Quadro 3:** Relação dos livros de sexualidade e educação sexual catalogados no Centro de Ensino Médio Cidade Operária, São Luís, Maranhão, utilizados na composição do *corpus 2*.

<i>Corpus 2</i>	
LIVROS CATALOGADOS	TEMÁTICA DO LIVRO
BRUSCHINI, Cristina; BARROSO, Carmen. <b>Sexo e juventude:</b> como discutir a sexualidade em casa e na escola. 7ed. São Paulo: Cortez, 2000.	EDUCAÇÃO SEXUAL
FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. <b>Sexualidade:</b> prazer em conhecer. Rio de Janeiro: Schering, 2001.	SEXUALIDADE EDUCAÇÃO SEXUAL
MULLINAR, Gill. <b>Dicionário de Orientação Sexual para adolescentes.</b> São Paulo: Melhoramentos, 1993.	EDUCAÇÃO SEXUAL
SUPLICY, Marta. <b>Papai, mamãe e eu:</b> o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos. São Paulo: FTD, 1999.	SEXUALIDADE

**Quadro 4:** Relação dos livros de sexualidade e educação sexual catalogados no Centro de Ensino Médio Liceu Maranhense, São Luís, Maranhão, utilizados na composição do *corpus 2*.

<i>Corpus 2</i>	
LIVROS CATALOGADOS	TEMÁTICA DO LIVRO
SUPLICY, Marta. <b>Sexo para adolescentes:</b> amor, puberdade, masturbação, homossexualidade, anticoncepção, DST/AIDS, drogas. Edição atualizada. São Paulo: FTD, 1998.	SEXUALIDADE EDUCAÇÃO SEXUAL
SUPLICY, Marta et al. <b>Sexo se aprende na escola.</b> 2ed. São Paulo: Olho d'Água, 1999.	EDUCAÇÃO SEXUAL

<sup>23</sup> As informações que identificavam o livro como sendo das temáticas “sexualidade” ou “educação sexual” foram disponibilizadas nos Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) tendo como base o Índice para Catálogo Sistemático – dado presente em cada livro e que se localiza no quadro geral de informações da obra (ficha catalográfica).

**Quadro 5:** Relação dos livros de sexualidade e educação sexual catalogados no Centro de Ensino Médio Manoel Beckman, São Luís, Maranhão, utilizados na composição do *corpus 2*.

<i>Corpus 2</i>	
LIVROS CATALOGADOS	TEMÁTICA DO LIVRO
ALVES, Rubem. <b>O gato que gostava de cenoura</b> . São Paulo: Loyola, 2001.	SEXUALIDADE
HARRISON, Michelle. <b>O primeiro livro do adolescente sobre amor, sexo e AIDS</b> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.	SEXUALIDADE
TIBA, Içami. <b>Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo das novas gerações</b> . 11ed. São Paulo: Gente, 1994.	SEXUALIDADE

**Quadro 6:** Relação dos livros de sexualidade e educação sexual catalogados no Centro de Ensino Médio São Cristóvão, São Luís, Maranhão, utilizados na composição do *corpus 2*.

<i>Corpus 2</i>	
LIVROS CATALOGADOS	TEMÁTICA DO LIVRO
BOLSANELLO, Aurélio. <b>Enciclopédia pedagógica da educação sexual: a sexologia sem preconceito</b> . 18ed. São Paulo: Editora Educacional Brasileira, 1986.	EDUCAÇÃO SEXUAL
CHARBONNEAU, Paul Eugène. <b>AIDS: prevenção, escola</b> . 6ed. São Paulo: Paulus, 1987.	SEXUALIDADE

A disposição dos excertos extraídos dos livros que compuseram o *corpus 1* e o *corpus 2* e que utilizei no corpo do texto da tese para a descrição e problematização ficou da seguinte forma: escrito em itálico, tamanho 12, espaçamento simples e recuado quatro centímetros à esquerda. Quando os excertos não estiverem isolados, mas postos junto à escrita do texto, eles virão em itálico, tamanho 12, no mesmo espaçamento do texto e entre aspas. Outra informação: quando grifo algum trecho do excerto, pretendo chamar a atenção do/a leitor/a para o tema em destaque ou afirmar que o trecho grifado me ajudou a dizer aquilo que escrevi. Utilizo a denominação “grifos meus” alertando para a referida ação. Essas estratégias foram pensadas visando destacar o objeto de análise e diferenciá-lo das referências utilizadas visto que a pesquisa é de cunho documental e bibliográfico, podendo em alguns momentos gerar confusão entre o que é ou não objeto de análise (SÁ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANI, 2009; CELLARD, 2008; M. M. OLIVEIRA, 2007). Apesar dessas diferenciações procurei adequar minha escrita às regras da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT).

A tese é composta por cinco capítulos. O primeiro intitula-se **Aproximações**. Neste item descrevo as motivações que me levaram a compor esta tese, os objetivos, a construção do *corpus* investigativo e as opções teórico-metodológicas utilizadas como ferramentas de análise do objeto de investigação.

O capítulo dois denomina-se **Escavação de ideias sobre a homossexualidade em livros de medicina, psicologia e educação dos anos 1920 aos anos 1950**. Neste capítulo descrevo e problematizo pressupostos e ideias sobre a homossexualidade veiculadas em livros de medicina, psicologia e educação publicadas no Brasil no período de 1920 a 1950. Ao descrever os ditos sobre a homossexualidade nesse período demonstro que as ideias médicas influenciavam os/as escritores/as do campo educacional a divulgar que a homossexualidade configurava-se como uma patologia hereditária e endócrina, embora ideias psicológicas já começassem a ganhar força na época.

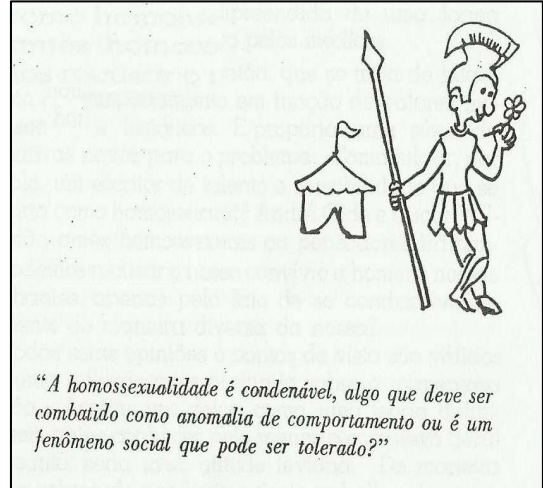
O capítulo três é intitulado **Escavação de ideias sobre a homossexualidade em livros de medicina, psicologia e educação dos anos 1960**. Aqui demonstro que na década de 1960 as ideias da psicologia psicanalítica freudiana influenciaram tanto autores/as do campo biomédico como escritores/as da área educacional. A homossexualidade era percebida como uma condição influenciada pelo meio, principalmente o ambiente familiar. As ideias médicas sobre sua prevenção a partir de ações educativas estimularam escritores/as da área educacional a divulgarem que por meio da educação seria possível reconduzir o sujeito para a heterossexualidade.

O quarto capítulo intitula-se **Escavação de ideias sobre a homossexualidade em livros de medicina, psicologia e educação dos anos 1970**. Neste capítulo continuo a descrever os conteúdos sobre a homossexualidade em livros de medicina, psicologia e educação, só que agora na década de 1970, e a desenvolver a linha de pensamento sobre a construção e manutenção de um saber médico-pedagógico que ensina a controlar e gerir a homossexualidade dos sujeitos.

No último capítulo intitulado **Pedagogia dos manuais médicos**, problematizo o que entendo por *pedagogia dos manuais médicos* e demonstro que a mesma continua operando em livros de sexualidade e a educação sexual que tematizam a homossexualidade na atualidade. No entanto, alguns livros já trazem uma discussão desconstrucionista colocando em xeque os pressupostos dessa pedagogia, apresentando a homossexualidade como uma experiência sexual que deve ser respeitada e valorizada.

## 2 ESCAVAÇÃO DE IDEIAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM LIVROS DE MEDICINA, PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO DOS ANOS 1920 AOS ANOS 1950

Os discursos sobre as práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo precisam ser problematizados tendo-se o cuidado de avaliar o contexto em que foram produzidos. Ideias, saberes, informações, proposições e teorias são cambiantes e se (re) configuram ao longo da história. Além disso, é importante ficarmos atento/a para outras questões: Quem os produziu? Como foram produzidos? Quais as intenções dessa produção?



Fonte: NETTO, Aguiar. **Psicologia, ciência e vida:** orientação educacional. v.3. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975, p.58.

Minha intenção, ao me apropriar e analisar<sup>24</sup> os livros de medicina, psicologia e educação publicados no século XX, foi escavar, buscar vestígios sobre uma possível configuração pedagógica que se manifesta na escrita desses autores e autoras e “arrancar a homossexualidade do campo da psicologia e da medicina, que têm se apropriado do assunto crescentemente” (FRY; MACRAE, 1991, p. 10). Para Foucault as ciências médicas penetraram insistentemente – e utilizando-se de inúmeros aparatos – nos prazeres sexuais das pessoas. O discurso biomédico

[...] inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originadas nas práticas “incompletas”; classificou como desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao “desenvolvimento” e às “perturbações” do instinto; empreendeu a gestão de todos eles (FOUCAULT, 2007, p. 48).

Neste capítulo intento demonstrar – ao descrever e problematizar as categorias que classifiquei como “*corpus* medicina/psicologia” e “*corpus* educação” – que as ideias médicas presentes nos livros publicados, assim como as formas de dizer dos autores e autoras quando construía seus argumentos ao se referirem ao “homossexualismo”, permitiram configurar o que denomino *pedagogia dos manuais médicos*.

Exponho abaixo os Quadros-Resumos das ideias do “*corpus* medicina/psicologia” e na sequência destaco as ideias do “*corpus* educação”. A descrição

<sup>24</sup> Como expressa Bardin (1979, p. 39): “o analista é um arqueólogo”. Ele ou ela, ao incursionar no labor investigativo complexo das ciências sociais, “trabalha com vestígios que se manifestam na superfície da mensagem” (MINAYO, 2010, p. 89).



detalhada juntamente com a problematização será feita logo após a apresentação dos Quadros-Resumos relacionados aos livros editados entre os anos 1920 a 1950. Acredito que, desta forma, consigo demonstrar como os discursos médicos sobre a homossexualidade foram interagindo e incorporando-se ao debate educacional. Isso não quer dizer que o processo tenha sido unilateral e sequencial. Não vejo dessa forma! Percebo que ambos são dinâmicos, se retroalimentam e, em alguns momentos, se afastam. Entendo que essa forma de apresentar os dados é uma atitude metodológica que visa facilitar o entendimento do que estou defendendo como tese.

## **2.1 Dos livros de medicina e psicologia – décadas de 1920 a 1950**

Os Quadros-Resumos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 sintetizam as principais ideias sobre a homossexualidade veiculadas em livros de medicina e psicologia publicados entre 1928 e 1955. São produções escritas por médicos e direcionadas para médicos de formação geral e médicos psiquiatras. Além disso, outros profissionais são citados como possíveis leitores: criminologistas, psicólogos/as e psiquiatras forenses, advogados/as e teólogos/as. Apenas o livro do Quadro-Resumo 5 é direcionado para o público em geral. O autor do livro descrito no Quadro-Resumo 4 além de médico era teólogo.


Os sete livros apresentados nos Quadros-Resumos referidos evidenciam que no período compreendido entre as décadas de 1920 a 1950 a discussão sobre a homossexualidade se fazia baseando-se principalmente em torno de explicações biológicas. As causas eram pensadas a partir da genética (hereditariedade). Percebi ainda que nesse período alguns autores não se limitavam a explicá-la apenas pela epistemologia da hereditariedade. A psicologia psicanalítica freudiana começava a aparecer nas discussões dos autores, embora os cânones biologicistas de explicação prevalecessem na época.

Outra característica observada nos livros desse período foi a presença destacada da ciência jurídica agindo na caracterização e gestão do homossexual. Mesmo com todo o movimento médico e psicologizante tentando retirar o homossexual da análise jurídica, os pressupostos da criminologia ainda se faziam presentes e o discurso do homossexual delituoso, criminoso e infrator operava produtivamente. Todavia, o discurso médico potencializava o discurso jurídico e vice-versa. As teses médicas eram consideradas fundamentais pelo aparelho judicial na caracterização e distinção entre o homossexual criminoso, delituoso, delinquente e vagabundo e aqueles diagnosticados como congênitos e endocrinologicamente afetados.

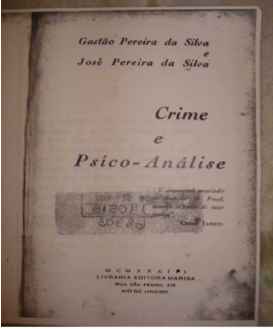
Medicina e psicologia tencionavam, disputavam o objeto, mas também se uniam para tentar explicar o fenômeno, considerado pela maioria dos autores como complexo e de difícil explicação. No entanto, ambas comungavam num aspecto: a homossexualidade era uma patologia. Enfermidade do corpo e da alma onde hormônios, hereditariedade, anatomia e psique encontravam-se em desordem.

As teorias higiênicas e o eugenismo aparecem como pano de fundo nas argumentações empreendidas pelos autores ao tratarem da homossexualidade em suas produções. Analisando os Quadros-Resumos abaixo percebemos com mais detalhes essas operações discursivas construídas pelos médicos da época.

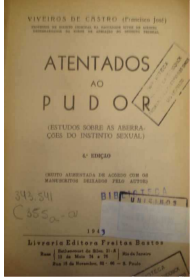
**Quadro-Resumo 1:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: FOREL, Augusto. **A questão sexual**. 2ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina (Sexologia)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1928</p> <p><b>Público-alvo:</b> médicos e psiquiatras.</p>	<p>-Baseia-se nas explicações biológicas; Percebe-se a influência do eugenismo nas proposições defendidas pelo autor; Observa-se sua simpatia pela explicação da homossexualidade via teoria hormonal.</p>
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO		CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>-O livro aborda o tema da patologia sexual. O autor apresenta suas proposições vislumbrando tratar a temática sexual nos mais variados aspectos: científicos, etnológicos, patológicos e sociais. - - - Realiza também um empreendimento discursivo no campo da terapêutica dos problemas sexuais;</p> <p>- Temas centrais do livro: doenças venéreas, psicopatologia sexual, masturbação, perversões sexuais (sadismo, masoquismo, homossexualismo masculino e feminino, voyeurismo, zoofilia, etc.), álcool e drogas, prostituição, religião e vida sexual, divórcio, aborto, eugenismo e sexo, educação sexual, vida sexual e arte.</p>		<p>- Enquadra a homossexualidade como patologia de cunho orgânico e hereditário. Recomenda o tratamento do homossexual pela administração de hormônios;</p> <p>- O autor acredita que fatores ambientais são reforçadores das práticas homossexuais como contatos em internatos e prisões.</p>
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orienta os leitores para que divulguem as verdades sobre o sexo;</li> <li>• É a favor de uma educação sexual que apresente os temas de forma clara e “verdadeira”;</li> <li>• Defende que é dever dos pais instruir os filhos de ambos os sexos sobre as verdades sexuais e os perigos do sexo;</li> <li>• É importante desenvolver a educação moral para agir sobre o caráter do indivíduo;</li> <li>• Importante falar às crianças sobre sexo desde o início. Tal ação faz com que ela eduque seus desejos.</li> </ul>		

**Quadro-Resumo 2:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: SILVA, Gastão Pereira; SILVA, José Pereira. **Crime e Psico-Análise**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Marisa, 1933. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Psicologia (Psicanálise) / Criminologia</p> <p><b>Formação dos autores:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1933</p> <p><b>Público-alvo:</b> advogados, médicos, psicólogos forenses e psiquiatras.</p>	<p>-Baseia-se nas proposições da psicanálise freudiana clássica.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro apresenta o papel da psicanálise na compreensão de crimes variados: homicídios, suicídios e crimes sexuais;</li> <li>• A discussão empreendida pelos autores tem o objetivo de caracterizar os aspectos educacionais a serem aplicados nos referidos crimes por entenderem que hereditariedade e ambiente andam juntas quando alguém se envolve em delitos;</li> <li>• As ideias de Freud são utilizadas para explicar o crime e o criminoso.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não há capítulo que trata do tema da homossexualidade e os autores não abordam o tema. No entanto, discutem, em detalhes, a importância da psicanálise no processo pedagógico de recuperação do criminoso;</li> <li>• Abordam também sobre o papel da educação na prevenção das anormalidades. Cita sucintamente o tema da educação sexual como forma de prevenção de crimes sexuais.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Para os autores quanto mais cedo se iniciar a educação sexual, “melhor serão os frutos colhidos”.</li> </ul>		

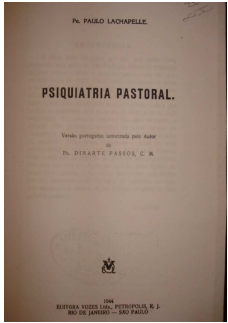
**Quadro-Resumo 3:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: VIVEIROS DE CASTRO, Francisco José. **Atentados ao pudor:** estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 4ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 1943. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina (Psiquiatria) / Psicologia / Criminologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1943</p> <p><b>Público-alvo:</b> médicos, psiquiatras forenses, psicólogos forenses e criminologistas.</p>	<p>-A abordagem da homossexualidade dá-se pelo viés biologizante. Hereditariedade e teoria hormonal têm lugar comum no pensamento do autor; As proposições da homossexualidade como um vício e crime encontram-se presentes no pensamento do autor.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro discute o tema da sexualidade utilizando as teorizações da patologia orgânica, da criminologia e da psicopatologia;</li> <li>• Discorre sobre uma série de aberrações do instinto sexual: exibicionismo, hermafroditismo, tribadismo, prostituição, pederastia, sadismo, masoquismo, voyeurismo, etc.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é nomeada como inversão sexual, pederastia ou uranismo;</li> <li>• O homossexual é informado pelo autor como sendo um sujeito afeminado e de personalidade característica: sempre feminino, gosta de objetos femininos, profissões femininas ou aqueles ofícios em que dá margem para o pederasta se aproximar dos homens sem causar estranheza;</li> <li>• A homossexualidade é percebida como uma condição congênita (uranismo). No entanto, o autor não descarta a possibilidade de haver indivíduos que praticam o homossexualismo por mero vício. Chama esses indivíduos de debochados. Tais pessoas não devem ser categorizadas como doentes. Assim, os ditos debochados e viciados devem ser presos e condenados. Os comprovadamente doentes precisam ser tratados;</li> <li>• Discute sobre os ambientes de confinamento na proliferação das práticas homossexuais. O autor aponta os internatos, as prisões e os dormitórios coletivos como ambientes de intensa prática pederástica.</li> </ul>		


### **PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS**

- Não há explicitamente proposições pedagógicas defendidas pelo autor. Todavia, a obra discute os aspectos da penalidade e punição para quem comete o ato pederástico. Se doentes, a indicação é para serem tratados e, na ausência da patologia detectada e diagnosticada, as operações do direito devem prevalecer: repressão penal para os viciados, debochados, corruptores de menores e prostitutos.

**Quadro-Resumo 4:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: LACHAPELLE, Paulo. **Psiquiatria pastoral**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1944. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina (Psiquiatria) / Teologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> medicina e teologia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1944</p> <p><b>Público-alvo:</b> médicos e teólogos.</p>	<p>-Mescla linhas de pensamento. Cita, reiteradas vezes, as proposições do biologismo quando discute a característica constitucional genética do perverso; Quando fala de hábitos adquiridos sustenta a ideia de que o ambiente é facilitador do processo de aprendizagem dos maus hábitos; O autor não faz referência às teorias da psicanálise, nem de Freud. No entanto, explicita que as aprendizagens de algumas perversões podem estar ligadas a contextos familiares e outros ambientes de interação.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trata-se de uma obra escrita por um padre médico e que discute temas da psiquiatria pelo olhar do catolicismo. Foi lido apenas o capítulo que trata do tema sexualidade (capítulo XI: Constituição perversa: delinquência juvenil, perversões sexuais, perversos e pervertidos e notas características do perverso).</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não existe abordagem específica sobre a homossexualidade, mas em determinados trechos discute o tema;</li> <li>• Aponta que ambientes de confinamento como internatos facilitam o aparecimento de práticas homossexuais entre os internos; Descreve como reconhecer o homossexual. Aponta que o efeminado é fácil de ser reconhecido e descreve algumas características para reconhecê-lo como a delicadeza e a falta de força física.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acredita na mudança de comportamento da criança que adquiriu o hábito perverso, sendo a educação um mecanismo eficiente para a mudança do mau hábito;</li> <li>• Sugere que vigilâncias devem ser sempre realizadas nos ambientes de confinamento;</li> <li>• Acusa professores e pais de não prestarem atenção nesses detalhes;</li> <li>• Reconhece que é difícil curar o perverso constitucional (que já nasce com a perversão).</li> <li>• Enfatiza o discurso do cuidado que a sociedade e os pais devem ter com as crianças para não tornarem-se delinquentes e pervertidos sexuais.</li> </ul>		

**Quadro-Resumo 5:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: FOUQUÉ, Charles. **Homossexualismo:** o amor que não ousa dizer seu nome. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1953. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.


<b>LIVRO</b>	<b>DADOS GERAIS DO LIVRO</b>	<b>PERSPECTIVA DA ABORDAGEM</b>
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1953</p> <p><b>Público-alvo:</b> Público em geral.</p>	<p>-A abordagem do tema se fixa nas teses das teorias biológica e endocrinológica; Para o autor o homossexualismo é um problema das glândulas e do cérebro; Nas proposições defendidas pelo autor há operações discursivas oriundas do higienismo.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro que trata exclusivamente do tema da homossexualidade;</li> <li>• O autor discorre sobre a importância do médico na identificação, caracterização e estudo dos sujeitos homossexuais;</li> <li>• A homossexualidade é tida como um fenômeno complexo. Mas, para o autor envolve determinantes hereditários e hormonais;</li> <li>• Expressa que a condição homossexual leva indubitavelmente ao ostracismo e solidão;</li> <li>• Os sujeitos devem procurar o médico para obter tratamento e cura.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os conteúdos da obra giram em torno da condenação dos atos homossexuais;</li> <li>• O autor discute o tema exemplificando casos e vivências em seu consultório;</li> <li>• Condena o homossexualismo e enquadra-o como patologia;</li> <li>• A homossexualidade é um distúrbio neuro-endocrinológico;</li> <li>• Produz em seu discurso a tipologia do homossexual: efeminado, de voz fina, delicado, frágil, solitário, sofredor, mentiroso.</li> </ul>		



## PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

- Se a homossexualidade for diagnosticada como congênita ou constitucional deve o pai e a mãe, e o próprio sujeito, se conformar porque ninguém pode transformar um homossexual constitucional em heterossexual. No entanto, sugere que um método eficiente para corrigir o homossexualismo neuro-endocrinológico é a educação dos desejos: o anormal deve evitar e rejeitar sua condição, exercer o autocontrole e praticar a castidade; Os filhos devem ser constantemente vigiados, sobretudo na puberdade.

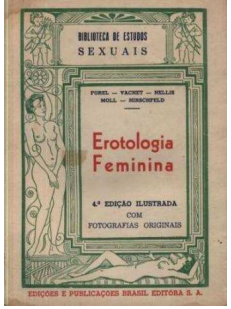
**Quadro-Resumo 6:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: IRAJÁ, Hernani. **Psicoses do amor:** estudos sobre as alterações do instinto sexual. 9ed. , Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1954. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina (Psiquiatria)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1954</p> <p><b>Público-alvo:</b> médicos e psiquiatras.</p>	<p>-A abordagem do livro é biologicista, patologizante e higienista.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro apresenta de forma minuciosa uma série de comportamentos classificados pelo autor como psicopatológicos: onanismo (masturbação), clitorismo, pederose (pedofilia), zoofilia, homossexualidade (inversão sexual), voyeurismo, necrofilia, etc. Além de apresentar a teoria sobre a anomalia homossexual, o autor discorre sobre casos característicos e a possível forma de tratamento.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é apresentada e discutida como vício, perversão e patologia;</li> <li>• Usa várias denominações para se referir à homossexualidade e ao homossexual: pederastia e pederasta; inversão e invertido; perversão e pervertido;</li> <li>• Defende que a homossexualidade pode ser congênita, mas também adquirida. Para o autor, mesmo nos casos em que se adquire, há um fato constitucional embutido;</li> <li>• Discute sobre fatores mesológicos (ambientais) que podem influenciar no desenvolvimento e prática da homossexualidade entre eles: quartéis, internatos, nas prisões e em todos os lugares onde indivíduos do mesmo sexo estão em contato íntimo (<i>invertidos acidentais</i>);</li> <li>• Divide os homossexuais em ativos e passivos; Classifica os homossexuais passivos como os difíceis de corrigir; O afeminamento é discutido pelo autor. Tal característica é usada para classificar e marcar os homossexuais tidos como verdadeiros: são iguais a mulheres, preferem vestimentas e profissões femininas. Enfim, descreve uma tipologia detalhada do invertido. Categoriza-o em detalhe.</li> </ul>		

### **PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS**

- Não há no livro de Hernani de Irajá um conteúdo explicitamente pedagógico para o combate ou prevenção da homossexualidade. No entanto, o autor deixa evidente sua posição quanto à terapêutica: é necessário tratar a psicopatia do invertido sexual.

**Quadro-Resumo 7:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS. **Erotologia feminina:** com fotografias originais. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora, 1955. A obra foi adquirida na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS), Porto Alegre.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina / Psicologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1955</p> <p><b>Público-alvo:</b> médicos, psiquiatras e psicólogos.</p>	<p>-O autor defende a perspectiva biológica da homossexualidade (teoria hormonal). No entanto, não deixa de considerar alguns aspectos da teoria freudiana como epistemologia explicativa; O higienismo é pano de fundo para a defesa de que atividades físicas e ocupações devem ser priorizadas. O sujeito deve se ocupar ao máximo. Só assim ele se livra de pensamentos libidinosos anormais.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro apresenta informações sobre a sexualidade feminina numa linguagem estritamente médica. Diferentes temas são abordados na obra: anatomia e fisiologia feminina, doenças ginecológicas, prostituição feminina, a sexualidade normal e anormal da mulher.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A obra apresenta um capítulo sobre o homossexualismo feminino. A homossexualidade feminina é descrita como patologia. Safismo e lesbianismo são as denominações dadas pelo autor ao tratar da homossexualidade feminina. O tema é minuciosamente apresentado: história e definição de safismo; homossexualismo feminino – a mulher-macho ou invertida;</li> <li>• Categoriza a homossexual como masculinizada produzindo um texto que conduz os/as leitores/as a pensar num tipo específico de pessoa;</li> <li>• O confinamento de mulheres deve ser evitado porque o homossexualismo se desenvolve nesses ambientes;</li> <li>• Esclarece que a masturbação é a prática mais freqüente que arrasta as mulheres ao safismo.</li> </ul>		

## PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

- A mãe tem papel fundamental na orientação da filha para que ela não se desvirtue; Os pais erram ao acharem que os filhos são ingênuos; Os pais devem estar atentos: desde tenra idade as crianças começam a observar as pessoas e seus vícios. Devem coibir as más aprendizagens e impedir que os filhos desenvolvam-nas. Crianças ocupadas dispersam pensamentos libidinosos. Por isso, os pais e professores devem ocupá-las sempre e conduzi-las em inúmeras atividades.

### 2.1.1 Eugenismo e higienismo: ferramentas médicas para a pedagogização dos/as homossexuais?

A história dos discursos da medicina nos séculos XIX e XX no Brasil, dos processos de medicalização da sociedade brasileira – principalmente a partir do começo do século XX – e do higienismo, tanto nas ciências médicas quanto na educação, conta com uma vasta produção teórica<sup>25</sup>, da qual me apropriei para apresentar esta breve síntese sobre o contexto sociocultural em que se inscreviam a medicina e a educação na primeira metade do século XX. Não pretendo realizar uma descrição exaustiva, mas situar historicamente o objeto de investigação que apresento e problematizo.

Para Figari (2007), a interpenetração entre Estado e Sociedade tem duas grandes consequências: a família se torna cada vez mais um espaço privado, enquanto o trabalho se volta cada vez mais ao público. A família, além de sua separação do contexto funcional do trabalho social, vai cedendo suas funções tradicionais de sustento e socialização. Os riscos e necessidades básicas que proviam o núcleo familiar estão agora em poder do Estado. Perde também sua função de transmissão, educação e reprodução de valores a favor de instâncias extrafamiliares de socialização e contenção. Conseqüentemente, “a formação discursiva que corresponde à moral sexual é produzida e reproduzida por outras instâncias, que adquirem um peso relativamente maior em relação à família” (FIGARI, 2007, p. 345). O indivíduo é interpelado agora mediante outros aparelhos ideológicos e outros discursos: o Estado, a ciência médica, a opinião pública e a escola.

Essa é, grosso modo, a formação ideológica dominante nas primeiras décadas do século XX: “a repressão e colonização do mundo da vida, os efeitos do racionalismo burguês e o suposto domínio sobre a natureza” (FIGARI, 2007, p. 345) e “a metáfora da ‘saúde’ estabelece agora hierarquias e *status* e opera como critério de diferenciação social” (FIGARI, 2007, p. 345). Assim, a saúde é tanto física como moral. O corpo burguês é o corpo sadio e harmonioso. Escrevem-se no corpo os traços do novo homem. Corpo regulado pela autoridade médica que lhe impõe tratamentos, remédios, exercícios e dietas. A dicotomia sadio/doente supõe um desequilíbrio que terá de ser restaurado: “A medicina e o médico, e não um mecanismo homeostático do próprio corpo ou apelos sobrenaturais, são os que agora

---

<sup>25</sup> O aprofundamento do tema pode ser feito com a leitura de alguns trabalhos nos quais se destacam: Stephanou e Bastos (2009); Stephanou (2009, 1999); Costa (2004); Engel (1986, 1989); Pereira (1994); Gondra (2010, 2005, 2004, 1998); Herschmann e Pereira (1994); Machado (1978); Marques (1994) e Carrara (1996).

outorgarão o bem-estar e afastarão as doenças” (FIGARI, 2007, p. 346).

O homem sadio é o homem branco, único capaz de desenvolver as plenas aptidões inerentes ao humano. É o homem virtuoso e trabalhador quem deve também controlar a saúde pública da Nação, isto é, a saúde pública de todos/as, “incluindo-se nesse ‘todos’ aqueles ‘não brancos’, ‘não sadios’ e os ‘perversos’” (FIGARI, 2007, p. 346).

De acordo com Maria Stephanou (2009), ao examinarmos os indícios da marcante presença da medicina em nossa cultura podemos pensar o quanto os discursos que hoje nos mobilizam estão intimamente relacionados aos que outrora se estruturaram, principalmente os discursos médicos do início do século XX. A autora citada afirma ainda: “trata-se, nesse sentido, de pensar como vimos nos constituindo no que somos, de maneira que os discursos médicos se fazem presentes em nosso modo de agir, pensar o mundo e a nós mesmos” (STEPHANOU, 2009, p. 143).

Para Leandra Sobral Oliveira (2007), aos médicos era atribuída a prerrogativa de alicerçar as bases sobre as quais toda uma nação poderia ser gerenciada. No começo do século XX uma medicina salvadora ganhou, talvez como em nenhum outro momento da história, a incumbência de construir corpos saudáveis e aptos a serem educados por um novo projeto político, econômico, social e educacional. A legitimação desse poder, no entanto, só foi possível porque uma série de medidas de ordem profilática passou a trazer para o cotidiano das cidades o conceito de cura.

No início do século XX enfermidades que atingia toda a população requeria ações urgentes, como a hanseníase, a tuberculose e a sífilis. Mas, para alguém ser curado, é preciso estar convencido de que se está doente e que existe uma pessoa habilitada a promover a cura. A educação era importante nesse processo de convencimento. Resultado: medicina e educação fizeram uma aliança: “a aliança entre medicina e educação se deu por essa via, ajudando a produzir um discurso educável e curável” (L. S. OLIVEIRA, 2007, p. 38). O convencimento da doença vinha da nova cena moral implantada nas mentalidades da época pelo médico como agente habilitado a definir as novas regras de higiene e normas de saúde.

A proclamação da república ressalta a busca por uma identidade nacional e a inserção do Brasil no rol das nações civilizadas. No início do século XX, o olhar da medicina apresentou uma nova configuração a este projeto nacional. Tal olhar pareceu ser o produtor de uma nova identidade atravessada por teorias higiênicas e evolucionistas contribuindo com a formação do caráter nacional dizendo que a questão essencial da brasilidade, ou melhor, a explicação da brasilidade é a questão da raça, da interação entre as raças. “À medicina não competiu apenas a tarefa de explicar a brasilidade, com o apoio do Estado: ela esculpiu esta

brasilidade, usando como matéria os corpos desses novos seres nacionais” (L. S. OLIVEIRA, 2007, p. 39).

Os ditos sobre a experiência sexual homossexual presentes em livros de medicina e de psicologia do período de 1920 a 1950 instituíam uma forma de pensar e agir: examinar os corpos e descobrir em seus relevos traços de uma possível desordem interna; perceber indícios morfológicos que denunciasses um desacordo no comando hereditário; mas também realizar o escrutínio das ações e dos hábitos dos indivíduos. Era o período em que eugenismo e higienismo andavam juntos e firmavam-se como epistemologias acessórias do saber médico, mas não como simples apêndices. As teorias eugênicas e higiênicas faziam muito mais: adicionavam conteúdos que ultrapassavam os temas médicos clássicos. Ambas potencializaram o saber-poder médico adicionando conteúdos de ordem moral. O saber médico “se tornou hegemônico no final do século XIX e começos do século XX e institucionalizava uma representação de ‘corpo’, ‘ordem social’ e ‘moralidade’ ancorada em uma certa concepção de higiene e eugenia” (L. S. OLIVEIRA, 2007, p. 14).

Giselle Volpato dos Reis (2006, p.36), ao analisar a produção intelectual brasileira sobre sexologia e educação sexual no Brasil no período de 1920 a 1950 tendo como objeto de investigação as obras do médico José de Albuquerque, informa que “o foco de preocupação do movimento higienista era a descoberta das doenças que colocavam em risco a saúde pública” sendo que “a Medicina das primeiras décadas do século XX estava influenciada pela ideologia da higiene e raça e a formação e atuação dos médicos eram fundamentadas em autores europeus a ela adeptos e aos eminentes médicos brasileiros que trouxeram a eugenia e o higienismo para o Brasil” (REIS, 2006, p. 38).

De acordo com Reis (2006), o século XIX é marcado por uma nova ética do trabalho, por novas políticas de controle social, novos padrões de moralidade para os comportamentos sexuais, sociais e afetivos. Um modelo de família estava sendo organizado e com isso novos valores. A eugenia, inventada por Galton em 1883, e expandida por Bateson a partir de 1898, traz o poder da hereditariedade de forma decisiva no contexto valorativo da época. A eugenia foi definida como a ciência que se propunha a estabelecer princípios e regras para a formação de proles sadias de corpo, sadias de espírito. A Eugenia, como uma ciência do melhoramento da raça humana, desenvolveu-se no Brasil alicerçada diretamente em outra doutrina afim, o Higienismo. A Eugenia, aliada ao Higienismo, ganharam força na Primeira República, como ciências capazes de remodelar o “povo brasileiro”. O eugenismo deu ares científicos às concepções racistas que circulavam no Brasil, sendo incorporado no arsenal conceitual médico. A recepção dessas concepções foi efetivada pelos médicos e por



peças com formação na área biológica ou nas ciências naturais, uma vez que requerem conhecimentos originários da incipiente genética (L. S. OLIVEIRA, 2007).

Eugenismo e higienismo eram mais que teorias. Configuraram-se como políticas que se inseriram em diversas ordens: médica, jurídica, familiar e educacional. Políticas oriundas de teorias científicas inventadas no século XIX. Operações discursivas geradas e geridas pelas ciências biológicas e disseminadas para a medicina, o direito, a educação e a pedagogia que por sua vez adicionavam seus conteúdos aos pressupostos eugênicos e higiênicos tornando-os inquestionáveis.

A sociedade precisava ser controlada. O crescimento da população, os conflitos oriundos desse processo e as demandas econômicas geradas pelo vertiginoso crescimento das cidades precisavam ser controlados, modelados, governados. Era o momento de instituir modelos, regras, índices e estatísticas. Instituições sociais tradicionais são chamadas para compactuar com esses ideais: a família é chamada, a escola é chamada. O Estado traça um conjunto de estratégias para conter os desvios e os excessos sociais. A Nação ideal é aquela que se controla e controla seus membros. Controlar os nascimentos, controlar as doenças, controlar as mortes, controlar a sexualidade. Controlar pela informação. Controlar pela ciência. Produzir sujeitos que sejam competentes e produtivos (COSTA, 2004).

Ledo engano pensarmos que somente as teorias da hereditariedade e da evolução guiavam o ideal eugênico. Ingênuo ainda é pensarmos que as táticas higienistas serviram exclusivamente para combater doenças infecciosas e sanear o meio ambiente. As perspectivas eugênicas e higienistas ampliaram seu espectro de atuação. Foram mais incisivas e seus objetivos não ficaram circunscritos apenas ao corpo social. As substâncias de suas ideologias adentraram ao ambiente familiar. Segundo Oliveira,

O higienismo, que tinha como finalidade básica o controle e a delimitação das famílias, preconizava o ensino de novos hábitos visando a saúde pública e a educação. [...] No contexto de organização produtiva, política e geográfica do Brasil republicano, encontramos iniciativas mais amplas do poder público no âmbito da saúde, acompanhadas da adoção de campanhas educativas, policiamento sanitário, saneamento de portos e cidades, imunização em massa e isolamento de doentes. Tais ações de caráter essencialmente prático, visavam basicamente um sistema de regulação no qual as famílias eram os alvos prioritários (2007, p. 19-20).

A família em foco. As ideias eugênicas e higiênicas são reconfiguradas e partem do macro para o micro. O ambiente familiar é o foco porque o apoio dessa instituição era fundamental para o Estado brasileiro. Pôr em prática alguns projetos nacionais passava primeiro pela colaboração e apoio da família. Ela, ao lidar direta e intermitentemente com a socialização e educação dos sujeitos, não poderia estar de fora das estratégias coercitivas

estatais. Estabeleceu-se assim “nova estratégia onde novos agentes de coerção foram aliciados, convertidos, manipulados ou reorientados nos seus mais diversos interesses e formas de agir” (COSTA, 2004, p. 28).

Dentre estas políticas específicas, uma tomou como alvo a família. [...] A higienização das cidades, estratégia do Estado moderno, esbarrava frequentemente nos hábitos e condutas que repetiam a tradição familiar e levavam os indivíduos a não se subordinarem aos objetivos do Governo. A reconversão das famílias ao Estado pela higiene tornou-se uma *tarefa urgente dos médicos*. [...] A família não poderia ser tratada como um adversário político-militar em situação de guerra. Seu lado guerreiro, embora mais exuberante, não era o mais ofensivo. Ela dispunha de mecanismos de poder bem mais ousados e que não se dobravam à punição. Os componentes do poder familiar são então submetidos à nova avaliação e classificação. Em seguida são criadas técnicas de persuasão e manobras de ataque. Ao conjunto desse dispositivo a medicina social dará o nome de higiene familiar (COSTA, 2004, p. 30-31). (grifos meus).

A figura do médico tornou-se fundamental no processo de disciplinamento da família para que ela se aliasse ao projeto de modernização encaminhado pelo Estado brasileiro e que visava “a construção de uma ordem civilizada nos trópicos” (GONDRA, 2010, p. 543). Ordem civilizada que deveria progredir. Progresso necessário porque o capitalismo insidia, exigia novos mercados, novas formas de consumir. A ordem era ter um Brasil livre do atraso, livre da pobreza, livre de seu passado colonial e escravista. A ordem era limpar o passado, mas o pretérito estava na carne, na diversidade, estava visível e misturado. O/A negro/a, o/a mulato/a, o/a pobre, o/a leproso/a, o/a sífilítico/a, o/a prostituto/a, o pederasta estavam aí. Manchas diluídas no sangue nacional e que envergonhavam e colocavam o projeto do Estado brasileiro em descrédito perante aquelas nações consideradas modelos de civilização. O que fazer? O que usar para “limpar” o sangue maculado? Como chegar à ordem e ao progresso tendo que conviver com esses objetos incômodos? Como superar essas “chagas” sociais? Costa (2004, p. 35) defende que “o dispositivo médico foi uma das peças fundamentais desse equipamento” para tentar estabelecer a ordem tão almejada. Diz ainda: “A tarefa dos higienistas era a de converter os sujeitos à nova ordem urbana. [...] Esta ordem, contudo, precisava ser aceita, pois dela dependia a prosperidade das elites e o progresso do Estado” (p.36).

Desenvolvendo uma nova moral da vida e do corpo, a medicina contornou as vicissitudes da lei, classificando as condutas lesa-Estado, como anti-naturais e anormais. Todo o trabalho da persuasão higiênica desenvolvida no séc. XIX vai ser montado sobre a ideia de que a saúde e a prosperidade da família dependem de sua sujeição ao Estado. [...] a conversão do universo familiar à ordem urbana foi um dos seus objetivos fundamentais. A maioria das prescrições higiênicas visavam essa “reuropeização” dos costumes. Mas, essa reurbanização da família não podia deter-se na fronteira da cidade. A família reurbanizada estava incluída na estratégia de “nacionalização” (COSTA, 2004, p. 64).

As estratégias estatais consubstanciadas pelas teorias higiênicas visibilizaram o médico. Além de agente no processo de diagnóstico, cura, tratamento e prevenção das enfermidades, o médico tornou-se um orientador, um conselheiro, um articulador, um estrategista, uma figura influente e que influenciava – seja no gabinete do governador, exercendo um cargo público de destaque, clinicando em seu consultório ou diagnosticando uma patologia na alcova de um cliente seu. E porque não qualificá-lo como um educador?

O médico passa a ter um papel social mais amplo. [...] Ele se torna um cientista social integrando outras disciplinas – tais como a estatística, geografia, demografia, topografia, história – à sua lógica e configura-se como um planejador urbano. Além disso, nesse novo papel, *o médico também se transforma em um educador e guardião da moral e dos bons costumes*, à medida que o projeto de higienização se amplia e passa do espaço público das cidades à interioridade dos lares (VIEIRA, 2002, p. 22) (grifos meus).

Ele agiu (age) produzindo e disseminando discursos sobre o processo saúde-doença. Produziu (produz) e veiculou (veicula) informações sobre a necessidade de um ambiente saudável, de um corpo saudável, de uma sexualidade hígida. Os médicos conduziram (conduzem) campanhas colocando em evidência as necessidades da sociedade, da população e dos indivíduos em sanar (e sanear) as deficiências do corpo e da alma. Apontaram (apontam) várias deficiências na estrutura que controla as deficiências: deficiências da engenharia de saneamento e de sua cobertura no território nacional, deficiência no número de hospitais, deficiências na distribuição e controle químico da água potável, deficiência de insumos para controlar e curar patologias, etc.

Além de apontarem as deficiências orgânicas e psicológicas também apontaram, trataram e agiram na cura das deficiências morais: os desequilíbrios de personalidade, as imoralidades trazidas pelas “doenças de Vênus”, a delinquência, a criança perversa, o pederasta, o/a pedófilo/a, o/a gerontófilo/a, o/a necrofílico/a, o/a sadomasoquista, a histérica e outras “deficiências”.

A higiene é importante para as pessoas e não nego sua tecnologia. Os feitos médicos sobre o controle de doenças infecciosas e parasitárias, a criação de inúmeros medicamentos e vacinas, a viabilização de tratamentos na minimização ou cura de doenças degenerativas e graves, a invenção de novas técnicas cirúrgicas e de inúmeras terapias, enfim a viabilização de todo um aparato tecnológico visando à saúde dos sujeitos são ações fundamentais. Fazem parte da vida e de nosso consumo. Não é disso que estou tratando e não constitui foco de minha problematização. O que aponto são as estratégias de saber-poder operadas por uma política que não se preocupou apenas com o bem-estar e saúde da

população. Refiro-me ao exercício de um poder que operou também para posicionar sujeitos visando sua desqualificação e desvalorização. Quero apontar o outro lado, aquele que em alguns momentos não aparece. Minha preocupação é expor as estratégias de saber-poder que produziram diferenças estigmatizantes e preconceituosas. Diferenças que também nasceram de discursos médicos e que vêm se arrastando até hoje e culminando, em alguns casos, em homofobias configuradas a partir de ideias históricas da biomedicina, dentre outras. Jurandir Freire Costa (2004), na obra *Ordem Médica e Norma Familiar*, nos alerta para esse detalhe que não pode ser esquecido. Ao realizar uma extensa problematização sobre o discurso médico e salientar a produção de uma ordem médica nacional que operou na higienização da família brasileira, sobretudo na primeira metade do século XX, esclarece:

Descritos nesses termos, a ação médica sobre a família pode parecer historicamente injusta. É provável que se venha a evocar o nível de benefícios reais extraídos do progresso científico que representou o avanço higiênico. Também é possível que se aponte para o ideal revolucionário-racionalista, que inspirou os médicos franceses, como fundamento filosófico implícito nas intenções médicas. Tais considerações, embora legítimas, merecem ser devidamente analisadas no papel que elas têm nesse trabalho<sup>26</sup>. No que diz respeito ao progresso científico da higiene, seus benefícios para os indivíduos são inegáveis. Não se trata de negar ou desvalorizar a importância desses fatos. O que importa é notar que a própria eficiência científica da higiene funcionou como auxiliar na política de transformação dos indivíduos em função das razões de Estado (COSTA, 2004, p. 32).

Os médicos apontaram também as deficiências da educação, principalmente aquelas relacionadas à educação moral. Educação deficiente que poderia ser corrigida por um profissional que foi construído como tendo todos os qualificativos para realizar essa tarefa: o médico. Aqui não faço alusão às médicas. De acordo com Lycurgo Santos Filho (1991), a profissão médica no Brasil foi exercida até a segunda metade do século XX quase que exclusivamente por homens. A linguagem que Santos Filho (1991) usa em seu texto sugere mesmo que as mulheres pouco exerciam essa profissão:

No período que se estende do século XVI a princípios do século XIX, os profissionais *habilitados, portadores* de ‘licenças’, que exerceram a Medicina no Brasil, foram *os físicos e os cirurgiões*. Sofreram estes a concorrência dos não *habilitados*, isto é, *dos ‘práticos’, designados* por uma vasta sinonímia – *curandeiros, curadores, entendidos, curiosos...compreendidos* nessa categoria *os jesuítas, os pajés, os boticários, os enfermeiros, os barbeiros...* (SANTOS FILHO, 1991, p. 303) (grifos meus).

Mulheres se formaram em Medicina no Brasil: “A primeira médica a se formar na faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi Josephina Pires Ramos, do Rio Grande do Sul,

---

<sup>26</sup> Aqui o autor está se referindo ao seu livro.

em 1881” (GONDRA, 1998, p. 41), mas quantitativamente elas não expressavam a força do discurso biomédico higienista brasileiro. Os médicos eram os sujeitos do discurso: “Os médicos constituem-se nos sujeitos que formulam, avaliam e fazem circular o discurso” (GONDRA, 1998, p. 41) da saúde e da doença.

Para Gondra (1998), se, por um lado, a categoria “médicos” possibilita identificar os autores deste tipo de discurso, ela é, ao mesmo tempo, insuficiente para reconhecer, com precisão, que sujeitos essa identificação, pelo tipo de ofício, encobre. Para ele, as famílias dos futuros médicos tinham características em comum: ter relações diretas com o poder político central e com poder militar (ou serem originados deste último). Com isso, pode-se estabelecer que os futuros médicos haviam nascido em “bons berços” e que a titulação em um curso superior fazia com que tivessem a posse de mais um critério de classificação social, o que facilitava e favorecia a reprodução de sua condição social. Os sujeitos do discurso médico do século XIX eram homens, brancos e membros da elite material e cultural da sociedade da Corte. E essa característica, de acordo com Gondra (1998), não se modificou no Brasil do século XX.

Elite que utilizou as teorias eugênicas e higiênicas para (des) classificar, (des) qualificar e estigmatizar aqueles e aquelas que não se enquadravam nos padrões por eles divulgados. Discursos autorizados pela Ciência e pelo método científico e que os médicos usaram e também se resguardaram para falar de inúmeros temas que envolviam seu ofício, incluindo nesse rol a sexualidade.

Segundo Trevisan (1986), foi através do especialista em higiene que o Estado imiscuiu-se no interior das famílias. Com livre-trânsito nesse espaço outrora impenetrável à ciência, o médico-higienista acabou impondo sua autoridade em vários níveis. Além do corpo, também as emoções e a sexualidade dos cidadãos passaram a sofrer interferência desse especialista cujos padrões higiênicos visavam melhorar a raça e, assim, engrandecer a pátria. A partir da ideia de um corpo saudável, fiel aos ideais de superioridade racial da burguesia branca, criavam-se rigorosos modelos de boa-conduta moral, através de uma imposição da sexualidade higienizada, dentro da família. A ideologia higiênica deu um passo adiante dos métodos da Inquisição, que praticavam um controle relativo. Agora, pretendia-se o exercício de um controle através e em nome da ciência, que a tudo presidia com uma aura de neutralidade. Se o padrão higiênico-burguês colaborou para extinguir os bestiais castigos do período colonial, também é verdade que cobrou seu preço, ajudando a criar um cidadão auto-reprimido, intolerante e bem-comportado inteiramente disponível ao Estado e à Pátria. A nova ordem que a normalização higiênica instaurou utilizava o cientificismo para exercer um

controle terapêutico que substituísse o controle religioso. Ao se distanciar progressivamente do universo da lei (secular ou religiosa), a ideologia higienista colocava seus referenciais no terreno da norma. Agora, os cidadãos deviam obediência menos a Deus do que ao médico e, em lugar do dogma cristão, passou a imperar o padrão de normalidade. Por essa brecha é que a psiquiatria pôde entrar, para aprimorar o controle da ciência sobre pessoas com prática sexual desviante (TREVISAN, 1986).

Pode-se dizer que alguns médicos do século XX construíram a ideia de que detinham todos os atributos técnicos e científicos para falar de temas tidos como difíceis e complexos como a homossexualidade. Além disso, diziam que eram “imparciais” e dotados de “virtudes” que os tornavam, por excelência, os sujeitos indiscutivelmente preparados para adentrar na intimidade de “seus pacientes”. Os doutores realizaram inúmeras ortopedias (FOUCAULT, 2008) no sexo tendo como meta “corrigir” os desviados. Analisemos o conteúdo de um fragmento da introdução do livro *Homossexualismo: o amor que não ousa dizer seu nome*. O autor, doutor Charles Fouqué (1953, p. 5-6), escreveu sobre a ousadia do médico em “falar francamente” do homossexualismo. Para ele, só um médico tem o direito de se apossar de tema tão amedrontador.

*Será um vício ou erro da natureza? Nesse estudo, até certo ponto ousado, o Autor, esmera-se por não deixar na sombra nenhuma das faces do homossexualismo. Em nenhum momento **ele se esqueceu de que é primeiramente um médico, ou seja, um homem que não se pode amedrontar com os vários comportamentos sexuais e que tem o direito de falar francamente sobre o assunto.** Se algumas vezes eu der a impressão de que fujo às regras da moral convencional, não **poderei nunca perder de vista, como em meus outros livros, as regras da moral prática. Esforçar-me-ei por conservar-me, particularmente nesta obra, humano, ou melhor, compreensivo. Sabendo quão frágil mostra-se a responsabilidade humana em face deste medonho desconhecido neuro-endocrinológico do qual ignoramos quase tudo, comandado pelo mistério hereditário sobre o qual não temos senão vislumbres, eu me guardarei primeiramente de julgar e, mais ainda, condenar. Eu quero que os meus irmãos ou minhas irmãs que se atormentam com o amor de olhos baixos sintam, lendo-me, que esta obra não é para eles nem um ultraje nem uma homenagem, porém um ensaio de compreensão** (FOUQUÉ, 1953, p. 5-6) (grifos meus).*

Assim como Charles Fouqué (1953), inúmeros foram os médicos que usaram esse discurso na intenção de desvelar o “medonho desconhecido neuro-endocrinológico” (FOUQUÉ, 1953, p. 6). A vontade de saber sobre “o amor de olhos baixos” (FOUQUÉ, 1953,

p. 6) impulsionou cada vez mais os operadores da medicina a cristalizarem a ideia de terem o direito de “falar francamente” (FOUQUÉ, 1953, p. 5) desse “assunto” (FOUQUÉ, 1953, p. 5).

Para Carlos Alberto Messeder Pereira (1994, p. 96), qualquer tentativa que queira avaliar os efeitos do saber-poder do discurso médico precisa, necessariamente, conhecer “o modo como esses médicos avaliam tanto seu papel quanto o da medicina e, especificamente, o modo como a definem”. Em seu estudo, Pereira (1994) analisou o discurso produzido sobre a homossexualidade na década de 1930 a partir de textos escritos por médicos legistas. Renomados médicos legistas prefaciavam livros de outros médicos e ao realizarem essa tarefa aproveitavam o espaço para marcar a importância da medicina e do médico na gestão do “amor de olhos baixos” (FOUQUÉ, 1953, p. 6). Pereira (1994, p. 96-97) transcreve em seu estudo – reproduzo literalmente sua transcrição – alguns trechos dessas “Apresentações” e “Prefácios” para demonstrar que a ordem médica utilizava-se desse artefato cultural para marcar e impor sua ideologia:

No prefácio do livro *A inversão dos sexos*, de Estácio de Lima [médico legista], Afrânio Peixoto [também médico legista] afirma: “E. de Lima inscreve-se na grande reivindicação dos Krafft-Ebing, Moll, Havelock Ellis, Hirschfield, Bolck, Marañón, principalmente, que reclamou o conhecimento desses doentes, para tratá-los. Hormônios suplementares e não anátemas”. E o próprio Estácio, nas primeiras páginas desse trabalho, fazendo suas algumas palavras de Krafft-Ebing, de Tardieu e do Mestre Afrânio Peixoto afirma: “Não será demais ainda repetir as expressões de Krafft-Ebing: ‘Quando se faz da psicopatologia da vida sexual o objeto de estudo científico, acha-se em presença de uma das faces sombrias da vida e da miséria humana; e, nestas trevas, a *imagem divina*, criada pela imaginação dos poetas, muda-se em máscara horrível. Vendo-a, o investigador desespera-se, então, da moralidade e da beleza da criatura feita à imagem de Deus. (*Psyc. Sex.*, Prefácio)’. Depois, conclui com as palavras de Tardieu, abraçando a doutrina melhor: “Miséria física ou moral nenhuma, nenhuma ferida, por mais corrompida que seja, deve espantar aquele que se devota à ciência do homem, e ao mistério sagrado da medicina, obrigando-o a tudo ver, permitindo-lhe, também, tudo dizer...”. E o nosso preeminente mestre Afrânio Peixoto abre as páginas vigorosas da *Sexologia forense* com este pedaço de S. Clemente de Alexandria, no *Pedagogo: Não deveríamos ter vergonha de falar do que não teve Deus vergonha de criar*. (grifos do autor).

Krafft-Ebing (1840-1902), Albert Moll (1862-1939), Havelock Ellis (1850-1939), Magnus Hirschfield (1868-1935), Marañón (1887-1960), Auguste Ambroise Tardieu (1818-1879), dentre outros, foram grandes vultos da sexologia internacional que se dedicaram ao estudo da patologia sexual (BELMONTE, 2009). Esses autores, citados por Afrânio Peixoto no Prefácio do livro de Estácio de Lima, foram os primeiros a inventarem “tipos” de sujeitos que apresentavam uma suposta sexualidade perversa, portanto anormal (BELMONTE, 2009; BIRMAN, 2001; FOUCAULT, 2007; LANTERI-LAURA, 1994; MACHADO, 2010; MONTARDO, 2008; L. S. OLIVEIRA, 2007; PEREIRA, 1994; REIS, 2006). Esses autores

eram lidos e seguidos pela *intelligentsia* médica brasileira do início do século XX como fizeram Afrânio Peixoto e Estácio de Lima.

Não devemos nos esquecer do criminologista italiano César Lombroso. Ele foi referência para incontáveis médicos e juristas nacionais e internacionais (BELMONTE, 2009). No século XIX, e até a segunda metade do século XX, Lombroso, ao produzir conhecimento e divulgar suas teses baseadas principalmente na anatomia do “tipo criminoso”, contribuiu para a construção da ideia jurídica de que o homossexual não era um pecaminoso e sim um sujeito de delito que deveria ser punido pela lei.

A escola italiana, através de seus principais representantes – Beccaria, Garofalo e Lombroso – apontaram a necessidade de eliminar a religiosidade que cercava delitos e crimes, permitindo assim, o surgimento do que se viria a se chamar criminologia. Nesta direção, Lombroso realizou pesquisas craniométricas de criminosos, abrangendo fatores anatômicos, fisiológicos e mentais. [...] Lombroso criou assim, ma figura do criminoso nato, a qual dominou os estudos de criminologia durante grande parte do século XIX. Para ele o criminoso trazia em seu próprio corpo as marcas de sua potencial periculosidade. Assim, o estudo clínico do criminoso deveria se centrar mais no próprio indivíduo e no caráter endógeno da determinação de seu comportamento. [...] Lombroso relacionava certas características físicas, tais como o tamanho da mandíbula, à psicopatologia criminal, ou à tendência inata de indivíduos sociopatas e o comportamento criminoso dos mesmos. Chamava assim a atenção para a importância de estudos científicos da mente criminosa, um campo que se tornou conhecido como antropologia criminal. Essa teoria teve bastante influência na Europa e especialmente na América Latina, onde até os anos 30 encontravam-se seguidores da então chamada escola antropológica italiana, inclusive no Brasil (BELMONTE, 2009, p. 33-34).

As ideias de Lombroso de certa forma impulsionaram um movimento que colaborou para que houvesse um distanciamento da religião ao ser abordado o tema da homossexualidade nos campos do direito e da medicina. Mas, causaria novas disputas, novos conflitos. Agora entre direito e medicina. Pereira (1994, p. 92-93) fornece dois exemplos que materializam a celeuma causada por esses campos discursivos. Ao apresentar prefácios de livros escritos pelos médicos Afrânio Peixoto no ano de 1935 e Gregório Marañón em 1929, ele nos mostra as tensões que a disputa ocasionava:

Afrânio Peixoto, no prefácio do livro de Estácio de Lima intitulado *A inversão dos sexos* (1935), afirmava: “Não é um pecado, um crime, um vício a punir, mas um desvio orgânico, uma malformação interna, a diagnosticar, reconhecer e obviar ou corrigir. Não religião ou direito, que nada têm que fazer aqui, senão higiene, medicina, cirurgia talvez, para repor o homem desviado, a mulher pervertida, na saúde normal. Não mais, como nas idades peremptas, expelir o leproso ou o sífilítico porta-fora das cidades, temendo o contágio, senão os isolar em hospitais, onde se lhes dêem trato e saúde. Todos os anátemas e códigos não evitarão, não corrigirão uma inversão sexual. Ela se tratará por meio idôneos”. Também Gregório Marañón – professor da Universidade de Madri, autor de *La Evolución de la Sexualidad y los Estados Intersexuales* (1929), que apresenta o livro de Leonídio Ribeiro (*Homossexualismo e Endocrinologia*), afirma no prefácio: “(...) o homossexual não



deve ser tratado, a priori, como delinquente, Um homossexual é um anormal, e como tal, cai dentro da jurisdição do médico. (grifos do autor).

No Brasil dos anos 1930 a tensão causada por essa disputa era acirrada e estampada em diversas produções médicas. Pereira (1994) observou a recorrência desse tema em alguns textos escritos por médicos legistas brasileiros. A disputa entre medicina e direito fez emergir um conjunto de proposições “que pareciam constituir um conjunto significativo em termos da atualização de um *modo de falar*, de discursos que de certa forma *fundavam* a discussão *moderna* da questão da homossexualidade no Brasil” (PEREIRA, 1994, p. 89). (grifos do autor).

Que *modos de falar* eram esses apontados por Pereira (1994)? Que ideias poderiam estar *fundando* a discussão moderna sobre a homossexualidade no Brasil na década de 1930? Que interesses tinha a classe médica em tomar pra si a gestão do corpo homossexual? As afirmações de Pereira (1994) me levam a problematizar ainda mais: esses *modos de falar* já evidenciavam uma forma de conduzir ou uma forma de dizer como conduzir o homossexual? Retornemos a Pereira (1994). Referindo-se aos textos produzidos pelos médicos legistas da década de 30 do século XX, expressa:

Os textos foram escritos por médicos, representantes praticamente todos da medicina legal ou situando-se no interior do debate atualizado nesse campo do saber, com sólidas posições nas escolas de medicina da época, tendo alguns, passagens mais ou menos duradouras pelas faculdades de direito. Já numa primeira leitura, uma preocupação recorrente nesse conjunto de obras se destaca: retirar o debate da questão da homossexualidade da esfera da moral, da religião ou do direito e colocá-lo no seu contexto “devido”, qual seja, o da *medicina*, campo marcado, nessa hora, por uma reivindicação: o “direito de curar” (PEREIRA, 1994, p. 89-90) (grifos do autor).

A cura. Por que a cura? A patologia é algo indesejável. Todos querem se livrar de chagas, de dores, de desconfortos, de problemas que afligem o corpo e a alma. Isso quem nos ensinou foi a medicina. De fato, estar doente é uma situação desconfortável. O médico tem esse poder. O poder de sanar a dor. Esses/essas profissionais apresentam os atributos técnicos para poder gerir a situação. Não só a cura, mas também a possibilidade do conhecimento da causa, do tratamento e da prevenção de doenças. Atributos da formação e do ser médico/a que geram auras de saberes e poderes. Poderes para ser, dizer, opinar, conduzir. Ter conhecimento sobre uma patologia é ter a possibilidade de manipulá-la, tratá-la, preveni-la e curá-la. É ter a possibilidade de geri-la mesmo quando a cura, o tratamento ou a prevenção não estejam disponíveis, são inviáveis ou inexistem. Mas, mesmo assim a gestão pode acontecer. Pode-se administrar o objeto tido como anormal pelas suposições, pelas hipóteses, pelo que se tem

disponível. Entendo o discurso médico como um discurso pedagógico que se reveste de todo um aparato teórico e prático a fim de gerar mudanças naquilo que é considerado inadequado. O conhecimento sobre as doenças e seu possível tratamento e/ou cura instrumentaliza o médico a dizer para seu/sua paciente o que fazer, como fazer, o que não deve ser feito, até onde deve ser feito, onde deve parar. Entendo essas operações como pedagógicas porque nelas existem intenções, existe um método, não um método pedagógico como convencionalmente pensamos – ou até pode existir! – mas, um método médico que conduz o processo para uma mudança. O processo é pensado, teorizado, avaliado e espera-se um resultado final. No caso médico: o tratamento, a cura ou a prevenção da patologia. No entanto, não é só isso. A medicina espera mais: que suas ideias sejam disseminadas, compactuadas, endossadas, reproduzidas. Os/as médicos/as não se contentam apenas com a cura e o tratamento dos “seus pacientes”. O sucesso do ato médico torna seu discurso mais convincente, mais verdadeiro, mais poderoso... Como acontece também com o/a juiz/a, com o/a pastor/a, com o/a padre/madre, o/a professor/a, etc. E esse discurso deveria ser reproduzido, propagado e tornado verdade. Entre os anos 1920 e 1950, um potente artefato cultural disseminador dessas verdades eram os livros médicos.

O discurso da cura totaliza o médico. Torna-o mestre dos mestres. É um discurso que, de certa forma, endeusa sua prática e maximiza seu poder.

Percebe-se, claramente, uma enorme valorização, seja do saber médico, seja do próprio médico, como dotados de uma capacidade semidivina de objetividade e de acesso à verdade, o que termina por compelir essa “vanguarda autoritário-progressista” ao exercício do “ministério sagrado da medicina” (PEREIRA, 1994, p. 96).

Os trechos dos livros que apresento abaixo revelam a construção dessa ideologia: o médico como instrutor, conselheiro, pessoa capaz de resolver os inúmeros problemas dos “seus pacientes”. Ele deve ter em mente que precisa ser cauteloso, paciente e discreto ao instigar seu/sua cliente acerca dos temas nebulosos e constrangedores. Além disso, seu discurso deve acalmar. O médico, acima de tudo, deve ser um guia. Precisa exercitar a tática de conduzir o enfermo – e as pessoas próximas ao sujeito qualificado como patológico – a refletir sobre sua anormalidade ou prática anormal. Inculcar no doente a ideia de que é importante livrar-se da prática qualificada como indesejada.

*O medico tem o dever de **instruir e aconselhar** amigavelmente as pessoas que o consultam sobre questões sexuaes. [...] Não deverá assustar ou reprovar o pobre hypocondriaco que lhe vem confessar masturbação, nem os pervertidos sexuaes, de qualquer natureza que*

*sejam, e a menos que não ofereçam verdadeiros perigos (sadistas, etc.) deverá **acalmal-os e guial-os***” (FOREL, 1928, p. 428-429) (grifos meus).

**Consultai** o vosso médico se qualquer coisa em seu comportamento vos parecer anormal (FOUQUÉ, 1953, p. 100) (grifos meus).

*Sempre que for necessário, **consultem-se** médicos clínicos e especialistas criteriosos* (NEVES, 1954, p. 200) (grifos meus).

*O médico ajuda o doente, pelos **seus conselhos**, a livrar-se dos laços da carne, **acalmado** pela higiene, exercícios físicos, psicoterapia* (FOUQUÉ, 1953, p. 112) (grifos meus).

*O homo-sexualismo representa um desvio. É o menos que se pode dizer. **O médico deve, portanto, esforçar-se em combatê-lo*** (FOUQUÉ, 1953, p. 98) (grifos meus).

Além disso, o médico é um intelectual, deveria abandonar práticas que tornavam seu trabalho desacreditado pelos seus pares e a comunidade científica em geral. A moral religiosa não combinava com seu ofício. Mas, segundo Forel (1928), muitos médicos ainda não tratavam a questão sexual como deveriam.

*As opiniões modernas dos medicos na questão sexual infelizmente ainda estão, como no caso do alcool, muito obscurecidas pelos preconceitos, pela fé autoritaria e pela influencia directa das doutrinas da moral religiosa. Mas não queremos falar mal da medicina porque é a ella e ás suas sciencias accessorias que devemos os conhecimentos que nos tornam hoje possivel julgar nas relações sexuaes do homem do ponto de vista sadio e verdadeiro da sciencia social e moral* (FOREL, 1928, p. 426).

Os médicos deveriam exercer a vontade de saber (FOUCAULT, 2007). Conhecer a homossexualidade nas minúcias, nos detalhes, investigar o/a homossexual dos pés à cabeça e esgotar todas as possibilidades. Mas, mesmo com todas as informações produzidas sobre esse sujeito, a homossexualidade era um tema tido como complexo pelos médicos da época. A dúvida prevalecia e as incertezas sobre o objeto anormal eram uma constante na vida de médicos e clínicos pesquisadores. Vejamos alguns trechos de livros publicados nos anos de 1928 e 1953.

*A questão sexual é extraordinariamente complexa, e não lhe poderemos achar soluções simples* (FOREL, 1928, p. 2).

*Sabendo quão fragil mostra-se a responsabilidade humana em face desse medonho desconhecido neuro-endocrinológico do qual ignoramos quase tudo, comandado pelo misterio hereditário sobre o*

*qual não temos senão vislumbres* (FOUQUÉ, 1953, p. 6).

As dúvidas sobre a homossexualidade atravessaram todo o século XX e, apesar dos esforços da ciência biomédica em querer desvendar suas verdadeiras causas, o que prevaleceu (e ainda prevalece) foi a incerteza dos/as médicos/as frente ao tema. Dúvidas, muitas dúvidas. Dúvidas que levavam médicos/as e psicólogos/as a buscarem mais. Saberem mais.

### 2.1.2 A homossexualidade é hereditária ou hormonal?

O que os/as autores/as escreviam sobre as causas da homossexualidade? Para eles essa condição se manifesta a partir de que fator (ou quais fatores)? Ao observarmos novamente os Quadros-Sínteses 01 a 07 vamos perceber que entre as décadas de 1920 a 1950 as explicações centravam-se em torno de proposições biológicas oriundas de dois campos: a hereditariedade e a endocrinologia. Vejamos primeiro as proposições da hereditariedade apresentadas por alguns autores.

*Os phenomenos psycho-pathologicos apresentados pela maioria dos invertidos são primitivos, isto é, **hereditarios*** (FOREL, 1928, p. 241) (grifos meus).

*Os excessos sensuais, as aberrações, os vícios que afligem a humanidade são o resultado de lesões intelectuais e físicas que **provêm de taras hereditárias*** (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p. 24) (grifos meus).

O interesse médico não era somente em conhecer as causas. A possível hereditariedade da homossexualidade trazia outra questão para o debate: a transmissão da característica indesejável. Era preciso ter cuidado e estar alerta ao problema porque:

*Existem muitos pervertidos refinados que desejam ter filhos homosexuaes como elles. Como as relações sexuaes com o objecto de sua paixão amorosa não pode proporcionar-lhes este prazer, casam-se para, com esforço e repugnancia, procrear algumas creanças com uma pobre mulher que se torna a sua victima, sem por isto abandonarem absolutamente as orgias que fazem com homens. Sua esposa é a dona de casa ou criada, cuja funcção accessoria é de pôr no mundo alguns pequenos invertidos. Terei necessidade de dizer que um medico instruido e que se respeita não deve nunca tornar-se cumplice de tal casamento? Ainda aqui o seu dever é de ameaçar o invertido com denuncia immediata á noiva – o que fará se elle mostrar-se decidido a realizar a sua má acção* (FOREL, 1928, p.446).

Augusto Forel (1928) tentava mostrar que o homossexual além de anormal era um cínico, uma pessoa delituosa. Seu discurso focalizava que existia uma vítima nessa ação repugnante: a mulher. Forel (1928) investia também nas (des) qualificações da mulher: posiciona-a, demonstra qual o seu lugar e qual sua função na relação conjugal.

O discurso do doutor Forel (1928) informava mais. Na realidade ele exaltava as “vantagens” das relações homossexuais masculinas. Como? Por quê? Acredito que o referido médico, embasando-se nas teorizações do eugenismo, percebia a seguinte vantagem: é melhor que dois homens se unam para praticar as “orgias da inversão” do que um invertido ter relações sexuais com uma mulher. As relações homossexuais não passam disso e em nada afetaria a descendência. “[...] *o amor homossexual não produz descendencia e se extingue por si mesmo, pela seleção*” (FOREL, 1928, p. 242).

Assim, a união de dois anormais do mesmo sexo não mancharia a ordem heterossexual porque ao se juntarem não podiam “procriar algumas creanças” (FOREL, 1928, p. 446). Agora, se o ato envolvesse uma mulher, o problema estava instalado.

*É mais vantajoso para a sociedade que estes infelizes psychopathas se contentem com as suas mutuas relações sexuaes, cujo resultado é absolutamente esteril, não prejudicando, pois, a nossa descendencia. **O verdadeiro crime é o casamento de um invertido com pessoa de outro sexo. É crime commettido contra o conjuge normal e contra os filhos que podem resultar desta nefasta união forçada*** (FOREL, 1928, p. 410) (grifos meus).

O médico deixava a entender que podia julgar porque era uma pessoa de respeito, de moral, enfim, era um médico. Se o “homossexual delituoso” não abandonasse sua malévola intenção, o “doutor” devia “ameaçar o invertido com denuncia imediata” (FOREL, 1928, p.446). Não estaria o médico Forel agindo como um advogado ou um operador do direito e se beneficiando com a linguagem jurídica? Será mesmo que a medicina queria afastar o objeto homossexual das “garras” do direito? Acredito que não. Medicina e direito fortaleciam seus discursos ao utilizarem saberes uma da outra. Quando precisava, a medicina acionava os pressupostos jurídicos. A ciência jurídica cada vez mais convocava a medicina para ajudá-la a diferenciar patologia e distúrbio de delito e crime. De acordo com Machado (2010), a partir do século XIX intensificam-se os acordos entre medicina e direito. Os pressupostos médicos inventados sobre a sexualidade do sujeito alterarão toda a dinâmica de atuação das tradicionais instituições sociais. A Justiça, a Família, a Educação e a própria Medicina com suas ciências anexas sentirão esse impacto e atuarão produtivamente com esses

novos discursos.

Outro pressuposto sobre a causa era divulgado por médicos e autores da época: a homossexualidade como distúrbio das glândulas endócrinas sexuais. Embora a tese da causa genética aparecesse com mais clareza e riqueza de detalhes, já havia uma produção discursiva sobre a importância do diagnóstico endocrinológico como instrumento para identificação da homossexualidade de um sujeito. O/A homossexual como um/a desregulado/a endócrino/a ou, como disse o doutor Fouqué (1953, p. 6), uma pessoa que possui “o medonho desconhecido neuro-endocrinológico” começava a ser divulgado em livros da área no Brasil.

*A inversão sexual corresponde em muitos casos a uma espécie de hermaphroditismo parcial, em que **as glândulas sexuais e os órgãos copuladores** apresentam os caracteres de um dos sexos, enquanto o cérebro toma boa parte do sexo contrário. Mas o fenómeno não é menos pathológico (FOREL, 1928, p. 241) (grifos meus).*

Essa ideia vai aparecer com mais força a partir da década de 1960 visto que as pesquisas com hormônios vão ficando cada vez mais refinadas e metodologicamente confiáveis em nível de diagnóstico laboratorial (MARMOR, 1973). Retornarei a descrever alguns discursos sobre os hormônios como causa da homossexualidade quando estiver problematizando as produções dos anos de 1960 a 1970.

### 2.1.3 A homossexualidade pode ser uma patologia psicológica?

Homossexualidade, patologia hereditária? Afirmavam que sim. Patologia endócrina? Talvez. Estas eram indagações que motivavam as pesquisas e incitavam muitos doutores nos anos de 1920 a 1950. Mas, outra questão inquietava também: a homossexualidade poderia ser considerada como uma patologia psicológica? Esta especulação agradava inúmeros médicos, psiquiatras, psicólogos/as e criminologistas da época. O pressuposto de patologia psicológica começava a ser absorvido e divulgado pelos escritores.

*Nossa experiencia permite-nos afirmar que o amor homosexual é de ordinario pathologico e que **quasi todos os invertidos são em grau, menos ou mais accentuado, psychopaths ou nevroticos, cujo desejo sexual é tão anormal como ainda ordinariamente exaltado** (FOREL, 1928, p. 240) (grifos meus).*

Movimentos gerados pela teoria psicológica começam a segmentar os pressupostos supremos da biologia. O que era pensado como exclusividade natural passa a ser

visto de outras maneiras. As teses biológicas não são abandonadas, mas operadas de outras formas. O olhar sobre a psique se amplia. O ambiente, as relações intrafamiliares e as necessidades individuais são conteúdos adicionados para se pensar a causação do fenômeno homossexual. A “inversão verdadeira” (FOREL, 1928), congênita ou constitucional é um fato e não há como escapar dela porque é inevitável, mas a “inversão adquirida” (FOREL, 1928) deve ser estudada, avaliada, percebida e evitada visto que sua aquisição está relacionada ao hábito. Os fatores externos constituem-se em novas substâncias investigativas e grande importância será dada para as análises dos hábitos dos sujeitos.

*Existe uma série de homossexuais de **inversão adquirida**, visto como no principio accusavam desejo sexual normal. Seduzidos em seguida por homossexuais, que os arrastaram ao onanismo mutuo ou á pederastia, excitaram-se e **foram-se desgostando pouco a pouco das mulheres, até se tornarem francos pervertidos**. É facil provar que os homens cujo instinto sexual é normal abandonam com facilidade os hábitos de onanismo e pederastia que **adquiriam em vista dos máos exemplos, seducção ou por compensação**, desde que lhes seja possivel ter relações sexuaes normaes com uma ou varias mulheres (FOREL, 1928, p. 244) (grifos meus).*

*Os pedarastas, os sodomitas e outros debochados, cujos **habitios perversos foram adquiridos por habito**, não os commeettiam no principio senão por falta de melhor e teriam preferido um coito normal se tivessem occasião e meios de os consegui (FOREL, 1928, p. 449) (grifos meus).*

As teorias psicológicas e educacionais muito ajudarão nesse processo de reconhecimento, diagnóstico, tratamento e (re) condução. Temas como “afetividade”, “rejeição”, “carinho em demasia”, “falta de carinho”, “infância problemática”, “pais e mães ausentes”, etc., farão parte do novo vocabulário que será utilizado pelos operadores da medicina e da psicologia para poderem qualificar e categorizar o/a perverso/a sexual.

*A constituição perversa pode descobrir-se desde a infância. Os pequenos perversos são crianças **destituídas de toda afetividade ou afeição para com seus pais**, ou os que se ocupam com eles (LACHAPPELLE, 1944, p. 195-196) (grifos meus).*

Os conteúdos dos livros de psicologia que tratavam da homossexualidade eram descritos – principalmente a partir da década de 1940 – tendo como guia as interpretações de autores estrangeiros ou nacionais que descreviam o pensamento psicanalítico de Sigmund

Freud ou mesmo das conclusões que eles e elas<sup>27</sup> tiravam da leitura das obras de Freud. As ideias clássicas da psicanálise freudiana estão presentes em quase todos os livros analisados. Percebi que a perspectiva freudiana sobre a homossexualidade ganha força a partir da década de 1950. E isso fica mais evidente nos livros da área de educação que foram objeto de análise. Encontrei livros que enfocavam os temas da orientação educacional e educação sexual e quando estas produções apresentam o tema do comportamento homossexual o faziam embasados principalmente na teoria psicanalítica freudiana com incrementos consideráveis das teorias biológicas (genético-hereditária e hormonal) e do higienismo. Inclusive, os autores e as autoras tinham uma preocupação didática em expor os fundamentos da psicanálise freudiana. Em alguns livros faziam primeiro uma caracterização sucinta sobre os pressupostos freudianos e daí então introduziam suas ideias e pensamentos sobre a homossexualidade, o sujeito homossexual e as conduções cabíveis para corrigi-los/as.

Os conteúdos dos livros demonstraram que as ideias psicológicas começavam a ser absorvidas no meio médico produzindo admiração e adeptos. Os pressupostos da psicologia foram utilizados para construir o discurso de que além das determinações orgânicas e constitucionais do indivíduo existiam fatores externos ao sujeito que reforçavam o aparecimento da homossexualidade. O ambiente aparecia como um fator que não deveria ser negligenciado: as interações familiares e a convivência em espaços caracterizados como facilitadores do processo de afloramento da sexualidade homossexual começavam a ser interpretados como potenciais geradores do “problema”.

*Todos os estabelecimentos onde os indivíduos do mesmo sexo vivem reunidos por longo tempo **exercem influencia particular sobre a vida sexual.** O grande inconveniente de todos esses estabelecimentos está no **perigo da contaminação de seus pensionistas com os hábitos do onanismo e da pederastia** (FOREL, 1928, p. 343-344). (grifos meus).*

*Nos quartéis, nos internatos, nas prisões, em todos os lugares onde os indivíduos do mesmo sexo se acham em contato íntimo, **as práticas homossexuais florescem de maneira assombrosa** (IRAJÁ, 1954, p. 185). (grifos meus).*

Ambientes como prisões, internatos, quartéis, conventos e colégios internos eram apontados como locais que facilitavam a expressão do perverso sexual homossexual. Tais locais além de facilitarem a prática sexual do homossexual congênito também eram considerados como espaços que, de certa forma, promoviam o agenciamento daqueles e

---

<sup>27</sup> Aqui estou me referindo aos autores e às autoras dos livros objeto de análise nesta tese.



daquelas que não traziam a homossexualidade em sua constitucionalidade orgânica, mas que pelas circunstâncias do confinamento e das restrições em não ter acesso ao sexo oposto acabavam se entregando à sexualidade anormal. O cuidado maior deveria ser dirigido para os homossexuais verdadeiros. Eles sim eram a ameaça por que poderiam “contaminar” os outros com sua morbidade sexual.

#### 2.1.4 O afeminado e sua produtividade pedagógica

Os autores dos livros médicos criavam “tipos” para definir e operar com o possível desviado sexual. Segundo eles, os/as homossexuais gostavam de ambientes de confinamento e afeiçoavam-se àquelas profissões que lhes proporcionavam interagir com o mesmo sexo, “*escolhendo carreiras como a de padre catholico, director de collegio e principalmente enfermeiro de hospício*”, como pontuou o médico Forel (1928, p. 243).

A tipificação não parava por aí. Outras marcas eram definidas e valorizadas. A ideia do invertido afeminado esteve muito presente nos conteúdos dos livros médicos dessa época. A marca “afeminado” era construída a partir de diversas qualificações que eram entendidas como sendo do universo feminino. Assim, o homossexual tido como afeminado era passivo, delicado, dócil, apresentava corpo frágil, agia como as mulheres, era fútil, vulgar, às vezes elegante, se identificava com os ofícios femininos, era um sujeito sem virilidade, etc.

*Os invertidos machos sentem como as meninas sentem para com os rapazes: experimentam a necessidade de se submeterem passivamente, entusiasmam-se pelos romances e pela toilette, gostam de ocupar-se com trabalhos femininos e de vestir-se affeminadamente. [...] admiram tudo quanto brilha e é luxuoso nos vestuários e nas casas e penteiam-se e vestem-se com faceirice muitas vezes bem maior que a das moças* (FOREL, 1928, p. 238-239) (grifos meus).

*Teem como as mulheres a paixão da toilette, dos enfeites, das cores vistosas, das rendas, das jóias, dos perfumes. Trazem sempre consigo um arsenal particular, espelho, pente, alfinetes, vidros de sal e de perfume, caixa de pó de arroz. Um de seus maiores prazeres é vestir-se como mulheres, com flores, grinaldas nos cabelos. Designam-se por nomes femininos, Maintenon, princesa Salomé, Foedora, Adriana Lecouvreur, Cora Pearl, etc. Nenhuma energia, nenhuma virilidade. Não conseguem as profissões que demandam qualidades viris, preferem ser alfaiates, modistas, lavadeiros, engomadores, cabeleireiros, floristas, etc.* (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p. 228-229) (grifos meus).

A leitura que faço é que os conteúdos das produções escritas entre 1928 e 1954 demonstravam operações de tipificação do homossexual afeminado para poder utilizá-la como um artifício pedagógico: a) mostrar através dos livros médicos quem é o homossexual afetado; b) expor suas predileções; c) afirmar que esse sujeito destoa da norma estabelecida para o gênero e para a sexualidade. Essas operações eram vias extremamente produtivas para ensinar as instâncias sociais – como a família e a escola – a conduzirem quem se apresentava ou se apresentaria desta forma. Vejamos algumas descrições médicas que, como disse Foucault (2007), tentavam “entomologizar”<sup>28</sup> os homossexuais masculinos.

*O pederasta vive, sente, pensa, quer, age diferentemente do resto dos homens* (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p. 228-229) (grifos meus).

**Todos os pederastas experimentam pela mulher repulsão e desgosto** (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p. 229) (grifos meus).

**Uma das propensões do investido é ser costureiro, ou figurinista** (IRAJÁ, 1954, p. 193) (grifos meus).

Os livros tinham público-alvo e deveriam ser lidos por outros/as médicos/as, por psicólogos/as e também por profissionais da educação que por sua vez aplicariam tais ensinamentos juntos aos sujeitos da higienização e daqueles que poderiam também agir no processo educativo como os pais.

Os discursos médicos descreviam a “espécie invertida afeminada” detalhadamente e a intenção era categorizá-lo, formatá-lo, moldá-lo. Reunir uma série de características fortalecia o diagnóstico e o prognóstico e, conseqüentemente, o tratamento e a almejada cura. A tipificação ajudava também na prevenção. Por isso, era necessário dizer quem eles eram, o que faziam, o que gostavam e o que não gostavam. Agir em sua possível cura e (re) adaptação ao universo normal exigia conhecê-los, mas não somente os seus hábitos. Era importante marcar os hábitos dos homens normais e diferenciá-los dos pederastas.

Para que houvesse uma condução eficiente por parte de pais e educadores/as, por exemplo, as diferenças entre homossexuais e heterossexuais precisavam ficar bem demarcadas e para isso a categoria “afeminado” era fundamental. Assim, “o pederasta

<sup>28</sup> Foucault (2007) faz uma analogia entre o médico e o zoólogo em um dos trechos de sua obra *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Ao se referir às estratégias utilizadas pelo saber-poder científico para tipificar os sujeitos nos mostra que através de determinados discursos se naturaliza a normalidade e anormalidade das pessoas. Determinadas tecnologias são eficientes nesse processo de sujeição. Os aparatos tecno-científicos da biomedicina ajudavam a produzir esses tipos “estranhos” e “esquisitos” a partir das proposições da anatomia e fisiologia humanas consideradas como padrões. O/A zoólogo/a, no labor da biologia, tem por objetivo classificar, sistematizar e estudar animais e aqueles/as que se dedicam à classificação de insetos são chamados/as de entomólogos/as.

afeminado” constituía-se como marca diferenciadora.

As ideias inscritas nos livros analisados evidenciam o esforço da biomedicina e da psicologia em querer conhecer, caracterizar, analisar, corrigir, tratar, curar e gerir esse “objeto” considerado incômodo, perturbador, esquisito, visto que “a homossexualidade vem sendo pesquisada por psicólogos, fisiologistas, e médicos higienistas desde meados do século XIX” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 31-32). Mas, o sujeito homossexual é também uma “espécie” fascinante, obscura e de difícil entendimento. Daí o interesse da ciência médica: o homossexual foi considerado como uma “peça”, uma “anatomia”, uma “mente” que apresentava contornos inscritos como diferentes. Diferença que ajudava (ajuda) a cristalizar cada vez mais a ideia do Outro ruim e o discurso de que o bom, o normal, o natural, o saudável era (é) sem dúvida aquele/aquela classificado/a como heterossexual.

Muito rapidamente a cultura psiquiatrizante popular, a aceitação universal de um “saber” médico sobre o sexo, fizeram passar o homossexualismo, na vida de todos os dias, ao estado de fenomenologia do outro. Afirmando através de sua presença a existência do normal, a designação “homossexual” só é percebida através do exterior (HOCQUENGHEM, 1980, p. 8).

Diferenças construídas para edificar as pilastras do binarismo e da díade heterossexual-homossexual. O “objeto” abjeto materializava (materializa) a produção de discursos demarcadores que se encaixavam (se encaixam) nos jogos estratégicos da exclusão. Excluir pelos pólos: heterossexual = positivo – homossexual = negativo; heterossexual é belo – homossexual é feio; heterossexual é ativo – homossexual é passivo; heterossexual é natural – homossexual é antinatural; heterossexual é sadio – homossexual é doente.

O sujeito categorizado como homossexual era uma “coisa” instigante que desde o século XIX, e em todo o século XX, incentivava uma vontade de saber sem limites e que a cada dia, a cada ano, a cada década e a cada século era utilizado para (re) produzir conhecimentos e verdades.

[...] entre os séculos XVII e XIX forjou-se lentamente um personagem novo, dotado de substância psicológica própria (e até, em determinados momentos, de fisiologia própria, que foi talvez o primeiro ser constituído a partir de uma chave oficialmente sexual. Tal personagem, o homossexual, permitiu abstrair um tipo social de um novo gênero, tomando como ponto de partida atos até então rudemente, porém raramente, condenados (a sodomia). Não era mais os atos amaldiçoados por Deus que a sociedade punia, e sim uma identidade que ela reivindicava como causa final de tais atos, uma construção personológica racional; assim é que de uma grande quantidade de práticas libertinas ou que ainda não tinham sido qualificadas, através das figuras da Maricona, da Bicha, do Veado, do Invertido, foi extraído o princípio médico-psiquiátrico do Homossexualismo (HOCQUENGHEM, 1980, p. 8).

Personagens criadas pela medicina, os/as homossexuais passam a ter “um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa” (FOUCAULT, 2007, p. 50). A sexualidade é o termômetro, o estetoscópio, o bisturi, o raio X, o meio pelo qual se deve qualificar essa anátomo-fisiologia patológica.

Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém, como natureza singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada [...] menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade de sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 2007, p. 50-51).

Espécie construída a partir dos cânones da Biologia os quais utilizavam (utilizam) regras, modelos e taxonomias para classificar animais e plantas como fazia o médico, zoólogo e botânico Carlos Lineu. O método de classificar o/a homossexual utilizava (utiliza) a mesma lógica da epistemologia inventada por este zoólogo sueco do século XVIII. Assim como os/as zoólogos/as fazem com insetos, dando-lhes nomes e características, os médicos dos séculos XIX e XX operavam na tipificação da “espécie homossexual”: “como são espécies todos esses pequenos perversos que os psiquiatras do século XIX *entomologizam* atribuindo-lhes estranhos nomes de batismo” (FOUCAULT, 2007, p. 51) (grifos meus).

Assim, a partir do século XIX institui-se a política de medicalização dos/as homossexuais. A medicalização é um complexo processo onde o modo de vida dos homens é apropriado pela medicina e que interfere na construção de conceitos, regras de higiene, normas de moral e costumes prescritos – sexuais, alimentares, de habitação – e de comportamentos sociais. Este processo está intimamente articulado à ideia de que não se pode separar o saber - produzido cientificamente em uma estrutura social - de suas propostas de intervenção na sociedade, de suas proposições políticas implícitas. A medicalização tem como objetivo a intervenção política no corpo social. O fenômeno da medicalização social surge e se desenvolve, historicamente, no contexto das sociedades disciplinares e promoveu a ampliação do campo de função da medicina (HORA, 2011).

A medicalização da homossexualidade continua sendo prática corriqueira e os/as homossexuais ainda são vistos/as como doentes, anormais, defeituosos/as,

endocrinologicamente insuficientes e neurologicamente afetados/as. Pesquisas realizadas sobre o papel da medicina e da psiquiatria no processo de estigmatização da homossexualidade têm apontado e reafirmado que o discurso médico patologizou (e continua patologizando) o homossexual (BENTO, 2008, 2006, 2004, 2003; GREEN; POLITO, 2006; GAGNON, 2006a, 2006b; NUNES, 2005; PHILIPPI, 2005; RUSSO, 2004; PORTER; TEICH, 1998; HAUSER, 1998; MCLAREN, 1998; HILL, 1998; BULLOUGH, 1998; HALL, 1998; CARRARA, 1996, 1994; PEREIRA, 1994; FRY, MACRAE, 1991).

A terapia médica é uma forma de repressão. O psiquiatra hoje é uma pessoa que determina categoricamente a “normalidade” e a “loucura”. A importância da antipsiquiatria está no fato que ela põe em dúvida essa certeza do médico, esse poder que ele possui de decidir o estado mental de um indivíduo (FOUCAULT, 2005, p. 10).

A Ciência lucrou (lucra<sup>29</sup>) com o homossexual-objeto. A cada especulação, “descoberta” anunciada ou investigação finalizada, os dados eram (são) transformados em verdades que fortaleciam (fortalecem) os discursos de pessoas autorizadas a falarem prolixamente sobre (e pelos/as) os/as homossexuais. Tais proposições e teorias ajudavam (ajudam) a configurar formas de dizer e falar. Contribuíam (contribuem) para conformar pensamentos que eram (e são) utilizados para qualificar, nominar, posicionar, conduzir – não apenas os sujeitos que viviam (e vivem) a experiência homossexual, mas também aqueles que eram (são) responsáveis pela educação dos mesmos, como pais e professores/as.

As teorias e ideias sobre os homossexuais expostas em inúmeras produções médicas foram sendo incorporadas por outras produções. Literatura esta especializada também em gerir detidamente e detalhadamente o/a homossexual, mas agora com contornos de uma pedagogia explícita. Como iremos ver adiante, os conteúdos dos livros que compõem o “*corpus* educação” incorporaram as teses médicas sobre os/as homossexuais e transformaram-nas em discursos didaticamente assimiláveis. Pais, professores/as e a população em geral eram chamados e estimulados a exercitar os ensinamentos da *pedagogia dos manuais médicos*.

---

<sup>29</sup> A Ciência e a mídia lucram. Basta conferir a mídia televisiva. De quando em vez esses aparelhos ideológicos anunciam uma nova descoberta para a causa (ou causas) da homossexualidade ou para divulgar qualquer questão que envolve o tema, sendo a Medicina quase sempre o pano de fundo dos discursos produzidos.

O cabedal de proposições acumuladas ao longo da história<sup>30</sup> sobre os/as homossexuais serviu para alimentar o arsenal discursivo de religiosos/as, médicos/as, psicólogos/as, educadores/as, pais, etc.: para melhor manipulá-los/las, dominá-los/las, educá-los/las, saneá-los/las ou reconduzi-los/las, mas também reconhecê-los/las, respeitá-los/las, admirá-los/las. Sim! A medicalização não serviu somente para rechaçar a homossexualidade. Ela inclusive, a partir de um dado momento da história, serviu como mecanismo de libertação, como texto para a contestação de discursos outros que os enquadravam em categorias também estigmatizantes como os seculares ditos religiosos que os/as nomeavam de heréticos/as ou pecadores/as, assim como os dispositivos usados pelo direito e a criminologia ao acusá-los/las de criminosos e imorais.

A homossexualidade medicalizada também serviu (serve) como bandeira de luta e conquista de direitos e de argumentos para a implementação de políticas públicas diretamente relacionadas aos sujeitos que vivem essa experiência. A opressão causada por diferentes discursos sobre os homossexuais, inclusive o discurso médico patologizante, impulsionou resistências. O poder opressor se transforma em substrato para resistir. Entram em cena as manobras do poder. (Re) configura-se, subverte a opressão e torna-se o discurso opositor, o discurso da resistência.

[...] a resistência é um elemento dessa relação estratégica que consiste o poder. A resistência toma sempre apoio, na realidade, sobre a situação que ela combate. No movimento homossexual, por exemplo, a definição médica da homossexualidade constituiu um instrumento muito importante para combater a opressão da qual era vítima a homossexualidade no fim do século XIX e início do século XX. Essa medicalização, que era um meio de opressão, foi também um instrumento de resistência, já que as pessoas podiam dizer: “Se nós somos doentes, então por que nos condenam, por que nos menosprezam?” (FOUCAULT, 2005, p. 36-37).

Para Louro (2009), o dispositivo da sexualidade construído pelos discursos da psiquiatria, da sexologia, do direito e da religião produziram classificações, dividiram indivíduos, criaram “tipos” e, paralelamente, modos de controlar a sexualidade. Segundo ela, “o processo então desenvolvido acabou por possibilitar, também, a formação de um ‘discurso reverso’, isto é, um discurso produzido a partir do lugar que tinha sido apontado como a sede da perversidade, como o lugar do desvio e da patologia: a homossexualidade” (LOURO,

---

<sup>30</sup> Ao pontuar a produção de discursos sobre a homossexualidade, ao longo da história, intento, sempre que possível, enquadrá-los no período ao qual fiz o recorte da pesquisa: o século XX. Mesmo assim, de quando em vez preciso olhar para o século XIX porque foi nesse período que as operações discursivas da Ciência em relação à homossexualidade começaram a ser estruturadas com mais força e representatividade acadêmico-investigativa. Para Michel Foucault (2007, p. 44), os séculos XIX e XX “foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação: uma dispersão de sexualidades, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das ‘perversões’. Nossa época foi iniciadora de heterogeneidades sexuais”.

2009, p. 136). Assim, se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável e pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Categorizado/a e nomeado/a como desvio da norma, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação – um lugar incômodo para permanecer. Ousando se expor a todas as formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres contestaram a sexualidade legitimada e se arriscaram viver fora dos limites. A Ciência, a Justiça, as igrejas, os grupos conservadores e os grupos emergentes irão atribuir a esses sujeitos e a suas práticas distintos sentidos. A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam a sua normalidade e naturalidade (LOURO, 2004).

Os discursos precisam ser pensados para além do rótulo “discurso bom – discurso ruim”. De fato existem discursos: aqueles classificados como certos, outros como errados. Nós é que os qualificamos e damos a “substância boa” e a “substância ruim”. O discurso médico que categorizou, manipulou, esquadrinhou, reprimiu, higienizou e patologizou os/as homossexuais a partir do século XIX, e que agora é interpretado, por mim e por autoras como Louro (2009; 2008a, 2008b, 2007a, 2007b, 2006, 2004), Bento (2008, 2006) e Furlani (2005a), como ações que estruturam uma pedagogia da sexualidade, pode se constituir também em um “discurso político e teórico que produz a representação ‘positiva’ da homossexualidade” (LOURO, 2004, p. 33). É importante esclarecer isso porque minha intenção não é satanizar a medicina nem colocá-la como a instituição exclusiva que produziu (produz) as bases das mazelas e preconceitos porque passam muitas pessoas homossexuais – fenômeno social denominado atualmente como homofobia.

Também não acho que o discurso homofóbico seja estruturado exclusivamente pelo texto médico e não defendo a soberania da medicina e de áreas afins como as grandes “vilãs”. Defendo que a medicina se apropriou de um discurso que veio se arrastando e sendo (trans) formado pela (na) cultura e que, estrategicamente, reconheceu nesses discursos uma forma de potencializar seu poder nas instituições sociais em que ela se firmava. No entanto, outras instâncias e instituições produziram (produzem) discursos que tentam posicionar os sujeitos qualificados como homossexuais. Vejamos o pensamento de Colin Spencer (1996) sobre religião, direito e medicina ao abordar o tema da estigmatização social dos/as homossexuais. Para ele a homossexualidade primeiramente foi objeto do saber religioso

passando paulatinamente para o campo da jurisprudência: “[...] até 1700 isso era tido como pecado contra Deus e, portanto, uma falha moral e teológica. Tornou-se, a seguir, um crime social, contra o Estado legislativo” (SPENCER, 1996, p. 273). Posteriormente, a medicina toma a homossexualidade como objeto de investigação e muda o olhar: “agora a homossexualidade estava por transformar-se numa inadequação médica e psicológica que muito rapidamente poderia ser uma doença mental. Esta passagem de pecado para crime, e daí para insanidade, foi provocada por mudanças sociais” (SPENCER, 1996, p. 273).

James Green e Ronald Polito (2006) nos informam que os processos de invenção e patologização do/a homossexual se intensificam no século XIX. Ao estudarem o pensamento médico e jurídico produzido sobre a homossexualidade, a partir de fontes históricas analisadas que datam de 1870 a 1980, demonstraram que o indivíduo qualificado como “homossexual” só aparece na segunda metade do século XIX: “antes de 1870 são raríssimas as fontes a respeito dos homossexuais” (GREEN; POLITO, 2006, p. 17).

Ao situarem a invenção do homossexual no século XIX, Green e Polito (2006) estão se referindo a um tipo de sujeito e não necessariamente às práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Vejo como fundamental problematizar as afirmações de Green e Polito (2006) sobre a inexistência de fontes sobre os/as homossexuais antes de 1870. Não concordo com a tese desses autores ao afirmarem que são “raríssimas” as fontes históricas que tratam dos homossexuais antes de 1870. Desde o início do século XIX a produção médico-acadêmica sobre o comportamento e a vida dos homossexuais foi estimulada, ampliada e colocada em evidência a partir da divulgação de inúmeras teses no Brasil e em países como França, Inglaterra e Alemanha (FREITAS, 2008; GONDRA, 2004).

Se pensarmos sobre práticas sexuais envolvendo pessoas do mesmo sexo – e que não eram ainda qualificadas como homossexuais –, é importante registrar que muito foi dito. Vasta documentação de natureza eclesiástica expõe as ideias e representações sobre os “nefandos” e “sodomitas”<sup>31</sup>. Desde a antiga Grécia, passando por várias civilizações, a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo esteve presente nas discussões e preocupações de reis, legisladores, religiosos, educadores, etc. (FIGARI, 2007; ULLMANN, 2007; FONE, 2000; GREEN, 2000; TREVISAN, 2000; SPENCER, 1996; DOVER, 1994; RICHARDS, 1993; LA MARCHE, 1996; SOUZA, 1989).

---

<sup>31</sup> Nefando e sodomita eram nomeações dadas pelos inquisidores aos praticantes da sodomia (prática sexual anal) quer seja entre homens ou entre homem e mulher (MOTT, 2005, 2004, 1993a, 1988a, 1982).



Para Richards (1993), a homossexualidade ainda é percebida como um mal que deve ser banido da sociedade e “isso se deve principalmente à internalização histórica dos discursos eclesiásticos” (RICHARDS, 1993, p. 145). Complementa seu pensamento afirmando que a discriminação de gays e sáficas<sup>32</sup> “acompanha a história e se intensifica a partir do século XII onde a medida do desejo de perseguir homossexuais designou homens para caçar e matar sodomitas. Em muitos lugares era comum dar surras em homossexuais” (RICHARDS, 1993, p. 145).

Sacerdotes, pontífices, reverendos, monsenhores e padres da Igreja Católica escreveram um arsenal de informações que caracterizavam em detalhe o “amor de Sodoma”<sup>33</sup>, sendo a Inquisição o aparelho gestor por excelência da categorização das pessoas identificadas como praticantes do terrível “pecado nefando” (BETHENCOURT, 2000; MOTT, 2004, 1993b; VAINFAS, 1997a, 1997b, 1997c; NOVINSKY, 1996). Do Medievo à Modernidade, esse tribunal eclesiástico produziu, registrou e catalogou calhamaços de documentos sobre o “amor Socrático”<sup>34</sup>. As informações registradas nos livros e manuscritos inquisitoriais revelam as barbaridades do tratamento dado aos/às homossexuais daquela época (MOTT, 2004, 1993b, 1988a, 1988b, 1987a, 1985).

No artigo “Porque os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias?”, Luiz Mott (2003a) defende que a homossexualidade sempre esteve ligada ao pecado, ao crime hediondo e à perversão. Atribui à Igreja Católica – desde a antiguidade e mais especificamente a partir da atuação sistemática do Tribunal da Santa Inquisição na Idade Moderna - a maior responsabilidade pela construção das representações estigmatizantes que hoje estão diluídas no imaginário social. Revela também que, a partir do final do século XIX, o pensamento sobre a homossexualidade mudou. Saiu do discurso religioso e incorporou o pensamento médico-patológico, período que marca o início da medicalização da homossexualidade.

A igreja não está sozinha nessa tarefa. O governo não emana de um único ponto, ele é exercido por múltiplas forças e grupos que regulam nossa existência. Outras instâncias e autoridades se consideram capazes de vigiar, julgar e marcar a sexualidade e o gênero. Instâncias que, através de distintos processos, detêm legitimidade social para proclamarem a “verdade” sobre os sujeitos, para demarcarem o certo e o errado, o normal e o patológico; para decidir quem é decente ou indecente, legal ou ilegal. Discursos científicos, médicos, morais e religiosos,

<sup>32</sup> Mulheres homossexuais. “Sáfica” é sinônimo de lésbica. Faz alusão a Safo, poetisa grega que habitava a ilha de Lesbos. Segundo a lenda, safo era guerreira e tinha um exército de mulheres. A poetisa cuidava de todas e era cuidada por elas (MOTT, 1986); Goldenson e Anderson (1989, p. 239) escrevem que safismo é um “termo alternativo para lesbianismo”.

<sup>33</sup> Uma das várias denominações que Luiz Mott usa ao se referir à homossexualidade (MOTT, 1988c; 1988d).

<sup>34</sup> Outra denominação utilizada por Luiz Mott ao se referir às práticas homossexuais (MOTT, 2003a; 2003b); “amor socrático: eufemismo para amor homossexual” (GOLDENSON, ANDERSON, 1989, p.21).

educacionais e jurídicos produzem esses limites e estabelecem quem está no centro e quem ocupará as margens (LOURO, 2000, p. 34).

Como podemos perceber, a homossexualidade – assim como qualquer tema que possa fazer parte dos interesses da sociedade – é um conceito construído culturalmente onde diferentes instituições se posicionaram nomeando-a, caracterizando-a, excluindo-a e também incluindo-a. Compreender esse aspecto é fundamental porque essa experiência de vida foi historicamente objeto de saber-poder. Exclusão, repressão, controle, abnegação são ações que fizeram parte da construção histórico-cultural dos/as que viveram essa experiência e também daqueles e daquelas que a vivenciam na atualidade, claro que com outros contornos.

[...] a homossexualidade, como toda sexualidade humana, é raramente estática ou imutável – ao contrário, a vida sexual está constantemente se transformando, tanto ao nível da sociedade quanto da experiência individual, e uma compreensão da fluidez e da flexibilidade dos significados sexuais é, portanto, central para a compreensão da experiência sexual (PARKER, 1991, p. 31).

Ter em mente que os discursos são cambiantes e mutáveis nos ajuda a compreender a complexidade sociocultural onde ideias, pressupostos, teorias e representações estão em constante movimento. Esses discursos podem ser abandonados, renovados, reinventados ou mesmo voltar a ser o que eram.

#### 2.1.5 Dos conselhos médicos: educar para prevenir

Os autores que escreveram sobre a homossexualidade entre as décadas de 1920 e 1950 expressaram alguma preocupação com sua prevenção?

Os médicos da época construíram argumentos visando prevenir e sanar a homossexualidade. Esses autores opinavam e sugeriam formas de conduzir a situação. O objetivo ficava evidente: agir sobre a situação para que não acontecesse ou caso tivesse acontecido não voltasse mais a ocorrer. Pais e professores/as eram apontados pelos doutores como pessoas fundamentais na condução dos/as filhos/as e alunos/as. A pedagogia era citada como mecanismo preventivo.

*É para lastimar que tão poucos **pedagogos** se tenham ocupado com essas questões e que se abandone às mais impuras fontes – aos máos criados, aos camaradas depravados, aos livros pornográficos – a **instrução das creanças relativa á questão sexual**. Dahi resulta um afastamento deploravel entre **paes e mestres** de um lado e as creanças de outro, o que abala a confiança mutua (FOREL, 1928, p. 488) (grifos meus).*

*Se os **paes** e os **mestres** trocarem com as creanças, francamente, com seriedade, os seus pensamentos sobre este assumpto, com facilidade elles poderão tirar a limpo a natureza sexual das creanças* (FOREL, 1928, p. 397-398) (grifos meus).

A educação como mecanismo preventivo do comportamento homossexual aparece nos conteúdos dos livros médicos dos anos 1920 a 1950. As argumentações dos médicos centravam-se no tema da educação do desejo. Eles divulgavam que era fundamental mostrar o que podia e o que não podia em matéria de sexo. Seus escritos ensinavam pais e professores/as sobre a importância da educação sexual na contenção do desejo sexual e dos excessos lúbricos. Os conteúdos continham orientações detalhadas sobre como prevenir as doenças venéreas e as anormalidades sexuais – como a homossexualidade. Enfim, os médicos orientavam que a educação moral devia ser estimulada nas crianças e adolescentes desde cedo.

*As crianças pervertidas pelo meio, familiar ou escolar, podem curar-se. **A educação moral tem influência sôbre elas*** (LACHAPELLE, 1944, p. 201) (grifos meus).

*O melhor **método** para tratar a inversão orgânica essencial, não é o castigo nem o constrangimento, mas o **auto-controle, a educação dos desejos*** (FOUQUÉ, 1953, p. 111) (grifos meus).

Os doutores da época orientavam que vigiar e prestar atenção nos hábitos das crianças e adolescentes fazia toda a diferença quando o tema em pauta era a sexualidade.

*Os excessos sensuais, as aberrações, os vícios que afligem a humanidade são o resultado de lesões intelectuais e físicas que provêm de taras hereditárias que **deveriam ser combatidas ativamente**, ou de feios costumes adquiridos desde a infância **por falta de cuidados de vigilância e de inteligência por parte dos pais*** (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p. 24) (grifos meus).

Os Quadros-Resumos 01 a 07 explicitam as principais ideias médicas – compreendo-as como proposições pedagógicas – sugeridas aos/às leitores/as da época para que pudessem agir preventivamente diante da suposta homossexualidade de filhos/as e/ou alunos/as. A educação sexual é citada como forma preventiva não só da homossexualidade mas também de outras questões consideradas problemáticas como as doenças venéreas e a prática da masturbação. Os livros inclusive citam determinados conteúdos que deveriam ser

apresentados pelos pais e professores aos/às filhos e alunos/as e ensaiavam também uma forma de falar que entendo como sendo uma metodologia de ensino. É evidente o conteúdo biológico e higiênico sugerido pelos autores: anatomia e fisiologia sexual humana sobressaiam-se como temáticas a serem abordadas além dos aspectos reprodutivos que deveriam ser assimilados.

*As verdades sexuaes precisam, certamente, ser conhecidas pelos moços e moças de hoje. [...] As questões genesicas devem ser apresentadas com seu aspecto verdadeiro* (FOREL, 1928, p. 5) (grifos meus).

*Quanto mais cedo se iniciar a educação sexual, maiores serão os frutos daí colhidos* (SILVA; SILVA, 1933, p. 152) (grifos meus).

*Se as mães estivessem mais versadas nas verdades fisiológicas, dirigiriam com maior segurança e maior destreza suas filhas e seus filhos. Preserva-los-iam não somente dos perigos exteriores como também dos interiores; saberiam protegê-los contra as paixões precoces e anormais graças a uma moral física bem empregada* (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p. 14-15) (grifos meus).

As proposições apresentadas acima demonstram que os livros de medicina publicados entre as décadas de 1920 a 1950 produziam discursos que podem ser reconhecidos como apresentando uma substância de cunho pedagógico. Ao tratarem do tema pela via preventcionista esses médicos deixaram pistas que me fazem acreditar ser de extrema importância para entender as operações de uma pedagogia construída pelos saberes médicos para falar sobre a homossexualidade visando discipliná-la, contê-la ou mesmo eliminá-la.

Retomemos alguns discursos do médico Augusto Forel (1928) e percebamos o teor pedagógico de suas proposições: “[...] **cabe ao mestre ou ao pae instruir os rapazes e ás mães ou mestras instruir as meninas**” (FOREL, 1928, p. 487) (grifos meus); “**Não foi sem motivo que descrevemos longamente os phenomenos repugnantes da phatologia sexual. Educadores e Paes devem conhecê-los a fundo**” (FOREL, 1928, p. 496) (grifos meus); “*A questão sexual é extraordinariamente complexa, e não lhe poderemos achar soluções simples. É urgente regularizar o seu curso, pondo-lhes diques e canalizando-os*” (FOREL, 1928, p. 2) (grifos meus); “**é urgente instruir cedo as creanças sobre as questões sexuaes**” (FOREL, 1928, p. 497) (grifos do autor); “*Onde quer que as disposições hereditarias apresentem uma media normal, a educação pode, ao contrario, fazer muito para evitar excessos, erros e hábitos pathologicos e dirigir sadiamente o desejo*” (FOREL, 1928, p.

482-483) (grifos do autor). “[...] *É, pois, dever sagrado dos paes instruir a tempo os filhos de ambos os sexos sobre as verdades sexuaes e perigos que os ameaçam*” (FOREL, 1928, p. 9) (grifos meus).

“Instruir”, “descrever longamente”, “conhecer a fundo”, “regularizar o desejo sexual anômalo e canalizá-lo para outra atividade ou para a orientação considerada normal”, “a educação como tática para evitar os excessos”. Palavras e orações que traduzo como pertencentes ao universo operacional da pedagogia. Pais e mestres, médicos/as e psicólogos/as, ou quaisquer sujeitos que lessem essas produções eram estimulados a seguir os ensinamentos propostos, passo a passo, ou somente o que lhes interessasse. Poderiam também não seguir, mas as produções estavam (estão) lá. O certo é que essa pedagogia influenciou autores/as da área educacional a produzirem argumentos sobre o papel da educação na prevenção da homossexualidade. É o que descrevo e problematizo no item 2.2.

De acordo com Stephanou (2009), nas primeiras décadas do século XX, muito crédito era atribuído à educação como mecanismo de promoção de saúde tanto para a saúde do ambiente como para a saúde do homem. Os discursos médicos não se restringiam a defender uma bandeira genérica de educação e saúde como solução dos problemas nacionais. “Há uma intensa discussão sobre qual saúde e qual educação” (STEPHANOU, 2009, p. 145). Não somente uma saúde física, mas uma saúde mental, intelectual, moral e sexual. Nesse período, de acordo com Stephanou, “médicos brasileiros ocupam-se cada vez mais em discutir os conteúdos e objetivos de ensino, os procedimentos pedagógicos, a avaliação, o exemplo do professor, a materialidade e a salubridade das escolas, os pressupostos teóricos dos pedagogos” (2009, p. 145).

Assim, um exame menos superficial dá conta de perceber que o discurso médico, longe de restringir-se a uma discussão puramente clínica ou terapêutica, implicou num envolvimento significativo de vários médicos em temas cada vez mais complexos sobre conteúdos a serem ministrados, a salubridade da estrutura escolar, os processos de aprendizagem, a educação sanitária do povo, etc. Os discursos do doutor Forel (1928) que apresentei acima me permitem suspeitar, também, que havia uma intensa atuação do médico em espaços educativos. Intensidade de uma experiência de tematização do educacional pela medicina, sem precedentes no passado, e, ousado dizer, no presente.

Buscando os sentidos etimológicos do termo *educar*, podemos perceber as acepções de educação que se articulam e se fazem presentes nos discursos médicos. Stephanou (2009) problematiza que educar provém de *dux, ducis* que significa guia, chefe, de onde *ducere* designa conduzir, comandar, e os compostos *educere* – “conduzir para fora de”, e

*educare* –“criar homens ou animais, formar, instruir”. Nesse sentido, “educar consiste em *formar* pela educação, *dirigir* a formação moral e intelectual de um homem” (STEPHANOU, 2009, p. 146) (grifos da autora). Assim, dos compostos *educere* e *educare* se depreendem as significações de criar, instruir, formar, dirigir. Nos discursos do doutor Forel (1928), expressivo da discursividade médica de uma época, percebemos a força desses significados: a educação como direção e condução.

Tanto *ducere* (conduzir, comandar) quanto *educare* (formar, instruir) se fazem presentes nos discurso médico e permitem definir o médico-educador como o sujeito que intenta assegurar a formação moral e intelectual, mas também que conduz, dirige aqueles a eles afetos. Os médicos, a partir de seus discursos, apresentam-se como educadores, seja para instruir e formar, seja para conduzir todos e a cada um (STEPHANOU, 2009, p. 146).

Os médicos brasileiros, especialmente higienistas e sanitaristas, até a segunda metade do século XX, foram reconhecidos como aqueles que detiveram um saber único e “verdadeiro” e, por isso, o direito de falar sobre modos de cultivar uma vida hígida e saudável, a competência para compreender os fenômenos da vida e da doença e definir tratamento e prevenção, bem como a “capacidade de investir o discurso acerca da saúde e higiene em decisões, instituições ou práticas” (STEPHANOU, 2009, p. 147).

## 2.2 Dos livros de educação – décadas de 1930 a 1950

Entre as décadas de 1930 e 1950 foram lançadas produções de cunho pedagógico que apresentavam e discutiam o tema da homossexualidade. Nessas produções – escritas por médicos, psicólogos/as, pedagogos/as e assistentes sociais – as intenções da *pedagogia dos manuais médicos* ficava mais evidente porque a linguagem recebia influência explícita da pedagogia e da didática.

Os seis livros selecionados e analisados foram publicados entre os anos de 1933 a 1959. Três obras foram escritas por médicos, duas por psicólogos/as (também com formação em Pedagogia) e uma por assistente social. Quatro livros pertenciam ao campo da Orientação Educacional e dois livros se inscreviam na área da Educação Sexual. Pais, professores/as, orientadores/as educacionais, psicólogos/as e assistentes sociais era o público a quem as produções estavam direcionadas.

A apresentação das proposições desses livros segue a mesma lógica dos Quadros-Resumos 1 a 7, os quais trazem as sínteses dos livros de medicina e psicologia das décadas de 1920 a 1950. A perspectiva é reconhecidamente biologicista, higiênica e traz também ideias

da ciência eugênica. O que os tornam diferentes dos livros apresentados anteriormente relaciona-se aos seguintes aspectos:

a) Os autores e autoras apresentam informações sobre a homossexualidade a partir de um texto explicitamente pedagógico;

b) Os pressupostos da psicologia freudiana são apresentados com mais detalhes e o uso desse pensamento é acentuado;


c) A ideia de que a educação mal conduzida pode ser um dos fatores responsáveis pela homossexualidade do sujeito é defendida baseando-se em argumentos estruturados principalmente pela psicologia;

d) A educação sexual é constantemente apontada como mecanismo de controle da sexualidade, das doenças venéreas e da homossexualidade. Além disso, os autores e autoras discorrem sobre formas de evitar a fixação da homossexualidade assim como reeducar aqueles sujeitos que se envolveram em práticas homossexuais e que insistem em mantê-las;

e) Pais e professores são insistentemente citados como responsáveis pela educação moral de crianças e adolescentes.

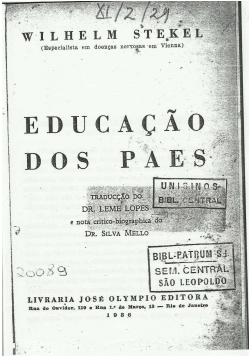
Os Quadros-Resumos 8, 9, 10, 11, 12 e 13 fornecem mais detalhes sobre os livros aos quais me refiro e mostram que entre as décadas de 1930 e 1950 já existia uma produtividade discursiva em favor da pedagogização dos sujeitos que se envolviam em práticas homossexuais. O discurso da educação como mecanismo de controle ganhava força e as ideias médicas e psicológicas veiculadas na época muito contribuíram para isso. Vejamos os Quadros-Resumos.

**Quadro-Resumo 8:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: PAUCHET, Victor. **Os filhos:** sua preparação para a vida. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Companhia Editora Nacional, 1934. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Orientação educacional)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1934</p> <p><b>Público alvo:</b> Pais.</p>	<p>-O tema educação sexual exposto pelo autor recebe a influência da teoria eugênica. Aborda o tema da educação corporal, de atividades lúdicas a serem desenvolvidas pelas crianças e a importância de se ter filhos robustos, etc. O autor cita Freud ao falar do instinto sexual das crianças e das influências externas que concorrem para a má educação do filho. O texto é redigido a partir de uma visão biologicista.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto explicitamente de cunho educativo. Fornece orientações gerais de como conduzir a educação dos filhos.</li> <li>• A educação sexual proposta pelo autor é claramente biologicista e se refere aos cuidados que os rapazes devem ter com as doenças venéreas;</li> <li>• Expõe sobre a importância da educação sexual para a formação psíquica dos adolescentes.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não existe conteúdo específico sobre a homossexualidade; Refere-se indiretamente aos vícios da juventude, fazendo o leitor pensar, por exemplo, nos temas da masturbação e da homossexualidade.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Para o autor, pais e avós são primordiais na orientação dos filhos;</li> <li>• A educação sexual deve ser empreendida para afastar os jovens das moléstias venéreas e dos inconvenientes do vício sexual precoce; Durante toda a adolescência, numa perspectiva preventiva, os pais devem falar sobre esses temas.</li> </ul>		



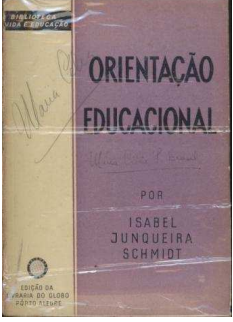
**Quadro-Resumo 9:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: STEKEL, Wilhelm. **Educação dos pais**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Orientação educacional)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina (Psiquiatria)</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1936</p> <p><b>Público alvo:</b> Pais e Educadores</p>	<p>-Baseia-se nas proposições da psicanálise freudiana clássica.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto explicitamente de cunho educativo. A obra trata de variados temas que envolvem a educação de crianças e adolescentes. Pais e educadores são chamados para refletirem com o autor;</li> <li>• O livro discute o tema da homossexualidade em dois capítulos: “A mulher-homem e a mulher-criança” e “Erros educacionais que conduzem à homossexualidade”. Orienta os pais sobre o que é certo e o que é errado no campo da sexualidade do adolescente.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é tratada como patologia e um distúrbio a ser corrigido pela educação moral;</li> <li>• Segundo o autor, a homossexualidade é fruto de uma educação errada;</li> <li>• Discute temas como: característica da mulher masculinizada e do homem afeminado; a homossexualidade é um hábito desenvolvido pela educação errada dos pais; Aborda sobre os erros educacionais que conduzem à homossexualidade.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O autor defende que é dever dos pais informar os filhos sobre as questões sexuais; Expõe que para corrigir os homossexuais é necessário reeducá-los visto que a</li> </ul>		

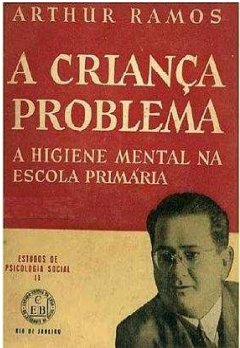
homossexualidade manifesta-se devido a uma má educação desenvolvida pelos pais. Pai e mãe cometem erros educacionais que privam a criança da sexualidade normal; Deve-se ensinar o papel de homem para o menino e o papel de mulher para a menina;

- A correção dos homossexuais está nas mãos de pais e professores: proibir os filhos que expressem seus desejos anormais estimulando a prática da sublimação desse desejo;
- A homossexualidade é curável, mas depende de uma condução psicológica competente;
- Coibir as influências da mocidade é uma forma de evitar a homossexualidade;
- A mãe deve evitar dar uma educação que direciona para as qualidades do sexo oposto. Exaltar as qualidades femininas e desenvolvê-las no menino é muito perigoso.

**Quadro-Resumo 10:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: SCHMIDT, Isabel Junqueira. **Orientação educacional.** Porto Alegre: Editora da Livraria Globo, 1942. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Orientação Educacional)</p> <p><b>Formação da autora:</b> Psicologia / Pedagogia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1942</p> <p><b>Público alvo:</b> Orientadores Educacionais e Professores.</p>	<p>-A abordagem é claramente biologicista e patologizante; Se fundamenta nas proposições do higienismo e eugenismo.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto explicitamente de cunho educativo.</li> <li>• Analisei somente o capítulo intitulado “Educação Sexual”;</li> <li>• A autora discute o tema da educação sexual pelo viés biologicista;</li> <li>• Dirige-se com exclusividade ao orientador educacional esclarecendo que a educação sexual do jovem deve ser realizada com cautela.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A autora não trata do tema da homossexualidade. No entanto, defende que os vícios sexuais não aceitos pela sociedade devem ser prevenidos e combatidos.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Esclarece que a forma mais eficiente de combater os vícios sexuais seria dotar os adolescente e crianças de inúmeras atividades físicas, esportivas ou sociais. Segundo ela, é o melhor derivativo para a inquietação sexual dos adolescentes;</li> <li>• Ao orientador educacional cabe apontar aos adolescentes os perigos e inconvenientes do instinto sexual mal empregado;</li> <li>• Defende a implantação de uma educação sexual escolar que apresente em detalhes os aspectos fisiológicos da reprodução;</li> <li>• Defende que o instinto sexual deve ser disciplinado.</li> </ul>		

**Quadro-Resumo 11:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: RAMOS, Arthur. **A criança problema:** a higiene mental na escola primária. 2ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1949. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Orientação educacional)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1949</p> <p><b>Público alvo:</b> Professores, Pais e Orientadores Educacionais.</p>	<p>-O olhar psicanalítico é defendido pelo autor e as ideias e conceitos freudianos são apresentados didaticamente para que os leitores compreendam a importância da educação tanto no processo de fixação da identidade homossexual quanto de sua reorientação para o exercício de práticas tidas como naturais e normais; O freudismo é evidente no pensamento do autor; Ao escrever sobre as causas da homossexualidade não descarta o papel dos hormônios no processo de homossexualização do sujeito. No entanto, defende veementemente que o homossexualismo se instala e desenvolve-se a partir de mecanismos psicológicos aprendidos no decurso da formação familiar e social do indivíduo; Observam-se também as operações do higienismo e eugenismo nas proposições do autor ao indicar ações a serem realizadas na escola e na família para combater o homossexualismo de crianças e adolescentes.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto explicitamente de cunho educativo;</li> <li>• O livro não foi lido na íntegra. Analisei apenas o capítulo intitulado “Os problemas sexuais”. O capítulo discute os problemas sexuais que aparecem comumente na escola: masturbação, gravidez, doenças venéreas, sexo entre adolescentes e homossexualidade;</li> <li>• Discute sobre a negligência da escola e dos professores ao não combaterem tais problemas;</li> <li>• Para deixar mais claro o tema apresentado, demonstrando sua importância, o autor cita exemplos (estudos de casos) de problemas sexuais ocorridos em escolas e a importância de combatê-los com medidas mais enérgicas;</li> <li>• Defende a atuação de professores e de médicos no combate desses problemas sexuais.</li> </ul>		


### **CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE**

- A homossexualidade é apresentada como patologia;
- Associa as práticas da masturbação ao homossexualismo;
- O autor apresenta alguns casos de homossexualismo detectados na escola;
- Discute que o fator ambiental é fundamental para originar a homossexualidade assim como as interações e amizades entre os alunos. É primordial o papel da educação do meio na origem da homossexualidade.

### **PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS**

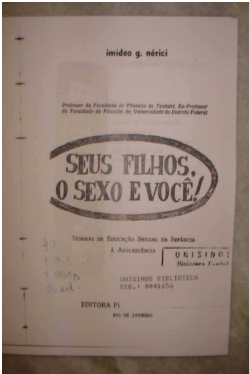
- O conteúdo do livro direciona o leitor a perceber a importância de combater o problema da homossexualidade na escola a partir de medidas enérgicas como vigilância extrema: os professores devem investigar se há práticas homossexuais entre seus alunos;
- Fala da ação de inspetores escolares para promover a vigilância dos alunos, principalmente nos banheiros e locais suspeitos de práticas homossexuais.

**Quadro-Resumo 12:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: NEVES, Margarida Sinai. **Educação sexual**. Porto Alegre: Editora Globo, 1954. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Educação sexual)</p> <p><b>Formação da autora:</b> Serviço Social</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1954</p> <p><b>Público alvo:</b> Pais, Professores e Assistentes Sociais.</p>	<p>-A autora é influenciada pela psicologia psicanalítica freudiana clássica; Para chegar à heterossexualidade o adolescente precisa passar pela fase da homossexualidade que é passageira. No entanto, deve-se ficar atento porque pode acontecer fixação ao objeto homossexual ou regressão, mesmo quando adulto.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicitamente de cunho educativo;</li> <li>• Obra de educação sexual que trata de diversos temas: reprodução, órgão genitais, sexo e personalidade, filhos e casamento, sexualidade e curiosidade infantil, sexualidade e adolescência, masturbação, sadismo, gravidez, homossexualidade, etc.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O tema da homossexualidade é apresentado da seguinte forma: conceito de homossexualidade, jogos sexuais, amizades particulares, o regime defeituoso dos internatos, relações pai-mãe-filhos;</li> <li>• A homossexualidade é percebida como um vício a ser corrigido;</li> <li>• Pais e educadores são os grandes responsáveis pelo aparecimento ou não do desejo homossexual;</li> <li>• Especial atenção é dada para o problema da homossexualidade nos colégios internos: discute sobre a produção da homossexualidade nesses espaços.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O foco da origem da homossexualidade é a educação errada, a educação mal direcionada;</li> <li>• A educação sexual seria um mecanismo para coibir tais práticas: ensinar as funções de cada sexo: quando pensar em matrimônio o homem deve procurar a mulher;</li> <li>• A educação sexual é fator de equilíbrio para cada sexo, na vida conjugal e familiar;</li> </ul>		

- Apresenta ao homem e à mulher a concepção integral do amor e do casamento e cultiva em ambos as qualidades que a natureza especificou;
- A concepção integral do amor e do casamento corresponde às exigências profundas da verdadeira sexualidade. A atitude desacertada de alguns educadores é em muitos casos responsável pelos desvios mais graves.

**Quadro-Resumo 13:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: NÉRICI, Imídeo. **Seus filhos, o sexo e você:** normas de educação sexual da infância à adolescência. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Educação sexual)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Psicologia e Pedagogia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1959</p> <p><b>Público alvo:</b> Pais, Professores, Orientadores Educacionais e Psicólogos.</p>	<p>A abordagem do livro é freudiana; Utiliza-se dos conceitos clássicos da psicanálise para explicar o aparecimento da homossexualidade em crianças e adolescentes; Explica em detalhes o Complexo de Édipo, o Complexo de Electra, o significado de libido, os conceitos de Fase de Maturação, Estágio de Latência, Sublimação, Fixação; Defende, a partir de seu entendimento sobre a teoria psicanalítica freudiana, que a homossexualidade é um estágio. O processo evolutivo da psique infantil, quando bem conduzida, não gera problemas. A fase homossexual é passageira; A heterossexualidade é o lugar final da sexualidade; As proposições do higienismo são evidentes.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto explicitamente de cunho educativo;</li> <li>• Obra que trata de normas a serem seguidas por pais, professores, psicólogos e médicos quando o tema sexo aparece na escola e na família envolvendo crianças e adolescentes;</li> <li>• O texto é cheio de ilustrações as quais representam situações cotidianas entre pais e filhos e professores e alunos. Diversos temas são abordados na obra: as fases do desenvolvimento motor, psicológico e sexual de crianças, adolescentes e pré-adolescentes; primeiras descobertas sexuais das crianças e adolescentes;</li> <li>• Aborda sobre métodos a serem trabalhados por pais e professores na discussão dos temas de natureza sexual.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O tema da homossexualidade aparece no texto de forma detalhada, sistemática e utilizando-se de explicações baseadas na teoria freudiana clássica;</li> <li>• A homossexualidade é definida como uma condição que se desenvolve na interação</li> </ul>		



social sendo o ambiente familiar o local mais propício para seu desenvolvimento;

- Outros ambientes são propícios para o desenvolvimento da homossexualidade: escola, colégios internos, etc;
- Os pais são os grandes responsáveis pelo desenvolvimento ou não da homossexualidade do filho e da filha.

### **PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS**

- O livro está repleto de normas, regras, dicas e proposições para pais e educadores não permitirem o desenvolvimento e fixação do desejo homossexual nas crianças e adolescentes;
- Cita metodologias que devem ser utilizadas para vigiar as crianças: não permitir que adolescentes andem aos pares (grupos de três é o ideal); exercer discreta vigilância das atividades das crianças nos pátios das escolas; examinar a companhia das crianças; vigiar as instalações sanitárias, etc.;
- Chama a atenção dos professores para o combate tanto da homossexualidade quanto da masturbação;
- Os pais devem servir como modelo para as crianças: o menino deve imitar a virilidade do pai; a menina deve imitar a docilidade da mãe;
- Favorecer a aproximação dos dois sexos. O sexo oposto deve ser apresentado como a melhor companhia: as festinhas da escola são ambientes que proporcionam a união de meninos com meninas;
- É importante falar do casamento e da felicidade adquirida com o matrimônio.

### 2.2.1 Educação, faca de dois gumes? Freud explica?

Os pressupostos da teoria hormonal e hereditária como base para explicação do fenômeno homossexual foram assimilados e reproduzidos por autores/as da área educacional das décadas de 1930 a 1950. Todavia, explicações oriundas de outros campos também eram incorporadas porque o tema, como demonstrado anteriormente, era tido como difícil e complexo. Assim, a área educacional aproveitava a diversidade de explicações para poder se posicionar e operar com esses conceitos. O mais coerente, em alguns momentos, era tentar compreendê-la como fenômeno multifatorial. Biologia e psicologia se uniam para tentar decifrar a homossexualidade nas pessoas.

Para o médico Arthur Ramos (1949), autor do livro *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, os aspectos orgânicos eram importantes visto que a psique se desenvolvia em função deles. Determinados tipos de homossexualismo tornavam-se evidentes porque os hormônios do sexo oposto eram produzidos em demasia e por isso afetavam diretamente os caracteres sexuais secundários fazendo com que anatomias femininas se exacerbassem em corpos masculinos e vice-versa. Desta forma, ficava fácil para o médico perceber os traços da anomalia e realizar o diagnóstico. Mas, segundo Ramos (1949), outros tipos de homossexualismo não apresentavam caracteres visíveis mostrando tratar-se não de um distúrbio anátomo-fisiológico e sim de uma psicopatologia onde as causas deviam ser buscadas em outros fatores como o meio em que o sujeito vivia e a educação recebida.

*Freud sempre considerou a psicanálise uma superestrutura que deve repousar sobre seu fundamento orgânico. Na evolução sexual normal, prevaleceriam, na crise puberal, os hormônios correspondentes ao sexo dominante. Os hormônios do sexo oposto não desapareceriam, porém, totalmente: há normalmente, alguns caracteres do sexo oposto, no homem e na mulher. Quando êsses caracteres se hipertrofiam, porém, vemos instalado o homossexualismo. Isso que é verdadeiro, para os casos típicos, flagrantes, de homossexualismo, até com caracteres morfológicos evidentes, se torna de mais difícil compreensão para os casos de homossexualismo sem nenhum desvio morfológico, ou para o homossexualismo psíquico. A discussão é enorme. Os psicanalistas põem-se em guarda, assim contra os exageros do endocrinismo e preferem enxergar, no homossexualismo, uma persistência, uma 'fixação' da sexualidade infantil, agravada por influências das suas constelações e complexos familiares. [...] o homossexualismo tem sempre raízes ambientais. O papel da educação, do meio, é realmente fundamental na gênese do homossexualismo (RAMOS, 1949, p. 319-320) (grifos meus).*

O ambiente e a educação familiar eram fatores que deveriam ser avaliados quando um caso de homossexualismo se apresentava. Esse pressuposto foi divulgado por pesquisadores/as e escritores/as da época e as proposições utilizadas para embasar esse pensamento estavam pautadas nas ideias do médico Sigmund Freud.

*Já estão popularizados os trabalhos de Freud: mostrou este psiquiatra austriaco o papel considerável que os instintos e a vida sexual desempenham nos seres humanos; revelou o número considerável de perturbações pathológicas **atribuíveis á má educação ou mau emprego destes instintos naturaes** (PAUCHET, 1934, p. 150-151) (grifos meus).*

As ideias freudianas diziam o quê sobre o/a homossexual? Quais os pressupostos da forma freudiana de pensar a sexualidade dos sujeitos? Que conceitos freudianos eram apresentados pelos/as escritores/as da época para explicarem a sexualidade homossexual?

Vejam os que alguns autores diziam acerca do pensamento psicanalítico freudiano. É interessante percebermos que os/as referidos/as autores/as ao explicarem as ideias de Freud vão conectando-as ao tema que defendem: a produção do/a homossexual a partir da má condução afetivo-educativa realizada pelos pais ou pessoa responsável pela criação/educação do sujeito. Assim se expressou o médico Imídio Nérici (1959) ao descrever alguns conceitos da psicanálise freudiana:

*A evolução sexual (tudo indica) processa-se por fases que se distinguem pelo predomínio de determinadas características que, no entanto, não eliminam as outras. É questão de predominância de certos aspectos. **Estas fases evolutivas requerem cuidados especiais para que êstes aspectos não se fixem, não evoluam, ou mesmo para que não haja regressão de comportamento, isto é, para que, em fases mais adiantadas, não predominem características próprias das fases anteriores.** De modo geral, a evolução sexual pode ser assim dividida: a) do nascimento aos 3 anos; b) dos 3 aos 6 anos; c) dos 6 aos 10 anos; d) dos 10 aos 18 anos. **Estas fases serão apresentadas dentro do esquema psicanalítico, isto porque apresenta vantagens pedagógicas apreciáveis, possibilitando retirar o assunto das generalizações e imprecisões, a fim de que a educação da criança possa ser levada a efeito e acompanhada de maneira objetiva, idade por idade** (NÉRICI, 1959, p. 15-16) (grifos meus).*

O médico Arthur Ramos (1949) também interpretou os escritos de Freud e ao fazê-lo registrou suas impressões sobre a importância dessa teoria na análise e resolução dos problemas de perspectiva sexual que aparecem durante a adolescência. Conhecer a evolução

psicossexual das crianças e adolescentes ajuda a realizar a pedagogização da sexualidade dos mesmos.

*Os psicanalistas admitem a existência de uma sexualidade geral a princípio difusa por todo o corpo, e depois conglomerada em zonas mais expostas às excitações (zona buco-labial, ano-retal, uretral...). É desta época em diante, quando a criança toma nota da existência do seu pequeno órgão genital, que surge a fase fálica, período importante para a pedagogia, pois é a fase onde se inicia a masturbação e começa a exercer-se o papel repressor da educação. É a fase ainda dos complexos familiares, do famoso complexo de Édipo, que sucumbe do quinto para o sexto ano, quando se instala a fase de latência, período em que as manifestações da sexualidade são esquecidas e recalçadas, para explorarem mais adiante, na época da puberdade. É a força repressora da educação que faz bi-partir, desta maneira, a evolução do instinto sexual, o que pode originar traumatismos psíquicos graves, e às vezes irremediáveis, quando se exerce aquela força com grande intensidade. Realmente, muitas conquistas da civilização se fazem à força da repressão do instinto sexual. Os próprios psicanalistas não o ignoram. [...] A pedagogia, porém, deve zelar, para que a fase da latência e da sexualidade não se hipertrofie em mecanismos perigosos para o equilíbrio da criança. Nem consentir demasiado, nem reprimir demasiado. A socialização do homem consiste no domínio dos seus instintos, subordinando-os a uma finalidade social. Mas esta socialização não deve ser feita às custas de um recalçamento brusco, exagerado, inadequado, das forças instintivas da personalidade (RAMOS, 1949, p. 301) (grifos meus).*

Reprimir na hora certa, liberar quando for conveniente. A educação permite produzir esse sujeito que a sociedade tanto valoriza, mas ela pode também gerar aqueles e aquelas que não dominam seus instintos. Por isso, “**a pedagogia... deve zelar para que... a sexualidade não se hipertrofie em mecanismos perigosos...**” (RAMOS, 1949, p.301) (grifos meus).

No livro *Educação Sexual*, a assistente social Margarida Sinai Neves (1954), ao dirigir seu discurso para a explicação do que levaria um sujeito a desenvolver-se como homossexual, explicita seu ponto de vista e sua argumentação ancorada na teoria psicanalítica de Sigmund Freud.

*Depois que a psicanálise salientou o fundo do quadro familiar na formação da sexualidade, cada dia mais cresce para os especialistas a importância da posição do indivíduo em relação ao pai e à mãe. [...] Na evolução infantil há um momento em que o eu é solicitado a abandonar a forma primitiva dos laços familiares. Há indivíduos bastante fortes para enfrentar os obstáculos. Outros são particularmente débeis ou encontram demasiada resistência*

**familiar. Seja como fôr, alguns dominam perfeitamente a situação. Outros se emaranham na rêde de complicações que os envolvem. Conservam-se radicados à condição infantil não resolvida – o que poderá repercutir funestamente na evolução da sexualidade. Nos casos mais graves, a mãe perdura como o único ideal diante do qual tôda mulher desaparece. Ou então, se transforma no símbolo da Mulher. Não podem amar sexualmente a nenhuma, porque em tôdas encontram o reflexo da imagem materna. Repugna-lhes pensar que amam sexualmente a mãe. Desesperados, procuram relações com os do próprio sexo. Todo êsse mecanismo psicológico implica em graves conflitos, tanto mais quanto os padrões morais intervêm mais fortemente. Que fazer? Que prognóstico? Que tratamento? Queremos que todas as mães saibam esclarecidamente guiar seus filhos – ajudá-los a tornarem-se independentes, a amar a outros ideias e a uma mulher. O sacrifício dêsse desapego é sobejamente compensado. Evidentemente, nos casos normais, passada a fase da necessidade vital de afirmação, depois do encontro com heróis e heroínas vivos ou imaginários; depois que as buscas da adolescência se encaminham para o êxito, os filhos, enriquecidos em sua personalidade, reajustam os valores e retornam aos pais – com redobrado amor, estima e veneração.** (NEVES, p. 202-204, 1954).

Pautados/as nas leituras e interpretações que faziam das obras de Freud, os/as autores/as divulgavam que a sexualidade desempenhava papel fundamental na vida das pessoas sendo sua construção dependente de fases estabelecidas pelo desenvolvimento anátomo-fisiológico e psicológico onde instinto e psique estavam ora interagindo ora divergindo. Seguros de que o desenvolvimento psicosssexual seguia uma evolução donde essa dinâmica influenciava decisivamente a formação da personalidade do sujeito, os/as autores/as acreditavam que desde o nascimento – passando pela infância, chegando à adolescência e finalmente estacionando na idade adulta – os sujeitos iam interagindo com o meio e formando sua personalidade normal (heterossexual). Assim, concluíam que o desvirtuamento desse padrão psicológico, desenhado pela teoria freudiana, poderia originar problemas na sexualidade do sujeito. Segundo eles e elas, essas situações-problemas poderiam ser prevenidas com “*o papel repressor da educação*” (RAMOS, 1949, p.31) ou, como professou o médico Imídio Nérici (1959, p. 15-16), “*Estas fases evolutivas requerem cuidados especiais [...] a fim de que a educação da criança possa ser levada a efeito e acompanhada de maneira objetiva, idade por idade*”.

Os discursos produzidos por Ramos (1949), Neves (1954) e Nérici (1959), a partir da leitura da teoria da sexualidade elaborada por Freud, evidenciam uma intenção pedagógica preventiva direcionada ao sujeito homossexual. Falam a favor de uma produtividade

pedagógica onde a teorização da psicologia psicanalítica freudiana foi utilizada para fortalecer o argumento defendido: a educação errada desvirtua o sujeito e leva-o a desenvolver personalidades indesejáveis, perversas e anti-sociais, mas a educação também é um meio eficiente para corrigir a sexualidade desviante por que o corpo a ser normalizado pode ser manipulado, moldado e higienizado.

As ideias do binarismo sexual e de gênero já operavam nas produções analisadas: boa educação – má educação; educação eficiente – educação deficiente; educação estruturante – educação desestruturante; educação moral – educação imoral; educação certa – educação errada. Alguns trechos das produções evidenciam o jogo do binarismo (re) produzido pelos/as autores/as. A prevenção dos desvios de personalidade que se expressavam no corpo e na mente dos sujeitos identificados como homossexuais poderia ser operada a partir de táticas do processo educativo: ensinar, orientar, conduzir, assujeitar, reprimir, posicionar, normalizar, ajustar, etc.

*Se a educação não tem o poder de destruir as más tendências hereditárias, mas tem o poder de desenvolver outras que compensam as primeiras, a educação seria ainda evidentemente de uma vantagem considerável na profilaxia das ações anormais* (SILVA; SILVA, 1933, p. 148) (grifos meus).

*Cremos oportuno caracterizarmos aquêles indícios de anormalidade, quanto ao desenvolvimento sexual, de maneira a serem tomadas as providências necessárias, quanto for o caso, a fim de se tentar uma normalização ou uma educação adequada, segundo a natureza da anomalia constatada* (NÉRICI, 1959, p. 146) (grifos meus).

Todavia, os/as autores/as, estrategicamente, não se esqueciam de lembrar – e isso era dito antes de falarem das ações positivas do ato educativo – que a educação também era responsável pelos desajustes da sexualidade.

*Ninguém nasce homo-sexual, mas se torna homo-sexual, em virtude de uma educação errada. O meio e sua influencia nefasta formam os homo-sexuaes”* (STEKEL, 1936, p. 280-281) (grifos meus).

O corpo disparatado, a anatomia masculina afeminada, a fisiologia feminina masculinizada ou a personalidade desviada deveriam passar por uma ortopedia<sup>35</sup> educacional e transformarem-se em “*criaturas responsáveis e normais*” (NÉRICI, 1959, p. 106). Precisavam ser vigiados sorrateiramente, olhados nos detalhes e, de preferência, que não

---

<sup>35</sup> Foucault (2008).

fossem percebidos. Isso ajudava a controlar e prevenir tendências invertidas. As ações deveriam ser perpetradas com uma eficiência que desse a impressão de que estavam sendo sempre observados. Doutor Nérici (1959) ensina meticulosamente como conduzir essas situações.

**Faz-se necessária a vigilância.** *Com relação a este aspectos, o da vigilância, é obrigação dos pais, a par da liberdade concedida à criança, acompanhar-lhe e observar-lhe os passos, tudo isso de maneira discretíssima. Não gosta a criança de ser controlada. Mas é preciso que o seja: e de jeito que nada desconfie* (NÉRICI, 1959, p. 86) (grifos meus).

**Normas aconselhadas para evitar ou, pelo menos, para atenuar tais fixações de amizades homossexuais:** 1) *As amizades a dois devem ser discretamente controladas, não dando oportunidade para que fiquem a sós;* 2) *A introdução de um terceiro elemento nessas duplas é conveniente, pois então cada qual passa a desempenhar a função de vigilante involuntário;* 3) *Outra medida de ordem geral é de, aos poucos, procurar realizar a aproximação dos dois sexos, através de trabalhos em grupo, de festinhas, etc.* (NÉRICI, 1959, p. 132-133) (grifos meus).

*Favorecer a aproximação dos dois sexos. A aproximação deve ser favorecida, na escola, pela coeducação, formando-se turmas mistas de estudantes; bem como pela constituição de grupos de trabalhos mistos; fora da escola, por meio de atividades sociais, como festinhas de aniversários, comemorações, passeios, piqueniques, bailezinhos familiares, representações teatrais, em que tomem parte ambos os sexos. Uma das causas de desvio do comportamento do adolescente é não ter orientação para as suas atividades* (NÉRICI, 1959, p. 138) (grifos meus).

**Desde pequena a criança deve ser habituada a lidar com o sexo oposto. [...] A vida escolar está cheia de oportunidades que levam aproximação franca e sincera dos sexos, em sentido altamente educativo e social, de maneira que meninos e meninas aprendam a querer-se, respeitar-se e trabalhar juntos** (NÉRICI, 1959, p. 157) (grifos meus).

*Professôres ou inspetores de alunos, de vez em vez, devem fazer uma visita às instalações sanitárias das crianças. Estas inspeções não devem ser feitas ostensivamente, mas sim para dar a impressão às crianças de que os adultos podem estar ali, de um instante para outro* (NÉRICI, 1959, p. 174) (grifos meus).

A indicação de atividades físicas para entreter e ocupar os estudantes, o estímulo que pai e mãe davam para que os meninos se acostumassem e valorizassem brinquedos tipicamente masculinos, a insistência em vestir as meninas com indumentárias de mulheres,

os conselhos proferidos aos homens para que seguissem o exemplo do pai, os cuidados dos pais com as amigadas dos filhos e filhas e a vigilância em casa, na escola e em outros espaços de sociabilidade faziam parte dessa complexa rede de discursos proferidos nos livros médicos. Tais conteúdos eram transmitidos e se materializavam no dia a dia das pessoas que viveram a experiência da sexualidade classificada como anômala. Esses discursos também fizeram parte do cotidiano de pais e professores/as, apontados pelos médicos, psicólogos/as e pedagogos/as da época como os grandes responsáveis pelo (des) virtuoamento dos/as filhos/as e alunos/as.

**Paes, vós conheceis o importantissimo papel desempenhado pela sexualidade nos seres humanos de ambos os sexos; bem orientado este instinto e soffreado por meio dos desportos, desempenhará papel considerável na existência dos moços [...] Estes perigos que ameaçam a juventude dependem, no commum dos casos, das sugestões recebidas durante o período de sua formação** (PAUCHET, 1934, p. 149) (grifos meus).

*As influencias da mocidade são decisivas para o apparemimento da homo-sexualidade. Por isso volto-me para os paes, afim de que evitem todos os erros educacionaes que privem uma criança da sexualidade normal* (STEKEL, 1936, p. 287-288) (grifos meus).

**Paes e educadores precisam saber que está em suas mãos, por uma educação adequada e pela proibição de medidas perigosas, possibilitar aos seus filhos a sublimação de todos os instintos asociaes. [...] A acumulação de erros na educação de uma criança a empurra numa direção homo-sexual** (STEKEL, 1936, p. 280-281) (grifos meus).

**A masculinidade, ou a feminilidade, deve vir sendo preparada desde a infância, ou melhor, desde o nascimento. Faz parte das responsabilidades dos pais e educadores o saber encaminhar para êste objetivo, proporcionando oportunidades educacionais para que se firme e se desenvolva, normalmente, o sexo de que cada espécie é portador** (NÉRICI, 1959, p. 156-157) (grifos meus).

Os trechos acima demonstram que para ser eficiente, a *pedagogia dos manuais médicos* precisava conectar o sujeito da pedagogia (o/a homossexual) com o agente da pedagogia (pais, professores/as). Para Costa (2004), o dispositivo médico inseriu-se com eficiência na instituição familiar que deveria “animar a produção de seus fiscais” (COSTA, 2004, p. 63). O discurso médico passou a ter endereço certo e se dirigia à família que deveria implantar a técnica de criação dos hábitos: “as ‘más inclinações’, prevenidas pelas inculcação dos bons hábitos” têm efeitos duradouros e muitas das vezes agem na invisibilidade e implantam-se “gradualmente na ‘alma dócil’, no ‘corpo tenro e flexível’ sem deixar marcas



perceptíveis” (COSTA, 2004, p. 175).

Na escola não era diferente. A vigilância dos/as professores/as deveria ser constante. Reis (2006), estudando a obra do médico José de Albuquerque, produzida entre os anos 1920 e 1950, relata que para o referido médico os professores eram vistos como agentes fundamentais na educação moral e sexual de crianças e adolescentes. A criança, segundo José de Albuquerque, “deveria ser orientada desde cedo de acordo com as verdades científicas” (REIS, 2006, p. 72). Assim, “após a entrada da criança na escola, a educação sexual deveria ser ministrada por professores ou profissionais imbuídos de verdades científicas, profissionais capazes de deixar de lado as superstições, os mistérios e as inverdades sobre a função sexual” (REIS, 2006, p. 72).

As verdades científicas sobre a sexualidade heterossexual deveriam ser ditas – e bem ditas, seja em casa, na escola ou no consultório. *A pedagogia dos manuais médicos* deve funcionar, não importa a ordem: pode iniciar com os médicos e ser dada a continuidade pelos pais e professores/as, ou, de acordo com o médico José de Albuquerque: “ser começada pelos pais, continuando com os mestres e terminada pelos médicos” (ALBUQUERQUE, 1940, p.75 apud REIS, 2006, p. 75).

Para Marcus Vinicius da Cunha (2010) embora família e escola servissem como núcleos estratégicos no processo de disseminação dos discursos médicos sobre diversos temas de interesse do Estado, o que ocorria na realidade era uma desqualificação dessas instituições no tocante à educação do corpo e da mente dos sujeitos. Os pais não conseguiam disciplinar os filhos como deveria ser. A escola precisava de um suporte epistemológico para realizar tarefa tão complexa. Quem daria esse suporte científico e metodológico? Aqueles e aquelas que dominam os conhecimentos da biomedicina.

Psicólogos, pediatras, assistentes sociais e professores sabem mais do que pais, avós, tias... Isso é o que vem sendo sustentado em toda a história da escola e é a mentalidade que vigora nos dias de hoje. Se não fosse assim, como justificar que as palestras desses profissionais sejam tão insistentemente programadas pelas direções das escolas nas reuniões de pais e mestres, e tão bem recebidas por todos os que as freqüentam? Esse exemplo banal serve para que pensemos no status que têm os saberes científicos não só quanto ao ‘como ensinar’, mas sobretudo ao ‘como educar’ (CUNHA, 2010, p.450).

A história da cientifização da escola brasileira teve um importante marco no século XIX, que coincidiu com a campanha levada a cabo pelos médicos higienistas para modernizar a família brasileira. Até o início daquele século persistia a educação assistemática, realizada no âmbito doméstico. Tal situação foi modificada por influência dos costumes das cidades reforçados pela chegada da família real no Brasil. Assim, as famílias foram

diminuindo de tamanho por meio do afastamento dos escravos e de pessoas com laços de parentesco mais distantes, até resultar, bem mais tarde, na família nuclear. Surgia, de acordo com Cunha (2010, p. 452), “o indivíduo urbano típico de nosso tempo”.

Indivíduo física e sexualmente obcecado pelo seu corpo; moral e sentimentalmente centrado em sua dor e seu prazer; socialmente racista e burguês em suas crenças e condutas; finalmente, politicamente convicto de que da disciplina repressiva de sua vida depende a grandeza e o progresso do Estado brasileiro (COSTA, 2004, p. 214).

Este modelo, de acordo com Costa (2004), será transplantado para o interior das famílias, determinando, por sua vez, a função dos pais junto aos filhos e dos homens junto às mulheres. Modelo que inspirou o ideal de intimidade doméstica a ser cultivado para produzir um certo padrão de indivíduo que ainda vigora na atualidade, guardadas as proporções e as peculiaridades de cada época e cultura.

Estamos nos referindo a modelos, o que implica pensar naquilo dado como ideal, por alguma instância de poder, num dado momento histórico. Os princípios normativos da ciência médica dos séculos XIX e XX, fiéis aos usos e costumes burgueses estão vigentes. A família naquela época era caracterizada como em permanente estado de mau funcionamento, era dada como incompetente, incapaz, sem qualidades para educar as crianças. Fazia-se urgente inseri-la nos padrões caracterizados como normais (CUNHA, 2010; COSTA, 2004).

A onda de modernização que atingiu o Brasil no início do século XX provocou uma série de debates em vários campos. No caso da educação, o espírito norteador desse movimento foi a intenção de modernizar a sociedade brasileira por intermédio da escola. Nos anos 1920 e 1930, a pedagogia trazia consigo a crença de que, mediante as relações da psicologia, da biologia e das ciências sociais, era possível obter o conhecimento exato da infância e, assim, aplicar os procedimentos educacionais adequados. A meta do novo ideário educacional, segundo Cunha (2010), conhecido como Movimento da Escola Nova, consistia basicamente em ensinar crianças e jovens com o propósito de colocar o educando em condição de responder aos requisitos da nova sociedade e a via para a obtenção desse fim seria a compreensão metódica e objetiva das características psicológicas, biológicas e sociais do indivíduo submetido à situação escolar.

Absorvendo os pressupostos da ordem médica, já desenvolvidos pela ideologia higienista, o discurso educacional renovador deu continuidade ao processo de normalização das mentes e dos corpos dos/as alunos/as. Essa campanha movida pelos/as novos/as educadores/as, inspirados na nova ordem social, fundamentados em prescrições das ciências biomédicas em crescente ascensão, pontuava que medidas de política sanitária não seriam

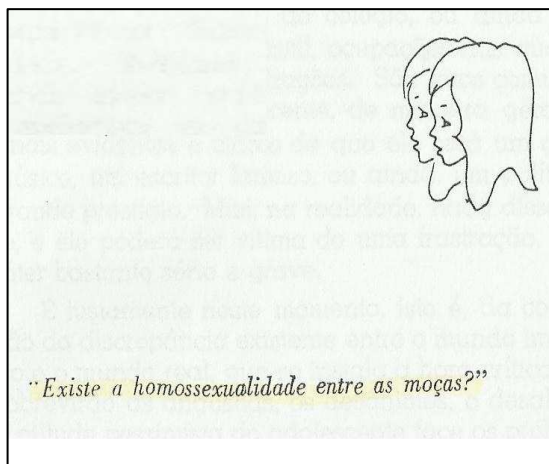
eficientes para modernizar a sociedade, caso não fossem acompanhadas de medidas educacionais correspondentes. A renovação educacional necessária e vislumbrada no país deveria compor-se a partir do “trinômio saúde, moral e trabalho” (CUNHA, 2010, p. 456).

Nesse empenho normalizador, a família continua sendo estratégica, pois sabia-se que nada de produtivo e duradouro poderia ser feito com a criança e o adolescente na escola se não houvesse receptividade aos procedimentos pedagógicos no ambiente familiar. A família, portanto, deveria enquadrar-se, ou ser enquadrada, nos princípios ditados pelo discurso educacional renovador (CUNHA, 2010).

Como podemos perceber, os pressupostos da psicologia ganhavam credibilidade e operacionalidade nos discursos médicos sobre o/a homossexual. Nas décadas de 1920 a 1950 “o tema da homossexualidade também seria abordado, no Brasil, pela psicanálise, cuja ‘entrada’ em nosso país era recente” (BELMONTE, 2009, p. 73). O surgimento dessa nova teoria entusiasmou os psiquiatras ao proporcionar novos métodos de investigação e de terapia. Mas, de acordo com Belmonte (2009), essa nova teoria não interferiu de imediato no conhecimento psiquiátrico da época. Agora não mais falar e agir a partir de um olhar que lhes trouxessem dificuldades em realizar a gestão desse sujeito. A biologia deixava lacunas e a psicologia se tornou uma área de grandes investimentos. Assim, as ideias iam sendo (re)construídas: a homossexualidade passou a ser vista como um problema psicológico construído principalmente nas relações familiares e por se tratar de um distúrbio que muito tinha a ver com o ambiente social desses sujeitos, o ideal era chamar os responsáveis pela sua educação para promoverem a correção: pais e educadores/as. A família e a escola agora se constituíam como instituições fundamentais a serem incluídas no processo de pedagogização para a prevenção das práticas homossexuais. O próximo capítulo demonstrará com mais detalhes esse empreendimento pois na década de 1960 intensifica-se o uso das teorias psicológicas para explicar a homossexualidade.

### 3 ESCAVAÇÃO DE IDEIAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM LIVROS DE MEDICINA, PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO DOS ANOS 1960

Antes de descrever e problematizar as ideias sobre a homossexualidade veiculadas em livros de medicina, psicologia e educação dos anos 1960 é interessante que nos lembremos de alguns acontecimentos desse período. Pensar sobre os anos 1960 é compreender que nesta década ocorreu um turbilhão de eventos de natureza política, econômica, social, cultural e educacional. Sem dúvida havia coersão e repressão, mas também contestação e resistência.



Fonte: NETTO, Aguiar. **Psicologia, ciência e vida: orientação educacional**. v.2. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975, p.66.

Conviviam diferentes formas de pensar e diversificadas formas de agir frente a diferentes temáticas. Pode-se dizer que foi um período em que o debate em torno da sexualidade e do gênero afluíram intensamente. Áreas como medicina, psicologia e educação não deixaram de produzir e absorver ideias e pressupostos sobre a homossexualidade. Miriam Pillar Grossi (2011) nos dá um panorama sobre essa década ao focalizar os temas gênero e sexualidade: os anos 1960 são emblemáticos, pois foi nesse período que aconteceram as lutas libertárias, mais especificamente dos movimentos sociais de 1968 – as revoltas estudantis de maio em Paris, os *black panthers*, o movimento hippie e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil. Todos esses movimentos lutavam por uma vida melhor, mais justa e igualitária, e é justamente no bojo desses movimentos de libertação que se identifica um momento-chave para o surgimento da problemática de gênero. Paralelamente a essas lutas, os anos 1960 constituíram um período de grande questionamento da sexualidade. Entre os inúmeros movimentos sociais que despontam nesse período, dois se destacam pela sua proposta e força: o movimento feminista e o movimento gay. Ambos vão questionar as relações afetivo-sexuais no âmbito das relações íntimas no espaço privado (GROSSI, 2011).

A década de 1960 também foi marcada por intensos processos de industrialização e urbanização no Brasil e a educação ganharia importância estratégica dentro desse movimento, passando a ser entendida como elemento fundamental no projeto de modernização da sociedade brasileira, um reflexo das promulgações das Leis 4024/61, 5540/68 e 5692/71 todas regulamentando os ensinos fundamental, médio e superior. O

governo brasileiro adotava políticas educacionais vinculadas aos objetivos explícitos de desenvolvimento econômico e, menos explicitamente, deveriam servir como elemento disciplinador da sociedade brasileira, que acabava de se tornar urbana, mas que perpetuava suas desigualdades sociais, o que representava ameaça às estruturas de dominação, sobretudo, nesse momento em que a participação política de setores populares crescia significativamente (SOUZA; RIBEIRO 2008).

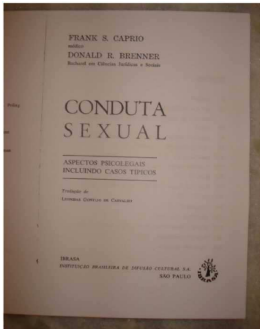
### **3.1 Dos livros de medicina e psicologia – década de 1960**

Os Quadros-Resumos 14, 15, 16 e 17 apresentam as principais ideias sobre a homossexualidade veiculadas em livros de medicina e psicologia publicados na década de 1960. São produções escritas por médicos e direcionadas para médicos de formação geral, psiquiatras, psicólogos e juristas. Os quatro livros enquadram a homossexualidade como uma patologia. Além disso, elencam uma série de distúrbios sexuais considerados na época como desvios e aberrações. A perspectiva da abordagem continua tendo traços do pensamento biológico. Hereditariedade e endocrinologia ainda são campos explicativos quando são apresentadas as causas da homossexualidade. Mas, o que chama a atenção nos livros analisados é a influência crescente da teoria psicanalítica de Freud como epistemologia explicativa. Os autores operavam com alguns conceitos desenvolvidos por Sigmund Freud sobre a sexualidade e pensavam a homossexualidade como um problema psicológico causado pelas influências do meio, principalmente devido alguns hábitos e a convivência entre pais e filhos/as.

A homossexualidade continua sendo percebida como uma questão difícil de ser discutida no meio médico e que requer o olhar de outros campos. A teoria endocrinológica começa a sofrer críticas e esse fato abre espaço para que o pensamento psicanalítico freudiano seja mais valorizado pela comunidade médica.

Quem é o/a homossexual para esses autores? De um modo geral o homossexual masculino é marcado como um indivíduo afeminado, delicado e frágil. Tentam caracterizá-lo pelos seus hábitos, gostos e profissões sempre os ligando ao universo feminino e, no caso das mulheres, leia-se o contrário, dando a ideia de oposição. Ao divulgarem que o hábito e as interações entre os sujeitos sociais podem levar à homossexualidade, os autores delimitam e divulgam espaços e ambientes onde a homossexualidade poderia se desenvolver com mais facilidade como colégios internos, quartéis e prisões. Analisemos os Quadros-Resumos abaixo.

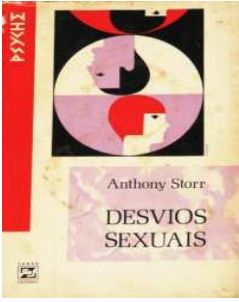
**Quadro-Resumo 14:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: CAPRIO, Frank; BRENNER, Donald. **Conduta sexual:** aspectos psicolegais incluindo casos típicos. São Paulo: IBRASA, 1967. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina/Psicologia/Direito</p> <p><b>Formação dos autores:</b> Medicina e Direito</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1967</p> <p><b>Público-alvo:</b> Psiquiatras, Psicólogos, Médicos e Juristas.</p>	<p>-Os autores direcionam suas teses a partir da perspectiva psicológica psicanalítica freudiana; As ideias de Freud estão presentes em toda a discussão; Não deixam de considerar a importância da hereditariedade, mas o que prevalece no texto é uma discussão entendendo a homossexualidade como uma conduta adquirida e reforçada pelos hábitos.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro aborda diversos temas sobre práticas sexuais consideradas aberrantes. Tais práticas são enquadradas como distúrbios ou patologias do campo da psiquiatria;</li> <li>• Os temas abordados pelos autores são os seguintes: concepções sobre psiquiatria e lei; a conduta sexual do homem; problemas sexuais no casamento e aspectos psicolegais; o problema da homossexualidade; exibicionismo; estupro; necrosadismo; pedofilia; incesto, prostituição, aborto e tratamento psicolegal.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• No capítulo que discute o tema da homossexualidade, os autores apresentam-na como um problema psicológico adquirido e aprendido, requerendo desta forma as ações da psicologia na mudança de conduta;</li> <li>• Dão especial atenção ao tema da homossexualidade em ambientes de confinamento (internatos, prisões, conventos, etc.). Alertam para esse problema e chamam a atenção das autoridades governamentais para olharem com mais cuidado para esses ambientes;</li> <li>• Mostram que o comportamento influencia no desenvolvimento da homossexualidade: citam inúmeras profissões que podem levar ao homossexualismo, ambientes que propiciam desenvolver o comportamento homossexual (boates, teatro), pessoas que vivem sós e aquelas que se dedicam exclusivamente à sua carreira profissional e não querem se casar.</li> </ul>		

## PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS


- Para os autores, as pessoas devem adquirir adequados conhecimentos das questões sexuais. Citam os livros e as revistas científicas como excelentes veiculadores dessas informações. Além disso, as palestras ministradas por profissionais especializados como médicos e psicólogos ajudam a população a melhorar sua conduta sexual;
- São defensores da educação sexual na escola. Os conteúdos devem mostrar os aspectos reprodutivos e os problemas venéreos advindos do sexo; De acordo com esses autores, a população deve ser esclarecida sobre as questões sexuais a partir da educação sexual. Caso isso não aconteça, a incidência de doença sexual tende a aumentar;
- Os pais devem agir na educação sexual dos filhos (o pai precisa mostrar quais seriam as atitudes consideradas masculinas e a mãe quais atitudes femininas a filha deve incorporar);
- Os pais devem ensinar a importância do casamento e encorajar para que exerçam o padrão familiar heterossexual.

**Quadro-Resumo 15:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: STORR, Anthony. **Desvios sexuais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

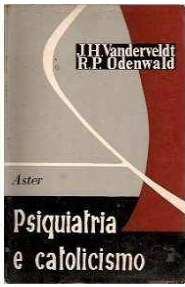
LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina (Psiquiatria) / Psicologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1967</p> <p><b>Público-alvo:</b> Psiquiatras, Psicólogos e Médicos.</p>	<p>-A abordagem se estrutura a partir da psicologia psicanalítica freudiana.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro aborda temas clássicos da psicopatologia sexual: sadomasoquismo, fetichismo, travestismo, homossexualidade masculina, homossexualidade feminina, exibicionismo, pedofilia, sodomia, métodos de tratamento e psicoterapia analítica.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é percebida como psicopatologia;</li> <li>• O homossexual é visto como um anormal e que precisa abandonar suas práticas. A psicoterapia analítica é sugerida como possibilidade de tratamento;</li> <li>• Coloca que o estilo de vida homossexual é insatisfatório;</li> <li>• A função do psicoterapeuta é encorajar o homossexual a abandonar sua prática. Cabe também a este profissional dedicar esforços para desenvolver métodos psicoterápicos que impeçam o estabelecimento da prática homossexual em seus pacientes e se tal prática for estabelecida, deve o psicólogo ou psiquiatra alterá-lo quando possível;</li> <li>• Discute sobre a homossexualidade nos ambientes de confinamento como em colégios internos e prisões. Acredita que tal situação se estabelece porque o ambiente suprime a possibilidade de contato com o sexo oposto.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Para o autor é importante falar das relações afetivas e sexuais que são estabelecidas entre homens e mulheres;</li> <li>• Explica que uma menina de sorte é aquela cuja mãe é apaixonada pelo marido e tem prazer em sua função materna;</li> <li>• É preciso que as crianças, desde os seus primeiros anos de vida, entendam que ser uma mulher amada por um homem e dele ter filhos é o principal e mais importante objetivo da existência feminina.</li> </ul>		



**Quadro-Resumo 16:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: ULLERSTAM, Lars. **As minorias eróticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1967. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina (Psiquiatria) / Psicologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1967</p> <p><b>Público-alvo:</b> Médicos, Psicólogos e Psiquiatras.</p>	<p>Informa que é difícil saber quais as causas da homossexualidade. No entanto, se baseia em elementos da biologia e psicologia para explicá-la; Há uma rejeição pela explicação exclusiva da homossexualidade a partir das teorias endocrinológicas e genéticas; Não se fixa muito nas ideias freudianas; Critica vorazmente os psicanalistas ortodoxos e suas explicações do comportamento homossexual.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro aborda temas clássicos da psicopatologia: erotismo; instinto e perversão sexual; criminosos sexuais; incesto; exibicionismo; pedofilia; coprolagnia; algolagnia; homossexualidade; escatofilia; leis sexuais; pornografia;</li> <li>• O autor é cauteloso ao definir tais temas como necessariamente patológicos.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O capítulo que discute a homossexualidade é detalhado e minucioso: tenta definir a homossexualidade, quem são os homossexuais, como vivem, o que fazem, em quais locais comumente são encontrados, como se organizam, etc;</li> <li>• Sua causa não é bem definida pelo autor. Assume que é complexo o tema;</li> <li>• Acredita que análises sociológicas e culturais devem ser adicionadas às explicações dadas à homossexualidade. As proposições da biologia e psicologia não são totais segundo o autor;</li> <li>• O ambiente e a sociedade devem ser levados em conta quando se aborda o tema do desenvolvimento da homossexualidade nos indivíduos.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não há um empreendimento do autor em discutir possíveis formas de combater ou tratar a homossexualidade.</li> </ul>		

**Quadro-Resumo 17:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: VANDERVELDT, J.H.; ODENWALD, R.P. **Psiquiatria e catolicismo**. Lisboa: Editorial Aster, 1968. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina / Teologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1968</p> <p><b>Público-alvo:</b> Médicos, Psicólogos, Psiquiatras e Padres.</p>	<p>-A homossexualidade pode ser explicada pela teoria biológica (genética/ hormônios) ou pela teoria psicológica (aquisição de hábitos/ambiente e educação); As ideias de Freud são apresentadas pelos autores e influenciam suas proposições sobre as práticas homossexuais.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não foi lido o livro na íntegra. O capítulo analisado intitula-se: “Homossexualismo”.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é descrita como uma anormalidade;</li> <li>• Existem dois tipos de homossexuais: o homossexual verdadeiro (autêntico/ hereditário) e o pseudo-homossexual (aquele que pratica a homossexualidade por alguma situação específica: ex: confinamento/ prostituição); Tipificam os homossexuais: são fracos, sozinhos, tristes, etc.;</li> <li>• Algumas profissões podem denunciar os homossexuais: os homossexuais masculinos preferem as artes e os ofícios femininos. Geralmente são atores, massagistas, enfermeiros, escultores, músicos. Procuram ambientes onde possam ter contato com homens: marinha, exército, polícia, balneários, etc.;</li> <li>• O homossexual deve ser tratado com psicoterapia (quando adquire o hábito). O homossexual verdadeiro é difícil de tratar (para minimizar o problema aconselha-se até a castração). Admitem que nem sempre a castração e a administração de hormônios são eficazes.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		

### PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

- Os pais não devem fazer tudo o que os filhos pedem. Muitas mães são coniventes com o afeminamento dos filhos e com a masculinidade das filhas;
- Os homossexuais devem abandonar todo e qualquer contato com outros homossexuais caso queiram se livrar do problema;
- O matrimônio só é eficaz para os pseudo-homossexuais. Já os homossexuais verdadeiros não devem se casar porque não resolve;
- Os indivíduos acometidos pela homossexualidade devem reeducar seus hábitos;
- Os familiares devem praticar sempre a vigilância dos homossexuais que estão em tratamento psicoterapêutico. Inclusive o próprio homossexual.

### 3.1.1 Das explicações endocrinológicas à psicanálise freudiana

A explicação da homossexualidade pela perspectiva biológica marcava muito o discurso biomédico dos anos de 1960. “Hereditariedade” e “hormônios” eram palavras comuns nas explicações dadas por médicos e psicólogos/as quanto à discussão das causas da homossexualidade: “as teorias que procuravam explicar a homossexualidade em termos biológicos apontam em três direções: hereditariedade, defeitos congênitos e desequilíbrios hormonais” (FRY; MACRAE, 1991, p. 70).

**A teoria biológica** considera que um certo grau de homossexualismo é organogênico ( VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 393) (grifos meus).

*Alguns partidários do caráter orgânico do homossexual autêntico insistem em que as suas experiências sexuais infantis são de natureza homossexual. [...] O estado do doente é determinado biologicamente. [...] A patogênese do homossexualismo foi igualmente discutida do ponto de vista genético. Se se pudesse provar que se trata de uma perturbação hereditária, teria então uma indiscutível base orgânica* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 394) (grifos meus).

Pensar a homossexualidade pela biologia era (é), acima de tudo, ter a possibilidade de encontrar a prova indelével da causa: um fator, um estrutura microscópica, uma célula alterada ou um órgão em mau funcionamento. O método biológico permitia (permite) fixar e qualificar o ponto defeituoso, o cerne do distúrbio, o núcleo da anormalidade. A anatomia patológica era o binóculo da medicina a fim de procurar... Procurar... Procurar. O ideal era encontrar a gênese do problema. O homossexual tinha algo em sua anatomia ou fisiologia que denunciava sua constituição. A descoberta do defeito constituía substância conceitual essencial para que o aparelho médico continuasse suas investidas no objeto qualificado como anormal. Descoberto o defeito (ou os defeitos), o próximo passo seria tratar, quem sabe curar. E o investimento na (da) prevenção dependia dessa prova biológica.

*A prova da teoria biológica está na diferença que existe entre as medidas antropométricas dos homossexuais e as dos heterossexuais. Com efeito notam-se diferenças anatômicas na largura das ancas, no cumprimento das pernas, no desenvolvimento dos músculos dos braços, na espessura dos cabelos, na gordura, etc.* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 395) (grifos meus).

A genética ensina que os seres vivos são constituídos de estruturas biológicas microscópicas que carregam informações sobre todas as partes do corpo. Estamos falando dos genes. São eles que comandam o funcionamento das células, tecidos e órgãos. Fazem funcionar tudo, inclusive os hormônios. Hereditariedade e hormônios estão interligados, interagem, fazem o corpo responder aos comandos neurofisiológicos.

Os hormônios são substâncias que fascinaram (e fascina) os/as médicos/as. Algumas características dos hormônios ainda intrigam os/as pesquisadores/as: são estruturas complexas que agem nos corpos de formas diferenciadas; são difíceis de manipular e em alguns casos não conseguem ser identificados e quantificados por métodos laboratoriais. Muitas doenças foram (e são) atribuíveis aos hormônios, seja devido ao excesso ou à escassez. Na área da sexualidade não foi (é) diferente. Apesar de serem substâncias reconhecidamente complexas, nem por isso alguns operadores da medicina deixaram de acreditar e exaltar suas propriedades em causarem patologias.

**A teoria hormonal apresenta uma outra prova do caráter biológico, inato, do homossexualismo. Quando se descobriu que todos os indivíduos tinham no sangue simultaneamente hormonas andrógenas (masculinas) e hormonas estrógenas (femininas), os investigadores examinaram a proporção desses hormonas nas urinas dos heterossexuais e dos homossexuais. Verificou-se que, quando examinados em grupos, estes últimos tinham, menos androgênios e mais estrogênios que os indivíduos normais; por outras palavras, a proporção era mais fraca. Conclui-se daí que as tendências homossexuais são devidas a certa preponderância das hormonas do sexo oposto** (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 395) (grifos meus).

A teoria hormonal como base explicativa para a homossexualidade tinha adeptos e críticos. Nos anos 1960 ela começava a ser alvo de críticas dentro e fora da medicina. O discurso do médico Lars Ullerstam (1967) demonstra as tensões e contradições sobre a supremacia da explicação biológica da homossexualidade a partir da endocrinologia.

**Sabe-se muito pouco sobre as causas da homossexualidade e as características físicas e psíquicas do homossexual. Essa falta de conhecimento contrasta estranhamente com a segurança das afirmações feitas sobre o assunto. Não existe prova alguma que permita afirmar que os desequilíbrios hormonais sejam mais frequentes nos homossexuais do que nos heterossexuais. Se se procurar curar um homossexual com um hormônio masculino, obtêm-se, no máximo, um aumento do seu instinto homossexual. Igualmente, não se estabeleceu a correlação entre um tipo de constituição, um sistema capilar, etc., e as inclinações eróticas. Na verdade, tôdas as**

*combinações devem ser possíveis entre o aspecto físico, os traços psíquicos e as escolhas sexuais. [...] Tudo isto demonstra que é inútil qualificar uma pessoa de homossexual sem apresentar dados precisos* (ULLERSTAM, 1967, p. 97-98) (grifos meus).

Mesmo percebendo a complexidade, a ideia de um dado confiável e preciso que demonstrasse a causa continuava sendo fundamental. Reconhecia-se mais uma vez que o tema era complexo. A homossexualidade não era um objeto simples. “*Não temos provas absolutas desse facto*” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 394). Portanto, procurar seguia sendo necessário. Se a biologia começava a demonstrar fragilidade em suas explicações, onde procurar? Em que ciência se basear? Qual campo poderia auxiliar a biologia a descobrir a causa do “amor de olhos baixos”? , como dizia o médico Augusto Fouqué (1953) nos anos 1950. “*O médico procurará estudar os fatores psicológicos que criaram este estado de perversão*” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 399) (grifos meus).

O discurso psicológico ganhava força ao trazer para o debate acadêmico a ideia da homossexualidade como condição adquirida. Medicina e psicologia unidas em torno de um objetivo comum: desvendar o homossexual.

*A idéia segundo a qual a homossexualidade é um comportamento que se adquire não impede que fatores hereditários possam desempenhar o papel. Herdamos uma tendência mais ou menos grande ou uma disposição para manifestar certa necessidade sexual* (ULLERSTAM, 1967, p. 98) (grifos meus).

Não somente hormônios. Não se fixar exclusivamente no determinismo biológico e nas verdades da teoria da hereditariedade. O discurso começava a mudar e ganhar outros contornos. Era necessária a mudança, visto que o saber-poder da exclusividade biológica se fragilizava. Como o objeto homossexual era (é) produtivo e muito se ganhava (ganha) em expô-lo, as táticas de sujeição deveriam mudar. A manutenção do discurso de que a heterossexualidade é a sexualidade legítima depende da (des) qualificação e inferiorização do outro, o homossexual. Fazia-se necessário incorporar outros artefatos científicos e culturais e, a partir deles, construir novos dispositivos de exposição e controle da sexualidade homossexual. A psicologia apresentava-se como campo produtivo porque estava próxima da medicina e realizava conexões com outras áreas como a educação.

A veiculação de ideias psicologizantes sobre o homossexual em livros de temática médica e psicológica era essencial para a manutenção do discurso binário que exaltava a sexualidade caracterizada como boa e minimiza ou tentava apagar a sexualidade percebida

como ruim. Os artefatos culturais produzidos por esses campos deveriam contribuir na disseminação da ideia de que o homossexual tem uma constituição psicológica peculiar, mas essa peculiaridade só aflora se existirem espaços e condições favoráveis para sua expressão.

*Os homossexuais não nascem homossexuais: fazem-se homossexuais; e embora os elementos inatos desempenham muitas vezes um papel de relevo no homossexualismo, as influências ambientais exercidas pelo ‘papá’ e pela ‘mamã’ são de importância primordial* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 397) (grifos meus).

Pensando dessa forma, médicos e psicólogos/as divulgavam que a causa da homossexualidade estava intimamente relacionada à má condução da educação dos filhos e filhas. Esse fato levaria então à geração de distúrbios desencadeadores do homossexualismo psicogênico.

*Perturbação psicogênica. É a teoria dos psiquiatras analistas e de muitos outros. Crêem estes que o homossexualismo é devido exclusivamente – ou acima de tudo – a experiências que remontam à infância. Como a educação e o ambiente podem ter levado a criança a hábitos homossexuais, ou tornado a criança hostil ao sexo oposto, pensam que o homossexualismo é psicogênico, pelo menos em grande parte. [...] Na perspectiva psicogênica, o ambiente e a educação contribuiriam para a expressão final da heterossexualidade e da homossexualidade* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 393-394) (grifos meus).

Ambiente, educação, relações familiares, etc. Palavras que ganhavam novos sentidos no discurso médico-psicológico sobre a homossexualidade nos anos 1960. Termos que desde o final do século XIX e em todo o século XX vinham sendo incorporados às ideias da construção da personalidade via sexualidade.

*Tem-se falado muito dos fatores ambientais que favorecem o aparecimento da homossexualidade. Citam-se fatores culturais, por exemplo: a exibição das virtudes belicosas e viris da nossa civilização, a segregação dos sexos, o puritanismo, etc. Embora se desinteressem totalmente pela psicologia do condicionamento experimental, os psicanalistas pretendem conhecer bem os estímulos sociais que provocam a homossexualidade* (ULLERSTAM, 1967, p. 98-99) (grifos meus).

Psicanalistas? Sim. Compreendo que Ullerstam (1967) se referiu aos/às profissionais que lidavam com a teoria e prática da psicanálise, seja médico/a ou psicólogo/a. A partir do pressuposto de Ullerstam (1967) me vem a seguinte questão: o autor citado estaria

se referindo aos psicanalistas caudatários de qual psicanálise? Esse questionamento me ajuda a entrar nessa discussão exercendo a prática da cautela, do estranhamento, da vigilância epistemológica. Generalizar aqui é perigoso porque a psicanálise enquanto campo teórico apresenta vertentes e escolas. Não tenho a intenção – e não é meu objetivo – de adentrar na discussão das teorias psicanalíticas, terreno que por sinal exige conhecimento de sua linguagem e terminologia. Reconhecendo a falta dessas habilidades e percebendo minhas limitações no que se refere aos conceitos psicanalíticos, acredito que agindo assim evito generalizações e não caio nas malhas do discurso totalizante. Sendo assim, vou tratar da psicanálise a partir do que diziam os autores e autoras dos livros de medicina e psicologia, assim como daqueles e daquelas que expuseram seus pensamentos nos livros que categorizei como “*corpus educação*”.

A psicanálise que aparece nos conteúdos dos livros é a psicanálise freudiana. Não vou me referir aos conteúdos escritos por Freud, mas aos conteúdos construídos sobre a homossexualidade pelos autores médicos/psicólogos e educadores/as que interpretaram e usaram o pensamento psicanalítico desse teórico. No decorrer das décadas de 1930 a 1970 as ideias de Sigmund Freud influenciaram alguns/algumas autores/as a discorrerem sobre a homossexualidade.

**Já estão popularizados os trabalhos de Freud:** *mostrou este psiquiatra austriaco o papel considerável que os instintos e a vida sexual desempenham nos seres humanos; revelou o número considerável de perturbações pathológicas atribuíveis á má educação ou mau emprego destes instintos naturaes* (PAUCHET, 1934, p. 150-151) (grifos meus).

**Freud sempre considerou a psicanálise uma superestrutura que deve repousar sôbre seu fundamento orgânico** (RAMOS, 1949, p. 319-320) (grifos meus).

[...] **ainda dentro da teoria de Freud**, *é a ideia de ‘fixação sobre a mãe’*. **Certas crianças, diz Freud**, *devotam-se de tal modo a sua mãe, que não lhes resta no coração lugar qualquer para as outras mulheres* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 396) (grifos meus).

*Uma investigação da literatura sobre homossexualidade revela uma grande diversidade de opiniões sobre estas e muitas outras questões, com defensores ardorosos de cada ponto de vista. **A teoria mais influente na psiquiatria moderna é a de Sigmund Freud**, que acreditava ser a homossexualidade a expressão de uma tendência universal existente em todos os seres humanos, decorrente de uma predisposição bissexual biologicamente enraizada. **Freud** acreditava*



*que todos os seres humanos passavam por uma fase ‘homoerótica’ inevitável no processo de atingir a heterossexualidade. Certos tipos de experiência de vida poderiam deter o processo evolutivo e o indivíduo poderia permanecer ‘fixado’ num nível homossexual. Além disso, mesmo se o desenvolvimento se processasse normalmente, certos vestígios de homossexualidade perdurariam como aspectos permanentes da personalidade, e essas tendências ‘homossexuais latentes’ seriam refletidas em expressões ‘sublimadas’ de amizade por pessoas do mesmo sexo e em padrões de comportamento ou interesse mais apropriados ao sexo oposto – por exemplo, interesses artísticos ou culinários ou atitudes ‘passivas’ em pessoas do sexo masculino e interesses atléticos ou profissionais ou atitudes ‘agressivas’ em pessoas do sexo feminino (MARMOR, 1973, p. 11-12) (grifos meus).*

Médicos/as, psicólogos/as e educadores/as passaram a utilizar alguns termos e expressões cunhados por Sigmund Freud, que, com sua teoria psicanalítica, inventou o “Complexo de Édipo” e o “Complexo de Electra” e terminologias psicanalíticas como “libido”, “repressão”, “castração”, “regressão”, “fixação”, “sublimação”, “pulsão”, “id”, “super ego”, “ego”, “instinto sexual”, etc.

*Seu sistema dispõe de impressionante arsenal de termos mitológicos e outros, como complexo de Édipo (ou de Electra), angústia de castração, inveja do pênis, etc. (ULLERSTAM, 1967, p. 98-99) (grifos meus).*

De acordo com os/as autores/as dos livros de medicina e psicologia, Freud explicava que muitos dos dissabores e angústias humanas tinham origem nos desajustes e problemas de ordem sexual. Para saná-los era importante conhecer suas causas. Ao falar de sexualidade e libido, Freud não se referia apenas às relações sexuais. Segundo a perspectiva freudiana, no processo de desenvolvimento da personalidade das crianças, muitas fases aconteciam e eram impulsionadas por diferentes desejos: desejo de mamar (fase oral), de defecar (fase anal), de manipular os órgãos genitais (fase fálica), etc. Assim, ao interpretar o pensamento psicanalítico freudiano os autores e autoras ensinavam sobre as causas psicológicas da homossexualidade. Vejamos as ideias elaboradas pelos médicos Vanderveldt e Odenwald (1968) sobre como a homossexualidade se desenvolve. Aqui o foco da discussão centra-se nas ações e gestos dos pais para com os filhos e vice-versa.

*O homossexualismo desenvolver-se-ia, pois, quando os pais, sobretudo as mães, não se esforçam por fazer dos filhos seres sãos e independentes; quando as mães não se decidem a desprender-se dos filhos que lhes agarram às saias; quando não se inculca no pequeno*

**uma atitude viril perante a vida, sobretudo no que respeita à vida sexual** (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 397) (grifos meus).

**Certos pais** que esperam o nascimento de um filho desejam ardentemente uma menina, se nasce um menino, **educam-no** como se fosse do sexo feminino (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 397) (grifos meus).

O menino que nota a preferência dada à irmã **pode tentar imitar seus gestos e atitudes** (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 397) (grifos meus).

Quando se vê um garoto brincar com o pênis, **ralham-lhe, castigam-no, vão ao ponto de ameaçar corta-lho**. O receio de uma mutilação pode levar a criança a atribuir a este órgão um valor excessivo e, por dedução, a desprezar os indivíduos do sexo oposto, que não o têm. Este estado de espírito transformar-se-ia numa espécie de aversão às mulheres (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 396).

Uma falta de virilidade nos homens da família pode levar os mais jovens a **imitarem-nos** e a chegarem assim a tendências invertidas (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 397). (grifos meus).

Não inculcar uma “atitude viril” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 397) no menino, educar um menino “como se fosse do sexo feminino” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 397), não reprimir o menino que imita os “gestos e atitudes” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 397) de uma irmã e não observar “uma falta de virilidade nos homens” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 397) são faltas graves praticadas pelos pais. Essas negligências concorriam para desenvolver a homossexualidade do sujeito sendo que os pais deveriam estar atentos, ensinavam médicos e psicólogos/as em seus livros.

Os livros escritos por esses/essas autores/as constituíam-se como artefatos culturais veiculadores de uma pedagogia da sexualidade que tinha como objetivo reforçar a legitimidade e naturalidade da sexualidade heterossexual e prevenir ou corrigir o aparecimento da sexualidade masculina afeminada ou da sexualidade feminina masculinizada ou de outra sexualidade que destoasse do padrão estabelecido. Informações com descrições meticulosas definiam e demarcavam o homossexual. O afeminamento era uma característica que incomodava e ao mesmo tempo servia como indicador por excelência de que um sujeito era praticante do “amor de olhos baixos” (FOUQUÉ, 1953). De acordo com alguns/algumas autores/as, o homossexual tinha gestos característicos (de mulher), profissão facilmente

diagnosticável e preferências sexuais que não deixavam dúvidas sobre sua sexualidade. Com a palavra os doutores Vanderveldt e Odenwald (1968):

*Há outras características que podem indicar que determinado indivíduo é um homossexual, como os gestos afetados, a atitude, certo maneirismo, a pronúncia e a escolha das palavras, o modo de se vestir, certos ares afeminados no homem, etc. (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 395) (grifos meus).*

**O homossexual activo, homem ou mulher, desempenha o papel do homem no acto com uma pessoa do mesmo sexo; o passivo desempenha o papel da mulher; e há ainda o homossexual misto, que desempenha ora um, ora outro** (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 391) (grifos meus).

**O homossexualismo influi às vezes na escolha da profissão. Constata-se, por exemplo, que os homossexuais do sexo masculino preferem as artes e os ofícios femininos: a alta costura, os institutos de beleza, a decoração de montras, as lojas de bordados, o negócio de tapetes, de quadro e objectos de arte** (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 393).

Outra ideia que se mostrou muito presente nos discursos dos/as autores/as foi aquela relacionada com a preocupação em apontar que determinados ambientes propiciavam a proliferação das práticas homossexuais. Colégios internos, prisões, quartéis, pensionatos e outros ambientes de confinamento poderiam incitar ao “homossexualismo”.

*Uns e outros podem ser aliciados para o homossexualismo pelo ambiente dos meios que freqüentam* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 397) (grifos meus).

*Uma vida caracterizada pela solidão entre pessoas estranhas, pela freqüente mudança de ambiente e pela necessidade de partilhar de aposentos com pessoas do mesmo sexo aumenta a susceptibilidade para o prazer homossexual. [...] Está absolutamente provado que a homossexualidade aparece sempre que pessoas do mesmo sexo são obrigadas, por condições externas, a viver em íntimo contato, entre si, em virtude da ausência de pessoas do sexo oposto* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 91) (grifos meus).

Nesses ambientes a homossexualidade corria solta e sem rédeas. O tema era sério e merecia atenção, mas as autoridades faziam vista grossa (CAPRIO; BRENNER, 1967). Será mesmo?

*Embora seja problema ao qual poucas pessoas dão atenção – inclusive os funcionários da prisão – a vida sexual da pessoa comum*

**confinada numa prisão constitui questão muito importante.** *Prisioneiros masculinos e femininos acham-se separados uns dos outros, e as visitas de espôsas e amigas – ou de homens, no caso de prisioneiras – são limitadas e conduzidas de modo a tornar impossível qualquer contato pessoal. O resultado inevitável é a satisfação sexual por contato com alguém do mesmo sexo ou pela masturbação* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 112-113) (grifos meus).

Era preciso tomar cuidado porque muitos homossexuais na realidade não eram homossexuais constitucionais ou verdadeiros (STORR, 1967). A circunstância é que gerava o hábito.

*Tanto as mulheres quanto os homens compartilham com outras espécies animais a capacidade para obter satisfação sexual com seu próprio sexo, quando o oposto não é disponível. Em parte por esse motivo é que a homossexualidade prevalece especialmente em escolas, comunidades religiosas e outros grupos dos quais o sexo oposto é excluído* (STORR, 1967, p. 69) (grifos meus).

Esses “pseudo-homossexuais” deveriam ser reprimidos para que o hábito não se tornasse comportamento corriqueiro, exclusivo e constante. Mesmo sendo a reclusão uma situação que favorecia a prática homossexual, não deveria ser perdido de vista que naquele espaço existiam pessoas “normais” (CAPRIO; BRENNER, 1967). Por isso, algumas medidas deveriam ser impostas para que os mesmos não tomassem gosto pela prática homossexual. De acordo com o pensamento de alguns médicos esse fato não era difícil de ser resolvido por que algumas estratégias poderiam ser aplicadas visando minimizar ou mesmo eliminar as relações homossexuais no ambiente de confinamento: “[...] das visitas de espôsas resultam menor tensão entre os prisioneiros, menor índice de homossexualidade” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 114). Assim, disponibilizar o sexo oposto objetivando a recondução para a heterossexualidade era uma maneira de tentar solucionar o problema, porque livrava o indivíduo de práticas sexuais anormais que tinham sido adquiridas em ambiente fechado.

Costa (2004) entende que a preocupação com o controle da sexualidade de crianças e adolescentes que viviam em internatos fez parte das táticas médicas. O sexo desregrado foi objeto de uma atenção meticulosa e determinados assuntos como a prática da masturbação que “aparecia como um perigo avassalador para a saúde física, moral e intelectual dos jovens” (COSTA, 2004, p. 187). Assim, o internato passou a ser um ambiente estratégico para a realização do disciplinamento dos sujeitos. As crianças, isoladas das influências do ambiente prestavam-se aos ensaios médicos sobre educação física e moral em que os internos seriam as “cobaias” e o internato, o “laboratório”. Separados das famílias

submeter-se-iam com exclusividade às criteriosas regras da pedagogia higiênica.

Desde a segunda metade do século XIX, os higienistas inventaram e aperfeiçoaram estratégias coercitivas respaldados nos cânones médicos. Diziam os doutores que as perversões sexuais estavam inscritas em todos os ambientes sociais e uma forma eficaz de combatê-las era unir as instituições sociais. E assim foi feito. O discurso médico facilitou esse diálogo fazendo com que medicina, família e escola tornassem-se cúmplices do projeto moralista. A escola ganhou destaque como espaço disciplinador e perversões sexuais como o onanismo e a homossexualidade foram alvo de intenso e meticuloso controle. De acordo com Cunha (2010), para adequar pais, mães e filhos/as ao que consideravam pertinente às normas de saúde física, mental e moral, os higienistas combateram em várias frentes e uma delas foi a escola, mais particularmente os internatos. “Bastões da moralidade”, os colégios internos “deviam organizar-se para coibir todas as modalidades de manifestações sexuais inadequadas, etiologia da maioria dos males segundo o receituário dos médicos” (CUNHA, 2010, p. 453). Nessas instituições, a lógica que se seguia para regular as patologias de cunho sexual e moral incluía uma série de atividades prescritas pelos clínicos: deviam estabelecer padrões de alimentação, regular horários de estudos e de atividades físicas, controlar o tempo dos banhos, fiscalizar os dormitórios, separar meninos e meninas, enfim, um cabedal de regras higiênicas para produzir o sujeito saudável, a pessoa decente e honesta, o responsável pelo futuro da nação. “As escolas deveriam fazer aquilo que a família era incapaz: educar segundo os saberes oriundos da ciência” (CUNHA, 2010, p. 453).

### **3.2 Dos livros de educação – década de 1960**

Os Quadros-Resumos 18, 19, 20, 21 e 22 apresentam as principais ideias sobre a homossexualidade veiculadas em livros de educação publicados na década de 1960. As referidas produções foram escritas por um médico, dois psicólogos e uma pedagoga-psicóloga, e trazem como conteúdo principal o tema da orientação educacional de crianças e adolescentes. Diluídos nessa temática geral estão presentes conteúdos relacionados à educação moral e sexual. Alguns livros não expunham o tema da homossexualidade explicitamente, mas a forma como eram apresentadas algumas temáticas relacionadas à sexualidade me fez perceber que os/a autores/a em determinados momentos queriam se referir a ela quando apontavam, por exemplo, o problema das perversões sexuais.

Que ideias estruturavam o pensamento dos/a escritores/a? Os/As autores/as das obras em destaque se fixaram nas proposições freudianas sobre a sexualidade humana para

explicarem os mecanismos psicológicos imbricados no desenvolvimento da homossexualidade, mas se apoiavam também nas ideias da endocrinologia e da teoria da hereditariedade. Além disso, aparece nas discussões empreendidas – principalmente quando se aborda os aspectos preventivos da homossexualidade – a ideologia higienista.

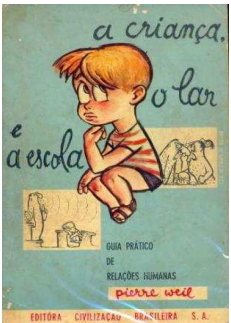
Os livros informavam que a homossexualidade constituía-se num distúrbio psicológico desencadeado por conflitos oriundos das relações entre pais e filhos. A má orientação era o princípio gerador da homossexualização do sujeito. Cabia aos pais e educadores/as reorientarem tais sujeitos a partir de estratégias educativas que envolviam a educação moral e sexual.

Quem era o/a homossexual? Era um sujeito que não havia superado o conflito edipiano, fixado à imagem materna e competia com o pai o amor da mãe. Os meninos, por terem as mães como modelo e objeto de desejo, as imitavam. Desta forma, constituíam-se em sujeitos femininos, frágeis, sem virilidade e medrosos. Enfim, afeminados.

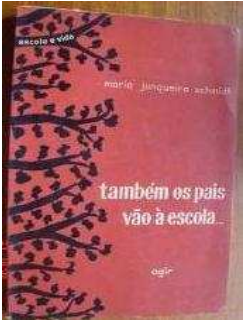
O afeminamento era a principal característica operada pelos/a autores/a para definir os homossexuais masculinos. No caso das mulheres, o arquétipo era o pai e a virilidade o padrão para caracterizar a mulher homossexual.

O que fazer? Prevenir pela educação física, educação moral e educação sexual. Os pais deveriam mostrar-se como modelo. Inúmeras táticas eram sugeridas pelos/as autores/as: ensinar os filhos e filhas a namorar, casar e constituírem uma família; divulgar informações sobre as relações sexuais entre homens e mulheres sem esquecer-se de abordar o tema da gravidez e das doenças venéreas. Pais e professores/as precisariam assumir as funções de orientadores das crianças e dos adolescentes. As informações apresentadas nos Quadros-Resumos abaixo expõem com mais detalhes os conteúdos apreendidos.

**Quadro-Resumo 18:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola:** guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1960. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

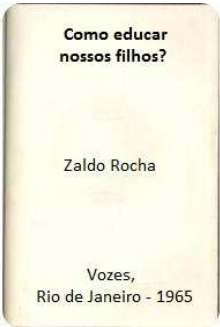
LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação/ Psicologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> Psicologia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1960</p> <p><b>Público-alvo:</b> Pais e Professores.</p>	<p>-A abordagem é conduzida a partir das ideias de Freud; Cita o Complexo de Édipo para explicar o fenômeno do afeminamento no menino.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O capítulo analisado intitula-se: “Menino afeminado”;</li> <li>• A discussão gira em torno da criança e do adolescente afeminado;</li> <li>• O autor demarca as características de um sujeito afeminado ensinando como identificá-lo em casa e na escola.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O texto descreve em detalhe quem é o afeminado e associa essa característica à homossexualidade masculina;</li> <li>• Cita que alguns brinquedos femininos, como bonecas, escolhidos por meninos e sua preferência por brincar somente com meninas, constitui-se em um indício, quase infalível, de homossexualismo.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os pais devem estimular os meninos a brincarem com outros meninos;</li> <li>• Brincadeiras masculinas devem ser sugeridas pelos pais;</li> <li>• Filho único requer muitos cuidados: não mimá-lo demais; evitar carinhos excessivos; aproximá-lo sempre do pai.</li> </ul>		

**Quadro-Resumo 19:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: SCHMIDT, Maria Junqueira. **Também os pais vão à escola**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1964. A obra foi adquirida na biblioteca Benedito Leite (Biblioteca Pública do Estado do Maranhão).

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Orientação Educacional)</p> <p><b>Formação da autora:</b> Pedagogia / Psicologia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1964</p> <p><b>Público-alvo:</b> Pais e Educadores.</p>	<p>-A abordagem sobre a homossexualidade é conduzida mesclando elementos da perspectiva biológica e da psicologia freudiana; Percebe-se a influência do higienismo.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os capítulos analisados intitulam-se: “Métodos femininos de educar” e “O adolescente e o sexo oposto”;</li> <li>• Os capítulos discutem sobre a importância de se conduzir os filhos para o casamento;</li> <li>• Aborda sobre as formas de ser homem e mulher na sociedade.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A autora defende que é necessário educar diferentemente meninos e meninas. Cada um deve desempenhar seu papel específico. Assim, evita-se a inversão que impossibilita a identificação do menino com a virilidade e da menina com a feminilidade.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os pais precisam falar sobre casamento com os filhos e demonstrar que o deles é repleto de felicidade, sendo um modelo a ser seguido. Se não demonstram isso, a imagem de um casamento infeliz pode criar desinteresse em relação ao sexo oposto;</li> <li>• Combater a fixação do menino à mãe e da menina ao pai. Tal ação evitará futuras rejeições do menino para com o sexo oposto. Isso se aplica também à menina;</li> <li>• Os pais devem conversar com os filhos sobre amor e casamento. A informação sexual é preciosa ocasião de orientação e estimula interações entre pais e filhos. As confidências reforçam os laços familiares.</li> </ul>		




**Quadro-Resumo 20:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: ROCHA, Zaldo. **Como educar nossos filhos?** Rio de Janeiro: Vozes, 1965. A obra foi adquirida na biblioteca Benedito Leite (Biblioteca Pública do Estado do Maranhão).


LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Orientação educacional)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1965</p> <p><b>Público-alvo:</b> Pais e Professores.</p>	<p>-A abordagem é freudiana por excelência; A teoria de Freud é o arcabouço da discussão empreendida nos dois capítulos analisados.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os capítulos analisados intitulam-se: “Curiosidade sexual” e “Complexo de Édipo”;</li> <li>• O capítulo sobre Curiosidade Sexual descreve sobre a necessidade de pais e educadores atentarem para esta fase do desenvolvimento psicológico das crianças. Em “Complexo de Édipo” o autor se debruça na teoria psicanalítica de Freud. Aborda os fundamentos e conceitos freudianos clássicos centrado a discussão no que Freud denominou de Complexo de Édipo. Explicita que a maioria dos problemas sexuais apresentados na fase adulta teve sua origem e desenvolvimento na infância.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não há uma abordagem específica sobre a homossexualidade. No entanto, o tema é discutido;</li> <li>• A homossexualidade é percebida como uma fixação do desejo sexual ocorrida na idade dos quatro a cinco anos;</li> <li>• O homossexual se constitui desde a infância porque deseja ser como a mãe. A rejeição ao pai se dá devido a um mecanismo competitivo cujo alvo do desejo é a mãe;</li> <li>• O ambiente familiar pode favorecer e estimular o aparecimento do filho homossexual.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		

- Os pais são os responsáveis pelo aparecimento ou não da homossexualidade dos filhos;
- A mãe deve estimular o filho a se identificar e gostar do pai;
- O pai deve mostrar à filha as características que ele gosta em sua esposa. Dessa forma, a filha tenderá a imitar a mãe e se identificar com ela;
- As atitudes dos pais são determinantes na condução dos filhos para a heterossexualidade: o pai não deve falar mal da mãe diante da filha e vice-versa; carinhos e estimulações físicas com o filho ou filha devem ser evitadas por parte do pai do mesmo sexo; o pai do sexo oposto não deve está ausente no seio da família; os pais não devem reprimir as experiências hetero-eróticas dos filhos (no texto fica claro que o autor se refere aos meninos);
- A principal e mais importante conduta dos pais é levar a criança a se identificar com o pai do sexo oposto e promover a assimilação de atitudes classificadas como normais.

**Quadro-Resumo 21:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: SCHMIDT, Maria Junqueira. **Educar para a responsabilidade**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1967. A obra foi adquirida na biblioteca Benedito Leite (Biblioteca Pública do Estado do Maranhão).

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação</p> <p><b>Formação do autor:</b> Pedagogia e Psicologia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1967</p> <p><b>Público-alvo:</b> Pais e Educadores.</p>	<p>-A abordagem que a autora faz mescla conceitos da biologia e da psicologia freudiana; Percebe-se nas proposições da autora a influência do higienismo.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O capítulo analisado intitula-se: “Como situar a vida sexual”;</li> <li>• O capítulo encaminha o leitor a perceber a importância de se direcionar a vida sexual dos jovens para que não haja problemas futuros;</li> <li>• Discute as dificuldades e complexidades da adolescência;</li> <li>• Aborda a questão do namoro e os cuidados que pais e educadores devem ter porque o sexo aflora com mais intensidade na fase da adolescência;</li> <li>• O sexo é visto como algo que deve ser praticado depois do casamento.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O capítulo não aborda o tema da homossexualidade.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O tema sexo deve ser falado com naturalidade; Educadores e pais precisam conversar abertamente com os meninos sobre a sexualidade e os desejos dos mesmos. No caso das meninas, a mãe deve falar do tema de modo reservado e com cautela; Os jovens devem praticar a moderação e serem frios o suficiente para não se envolverem com emoções; Os professores devem contribuir com a educação sexual fortalecendo os hábitos de correção, de coragem, de limpeza e de obediência aos preceitos morais.</li> </ul>		

**Quadro-Resumo 22:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: ELLIS, Albert. **Sexo e o homem solteiro:** mitos e realidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Educação Sexual)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Psicologia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1969</p> <p><b>Público-alvo:</b> Público em geral.</p>	<p>-O autor é influenciado tanto pelas proposições da biologia quanto da psicologia; Acha importante a discussão de temas sexuais a partir da psicologia psicanalítica de Freud. No entanto, lê o fenômeno da perversão sexual não apenas pelas ideias freudianas. Acredita que a perversão tem elementos genéticos assim como características que vão para além das explicações do Complexo de Édipo. Não vê o problema da aquisição de hábitos indesejáveis apenas na fase infantil. Acredita que tais hábitos também são aprendidos e desenvolvidos na fase da adolescência e adulta.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O capítulo analisado intitula-se: “Como não ser um perverso sexual”;</li> <li>• O texto mostra as concepções que o autor tem sobre a perversão sexual e o indivíduo perverso. A perversão é percebida como uma patologia que apresenta elementos constitucionais (genéticos) e fatores adquiridos no convívio social;</li> <li>• Faz a distinção entre o perverso (geralmente aquele que nasce com o distúrbio) e o pervertido (aquele que se deixou influenciar pelo perverso e adquiriu o hábito da perversão); Cita a homossexualidade como uma perversão sexual.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O capítulo analisado não detalha o tema do homossexualismo, mas apresenta-o;</li> <li>• A homossexualidade é uma perversão sexual que pode advir de fatores constitucionais, de um mau desenvolvimento psicológico infantil (Complexo de Édipo), mas também ser adquirida no convívio social (seja com os pais, amigos e até mesmo com um perverso constitucional);</li> <li>• O homossexual muitas das vezes é aquele indivíduo que vive só.</li> </ul>		

## PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

- A educação familiar é fundamental para que não haja problemas de perversão sexual: os pais devem educar os filhos para que a perversão não apareça;
- No ato educativo é dever dos pais discutir sobre sexo sem pudores exagerados. Em alguns momentos devem deixar claro para os filhos que sexo antes do casamento nem sempre é um problema. É importante também não condenar demasiadamente a masturbação. Em alguns casos os filhos (homens) devem ser orientados a terem relações sexuais. Isso ajuda os mesmos a gostarem e apreciarem as mulheres e a não temerem o casamento;
- Em casa, evitar carinhos excessivos nos rapazes. A mãe tem que ficar atenta para isso; O pai deve mostrar uma postura varonil;
- A pessoa que se percebe como diferente e com tendência para ser desviado sexual deve se policiar, se conter e evitar ao máximo a perversão que deseja praticar;
- O homossexual precisa repensar sua vida e perceber que não é impossível mudar sua conduta. Deve se habituar a buscar nos braços das mulheres a felicidade e dissipar o vazio que sente.

### 3.2.1 A educação desenvolvida pelos pais: o problema, mas também a solução!

Como podemos perceber nos Quadros-Resumos acima, o tema da homossexualidade era apresentado em livros de campos específicos: orientação educacional e educação sexual. Essas áreas produziam discursos de cunho moral e patologizante em torno da sexualidade chamando a atenção de pais e professores/as para os problemas que poderiam advir de uma má orientação no decorrer da vida dos/as filhos/as e/ou alunos/as.

A orientação educacional e sexual teorizada – e que, por conseguinte deveria ser propagada e praticada pelos sujeitos responsáveis pela educação das crianças e adolescentes – tinha como perspectiva teórico-metodológica o pensamento freudiano sobre a sexualidade. Os discursos dos/as autores/as sobre as interações entre pais e filhos, o excesso (ou carência) de carinho, o apego ao pai ou à mãe, a forma como os genitores se expressavam frente ao sexo, etc., eram temas tratados a partir do que interpretavam da obra de Sigmund Freud.

**O rapaz passa pela fase do homossexualismo, apegando-se, como a môça, às amizades exclusivas, sombrias, ciumentas. Mas, depois, o rapaz é atraído pela relação sexual distinta, com qualquer mulher. Em seguida, demora-se em determinado tipo. E, só no fim da evolução psicosssexual, genital e afetiva é que se interessa pela mulher especialíssima, única capaz de fazê-lo feliz** (SCHMIDT, 1964, p. 147-148) (grifos meus).

**A superproteção dos pais e, sobretudo, das mães e avós, impede ao menino tomar qualquer iniciativa e o torna, aos poucos, completamente passivo, dependendo inteiramente da vontade da mãe. É, pelas observações feitas pelos psicanalistas, esta situação que se encontra mais frequentemente nos homossexuais adultos** (WEIL, 1960, p. 151-152) (grifos meus).

**Não há dúvida que a maneira como uma criança é educada influencia de certa forma seu comportamento homossexual futuro ou outra espécie qualquer de desvio sexual. Isso ocorre, por exemplo, quando os pais educam o menino como se fosse uma menina; quando induzem o filho a acreditar que as relações pré-conjugais são uma coisa horrível; quando o filho apega-se exageradamente à mãe na primeira infância; quando ele tem um pai excessivamente fraco, que não possui uma certa “virilidade” e que não deu a devida atenção ao menino; quando o filho possui uma mãe extremamente pessimista, que criou preconceitos nele a respeito das demais mulheres – se algumas dessas formas de educação ocorreram na infância, é possível que o filho tenha sido influenciado contra a heterossexualidade e contra a possibilidade de se acreditar um homem forte, o que favorece, sem dúvida alguma, a prática futura da homossexualidade** (ELLIS, 1969, p. 180).

Pensando dessa forma e divulgando essas informações, os/as autores/as sugeriam ao público leitor que a homossexualidade era uma fase passageira e que não se preocupassem (pais e professores/as) por que “no fim da evolução psicosexual” o rapaz “se interessaria pela mulher” (SCHMIDT, 1964, p. 147-148). Mas, era preciso acompanhar essas fases e ter cuidado para não haver “fixação no pai ou na mãe” e gerar “uma personalidade do tipo ‘filhinho da mamãe’” (SCHMIDT, 1964, p. 143).

Os pais eram convocados a pensar sobre suas condutas perante a educação dos/as filhos/as. Os médicos e psicólogos/as explicavam que em muitas situações a homossexualização do filho e da filha tinha sido construída pelos genitores. Por isso tinham o dever e a obrigação de acompanhar a educação dos sujeitos sob sua tutela. Era importante informar, esclarecer e moralizar. Explicar sobre a moral e os bons costumes, sobre o namoro no tempo certo, sobre o sexo depois do matrimônio e a beleza que era gerar e criar os filhos.

*Conheci vários meninos que tiveram experiências homo-eróticas passivas e que hoje são indivíduos absolutamente normais. **Muito mais importantes que tais experiências na determinação da citada perversão são as atitudes dos pais, tais como o rechaço franco por parte do pai de sexo oposto, a estimulação física e psíquica excessiva partida do pai do mesmo sexo, a ausência do pai do sexo oposto ou de um substituto e outras atitudes prejudiciais** (SCHMIDT, 1965, p. 14) (grifos meus).*

**A imagem de um casal embevecido um pelo outro é o fator que inicia o jovem na apreciação do matrimônio e do sexo oposto. É garantia de um intercâmbio sadio entre rapaz e môça. A conversa sobre amor e casamento com naturalidade na vida de família esclarece o espírito sobre a função do amor. A informação sexual é preciosa ocasião de orientação** (SCHMIDT, 1964, p. 148) (grifos meus).

*Na educação sexual de qualquer criança, **o ponto mais importante é ensiná-la sobre relações normais de amor entre pais e filhos porque atuam como base de ajustamento sexual dêstes, em seu desenvolvimento** (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 231) (grifos meus).*

Mas, caso o pai ou a mãe não conseguissem lidar com a situação ao tentar realizar a educação moral e sexual dos/as filhos/as, o ideal seria levar ao médico porque ele resolveria o problema, estudaria o caso minuciosamente e prescreveria uma receita (in) falível.

*Se influencias danosas, dentro ou fora de casa, já causaram desajustamento sexual em seu filho, **não deixem perdurar o problema. Se não têm suficiente educação sexual para tratar dêle, confiem-no ao médico da família ou a um psiquiatra** (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 300) (grifos meus).*

**Auxiliar** o homossexual a desenvolver sua personalidade, **ensinar-lhe** como sublimar com êxito seu impulso sexual em canais socialmente aceitáveis e **auxiliá-lo** a estabelecer um objetivo na vida são **medidas terapêuticas** necessárias para ser permanente o resultado (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 237) (grifos meus).

Esse auxílio também poderia ser dado pelos/as professores/as na escola. A condução poderia ser uma extensão da clínica e de casa. Na escola, professores/as, orientadores/as educacionais e inspetores/as ajudariam os pais nessa tarefa laboriosa. A prevenção do homossexualismo ganhava força nesse ambiente e a educação sexual era um instrumento fundamental.

**Ao educador** cabe acima de tudo **conservar o diálogo** com os moços. **Deixar falar** com a maior naturalidade, **interessar-se, tornar-se confidente**. E, habitualmente, **levar à reflexão, aconselhar distância** para conhecer a natureza do afeto. **Encorajar** a análise, tão fria quanto possível, das vantagens da moderação. **Apoiar** o esforço no sentido de manter os hábitos de estudo e as relações com grupos de amigos. **Evitar** a todo transe os excessos do exclusivismo sentimental (SCHMIDT, 1967, p. 197) (grifos meus).

Os professores **podem contribuir para a questão sexual fortificando os hábitos de correção e de coragem, de limpidez e de obediência aos preceitos morais**. Urge também criar atividades que mobilizem as novas fôrças – a curiosidade, o pensamento reflexivo, o impulso criador – tão tragicamente desempregados. **A ação cura o sonho e previne os vícios secretos** (SCHMIDT, 1967, p. 198) (grifos meus).

No ambiente escolar era importante a prática da educação sexual como forma de prevenção da homossexualidade. Vejamos o enfoque que Caprio e Brenner (1967) dão à educação sexual sistematizada.

**EDUCAÇÃO SEXUAL COMPULSÓRIA:** Uma educação sexual em nossas escolas, desde os primeiros graus até à Universidade, muito poderá fazer para **impedir transgressões sexuais e reduzir a incidência de incompatibilidades sexuais** (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 258) (grifos meus).

A escola deve transmitir informações reais sôbre o sexo assim como **preparar para desenvolver um caráter sadio, estimular os alunos a visarem ideais sadios e felicidade pessoal, além de atentarem para a sua responsabilidade na sociedade** (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 262) (grifos meus).



“Reduzir transgressões sexuais”, “reduzir a incidência de incompatibilidades sexuais” e preparar os/as alunas visando “desenvolver um caráter sadio” (CAPRIO; BRENNER, 1967) era premente, fundamental e necessário. Em casa, no consultório ou na escola, o menino que apresentava “gestos afetados” e com “certo maneirismo” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 395) precisava ser orientado e estimulado a abandonar o desejo do “amor de olhos baixos” (FOUQUÉ, 1953).

*Menino que só brinca de boneca, prefere a companhia de meninas, tem maneiras efeminadas, gosta de vestir de mulher para ‘brincar’, não é forçosamente um candidato ao homossexualismo; muitos pais chegam apavorados ao psicólogo, porque pensam que o filho já é um invertido sexual. Quando isto acontece é necessário, em primeiro lugar, procurar porque a criança se tornou assim, e há várias causas possíveis: 1) A criança nunca ou raramente teve oportunidade de brincar com outros meninos; só tem irmãs, que acostumaram a jogos femininos; brinca de boneca, porque não conhece brinquedos e jogos masculinos; 2) O mesmo se dá quando a criança é filho único e que a mãe lhe faz companhia o dia inteiro; a criança passa a imitar as maneiras da mãe; 3) O filho só foi educado por mulheres, além da mãe, babás, professoras, irmãs adultas; 4) A mãe queria ter uma filha; então veste, no princípio, a criança de menina; deixa crescer o cabelo, e só lhe dá brinquedos de menina; 5) Há entre os pais uma inversão da situação conjugal; mãe hiperautoritária e pai submisso; esta situação faz com que, por um processo psicanalítico, muito complexo, certos meninos se tornarem efeminados; 6) A superproteção dos pais e, sobretudo, das mães e avós, impede ao menino tomar qualquer iniciativa e o torna, aos poucos, completamente passivo, dependendo inteiramente da vontade da mãe. É, pelas observações feitas pelos psicanalistas, esta situação que se encontra mais freqüentemente nos homossexuais adultos; não conseguiram sair da situação afetiva mãe-filho e não têm, por isto, interêsse para o outro sexo; 7) Existe um distúrbio glandular, em geral facilmente curável, por tratamento endocrinológico. Como exceção do sétimo caso, é necessário colocar o menino em contacto com outros meninos, dar-lhe jogos e brinquedos masculinos, inclusive violentos, como: luta e futebol, evitando as situações que acabamos de descrever (WEIL, 1960, p. 151-152) (grifos meus).*

Os autores e autoras da década de 1960 se preocupavam com a figura do homem afeminado. Para eles e elas, o comportamento homossexual estava intrinsecamente ligado a esta característica. O afeminado incomodava, desajustava e incitava o olhar normalizante a regulá-lo cada vez mais. Considero que a insurgência de muitos afeminados fazia com que as práticas de correção inventassem novas formas de nomeá-los e controlá-los. Isso se aplicava

também à mulher homossexual caracterizada como masculinizada. A tática era categorizá-los/as e nominá-los/as, dizer o que fazem e, principalmente, apontar sua anatomia e fisiologia duvidosas, assim como sua psique considerada desestruturada. Isso geraria animosidade, desconforto, asco, repulsa e ódio.

**Os homossexuais, os exibicionistas, e os voyeurs, que constituem uma proporção considerável dos desviados atuais, são geralmente homens que vivem só** (ELLIS, 1969, p. 176) (grifos meus).

*Quando travamos conhecimento com um homossexual masculino, aparece-nos como um indivíduo reservado e de certa distinção; é só com o tempo, à medida que se cria intimidade, que ele começa a tornar-se equívoco, a sugerir as suas ideias, a se revelar em ditos e histórias obscenas* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 392) (grifos meus).

*Há outras características que podem indicar que determinado indivíduo é um homossexual, como os gestos afetados, a atitude, certo maneirismo, a pronúncia e a escolha das palavras, o modo de se vestir certos ares afeminados no homem, etc.* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 395) (grifos meus).

*O extrovertido homossexual mostra possuir bom critério, harmonizando as cores que escolhe, revelando muitas vezes uma verdadeira personalidade, sem ter nada de excêntrico. É apurado no vestir, no corte de cabelo, cuida das mãos e sabe decorar bem a sua casa* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p. 395) (grifos meus).

Abordar como o tema da homossexualidade aparecia em livros da área educacional influenciados pelo discurso biomédico nos anos de 1960 requer compreendermos o contexto sociocultural e político da época. O início da década de 1960, no Brasil, foi marcado por um período de instabilidade política, com um sistema partidário frágil e a presença das forças armadas nas decisões governamentais. O movimento estudantil era representativo, tendo sido influenciado pelos acontecimentos ocorridos nos Estados Unidos e Europa, como o fenômeno do *rock'n roll* – movimento comportamental pautado na rebeldia e na contestação dos tradicionais valores. Embora o golpe de 1964 tivesse instituído a censura, a cassação de políticos e a perseguição de líderes de movimentos sociais, tais movimentos mantiveram-se intensos até 1968, quando ainda havia certa margem de liberdade de expressão (WEREBE, 1998). César Nunes e Edna Silva situam a escola e a educação sexual nesse cenário.

A educação sexual escolar sempre foi objeto de polêmica em nossa tradição educacional. A escola brasileira, pública e privada, sempre manteve este tema distante de seus procedimentos curriculares e responsabilidades institucionais. Iniciativas esporádicas, nascidas quase sempre de inspirações religioso-confessionais e em núcleos associativos dissidentes da cultura conservadora foram constantemente rechaçados e reduzidos a insignificantes expressões. Foram os anos dourados e os anos rebeldes os cenários da massificação da necessidade de uma educação sexual escolar (NUNES; SILVA, 2000, p. 13).

A década de 1960 foi a que produziu “as primeiras abordagens de uma possível educação sexual na escola” (NUNES; SILVA, 2000, p. 13) e, mesmo “distantes da revolução sexual euro-americana, nossos educadores e pais pioneiros da educação sexual de seus filhos propunham uma educação sexual normativa e parenética” (NUNES; SILVA, 2000, p. 13). Esse modelo de educação sexual era “centrado na descrição das funções da maternidade da mulher e da paternidade do homem, na defesa do casamento e na descrição de tipologias comportamentais pré-estabelecidas, centrado no medo e na inibição pela descrição de um corolário de doenças e possíveis consequências e sequelas médico-etiológicas” (NUNES; SILVA, 2000, p. 14).

Acredito que a distância, por assim dizer “geográfica”, não deixou o Brasil “de fora” do movimento mundial de contestação dos valores tradicionais. Os “centros” dos movimentos contestatórios foram os Estados Unidos e a Europa. No entanto, inevitavelmente esse turbilhão de ideologias contestatórias “respingou” em nosso território, inclusive no âmbito escolar.

As afirmações de Nunes e Silva (2000) são reveladoras das forças biologizante e psicologizante e heteronormativa no trato das questões relacionadas à sexualidade na década de 1960. O discurso médico contribuiu, e muito, para que esses conteúdos fossem discutidos com prioridade na escola e incorporados como totais pela sociedade. Quais as intenções disso? O que se ganhava professando aulas priorizando temas que abordassem as funções “da maternidade da mulher”, a “defesa do casamento”, a descrição detalhada de “tipologias comportamentais” e as doenças venéreas com “suas sequelas médico-etiológicas” (NUNES; SILVA, 2000, p. 13)?

Olhando hoje esses discursos percebo que existiam muitas intenções. Aponto algumas: 1. Ratificar que o sexo bom, normal e legítimo era aquele praticado por duas pessoas: um homem e uma mulher; 2. Ensinar que a mulher deveria ficar atenta e aprender tudo sobre o parto, a gravidez, as doenças que poderiam advir do processo gravídico, o nascimento do bebê e seus cuidados, a criação da criança e sua total responsabilidade a tudo que poderia acontecer com ela, a submissão ao marido; 3. Orientar que o casamento é o lugar-

comum da felicidade do casal e que a monogamia evitaria uma série de problemas como filhos ilegítimos e doenças venéreas; 4. Marcar que o comportamento do homem tinha que ser “de homem” e a atitude da mulher deveria demonstrar que ela era amorosa, carinhosa, subserviente e fiel, além do mais, o homem que pensasse em gostar de homem e a mulher que se afeiçoasse homoeroticamente por outra deveriam ser abafados/as, sublimados/as, ridicularizados/as, incluídos/as nos mecanismos de exclusão, violentados/as ou até assassinados/as, caso persistissem em querer manifestar sua tipologia comportamental “estranha”.

*A môça deve saber qual a forma que reveste o amor masculino e o homem deve saber reconhecer os métodos femininos de amor, a fim de evitar a exigência descabida e se complementarem conscientemente (SCHMIDT, 1964, p. 148-149).*

Os médicos diziam... Falavam... Aconselhavam... Orientavam... Ensinavam... Alguns discursos eram emblemáticos, ficando evidente a operação da *pedagogia dos manuais médicos*. Frank Caprio e Donald Brenner (1967), no livro *Conduta sexual: aspectos psicolegais incluindo casos típicos*, sugerem aos/às leitores/as um tipo de metodologia que deveria ser utilizada na educação sexual de meninas e meninos. Faziam mais, orientavam sobre a abordagem de alguns conteúdos.

*Nas aulas de educação sexual meninos e meninas devem receber instruções em comum; mas nos casos de informações específicas para um sexo, a instrução é dada em separado. Ao despreverem as doenças venéreas, os professores devem se precaver para não assustarem as crianças. O assunto relativo a aberrações sexuais deve ser tratado de maneira delicada. Os alunos com distúrbios ou problemas especiais na conduta sexual (homossexualidade, gravidez, doença venérea) devem ser encaminhados à autoridade médica escolar (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 262-264) (grifos meus).*

A metodologia sugerida por Caprio e Brenner (1967) deveria num dado momento incluir meninos e meninas, noutro, separá-los/as. Além disso, tudo deveria ser dito discretamente, em tom baixo e nada de expressar satisfações, alegrias e malícias porque o conteúdo era delicado, sério e de foro íntimo. Rapazes e moças poderiam, segundo Caprio e Brenner (1967), receber instruções sobre sexo conjuntamente, mas o que queriam dizer quando destacavam que “*nos casos de informações específicas para um sexo, a instrução é dada em separado*” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 262)? Penso que nas aulas, meninas e meninos poderiam ouvir dos/as professores/as dos anos 1960: “sexo só depois do casamento”

ou “as mulheres não devem fazer sexo durante a gravidez por que o intercurso sexual pode lesionar o bebê”. Em separado a orientação poderia ser diferente em que a metodologia era flexibilizada e os conteúdos tratados de forma diferente. Suponho que para os meninos o professoralaria: “Vocês podem sim fazer sexo. É uma necessidade do macho, é da natureza, mas cuidado com as doenças venéreas. Cuidado com as mulheres da vida! Não façam sexo com veado porque eles podem transmitir doenças e se as pessoas descobrirem, não pega bem e vão dizer que você é doente, safado e imundo. Se der muita vontade e não conseguir um mulher limpa, se masturbe, mas em local escondido. E não pratique muito porque o excesso pode gerar a epilepsia”. No caso das meninas a orientação era diferente e a professora talvez dissesse: “Você deve se valorizar e se resguardar. Homem não gosta de mulher assanhada e depravada. Guarde sua virgindade. Sexo só depois do casamento”.

Os médicos detalhavam as orientações e demonstravam em seus discursos uma preocupação com o tipo de conteúdo e a série em que o mesmo deveria ser ministrado. Exerciam – talvez sem saber ou ter noção – operações tipicamente qualificadas como “didáticas” ao detalharem, organizarem e nomearem os conteúdos de educação sexual.

*As Instruções Preliminares sôbre Questões Sexuais abrangem, na primeira classe, o seguinte: 1. Como diferem os sexos; 2. Onde vêm as crianças e como se desenvolvem antes do nascimento; 3. Como nascem as crianças; 4. Como as crianças dependem dos pais no que diz respeito ao lar. As Instruções sôbre Questões Sexuais para criança de 11 a 13 anos incluem tópicos como estes: 1. **Diferenças entre os sexos;** 2. **Estrutura e função dos órgãos sexuais;** 3. **Puberdade;** 4. **Menstruação;** 5. **Poluições;** 6. **Masturbação;** 7. **Concepção;** 8. **Gravidez e desenvolvimento do feto;** 9. **Dôres do parto;** 10. **Determinação do sexo;** 11. **Gêmeos;** 12. **Experiências traumáticas durante a gravidez. As instruções sôbre Questões Sexuais para jovens de 14 a 16 anos devem incluir temas como estes: 1. Sexo e juventude. Considerações morais. Abstenção das relações sexuais durante a adolescência;** 2. **Filhos ilegítimos;** 3. **Abortos espontâneos e provocados;** 4. **Doenças venéreas;** 5. **Preventivos contra a gravidez;** 6. **Esterilização;** 7. **Menopausa;** 8. **Anormalidades sexuais;** 9. **Aspectos morais e sociais do sexo;** 10. **Medidas de bem-estar durante a gravidez;** 11. **Medidas de bem-estar para ajudar a estabelecer a família;** 12. **Medidas de bem-estar para cuidados e criação de crianças e adolescentes. As instruções sôbre Questões Sexuais para jovens de 17 a 20 anos abrangem temas como os seguintes: 1. Menstruação e hormônios;** 2. **Impotência e frigidez. Há recomendações e orientação especiais para tratar com alunos empenhados em práticas sexuais indesejáveis, bem como medidas, por parte da escola, nos casos provados de relações sexuais entre alunos e no de uma aluna ficar grávida. Adequado conhecimento das questões sexuais deve tornar-se acessível às pessoas, em todo o***

**mundo, através de conferências, livros e revistas** (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 262-264) (grifos meus).

Como podemos perceber a lista de conteúdos a serem assimilados era imensa. Os/as alunos/os deveriam estar atentos a inúmeras informações sobre a sexualidade e precisavam conhecer, segundo os doutores Caprio e Brenner (1967), passo a passo, ano a ano, de série em série e na idade apropriada tudo sobre o sexo. Precisavam conhecer seus detalhes, suas normalidades e, principalmente, as anormalidades.

A incitação ao discurso sobre o sexo fica evidente nas orientações que Caprio e Brenner (1967) dão aos/às leitores/as. Para eles, os livros são importantes fontes de informações sobre a sexualidade: “*conhecimento das questões sexuais deve tornar-se acessível às pessoas, em todo o mundo, através de conferências, livros e revistas*” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 262-264). “*Todo o mundo*” deve conhecer “*como diferem os sexos*”, as “*diferenças entre os sexos*”, a “*determinação do sexo*”, as “*anormalidades sexuais*”. “*Todo o mundo*” precisa estar atento às “*considerações morais*” do sexo, aos “*aspectos morais e sociais do sexo*”, às “*medidas de bem-estar para ajudar a estabelecer a família*” e também às “*medidas de bem-estar para cuidados e criação de crianças e adolescentes*”. Além do mais – e essa é uma informação relevante para pais e professores/as – é fundamental obter informações para poder lidar “*com alunos empenhados em práticas sexuais indesejáveis, bem como medidas, por parte da escola, nos casos provados de relações sexuais entre alunos*” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 262-264).

Se a educação sexual fosse realizada a partir dessas orientações – dadas por profissionais competentes e que sabem de tudo quando o tema é a sexualidade – muitos “problemas” advindos do sexo poderiam ser evitados. Voltemos às orientações dos doutores Caprio e Brenner (1967).

***Enquanto grande parte da população não for esclarecida ou permanecer mal informada, continuará a alta incidência de doença sexual. Eis alguns dos grandes benefícios que adviriam se as pessoas se valessem da educação sexual de que necessitam, e se cada um se esforçasse, sinceramente, para melhor se ajustar sexualmente na vida: 1. Haveria menos número de crimes sexuais. Os delinqüentes sexuais desconhecem as questões relacionadas ao sexo; 2. Haveria menor incidência de delitos entre os jovens; [...] A respeito da prevenção de padrões homossexuais lista-se algumas regras para orientação dos pais modernos: 1. Os filhos devem ter o carinho da mãe. Ao carinho deve a mãe acrescentar afeição, a fim de que eles, especialmente os homens, possam ter lembrança de experiências agradáveis com as mulheres e mais tarde, na vida,***

**desejem estabelecer laços íntimos com mulheres; 2. Devem os filhos ser esclarecidos a respeito de uma sexualidade livre de tabus ou de aversão no tocante à união heterossexual; 3. O filho homem deve ter interêses próprios do homem durante o desenvolvimento, a fim de identificar-se com atitudes masculinas, especialmente as que dizem respeito à responsabilidade e à formação do lar, inclusive a satisfação decorrente da paternidade. A primeira e a segunda regras aplicam-se também às filhas. Quanto à terceira, devem elas ter, desde o início da vida, o interêse carinhoso do pai para sentirem afinidade com a vida do próprio homem. Considerando-se o grande número de pais, que deixam completamente de dar atenção às filhas durante todo o desenvolvimento destas, não é de surpreender que haja, nelas, pouca capacidade de virem a gostar dos homens e darem-se bem com êles. Em certos casos em que faltam o carinho e a compreensão do pai e o prazer na intimidade física com êle, o resultado é propensão para uma satisfação emocional e física. Por conseguinte, os pais que estejam preocupados com o ajustamento homossexual dos filhos devem examinar o padrão familiar que encoraja o ajustamento heterossexual** (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 229-230) (grifos meus).

Esse trecho da obra de Caprio e Brenner (1967) é emblemático e traduz muito bem os discursos veiculados sobre a sexualidade e a homossexualidade presentes nos cinco livros da área da educação escritos na década de 1960<sup>36</sup>. A riqueza de detalhes do discurso acima demonstra o quão determinados/as médicos/as, psicólogos/as, terapeutas, pedagogos/as, etc., estavam empenhados em (re) produzir, disseminar e gerir a sexualidade das pessoas a partir do dispositivo da educação sexual.

As ideias grifadas e colocadas em destaque me fazem pensar e acreditar que essa maneira de enunciar o discurso ao se dirigirem aos/às leitores/as, a forma como orientam os/as leitores/as a conduzirem o sujeito ou a situação-problema – seja o/a filho/a, o/a aluno/a ou outro sujeito qualificado como homossexual – , o tipo de conteúdo presente em sua obra e a teoria que fundamenta o discurso desses/as autores/as, constitui uma pedagogia. Pedagogia qualificada por Louro (2009, 2008, 2007, 2004, 2001) como “pedagogia da sexualidade” e que pode ser construída a partir de campos diversificados como religião, direito, medicina, educação, dentre outros e disseminada a partir de diferentes artefatos culturais como livros, mídias, artes, etc. (LOURO, 2010, 2009; SILVA, 2009; FURLANI, 2005a).

Considerando a tese de Louro (2009, 2008, 2007, 2004, 2001) e analisando mais detidamente o discurso médico sobre a sexualidade – aqui destaco a homossexualidade como

<sup>36</sup> Ver os Quardos-Resumos 18 a 22.

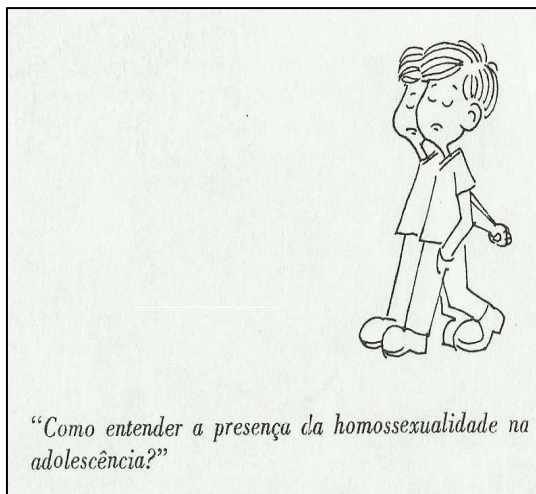
objeto de análise – tendo como instrumentos de investigação livros cujos conteúdos trazem informações e orientações detalhadas sobre a homossexualidade e o homossexual escritas por médicos, psicólogos/as, pedagogos/as e outros/as operadores/as da medicina, defendendo que uma pedagogia da sexualidade homossexual foi sendo (re) construída pelo saber médico-psicológico ao longo de todo o século XX que nomeio de *pedagogia dos manuais médicos*.

A *pedagogia dos manuais médicos* se estruturou (e vem se estruturando) a partir de um saber-poder médico sustentado por linhas de pensamento que apresentam certas especificidades conceituais produzidas, reconfiguradas e atualizadas por esse mesmo saber. Pedagogia que se alimentou, dos anos 1920 aos anos 1970, dos discursos biomédicos da hereditariedade, da endocrinologia e da psicologia psicanalítica freudiana. Atualmente ela não deixou de se nutrir desses saberes. O mecanismo de alimentação foi renovado, mas de quando em vez esses discursos aparecem como se estivéssemos no início do século XX, nos anos 1950 ou na década de 1970. Na atualidade percebemos suas operações e estratégias. Ao descrever e problematizar no capítulo 5 alguns conteúdos do *corpus 2*, demonstro que ela continua pulsante e viva.



#### 4 ESCAVAÇÃO DE IDEIAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM LIVROS DE MEDICINA, PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO DOS ANOS 1970

A década de 1970 foi marcada pela intensificação das lutas dos movimentos sociais de mulheres, gay e lésbico, dos negros e ecológico. Os movimentos que colocavam a sexualidade em destaque “além de provocar uma pluralização da política de identidade no que se refere às suas reivindicações, possibilitaram, também, a visibilidade de múltiplas facetas do gênero e da sexualidade que abalaram, fundamentalmente, a epistemologia sexual” (FURLANI, 2005a, p. 79).



Fonte: NETTO, Aguiar. **Psicologia, ciência e vida:** orientação educacional. v.2. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975, p. 57.

Nos anos 1970 a cultura da juventude radicalizou-se, transformando-se em “contracultura”, apontando para um descentramento da luta e dos questionamentos políticos. De acordo com Russo et al. (2009), a tradicional crítica marxista ao capitalismo, calcada na oposição entre capital e trabalho, não parecia mais suficiente para canalizar as insatisfações não somente de jovens e mulheres, mas das chamadas “minorias”: gays, lésbicas, negros (ou não-brancos de modo geral), loucos. Ao lado do operariado, surgem como força política os grupos marginalizados, periféricos em relação à norma masculina, branca e heterossexual.

A palavra de ordem dos diversos movimentos é “libertação” – libertação da autoridade patriarcal, paterna, médico-psiquiátrica, governamental. A esfera da sexualidade será um dos principais campos de embate e afirmação de um “novo mundo”, tanto do ponto de vista da contracultura jovem, quanto do ponto de vista das mulheres e do nascente movimento homossexual (RUSSO, 2009, p. 8).

Dentre muitos feitos e conquistas do período é importante destacar a atuação do movimento gay masculino no processo de resistência ao discurso médico patologizante. Nos anos 1970 – “marcados pela cada vez mais radical disjunção entre sexualidade e gênero, as minorias sexuais vão buscar sua afirmação política contra o discurso médico” (RUSSO et al., 2009, p. 620) – se iniciou o processo de discussão da despatologização da homossexualidade. Em meio a esse transbordar de contestação e afirmação dos ideais libertários, o movimento homossexual americano iniciou, a partir de 1970, uma acirrada batalha pela retirada do diagnóstico de “homossexualismo” do manual da American Psychiatric Association (naquela época o DSM II). Para Russo (2009), tratava-se, nesse caso, de politizar, trazer para o debate

público, uma questão que havia sido incorporada ao discurso neutralizante da medicina. O movimento homossexual, ao invadir congressos com faixas e cartazes, não buscava argumentar a partir da epistemologia psiquiátrica, mas utilizava a lógica da argumentação política. As discussões diziam respeito à legislação, direitos civis e afirmação identitária, tudo isso se desenrolando na seara pública. Essa movimentação penetrou nas discussões do movimento gay brasileiro que também fez pressão contra a instituição médica. Em 1985 a homossexualidade deixou de ser considerada patologia pelo Conselho Federal de Medicina.

#### **4.1 Dos livros de medicina e psicologia – década de 1970**

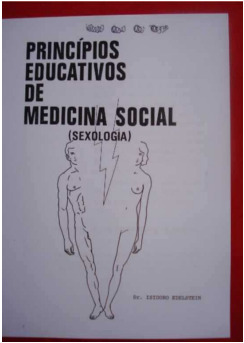
Os Quadros-Resumos 23, 24, 25 e 26 apresentam as principais ideias sobre a homossexualidade veiculadas em livros de medicina e psicologia publicados na década de 1970. São produções escritas por médicos e direcionadas para médicos/as de formação geral, psiquiatras e psicólogos/as. O livro do Quadro-Resumo 23 também cita professores/as como público leitor da obra.

Como na década de 1960, a perspectiva de abordagem da homossexualidade se baseava principalmente nas proposições da psicologia psicanalítica de Freud. Uma informação importante, porém, aparece na década de 1970: a explicação pela endocrinologia começava a ser colocada em xeque e alguns médicos já criticavam sua veracidade. Os conteúdos sobre a homossexualidade inscritos em tais obras passavam por um processo de mudança e mesclavam diferentes ideias. Alguns médicos já se incomodavam com as explicações pautadas apenas na biologia e na psicologia e sugeriam a presença de elementos sociais e culturais quando fossem abordadas as causas da homossexualidade. No entanto, as explicações psicologizantes eram as que predominavam.

De acordo com os conteúdos analisados, a homossexualidade relacionava-se com hábitos que iam sendo adquiridos no decorrer do desenvolvimento psicológico infantil. A educação influenciava sobremaneira o firmamento da homossexualidade no sujeito. Agora, se ela fosse bem conduzida não haveria problemas. Era importante educar moralmente os/as filhos/as e dar-lhes informações sobre as relações sexuais, as doenças venéreas e os problemas causados pela sexualidade desregrada. Pais e professores/as eram tidos como os grandes responsáveis pela condução dessa educação sexual.

A leitura dos Quadros-Resumos listados abaixo nos fornece mais detalhes sobre o que pensavam alguns médicos e psicólogos/as dos anos 1970 sobre a homossexualidade e o sujeito homossexual.

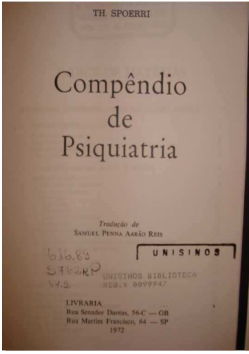
**Quadro-Resumo 23:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: EDELSTEIN, Isidoro. **Princípios educativos de medicina social:** sexologia. Rio de Janeiro, 1971. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina /Psicologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1971</p> <p><b>Público-alvo:</b> Médicos, Psicólogos e Professores.</p>	<p>-O autor utiliza-se de diversas abordagens para explicar a homossexualidade. No plano biológico se fundamenta na teoria da hereditariedade e teoria endocrinológica. Sua escrita se estrutura também nas proposições da psicologia. O comportamento homossexual é aprendido, influenciado pelo ambiente e, principalmente, pelas relações entre pais e filhos; Evidenciam-se as proposições de Freud no texto.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro aborda diversos temas sobre sexo: conceitos de sexo e sexualidade, finalidades da educação sexual, desejo, namoro, prevenção da gravidez, noite de núpcias, orgasmo, incapacidade sexual no homem, incapacidade sexual feminina e prostituição;</li> <li>• Apresenta um capítulo que conceitua os desvios de comportamento sexual: masturbação, homossexualidade, ninfomania, donjuanismo, exibicionismo, voyerismo, fetichismo, sadismo, masoquismo, travestismo, bestialidade, incesto, gerontofilia, pedofilia, coprolalia;</li> <li>• Aborda a importância da educação sexual na vida das crianças e adolescentes.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• As causas da homossexualidade são variadas: podem ser genéticas, endócrinas, sexualidade imatura, condicionamento psicológico na vida infantil, pressões culturais e ambientais;</li> <li>• Os aspectos psicológicos são fundamentais no desenvolvimento da homossexualidade: é um desvio emotivo, uma desordem de ordem psicogênica, ou ainda uma neurose que tem sua expressão na imaturidade.</li> </ul>		

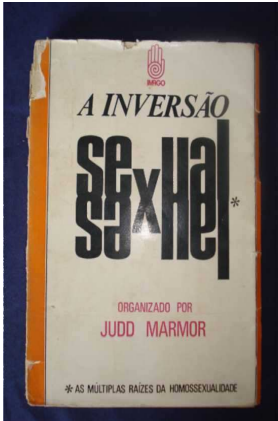
### PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

- A educação sexual é um instrumento importante na educação das crianças;
- Os pais devem se encarregar da educação sexual das crianças;
- A criança instruída sexualmente tem condições de se livrar dos anormais;
- A educação sexual é útil porque educa o instinto do adolescente, livra do onanismo e dos desvios sexuais;
- A educação sexual ajuda o jovem a incorporar o sexo normal em sua vida presente e futura;
- Compete aos pais, médicos e professores realizarem a educação sexual das crianças e adolescentes;
- O homossexual de mau comportamento deve ser corrigido e repellido. Caso o diagnóstico da patologia seja evidente, o mesmo deve ser tratado.

**Quadro-Resumo 24:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: SPOERRI, Thomas. **Compêndio de psiquiatria**. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1972. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina (Psiquiatria)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1972</p> <p><b>Público-alvo:</b> Psiquiatras, Médicos e Psicólogos.</p>	<p>-A abordagem mescla elementos da biologia e psicologia psicanalítica freudiana.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O capítulo analisado intitula-se: “Distúrbios da sexualidade”;</li> <li>• Os distúrbios da sexualidade listados pelo autor são: distúrbios da relação sexual normal – impotência, distúrbios ginecológicos e masturbação; perversões sexuais – exibicionismo, pedofilia, sodomia, fetichismo, sado-masiquismo, necrofilia, cleptomania, travestismo e homossexualidade.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Para o autor existem dois tipos de homossexualidade: a) homossexualidade constitucional (também chamada de verdadeira, congênita ou de inclinação) e b) pseudo-homossexualidade;</li> <li>• Homossexualidade constitucional é difícil de tratar porque o indivíduo já nasce com esse desejo;</li> <li>• O pseudo-homossexual age por circunstâncias. Pode abandonar a prática e retornar à heterossexualidade. Acontece muito em homens que se prostituem. Nas prisões é comum a pseudo-homossexualidade.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A pseudo-homossexualidade pode ser tratada. O indivíduo deve abandonar a prática;</li> <li>• O homossexual constitucional não pode ser tratado.</li> </ul>		

**Quadro-Resumo 25:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: MARMOR, Judd. **A inversão sexual:** as múltiplas raízes da homossexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1973. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.

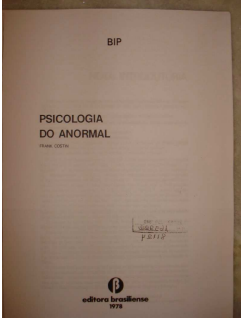
LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina (Psiquiatria)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Medicina</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1973</p> <p><b>Público-alvo:</b> Médicos, Psiquiatras e Psicólogos.</p>	<p>O autor aborda a homossexualidade de forma ampla e pormenorizada; O conceito de homossexualidade é discutido englobando-se aspectos biológicos, psicológicos, históricos, sociais e culturais. Deixa evidente que o tema é complexo e não pode ser simplificado como fazem muitos autores; Posiciona-se sobre o cuidado que se deve ter com a divulgação da teoria hormonal e da teoria genética. A teoria hormonal não é mais satisfatória para explicar o fenômeno homossexual; Os pressupostos de Freud são apresentados e discutidos. Apesar de considerar importante a psicologia freudiana, faz muitas críticas a ela; A teoria da evolução em alguns momentos fundamenta o pensamento do autor quando discute a bissexualidade pelo viés psicanalítico. A tendência de toda pessoa é chegar à heterossexualidade. A homossexualidade é transitória.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro é um tratado sobre a homossexualidade abordando minuciosamente o tema;</li> <li>• O texto estrutura-se em três partes: 1. Homossexualidade na visão das ciências biológicas (etiologia da homossexualidade: aspectos genéticos e cromossômicos; hormônios e homossexualidade); 2. Homossexualidade na visão das ciências sociais (antropologia, aspectos jurídicos e morais, aspectos históricos e mitológicos); 3. Aspectos clínicos da homossexualidade (clínica e psicoterapia).</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mesmo tendo o cuidado de ampliar a discussão para além do plano biológico, a homossexualidade é apresentada como inadequação, distúrbio. Portanto, patologia;</li> </ul>		

- O homossexual tem condição de ser tratado. A psicoterapia e a mudança de comportamento ajudam. A terapêutica hormonal deve ser revista.

### **PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS**

- A homossexualidade constitui-se em um distúrbio adaptativo e uma condição potencialmente reversível. Portanto, pode mudar;
- A sociedade deve aprender a conviver com os homossexuais desde que eles mantenham padrões comuns de decência pública;
- O comportamento heterossexual é o caminho esperado das práticas sexuais. Por isso, deve-se estimular tal prática.

**Quadro-Resumo 26:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: COSTIN, Frank. **Psicologia do anormal**. São Paulo: Brasiliense, 1978. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Medicina (Psiquiatria) e Psicologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> Psicologia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1978</p> <p><b>Público-alvo:</b> Médicos, Psiquiatras e Psicólogos.</p>	<p>-A abordagem centra a discussão nos determinantes biológicos embora o autor mostre que os aspectos psicológicos são importantes.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O capítulo analisado intitula-se: “Desvio sexual, alcoolismo e dependência de drogas”;</li> <li>• O capítulo aborda o conceito de desvio sexual;</li> <li>• Situa a homossexualidade como um desvio sexual.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é apresentada como patologia.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não há um empreendimento do autor em discutir possíveis formas de combater, tratar e prevenir a homossexualidade.</li> </ul>		



#### 4.1.1 Declínio da teoria hormonal?

A ideia da homossexualidade como distúrbio hereditário ou glandular já não era bem vista por alguns médicos e psicólogos/as dos anos 1970. Mas, apesar de todo um movimento contrário aos pressupostos biologizantes, esta tese ainda circulava em livros da época.

*Ocorre muitas vezes, entretanto, uma **disfunção glandular**. Pode haver certamente um **distúrbio na endocrinologia do menino**, e neste caso os sintomas deverão surgir (NETTO, 1975, p. 245, v.1) (grifos meus).*

Contradições no meio médico-acadêmico (e fora dele) apareciam, dúvidas surgiam, evidências laboratoriais e clínicas usando-se de metodologias mais sofisticadas iam de encontro ao modelo de explicação defendido pela ciência endocrinológica. Pululavam críticas em torno do postulado naturalizante endócrino.

*Os hormônios circulam na corrente sanguínea em concentrações extremamente pequenas e, até recentemente, não foram quantitativamente identificáveis. Mesmo hoje, certos hormônios podem ser medidos apenas de maneira relativamente grosseira e às vezes só indiretamente. A maior parte dos estudos levados a efeito no passado envolvia produtos excretórios urinários do sexo básico ou esteróides correlatos. **A interpretação desses resultados está repleta de dificuldades** porque muitas metamorfoses metabólicas ocorrem entre a formação de um hormônio dentro de uma glândula, secreção da glândula, ligação com proteína e transporte na corrente sanguínea, utilização no corpo, degeneração no fígado e conversão numa forma excretável pelos rins na urina. [...] **Deve estar claro que, apesar do intenso e generalizado interesse na possível influência dos hormônios sobre o comportamento sexual, este tipo de pesquisa provou ser extremamente frustrante e desalentador** (MARMOR, 1973, p. 46-47) (grifos meus).*

O médico Judd Marmor (1973) foi um desses críticos da exclusividade explicativa da teoria hormonal na década de 1970. No livro *A inversão sexual: as múltiplas raízes da homossexualidade*, ele defende que a homossexualidade é um fenômeno difícil de explicar e que a medicina pode contribuir nessa tarefa, mas essa ciência ainda é muito limitada devendo ser assessorada por áreas como a psicologia, a sociologia, a antropologia, a história e o direito. Assim se expressou Marmor (1973) ao apresentar seu livro.

*Este volume representa um esforço para esclarecer **um dos mais desafiadores problemas no campo da psiquiatria** – o da*

*homossexualidade. [...] a causalidade nesta área – não menos no que na maior parte de outras áreas da psicopatologia – não pode ser procurada em qualquer fato isolado, mas é **multifatorial**. Em consequência, tentei reunir relevantes informações em todos os setores das ciências biológicas e sociais que pudessem elucidar a **complexidade desse problema** – História, Zoologia Comparada, Genética, Endocrinologia, Sociologia, Antropologia, Direito, Psicologia e Psiquiatria Psicanalítica (MARMOR, p. 11, 1973) (grifos meus).*

A homossexualidade teria múltiplos fatores, “*múltiplas raízes*” (MARMOR, 1973, p.11). Não era um fenômeno banal e explicável apenas por uma vertente, mas era explicável, apresentava “causas”, de acordo com Marmor (1973).

*Um indivíduo pode entregar-se ao comportamento homossexual **devido a grande número de motivos** – pelo dinheiro, pela aventura, pelo tédio, pela curiosidade, pela necessidade de agradar ou por hostilidade ou rebeldia e poderá ainda não experimentar nenhum sentimento erótico autêntico pelo companheiro. Ou, então, **esse comportamento pode ser a expressão de interesses sexuais transitórios e de curiosidade** entre adolescentes e pré-adolescentes (MARMOR, 1973, p.12-13) (grifos meus).*

*A revolução feminina, as tendências dominantes emergentes de muitas mulheres americanas, a ascensão do ‘culto à mãe’ e a importância decrescente do papel do pai no lar são outros fatores sociológicos significativos que **repercutem nas relações intrafamiliares e impedem o desenvolvimento de identidades masculinas saudáveis** (MARMOR, 1973, p. 21).*

O sujeito marcado como homossexual não deixava de ser um objeto interessante, provocativo e produtivo aos olhos da Ciência. Outras ciências são requisitadas para esquadrihar e devassar o objeto enquadrado como anormal. Sim, anormal! A homossexualidade, segundo Marmor (1973, p. 11), continuava confinada no campo da psiquiatria “*não menos no que na maior parte de outras áreas da psicopatologia*”.

Em sua obra, Marmor (1973) criticava veementemente a teoria hormonal e para afirmar sua tese das “*múltiplas raízes*” utilizava uma estratégia, a exemplificação de “casos”. Alguns exemplos descritos por Marmor (1973) se fixam em estudos de endocrinologia veterinária. Vejamos como ele se posiciona diante da apresentação de um caso sobre hormônios sexuais em cavalos.

*O estradiol, entre os seus muitos outros efeitos metabólicos, provoca o crescimento dos seios e o desenvolvimento da vagina e do útero. Na*

*maioria dos animais, ele é produzido em quantidades maiores pela fêmea do que pelo macho e foi chamado de “hormônio sexual feminino”. De modo semelhante, por causa de seus efeitos produtores do crescimento do pênis e dos órgãos genitais acessórios e por ser secretado em quantidades maiores pelo macho, a testosterona foi denominada “hormônio sexual masculino”. Esta terminologia é infeliz, e em grande parte desorientadora, por sugerir conceitos incorretos e conduzir a um raciocínio falho. Na realidade, o garanhão [espécie de cavalo] produz mais material estrógeno do que qualquer outro animal conhecido e, se houvesse o estrógeno sido isolado pela primeira vez neste animal, ele bem poderia receber hoje o nome de “hormônio sexual masculino” (MARMOR, 1973, p. 54) (grifos meus).*

O estradiol também foi classificado pela ciência bioquímica como o hormônio sexual feminino e a testosterona como o hormônio sexual masculino em humanos. Ambos estão presentes nos corpos macho e fêmea, agem em diferentes células e órgãos do corpo humano, são responsáveis por agir em órgãos-alvo para delimitarem os caracteres sexuais secundários de corpos categorizados como masculinos e femininos e variam de acordo com a constituição física, a idade e o sexo. Essas informações oriundas da biomedicina são fatos. Esses dados são provados e reproduzíveis a partir de metodologias que usam recursos laboratoriais para quantificá-los e conhecer suas estruturas e potencialidades terapêuticas. A endocrinologia utiliza essas informações para operar diagnósticos, tratamentos, cura e prevenção de doenças as mais variadas. O que Marmor (1973) questionava era outra coisa: a totalidade e exclusividade dessas proposições. Acredito que sua insatisfação com a endocrinologia esteja relacionada ao discurso homogeneizador da teoria endócrina que percebia o corpo, a mente, as emoções e as subjetividades (des) reguladas e (des) controladas exclusivamente por fluidos biológicos hormonais de glândulas sexuais e não-sexuais.

As insatisfações de Marmor (1973) sobre a totalidade da teoria endocrinológica como linha de pensamento para explicar as causas da homossexualidade me faz pensar: as palavras, as ideias e o que se pensa sobre a materialidade dos hormônios são invenções da Ciência. Assim, ao nominarmos que o estradiol (estrogênio) é o hormônio sexual masculino no cavalo e que nessa espécie a ação desse fluido gera virilidade, vigor e disposição, o mesmo poderia ser feito na espécie humana. Poderíamos muito bem classificar o hormônio sexual testosterona como aquele que gera no corpo feminino o desejo sexual, sua anatomia peculiar e a voz “delicada”. Parece que a questão colocada por esse médico não está relacionada aos hormônios em si e sim sobre a forma como nomeamos, qualificamos e usamos essas informações. Quais seriam nossas intenções ao qualificar os hormônios desta forma e não

daquela? O que se ganha e o que se perde ao qualificá-los assim?

Continuando suas argumentações, Marmor (1973), objetivando demarcar a fragilidade da teoria hormonal exemplifica outros casos – agora em medicina humana – que, segundo ele, eram emblemáticos para a prova incontestada da ineficiência dos pressupostos da endocrinologia sexual na explicação do fenômeno da homossexualidade.

*A homossexualidade, por muitos anos, foi considerada uma **manifestação de desequilíbrio endócrino** e relatórios publicados pretendiam provar que proporções anormais entre os andrógenos e os estrógenos poderiam constituir a base para o comportamento homossexual. Os exemplos seguintes ilustram nossa experiência e o ponto de vista oposto: Caso 1: E.S., uma mulher branca, de 27 anos, nos foi enviada por um psiquiatra, devido a atividades hormonais. As regras eram regulares e ela ovulava normalmente, tal como determinam tabelas de temperatura corporal basal e modificações do muco cervical. Havia estado casada cinco anos, gostava do marido, mas era incapaz de desfrutar das relações sexuais com ele, embora alegasse fácil excitação sexual na presença de mulheres atraentes. O exame físico foi normal sob todos os aspectos e seu padrão hormonal achava-se perfeitamente dentro da variação para mulheres encontrada em nosso laboratório. Repetidos estrógenos urinários eram, na realidade, altamente normais (MARMOR, 1973, p. 54-55) (grifos meus).*

*Caso 2: I.H., do sexo masculino, branco, com 24 anos de idade, nos foi enviado por um psiquiatra devido a práticas homossexuais. O paciente há muito tempo desconfiava de sua própria homossexualidade e havia tentado relações heterossexuais por diversas vezes, a fim de testar sua virilidade. Essas experiências não foram satisfatórias, mas numerosos contatos homossexuais o foram. Os exames laboratoriais revelaram taxas hormonais normais. (MARMOR, 1973, p. 54-55) (grifos meus).*

*Caso 3: S.C., um rapaz negro, de 14 anos de idade, foi enviado à clínica endocrinológica por causa de “maneirismos e comportamento femininos”. Um testículo abdominal direito atrófico fora removido anteriormente. Tratava-se de um rapaz extremamente gracioso, com dedos longos e afilados e feições delicadas. Seus movimentos e posturas eram bastante femininos, e sua maneira de falar era precisa e do tipo popularmente associado aos homossexuais do sexo masculino. Os resultados do exame físico foram normais para um indivíduo do sexo masculino de 14 anos de idade. Análises hormonais de uma amostra de 24 horas de urina achavam-se bem dentro da variação normal para o seu grupo etário. Ele experimentara ereções e poluições noturnas e, na realidade, tivera experiências sexuais satisfatórias com várias mulheres. Era profundamente religioso e recentemente havia-se determinado a “abandonar os caminhos do mundo mau” e dedicar-se*

ao serviço da igreja. Não escutava vozes ou tinha alucinações visuais, mas **considerava-se “diferente dos outros rapazes”**. Uma entrevista com seu pai foi extremamente interessante, pelo fato de serem **as semelhanças físicas e emocionais notáveis à primeira vista** (MARMOR, 1973, p. 55-56) (grifos meus).

*Caso 4: K.R., moça branca, de 15 anos de idade, nos foi enviada por um psiquiatra por lhe haverem sido exigidos documentos trabalhistas e achar-se em dúvida o seu sexo. Fora, considerada menina ao nascer, porque, ao ser examinada, nem testículo nem escroto haviam sido encontrados e um pequeno orifício, onde a vagina ordinariamente estaria, achava-se presente. Fora criada como menina e seu sexo havia sido pouco questionada até seis meses antes do exame, quando, **por causa de um certo crescimento de pêlos faciais, aumento do clitóris e ligeiro engrossamento da voz, surgiram dúvidas na mente de seus professores e pais.** A principal preocupação da paciente é que ela nunca havia menstruado. Ao ser submetida a exame físico parecia ter a idade declarada. Era feminina tanto na voz como nos maneirismos, estava noiva e considerava-se mulher. Havia completa ausência de tecido dos seios. Alguns pêlos poderiam ser vistos na ponta do queixo, mas existia apenas pequena quantidade de pêlos axilares. Os pêlos púbicos eram abundantes, mas apenas alguns fios isolados estendiam-se até a metade do abdômen. O órgão genital podia ser um clitóris aumentado ou um pênis muito pequeno, achando-se presente, na região do períneo, um pequeno orifício uretral. Em cada dobra labial ou escrotal podia-se apalpar um pequeno nódulo, do tamanho de uma ervilha. Pareciam ser pequenos testículos atróficos, o que foi comprovado pelo exame histológico. Uma amostra da mucosa bucal foi colorida para determinação sexual nuclear e descobriu-se ser do sexo masculino. A laparotomia revelou ausência de útero e de partes anatômicas associadas. **Essa paciente foi extensivamente entrevistada por um psiquiatra e estudada intensamente por um psicólogo, ambos os quais concordaram que a identificação psicológica achava-se tão intensamente fixada no sentido da feminilidade que seria um erro grosseiro tentar modificar sua orientação sexual física no sentido da masculinidade.** Por conseguinte os pequenos testículos foram retirados do escroto; **foi tratada com estrógeno, a fim de desenvolver os seios e constituiu-se uma vagina artificial.** Apesar de sua situação genital lhe ter sido repetidamente explicada e lhe ter dito em muitas ocasiões que ela nunca poderia ter filhos, casou-se e ficou muito preocupada quando, após vários meses, não engravidou (MARMOR, 1973, p. 56-57) (grifos meus).*

Em sua obra, Marmor (1973) relatou dezenas de casos clínicos tentando convencer o leitor a não se fixar apenas na teoria hormonal. A defesa da tese das múltiplas causas da homossexualidade ficava mais evidente nas conclusões do capítulo que tratava desse tema.

*Em nossa experiência, nenhum paciente, homem ou mulher, mostrou qualquer inversão coerente de padrão endócrino para explicar tendências homossexuais. Nunca observamos qualquer correlação entre a escolha do objeto sexual e o nível de excreção hormonal. Substâncias estrogênicas administradas a mulheres homossexuais não alteraram o impulso sexual, nem a escolha do objeto sexual. Grandes doses de estrógeno administradas a homens homossexuais reduziram ocasionalmente seus impulsos homossexuais, mas não influenciaram a escolha do objeto sexual. O mecanismo desse decréscimo no impulso sexual é, acreditamos, o efeito repressivo do estrógeno sobre a própria função testicular do paciente, com um decréscimo na produção de andrógeno e a conseqüente baixa de sensibilidade do pênis. As substâncias andrógenas, particularmente a testosterona, não alteram a escolha do objeto sexual dos homossexuais masculinos ou femininos. No entanto, quando empregadas em grandes quantidades, tendem a aumentar a atividade sexual das mulheres e dos homens hipogonádicos. Estas observações nos levam a acreditar que os hormônios esteróides dos tipos estrógeno e andrógeno nada têm a ver com a escolha do objeto sexual e, dessa maneira, com a determinação da homossexualidade. A terapêutica com essas substâncias pode ocasionalmente afetar o impulso sexual, mas não se deve esperar que exerça efeitos benéficos sobre o curso da homossexualidade (MARMOR, 1973, p. 55) (grifos meus).*

A forma como Marmor (1973) redigiu seu trabalho chamou a atenção em um aspecto: ele usava sempre as expressões “minha experiência” e “nossa experiência”, dando a impressão de trabalho coletivo: “*Os exemplos seguintes ilustram nossa experiência*” (MARMOR, 1973, p. 54-55).

Ao que parece Marmor (1973) era um pesquisador-clínico que aproveitava o espaço de seu consultório para realizar suas experiências médico-psiquiátricas com os/as homossexuais.

*Num sentido muito básico, portanto, nossa abordagem psiquiátrica do problema da homossexualidade está condicionada à posição em que nos colocamos: se como puros cientistas, se como clínicos militantes. O cientista deve abordar os fatos de maneira não avaliativa; o comportamento homossexual e o comportamento heterossexual são áreas meramente diferentes de um amplo espectro do comportamento sexual humano, cujas fontes devem ser determinadas e compreendidas, não se podendo presumir que nenhuma delas seja intrinsecamente mais ou menos ‘natural’ que a outra. O psiquiatra clínico, por outro lado, está pela natureza do seu trabalho, profundamente envolvido em conceitos de saúde e doença, normalidade e anormalidade (MARMOR, 1973, p. 23) (grifos meus).*

Esse médico não relata, mas acredito que deveria ser uma equipe que realizava diversificadas empirias: médicos/as endocrinologistas, clínicos, psiquiatras, psicólogos/as, enfermeiros/as, assistentes sociais. Isso queria dizer: inúmeros homossexuais serviram de modelo para a conclusão de sua tese sobre as múltiplas causas da homossexualidade.

Os/As homossexuais como uma espécie produtiva. O saber-poder heterossexual depende deles/as para dar continuidade ao seu projeto de inclusão-exclusão. Deles/as são extraídas informações que contribuem para estruturar mais e mais o dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2007). Saberes elaborados para produzir sujeitos auto-sujeitáveis: o paciente “*considerava-se diferente dos outros rapazes*” (MARMOR, 1973, p. 55-56).

“[...] *tal como determinam tabelas*” (MARMOR, 1973, p. 55-56), estatísticas, medidas antropométricas, níveis laboratoriais normais, etc., a classificação deve continuar. Sua “*entomologização*” (FOUCAULT, 2007) precisa ser sempre renovada. Agora não mais usar o artefato cultural da teoria hormonal porque se inventou que “*seu padrão hormonal achava-se perfeitamente dentro da variação*” (MARMOR, 1973, p. 54-55) ou por que “*os hormônios esteróides dos tipos estrógeno e andrógeno nada têm a ver com a escolha do objeto sexual*” (MARMOR, 1973, p. 55).

A palavra final sempre tem que ser dada por eles/elas, os/as operadores/as da medicina. Meticulosamente realizavam o escrutínio dos corpos “*estranhos*” e estudavam os casos a partir de exaustivas semiologias. A figura insidiosa que apresenta “*maneirismos e comportamento feminino*”, o “*rapaz extremamente gracioso e de feições delicadas*” (MARMOR, 1973, p. 55-56) deviam ser extensivamente entrevistados por um psiquiatra e estudados intensamente por um/a psicólogo/a para que deles se extraíam as informações necessárias para qualificar suas psicopatologias, orientou Marmor (1973). Médicos/as e psicólogos/as construíram historicamente um arsenal discursivo que foi se remodelando a cada dia, mas que não podia perder sua substância essencial: o saber-poder que (re) produz proposições naturalizantes. Tais dispositivos devem ser utilizados em várias situações nas interações sociais, no dia a dia.

A terapia médica é uma forma de repressão. O psiquiatra hoje é uma pessoa que determina categoricamente a “*anormalidade*” e a “*loucura*”. A importância da antipsiquiatria está no fato que ela põe em dúvida essa certeza do médico, esse poder que ele possui de decidir o estado mental de um indivíduo. [...] O psicólogo também exerce um certo tipo de poder, decidindo o caminho que uma pessoa deve tomar. Ele praticamente decide o futuro de uma pessoa quando determina o que a criança deve ou não aprender, ou quando afirma que a vocação de um garoto é ser, por exemplo, engenheiro ou advogado. [...] A cada dia que passa, o rol jogado pelos criminólogos, os psiquiatras, e todos aqueles que estudam o comportamento mental do homem, é maior. Isso porque o poder político está em vias de adquirir uma nova função, que é a terapêutica (FOUCAULT, 2005, p. 10-11).

Não foi somente a teoria hormonal objeto de questionamento de Marmor (1973). Ele também desconfiava da psicanálise freudiana. Apesar de considerar importantes as ideias de Freud, este autor orientava seus leitores a terem cautela ao atribuírem as causas da homossexualidade exclusivamente ao fenômeno psicopatológico cuja explicação era dada pela epistemologia freudiana.

*Embora possam ser encontradas inúmeras explicações na literatura psiquiátrica e psicanalítica sobre as origens de casos específicos de homossexualidade, não existe ainda nenhuma constelação de fatores que possa explicar adequadamente todos os desvios homossexuais. A verdade é que mães dominadoras e sedutoras; pais fracos, hostis ou omissos; e as múltiplas variações sobre esses temas que são com tanta frequência sugeridos como etimologicamente significativos na homossexualidade, multiplicam-se nas histórias de inúmeros indivíduos heterossexuais também e não podem portanto ser, em si mesmos, fatores causativos específicos. [...] Quando digo que determinada constelação familiar não é especificamente causadora, estou simplesmente mostrando que, em vista de casos de homossexualidade poderem ocorrer, e de fato ocorrerem, com históricos familiares bem variados, os antecedentes de família – embora constituam um fator importante e pertinente – não são especificamente etiológicos no sentido em que o bacilo da tuberculose é específico da tuberculose. Estamos provavelmente lidando com uma condição que não é apenas multiplamente determinada por fatores psicodinâmicos, socioculturais, biológicos e situacionais, mas que também reflete a importância de sutis variações temporais, qualitativas e quantitativas (MARMOR, 1973, p. 14) (grifos meus).*

*Mais do que qualquer teoria genética da homossexualidade, foi a hipótese freudiana de uma bissexualidade psicológica inata que alcançou aceitação generalizada entre os psiquiatras modernos. Trata-se de uma teoria persuasiva, baseando-se, como o faz, no aparente hermafroditismo embriológico precoce do feto humano e que é ainda tenazmente sustentada, apesar da ausência de qualquer prova corroborantes fundamentais (MARMOR, 1973, p. 17) (grifos meus).*

*Os conceitos dos psicanalistas provêm todos do estudo dos homossexuais que procuraram a terapia psicanalítica ou então a ela foram encaminhados devido a dificuldades externas. [...] Existe assim acentuada possibilidade de que os conceitos psicanalíticos tradicionais sobre os defeitos caracteriológicos dos homossexuais se baseiem numa amostragem assimétrica dos homossexuais e não representem talvez o espectro de personalidades presente na população homossexual total (MARMOR, 1973, p. 22).*



Mais uma vez Marmor (1973) exaltava o número, a estatística, o controle dos dados. Para ele, o método psicanalítico não tinha credibilidade por que a amostragem era pequena. Ainda, a veracidade era questionável porque Freud só tinha estudado homossexuais sendo os mesmos reconhecidos como seus “pacientes”. Isso gerava uma situação conflituosa e de descrédito perante os clássicos cânones científicos visto que existia total “ausência de qualquer prova corroborante fundamental” (MARMOR, 1973, p.17). Mesmo assim Marmor (1973) tinha afeição à psicologia psicanalítica freudiana e de certa forma seguiu enfatizando a importância da mesma.

*A homossexualidade é uma condição potencialmente reversível. [...] grande parte do recente êxito obtido no tratamento dos homossexuais decorre do reconhecimento crescente entre os psicanalistas de que a homossexualidade é um distúrbio de adaptação* (MARMOR, 1973, p. 26).

O pressuposto da homossexualidade como desvio de personalidade proporcionado pelo hábito, tendo nas interações familiares seu principal núcleo gerador, fazia com que médicos e psicólogos/as investissem em discursos terapêuticos que focalizavam a família como a instância social mais importante na prevenção do transtorno. Os pais seriam os sujeitos fundamentais no (des)virtuamento dos/as filhos/as e a educação moral a estratégia eficiente para recolocá-los/as no processo evolutivo desencadeado desde a infância até chegar à maturidade sexual na idade adulta, traduzida como a heterossexualidade.

*Na medida em que determinado tipo de aparência, constituição, ou incoordenação física possa afetar as reações paternas ou dos irmãos em relação a uma criança ou à sua capacidade de participar de atividades do comum das crianças, isso pode às vezes desempenhar um papel determinante e significativo no gênero a ela atribuído pelas pessoas do seu ambiente, ou em sua incapacidade em identificar-se com seu próprio grupo sexual, podendo assim facilitar uma derradeira escolha do objeto homossexual. Mas mesmo nesses casos, **a reação do meio é fatal**, pois como freqüentemente se tem notado, **meninos constitucionalmente ‘efeminados’ ou meninas ‘masculinizadas’ podem desenvolver relacionamentos de objeto sexual perfeitamente normais quando o ambiente e as oportunidades familiares são favoráveis à identificação com o papel de gênero apropriado** (MARMOR, 1973, p. 16) (grifos meus).*

O médico Isidoro Eldelstain (1971) se afeiçoava às ideias de Freud nos anos 1970 e escreveu o livro *Princípios educativos de medicina social: sexologia*. Os conteúdos da citada obra fornecem alguns indicativos de que ele comungava com alguns pressupostos da

psicologia psicanalítica freudiana.

*Os desvios sexuais são, principalmente, o resultado de uma **persistência de sentimentos infantis de culpa e inferioridade que impedem o indivíduo de atingir a maturidade sexual**, definida como a capacidade de manter um relacionamento estável com o sexo oposto (EDELSTEIN, 1971, p. 105) (grifos meus).*

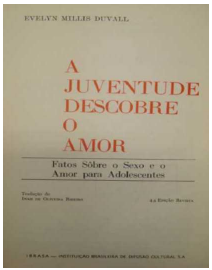
*A homossexualidade é um **desvio emotivo**, ou seja, uma **desordem de orientação psicogênica**, ou ainda uma **neurose** que tem sua expressão na **imaturidade** (EDELSTEIN, 1971, p. 107) (grifos meus).*

O indivíduo sexualmente maduro seria aquele que passou por um processo evolucionista e que após diversos fenômenos fisiológicos e psicogênicos chega à maturidade sexual. A bissexualidade e homossexualidade fariam parte desse processo, mas seriam fases e a estabilidade do processo repousaria em definitivo na heterossexualidade. No entanto, alguns eventos poderiam acontecer e o processo heterossexualizador estacionar onde não deveria. Instalar-se-ia a homossexualidade. Para Edelstein (1971), os pais são os principais responsáveis por essa fixação no terreno imaturo. Cabe a eles conduzirem o processo e isso se faz com educação moral, principalmente. É o que vão esclarecer mais detidamente os livros de educação publicados nos anos 1970.


#### **4.2 Dos livros de educação – década de 1970**

Os Quadros-Resumos 27, 28, 29, 30, 31 e 32 apresentam as principais ideias sobre a homossexualidade veiculadas em livros de educação publicados na década de 1970. Foram produções escritas por psicólogos e psicólogas que discorreram sobre os temas orientação educacional e educação sexual tendo como foco a educação de crianças e adolescentes.

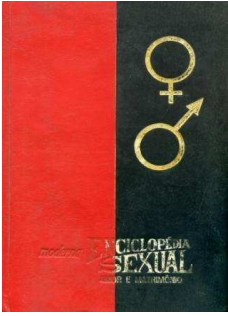
**Quadro-Resumo 27:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: DUVALL, Evelyn Millis. **A juventude descobre o amor:** fatos sobre o sexo e o amor para adolescentes. 4ed. São Paulo: IBRASA, 1970. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

<b>LIVRO</b>	<b>DADOS GERAIS DO LIVRO</b>	<b>PERSPECTIVA DA ABORDAGEM</b>
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Orientação educacional)</p> <p><b>Formação da autora:</b> Psicologia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1970</p> <p><b>Público-alvo:</b> Pais e Professores.</p>	<p>-Embora a autora não se refira à psicologia psicanalítica, suas proposições se remetem às teses freudianas.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<p>O livro aborda temas da sexualidade do adolescente; As temáticas apresentadas são: práticas sexuais, doenças venéreas, homossexualismo, gravidez, namoro, masturbação.</p>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<p>A bissexualidade está presente em todas as pessoas. O direcionamento homo ou heterossexual vai depender do ambiente e das interações realizadas. A homossexualidade é apresentada como comportamento inadequado e anormal; Precisa-se considerá-la mais como uma condição aprendida do que biologicamente estabelecida; As aprendizagens em diferentes espaços sociais podem conduzir à prática da homossexualidade; Chama a atenção para o cuidado com os colégios internos, pois nesses lugares tal hábito pode aparecer com muita intensidade; A adolescência é uma fase crítica, de indefinições. A homossexualidade está presente nesta fase.</p>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<p>Pais e professores devem compreender a fase instável da adolescência, mas mostrar os caminhos do amor normal.</p>		

**Quadro 28:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: PANDU, Pandiá. **Enciclopédia do sexo ilustrada:** sexualidade, amor, erotismo. Rio de Janeiro: Editora Tanguará, 1970. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Educação sexual)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Não informa</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1970</p> <p><b>Público-alvo:</b> Público em geral.</p>	<p>-A abordagem revela elementos do higienismo; Apesar de informar que a homossexualidade não é genética nem hormonal, existem proposições biológicas e médicas; Elementos da psicanálise freudiana também são evidenciados na escrita do autor.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<p>O tema sexualidade é apresentado a partir de um índice onomástico priorizando principalmente termos biológicos: “educação sexual”; “infância”, “puberdade”, “diferenças sexuais”, “que é normal no sexo”, “que é anormal no sexo”, “mulheres homossexuais”, “causa do homossexualismo”, “para socorrer os homossexuais”, “que uma lésbica faz a outra”, “solução para o homossexualismo”, “anormal”, “bissexual”, “efeminado”, “hermafrodita”, “heterossexualidade”, heterossexual”, “homossexual”, “homossexualidade”, “imoral”, “inversão”, “invertido”, “lesbianismo”, “pederastia”, “pederasta”, “pedofilia”, “safismo” e “sexualidade”.</p>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é apresentada como patologia e anormalidade. A referência de normalidade é a heterossexualidade;</li> <li>• Produz a distinção entre homossexual ativo e passivo. Pouco discute sobre o ativo. Já o passivo é referido em detalhe: faz o papel da mulher, é afeminado, triste, solitário;</li> <li>• Fornece inúmeras características para a identificação do homossexual passivo.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A figura do médico é importante na educação sexual do povo;</li> <li>• É importante combater a homossexualidade nos ambientes de confinamento como colégios de padres, prisões, pensionatos e quartéis.</li> </ul>		

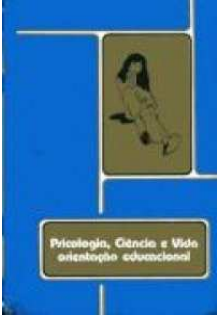
**Quadro-Resumo 29:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: PEREIRA, F. A. (org.). **Moderna enciclopédia sexual**. 8 ed., v.2 (F-M), São Paulo: Libra Empresa Editorial, 1971. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Educação sexual)</p> <p><b>Formação do autor:</b> Não informa</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1971</p> <p><b>Público-alvo:</b> Público em geral.</p>	<p>O autor baseia-se nos pressupostos da psicanálise freudiana; Não deixa também de abordar o tema pelas perspectivas biológica e higiênica.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro em formato de enciclopédia;</li> <li>• O tema sexualidade é apresentado a partir de um índice onomástico priorizando principalmente termos biológicos: “homens efeminados”, “homossexualidade: as onze perguntas básicas”, “homossexualidade: causas”, “homossexualidade: diagnóstico”, “homossexualidade: duas grandes correntes explicativas”, “homossexualidade entre adolescentes”, “homossexualidade na velhice”.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é apresentada como patologia e anormalidade;</li> <li>• A escrita procura produzir um tipo de sujeito: o homossexual afeminado;</li> <li>• O problema do homossexual afeminado não é só genético e glandular. Esses fatores agem muito pouco. O que faz esses sujeitos serem assim é o ambiente. A criação do pai e da mãe influencia;</li> <li>• Fatores extra-biológicos (psicológicos, pedagógicos e sociais) condicionam a homossexualidade. São as experiências psicológicas e emocionais vividas pela criança, desde a mais tenra infância, que condicionam o aparecimento do desvio de personalidade;</li> <li>• O tratamento medicamentoso não é eficiente;</li> <li>• A psicoterapia pode funcionar, mas depende do tempo e da gravidade do problema. O homossexual deve se ajudar: sair da prática e repugnar seus atos.</li> </ul>		

## PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

- A homossexualidade pode ter uma variedade de causas e motivos muito ampla. Porém o certo é que fatores familiares e educativos desempenham papel importante, se não decisivo, na direção da sexualidade;
- No lar estão todas as condições para levar um indivíduo para o homossexualismo;
- Os pais devem ficar atentos: suas ações podem inibir ou favorecer o aparecimento de um filho homossexual;
- Há grande risco de desvios da personalidade quando o pai é fraco, ou não haja domínio paterno no lar;
- Toda criança vê no casal o modelo em matéria de vida em comum, casamento, relações sociais, etc;
- O princípio pedagógico-educacional mais importante descoberto no século XX é o seguinte: toda criança, para que possa vir a ter personalidade plenamente desenvolvida e normal, precisa ter no seu lar um 'ídolo'. O menino precisa ter no pai um ponto de referência, um farol, um guia;
- Incentivar os meninos a jogarem bola e outras brincadeiras típicas dos homens. Fazer isso de forma discreta para que não percebam.

**Quadro-Resumo 30:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: NETTO, Aguiar. **Psicologia, ciência e vida:** orientação educacional. v. 1. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.

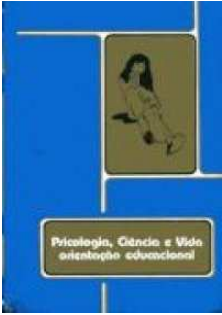
LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Orientação educacional) / Psicologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> Psicologia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1975</p> <p><b>Público-alvo:</b> Professores e Pais.</p>	<p>-O autor baseia-se nos pressupostos da psicanálise freudiana; Não deixa também de abordar o tema pelas perspectivas biológica e higiênica.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro em formato de dicionário apresentando temas em orientação educacional;</li> <li>• Buscamos analisar os trechos que traziam discussões sobre sexualidade, homossexualidade e educação sexual.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os conteúdos sobre a homossexualidade foram analisados nos seguintes capítulos: “Com que idade deve a criança ser instruída na questão sexual?”; “O sexo e a infância”; “Que pensa o pediatra com relação ao problema da educação sexual?”;</li> <li>• A homossexualidade é vista como patologia e anormalidade;</li> <li>• O autor repete inúmeras vezes no texto o discurso sobre a importância de se conduzir os filhos para a heterossexualidade, visto que a homossexualidade é uma anormalidade;</li> <li>• O tema do afeminamento é bastante explorado. Explicita as causas, as consequências e como corrigir. O sujeito afeminado é categorizado e apresentado como sinônimo de homossexual.</li> </ul>		

### PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

- A homossexualidade é um problema que deve ser corrigido e a educação é um mecanismo eficiente;
- É função dos pais cuidarem da educação sexual dos filhos;
- É a educação sexual que deve reforçar a importância do ato sexual entre homem e mulher, da reprodução e da heterossexualidade;
- A menina deve ser educada como uma mulher e o menino como um homem;
- Pais e professores devem corrigir o afeminamento dos meninos porque surge de uma educação excessivamente protetora: a mãe, maior responsável pelo problema, deve agir energicamente, não dar carinho em demasia; o pai não deve ser desprestigiado e desvalorizado. Pelo contrário, deve ser visto como modelo e herói;
- O menino afeminado deve ser orientado: não deixar brincar apenas com as irmãs; ensinar um pouco de agressividade.



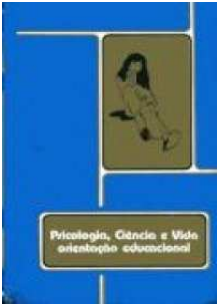
**Quadro-Resumo 31:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: NETTO, Aguiar. **Psicologia, ciência e vida:** orientação educacional. v. 2. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Orientação educacional) / Psicologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> Psicologia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1975</p> <p><b>Público-alvo:</b> Professores e Pais.</p>	<p>-O autor baseia-se nos pressupostos da psicanálise freudiana; Não deixa também de abordar o tema pelas perspectivas biológica e higiênica.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro em formato de dicionário apresentando temas em orientação educacional;</li> <li>• Buscamos analisar os trechos que traziam discussões sobre sexualidade, homossexualidade e educação sexual.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os conteúdos sobre a homossexualidade foram analisados nos seguintes capítulos: “Adolescência”; “É muito problemática a orientação sexual nas escolas?”; “Como entender a presença da homossexualidade na adolescência?”; “Se constatadas relações homossexuais entre adolescentes quais os cuidados a serem tomados?”; “Existe a homossexualidade entre as moças?”;</li> <li>• A adolescência é percebida como uma fase problemática e susceptível para o desenvolvimento da homossexualidade;</li> <li>• A homossexualidade na adolescência é passageira. A situação tende a evoluir para a heterossexualidade. Caso persista, deve-se agir para evitar o problema porque a fase bissexual é problemática, mas deve ser superada;</li> <li>• Novamente se discute o afeminamento. Aqui o tema é direcionado para as meninas. O texto orienta sobre como perceber atitudes masculinas em meninas. É produzido o tipo “mulher masculinizada” como sinônimo de homossexualidade;</li> <li>• Exalta-se a função do especialista, médico ou psicólogo, na detecção e tratamento de sintomas homossexuais em adolescentes.</li> </ul>		

### **PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS**

- A homossexualidade é um problema que deve ser corrigido e a educação é um mecanismo eficiente;
- É importante educar o adolescente para que ele desenvolva sua heterossexualidade;
- São oferecidas sugestões pedagógicas na repreensão de práticas homossexuais na escola;
- A amizade entre dois colegas de escola deve ser investigada. Caso se perceba homossexualismo os sujeitos devem ser separados, mas de forma discreta e sem escândalos.

**Quadro-Resumo 32:** Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: NETTO, Aguiar. **Psicologia, ciência e vida:** orientação educacional. v. 3. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA.

<b>LIVRO</b>	<b>DADOS GERAIS DO LIVRO</b>	<b>PERSPECTIVA DA ABORDAGEM</b>
	<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação (Orientação educacional) / Psicologia</p> <p><b>Formação do autor:</b> Psicologia</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1975</p> <p><b>Público-alvo:</b> Professores e Pais.</p>	<p>-O autor baseia-se nos pressupostos da psicanálise freudiana; Não deixa também de abordar o tema pelas perspectivas biológica e higiênica.</p>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro em formato de dicionário apresentando temas em orientação educacional;</li> <li>• Buscamos analisar os trechos que traziam discussões sobre sexualidade, homossexualidade e educação sexual.</li> </ul>		
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os conteúdos sobre a homossexualidade foram analisados nos seguintes capítulos: “A homossexualidade é condenável, algo que deve ser combatido como anomalia de comportamento ou é um fenômeno social que pode ser tolerado?”; “Quais seriam as possíveis causas do homossexualismo?”;</li> <li>• A homossexualidade é discutida como patologia e inadequação de comportamento;</li> <li>• Os fatores ambientais e educacionais são colocados como preponderantes na origem e desenvolvimento da homossexualidade das crianças e adolescentes;</li> <li>• Os fatores hormonais e hereditários também são apontados como causas para o desenvolvimento da homossexualidade; A homossexualidade é uma fase do desenvolvimento humano que é transitória.</li> </ul>		
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>		

- A homossexualidade é um problema que deve ser corrigido e a educação é um mecanismo eficiente;
- Os hábitos determinam a estruturação das práticas homossexuais. Por isso, a utilização de mecanismos que reforcem os hábitos normais (heterossexuais) deve ser valorizada.

#### 4.2.1 Explicar pela psicologia: o ambiente e a educação na homossexualização do sujeito

Como a homossexualidade era descrita pelos/as autores/as da área educacional nos anos 1970? Quem era o/a homossexual? Que ideias sobre esses sujeitos eram divulgadas em suas produções?

A homossexualidade era divulgada como patologia psíquica. O olhar psicanalítico freudiano predominava nos conteúdos dos livros analisados embora a teoria endócrina persistisse e influenciasse ainda alguns autores. O discurso da capacidade das glândulas endócrinas sexuais serem as responsáveis pela produção biológica do homossexual ainda alimentava as práticas de médicos/as, psicólogos/as e pedagogos/as.

*A homossexualidade pode ser causada por condições biológicas. Distúrbios endócrinos, predisposições bissexuais congênitas, alterações orgânicas do aparelho sexual* (NETTO, 1975, p. -63, v. 3).

Contudo, as discussões sobre a homossexualidade centravam-se na psicologia. As ideias das causas biológicas eram cada vez mais contestadas e colocadas em suspensão. Isso não quer dizer que a homossexualidade deixasse de ser explicada pelos cânones da biologia. As pesquisas desenvolvidas no campo das ciências naturais avançavam e ao mesmo tempo reconhecia-se a complexidade de explicar esse objeto. A cada descoberta, novas evidências de que os componentes biológicos homossexuais variavam e em muitos pontos não se reconhecia nada que qualificasse esse fenômeno como biológico. O que fazer então? Recorrer a outro campo discursivo que valorizasse não apenas os aspectos quantitativos mais também os qualitativos. Esse campo deveria ser menos rígido, fluido e que produzisse discursos que ressaltassem a subjetividade do objeto. A ciência natural (re) configura-se, muda de estratégia e se alia a uma área bem próxima a ela, a psicologia. Mas, não apenas a essa ciência. Como disse o médico Judd Marmor em 1973: “*Estamos provavelmente lidando com uma condição que não é apenas multiplamente determinada por fatores psicodinâmicos, socioculturais, biológicos e situacionais, mas que também reflete a importância de sutis variações temporais, qualitativas e quantitativas*” (MARMOR, 1973, p. 14).

*Houve geneticista no passado que acreditava ser a homossexualidade hereditária. A tendência atual consiste em julgar que a **homossexualidade resulta de um condicionamento psicológico*** (PEREIRA, 1971, p. 350) (grifos meus).

[...] Parece por outro lado, que são poucos frequentes as causas de ordem biológica, sendo **mais relevantes os fatores psicológicos e sociais** (NETTO, 1975, p. 62-63, v. 3) (grifos meus).

Numa palavra, a homossexualidade é um **desvio adquirido** (PEREIRA, 1971, p. 355) (grifos meus).

[...] não são os hormônios sexuais a causa disso. De maneira que sobram apenas os **fatores extrabiológicos, isto é, os psicológicos, pedagógicos e sociais. Na verdade, são as experiências psicológicas e emocionais vividas pela criança, desde a mais tenra infância, que condicionam o aparecimento do desvio de personalidade** (PEREIRA, 1971, p. 347) (grifos meus).

[...] não é congênita, mas **devida a traumatismos e deformações psíquicas registradas ao longo do desenvolvimento da personalidade** (NETTO, 1975, p. 63, v. 3) (grifos meus).

Ao argumentarem sobre os “fatores extrabiológicos” (PEREIRA, 1971, p. 347) como aqueles que indubitavelmente gerariam o comportamento homossexual, os/as autores/as baseavam-se em estudos de psicologia e pedagogia que enfocavam a influência de fatores ambientais na formação da personalidade e do caráter de crianças e adolescentes.

*Tomam corpo cada vez mais os estudos que visam determinar as causas psicológicas e educativas responsáveis pelo desencadeamento da conduta homossexual. Esses estudos mostram a extrema importância dos primeiros anos de vida, até os seis anos, na formação de hábitos e traços de caráter* (PEREIRA, 1971, p. 361) (grifos meus).

A psicanálise freudiana era um dos corpos teóricos que embasavam os/as escritores/as da área educacional dos anos 1970 a produzirem conhecimento sobre a homossexualidade (dos) nos sujeitos. De acordo com os/as autores/as, a homossexualidade era considerada um desvio psicogênico que tinha na infância o momento inicial de sua constituição. Caso houvessem estímulos tidos como negativos proporcionados principalmente por uma má educação, o processo de produção do distúrbio era acionado.

*Segundo a Psicanálise, ao nascer, o indivíduo possui componentes heterossexuais e homossexuais, podendo estes últimos permanecer latentes, reprimidos ou manifestar-se na conduta aberta. Quando latentes, não chegam a constituir problemas sérios. Podem ser sublimados ou traduzir-se em alguma forma desviada de conduta. Um dos dois componentes pode impor-se sobre o outro. O componente vencido será sublimado ou convertido em origem de sintomas neuróticos. O componente homossexual irá suplantar o*

**heterossexual se ocorrerem circunstâncias externas favoráveis, durante o processo educativo** (PEREIRA, 1971, p. 363) (grifos meus).

*Todo indivíduo passa por três fases distintas, na sua evolução até o sexto ano de vida, que são: oral, **anal** e genital ou fálica. A fase oral coincide com o período de vida no qual as sensações giram em torno da boca. Depois, **essas sensações passam à uretra e ao ânus** (fase em que começam os problemas relacionados com o controle da urina e das fezes). Finalmente aparece a fase fálica, na qual se desenvolve o interesse pelos genitais. **Os homossexuais seriam, segundo a psicanálise, pessoas fixadas na fase anal, e, portanto imaturas quanto à sexualidade.** Como a cultura os impede de viver, na idade adulta, segundo os desejos e **os impulsos da fase anal em que estão fixados, tornam-se neuróticos, isto é, desajustados emocionalmente nos vários planos da vida** (PEREIRA, 1971, p. 362) (grifos meus).*

Coincidência dizer que os homossexuais se fixam na fase anal e tornam-se posteriormente figuras neuróticas, desajustadas e disparatadas? Os impulsos da fase anal são tão importantes na determinação psicológica da homossexualidade? Acho que Freud não disse isso e nem queria atrelar a ideia do prazer anal da criança ao defecar à constituição da homossexualidade do sujeito. A ideia do prazer homossexual atrelado ao sexo anal é (re) produzida por alguns/algumas escritores/as.

*Numa grande maioria de casos é o homossexualismo uma **fixação à fase anal da libido** (RAMOS, 1949, p. 318-319) (grifos meus).*

*Os psicanalistas admitem a existência de uma sexualidade geral a princípio difusa por todo o corpo, e **depois conglomerada em zonas mais expostas às excitações** (zona buco-labial, ano-retal, uretral...) (RAMOS, 1949, p. 301) (grifos meus).*

*[...] a homossexualidade é condicionada nos primeiros anos de vida, sobretudo na vigência das **fases anal e genital** (PEREIRA, 1971, p. 350) (grifos meus).*

Dizer que o homossexual foi se constituindo tendo como um dos marcos a “*fixação à fase anal*” (RAMOS, 1949, p. 318-319) e que a exposição às excitações sexuais do ânus “*condiciona nos primeiros anos de vida*” (PEREIRA, 1971, p.350) ao “*amor de olhos baixos*” (FOUQUÉ, 1953) tem outras intenções. Essas proposições – construídas a partir de leituras equivocadas ou mal interpretadas das obras de Freud – almejavam mais, tinham por objetivo marcar ainda mais a tipologia homossexual. Atrelar prazer anal à homossexualidade vislumbrava caracterizar mais ainda a figura do homossexual à imagem feminina e à

passividade. Portanto, característica que não servia para qualificar um indivíduo como do sexo masculino. Argumento construído para subsidiar ainda mais o saber-poder da biomedicina visando a higienização, o tratamento e a cura do homossexual. A imagem da passividade e a ideia do homossexual masculino como afeminado e das lésbicas como pessoas masculinizadas estavam muito presentes nas descrições realizadas pelos/as escritores/as da época.

*Homossexual é o indivíduo que pratica relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. O homossexual pode ser: a) ativo, quando introduz o membro ou ocupa posição ativa. b) passivo, quando recebe ou fica em posição passiva. O homem, quando homossexual passivo, faz o papel de mulher; a mulher, quando homossexual ativa, representa o papel do macho* (PANDU, 1970, p. 126) (grifos meus).

*Pederasta passivo é aquele que recebe. Eis algumas palavras sinônimas de pederastia: sodomita, homossexual, “bicha”. O verdadeiro pederasta passivo tem alma, instinto e coração de mulher num corpo de homem. Eis alguns traços que caracterizam os pederastas passivos: a) andar, gestos e jeitos de moças. b) voz fina. c) pouca barba. d) preferências as coisas atinentes à mulher. Estes são os traços que abrangem à maioria. Será pequeno o número de tais invertidos? Infelizmente não. É bem grande* (PANDU, 1970, p. 152) (grifos meus).

*Afeminado é o homem que tem jeito, gestos e andar de mulher. Não têm como se diz, a pinta. O verdadeiro efeminado requebra-se, quando anda; tem voz fina; possui pouca barba e trejeitos femininos* (PANDU, 1970, p. 103) (grifos meus).

*Os verdadeiros pederastas passivos, aqueles em cujo corpo palpita e vibra alma de mulher. São verdadeiras mulheres. Mulheres em tudo* (PANDU, 1970, p. 153-154) (grifos meus).

Aqueles que dão “pinta” (PANDU, 1970, p. 103) são extravagantes, mal educados, delicados ao excesso, mancham a qualidade do masculino. Ainda, agridem a moral e os bons costumes. Sua forma de ser denigra a imagem do homem e também da mulher. Esses “anormais passivos” merecem o ostracismo e a exclusão. Seu fim é viverem sós e morrerem à míngua, como pontuou Pereira (1971) em seu livro *Moderna enciclopédia sexual*: “As relações homossexuais tendem a ser mais efêmeras do que as heterossexuais. Os homossexuais que vão envelhecendo tornam-se conscientes da trágica situação pessoal. O envelhecimento para ele é o fim da vida” (PEREIRA, 1971, p. 366).



#### 4.2.2 Educação moral e educação sexual na prevenção da homossexualidade

O acompanhamento – por parte de pais e professores/as – de todas as fases do desenvolvimento infantil tornava-se crucial para a prevenção do aparecimento da homossexualidade e, principalmente do afeminamento. Como resolver esses problemas? O fundamental é perceber que se trata de questão de criação, de hábitos errados conduzidos por aqueles e aquelas que educam.

**Fatores familiares e educativos desempenham papel importante, se não decisivo, na direção da sexualidade** (PEREIRA, 1971, p. 362) (grifos meus).

O processo educativo constitui-se como a mais importante questão a ser pensada quando o homossexualismo aparece em casa ou se expressa em outros ambientes como na escola. Educação errada, cheia de mimos onde pais e mães são reféns dos gostos das crianças, essa sim deve ser avaliada e combatida. E o combate se faz também pela educação. Fundamental é praticar a educação moral e, atrelado a ela, a educação sexual.

*O problema do efeminamento, ou seja, meninos que têm maneiras, hábitos e modos de ser que lembram as atitudes femininas, é sanado quando se conhecem as verdadeiras causas deste comportamento* (NETTO, 1975, p. 243-244, v. 1).

*De maneira geral, o problema do menino afeminado reside sempre em causas sociais. Isto é: numa educação exageradamente protetora, que envolve o menino numa campânula como se ele fosse um objeto de cristal, absolutamente indefeso ante um mundo agressivo. Ou ainda, a necessidade de compensação de uma mãe que sempre desejou uma filha quando não, uma convivência exagerada com mulheres. Todas essas circunstâncias podem provocar uma atitude afeminada. A mudança nesta orientação certamente despertará um maior sentido de agressividade no menino e o problema será resolvido* (NETTO, 1975, p. 245, v. 1) (grifos meus).

A educação moral e sexual eram estratégias importantes na deshomossexualização dos sujeitos. Segundo os/as autores/as, era preciso agir a partir de várias frentes: pais e educadores/as deveriam estar atentos para o problema atuando diretamente na educação sexual dos/as filhos/as ou alunos/as; locais apontados como propensos às práticas homossexuais deveriam entrar num processo de ostensiva vigilância como colégios, internatos, prisões, pensionatos, quartéis, etc.

Os livros de educação da década de 1970 estavam empenhados em descrever a importância da educação moral e sexual na vida de crianças e adolescentes. Os/as autores/as apresentavam algumas temáticas consideradas cruciais na educação dos jovens. Isso mesmo, dos jovens! Muitas das orientações dirigiam-se para meninos e rapazolas. Para as meninas o que prevalecia era o silêncio e a ideia de que elas não precisavam dessas informações visto que se construiu o discurso de que as moçoilas eram puras. Os rapazes sim, esses deveriam ser orientados sobre as relações sexuais e as doenças venéreas. Dois temas sempre estiveram presentes nas preocupações de médicos, psicólogos/as, pedagogos/as, orientadores/as educacionais quanto à educação moral de crianças e adolescentes: a masturbação e a homossexualidade. No conjunto de livros analisados, sejam livros médicos ou da área educacional, ambos os temas sempre apareciam e, em algumas produções, a ideia da prática masturbatória era associada à homossexualidade. Vejamos alguns discursos produzidos entre as décadas de 1920 a 1970.

*O onanismo forma um **complemento frequente da homossexualidade** (FOREL, 1928, p. 247) (grifos meus).*

*Nos dormitórios os leitos estão muito perto, os meninos passam das carícias às exhibições, às apalpações lúbricas, **ao onanismo recíproco, enfim à pederastia** (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p. 284) (grifos meus).*

***A homossexualidade é a grande preocupação dos educadores, na Escola, e a frequência de suas manifestações vem logo, depois do onanismo** (RAMOS, 1949, p. 318-319) (grifos meus).*

***O onanismo é, indubitavelmente, a prática que com mais frequência arrasta a mulher ao safismo. É muito compreensível: a onanista, quer dizer, a mulher que pratica o prazer solitário por intermédio de toques digitais, se encontra particularmente disposta a buscar ou a escolher uma companheira para gestos destinados a experimentar o delicioso calafrio dos nervos. A onanista experimentou todos os enervantes gozos do amor; conhece o poder dos contactos, aspira frequentemente receber carícias que ela a si mesma não poderá prodigar. Quando sabe que se encontra junto a uma companheira, apreciadora de idênticos prazeres, estabelece a correspondente comunhão** (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p. 15) (grifos meus).*

*[...] encontra-se em todos os tipos de instituições de confinamento certa forma de **masturbação e homossexualidade, ambas consideradas anormais no adulto** (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 112-113).*

*A pessoa, homem ou mulher, no começo da vida sexual, tem e sente necessidade de saciar as excitações carnis que em si despontam. Como, nessa idade, não pode procurar o sexo oposto, entrega-se à masturbação. Em circunstâncias tais, a masturbação, quando moderada, é coisa normalíssima. Às vezes, o indivíduo masturba-se pela impossibilidade de se acercar de pessoas do sexo contrário.* (PANDU, 1970, p. 138) (grifos meus).

A História é uma ferramenta importante para que possamos perceber o caráter inventado e construído dos mais variados temas que são colocados em pauta na sociedade. Quando direcionamos o olhar para o produzido sobre a sexualidade, tal assertiva se constitui como fundamental. As instituições dizem como devemos proceder e encaminhar as pessoas; O Estado diz como conduzir “corretamente” o comportamento das crianças e adolescentes; os aparelhos jurídico e médico fornecem inúmeros receituários de como sanear o que é inadequado e anormal; a Escola dirige a aprendizagem das pessoas. Sempre foi assim. Ainda é assim. Não seria diferente com o discurso sobre a prática masturbatória, por exemplo.

Religião, medicina, criminologia, psicologia e outras epistemologias muito disseram sobre a masturbação. E ainda dizem. Hoje o discurso é outro. Existem outros objetivos e outras conotações que são acionados para falar sobre ela. A pessoa que se masturbava já foi considerada criminosa. A masturbadora já foi rotulada como histérica. As ciências médicas a partir do século XIX inventaram proposições e verdades que deixavam claro e evidente a masturbação como vício e doença. A “criança masturbadora” começou a ser alvo de pediatras, psicólogos/as e educadores/as. Assim, seguindo o percurso da história e as práticas médico-pedagógicas, podemos perceber que o infante foi sendo sexualizado pela ciência médica: “Desde o século XIX foi atacada a sexualidade das crianças e foram perseguidos seus “hábitos solitários”. [...] Os pedagogos e os médicos combateram, realmente, o *onanismo*<sup>37</sup> das crianças como uma epidemia a ser extinta” (FOUCAULT, 2007, p. 49).

---

<sup>37</sup> Onanismo. Antigamente a masturbação era denominada dessa forma. De acordo com Goldensen e Abderson (1989, p. 193), onanismo é um “termo obsoleto para coito interrompido e masturbação, baseado numa passagem do Velho Testamento (Gênesis, 38, 9), segundo a qual Onan ‘deixava cair sêmen por terra cada vez que se unia à mulher de seu irmão’, a fim de não engravidá-la”. Buscando entender um pouco mais sobre o termo Onanismo, encontrei a seguinte informação na obra “A Questão Sexual”, de Augusto Forel (1928, p. 223): “O termo onanismo vem de Onan, filho de Juda e de Suah, neto de Israel. Segundo o Antigo Testamento, seu pai exigiu de Onan que se casasse com a viúva de seu irmão Her e tivesse filhos com ela. Esta exigência não convinha a Onan. Desejando subtrair-se, esfregava o seu pênis, provocando assim a ejaculação do esperma afim de não ter filhos com a sua cunhada. ‘Isso desagradou a Deus, que o fez morrer’. José Maria Monteoliva (1996, p. 54) acrescenta: “Masturbação: também chamada *onanismo* (de Onán, no Antigo Testamento). Auto-erotismo. Manipulação do pênis ou do clitóris sem realização da cópula, para obtenção de orgasmo e gratificação sexual”.

O que disseram sobre a masturbação na década de 1920? Em 1928 o médico Augusto Forel (1928), em sua obra *A questão sexual*, examinava vários temas relacionados ao âmbito sexual. Sobre a masturbação ele se posicionava da seguinte forma:

*O homem se masturba esfregando o penis na mão ou contra um objecto molle. Neste ultimo caso principalmente a imagem erotica de mulheres núas ou de órgãos sexuaes femininos se associa ao onanismo. Pode se chamar a este gênero de **masturbação compensadora, porque não provem de anomalia do desejo e só serve para satisfazer, por compensação a uma necessidade natural.** Em geral consideram-se os homens que se entregam a esses actos como **profundamente depravados e de mais vergonhosa immoralidade**, e muita gente acha que deve testemunhar-lhes, mais ou menos hypocritamente, grande indignação. Na realidade trata-se quasi sempre de pobres diabos, honestos a outros respeito, mas apenas atacados de hyperesthesia sexual. Trata-se mesmo ás vezes de fracos de espirito que as mulheres desprezam e que recorrem a taes praticas para se acalmarem. **Outros são, sem dúvida, cynicos e viciosos em todos os sentidos** (FOREL, 1928, p. 224) (grifos meus).*

Augusto Forel (1928) argumentava que na instituição escolar esse hábito era comum e divulgava que a prática masturbatória dos infantes era a pior que existia.

*Nas escolas, e em geral entre as creanças, acontece isso facilmente, e deste modo excitações sexuaes muito precoces podem desenvolver-se, tornando-se hábito detestável, difficil de corrigir. O onanismo das creanças é certamente peor que o dos adultos. Não só torna a creança preguiçosa, mollenga e vergonhosa, ou, pelo menos, augmenta-lhe taes defeitos, como lhe perturba a nutrição e a digestão, **fazendo desabrochar disposições para perversões sexuaes e para a impotencia** (FOREL, 1928, p. 226) (grifos meus).*

No entanto, de acordo com Forel (1928), existiam ações que pais e professores deveriam realizar: vigiar, controlar e delegar-lhes atividades que os fizessem esquecer o “mau hábito”.

*Frequentemente tudo cessa graças a uma **boa vigilancia, ao trabalho corporal e ao ar livre, sobretudo se distrairmos a atenção da creança, dirigindo-os para outros pensamentos** (FOREL, 1928, p. 226) (grifos meus).*

*As escolas novas reformadas e os internatos constituem um excellente remédio para o onanismo, porque **ocupam a creança da manhã á noite**, não lhe deixando tempo de apanhar mãos hábitos. Quando vão para o leito estai assaz fatigadas para fazerem outra cousa senão dormir. Enfim, o espírito de tal escola é um poderoso antidoto a **todo o máo habito e a todo o instincto perverso** (FOREL, 1928, p. 227) (grifos meus).*

E recomendava que o melhor remédio para que o indivíduo parasse de se masturbar seria sem dúvida buscar o amor e as relações sexuais consideradas normais.

*O amor e as relações sexuaes normaes são naturalmente o melhor remedio para a masturbação* (FOREL, 1928, p. 226) (grifos meus).

O médico forense Hernani de Irajá publicou em 1954 o livro *Psicoses do amor: estudos sobre as alterações do instinto sexual*. A obra traz uma densa discussão sobre a masturbação. Analisemos alguns trechos:

*A perversão do instinto denominada onanismo abrange todas as aberrações, abusos e vícios genitais. Geralmente é tomada a palavra onanismo no sentido de masturbação ou manuelização*<sup>38</sup> (IRAJÁ, 1954, p. 46).

*Ainda hoje em dia duas correntes de opiniões manifestam-se sobre o onanismo ou masturbação. Para uns é um vício conducente a prejuízos futuros como a insensibilidade gênito-sexual e a impotência, para outros nada mais representa do que uma tendência natural e exoneração de produtos glandulares super-acumulados, à satisfação de desejos e apetites sexuais **em épocas ou situações não propiciadoras ao verdadeiro ato conectivo entre criaturas de sexos opostos*** (IRAJÁ, 1954, p. 47) (grifos meus).

*O onanismo enfraquece as faculdades mentais, principalmente nas crianças e adolescentes. Não raro vêem-se jovens inteligentes tornarem-se apáticos e débeis mentais. Quando o exame médico não descobre sinais hereditários de nevroses, é o onanismo o principal agente ou causa de todo e qualquer desarranjo mental. A epilepsia é favorecida também pelo onanismo, principalmente na posição de pé. A vista, o ouvido, sofrem extraordinariamente. Coisa notável, o olfato parece nada sofrer e mesmo muitas vezes é exaltado. Em geral os masturbadores têm uma grande acuidade olfativa* (IRAJÁ, 1954, p. 56-57).

Vejamos o que um doutor diz sobre a masturbação na década de 1960.

*Embora a masturbação possa ser perfeitamente normal entre os adolescentes, ela é um sintoma de imaturidade entre os adultos e deve ser inteiramente substituída por outros tipos de atividades sexuais, presumivelmente heterossexuais* (ELLIS, 1969, p. 29) (grifos meus).

<sup>38</sup> Manuelização é outro nome dado à masturbação. Hernani de Irajá (1954, p. 47) a denomina também de outras formas: “[...] a manustrupação ou manuelização ou queiromania ou masturbação, ou mais vulgarmente, o onanismo...”.

*Afirma-se frequentemente que o auto-erotismo é um **hábito associal ou anti-social**, e que seus adeptos costumam afastar-se da vida social. [...] A masturbação não produz gratificação completa, seja emocional ou sexual. [...] A masturbação leva à impotência no indivíduo masculino e à frigidez no indivíduo feminino. [...] A masturbação é perigosa porque conduz mais facilmente a excessos sexuais por parte de indivíduos que a pratica (ELLIS, 1969, p. 30-32) (grifos meus).*

Um educador fala sobre a masturbação na década de 1980.

*A masturbação deve ser sempre vista e interpretada como um fenômeno evolutivo, durante a primeira fase da adolescência, em que o jovem se encontra mais agudamente voltado para se mesmo, preocupado com a sua imagem corpórea, lutando pela conquista de uma identidade, dever-se-á considerar o comportamento auto-erótico como estágio de desenvolvimento. A maioria dos casos são passageiros e devem ser encarados com tal. O próprio educando deve aprender a ver a masturbação como algo transitório, como um momento a ser superado com vistas a novas atitudes e comportamentos mais gratificantes. Hoje é imprescindível um trabalho de desmistificação em relação à masturbação. Devem se retificar tanto os preconceitos e ideias erradas do passado, quanto os falsos mitos, que hoje se propalam (ESCOLA DE PAIS DO BRASIL, 1988, p. 122) (grifos meus).*

Um dicionário de sexualidade explica o que é a masturbação na década de 1990.

O autor, José Maria Monteoliva (1996), aborda o tema da prática auto-erótica a partir de uma perspectiva que classifico como despatologizadora.

*A masturbação não constitui a causa de doença de qualquer tipo, nem física nem mental. Não é a prática em si mesmo, mas a ansiedade que leva a ela ou a que a acompanha que é nociva. Daí que a masturbação começa a ser prejudicial quando vem acompanhada de algum elemento extra, como a obsessão. A ciência moderna, em particular a antropologia, sustenta que a ideia de que a masturbação ‘não só é inofensiva, mas cumpre funções de suma utilidade’, como por exemplo, o reconhecimento do prazer sexual com independência de reprodução e *uma possível regulação psicofisiológica da pessoa humana* (MONTEOLIVA, 1996, p. 55) (grifos meus).*

E na atualidade? Quais os discursos sobre a masturbação? Na cidade de São Paulo, o Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), formado por médicos/as, psicólogos/as, psicanalistas, terapeutas, sociólogos/as, antropólogos/as, pedagogos/as, professores/as e outros profissionais da educação e saúde, divulgam em todo o país, e internacionalmente, suas ideias sobre a sexualidade humana. Para este grupo, que se dedica há mais de 15 anos à formação de professores/as na área da educação sexual, a masturbação é uma dimensão sexual importantíssima para as pessoas. O ato faz parte das práticas individuais e coletivas e não deve ser percebida como ação ruim, patológica e moralmente inaceitável. Para o grupo, não devem ser propaladas ideias e representações estigmatizantes e preconceituosas sobre a masturbação. Ainda, segundo o GTPOS, a

masturbação faz parte do cotidiano das pessoas, quer seja adolescente, adulto ou idoso. Homem ou mulher. Homossexual, heterossexual, bissexual ou transexual. Vejamos as orientações didático-pedagógicas do GTPOS sobre a masturbação, publicadas em 2009.

A masturbação é uma das formas de os seres humanos expressarem sua sexualidade e sentirem prazer. Meninos e meninas se masturbam porque é gostoso. Nem todos os meninos e meninas se masturbam. O toque, a manipulação e a masturbação são formas de a criança conhecer e pesquisar o próprio corpo e suas sensações. Masturbar-se inclui acariciar, tocar e esfregar os próprios genitais para obter prazer e alívio de tensões. **A masturbação não faz mal nem causa problema físico ou mental.** A masturbação é uma atividade íntima e deve ocorrer num lugar reservado. Quando a masturbação impede a socialização e dificulta a aprendizagem da criança, ela pode indicar um problema emocional. A masturbação pode ser a primeira maneira de uma pessoa experimentar prazer sexual. Há muitas formas de se masturbar. Os meninos púberes também se masturbam para pesquisar se já produzem espermatozoides. A masturbação na adolescência passa a incluir fantasia da relação sexual. [...] A masturbação é muito comum entre homens e mulheres de todas as idades. A frequência da masturbação varia para cada indivíduo e não existe um padrão ideal. A masturbação pode ser estimulada ou acompanhada de imagens eróticas ou de fantasias sexuais. A masturbação, seja sozinho/a ou com um/a parceiro/a, é uma das maneiras de sentir prazer sexual sem arriscar uma gravidez ou uma doença sexualmente transmissível, como a AIDS. A masturbação pode envolver objetos. Algumas religiões se opõem à masturbação. **A masturbação faz parte do processo de sexualização do ser humano** e tem seus picos na adolescência e na velhice. A masturbação é uma prática de sexo seguro adequada aos tempos de AIDS (GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL. GTPOS, 2009, p. 95-97) (grifos meus).

Como o campo educacional recebeu as teorias médico-psicológicas sobre a masturbação? A pedagogia endossou esses conhecimentos e utilizou-os como verdades? A escola contribuiu para a disseminação de ideias sobre essa prática? Como se posicionaram as escolas e os/as professores/as? Essas são questões que necessitam ser feitas quando avaliamos esse tema. Por ser complexo, o tema masturbação deve ser lido utilizando-se de ferramentas analíticas que percebam o tema a partir da pluralidade, da contextualidade, da problematização histórico-cultural e da desconstrução. Resgatar historicamente os discursos sobre a masturbação é uma forma produtiva de percebermos se ainda se fazem presentes no imaginário social contemporâneo, ditames secularmente estigmatizantes. Exumar os ditos científicos e morais sobre a masturbação utilizando a história, os documentos e as bibliografias do século XX nos ajuda a perceber os discursos sutis, e talvez invisíveis, que ainda circulam nas ideias, pressupostos e representações da sociedade atual.

A síntese que descrevi sobre o caráter construído do pensamento biomédico acerca da masturbação nos faz pensar. Pensar sobre a assimilação de conceitos, proposições e verdades que posicionam socialmente os sujeitos tidos como masturbadores, perversos, anormais, desqualificados, abjetos, antinaturais.

A masturbação e homossexualidade precisavam ser controladas e vigiadas. Mas, numa situação a vigilância poderia ser moderada e o/a observador/a poderia até mesmo fazer vista grossa: o menino que se masturbava pensando numa mulher ou aquele adolescente que não tinha ainda vivência e experiência para se relacionar com o sexo oposto poderia aliviar suas tensões sexuais se “manuelizando”. Não tinha problema porque essa fase passava e logo ele abandonaria o “vício solitário”. A masturbação heterossexual era permitida e até estimulada: “*Em circunstâncias tais, a masturbação, quando moderada, é coisa normalíssima. Às vezes, o indivíduo masturba-se pela impossibilidade de se acercar de pessoas do sexo contrário*” (PANDU, 1970, p. 138). E se fossem mulheres heterossexuais ou homossexuais? Nem pensar! E os pederastas? Esses é que não podiam. Eles deviam ser higienizados e corrigidos porque a prática da masturbação levaria à pederastia.

*Inicialmente deve-se adotar uma profilaxia no cuidado com as crianças que resultará, pelos seus benefícios, numa **profilaxia do onanismo. Certas inversões adquiridas têm origem no onanismo***” (FOUQUÉ, 1953, p. 99) (grifos meus).

Para alguns autores era fundamental realizar o controle da masturbação e da homossexualidade em ambientes de confinamento. Segundo eles, tais locais eram nichos da homossexualidade e fazia-se necessário a atuação preventiva sistemática dos dirigentes responsáveis pela administração desses espaços. O ambiente fechado e a ausência de indivíduos do sexo oposto levavam inevitavelmente à prática homossexual.

**As práticas homossexuais proliferam, puramente, em locais onde, havendo indivíduos do mesmo sexo, não se encontram pessoas do sexo oposto: conventos, prisões, pensionatos, internatos, quartéis** (PANDU, 1970, p. 127) (grifos meus).

*A tendência das famílias de classe alta a enviarem os filhos, ainda muito novos, a escolas sexualmente segregadas constitui, segundo se acredita, um dos fatores responsáveis por uma incidência relativamente alta de inversão sexual entre os mesmos* (MARMOR, 1973, p. 21) (grifos meus).

*O entregar-se ao comportamento homossexual na sociedade contemporânea pode ser uma consequência da **privação heterossexual prolongada**, como ocorre entre presidiários e marinheiros* (MARMOR, 1973, p. 12-13) (grifos meus).

**Quando o impulso erótico do homem é inibido, como nas prisões, nos navios, nos internatos, pode desviar-se para um erotismo dentro do mesmo sexo** (PEREIRA, 1971, p. 352) (grifos meus).



*A homossexualidade de emergência é a que ocorre nas prisões e noutros casos de isolamento do sexo oposto (SPOERRI, 1972, p. 138-139) (grifos meus).*

De acordo com Marmor (1973) e Pandu (1970), nesses locais existiam tanto pessoas normais como indivíduos pervertidos constitucionais – qualificados pelos psiquiatras da época como homossexuais verdadeiros. O risco era os primeiros experimentarem o mau hábito e continuarem por toda sua vida com a prática anormal. Os operadores da medicina e da educação tinham sempre uma solução. No caso dos pseudo-homossexuais ou aqueles que praticavam “*a homossexualidade de emergência*” (SPOERRI, 1972, p. 138-139) a solução era fácil e eficiente: dá-lhes o que precisavam e sentiam carência. Era preciso estimulá-los a namorar mulheres e posteriormente casarem-se.

*Em situações que estamos cercados exclusivamente por membros do nosso sexo, por um certo tempo, talvez se manifestem em nós desejos anormais. Porém, tão logo seja possível a convivência com membros do sexo oposto, em geral voltamos mais ou menos inteiramente a ter interesses heterossexuais (DUVALL, 1970, p. 76) (grifos meus).*

Os autores instruíam que era fundamental realizar o catecismo heterossexual com meninos e meninas desde o nascimento, constantemente e ininterruptamente.

*[...] esse tipo de comportamento exige uma providência séria e muito bem cuidada, porque todos sabem que o processo de afeminização tende a se desenvolver e quando atingir a adolescência poderá assumir forma bastante grave, que deve a todo custo ser evitada (NETTO, 1975, p. 245, v. 1) (grifos meus).*

Devia-se proferir, repetidas vezes, que as práticas homossexuais eram anormais e antinaturais.

*O invertido foge à lei estabelecida pela natureza, em virtude da qual o macho sente atração pela fêmea e a fêmea pelo macho. Prazeres nos atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo, só os tem o anormal. Não pode o ser normal experimentar gozos na prática de atos carnis com pessoas cuja constituição anatômica seja idêntica à sua (PANDU, 1970, p. 133) (grifos meus).*

Falar sobre o sexo oposto sempre. Os pais deveriam ensinar as atitudes de como ser homem e como ser mulher, seus gestos, seus gostos e suas diferenças também.

**A menina deve ser educada como uma mulher e o menino como um homem, sejam quais forem as atitudes, as preferências e os desejos de seus pais. É tão óbvia a psicologia, tão claros são os seus ditames, e por paradoxal que pareça, tão poucos são aqueles que a reconhecem assim, e que seguem sua sadia orientação** (NETTO, 1975, p. 254, v. 1) (grifos meus).

**Conhecendo-se a situação, é necessário que se dê a esse menino uma nova orientação sob a qual ele se desenvolva no sentido adequado à sua peculiaridade masculina, provocando-se assim uma mudança na educação. É suficiente inclusive que se desperte nele a noção de responsabilidade. Certo sentido de agressividade, certa noção de não-aceitação de muita das condições das meninas é também, no começo, uma providência bastante sadia** (NETTO, 1975, p. 244, v. 1) (grifos meus).

Os/As filhos/as precisariam conhecer toda a cartilha da heterossexualidade e ao final da adolescência o catecismo bem conduzido evitaria o interesse homossexual, diziam os autores da época. As orientações de Pereira (1971) nos dão a dimensão de como era considerado importante esse investimento na educação sexual do sujeito.

**O princípio pedagógico-educacional mais importante descoberto no século XX é o seguinte: toda criança, para que possa vir a ter personalidade plenamente desenvolvida e normal, precisa ter no seu lar um 'ídolo'. O menino precisa ter no pai (ou no substituto masculino do pai) um ponto de referência, um farol, um guia. Mas não no sentido figurado. Farol mesmo, como indicação de rumo, como padrão de conduta, como espelho em que a criança busque refletir a sua própria vida. Em suma, o pai é muito importante, é a chave do desenvolvimento psicosssexual do menino. Por isso, todo pai deve compreender que precisa dedicar parte do seu tempo atendendo ao seu filho. A mãe, a este respeito, rarissimamente pode substituir o pai. Melhor do que a mãe, se o menino não tiver o pai (desquite, separação ou morte), será um tio, um avô, um irmão mais velho ou até mesmo um líder político ou social** (PEREIRA, 1971, p. 348-349) (grifos meus).

**Toda criança vê no casal (o pai e a mãe) modelo em matéria de vida em comum, casamento, relações sociais, etc. Nós nos adestramos para a futura vida conjugal, e mesmo social, no espelho do comportamento diário dos nossos pais!** (PEREIRA, 1971, p. 349) (grifos meus).

**Quais são os sinais e sintomas de comportamento infantil que os pais devem procurar observar? São os seguintes: 1) Preferência acentuada ou crônica da criança por brinquedos e atividades peculiares ao sexo oposto; 2) Preferência ou intenção freqüente de usar roupas do sexo oposto; 3) Expressão freqüente de gestos e**

**maneirismos do sexo oposto; 4) Desejo declarado de ser do sexo oposto. Qualquer um desses sintomas, ou qualquer combinação deles deve alertar os pais, que devem agir imediatamente, sem rodeios** (PEREIRA, 1971, p. 348) (grifos meus).

*Durante a infância, há um período de natural curiosidade por parte do menino, que inclusive é levado a experimentar emoções, também na esfera sexual. É quando os pais, instrutores e professores devem redobrar ao máximo a atenção, porque pode acontecer que uma emoção nova (prática erótica homossexual) se torne prazerosa para o rapazinho. Eis aí o perigo* (PEREIRA, 1971, p. 352) (grifos meus).

O perigo teria que ser percebido não só pelos pais. Os/As professores/as também são sujeitos fundamentais na orientação e condução dos/as adolescentes. Eles e elas “*devem redobrar ao máximo a atenção*” (PEREIRA, 1971, p. 352), orientando, conduzindo, observando, ensinando. Suas ações pedagógicas são produtivas na repressão e saneamento da homossexualidade.

**É função de pais, mestres e de todos os responsáveis pela educação da criança instruí-la convenientemente sobre sexo, satisfazendo suas curiosidades naturais e normais** (NETTO, 1975, p. 295, v.1) (grifos meus).

Instruí-los/as sobre sexo, falar sobre sexo, dizer sobre sexo e incitar a falar do sexo. Conhecer sobre o sexo normal e o sexo anormal.

*O sexo sendo encarado como um processo natural da vida, será também colocado na formação geral do mundo infantil, segundo as suas necessidades e solicitações* (NETTO, 1975, p. 115, v. 1) (grifos meus).

Como? Usando metodologias apropriadas e escolhendo conteúdos que reafirmem a importância e naturalidade da sexualidade heterossexual assim como a anormalidade da homossexualidade.

*A meta da Educação Sexual se destina a ajudar o jovem a incorporar significativamente o sexo normal em sua vida presente e futura* (EDELSTEIN, 1971, p. 15) (grifos meus).

*A utilidade da educação sexual se evidencia, pois, através dela, aprendemos a dominar o instinto, evitar o onanismo, desvios sexuais, etc.* (EDELSTEIN, 1971, p. 16) (grifos meus).

Os professores e professoras precisavam apresentar conteúdos que mostrassem o universo do sexo normal (biologia, fisiologia e patologias que acometem os aparelhos reprodutores quando estes são utilizados em práticas anti-higiênicas e perversas) e do sexo anormal.

*A educação sexual nas escolas terá a sua vantagem. O sexo, a fecundação, a gestação e o nascimento poderão ser encarados como parte das ciências naturais, que ela estuda com naturalidade. E, como tal, o problema sexual será por ela aceito e discutido* (NETTO, 1975, p. 112, v. 1) (grifos meus).

Através de qual estratégia? Educação sexual.

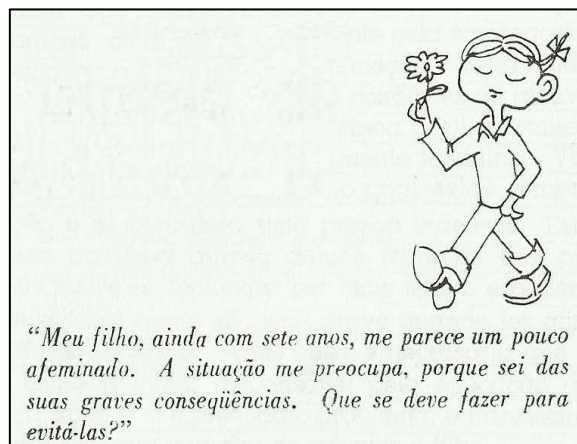
*A Educação Sexual já não se preocupa tão somente do aspecto biológico da reprodução. Tem de ser ampliada. Tem de ser completada com informações sobre os costumes sexuais de nossa sociedade. Portanto, compete aos pais, sexólogos, professores e orientadores esclarecer convenientemente o adolescente sobre a sexualidade aceita na sociedade* (EDELSTEIN, 1971, p. 29-30) (grifos meus).

*A Educação Sexual, entre outras finalidades, tem por objetivo ajustar o comportamento humano habitual com o do sexo oponente e prepará-lo para o controle do desejo sexual, noivado, noite de núpcias, casamento e relações sexuais* (EDELSTEIN, 1971, p. 30) (grifos meus).

Para os/as autores/as da década de 1970 a educação sexual era um mecanismo pedagógico fundamental no disciplinamento daqueles e daquelas que poderiam ser homossexualizados no ambiente familiar ou em outros espaços de socialização.

## 5 A PEDAGOGIA DOS MANUAIS MÉDICOS

Neste capítulo explicito o entendimento sobre o que denomino de *pedagogia dos manuais médicos* ao retomar algumas ideias apresentadas e problematizadas nos capítulos anteriores. Defendo que a educação sexual continua sendo praticada a partir de orientações biologicistas e psicologizantes ao descrever e problematizar que livros de sexualidade e educação sexual disponíveis em bibliotecas de escolas públicas do ensino médio na atualidade publicizam conteúdos sobre a homossexualidade a partir dessas perspectivas. Por fim, proponho a realização de uma educação sexual desconstrucionista e presentificadora ao demonstrar que em determinados livros que abordam o tema da homossexualidade esse movimento vem sendo realizado visto que a apresentação dos conteúdos sobre o/a homossexual se materializa em discursos presentificadores, de respeito e estimulando a alteridade.



Fonte: NETTO, Aguiar. **Psicologia, ciência e vida**: orientação educacional. v.1. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975. p. 242.

### 5.1 Ensinar e aprender com a *pedagogia dos manuais médicos*

As descrições e problematizações que realizei nos capítulos 2, 3 e 4 me levam a afirmar que as ideias, as proposições, as teorias e as teses defendidas pelos/as autores/as dessas produções veiculam informações sobre formas de pensar, agir e conduzir os sujeitos categorizados como homossexuais. As proposições inscritas em tais livros mostraram-me a existência de uma operação pedagógica que apresenta uma faceta metodológica produtiva e mantenedora do discurso normalizante e patologizante sobre o/a homossexual. Defendo a tese de que todas essas operações constituem uma pedagogia a qual denomino *pedagogia dos manuais médicos*. Mas, a que pedagogia estou me referindo? Construí a noção de *pedagogia dos manuais médicos* a partir de qual lugar? Em qual discurso me ancoro para defender que determinados/as autores/as do campo das ciências biomédicas, em determinado período (décadas de 1920 a 1970), produziram e divulgaram ideias pedagógicas sobre a homossexualidade em suas produções?

Danilo Romeu Streck (2008) explica que a palavra pedagogia é derivada do grego *pais* (criança) e *ago* (conduzir), portanto, numa perspectiva simples e direta a pedagogia

significa “a condução de crianças” (STRECK, 2008, p. 311). Informa também que “o conceito hoje abrange todas as faixas etárias” (STRECK, 2008, p. 311). Streck (2008) nos diz mais: a pedagogia é um campo de estudos que integra a grade de cursos universitários sendo que os/as profissionais graduados/as nesses cursos são denominados/as pedagogos/as. Aqui percebemos um dos lados da pedagogia em que o termo tem “marcadamente ressonância metodológica, denominando o modo de operar, de realizar o ato educativo” (SAVIANI, 2008, p. 166). Pensando assim, a pedagogia estaria ligada ao ato sistemático de condução do saber (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2007).

[...] a pedagogia tem, até hoje, a preocupação com os meios, com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento. Assim, a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao *como ensinar*, a *o que ensinar* e, também, ao *quando ensinar* e *para quem ensinar* (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2007, p. 8-9) (grifos do autor).

Entendo que pedagogia não é só isso e comungo com Streck (2008, p. 311), quando fornece mais elementos para compreender o uso do termo: “todos os contextos em que se realizam processos de ensino-aprendizagem” (STRECK, p. 311, 2008) são considerados espaços pedagógicos. Streck (2008), ao discorrer sobre o termo “pedagogia” utilizando-se da epistemologia freireana informa que “não existe uma única pedagogia. Existem pedagogias” (STRECK, 2008, p. 312). Elas estão estruturadas em matrizes ideológicas distintas, “o que as posiciona em lugares diferentes ou mesmo antagônicos na dinâmica social” (STRECK, 2008, p. 312).

A matriz ideológica que me apoiou para explicar a constituição e as operações da *pedagogia dos manuais médicos* foi o construcionismo social<sup>39</sup>. De acordo com Musskopf (2004, p. 152), “a análise ‘construcionista social’ afirma que tanto os corpos como a sexualidade são socialmente construídos e historicamente condicionados” e que em diferentes épocas e contextos, significados são dados à forma como as pessoas vivenciam sua sexualidade. Sendo assim, precisamos atentar e “discutir de que forma a sexualidade foi e é construída nos corpos” (MUSSKOPF, 2004, p. 152) e em outros contextos como nos artefatos culturais, por exemplo.

O construcionismo social percebe a cultura como local de (re) produção de discursos que posicionam os sujeitos. Para Silva (2009), os discursos, as representações, as

---

<sup>39</sup> Joshua Gamson (2006) pontua que o construcionismo social é influenciado pelos trabalhos de Michel Foucault. Para Gamson (2006, p. 352), “o vigoroso ingresso do trabalho de Foucault tanto serviu para solidificar o elo existente entre a pesquisa qualitativa e o estudo das sexualidades quanto inaugurou uma nova fase da teorização das identidades sexuais. O homossexual passou a ser distinguido como uma ‘invenção’ histórica e cultural contemporânea”.

ideias, os ditos e não ditos, etc., são construções e reconstruções socialmente reiteradas tendo como aportes os artefatos culturais. Eles resultam de “um processo de construção cultural” (SILVA, 2009, p. 134). São produzidos e inventados na cultura e para o consumo. Livros são exemplos de artefatos culturais (SILVA, 2009, 2006, 2004; FURLANI, 2003, 2005a). No entanto, não são somente livros os instrumentos discursivos das pedagogias culturais. O cinema, por exemplo, constitui-se como uma “instância educativa potente”<sup>40</sup> (LOURO, 2010, p. 423). Considero que os livros de medicina, psicologia e educação que trataram da homossexualidade entre as décadas de 1920 a 1970 constituem artefatos culturais que participaram da construção e manutenção de um discurso pedagógico direcionado aos sujeitos qualificados como homossexuais.

A noção de pedagogia cultural divulgada e defendida por Shirley Steinberg (2001, 1997), Marisa Vorraber Costa (2010) e Louro (2010) me ajudou a construir a ideia de *pedagogia dos manuais médicos*. Segundo Steinberg (2001), a sujeição e a regulação das pessoas não se dão somente pelos discursos veiculados nos espaços pedagógicos institucionalizados como a escola. Assim, todos os espaços socioculturais em que o poder se organiza e se exercita, como mídia televisiva, filmes, jornais, revistas, brinquedos, catálogos, propagandas, anúncios, *videogames*, livros, esportes, *shopping centers*, dentre outros, são espaços que educam, praticando pedagogias culturais que moldam nossa conduta.

As pedagogias culturais vão formando a nossa identidade, na medida em que envolvem nosso desejo, capturam nossa imaginação e vão construindo a nossa consciência. Isso significa que há pedagogias culturais e currículos culturais em andamento dentro e fora das instituições educacionais, estruturados de acordo com as forças que regem a dinâmica comercial, política e cultural predominante no mundo contemporâneo (COSTA, 2010, p. 144).

Costa (2010) problematiza que quando indivíduos, grupos, tradições descrevem ou explicam algo em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma realidade, instituindo algo como existente de tal ou qual forma. Assim, quem tem o poder de narrar pessoas, coisas, eventos ou processos, expondo como estão constituídos, como funcionam, que atributos possuem, é quem estabelece o que tem ou não tem estatuto de “realidade”. Os objetos não existem, para as pessoas, sem que antes tenham passado pela significação. A significação, segundo Costa (2010, p. 141), “é um processo social de conhecimento” e “toda a teorização corrente sobre a escola, a educação, o ensino, a

---

<sup>40</sup> Em *O cinema como pedagogia*, Guacira Lopes Louro (2010, p. 423) problematiza o cinema como artefato cultural. Para essa autora, “no Brasil dos anos 40 e 50, o cinema era um “evento social” que mobilizava e fascinava uma expressiva parcela da população urbana. [...] Poderosamente, sedutoramente, o cinema se constituía como uma nova pedagogia cultural”.

pedagogia, a aprendizagem, o currículo, constitui um conjunto de discursos, de saberes, que, ao explicar como essas coisas funcionam e o que são, as institui” (COSTA, 2010, p. 141). As narrativas formam o aparato de conhecimentos produzidos pela Modernidade com o intuito de tornar administráveis os objetos sobre os quais falam. “Conhecer o que deve ser governado [...] é parte da estratégia que permite a regulação e o controle de indivíduos, grupos, processos e práticas” (COSTA, 2010, p. 142). Inúmeros ambientes e processos sociais, além da escola, constituem-se em instâncias educativas. As formas pelas quais essas instâncias interpelam as pessoas diferem, contudo, daquelas em ação nas escolas e, como consequência, seus efeitos podem ser diferentes (LOURO, 2010).

Os médicos, psicólogos/as e orientadores educacionais do período de 1920 a 1970 ao discorrerem sobre a homossexualidade e os/as homossexuais encontravam no ato educativo a possibilidade de correção do “problema”. Assim, muitos conteúdos foram traduzidos por mim como sendo de perspectiva pedagógica e entravam nas discussões como aporte relevante ao orientar e sugerir como lidar com situações desse tipo e ao mesmo tempo auxiliar na prevenção da prática homossexual. Nesses livros a intencionalidade pedagógica de alguns conteúdos sobre a homossexualidade é clara: “O adultério, o aborto, o lenocínio, a poligamia, a inversão sexual **oferecem material imenso à pedagogia do sexo**” (LYRA, 1932, p. 191) (grifos meus); “**A educação é o meio de corrigir** as inclinações dos uranistas” (LYRA, 1932, p. 188) (grifos meus); “O homossexualismo é um **problema de educação infantil**. Não negamos as suas **características pedagógicas**, mas também devemos convir que, **na falência da pedagogia**, a questão se torna de pura criminologia” (RIBEIRO, 1934, p. 48); “As aberrações sexuais como **a pederastia**, apresentam ao médico-legista um terreno rico de deduções de grande valor criminológico. **Elas são com frequência o resultado de uma deficiente educação**” (BALESTRA, 1943, p. 157) (grifos meus).

Inúmeros foram os/as profissionais das ciências médicas (clínicos gerais, endocrinologistas, médicos legistas, psiquiatras, psicólogos/as e psicanalistas) que, demonstrando resultados e achados “incontestáveis” em suas investigações sobre os “invertidos”, influenciaram os/as mais variados/as escritores/as a publicarem produções que discutissem maneiras de corrigir as tendências degenerantes dos “pervertidos”. Se atentarmos detidamente para o uso das palavras “degenerado” e “perverso” é possível perceber que esses termos estão carregados de intenções. Ao me referir a essas denominações estou situando-as no contexto vocabular do jargão médico-psiquiátrico utilizado pelos doutores nos séculos XIX e XX quando se posicionavam sobre as tendências e práticas sexuais dos/as homossexuais (MOTT, 2003b, 1989a). O dicionarista Ferreira (1999, p. 615) informa que o termo



“degenerado” está relacionado a pessoas “depravadas e corrompidas”. No *Dicionário de Sexo*, Goldenson e Anderson falam dos “degenerados” como pessoas “cujos padrões morais e comportamento social se deterioraram” (1989, p. 72). Dizem também que o “termo geralmente é aplicado a um indivíduo que persistentemente comete ofensas sexuais, como estupro e sodomia” (GOLDENSON, ANDERSON, 1989, p. 72). A sodomia é destacada como uma ofensa sexual que deteriora o indivíduo. No *Dicionário Aurélio* encontramos que “Sodomia” é a “conjunção sexual anal, entre homem e mulher, ou entre homossexuais masculinos” (FERREIRA, 1999, p. 1875). Apesar de deixar claro que o termo se relaciona a prática sexual anal, o verbete continua marcando a sodomia como prática homossexual. Desta forma o leitor continuará classificando as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo como sendo uma “ofensa sexual”, como informa Goldenson e Anderson (1989). A palavra “pervertido” por sua vez referia-se à maneira de como nomeavam as pessoas que praticavam atos sexuais tidos como antinaturais como a homossexualidade. Por exemplo, em 1967, o médico Lars Ullerstam ensinava que os pervertidos “*devem, a priori, ser doentes*” (ULLERSTAM, 1967, p. 55). A Medicina durante muito tempo usou correntemente esse verbete (PORTER; TEICH, 1998). Encontramos no *Dicionário Aurélio* os seguintes sentidos dados ao termo “pervertido”: “depravado, desmoralizado, corrupto” (FERREIRA, 1999, p.1554). Goldenson e Anderson (1989, p. 210) dizem que perversão é “a forma de comportamento, particularmente na esfera sexual, que é considerada inaceitável a nível cultural, moral e muitas vezes legal. Alguns psiquiatras ainda aplicam o termo a práticas que se desviam mais amplamente da norma”. Glauco Mattoso (2005, p. 274) informa que o termo “perversão” também pode significar “tara” ou “inversão”. Ao consultar o sentido que ele dá ao termo “inversão” encontro os seguintes sinônimos: “bichice”; “perversão”. Mattoso também grafou o termo “invertido”. Para o autor citado, invertido é sinônimo de “bicha” (MATTOSO, 2005, p. 242). Os dicionários e livros que trataram (e tratam) do tema insistem em marcar os/as pervertidos/as com características moralmente inaceitáveis (depravados, corruptos). A pecha não para: são doentes e desmoralizados. Exemplo contundente de pervertidos: as bichas (MATTOSO, 2005).

Esses modos de encaminhar discursos, demonstrar resultados, ensinar a distinguir tipologias e condutas desviantes, caracterizar o sexualmente normal e anormal e direcionar formas para corrigir os distúrbios é que classifico como *pedagogia dos manuais médicos*. Pedagogia que deu certo porque não parou de se fortalecer a cada investida, a cada tática, a cada insistência em falar – e em detalhes – do anormal. Seja nos livros, no espaço familiar, no consultório, no salão paroquial, no tribunal, no necrotério, na delegacia, ou na sala de aula,

essa pedagogia demonstra que “o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: [...] obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado” (FOUCAULT, 2007, p. 24).

Michel Foucault (2007, p. 61) argumentou que “o discurso sobre o sexo, já há três séculos, tem-se multiplicado em vez de rarefeito”. Acrescenta ainda que a operacionalização e aprimoramento dos discursos foi fundamental para a estruturação de uma epistemologia sexual, a *scientia sexualis*. Segundo Foucault, “nossa civilização [...] é a única, sem dúvida, a praticar a *scientia sexualis*. Ou melhor, só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade sobre o sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de saber-poder” (FOUCAULT, 2007, p. 66). César Nunes (2005, p. 24) acredita, como Foucault, que “o Ocidente desenvolveu a *scientia sexualis*, entendida como discurso confessional, expressivo, colonizado, incitado, forma de controle e limitação do permitido, controlado, esquadrinhado” (NUNES, 2005, p. 24).

Os médicos contribuíram para o desenvolvimento da *scientia sexualis* e, quanto mais conheciam, mais desenvolviam a vontade de saber. Além disso, a estruturação e sistematização desses conhecimentos requeria, em muitos momentos, a participação de seus clientes que deveriam ser estimulados a falar de suas práticas e de seus “segredos”. Se possível, em detalhes. E para conseguir “*não deixar na sombra nenhuma das faces do homossexualismo*” (FOUQUÉ, 1951, p. 5) era condição fundamental usar incessantemente os conhecimentos e pressupostos da medicina, colocando em prática o dispositivo da sexualidade e disseminando-o.

Dispositivo é um conceito importante nas problematizações realizadas por Michel Foucault (2007) e que me ajudou a compreender o empreendimento discursivo da *pedagogia dos manuais médicos* quando demonstra que através da sexualidade são controladas, corrigidas e reconduzidas à posição de sujeito que satisfaz ao projeto heterossexista. Esses sujeitos são bombardeados por discursos recheados de normas, proposições, saberes e direcionamentos. Enfim, um conjunto diversificado de regras inventadas e geridas por poderosas instituições sociais e potentes aparelhos ideológicos. Foucault ao elaborar o conceito de dispositivo tentou “[...] demarcar um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2000a, p. 244).

O dispositivo da sexualidade fala de verdades. Verdades que falam de pessoas, de hábitos, de gostos, de prazeres. Prazeres que devem ser conhecidos, expostos, ensinados. Prazeres construídos como “prazerosos” porque são da maioria e devem ser divulgados como bons, corretos, discretos, viáveis e confiáveis. Desprazeres também precisam ser conhecidos, ensinados e propagados. Fundamental também é divulgar as verdades dos desprazeres, dos prazeres anômalos, das sexualidades disparatadas (FOUCAULT, 2007). Realizar a divulgação dos desprazeres ajuda a fortalecer a ideia do “prazer bom” – o prazer heterossexual. E o poder heterossexual também! Bento (2008) problematiza que pensar a heterossexualidade como um regime de poder significa afirmar que longe de surgir espontaneamente de cada corpo, inscreve-se reiteradamente através de constantes operações de repetição e de recitação dos códigos socialmente investidos como naturais. Para ela, “o corpo sexuado e a suposta ideia de complementaridade natural, que ganha inteligibilidade através da heterossexualidade, é uma contínua e incessante materialização intencionalmente organizada, condicionada e circunscrita pelas convenções históricas” (BENTO, 2008, p. 24-25).

Quem divulga as ideias sobre prazeres e desprazeres? Nós, as instituições sociais como a escola, a Igreja, a família, a medicina, dentre outros campos e epistemologias, por exemplo. Quem fornece as substâncias discursivas do “prazer bom” e do “prazer abjeto”? A *scientia sexualis*, diria Foucault (2007). Digo mais: a *sicentia sexualis* (des) construída constantemente e que influencia ininterruptamente a Ciência, a Religião, a moral, o senso comum, etc.

É fundamental conhecer, divulgar e aprender sobre os determinantes do “*comando hereditário*” (FOUQUÉ, 1953) para agir na correção dos “irmãos” e “irmãs” atormentados/as pelo “*amor que não ousa dizer seu nome*” (FOUQUÉ, 1953). Corrigir práticas que não seguem os padrões do determinismo biológico. Desgarrar-se das práticas “anormais”. Usar o método médico para “produzir nos sujeitos a incômoda e terrível certeza de que não é normal, que se está fora do lugar” (BENTO, 2008, p. 140).

Uma posição recorrente nos discursos de médicos, psicólogos/as e educadores/as do período de 1920 a 1970 foi a importância que davam ao pedagógico como estratégia necessária visando controlar o possível desvirtuamento sexual dos indivíduos. A sexualidade impulsiva e desregrada precisava ser combatida e qualquer sinal que indicasse irregularidade necessitava ser conduzida para sua forma “natural”. Deviam-se privilegiar ações que promovessem a certeza de que o ato sexual perfeito, belo, correto, natural, ideal e aceito socialmente é sem dúvida o do homem com a mulher.

Por um lado, a sexualidade é um instrumento privilegiado do amor, tanto que em certos meios tende-se a identificar ambos os termos: “fazer amor” equivale então à realização do ato sexual. E não há dúvida de que **o encontro erótico e sexual do homem com a mulher** constitui uma das experiências mais profundas e belas da natureza. [...] A sexualidade se nos revela como algo baixo e abjeto, por sua ligação com os órgãos de excreção, pela força da paixão que supera a razão. **Muitas vezes, a sexualidade precisa ser objeto de reeducação e integração** na dimensão mais elevada do homem. Mas em muitos casos, **por falta de educação e de experiências adequadas**, tende-se muito mais a separar e contrapor o sexual como baixo e o amor como nobre e generoso (IDÍGORAS, 1983, p. 460-461) (grifos meus).

O discurso médico sobre a/o homossexual, produzido desde o século XIX, potencializou-se durante o século XX e se (re) configura a todo o momento. Ele, além de patologizar o orgânico e o psíquico dos sujeitos que viviam (e vivem) a experiência da homossexualidade, produziu (e produz) instrumentais pedagógicos normalizadores cujas táticas objetivavam (e ainda objetivam) prevenir, controlar e regular aquelas e aqueles identificadas/os como homossexuais. Para Bento (2008) esses mecanismos de normalização e patologização continuam ativos e operantes, mas com um discurso renovado em que o sujeito da sujeição são principalmente as/os transexuais. No entanto, o que se inscreve nos discursos é a rejeição à homossexualidade.

Por que um pai ou mãe levaria sua/seu filha/o a um psicólogo? Qual o medo que habita seu coração? Quais as técnicas desenvolvidas no espaço terapêutico para esta criança não desenvolver “transtorno de identidade de gênero na adolescência tardia ou na idade adulta? O medo está na possibilidade de que aquele desejo por brinquedos, roupas, cores “não apropriadas para seu sexo” seja o sinal de uma homossexualidade latente. Embora se afirme que a homossexualidade não seja considerada uma “doença”, pode-se desconfiar que ainda se continua “curando” a homossexualidade, só que agora com o nome de “transtorno de gênero” (BENTO, 2008, p. 83-84).

Na compreensão de Bento (2008), a patologização da sexualidade continua operando com muita força, não mais como “perversões sexuais” ou “homossexualismo”, mas como um distúrbio caracterizado pela psiquiatria como transtorno de gênero, mais conhecido como transexualidade. Ainda, “a patologização das identidades, autoriza, confere poder àqueles que estão no centro para realizar com as próprias mãos a ‘aspepsia’ que deixará a sociedade livre da contaminação” (BENTO, 2008, p. 136). Segundo ela, é o heterocentrismo em pleno processo de funcionamento, interiorizado e reproduzindo-se com toda produtividade e eficácia: “Os divergentes sexuais e de gênero só poderão existir em *espaços apropriados, nos compêndios do saber médico* e nos espaços confessionais das clínicas. *Lá os encontramos, todos hierarquizados, classificados e especificados*” (BENTO, 2008, p. 136) (grifos meus).

No Brasil do século XX, livros de medicina, psicologia e orientação educacional escritos por autores e autoras que transitavam pelo tema da sexualidade e que apresentavam e discutiam a homossexualidade, guiados principalmente pela perspectiva médico-higienista e psicologia freudiana, orientavam leitores/as (pais, professoras/as, médicas/os, psicólogas/os, terapeutas, assim como o público em geral) como conduzir e lidar com a inconveniente situação de ter um/a homossexual (filho ou filha, aluna ou aluno, paciente, etc.) em suas relações sociais.

Tais livros explicitavam maneiras de administrar e conduzir a situação. Descreviam detalhadamente o sujeito homossexual dissecando sua vida, sua anatomia, sua psicologia, seus gostos, seus desgostos e, principalmente, sua inadequação à vida social. As ideias, os pressupostos, as teorias, as experiências relatadas, as formas de dizer, o detalhe meticuloso das afirmações, as dúvidas divididas com os/as leitores/as, as configurações dadas para identificar, tratar, corrigir, recuperar e reconduzir à sexualidade caracterizada como normal e natural me levam a afirmar que uma pedagogia dirigida aos/às homossexuais estava em curso.

Os/as operadores/as da biomedicina, da psicologia e também da educação que lidavam com a temática faziam mais do que classificar e patologizar. Iam além porque o interesse não era somente o diagnóstico e seu subsequente tratamento ou cura. As ações de escrutínio e busca do anormal visavam também à prevenção. E uma das formas de exercitar isso era investir em um discurso educativo direcionado para aquelas e aqueles que iriam lidar com o sujeito-objeto da correção e recondução. Na verdade o discurso empreendido para sanear e corrigir o/a homossexual objetivava atingir todos os sujeitos envolvidos no processo. O espectro de ação era ampliado para todos os familiares – pais, tios e tias, avós, irmãos e irmãs – e estendendo-se até os/as professores/as.

Não era interessante falar apenas das características que definiam o homossexual como anormal, doente, pervertido ou desviante. Esses ditos tinham um quê pedagógico que influenciou (e ainda influencia) a forma de ver e agir sobre aqueles e aquelas nomeados como homossexuais. Entendo que essas operações não são únicas nem exclusivas. Sei que outros mecanismos, outras epistemologias e outros campos atuam nesse processo. Não é apenas o saber médico. Juntamente com a *pedagogia dos manuais médicos* co-existem outros movimentos discursivos que posicionam e estigmatizam a homossexualidade como os discursos religiosos, morais e jurídicos.

A sexualidade envolve linguagens, ritos, fantasias, representações, símbolos e convenções. Processos e construções “profundamente culturais e plurais” (LOURO, 1999, p.11). Nessa dimensão, nada há de totalmente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo. Através de processos culturais definimos o que é ou não natural. A inscrição dos gêneros nos corpos, por exemplo, é realizada, sempre, no âmbito de uma cultura. As identidades sexuais e de gênero são, todavia, construídas e definidas por relações sociais, “elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 1999, p. 11). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou grupos sociais.

“Quem tem primazia nesse processo? Que instâncias e espaços sociais têm o poder de decidir e inscrever em nossos corpos as marcas e as normas que devem ser seguidas?” (LOURO, 2008, p. 18). Essas são algumas questões que Louro (2008) lança para defender que na construção dos gêneros e da sexualidade existe uma pedagogia que age através de inúmeras aprendizagens e práticas, “insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado” (LOURO, 2008, p. 18).

Jimena Furlani (2005a) ao se referir às formas como os gêneros e a sexualidade são constantemente produzidos e ensinados, indica que tais empreendimentos só são possíveis por que pedagogias são acionadas. Utiliza a expressão “pedagogias da sexualidade” para caracterizar as diferentes formas e os diferentes modos como os sujeitos são interpelados para se adequarem ao socialmente instituído como normal e natural.

Guacira Louro cunhou a expressão “pedagogias da sexualidade” para se referir ao complexo investimento exercido sobre a sexualidade e os corpos de homens e mulheres por meio da produção de significados referentes aos modos pelos quais são constituídos. *Instituições sociais como a escola, a mídia, a igreja, a lei, a medicina e outras tantas, exercitam cotidianamente essas pedagogias: ali se aprende uma linguagem socialmente situada, que diz sobre o que falar e sobre o que silenciar, o que mostrar e o que esconder, quem pode falar e quem deve ser silenciado* (FURLANI, 2005a, p. 32) (grifos meus).

Em vários espaços “é exercida uma pedagogia da sexualidade” (LOURO, 1999, p. 31) e instituições sociais como “a medicina e outras tantas, exercitam cotidianamente essas pedagogias” (FURLANI, 2005a, p.32). Desta forma, livros de conteúdos biomédicos, psicológicos e educacionais são instrumentos que veiculam informações sobre a sexualidade. Acrescenta-se também a capacidade de produzirem efeitos de verdade sobre a já cristalizada noção da sexualidade heterossexual como parâmetro de normalidade. Meios que apresentam

um modo específico de dizer, de influenciar, de direcionar os enunciados da “naturalidade” da sexualidade e dos gêneros (FURLANI, 2005a).

Médicos/as e psicólogos/as do século XX dissecaram corpos, compararam biológicas, atentaram para detalhes anátomo-fisiológicos e da personalidade que denunciassem a anormalidade dos pederastas<sup>41</sup>; escreveram minuciosamente sobre as aberrações dos uranistas<sup>42</sup>; orientaram seguidores/as a identificarem as irregularidades físicas e comportamentais por eles/elas documentadas e estimularam seus/suas leitores/as a buscarem outras características ainda não percebidas; analisaram casos; inventaram terapias corretivas e opinaram sobre resultados alcançados. Ideias sobre os/as homossexuais materializadas em livros e manuais e que influenciaram inúmeros escritores a adotarem tais verdades científicas. Todas essas ações e orientações trazem um pano de fundo educativo, um “quê” pedagógico, uma “pedagogia da sexualidade” como cunhou Louro (2008a, 2008b, 2007a, 2007b, 2004, 2003, 2001a, 2001b, 2000, 1999), ou melhor, uma pedagogia da sexualidade inventada pelos aparatos da ciência médica que, no caso da homossexualidade, elaborou um conjunto de proposições visando higienizá-la, contê-la e preveni-la, ideia esta que defendo nesta tese.

A *pedagogia dos manuais médicos* configurou-se como um trabalho meticuloso e detalhado, visando uma naturalização eficiente, duradoura e de ressonâncias indescritíveis – não é difícil percebermos na atualidade suas operações, principalmente em artefatos culturais do tipo livros didáticos e paradidáticos (REIS, 2009; LIONÇO; DINIZ, 2009; FURLANI, 2007, 2005a; FELIPE, 2007; AUAD, 2006). Ela opera formas de proceder, de conduzir, de convencer, de ensinar, de inculcar e nomear, em alguns momentos de forma sistemática e intencional e em outros momentos assistematicamente.

Em todo o século XX, a *pedagogia dos manuais médicos* estimulou o lançamento de inúmeras produções (e continua estimulando), agora com o *status* de “Educação Sexual”, para serem utilizadas por educadores/as, pais, etc. Diluídas entre os objetivos marcadamente biologizantes estavam as intenções de ensinar, convencer e propagar as verdades sobre a naturalidade e licitude da heterossexualidade e a promoção estratégica do silenciamento das “sexualidades subordinadas” (BENTO, 2008), como a homossexualidade.

---

<sup>41</sup> Termo que a literatura médica do século XX usava para se referir aos homens homossexuais (MOTT, 2003b); PORTER, TEICH, 1998; PEREIRA, 1994; TREVISAN, 2000). O *Dicionário de Sexo* de Goldenson e Anderson (1989, p. 205) marca os verbetes “pederasta” e “pederastia” da seguinte forma: “Pederasta: aquele que pratica a pederastia; Pederastia: relacionamento sexual entre um homem (o pederasta) e um rapaz bem jovem. Por extensão, homossexualidade masculina”.

<sup>42</sup> Forma como médicos do século XX se referiam à homossexualidade (PORTER, TEICH, 1998; RIBEIRO, 1934; POLLITZ, 1934); Goldenson e Anderson grafam que o termo Uranismo foi “criado por Heinrich Ulrichs, em 1962, para designar homossexualidade masculina. Deriva de *Urania*, um dos epítetos de Afrodite, a deusa grega do amor” (GOLDENSON, ANDERSON, 1989, p. 269).

## 5.2 Educação sexual como tecnologia discursiva

É corrente o discurso de que pelas vias da educação sexual as hostilidades decorrentes de homofobias podem ser combatidas: “Educação sexual científica em todos os níveis escolares e punição dos homófobos é o primeiro passo para corrigir tais abusos” (MOTT, 1999, p. 240). Em outro momento, Mott coloca em evidência as contradições que precisam ser percebidas ao elegermos as ações educativas como possibilidade de minimização das agressões a que estão sujeitos gays, lésbicas, transexuais, bissexuais e travestis: “muitos são os docentes que ainda usam a cátedra para divulgar opiniões negativas em relação à homossexualidade; alunos e alunas são discriminados por seus professores” (MOTT, 2003a, p. 27).

Richard Miskolci (2005) explicita que uma estratégia fundamental para promover a quebra do silenciamento sobre a homossexualidade é divulgar informações na escola: “Quebrar o silêncio sobre a sexualidade e suas modalidades é um bom começo” (MISKOLCI, 2005, p. 22). Mott (1999) ao discutir sobre os preconceitos perpetrados contra homossexuais jovens e as violências sofridas por esse segmento da população vê como possibilidade de mudança as ações em educação sexual na escola: “urge que o poder público, as escolas, as famílias, os educadores e os profissionais da saúde condenem [...] as intimidações e violências físicas consumadas contra jovens gays, lésbicas e travestis” (MOTT, 1999, p. 240).

O Grupo Gay da Bahia (GGB), em 1990, distribuiu nacionalmente uma carta dirigida aos professores e às professoras do Brasil, “do maternal à pós-graduação” (GRUPO GAY DA BAHIA, 1990, p. 61). O documento emitido e endereçado às escolas brasileiras centrava o discurso na importância das práticas pedagógicas no processo de reconhecimento e desestigmatização da homossexualidade. Vejamos parte do conteúdo:

É uma carta de reconhecimento. Queremos que vocês nos conheçam: queremos que vocês saibam *a verdade sobre o homossexualismo*. Sem proselitismo; mas *com objetividade*. [...] reconhecemos o papel fundamental que vocês desempenham na qualidade de mestres das crianças e dos jovens de hoje. [...] Quem lhes escreve é o Grupo Gay da Bahia [...] chamando a atenção dos professores brasileiros para *a questão do homossexualismo*. Já é tempo dos nossos mestres abandonarem a ignorância, as pré-noções e os preconceitos e passem a tratar o *homossexualismo* e os homossexuais de acordo com a verdade. [...] Infelizmente, ainda existem muitos professores que ensinam que a homossexualidade é “pecado”, “perversão”, “anormalidade”, “sem-vergonhice”. Alguns chegam a citar bibliografia para justificar tais condenações. [...] Caro professor: nós, homossexuais, não queremos nem mais nem menos. Queremos ser tratados como cidadãos. [...] Respeite as *tendências homossexuais dos seus alunos*. Não os reprima, não os critique nem os ridicularize. Respeite o direito à pluralidade, ajude seus alunos e colegas gays a



encontrarem sua realização humana e profissional de acordo com *suas identidades existenciais mais profundas*. Trate os gays com respeito e humanidade (GRUPO GAY DA BAHIA, 1990, p. 61-63) (grifos meus).

De acordo com a carta de reconhecimento redigida pelos integrantes do Grupo Gay da Bahia (1990) é necessário que sejam divulgadas na escola “as verdades sobre o homossexualismo” (GRUPO GAY DA BAHIA, 1990, p.61). Quais verdades? Que os homossexuais são assim por conta de suas “tendências”? (GRUPO GAY DA BAHIA, 1990, p. 61-63). Eles estariam se referindo a tendências hereditárias? Os integrantes do GGB pedem para divulgar que a homossexualidade não é “anormalidade”. No entanto, a carta se refere a essa experiência como “homossexualismo” e sabe-se que esse termo traduz patologia, transtorno e desvio. A proposta do Grupo Gay da Bahia é interessante e importante, mas fazendo uma leitura à luz da perspectiva desconstrucionista, tendo o cuidado de levar em consideração a década que a referida carta foi escrita, diria: como realizar uma educação sexual no âmbito escolar e que “respeite o direito à pluralidade, ajude seus alunos e colegas gays a encontrarem sua realização humana e profissional” (GRUPO GAY DA BAHIA, 1990, p. 63) se os pressupostos que a orientam ainda se estruturam em discursos médicos biologicistas? Como “tratar os gays com respeito e humanidade” (GRUPO GAY DA BAHIA, 1990, p.63) utilizando-se de uma educação sexual que ainda divulga que sexo, gênero e identidade sexual têm que estar alinhados à lógica heterossexual (BENTO, 2008; FURLANI, 2005a; FELIPE, 2008, 2007, 2006)?

Desde o início do século XX muitas verdades foram divulgadas sobre a homossexualidade e uma das formas de circulação dessas informações era a prática da educação sexual em instituições escolares. Ao afirmar essa proposição estou me referindo a uma forma de educação sexual: aquela pautada nos pressupostos biologicistas, higiênicos, eugênicos e patologizantes. Esta educação sexual indubitavelmente contribuiu para que se construísse uma rede de saberes e poderes sobre a homossexualidade visando seu controle e repressão (MACHADO, 2010; BELMONTE, 2009; MONTARDO, 2008; L. S. OLIVEIRA, 2007; REIS, 2006; COSTA, 2004) .

Olhar para a constituição desse tipo de educação sexual me permite estranhar alguns discursos que veem nela a resolução dos problemas gerados pela homofobia. Assim, utilizo novamente a história como ferramenta para pensarmos sobre a “educação sexual científica” proposta por MOTT (1999, p. 240) como mecanismo de defesa às agressões perpetradas contra LGBT.

Não devemos perder de vista que a humanidade foi elaborando historicamente um

conjunto de posturas em torno do sexo fazendo com que surgissem exigências, regras, cerimônias e interdições que tornaram a sexualidade um dispositivo altamente produtivo. Sendo assim, a história da educação sexual é uma história de ideias e de práticas sociais onde táticas de repressão, controle e coerção, bem como resistências, estiveram presentes (BENTO, 2008; LOURO, 2007a, 1999; FOUCAULT, 2007; NUNES, 2005; FONE, 2000; CATONNÉ, 1994; CHAUI, 1991).

No início do século XX, por influência das correntes médico-higienistas em voga na Europa, surgem as primeiras ideias sobre educação sexual no Brasil. Afirma-se que a primeira experiência brasileira de uma abordagem institucional da educação sexual esteja ligada à questão da mulher, configurada na tese de Francisco Vasconcelos e intitulada “Educação Sexual da Mulher”, publicada em 1915 no Rio de Janeiro (NUNES, SILVA, 2000). Marcos Ribeiro tece alguns comentários sobre o conteúdo dessa tese demonstrando que se tratava de um estudo com fins educativos ao propor ações direcionadas ao combate às chamadas “perversões sexuais” e as temidas “doenças venéreas”<sup>43</sup>:

No começo do século, a supor pelo exemplo de uma tese defendida em 1915, no Rio de Janeiro, chegavam ao país influências das correntes médicas e higienistas bem sucedidas na Europa. Apregoavam a necessidade de uma educação sexual que fosse eficaz no combate à masturbação e às doenças sexualmente transmissíveis, e que preparasse a mulher para o desempenho adequado de seu ‘nobre’ papel de esposa e de mãe (RIBEIRO, 1988, p. 945).

Nas décadas seguintes, o número de médicos e educadores/as que se declaravam favoráveis à educação sexual como forma de evitar a perversão moral, as psicoses sexuais e a degeneração física, bem como assegurar a saudável reprodução da espécie cresceu consideravelmente<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> “Termo comum para as doenças sexualmente transmissíveis” (GOLDENSON, ANDERSON, 1989, p.278). Vocábulo de uso corrente entre médicos e profissionais de saúde nos séculos XIX e XX. Ainda hoje é comum o uso da expressão “doença venérea”, quer seja pelos/as operadores/as da medicina ou pela população leiga. De acordo com Carrara (1994, 1996), o termo venéreo carrega uma série de representações estigmatizantes. Quem adquire tais enfermidades está sujeito a ser marcado por muitos pejorativos. O/a acometido/a é pechado/a de “libertino/a”, “depravado/a”, “sujo/a”, “imundo/a”, “aquele ou aquela que conhece o mundo”, “mundano/a”. Ferreira (1999, p. 701) reafirma o postulado de que quem possui doença venérea é mundano (a). Seu verbete deixa bem claro essa relação: “*Doença venérea*. Med. Qualquer daquelas que se contraem, sobretudo pelo contato sexual; *Doença do mundo*. S.f. Bras. V. *Doença Venérea*”; Glauco Mattoso (2005, p.211) também mostra que as concepções sobre doenças venéreas estão ligadas ao universo do mundano, da rua, da libertinagem: “*Doença venérea*. Ver *Doença-do-mundo*. Também *Doença-da-rua*”.

<sup>44</sup> De acordo com Luciana Maria Viviani (2007), na educação, a presença de teorias higiênicas e conhecimentos médicos foi notável em vários aspectos: desde aqueles mais periféricos à ação escolar, como a arquitetura dos prédios escolares, a configuração dos tempos de aprendizagem e descanso dos alunos, e o estabelecimento de serviços auxiliares de saúde escolar. Esse campo de conhecimento estendeu-se também às práticas mais diretamente ligadas ao ensino, podendo-se mencionar as formas de institucionalização nos currículos de vários níveis de ensino, as próprias práticas docentes, fossem de médicos ou não, e a participação no processo de construção do ideal de professora a ser formada. A educação familiar, especificamente aquela desempenhada pelas mulheres, também foi alvo de intervenção das teorias higienistas, pela normatização dos cuidados à

O período compreendido entre as décadas de 1920 e 1930 apresenta um cenário de inúmeras reivindicações sobre a instrução sexual de jovens na escola. Nunes e Silva (2000) assinalam que a referência de pesquisa mais usada para a abordagem histórica da educação sexual no Brasil nessa época ainda continua sendo o trabalho de Susan Besse. Assim se expressa Diana Gonçalves Vidal sobre o trabalho de Susan Besse:

Alguns estudos sobre educação sexual no Brasil, hoje ressentindo-se da falta de pesquisa histórica, ao abordar os primeiros anos da República, limitam-se a citar as informações contidas na tese de Doutorado de Susan Besse (1983) e numa matéria publicada no *Jornal do Brasil*, em novembro de 1972, e encerram o período em, no máximo, três parágrafos, pulando rapidamente para os anos 60, onde identificam o início de um significativo debate sobre educação sexual (VIDAL, 1998, p. 57).

Em *Modernizando a desigualdade: reestruturando a ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)*, Susan Kent Besse (1999) dedica parte de suas análises ao entendimento de como se deu a educação das mulheres no Brasil. Realiza extensa pesquisa documental para mostrar que desde o século XIX existiu uma intencionalidade em apontar as mulheres como pessoas abjetas. E a educação sexual foi um dos instrumentos usados para discutir o quão “frágeis, frígidas e neuróticas” eram elas.

Na década de 1920, alguns segmentos sociais ditos inovadores reivindicaram a introdução da educação sexual na escola (SAYÃO, 1997). A educadora e feminista Berta Lutz se destacou na luta por informações sistematizadas na área da sexualidade e perseguia um objetivo: desenvolver a educação sexual com crianças, além de destacar também a importância dos cuidados que se deveria ter com a maternidade. Quais influências teóricas e pedagógicas fizeram com que Berta Lutz pensasse a educação sexual das crianças? O estudo de Sayão (1997) não detalha. Mas, de acordo com Yolanda Lima Lôbo (2002), essa educadora se dedicou à luta contra a opressão das mulheres. Titulada em Botânica, Ciências Naturais, Zoologia, Embriologia, Química e Biologia e bacharel em Ciências Jurídicas, Berta Lutz lutou pela “cidadania plena da mulher” (LÔBO, 2002, p. 193) e, apropriando-se das teorias biológicas, utilizou o modelo da Semiótica médica para compreender as normas obrigatórias que disciplinam as relações dos homens em sociedade e identificar nas relações mais profundas do tecido social, os elementos do núcleo formador da divisão dos papéis, das tarefas e dos espaços sexuais na sociedade em que o sexo, fator biológico, adquire conotação social e age como força organizatória. Berta Lutz entendia que a luta pelos direitos da mulher exigia, antes de tudo, que as mulheres brasileiras se organizassem para ter direito ao voto, ao

---

criança, desde seus primeiros dias de vida, e até mesmo pela indicação de casamentos orientados à gestação de indivíduos saudáveis.

ingresso ao serviço público e ao acesso à Universidade, e, preocupada com a questão da educação brasileira, participou da fundação da Associação Brasileira de Educação, em 1924. A assistência à maternidade e à infância foi objeto de preocupação de Berta Lutz. Entendia que essa assistência não deveria ser feita apenas sob o aspecto clínico e sanitário, mas também sob o aspecto educacional (LÔBO, 2002).

Nunes (1996), em sua tese de doutoramento, intitulada *Filosofia, sexualidade e educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar*, descreve e analisa os pressupostos filosóficos dos discursos e concepções sobre a articulação entre sexualidade e educação presentes nos programas de educação sexual ditos hegemônicos nos anos de 1980. Ao realizar uma incursão na história da educação sexual brasileira, ele discute as bases antropológicas e os conceitos presentes nos modelos de educação sexual vigentes, questionando sobre sua origem social e histórica. Observou que o dito sobre a sexualidade sempre esteve alicerçado aos ditames biologicistas, machistas e higiênicos.

Iara Sayão (1997) nos informa que em 1930, um jornal, O Diário da Noite, em São Paulo, realizou pesquisa de opinião sobre a implantação da educação sexual nas escolas. O inquérito revelou as dúvidas e divergências da população no que se refere às estratégias de ensino e conteúdos programáticos que deveriam ser utilizados. Façamos uma análise da situação detectada pelo jornal da época: a população se questionando sobre o que e como realizar educação sexual na escola. De 1930 aos dias atuais, levando-se em consideração o contexto histórico e suas transformações, os aspectos socioculturais e ideológicos, os avanços, etc., nos deparamos com os mesmos dilemas: o que ensinar em educação sexual, quando ensinar, porquê ensinar, para quê ensinar, onde ensinar, como ensinar, quem ensina. Apesar de definida e sugerida como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação sexual continua sendo um tema que desconcerta, amedronta, intimida e desafia educadores/as, pais e instituições sociais das mais variadas.

Ainda em 1930, no Rio de Janeiro, o Colégio Batista incluiu em seu currículo o ensino da evolução das espécies e da educação sexual. Um professor, responsável pela iniciativa, sofreu processo jurídico e foi demitido posteriormente, muito embora o programa inicialmente se restringisse à análise do papel da mulher na reprodução, e, cinco anos mais tarde, incluísse o estudo do comportamento sexual masculino (SAYÃO, 1997).

Será que o incômodo causado foi devido o educador ter tematizado o papel da mulher no processo reprodutivo, mesmo sendo a educação sexual da época predominantemente biologicista e higienista no trato dos conteúdos? Ao falar do

comportamento sexual feminino o professor tocou em temas como gravidez, anticoncepção, aborto, por exemplo? A demissão não traduz ações de silenciamento e sexismo, já sintomáticas na época, ao tratar de questões que pudessem interessar às mulheres, no sentido de promover sua emancipação nas decisões de natureza reprodutiva, corporal e comportamental? Seria válido retomar as investigações realizadas por Iara Sayão (1997) e buscar novos elementos para melhor compreendermos a gênese das tentativas de introduzir discussões de natureza sexual na escola, os motivos que levaram à priorização de determinados conteúdos em detrimento de outros e os pensamentos que alimentaram as ideologias que restringiam abordagens de conteúdos a serem discutidos com meninos e não com meninas.

Marilena Chauí (1984) ao analisar a temática sexualidade e focalizar os mecanismos de repressão sexual no Brasil, situa historicamente o processo de exclusão das mulheres na aprendizagem de questões ligadas à sexualidade. Ela menciona um livro de educação sexual, lançado em 1938, escrito por Osvaldo Brandão da Silva, denominado “Iniciação Sexual – Educacional”, e comenta o estilo discriminador e repressivo do conteúdo que, já na capa, alertava: “leitura reservada”. Destinava-se esse livro à leitura apenas para os meninos “de valor”, pois as meninas “perderiam a inocência” se o lessem.

Vidal (1998) acrescenta um dado histórico importante quando avaliamos a trajetória da educação sexual no Brasil. No artigo “Educação sexual: produção de identidades de gênero na década de 30”, a autora investiga e resgata a atuação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), fundação de divulgação de temas ligados à sexualidade humana, instituído em julho de 1933 no Rio de Janeiro. O CBES editou textos e informes sobre sexualidade até 1939. Pretendeu difundir e inserir uma cultura sexual científica com bases educacionais, de modo a trabalhar a formação da professora primária que deveria aprender a lidar com questões da sexualidade infantil.

Outra atividade do CBES que Vidal (1998) destaca como tentativa de implantação da educação sexual no Brasil foi a realização da Semana de Educação Sexual em 1934. A entidade utilizou o rádio como meio de divulgação das informações durante o evento. Será que o veículo de comunicação radiofônica conseguiu “sensibilizar” os ouvintes sobre a importância de falar de sexo a partir de uma “cultura sexual científica”? O estudo de Vidal (1998) não problematiza essa questão.

Na década de 1940, o Colégio Batista do Rio de Janeiro inclui em suas atividades pedagógicas conteúdos de natureza sexual, mas com forte apelo religioso. No final dos anos de 1950 o Colégio de Sion também introduz temas de cunho sexual, onde um padre inovava

com algumas propostas de uma educação sexual para infantes, nos limites da “modernidade católica” (NUNES, 2005).

Educação sexual com “forte apelo religioso” e “nos limites da modernidade católica”? Vejamos o que Marcos Ribeiro nos diz sobre a atuação das instituições religiosas no âmbito educacional e suas práticas pedagógicas em sexualidade:

No período anterior à década de 60, a Igreja Católica constituiu um dos freios mais poderosos a impedir que a educação sexual penetrasse no sistema escolar brasileiro, tanto por sua posição nitidamente repressiva, em matéria de sexualidade, quanto por seu papel de destaque no sistema educacional brasileiro (RIBEIRO, 1988, p. 945).

Dominando o sistema educacional da época, a Igreja Católica manteve severa repressão à educação sexual. Apesar disso, algumas pessoas tinham acesso, mesmo que de forma restrita, a livros médicos sobre a sexualidade. Dois livros foram muito lidos nessa época: “Métodos de Controle da Fertilidade” de Ogino Knauss e “Nossa Vida Sexual – Guia de Aconselhamento para Todos”, de Fritz Kahn, este último publicado no Brasil em 1951 (GUIMARÃES, 1995).

Para Isaura Guimarães (1995), os livros e manuais deste período têm identificação com a ideologia religiosa. Discursos e informações mais generosas sobre a procriação misturam-se em manuais de “educação do moço e da moça de bem” para a apologia do casamento e da família patriarcal. Apropriavam-se de fragmentos do discurso médico, notadamente para produzir uma gama de conseqüências patológicas amedrontadoras, afirmando-se que a devassidão sexual levaria a uma série de degradação patológica consubstanciada nas chamadas “doenças venéreas”.

Frear, impedir, reprimir, limitar. Verbos que devem ser destacados quando avaliamos a institucionalização da educação sexual em escolas brasileiras até o início da década de 1960. No entanto, Ribeiro (1988) nos apresenta uma contradição, um paradoxo. Descreve um movimento na contramão da história. Apesar das restrições, essa época “foi também um período relativamente favorável à implantação da educação sexual no país. Várias experiências importantes tiveram lugar nessa ocasião, principalmente nos centros urbanos e em estabelecimentos da rede particular” (RIBEIRO, 1988, p. 945).

Nos anos 1960 a influência dos movimentos de mulheres, gays e jovens, que nos Estados Unidos, França e Inglaterra contestaram os padrões socioculturais vigentes com ideais de liberdade, paz e igualdade entre os sexos, impulsionaram o aparecimento de discussões sobre educação sexual no Brasil, quer seja no terreno da repressão ou numa perspectiva crítica. Se a análise for direcionada para a prática de uma “educação sexual

normativa e parenética” (NUNES; SILVA, 2000, p. 13), desenvolvida por educadores/as e pais da época, penso que os movimentos contestatórios reforçaram a importância de ações educativas a partir de mecanismos de vigilância e controle. Ou seja, o receio da “revolução sexual” fez com que as práticas coercitivas ficassem ainda mais evidentes na escola (e fora dela!). Falar de sexo sim! Mas, mantendo um discurso medicalizado. É condição *sine qua non* “incluir” temas sobre sexo na escola. Temáticas patologizantes, moralizadoras, estigmatizantes e repressivas. Dizer que sexo é pecado, feio, nojento e que conduz a doenças. Verbalizar e utilizar outras linguagens para reafirmar que o sexo “correto” é aquele praticado entre mulher e homem e que essa prática aconteça apenas depois do matrimônio, etc.

Neste período surgiram várias tentativas de implantação da educação sexual, tanto em escolas públicas quanto em instituições particulares. Em 1963, no estado de Minas Gerais, um colégio introduziu no currículo a educação sexual para alunos do 4º ano ginásial (hoje 8ª série), durando a experiência apenas três anos. As atividades foram suspensas devido a reações negativas dos pais. No Rio de Janeiro, no Colégio Pedro Alcântara, o ensino de educação sexual foi introduzido em todas as séries a partir de 1964, e outros colégios, como o Infante Dom Henrique, Orlando Rouças e André Maurois, o adotaram em 1968. Neste último, os/as alunos/as sugeriram que as aulas fossem em classes mistas a partir dos 11 anos de idade, e os temas discutidos ampliaram-se dos conteúdos apenas biológicos, de início, para a discussão dos anseios gerais dos jovens. Criou-se um clima de liberdade inusitada na escola que acabou por gerar uma crise, terminando com a exoneração da diretora, suspensão de docentes e expulsão de estudantes (GUIMARÃES, 1995).

Ações inovadoras em escolas da época: introdução de temáticas sobre sexualidade; os/as docentes propondo a alunos e alunas que escolhessem assuntos de seu interesse, dando voz a suas inquietações e curiosidades; aulas a serem realizadas em salas mistas; e diversificação dos temas a serem abordados, indo além do discurso clínico-biológico e priorizando discussões mais subjetivas. Processos emancipatórios que não vingam nem frutificam porque o discurso normalizador insiste em permanecer. O que prevaleceu foram ações excludentes: suspensão de atividades, exoneração de diretores, punição de docentes e expulsão de alunos e alunas, etc.

No estado de São Paulo ocorreram, igualmente, experiências significativas na rede pública. Entre 1954 e 1970, o Serviço de Saúde Pública do Departamento de Assistência ao Escolar oferecia aulas de orientação sexual às meninas da quarta série primária. Educadores/as sanitários/as e professores/as forneciam informações às mães sobre as transformações da puberdade. De 1963 a 1968, o Colégio de Aplicação Fidelino Figueiredo,

ligado à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, desenvolveu trabalhos na área da sexualidade. A coordenação ficava a cargo do/da orientador/a educacional com colaboração dos/das professores/as de ciências. Manteve-se também um programa destinado aos pais. Os Ginásios Vocacionais de São Paulo, entre 1961 a 1969, tinham a educação sexual em seu currículo, assim como o Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental/GEPE, no período de 1966 a 1969 (SAYÃO, 1997; GUIMARÃES, 1995).

As experiências da década de 1960, em São Paulo, sobretudo na rede pública de ensino, já apresentavam intensas mudanças em relação àquelas que apenas abordavam a informação dos aspectos biofisiológicos. Os relatos existentes dos trabalhos desenvolvidos nos Ginásios Vocacionais e Pluricurriculares, bem como os do Colégio de Aplicação, revelaram que além da informação, a formação de valores e conceitos se incluía nos programas adotados. Os próprios discentes sugeriam os temas de discussão e, abertamente, debatiam o tabu da virgindade, o amor livre, as pílulas anticoncepcionais e outras temáticas da época (SAYÃO, 1997).

Nesse período, a Secretaria de Educação de São Paulo, sofrendo influência de uma política natalista, interrompe a iniciativa dessas escolas. Reprime e proíbe a realização de atividades de educação sexual. Em 28 de janeiro de 1965, o Diário Oficial de São Paulo publica o ato nº9, de autoria de José Carlos Ataliba Nogueira, estabelecendo que:

É vedado aos professores do ensino de grau médio, especialmente os de Biologia e Sociologia, exporem na escola pública, e menos ainda, defenderem a limitação de filhos ou quaisquer meios anticoncepcionais. A violação desse preceito acarretará suspensão do professor, apurada a sindicância (GUIMARÃES, 1995, p. 65).

Maria José Garcia Werebe (1978), ao avaliar as restrições praticadas pelo governo no que tange à institucionalização da educação sexual nas escolas, nos informa que nessa época a deputada Júlia Steimbruck apresentou, mais precisamente em 1968, um projeto-lei propondo a introdução obrigatória da educação sexual em todas as escolas, de todos os níveis no país. Em novembro de 1970, esse projeto ainda se encontrava em tramitação. Apesar de ter recebido apoio de parte dos deputados, intelectuais e educadores/as, teve maior peso o parecer contrário apresentado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo, que, no mesmo ano, pronunciou-se radicalmente contra a introdução da educação sexual nas escolas. Uma frase já famosa desse parecer, ao defender a suposta inocência, pureza e castidade das crianças dizia: “Não se abre à força um botão de rosa, sobretudo com as mãos sujas”.

Durante a década de 1970, o quadro se agravou: repressão aos movimentos sociais e veto à informação e divulgação de ideias. A sociedade passava a viver uma fase de



alienação política. Nesse momento, segundo Carmen Barroso e Cristina Bruschini (1982), em matéria de educação sexual: “houve um retrocesso que acompanhou a onda de puritarismo que invadiu o país [...] e que se manifestou principalmente, pela intensificação do rigor da censura” (BARROSO; BRUSCHINI, 1982, p. 23).

Documentos oficiais da época mencionam a educação sexual em programas de educação e saúde. De acordo com a Lei das Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus no Brasil — Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971 — cria-se a disciplina Programas de Saúde, de inclusão obrigatória nos currículos plenos de 1º e 2º graus, cuja fundamentação se dá através do Parecer nº 2.264 do Conselho Federal de Educação (CFE), que sistematiza e organiza a educação em saúde na escola. A partir desse Parecer, surgem guias curriculares em diferentes sistemas de ensino e publicação de livros com conteúdos relacionados à saúde e a educação sexual (BRASIL, 1974). Vale acrescentar que o Parecer nº 2.264/74 do CFE orientou a introdução da educação sexual apenas no ensino de 2º grau<sup>45</sup>:

Já os alunos do 2º grau [que já são púberes] devem [...] adquirir noções sobre a segurança no trabalho, na escola, nas diversões, primeiros socorros, além de conhecimento referentes à evolução puberal, educação sexual, gestação, puericultura e saúde mental. [...] Além disso, poder-se-á acrescentar noções de doenças ou desvios de padrões de normalidade, ações de tóxicos e efeitos da poluição do meio ambiente. E, ainda neste nível, que devem ser estudadas noções de venereologia e suas manifestações sociais (BRASIL, 1974, p. 172).

Como podemos notar, a educação sexual a ser oferecida aos/às estudantes brasileiros/as da época tinha como base a *pedagogia dos manuais médicos*. A perspectiva biomédica prevalecia e ditava o currículo. Ministérios da Educação e da Saúde unidos no “projeto higienizante”. Sanear “os desvios de padrões da normalidade” (BRASIL, 1974, p. 172) era o lema. Os/as educandos/as devem estudar noções de doenças venéreas e perceber que são “doenças do mundo” adquiridas em ambientes promíscuos e nas “práticas sexuais degenerantes”. Precisam saber que são patologias transmitidas exclusivamente pelas “mulheres da vida” e pelos “pederastas”. Não nos esqueçamos que essas representações não se limitam apenas ao senso comum. Quem inventou (inventa) tais proposições? A instituição médica além de produzir, se encarregou (encarrega) de endossar e divulgar essas “verdades”. Em 1982, numa comunicação intitulada *Os gays e as doenças sexualmente transmissíveis*, Luiz Mott problematizou esse tema e denunciou que muitos médicos brasileiros insistiam em associar doença sexualmente transmissível à prática da homossexualidade masculina. Vejamos como Mott apresentou sua comunicação na 34ª Reunião da Sociedade Brasileira

<sup>45</sup> Ensino médio é a denominação atualmente em vigor.

para o Progresso da Ciência (SBPC – Campinas / São Paulo):

Esta pesquisa teve início em Janeiro de 1981, quando em todo o Brasil se publicou, na coluna de Ibrahim Sued, a seguinte afirmação do Dr. Newton Guimarães, atual diretor da Faculdade de Medicina da UFBA e (então) presidente da Associação Brasileira de Dermatologia: “CUIDADO COM OS GAYS: o assombroso crescimento dos índices de doenças venéreas no Brasil, embora decorra principalmente da liberação dos costumes verificada nos últimos anos, está sendo muito impulsionado pelos homossexuais, que são dez vezes mais perigosos para o contágio do que as próprias prostitutas”. Embora confessando não dispor de estatísticas, o Dr. Guimarães completava: “Muitos portadores de doenças venéreas escondem esses fatos até dos médicos, atuando como transmissores. Estou seguro quanto à crescente interferência dos gays nesse processo”. Alguns meses após tal declaração, quando da realização do 36º Congresso Brasileiro de Dermatologia, o Presidente da Associação Portuguesa de Dermatologia, Dr. Nórton, ratificava, para além-mar a mesma afirmação de seu colega baiano: os homossexuais são os principais transmissores de doenças venéreas (MOTT, 1982, p. 1).

Os conteúdos desse imperativo médico-patológico foram colocados em xeque por Mott (1982). Ao realizar exaustivo levantamento bibliográfico sobre o tema ele percebeu que por detrás dessas afirmações existiam poderosos discursos médicos que se baseavam em proposições preconceituosas, homofóbicas, racistas, sexistas, misóginas e patriarcais.

As instituições oficiais de ensino não deixaram de assumir a postura do discurso médico-moralizante. A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, através do secretário José Bonifácio Coutinho Nogueira, impediu a oficialização da educação sexual nas escolas no período de 1975 a 1979, sob a alegação de que ela era de responsabilidade da família.

Em São Paulo, no ano de 1979, a Fundação Carlos Chagas coordenou uma pesquisa com jovens entre 15 e 17 anos para avaliar valores relativos à sexualidade. Orientadores/as educacionais foram capacitados/as para a coordenação de doze grupos de jovens de diferentes escolas e classes sociais, no município de São Paulo. Nessa pesquisa, que era também um programa de educação sexual, o objetivo era propiciar a livre discussão de normas, padrões de comportamento e atitudes relativas à sexualidade. Promovia, nos debates com jovens, a disseminação de alguns princípios (igualdade entre homens e mulheres, respeito mútuo, liberdade e integridade pessoal) e valores controvertidos (ligados ao uso de anticoncepcionais, aborto, virgindade, etc.), propondo a sexualidade como aspecto natural e positivo da vida humana (GUIMARÃES, 1995).

Entre 1960 e início dos anos de 1980 muitas tentativas foram feitas para a introdução da educação sexual nas escolas. Mas, não podemos perder de vista o que de fato marcou esse período. O ensinamento sobre sexualidade se ancorou na perspectiva biomédica:

Trata-se do modelo médico-biologista, inspirado na descrição das funções procriativas, centrado na informação das etapas e características do aparelho

reprodutor e das funções sexuais reprodutivas, com variantes para uma abordagem higienista e médico-profilática. Por vezes depreende-se da matriz paranética anterior e outras vezes conjumina-se numa simbiose conservadora, descritiva, formalista e receituária (NUNES; SILVA, 2000, p. 14).

No início dos anos de 1980, a Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar no Brasil (BENFAM) organizou o 1º Seminário Técnico de Educação Sexual, cujo principal objetivo foi discutir a anticoncepção e o controle populacional. Uma das propostas deste seminário, que gerou celeuma e muitas discussões, foi pauta que discutia a introdução da educação sexual em todas as escolas brasileiras (WEREBE, 1998). O pano de fundo que estimulou esse debate foi a abertura política, devido a derrocada da ditadura militar. O abrandamento da censura em termos de informação sexual para jovens e crianças é ressaltado por Fúlvia Rosemberg (1985):

[...] não se pode esquecer que o fim dos anos 70 foi pontuado por um abrandamento geral da censura oficial e oficiosa em matéria de informação sexual para crianças e jovem. Um bom exemplo [...] pode ser buscado na literatura infanto-juvenil [principalmente traduzidos], mas também a inclusão dos temas sexuais em textos literários. Esta inclusão constitui novidade, pois [...] nossa literatura infanto-juvenil era absolutamente assexuada (ROSEMBERG, 1985, p. 16).

Ao mesmo tempo, a chamada “liberação sexual” trazia mudanças no comportamento. Questionavam-se tabus, preconceitos, estigmas e posturas conservadoras. A temática sexual aparecia nos filmes, nas novelas, nas revistas e no mercado – como as lojas especializadas (os sex-shops). Na televisão, Marta Suplicy falava de sexo em um programa denominado TV Mulher. A mulher passava a obter mais espaço no mercado de trabalho, conquistando maior autonomia financeira e social. A difusão da pílula anticoncepcional e da prática do aborto também contribuíram para a discussão dos direitos femininos (WEREBE, 1998).

As repercussões destes fatos não podem ser necessariamente consideradas positivas no que tange à sexualidade dos/das jovens. Paulo Rennes Marçal Ribeiro (1990) analisa que:

A “liberação sexual”, decorrente de um afrouxamento do autoritarismo e das mudanças das normas e padrões culturais, leva a sociedade a um aumento da divulgação de material, que sugere diferentes modos de encarar a sexualidade e com ela lidar, sem que sejam preenchidas as necessidades dos jovens, perdidos entre uma moral até então repressora e uma nova conduta que diz-se liberal e permissiva. Ambivalente e contraditória, a sociedade acaba limitando a expressão da sexualidade do jovem (RIBEIRO, 1990, p 15).

Entretanto, o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) na

década de 1980, dada sua letalidade, reacendeu em toda a sociedade o debate sobre a educação sexual. E a questão estava novamente em pauta, tal como assinalam Barroso e Bruschini (1990): “É uma pena que a legitimidade desse tema, que até pouco tempo se justificava, em alguns programas, pela necessidade de evitar gestações precoces e indesejáveis, mais uma vez seja dado pelo caráter preventivo da educação sexual” (BARROSO; BRUSCHINI, 1990, p. 8).

Evidentemente, a questão da AIDS mantém séria implicação com a sexualidade na medida em que interfere no comportamento sexual de toda a sociedade. O medo de contrair a doença vem afetando as relações entre as pessoas, não apenas no nível sexual mais íntimo como também no convívio social cotidiano onde, por ignorância, são discriminados/as portadores/as do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e doentes propriamente ditos. Ao mesmo tempo, porém, a AIDS tem possibilitado um repensar a respeito da sexualidade e isso pode representar avanços positivos nesse campo. Em virtude dessa pandemia, a sociedade se viu forçada a rever e discutir seus medos e preconceitos mais profundos sobre a sexualidade. Idéias e práticas até então desprezadas, ocultadas e discriminadas tomaram-se temas presentes, constantes.

As produções teóricas sobre sexualidade e educação sexual nos anos de 1980 organizam-se pela via das pesquisas e estudos acadêmicos nos programas de pós-graduação em Educação e Saúde. O surgimento da pandemia do HIV/AIDS na sociedade, acelerou a necessidade de novas pesquisas e abordagens no campo da educação e sexualidade. Destacase a pesquisa de Maria Amélia Azevedo Goldberg, publicada em 1986, “Educação sexual: uma postura, um desafio”, que se tornou um marco na proposta de institucionalização da educação sexual nos anos posteriores. Ainda nesta década, são publicados os estudos de César Aparecido Nunes, em 1987 e de Isaura Guimarães, em 1988, que apontam para novas fontes de investigação da sexualidade com a sociedade, através da mediação da escola, seja com um aporte histórico-político, como preconiza César Aparecido Nunes, seja através do concurso da Psicologia, como apontam os estudos de Carmen Barroso e Cristina Bruschini em 1986, ou até mesmo os trabalhos de enfoque feminista na TV Mulher, realizados por Marta Suplicy de 1980 a 1986 (NUNES; SILVA, 2000).

No âmbito extra-escolar, o período inicial dos anos de 1980 foi pródigo para a inclusão, veiculação e divulgação de questões ligadas à sexualidade. Iara Sayão (1997) acrescenta:

Nessa época surgiram serviços telefônicos, programas de rádio, o programa de Marta Suplicy na televisão (que gerou grandes polêmicas), e também enciclopédias e fascículos vendidos em bancas de jornal, todos destinados a responder questões

sobre o sexo. Congressos e encontros profissionais foram realizados com a participação de educadores, médicos e cientistas sociais. Tudo isso contribuiu para intensificar o debate sobre a educação/orientação sexual escolar (SAYÃO, 1997, p. 110).

No decorrer da década de 1980 proliferaram as iniciativas de inclusão das temáticas relacionadas ao universo da sexualidade na rede privada de ensino em vários Estados do país, inclusive em escolas de orientação religiosa. Esse aumento na demanda se deveu principalmente ao surgimento da AIDS e ao aumento da gravidez entre adolescentes (PINTO, 1999).

Muitas escolas abriram espaço para a temática sexual apenas por meio de palestras, encontros ou debates a cargo de profissionais da saúde como psicólogos/as médicos/as e enfermeiros/as, ou pela abordagem ampliada dos conteúdos relativos à reprodução humana na disciplina Ciências. Outras instituições optaram pela inclusão de programas sistemáticos sob a direção de professores e coordenadores pedagógicos. Em 1989, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, então sob a coordenação de Paulo Freire, decidiu implantar a Educação Sexual inicialmente nas escolas de primeiro grau<sup>46</sup>, e depois na educação infantil. O diferencial dessa intervenção foi a cuidadosa formação de docentes, que passavam por um curso inicial e acompanhamento continuado em supervisão semanal, formação esta sob responsabilidade do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual / GTPOS. Em 1992, o trabalho nas escolas municipais de São Paulo atingiu cerca de 12 mil alunos e alunas. A partir dessa experiência, a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre criou projeto similar, e já na década de 1990 redes municipais de ensino de cidades como Florianópolis, Recife, Campo Grande, Goiânia, Belo Horizonte e Santos, também implantaram a educação sexual nas escolas. Simultaneamente, consolidaram-se várias instituições de natureza não-governamental – tais como: SOS Corpo e a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids – ABIA – voltadas para a produção de materiais didáticos destinados à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS (WEREBE, 1998; SUPLICY et al, 1999).

As mudanças sócio-políticas e culturais dos anos 1980 tiveram grande influência no tratamento das questões ligadas à abordagem da sexualidade na instituição escolar. Nunes e Silva (2000), ao avaliarem os acontecimentos desse período, esclarecem que o modelo de educação sexual dessa época poder ser caracterizado como terapêutico-descompressivo:

---

<sup>46</sup> Reproduzo a forma como o setor educacional nomeava essa modalidade de ensino na década de 1980. Atualmente a expressão “ensino de primeiro grau” não é a utilizada oficialmente. Hoje, a referida modalidade recebe a denominação de “ensino fundamental”.

Seu tempo de maior representação pode ser identificado como os anos de 1980, com a modernização conservadora da sociedade brasileira e a cristalização de um novo papel de agente educativo centrado na televisão e suas formas de influência comportamental. Os anos de 1980 viram triunfar um discurso consentido da liberdade e condição femininas, sufocado na época da ditadura militar, simbolicamente identificado com o seriado e programa de variedades denominado TV Mulher. [...] As consultas sexuais passaram a ser a mediação da descompressão da fala, a expressão terapêutica de casos de extensão indireta capazes de induzir a uma suposta desculpabilização significativa de práticas contraditórias, ansiosas e muitas vezes desinformadas. [...] Muito deste modelo ainda encontra eco nas escolas, professores que utilizam a psicologia tradicional como heurística e o psicodrama como terapia de grupo ou de massa para uma suposta educação sexual descompressiva e terapêutica (NUNES; SILVA, 2000, p. 15-16).

A década de 1990 é identificada por Nunes e Silva (2000) como a década do consumo. Caracterizam-na a partir de um modelo denominado consumista quantitativo, predominante nas sociedades de massa e que “reduziu a revolução sexual, de fundamentos filosóficos e políticos, a uma descompressão dessublimada de práticas sexuais compensatórias, reificadas, quantitativas e desumanas” (NUNES; SILVA, 2000, p. 16). O sexo é banalizado e utilizado “como objeto de consumo e como prática compulsiva de catarse pessoal e coletiva” (NUNES; SILVA, 2000, p. 16). Modelo preponderante nos aparelhos midiáticos e oferecido ao público através de um arsenal de possibilidades como “nas filmografias pornô, na coreografia do *sex-appeal*, na indústria do entretenimento e na mercantilização do corpo e da sensualidade estereotipada” e também “nas revistas, canais, ícones e símbolos de quantificação e consumo de sexo, muitas vezes associado à violência e outros complementos conjunturais” (NUNES; SILVA, 2000, p. 17). O *locus* privilegiado desse arquétipo “é a mídia e sua expressão é a indústria cultural, onde ocupa um dos mais preciosos espaços de alienação” (NUNES; SILVA, 2000, p. 17).

O marco que situa a década de 1990 nas discussões da escola como espaço da educação sexual, apontado por Castro, Abramovay e Silva (2004), está relacionado à divulgação, pelo Ministério da Educação (MEC), dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (PCNs-EF) que incluiu a Orientação Sexual como um dos Temas Transversais a serem abordados no Ensino Fundamental, de forma articulada com as disciplinas do currículo e outros temas como Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Trabalho e Consumo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são um conjunto de conteúdos que referenciam e orientam a estrutura curricular do sistema educacional do país. Foram elaborados procurando avaliar, ponderar e respeitar as diversas regiões do Brasil e as diversidades políticas, culturais e sociais. Considerou também a necessidade de construir

referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Os PCNs também trazem como pretensão criar condições nas escolas para que os/as jovens tenham acesso ao conjunto de conhecimentos para o exercício da cidadania (BRASIL, 2006).

A proposta básica dos PCNs é a de buscar a formação integral do indivíduo. Os Temas Transversais trazem à tona o discurso da legitimação da cidadania dos/das educandos/das suscitando a dignidade da pessoa humana, a igualdade dos direitos, a participação ativa na sociedade e, por conseguinte, a co-responsabilidade pela vida social. A intenção, que é talvez a grande contribuição da execução didático-pedagógica desses temas, é que estes “devem ser os principais articuladores da vida, do pensamento e do trabalho com os interesses da maioria da população, o que deriva de uma maior consciência política do papel social da escola na sociedade” (NUNES; SILVA, 2000, p. 63).

O volume dos PCNs que trata especificamente da sexualidade é intitulado de Orientação Sexual. O texto expressa uma preocupação com a questão da cidadania, com a ética e com os direitos humanos, revelando uma atitude de respeito à expressão individual, coletiva e sociocultural da sexualidade. Para o Ministério da Educação,

A educação sexual cidadã deve colaborar prestando esclarecimentos, revendo a ética atual das posturas em relação à vivência e a significação da sexualidade, formando elementos multiplicadores para o combate e resistência à repressão e à violência sexual em geral e especificamente contra crianças, adolescentes e mulheres (NUNES; SILVA, 2000, p. 65).

O MEC é enfático quando preconiza que “a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Orientação Sexual é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela evolução social” (BRASIL, 1998, p. 69). Por ser questão considerada polêmica e marcada pela história, a sexualidade envolve principalmente tabus, crenças, mitos e preconceitos que foram construídos, transmitidos e endossados ao longo dos anos. E, sendo uma questão ampla, somente a Biologia não pode dar conta de sua complexidade, garante o MEC. Por isso, temas como sentimentos, orientação sexual, adolescência, mitos, tabus, crenças e preconceitos mereceriam destaque maior porque são pouco discutidos ou nunca discutidos pelos professores e professoras do ensino fundamental.

Discutir doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, gravidez, anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores é o que todos fazem, ou melhor, quando fazem. Na verdade, a prática que se observa é o silenciamento (LIONÇO; DINIZ, 2009; FURLANI, 2005a; MISKOLCI, 2005; FERRARI, 2003, 2000). Não se discute esse tema nem mesmo

pelo viés biologicista na maioria das vezes. Não estou dizendo que não sejam importantes, mas a discussão sobre sexualidade não é apenas o ensino da anatomia dos aparelhos reprodutores, não diz respeito somente a falar de doenças sexualmente transmissíveis ou de prevenção da gravidez. A priori, a narrativa que encontramos nas laudas do PCNs Orientação Sexual nos leva a crer que os/as elaboradores/as desse documento tinham em mente que uma educação sexual construída a partir de pressupostos biologicistas, moralizantes e higiênicos não serve mais para a sociedade brasileira visto que a sexualidade seria uma dimensão plural e subjetiva:

*A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações (BRASIL, 1998, p. 295) (grifos meus).*

Sexo, no plano biológico tradicional – ainda muito utilizado nos discursos dos docentes quando querem se referir à sexualidade – diz respeito a ato sexual, à distinção entre macho e fêmea tendo como referência os aparelhos reprodutores masculino e feminino. Muitos utilizam esse termo para fazer a distinção entre os gêneros fechando-se o conceito que acaba por não abarcar a complexidade sexual do humano. Por outro lado, a sexualidade humana resulta de um complexo processo envolvendo fatores socioculturais onde interagem e influenciam na dinâmica da expressão plural do comportamento sexual. É parte integrante do ser e que se aprende e exercita na sociedade. É uma construção pessoal marcada por regras sociais que vão sendo cumpridas desde cedo. Através de sentimentos, experiências, vivências, representações, atitudes e informações recebidas em relação ao sexo, cada indivíduo se encontrará inserido num processo de educação sexual.

Sexualidade é um conceito que envolve o plano subjetivo do sexo – situação que ainda é de difícil entendimento para muitas pessoas, inclusive docentes, que em muitos casos ainda resistem em discuti-la e quando fazem priorizam com exclusividade a apresentação da anátomo-fisiologia e patologia das genitálias, situação detectada pelo MEC desde que as primeiras discussões para a elaboração dos PCNs foram realizadas no final da década de 1980. Assim se posiciona o MEC quanto ao objetivo da educação sexual e o tipo de discussão que deve ser empreendida pelos/as docentes da educação básica em suas práticas pedagógicas: “Como um processo de intervenção pedagógica, tem por objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados” (BRASIL, 1998, p. 67) (grifos meus).



A exposição que fiz sobre o posicionamento do aparelho estatal no que concerne à educação sexual objetivou demonstrar que a discussão do tema sexualidade deve reconhecer os sentimentos, os mitos, tabus e preconceitos como temas essenciais. Já está patente para o Estado que falar de sexualidade priorizando apenas a discussão de aparelhos reprodutores não cabe mais à escola. Não é prioridade, nem essencial.

Praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. *Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade.* Sabe-se que as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade. (BRASIL, 1998, p. 292) (grifos meus).

Os fatos e acontecimentos históricos apresentados e problematizados levam a inferir que a história da educação sexual no Brasil em todo o século XX foi construída na base das contradições: de um lado as ações para a inclusão de temas relacionados ao sexo e à sexualidade eram proibidas, reprimidas e silenciadas; por outro, surgiam manifestações de luta, reivindicações, resistências e reclamações para sua institucionalização. Assim, e apesar dos esforços empreendidos por intelectuais e pessoas de visão plural, o que prevaleceu nessa trajetória foram mecanismos normalizadores.

Bento (2008) argumenta que as instituições sociais – como a família e a escola, por exemplo – reforçam as intenções excludentes e patologizantes construídas em torno das sexualidades subordinadas. A pergunta que Bento lança me faz pensar sobre a insistência de estudantes e docentes em nomear os homossexuais masculinos através de apelidos, como o pejorativo *qualira*: “Como as instituições operam para serem eficazes no seu intento de naturalizar os gêneros?” (BENTO, 2008, p. 31). A antropóloga crê na existência de tecnologias discursivas que se dirigem aos indivíduos para a conformidade e normalização: “essa pedagogia dos gêneros hegemônicos tem por objetivo preparar os corpos para a vida referenciada na heterossexualidade, construída a partir da ideologia da complementaridade dos sexos” (BENTO, 2008, p. 31). E complementa: “há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica” (BENTO, 2008, p. 32). Assim, “essas verdades são repetidas por diversos caminhos, por diversas instituições” (BENTO, 2008, p. 32).

Percebo a educação sexual como um desses “caminhos” apontados por Bento (2008). Ela é uma tecnologia discursiva que reafirma a “naturalidade” e a “normalidade” heterossexual. As constantes operações, as repetições e recitações dos códigos socialmente

investidos como naturais e a contínua e incessante materialização dos ditos e não-ditos sobre condutas sexuais aceitáveis ou ilegítimas encontram na educação sexual o apoio para sua operacionalização. Sendo assim, a educação sexual pode ser vista como lugar de promoção e manutenção de discursos sobre a legitimidade e naturalidade das condutas sócio-sexuais da heterossexualidade e das características de anomalia, desajuste e ilicitude da homossexualidade. Por isso, se faz necessário olhar as intenções da educação sexual. Ela não é somente uma forma planejada, bem intencionada e salvacionista para “resolver” os “problemas” das questões sexuais que aparecem na escola. A educação sexual não é apenas um tema de relevância e urgência social como nos propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006). As ações em educação sexual podem também reforçar estigmas, naturalizar pensamentos e condutas, discriminar, estigmatizar, excluir e aprisionar. Os escritos médicos das décadas de 1920 a 1970 sobre a homossexualidade que ‘escavei’, descrevi e problematizei nos capítulos 2, 3 e 4 demonstram essas intenções. A educação sexual se nutriu do discurso médico biologizante e suas proposições contribuíram para cimentar o binarismo heterossexualidade-homossexualidade.

Os ditames heterossexistas se transformam, adquirem novas configurações, revigoram suas operações e táticas, mimetizam-se. De acordo com Bento (2008), existem mecanismos sociais operando para que o “anormal” seja sempre visto com diferenciação e receio. Ao problematizar os discursos hegemônicos que insistem em patologizar os/as transexuais, a autora defende que os pressupostos médicos trabalham com todo vigor e influenciam decisivamente a estigmatização dessas pessoas.

Ao propor a existência de um “dispositivo da transexualidade”, a antropóloga acredita que os enunciados de tal dispositivo reforçam a ideia de que os/as transexuais são doentes, socialmente deslocados/as, convivem diariamente com o sofrimento e lutam desesperadamente pela mudança de sexo ao reclamarem pela cirurgia de transgenitalização<sup>47</sup>. A autora realizou longas entrevistas com transexuais problematizando suas histórias de vida e percebeu que nem sempre trazem o desejo de mudarem de sexo. A tese de Bento (2008) coloca em xeque as proposições desse dispositivo. Segundo ela, não existe “o transexual” ou “a transexual” – como insistem em nomear a psiquiatria e a psicologia (por sinal, campos

---

<sup>47</sup> Procedimento médico que possibilita a mudança de sexo e sua adequação à identidade de gênero reclamada pelo/a transexual. “É uma das etapas do processo transexualizador. Também conhecida como mudança de sexo, redesignação sexual (SRS), readequação sexual, cirurgia corretiva. Para os transexuais masculinos, consistem na histerectomia, mastectomia e na construção do pênis. Na histerectomia retira-se o aparelho reprodutor e na mastectomia, os seios. De uma forma geral, os homens transexuais fazem a opção pelas duas primeiras cirurgias, a histerectomia e a mastectomia. Nas transexuais femininas, a cirurgia destina-se à produção da vagina e de plásticas para a produção de pequenos e grandes lábios” (BENTO, 2008, p. 147-148).

científicos reféns do dispositivo da transexualidade). Bento (2008), pelo contrário, sugere que a transexualidade seja uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero. Essa definição confronta-se à aceita pela medicina que a qualifica como uma doença mental.

Definir a pessoa transexual como doente é aprisioná-lo. As (os) travestis, os transgêneros, as drag queen, os drag king são exemplos que desfazem a relação simplista vagina-feminino e pênis-masculino. Transexualidade, travestilidade, transgênero são expressões identitárias que revelam divergências com as normas de gênero uma vez que estas são fundadas no dimorfismo, na heterossexualidade e nas idealizações (BENTO, 2008, p. 15-17).

Para que a norma heterossexual prevaleça e sempre se mantenha, ditando as regras do permitido e do proibido, do certo e do errado, do lícito e do ilícito, do moral e imoral, é condição *sine qua non* colocar o homem e a mulher nos seus devidos lugares e demonstrar o vínculo fundamental entre sexo e gênero, suas características, diferenciações e limitações. Tudo que destoia do padrão biofisiológico é enquadrado como desviante e anormal. A homossexualidade se apresenta como uma ameaça constante, porque no ideário heteronormativo sua manifestação em um corpo construído para comandar, ser racional e não demonstrar emoções denuncia algo inaceitável e anti-social.

Vejo a educação sexual não apenas como uma possibilidade de enfrentar os preconceitos sexuais socialmente instituídos. E quando defendo esse pressuposto intento dizer que ela é paradoxal, contraditória, tem intenções das mais variadas, pode ser utilizada tanto para reafirmar hegemonias instituídas quanto para abalar discursos caducos e excludentes. Comungo com Furlani (2003) quando defende a importância de ações em educação sexual na escola. Para ela, a educação sexual deve ter como uma de suas preocupações a discussão sobre a dignidade humana e o respeito mútuo. Na problematização de temáticas em sexualidade tendo a escola como espaço, as ações docentes podem “[...] promover discussões sobre os direitos humanos, bem como, contextualizar [...] preconceitos refletidos nos modelos hegemônicos de organização social” (FURLANI, 2003, p. 167). Não estou me referindo a esse tipo de educação sexual quando coloco em dúvida esse campo discursivo. Refiro-me às educações sexuais que reprimem, coagem, apontam, nomeiam e realizam processos de exclusão e inclusão estigmatizantes (SÁ-SILVA et al., 2009; FERRARI, 2003). Acredito que por detrás da “boa intenção” das educações sexuais que trazem traços marcantes dos discursos médico-biologizante e higienista existe a insistência em manter enunciados que reafirmem a hegemonia da heterossexualidade como a forma verdadeira de expressar os desejos, os prazeres e as expressões de gênero.

As discriminações aos/às homossexuais não se limitam apenas a atos, ditos e/ou violências físicas. Artefatos culturais, como livros e dicionários, por exemplo, reforçam a homofobia produzida em sociedade. Furlani (2005a), ao direcionar seu olhar para os ditos sobre a homossexualidade em livros de educação sexual infantil percebeu que os discursos empreendidos reforçavam o padrão heterossexual: “Nos livros escolares (independentes de serem didáticos ou paradidáticos, voltados ou não para a Educação Sexual), a abordagem de outra orientação sexual que não seja a heterossexual é, praticamente uma raridade” (FURLANI, 2005a, p. 78). E complementa: “Embora os processos de educação informal onde destaque especialmente a mídia televisiva, nos últimos vinte anos tenha veiculado inúmeras situações onde a diversidade sexual tem sido relatada e visibilizada, esta temática ainda se constitui num tabu nos currículos escolares” (FURLANI, 2005a, p. 78-79). Os livros didáticos produzem efeitos de verdade sobre as várias identidades sexuais e de gênero.

O livro didático não é somente um integrante curricular, mas também um artefato cultural. Seu texto (verbal e ilustrativo) produz e veicula representações de gênero e sexuais, ‘ensina’ modo(s) de ‘ser masculino’ e de ‘ser feminino’, formas (ou forma) de viver as sexualidades. Essas representações têm ‘efeitos de verdade’ e contribuem para produzir sujeitos (FURLANI, 2005a, p. 8).

Jane Felipe (2006) pesquisou livros de sexualidade dirigidos ao público infantil e pré-adolescente. Com a intenção de problematizar os discursos presentes nessas produções, ela procurou entender como esses livros explicavam questões ligadas ao sexo e sexualidade tais como: origem dos bebês; como nascem; como são formados, etc. Sua investigação mostrou que: 1. Apesar de se pretenderem pedagógicos, elucidativos e de fácil linguagem, alguns desses livros apresentavam textos confusos, que podem produzir conceitos equivocados em relação àquilo que pretendem justamente esclarecer; 2. A maioria dos textos analisados prioriza a abordagem biológica para a compreensão das questões ligadas à sexualidade; 3. Determinados temas como homossexualidade e abuso sexual, continuam intocados na maioria dos livros analisados; 4. Os livros analisados, em sua maioria, dão maior visibilidade ao sexo masculino, tanto nos textos quanto nas ilustrações, contribuindo dessa forma, para reforçar ou produzir desigualdades de gênero; 5. Alguns livros, em especial aqueles claramente identificados com orientação religiosa específica, colocam o sexo e a sexualidade vinculados à procriação e somente às pessoas casadas. A autora finaliza seu estudo divulgando as seguintes informações:

- Grande parte dos livros de sexo e sexualidade dirigidos ao público infantil colocam a relação heterossexual como biologicamente determinada, na maioria das vezes

fantasiada como perfeita, sendo, portanto, a matriz da família patriarcal – pai, mãe e filhos/as. Este modelo, visto (ou desejado) por muitos como natural, promove a crença de que qualquer coisa diferente disto pode ser interpretada como anormal ou desviante.

- Determinado livro chega mesmo a recomendar que os meninos sejam encaminhados para tratamento psicológico, caso se perceba neles um jeito mais “feminino”. Parece haver uma preocupação maior com os meninos diante da possibilidade de estes se tornarem homossexuais. O mesmo livro sugere aos pais que pressionem a escola para contratar homens a fim de fornecer à criança um modelo de identificação masculino. Tem-se aqui a idéia de que existe um tipo de masculinidade normal, e como tal, deve se manter hegemônica. Todo aquele que dela se “desviar”, precisa ser encaminhado para tratamento.
- [...] A escolha dos materiais e livros didáticos sobre o assunto precisa passar por uma análise criteriosa, pois muitos deles apresentam uma argumentação cristalizada e essencialista em relação à sexualidade, principalmente no que se refere a manutenção das desigualdades entre homens e mulheres, bem como entre os diferentes grupos sociais (FELIPE, 2006).

Mesmo com os movimentos de denúncia e contestação iniciados a partir dos anos sessenta do século XX sobre essa educação sexual normalizadora e estigmatizante (NUNES; SILVA, 2000), o imperativo médico-biologizante, produzido pela *pedagogia dos manuais médicos*, mantém diálogo ativo e produtor. No limiar do século XXI ainda é forte a presença desse modelo de educação sexual. Lionço e Diniz (2009), procurando compreender o fenômeno sociológico da homofobia enquanto expressão de hostilidade à diversidade sexual desenvolveram, no período de 2007 a 2008, a pesquisa “Qual a diversidade sexual dos livros didáticos?”. A análise dos dados foi realizada por pesquisadoras e pesquisadores que vêm trabalhando com a temática da diversidade sexual e gênero das seguintes instituições como a Universidades de Brasília, Universidade Federal da Bahia, Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A investigação coordenada por Lionço e Diniz (2009) analisou como o tema da diversidade sexual vem sendo incorporado pelos livros didáticos e dicionários distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação do Brasil tendo a homofobia como foco das discussões. A análise partiu da centralidade ocupada pelo livro didático no processo de ensino-aprendizagem das escolas públicas do país para avaliar

como valores essenciais à cultura dos direitos humanos, tais como tolerância e pluralismo, vêm sendo incorporados ao universo escolar.

Em *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*<sup>48</sup>, título dado ao produto final da investigação, as autoras fornecem informações importantes para podermos avaliar e repensar as conexões entre homofobia e educação. Vejamos algumas conclusões da pesquisa desenvolvida por Lionço e Diniz (2009).

- Diversas vulnerabilidades incluem-se atualmente como temas nos livros utilizados nas escolas, em função seja da desigualdade de gênero, seja da condição étnico-racial, econômica ou de deficiência. Em relação à abordagem da sexualidade prevalece a timidez, sobretudo por controvérsias morais sobre a pertinência de se tratar a questão com adolescentes;
- Nos livros didáticos, o caráter heteronormativo das relações sociais está presente nos padrões de representação de gênero e de organização familiares, nos discursos sobre afetos e também na ausência do tema da diversidade sexual;
- A heteronormatividade impõe um silêncio sobre essa temática: não há gays nas obras literárias, não há relações homossexuais nos textos de orientação sexual e, muito precocemente, as crianças aprendem a indexar o universo social pela dicotomia de gênero. Não existem corporificações para além desse binarismo, por isso não se fala de homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais;
- O silêncio é a estratégia discursiva dominante, tornando nebulosa a fronteira entre heteronormatividade e homofobia;
- A dimensão social e política da sexualidade permanece às margens. Embora haja nos livros, afirmações sobre a necessidade da desconstrução da cultura machista e de opressão contra as mulheres na sociedade, bem como dos estereótipos de gênero, essa

---

<sup>48</sup> Tatiana Lionço e Débora Diniz (2009a) foram as organizadoras dessa produção que se materializou em um livro lançado no mês de maio de 2009 na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A investigação enfocou o tema homofobia e seus entrelaçamentos com a educação. Tendo como objetos de análise livros didáticos e dicionários, os autores e autoras demonstram que tais recursos são potentes artefatos culturais que reforçam o silenciamento da homossexualidade. A produção *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio* se desdobra em oito textos: “Qual a diversidade sexual dos livros didáticos?”, autoras: Tatiana Lionço e Débora Diniz; “A homofobia”, autor: Daniel Borrillo; “Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual”, autoras: Tatiana Lionço e Débora Diniz; “A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos”, autora e autor: Cláudia Vianna e Lula Ramires; “Ilustrações do silêncio e da negação”, autora: Malu Fontes; “Cores e dores do preconceito: entre o boxe e o balé”, autor e autoras: Fernando Pochay, Rosana de Oliveira e Thaís Imperatori; “Diversidade sexual, educação e sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático”, autores: Roger Raupp Rios e Wederson Rufino dos Santos; e “Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos”, autor: Rogério Diniz Junqueira.

desconstrução requer mais do que questionar a desigualdade social entre homens e mulheres. É preciso reconhecer que as expressões do feminino têm sido historicamente inferiorizadas, alargando o campo de subordinação a vários atores sociais que se associam à marca do feminino, tais como gays, travestis, transexuais, além das lésbicas;

- A diversidade sexual comparece nas escolas e nos instrumentos pedagógicos de modo diferenciado. Tende a ser invisibilizada, é escassamente tematizada como conteúdo didático pedagógico, e frequentemente a homofobia é subestimada em seus efeitos danosos às crianças e adolescentes.

A homossexualidade tende a ser invisibilizada em vários ambientes de convivência social a partir de incontáveis processos educativos ditos e não-ditos. A escola é um desses lugares. Quando ela não percebe a dinâmica de organização dos investimentos discriminatórios, se cala, ou pior, reforça e produz violências e segregações, está potencializando o projeto homofóbico: “a escola reflete o sexismo que permeia toda a sociedade” (VIANNA; RIDENTI, 1998, p. 102).

Ao focar o problema do preconceito de gênero, que envolve meninos e meninas, mulheres e homens, nos ambientes da escola como as salas de aula, Cláudia Vianna e Sandra Ridenti (1998) explicam que a base desse processo perverso está “em um sistema educacional que reproduz, em alguns momentos, as estruturas de poder, de privilégios de um sexo sobre o outro em nossa sociedade e aparece até mesmo nos livros didáticos e nas relações escolares” (VIANNA; RIDENTI, 1998, p. 102).

Escola, espaço de convivência. Espaço agregador. Ambiente segregador. Espaço onde “o jovem homossexual se sente sem um ponto de apoio, sem uma referência, mesmo querendo se inserir no contexto da comunidade escolar” (ALMEIDA; RIOS; PARKER, 2004, p. 23). Assim, “o resultado dessa exclusão é o abandono dos estudos e de uma estrutura que poderiam trazer benefícios futuros” (ALMEIDA; RIOS; PARKER, 2004, p. 23).

A educação sexual veiculada nas escolas, além do seu caráter preventivo, tem contribuído, muitas vezes, para difundir concepções rigidamente estereotipadas em relação ao gênero. Mulheres e homens, meninas e meninos são percebidos a partir “de um prisma essencialista, universal e imutável, sendo pouco problematizadas em relação aos aspectos históricos e culturais” (FELIPE, 2006, p. 123). A tese de Felipe (2006) de que a educação sexual presente nas escolas é essencialmente biologicista e que pouco se divulga os aspectos socioculturais da sexualidade despertou em mim os seguintes questionamentos: As

proposições da *pedagogia dos manuais médicos* ainda se fazem presentes em livros que abordam os temas da sexualidade e da educação sexual? Encontramos discussões nessas produções que problematizam a homossexualidade levando em consideração os “aspectos históricos e culturais”, como salientou Felipe (2006, p.123)?

Acreditando que as ideias médicas sobre a homossexualidade patologizada continuam ativas e entendendo que a cultura (re) configura esses saberes, procurei compreender, descrever e problematizar alguns discursos sobre a homossexualidade veiculados em livros de sexualidade e educação sexual disponibilizados para consulta em bibliotecas de escolas públicas do ensino médio da cidade de São Luís-MA guiando-me pelas seguintes questões: Que ideias sobre a homossexualidade são apresentadas nesses livros? Que conexões existem entre estes livros e as ideias, proposições, teorias e saberes sobre a homossexualidade divulgados nos livros de medicina, psicologia e educação lançados no decorrer do século XX?

Apresento abaixo a descrição e problematização das ideias sobre a homossexualidade presentes em 11 livros de sexualidade e educação sexual catalogados em quatro bibliotecas de escolas públicas do ensino médio da cidade de São Luís - MA. Minha intenção ao realizar este empreendimento analítico é demonstrar as conexões existentes entre estes livros e as ideias, proposições, teorias e saberes sobre a homossexualidade divulgados nos livros de medicina, psicologia e educação lançados no decorrer do século XX (1920 a 1970) – análise apresentada e problematizada nos capítulos 2, 3 e 4. Compreendo que o conjunto de dados presentes no *corpus 2* me permite dizer que a *pedagogia dos manuais médicos* continua influenciando o pensamento de determinados escritores/as que se dedicam a escrever sobre a sexualidade e educação sexual. No entanto, o referido *corpus* mostrou-me também que alguns/algumas autores/as resistem a essa lógica e, num processo que qualifico como desconstrutivo e presentificador, apresentam a homossexualidade e o/a homossexual a partir de um discurso histórico-cultural, crítico e problematizador.

#### 5.2.1. As lógicas biologicista e psicologizante continuam operando

Classifiquei cinco livros como sendo de perspectiva biologicista. As referidas obras expõem o tema da sexualidade numa linguagem simples em que os sujeitos-objetos da discussão são crianças e adolescentes. Tais obras podem ser lidas por qualquer público mesmo que a intenção dos/as autores/as seja influenciar o pensamento de pais e professores/as. Os temas apresentados abordam uma discussão prioritariamente biomédica e

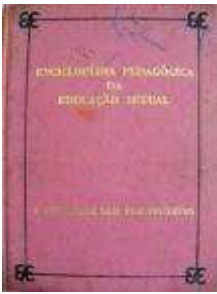


embora em dois livros<sup>49</sup> perceba-se o embrião de uma problematização desconstrucionista, o que prevalece é uma discussão que centra o debate da homossexualidade nos aspectos biológicos, sendo que dois autores apresentam-na contundentemente como patologia. Atentemos para os Quadros-Resumos 33 a 37 e veremos que a *pedagogia dos manuais médicos* continua operante. De 1986 a 2001 os discursos médicos biologizantes tiveram vez e voz nas produções que analisei. Vejamos:

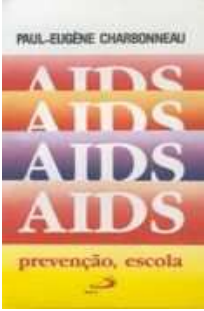
---

<sup>49</sup> Livros aos quais me refiro: 1) ALVES, Rubem. **O gato que gostava de cenoura**. São Paulo: Loyola, 2001; 2) TIBA, Içami. **Adolescência: o despertar do sexo** – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo das novas gerações. 11ed. São Paulo: Gente, 1994.

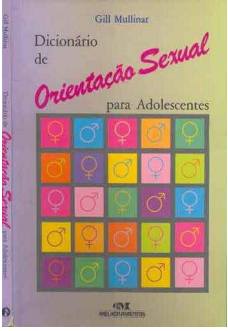
**Quadro-Resumo 33:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva biologicista extraídas do livro: BOLSANELLO, Aurélio. **Enciclopédia pedagógica da educação sexual: a sexologia sem preconceito.** 18 ed. São Paulo: Educacional Brasileira S.A, 1986. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio São Cristóvão, São Luís, Maranhão.

LIVRO	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação do autor:</b> não informa.  <b>Ano da edição:</b> 1986.  <b>Público alvo:</b> alunos/as e professores/as.            Livro em formato de enciclopédia.            O autor reúne uma série de informações sobre sexualidade humana. Os temas apresentados sobre a sexualidade trazem uma discussão prioritariamente biomédica centrando-se nos aspectos biológicos, clínicos e terapêuticos.            Grande importância é dada para as informações sobre as doenças transmitidas pelas relações sexuais. Explica e exemplifica as atividades sexuais categorizadas como anormais: fetichismo, voyeurismo, sadismo, masoquismo, bestialidade ou zoofilia, gerontofilia, necrofilia e homossexualidade.            São apresentadas informações sobre educação sexual a partir da perspectiva biologicista e higienista.</p>
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é informada como patologia. As causas do desejo homossexual são apresentadas a partir de duas perspectivas: 1) Explicação biológica: distúrbio hormonal e/ou desordem congênita (inversão); 2) Explicação psicológica: complexo de Édipo.</li> <li>• Especial atenção é dada para o tema do afeminamento: o homossexual masculino é identificado a partir de seus trejeitos, delicadeza e profissões do universo feminino. Já a mulher homossexual é descrita como masculinizada e de feições grosseiras.</li> </ul>	
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A educação sexual é uma forma de coibir as crianças e adolescentes afeminados.</li> <li>• Os adolescentes ainda são indefinidos sexualmente. Aplicando-se uma educação moral e reprimindo-se suas atitudes suspeitas é quase certo que mudem suas inclinações homossexuais e desenvolvam gosto pelas pessoas do sexo oposto.</li> <li>• É importante que pais e professores orientem esses adolescentes para que desenvolvam atitudes da sexualidade normal. Os pais devem ter muito cuidado para que o menino ou a menina não desenvolvam tendências pervertidas. Para isso é preciso educar a mãe contra os exageros de carinho empreendidos ao filho.</li> </ul>	

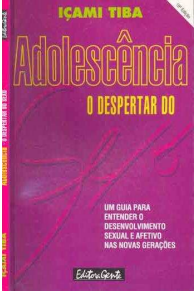
**Quadro-Resumo 34:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva biologicista extraídas do livro: CHARBONNEAU, Paul Eugène. **AIDS:** prevenção, escola. 6ed. São Paulo: Paulus, 1987. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio São Cristóvão, São Luís, Maranhão.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação do autor:</b> teologia.  <b>Ano da edição:</b> 1987.  <b>Público alvo:</b> professores/as;  -O livro se constitui em um texto produzido por um padre-pedagogo cuja intenção é orientar professores/as sobre a AIDS e sua prevenção. O discurso empreendido pelo autor é moralista e biologicista. O texto é fechado e não permite pensar a prevenção da AIDS por outros mecanismos a não ser via discurso terrorista sobre os danos que a doença pode causar. As ideias defendidas giram em torno da apologia à monogamia, críticas à prostituição e promiscuidade, defesa da heterossexualidade, da maternidade e combate às relações homo e bissexuais.</p>
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade entra em discussão quando o autor fala das práticas sexuais “perigosas” e dos grupos de “alto risco”.</li> <li>• A homossexualidade é percebida como patologia/anormalidade e pecado.</li> <li>• Outra forma de abordar o tema da homossexualidade é apontando o sexo anal como a prática mais perigosa para se adquirir a infecção pelo HIV. Fica evidente nas proposições do autor em categorizar tal prática (a anal, e, portanto, a homossexualidade) como aquela que leva indubitavelmente à AIDS. Assim, a condenação ao sexo anal é ferrenha e encaminha o leitor a considerá-la como perigosa, aberrante, suja, abominável e dispensável.</li> <li>• Ataca também os bissexuais e os heterossexuais “desordeiros”.</li> </ul>	
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Propõe uma educação sexual higiênica, amedrontadora, punitiva e heteronormativa.</li> <li>• Sugere que os/as professores/as discutam o tema AIDS em sala de aula informando os dados científicos da doença e a estatística da mortalidade. Aponta que o/a docente deva também falar sobre as práticas sexuais homo e heterossexuais não deixando de orientar os prejuízos que a homossexualidade pode causar, assim como práticas heterossexuais fora do casamento e com prostitutas.</li> </ul>	

**Quadro-Resumo 35:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva biologicista extraídas do livro: MULLINAR, Gill. **Dicionário de Orientação Sexual para adolescentes.** São Paulo: Melhoramentos, 1993. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Cidade Operária, São Luís, Maranhão.

LIVRO	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação do autor:</b> não informa.  <b>Ano da edição:</b> 1993  <b>Público alvo:</b> dicionário escrito para o público adolescente.</p> <p>-A obra reúne uma série de verbetes sobre sexo e sexualidade ordenando-os na perspectiva de A a Z. Enfoca prioritariamente os aspectos biológicos e fisiológicos da sexualidade. Discute os verbetes a partir de um olhar dicotômico que vê as questões sexuais na perspectiva da saúde e da doença, do normal e do anormal, do certo e do errado. A leitura dos verbetes pode levar o leitor a desenvolver a compreensão de que a sexualidade se relaciona, sobretudo, aos aspectos biofisiológicos do sexo, da reprodução, dos métodos anticoncepcionais e das doenças transmitidas a partir do intercuro sexual.</p>
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não existe capítulo específico sobre a homossexualidade. No entanto, encontramos alguns verbetes que tratam desta temática: “discriminação sexual”; “gay”; “heterossexista”; “homofobia”; “homossexual”; “lésbica”; “preferência sexual”; “relação sexual”; “sapatão”; “sexista”; “sexo anal”; “sexo oral”; “veado”.</li> <li>• Define o/a homossexual como o sujeito que pratica sexo com outro do mesmo sexo.</li> <li>• Os verbetes “lésbica”, “gay”, “sapatão” e “veado” são apresentados como sinônimos de homossexual. Mesmo informando que alguns verbetes são pejorativos e possam chocar, não desenvolve uma discussão sobre o constrangimento que tais palavras podem causar nas pessoas, além da discriminação e estigmatização subjacentes a esses termos.</li> <li>• Expressa a ideia de que a homossexualidade na adolescência é um fenômeno passageiro.</li> <li>• O sexo anal é apresentado como prática de risco para a infecção pelo HIV. Existe uma clara intenção em associar tal prática à homossexualidade. Assim, ficam evidentes as estratégias do autor em desenvolver uma educação sexual biologicista, medicalizadora e heteronormativa.</li> </ul>	
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não são apresentadas sugestões e estratégias para falar do tema na escola ou na família.</li> </ul>	

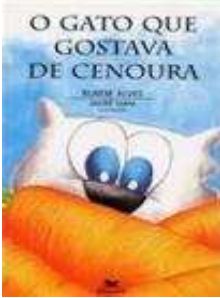
**Quadro-Resumo 36:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva biologicista extraídas do livro: TIBA, Içami. **Adolescência:** o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo das novas gerações. 11ed. São Paulo: Gente, 1994. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Manoel Beckman, São Luís, Maranhão.

LIVRO	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação do autor:</b> medicina.  <b>Ano de edição:</b> 1994.  <b>Público alvo:</b> pais e professores/as.</p> <p>-Temas apresentados no livro: adolescência; puberdade; hormônios sexuais; desenvolvimento da anatomia e fisiologia do adolescente; menstruação da adolescente; namoro; homossexualidade; orientação sexual nas escolas; anticoncepção; DST. A linguagem é simples podendo ser lido também pelos adolescentes. Apesar do autor se preocupar com as subjetividades adolescentes, a escrita tem forte apelo biologicista e psicológico.</p>
CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é apresentada em dois momentos: primeiramente o autor aborda o tema da homofobia (título: “<i>Fobia a homossexuais</i>”). Descreve que a homofobia nos adolescentes está ligada ao medo que os mesmos têm de ser ou serem tachados pelos amigos de homossexuais. Acrescenta também que os adolescentes estão constantemente testando sua masculinidade objetivando afastar a ideia de homossexualidade. Para o autor os adolescentes também desenvolvem sentimentos homofóbicos devido repudiarem a homossexualidade de outras pessoas. Em outro momento o autor aborda o tema a partir do capítulo “<i>Homossexualismo, o grande temor</i>”. Aqui ele discorre sobre conceito de homossexualidade, causas da homossexualidade, preconceitos e discriminação.</li> <li>• Para o autor a homossexualidade tem causas biológicas e psicológicas. A biologia ganha força em seu discurso. Mesmo assim, acredita que a origem da homossexualidade também seja influenciada pelo ambiente e cultura.</li> <li>• Problematisa o tema da identidade de gênero pontuando que a sociedade é que cria os modelos de homem e mulher.</li> <li>• Toca no tema do afeminamento e alerta para que se tenha cuidado em não taxar um adolescente como homossexual devido essa característica.</li> <li>• Orienta para que se procure um especialista quando os pais não conseguem lidar com o tema principalmente se o adolescente está sendo vítima de agressões por colegas de escola ou em outro ambiente social.</li> </ul>	

### PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

- Especial atenção deve ser dispensada para a homofobia praticada por adolescentes;
- O autor orienta que os pais devem ajudar a acabar com a homofobia dos filhos, contribuindo assim para a redução da ansiedade causada pela pressão social de que o adolescente vive cotidianamente ao ser cobrado a agir como homem e a adolescente a seguir o que ditam sobre como se comportar a partir de padrões femininos impostos.
- O propósito do autor é orientar principalmente pais que não sabem ou não conseguem lidar com o tema da homossexualidade perante filhos/as adolescentes. A ênfase é dada para a homossexualidade masculina.

**Quadro-Resumo 37:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva biologicista extraídas do livro: ALVES, Rubem. **O gato que gostava de cenoura.** São Paulo: Loyola, 2001. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Manoel Beckman, São Luís, Maranhão.

LIVRO	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação do autor:</b> filosofia.  <b>Ano da edição:</b> 2001.  <b>Público alvo:</b> crianças.</p> <p>-O autor discute o tema das diferenças a partir de uma estória cujo personagem central é um gato chamado Gulliver. O gatinho em vez de se alimentar de peixes, ratos e pássaros (segundo o autor, o esperado para todo e qualquer animal identificado como gato) prefere comer cenoura. A narrativa desenvolvida pelo autor é utilizada para problematizar o tema da diferença.</p>
CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é apresentada como uma condição inata, biológica e natural;</li> <li>• O clímax da estória é quando o autor, ao discorrer sobre o incomum gosto do gato Gulliver por cenoura, introduz o conceito e a causa do comportamento homossexual. Mesmo utilizando-se de uma estória infantil e tratando o tema com muita criatividade, o autor não se descola da perspectiva biologicista. As informações apresentadas são baseadas no determinismo biológico em que a genética é chamada para explicar a homossexualidade: é algo biológico e está inscrito no material genético (DNA). Segundo o autor, a homossexualidade inscreve-se no DNA assim como o daltonismo e a característica de ser ou não canhoto.</li> </ul>	
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A obra do autor constitui-se como um material didático: um livro de estória para ser lido para (com) crianças.</li> <li>• É educativo e didático por excelência.</li> </ul>	

Os livros de abordagem biologicista e higiênica são aqueles que discutem o tema da sexualidade pelo olhar da anatomia e da fisiologia sem levar em conta os aspectos psicológicos, sociais e culturais da dimensão sexual. O conceito de educação sexual divulgado em tais obras “privilegia (ou) discussões sobre a reprodução humana, às DSTs (antes doenças venéreas), à gravidez indesejada, planejamento familiar, o HIV/AIDS, a puberdade” (FURLANI, 2005a, p. 204). Para Furlani (2005a) a educação sexual desenvolvida a partir dessa perspectiva mantém inquestionáveis os pressupostos acerca do determinismo biológico e considera a diferença entre homens e mulheres decorrente de atributos corporais, o que, segundo ela “contribuiu (e contribui), tanto, para a ‘naturalização’ das desigualdades sexuais e de gênero, quanto para a formulação dos enunciados que hierarquizam essas diferenças (como por exemplo, premissas machistas, sexistas, misóginas e homofóbicas)” (FURLANI, p. 204, 2005a). Como exemplo, cito a obra *Dicionário de Orientação Sexual para adolescentes* (ver Quadro-Resumo 35). Trata-se de um dicionário escrito para adolescentes cujo objetivo principal é subsidiar os/as leitores/as juvenis a se familiarizarem com inúmeros termos sobre sexo. Logo na apresentação o autor deixa evidente o propósito da obra: “[...] o Dicionário de Orientação Sexual para Adolescentes foi escrito para você. Ele contém definições de palavras que têm a ver com sexo, relacionamentos pessoais, gravidez e parto” (MULLINAR, p. 9, 1993) (grifos do autor). Apesar de Mullinar (1993) citar a expressão “relacionamentos pessoais”, que me fez pensar em uma discussão da sexualidade pela subjetividade, o que encontramos no referido livro é um cabedal de informações sobre anatomia e fisiologia sexual, gravidez, métodos anticoncepcionais e doenças.

Enquadrei o livro de Mullinar (1993) como uma obra de perspectiva biologicista me guiando pelas ideias de Furlani (2005a) e Nunes e Silva (2000) sobre o caráter excessivamente biológico como alguns artefatos culturais em educação sexual – aqui me refiro aos livros didáticos e paradidáticos – trataram (e tratam) a temática do sexo. Ao ler o dicionário de Mullinar (1993) percebi que quantitativamente os termos e verbetes privilegiam mesmo a apresentação da reprodução humana, suas formas de prevenção e as doenças advindas de uma sexualidade desprotegida. Não acho que isso seja errado ou que sua abordagem deva ser excluída, mas percebo que colocar a biologia do sexo sempre como prioridade nas discussões e não olhar para as subjetividades que o tema suscita torna o artefato cultural um reforçador do legado biológico e endossa os pressupostos do binarismo sexual e da heteronormatividade, ou seja, demonstra que a *pedagogia dos manuais médicos* continua produtiva.



Outro detalhe: não posso esperar que um dicionário seja sempre meticuloso visto que o formato da obra às vezes impossibilita isso. Além disso, o público alvo e sua faixa etária devem ser levados em consideração ao criticarmos e avaliarmos os conteúdos de um livro. No entanto, é possível que um livro nesse formato flexibilize a discussão e faça uma “descompressão” dos temas relacionados ao universo do sexo, como ressaltou Nunes e Silva (2000), e informe sobre outras questões que geralmente não aparecem. No entender de Nunes e Silva (2000), “descomprimir” o currículo, as aulas de educação sexual ou os conteúdos sobre sexualidade é uma atitude que visa direcionar o olhar sobre o sexo para outros horizontes: os horizontes do prazer e da subjetividade.

Mullinar (1993) inicia o movimento da “descompressão” em seu livro. Não posso deixar de ressaltar que, mesmo classificando-o como um artefato cultural de perspectiva biologicista, o livro já introduz temáticas descoladas da exclusividade do discurso biomédico. Alguns verbetes ao tratarem da homossexualidade tocam em outras temáticas que a meu ver são importantes para ampliar e problematizar a discussão sobre a sexualidade. Os verbetes são os seguintes: discriminação sexual; gay; heterossexista; homofobia; homossexual; lésbica; preferência sexual; relação sexual; sapatão; sexista; sexo anal; sexo oral; veado. Vejamos detalhadamente os verbetes inscritos no livro de Gill Mullinar (1993).

*discriminação sexual: tratamento menos favorável de uma pessoa em relação à outra pela diferença sexual (p. 36);*

*gay: homossexual masculino. Também pode ser utilizado para designar mulheres homossexuais (p. 58);*

**heterossexista: alguém que acredita ou algo que encoraja a crença de que todas as pessoas são heterossexuais (p. 65) (grifos meus);**

**homofobia: medo de homossexuais e da homossexualidade (p. 68) (grifos meus);**

**homossexual: alguém que se sente sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo. Uma mulher que sinta atração por uma outra mulher é chamada de lésbica (p. 68) (grifos meus);**

**lésbica: uma mulher que se sente sexualmente atraída por outra mulher (p. 73) (grifos meus);**

*preferência sexual: o fato de você ser bissexual, heterossexual ou homossexual (p. 97);*

*relação sexual: ato em que um homem introduz seu pênis ereto na vagina de uma mulher. Isso às vezes é chamado de relação vaginal.*

**Dois homens, ou um homem e uma mulher, podem ter relações sexuais quando um homem introduz seu pênis ereto no reto do parceiro ou parceira através do ânus. Isso se chama sexo anal** (p. 102) (grifos meus);

**sapatão: palavra vulgar, que pode chocar ou ofender algumas pessoas. Significa lésbica** (p. 107) (grifos meus);

**sexista: pessoa que acha que a vida de homens e mulheres é determinada pelo sexo deles. Isso pode ser muito limitante tanto para os homens quanto para as mulheres, porque pressupõe que todos os homens irão se comportar de uma determinada maneira e todas as mulheres irão se comportar de uma outra maneira. Na verdade as pessoas são todas diferentes, não importa de que sexo elas sejam** (p. 108) (grifos meus);

*sexo anal: relações sexuais em que um homem coloca o pênis no reto de outra pessoa através do ânus. Se dois homens estiverem tendo uma relação sexual, eles podem decidir fazer sexo anal* (p. 109);

*sexo oral: forma de sexo em que se usa a boca e a língua para beijar, lambar ou chupar os genitais do parceiro. Tanto mulheres quanto homens podem ficar sexualmente excitados e ter orgasmos desta maneira. Quando uma mulher tem seus genitais beijados, lambidos ou chupados por alguém, isso se chama cunilíngua. Quando um homem tem seu pênis beijado, lambido ou chupado por alguém, isso se chama felação* (p. 109) (grifos meus);

**veado: palavra vulgar, que pode chocar ou ofender algumas pessoas. Ela significa homossexual masculino** (p. 119) (grifos meus).

Encontrar a descrição dos termos “heterossexista” e “sexista” em um livro de educação sexual escrito para adolescentes nos anos 1990 demonstra que o autor, de alguma forma, já percebia a complexidade do tema sexo. Ao divulgar que o termo “sexista” pressupõe a ideia de que “*todos os homens irão se comportar de uma determinada maneira e todas as mulheres irão se comportar de uma outra maneira*” (MULLINAR, 1993, p. 108), fornece uma ferramenta – mesmo que limitada porque é um verbete, portanto resumido – para que o/a leitor/a perceba a importância de compreender as questões sexuais para além do discurso naturalizante. O verbete pode gerar uma vontade de saber sobre o porquê “*as pessoas são todas diferentes, não importa de que sexo sejam*” (MULLINAR, 1993, p. 108). Os estudantes, a partir dessa noção poderiam buscar mais, questionar mais e ir construindo novas formas de compreender os discursos sobre a sexualidade. Mas, não seriam apenas os/as estudantes. O estímulo que um/a docente provoca no alunado faz toda a diferença. Um/a professor/a que

utilizasse o trecho desse artefato cultural para problematizar o tema das desigualdades sexuais e de gênero geraria inúmeras possibilidades de compreender o quão complexo é falar de sexo e poderia suscitar também a aproximação de outras temáticas, inclusive aquelas relacionadas como o universo da biologia e da medicina visto que também são importantes na compreensão do objeto de discussão.

Mullinar (1993) também discorre sobre o termo “homofobia”. Para ele traduz “*medo de homossexuais e da homossexualidade*” (MULLINAR, 1993, p. 68). Aqui o verbete reforça a visão limitada de que o/a homofóbico/a é aquele/aquela que tem medo das pessoas homossexuais. O leitor interpretaria o verbete de diversas formas. Assim como pode pensar que os/as homofóbicos/as são violentos/as, injustos/as e desumanos/as, também poderia se questionar: “o que os homossexuais têm para causar medo nas pessoas?” ou “causam medo porque as relações homossexuais são antinaturais, sujas e trazem doenças?”. Ao buscarem o significado do verbete “homossexual” perceberão que Mullinar (1993) centra seu conceito na atividade sexual realizada por esses sujeitos. O homossexual é “*alguém que se sente sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo*” (MULLINAR, 1993, p. 68). O sexo traduzido como relação sexual vem sempre em destaque e com exclusividade. Essa marca ainda é muito presente nos discursos que reforçam as representações do senso comum e do senso crítico sobre o homossexual e a homossexualidade.

Os discursos são renovados e constantemente incorporam novas formas de serem ditos, mas a marca “relação sexual” ou “atividade sexual” se sobrepõe. A ideia “*alguém que se sente sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo*” (MULLINAR, 1993, p. 68) vai mudando de tom e ganha outros contornos, outras palavras ou formas de dizer mais brandas, mas que no final marcam o sujeito pela sua prática sexual tipificada, diferenciada, “entomologizada” (FOUCAULT, 2007).

No decorrer de nossas vidas fomos produzidos para considerarmos que as relações sexuais verdadeiras e legítimas são aquelas que ocorrem somente entre homens e mulheres. É o que deixa evidente o discurso de Paul Éugene Charbonneau (1987), autor de *AIDS: prevenção, escola*, livro que cataloguei na biblioteca da escola estadual de ensino médio São Cristóvão (ver Quadro-Resumo 34). A sexualidade heterossexual é considerada a “sexualidade humana” (CHARBONNEAU, 1987), e, digo mais: é percebida como a “sexualidade digna”, “a sexualidade moral”, a “sexualidade compatível”, a “sexualidade sadia”...

*A sexualidade humana é importante demais, permeada demais de dignidade, para que possamos aviltá-la sem mais, em nome do pretexto que for. É preciso operar uma rigorosa crítica do homossexualismo sem deixar-se prender por um moralismo que ignoraria a dimensão da pessoa do homossexual, mas também sem ceder a teorias que surgem a partir de modismos e confundem normalidade e desvios neuróticos* (CHARBONNEAU, 1987, p. 40) (grifos meus).

*É preciso também voltar a uma forma de exercício da heterossexualidade que seja compatível com o respeito que o homem e a mulher que se unem devem dedicar um ao outro. Isso nos fará voltar a certos valores que estavam esquecidos ou eram negados em nossos dias. Como, por exemplo, a monogamia, a fidelidade, a recusa à promiscuidade etc.* (CHARBONNEAU, 1987, p. 25) (grifos meus).

*[...] é preciso retomar as indicações e orientações que uma moral sadia nos propõe em termos de comportamento sexual* CHARBONNEAU, 1987, p. 40) (grifos meus).

O livro *AIDS: prevenção, escola* foi produzido no final da década de 1980 – período em que as discussões sobre a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) ainda eram conduzidas principalmente pelo discurso do terror e do moralismo. As ideias defendidas pelo autor giram em torno da apologia à monogamia, críticas à prostituição e promiscuidade, defesa da heterossexualidade, da maternidade e combate às relações homo e bissexuais. A homossexualidade entra em discussão quando Charbonneau (1987) discorre sobre as práticas sexuais “perigosas” e os grupos de “alto risco” marcando o comportamento homossexual como emblemático dessas situações.

A homossexualidade é divulgada em sua produção como patologia, anormalidade e pecado. Ainda: é pela homossexualidade que enfermidades graves são adquiridas, veiculadas e transmitidas: “*Assim como a homossexualidade, a toxicomania é fonte abundante de contaminação*” (CHARBONNEAU, 1987, p. 25) (grifos meus). O comportamento homossexual canaliza para a doença, para o desespero, para a morte. A AIDS seria um exemplo emblemático para que a sociedade se desencoraje a praticar o “homossexualismo”, ensinou Charbonneau (1987) em seu livro.

*A este ponto de nossa civilização, o mundo enfrenta um novo problema: o da pandemia da Aids, diante da qual encontra completamente desprevenido. Durante os últimos anos, crise após crise, estabeleceu-se entre nós uma permissividade total que conduziu à prática generalizada, não mais apenas tolerada, mas*

**encorajada, do homossexualismo** [...] *Doença implacável, doença incurável [...], doença fatal que só conhece uma única saída: a morte inevitável após a contaminação. [...] Através de que caminhos a AIDS circularia de um a outro, sem que nenhum dos dois tenha consciência disso, a maior parte do tempo? A princípio tendia-se a ligar a transmissão desse mal apenas ao homossexualismo. Teria sido pelo contato sexual como o praticam os homossexuais que o vírus teria sido veiculado de uns para outros. Mas uma observação mais ampla e mais aguda rompeu essa exclusividade e revelou que, se a prática homossexual é, infelizmente, privilegiada na contaminação do tipo AIDS, não é o único veículo através do qual esta possa propagar-se* (CHARBONNEAU, 1987, p. 25) (grifos meus).

O padre-pedagogo utiliza-se desse discurso para (des) qualificar a experiência homossexual: aponta o sexo anal como a prática mais perigosa para se adquirir a infecção pelo HIV ficando evidente em sua escrita a intenção de delimitar o sexo anal como aquele que leva indubitavelmente à AIDS. Assim, a condenação ao sexo anal é a condenação à homossexualidade e encaminha o leitor a considerá-la como perigosa, aberrante, suja, abominável e dispensável.

**O tipo de relação que se pratica entre homossexuais facilita muito a incubação do vírus.** *Com efeito, recorre-se frequentemente à relação anal que se insere num contexto fisiológico que oferece perigos múltiplos. Tanto o ânus quanto o pênis tornam-se extremamente vulneráveis, sofrendo feridas imperceptíveis que fazem com que sangue e esperma se misturem; um e outro constituem o meio de crescimento por excelência do vírus. Tudo indica que na relação anal o vírus se introduz mais rapidamente no organismo. [...] Acrescenta-se a isso, o fato de que a homossexualidade favorece uma grande promiscuidade que multiplica os parceiros, multiplicando, também, na realidade, os riscos de contaminação* (CHARBONNEAU, 1987, p. 25) (grifos meus).

*Na relação heterossexual, o esperma é suficiente para transmitir a doença; na relação homossexual, comumente anal, e que, como tal, comporta sempre um risco de grandes lacerações e microfissuras imperceptíveis mas reais, o perigo da infecção se multiplica, pois haverá cruzamento de esperma e sangue* (CHARBONNEAU, 1987, p. 25) (grifos meus).

Charbonneau (1987) esqueceu que sexo anal também é praticado nas relações heterossexuais? Relação sexual anal não é sinônimo de homossexualidade. Mullinar (1993) tenta amenizar a situação ao discorrer sobre o que é sexo anal. Seu discurso, a priori, ameniza o pressuposto moralizante e estigmatizante ensinado por Charbonneau (1987) quando usa

“pessoa” em vez de “os homossexuais”. A diferença é substancial e nos faz pensar que ele pretende incluir tanto homens quanto mulheres nesse tipo de prática sexual: “**Sexo Anal: relações sexuais em que um homem coloca o pênis no reto da outra pessoa através do ânus**” (MULLINAR, 1993, p. 109) (grifos meus). Mas, Mullinar (1993) completa seu pensamento sobre a prática do sexo anal em outros trechos de seu livro não deixando de cair nas malhas da generalização estigmatizante e, por fim, acabando por endossar a tese de Charbonneau (1987).

*Se **dois homens** estiverem tendo um relacionamento sexual, **eles** podem decidir ter **sexo anal**. Se isso acontecer, **eles** precisam pensar em maneiras de se **proteger do risco** de uma infecção pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis (MULLINAR, 1993, p. 68-69) (grifos meus).*

*Se **dois homens** estiverem tendo uma relação sexual, eles podem decidir fazer **sexo anal**. Mas se alguém estiver infectado pelo HIV e **fizer sexo anal** com você sem usar camisinha, **há um alto risco de que ele** passe o vírus que pode causar **Aids** para você. **Por isso, muitos gays** agora preocupam-se em fazer sexo seguro (MULLINAR, 1993, p. 109) (grifos meus).*

Charbonneau (1987) recrimina também os bissexuais e os heterossexuais “desordeiros”<sup>50</sup>. Ou seja, quem pratica atos sexuais fora dos padrões instituídos pelos cânones do biologismo e da moral, está alterando a ordem “natural” da sexualidade. E, para evitar que os desordeiros promovam arruaças e tumultos na ordem sexual estabelecida, o padre-pedagogo discorre sobre formas de evitar o problema da AIDS e das práticas sexuais que levam a adquirir o mal ao empreender uma discussão dirigida a pais, professores/as e alunos/as sobre educação sexual. A receita sugerida por Charbonneau (1987) lembra os discursos da *pedagogia dos manuais médicos* dos anos 1920 a 1970 por que seus ingredientes são a higiene, a moral e a heteronormatividade. Sugere que os/as professores/as discutam o tema AIDS em sala de aula informando os dados científicos da doença. Aponta que o/a docente deva também falar sobre as práticas sexuais homo e heterossexuais não deixando de orientar os prejuízos que a homossexualidade pode causar, assim como práticas heterossexuais fora do casamento e com prostitutas.

<sup>50</sup> Dicionário Online Português (2011). De acordo com o Dicionário Online Português a pessoa qualificada como desordeira é aquela que “promove arruaças, altera a ordem, provoca tumulto”. DESORDEIRO. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/desordeiro/>. Acesso: 26 julho 2011.

*Na escola a educação sexual deve informar sobre as relações, tanto homossexuais quanto heterossexuais. É preciso que os adolescentes sejam claramente informados para que possam situar-se lucidamente diante do problema que acabarão por enfrentar inevitavelmente* (CHARBONNEAU, 1987, p. 25) (grifos meus).

Como os autores e autoras dos livros de sexualidade e educação sexual na perspectiva biologicista descreviam os/as homossexuais? “*Como saber se um homem é homossexual?*”, nos pergunta Aurélio Bolsonello (1986, p. 87), em sua *Enciclopédia pedagógica da educação sexual: a sexologia sem preconceito* (ver Quadro-Resumo 33). Os homossexuais masculinos ainda eram percebidos como sujeitos afeminados, frágeis e de masculinidade duvidosa e, no caso das mulheres, masculinizadas e grosseiras, reproduzindo desta maneira as ideias veiculadas por médicos, psicólogos/as e pedagogos/as entre as décadas de 1920 a 1970?

No conjunto dos livros analisados não percebi essa ideia com muita força, mas ainda se faz presente. Na década de 1980 Bolsonello (1986) reproduzia com riqueza de detalhes o discurso biomédico das décadas anteriores sobre o homossexual afeminado. Ele tipificou e rotulou os/as homossexuais usando como marcadores o corpo, a psique e a atividade profissional do sujeito. Além de frágeis, passivos e inteligentes, os homossexuais masculinos gostavam e valorizavam o universo feminino. Já as lésbicas eram caracterizadas como “do tipo masculino” (BOLSONELLO, 1986, p. 91).

*Em geral não são perigosos. [...] São, em geral, pessoas vivas e inteligentes* (BOLSONELLO, 1986, p. 87) (grifos meus).

*Como saber se um homem é homossexual? O estereótipo é um sujeito feminino, desmunhecante, que anda com afetação* (BOLSONELLO, 1986, p. 87) (grifos meus).

**Nos invertidos do sexo masculino há uma tendência frequente a aproximarem-se do tipo feminino, e os invertidos do sexo feminino, do tipo masculino. Isto ocorre tanto no aspecto físico, como no psíquico. Entre os invertidos do sexo feminino, há geralmente uma certa identificação com a atitude e o temperamento masculino** (BOLSONELLO, 1986, p. 91) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO) (grifos meus).

*Algumas profissões apresentam uma proporção de invertidos maior do que outras. A inversão não prevalece de maneira especial entre cientistas e profissionais da medicina; ela é mais frequente no meio literário e artístico, e na arte dramática é muitas vezes comum. Ela é também comum de modo especial entre cabeleireiros, garçons e garçonetes* (BOLSONELLO, 1986, p. 89).

*Os homossexuais adultos ‘se realizam’ através da moda unissex, do uso de adornos e cosméticos antes destinados apenas às mulheres: é um meio de satisfazerem abertamente suas tendências femininas* (BOLSANELLO, p. 89, 1986) (grifos meus).

O ofício do sujeito ainda era utilizado como “rastreador” de sua suposta homossexualidade e uma afirmação de Bolsanello (1986, p. 89) chamou minha atenção: “*A inversão não prevalece de maneira especial entre cientistas e profissionais da medicina*” (BOLSANELLO, 1986, p. 89). Cientistas e médicos “imunes” à inversão? A rotulagem não serve para essa classe profissional? Os/as operadores/as da medicina e da psicologia tinham algo em especial que os/as tornavam livres desse “tipo indesejável”? Esse pressuposto de Bolsanello (1986) nos mostra que a construção da homofobia traz inegavelmente as marcas da medicina.

O tema da homofobia apareceu em duas produções de perspectiva biologicista. Como apresentei anteriormente, Mullinar (1993) se limitou apenas a defini-la. Já o médico psiquiatra Içami Tiba (1994) teve o cuidado de explicá-la com mais detalhes.

*Como ter certeza de que seu filho será ou não homossexual? Os pais buscam indícios por todos os lados e vigilantes que estão, desde que os filhos nascem, os temores dos pais aumentam consideravelmente quando o filho exhibe uma gesticulação considerada afeminada* (TIBA, 1994, p. 117).

*Vivemos, particularmente no Brasil, imersos em uma cultura homofóbica, ou seja, que alimenta um intenso pavor com relação ao homossexualismo. A sociedade condena e desvaloriza a opção sexual diferenciada, seja pela violência, seja pelo desprezo preconceituoso* (TIBA, 1994, p. 115).

*[...] Sabemos que muitos homens adultos permanecem intolerantes com os homossexuais mesmo depois de adultos. Nesse caso, a opção sexual são foi totalmente resolvida ou há o temor de que, ao ser visto conversando com um gay, possa ser confundido com um deles* (TIBA, 1994, p. 119) (grifos meus).

Em *Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo das novas gerações* (ver Quadro-Resumo 36), Tiba (1994) discute as principais dificuldades que passam muitos pais de adolescentes quando a puberdade chega. Um dos temas que destaca em seu livro intitula-se “Fobia a homossexuais”.

A homofobia é compreendida por Tiba (1994) como um problema psicológico em que o sujeito agride porque não aceita sua homossexualidade internalizada. As “estruturas do



armário psicológico” são fortes demais para que o indivíduo se liberte. Então, a forma de canalizar suas angústias e limitações seria agredir o outro que lhe incomoda e ao mesmo tempo lhe excita. Em sua produção Tiba (1994) procura alertar os pais para que essa situação não se torne problemática porque muitos adolescentes do sexo masculino incorporam “*de forma até exagerada, o preconceito adulto em relação à homossexualidade*” (TIBA, 1994, p. 119). De forma exagerada? Tiba (1994) não estaria nos ensinando que incorporar o preconceito contra os homossexuais faz parte do processo psicossocial e que nos adolescentes isso deve ser modulado e controlado para que não se torne um exagero?

*A maior parte dos meninos, um pouco antes da onipotência pubertária, começa a incorporar, de forma até exagerada, o preconceito adulto em relação à homossexualidade* (TIBA, 1994, p. 119) (grifos meus).

Acredito que no discurso acima Tiba (1994) poderia estar pensando mais no/a adolescente heterossexual do que no/a adolescente homossexual. O trecho pode ser compreendido de várias formas e por outras lentes analíticas, mas o que me incomoda é perceber que em seu discurso pode estar presente uma operação naturalizante e reforçadora de homofobias sutis e veladas. O psiquiatra ao escrever sobre esse tema poderia simplesmente estar alertando pais, educadores/as e jovens para o fenômeno sociocultural da violência contra gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. Todavia, poderia também querer dizer em sua descrição: “Pais é assim mesmo, faz parte do processo de descoberta do adolescente e isso passa, mas cuidado! Prestem atenção! Eles podem agir assim, mas cuidem para que façam pouco, façam de forma moderada”. Desconfio que Tiba (1993) poderia achar que a agressão que adolescentes praticam contra outros adolescentes seria uma reação “normal” da “onipotência pubertária” (TIBA, 1994, p. 119) e que essa fase passa. Os adolescentes para chegarem ao topo da sexualidade convencional precisariam “extravasar” suas tensões e indefinições sexuais e o “saco de pancadas” utilizado para dissipar essas dúvidas e reafirmar sua tão almejada (será?) e cobrada heterossexualidade seriam as personagens da bicha louca, da bicha afetada, da bicha estereotipada ou, como disse Tiba (1994, p. 119), os “colegas afeminados”. No entanto, como forma de prevenção aos excessos, os pais devem conduzir os filhos e ensiná-los a praticar a moderação porque os problemas gerados por uma má orientação pode construir filhos violentos demais, estúpidos demais, cruéis demais. A agressão “moderada” do coleguinha “maricas” pode passar para o assassinato da travesti na pista de prostituição. Cuidado! Essas violências “exageradas” poderão levar seus filhos

heterossexuais para os tribunais porque hoje o discurso é outro: violentar gay é crime!

*Da mesma forma que acham que as mulheres são ou santas ou prostitutas, consideram que os homens são ou machos ou gays. Passam a ser particularmente cruéis com colegas afeminados e assim permanecem até que, mais velhos, partem para agredir travestis nas ruas. Os rapazes fazem isso porque são muito inseguros em relação à própria opção sexual. Como ainda não têm provas definitivas de que são homens, ou seja, capazes de se relacionar sexualmente com uma mulher, tentam prová-lo de outro modo. Ao agredir o colega afeminado, estão tentando provar a si próprios que são diferentes do agredido. Na verdade, batem no homossexual que pode existir dentro deles (TIBA, 1994, p. 119) (grifos meus).*

Então, o que fazer? Tiba (1994) ensina.

*A melhor atitude dos pais é ajudar a acabar com a homofobia dos filhos e **prepará-los para que não precisem se agarrar à primeira mulher que encontrarem pela frente, só para provar sua masculinidade** (TIBA, 1994, p. 119).*

Os filhos não precisam “se agarrar à primeira mulher que encontrarem pela frente” (TIBA, 1994, p. 119), mas precisam se agarrar a uma mulher. É condição *sine qua non* se agarrar a elas. E de preferência que seja uma mulher bonita, branca, rica, virgem, passiva e de boa índole. É fundamental ensinar aos adolescentes aspirantes a varões que a “primeira mulher que encontrarem pela frente” (TIBA, 1994, p. 119) pode lhes levar à perdição, à degradação moral e às doenças.

Caso os pais não consigam realizar a educação sexual heterossexualizante de seus filhos a partir de suas próprias concepções ou das recomendações inscritas em artefatos pedagógicos como os livros de sexualidade, os mesmos não devem desistir. A solução pode estar nas orientações dadas pelos especialistas no assunto.

*“O problema é que é praticamente impossível, para os pais, saber se uma criança é ou será homossexual, **a não ser com ajuda psicológica especializada.** Mas quando procurar um psicólogo?” (TIBA, 1994, p. 118-119).*

Para Tiba (1994): “O razoável é que essa atitude só seja tomada quando o garoto ou a menina começa a sofrer discriminação – e isso geralmente ocorre no início da adolescência” (TIBA, 1994, p. 119). Ou seria por outras preocupações, além das discriminações e violências que são perpetradas contra meninos e meninas identificados/as como “mariquinhas” e “sapatas”, respectivamente? De acordo com a psicóloga Marta Suplicy (1999), existem outros motivos que levam pais e professores/as a buscarem orientação de

profissionais da medicina e da psicologia – em seu livro ela relata um pouco sobre sua experiência como psicóloga clínica e descreve que não é incomum alguns/algumas docentes sugerirem aos pais/mães e responsáveis procurarem atendimento psicoterápico quando os/as mesmos/as percebem “estranhos modos” em seus/suas alunos/as no cotidiano escolar. Suplicy (1999) inclusive endossa a importância desse procedimento terapêutico como estratégia de “reabilitação” do menino afeminado ou da menina masculinizada. Ela indica o que denomino como “educação sexual ortopédica”. Aqui faço alusão às operações de disciplinamento do sujeito como pensou Michel Foucault (2008) em *Vigiar e Punir*. Acredito que a educação sexual – seja ela sistemática ou assistemática, na escola ou no ambiente familiar, utilizando recursos didáticos ou sendo consubstanciada por outros artefatos culturais – pode ser considerada como um mecanismo destinado à correção e/ou prevenção de algo que seja indesejado ou inaceitável de acordo com as normas sociais estabelecidas.

“O mundo está em vias de evoluir para um modelo hospitalar, e o governo adquire uma função terapêutica” (FOUCAULT, 2005, p. 9) sendo que o papel de determinados/as operadores/as da psicologia é o de adaptar os sujeitos ao processo de desenvolvimento, “segundo uma verdadeira ortopedia social” (FOUCAULT, 2005, p. 9).

**Os meninos que apresentam traços femininos muito acentuados, além das atitudes tomadas pela escola, devem ser encaminhados para atendimento psicológico** (SUPLICY, 1999, p. 88) (grifos meus).

**Meninos de pré-escola que apresentam comportamento feminino, ou que gostam de brincar com meninas, devem ser incentivados de maneira gentil, mas firme a participar das atividades mais tipicamente masculinas. Deve haver cuidado para este entrosamento ser feito de forma gradual, nos jogos em que o garoto possa ter um desempenho mais adequado** (SUPLICY, 1999, p. 87).

“Além das atitudes tomadas pela escola” (SUPLICY, 1999, p. 88), os “meninos afetados” e as “meninas carrancudas” devem “*ter um desempenho mais adequado*” de acordo com as orientações de Suplicy (1999, p. 87). Se a escola falha no desenvolvimento da educação sexual ortopédica que insiste em ensinar o catecismo heterossexual, se faz necessário investir em outras estratégias em que a família é uma importante aliada. Ela (a família), em casa e noutros ambientes de convivência, deve inspecionar e perceber as performances e os traços daquele corpo suspeito. Caberá também aos responsáveis pela educação do sujeito “esquisito” olhar seu desempenho em detalhes e investir em sua correção. Que desempenho? Que performances os “*meninos que apresentam traços femininos muito*

*acentuados*” (SUPLICY, 1999, p. 88) devem exercitar? Vale a pena retornar aos livros médicos do século XX e perceber que os discursos imprimidos em seus conteúdos ainda direcionam as práticas de médicos/as, psicólogos/as e profissionais da educação da atualidade, as orientações psicopedagógicas dadas Suplicy (1999), etc.

Década de 1950: *Medidas de caráter geral, preventivas: [...] Procurar a formação moral com relação ao sexo... Eliminar, do lar, os estímulos que possam perturbar o normal desenvolvimento sexual... Evitar no lar: a) carinho em excesso; b) abandono da criança à sua própria sorte... Entrar em contato com os amigos dos filhos, de maneira a conhecê-los o mais possível, moral e socialmente... No caso de fortes suspeitas de más companhias, intervir, decididamente, nas mesmas... Em caso de pouco sucesso ou de maiores dúvidas quanto ao comportamento sexual do filho, recorrer a um especialista, sem perda de tempo* (NÉRICI, 1959, p. 153-154) (grifos meus).

Década de 1960: **O filho homem deve ter interesses próprios do homem durante o desenvolvimento, a fim de identificar-se com atitudes masculinas, especialmente as que dizem respeito à responsabilidade e à formação do lar, inclusive a satisfação decorrente da paternidade** (CAPRIO; BRENNER, 1967, p. 229-230) (grifos meus).

Década de 1970: [...] **é necessário que se dê a esse menino uma nova orientação sob a qual ele se desenvolva no sentido adequado à sua peculiaridade masculina, provocando-se assim uma mudança na educação. [...] Certo sentido de agressividade, certa noção de não-aceitação de muita das condições das meninas é também, no começo, uma providência bastante sadia** (NETTO, 1975, p. 244, v.1) (grifos meus).

Década de 1980: [...] **o problema – se é que podemos chamá-lo assim – desaparece quando a criança recebe de um novo objeto suficientes compensações afetivas** (BOLSANELLO, 1986, p. 552) (grifos meus).

Analisando esses livros pude compreender que o discurso de Suplicy (1999) assim como de outros/as autores/as, apesar da linha do tempo que os separam, trazem similaridades e concordâncias. Essas ideias são constantemente atualizadas, revigoradas e quando necessárias utilizadas para reforçar o discurso padrão e a norma heterossexual instituída. É a *pedagogia dos manuais médicos* sendo praticada!

Demonstrei, nos capítulos 3 e 4, que a psicologia influenciou substancialmente os escritos sobre a homossexualidade principalmente a partir da década de 1950. Percebi, a

partir do *corpus* analisado, que o auge da influencia se deu entre os anos de 1960 a 1970 e que a área educacional muito absorveu as ideias desse campo. A epistemologia freudiana foi a que mais influencia teve nas produções e a homossexualidade era percebida como uma condição não mais constitucional ou orgânica, mas uma característica adquirida pelo hábito principalmente nas relações familiares. Esse pensamento ainda opera? Os/As autores/as da área educacional pós 1970 utilizaram-se da perspectiva psicológica para falar e ensinar sobre a homossexualidade e o/a homossexual? Em visita às bibliotecas das escolas públicas de ensino médio encontrei dois livros que apresentam a homossexualidade a partir da perspectiva psicológica. Nunes e Silva (2000) informam que “muito desse modelo ainda encontra eco nas escolas, professores que utilizam a psicologia tradicional como heurística” (NUNES; SILVA, 2000, p. 16).

Os livros analisados trazem como principal característica a ideia de que a homossexualidade não é uma doença. E, mesmo que alguns livros ainda operem com conceitos do biologismo, a tônica da discussão empreendida pela autora<sup>51</sup> tenta retirar o comportamento homossexual da condição de patologia. Percebi que a base teórica que a orienta é a psicologia psicanalítica de Sigmund Freud. Listo abaixo as principais informações e ideias sobre a homossexualidade presentes nos dois livros analisados.

- Adolescentes, pré-adolescentes e crianças são os sujeitos-objeto das discussões e o público esperado para a leitura são principalmente pais e professores/as;
- A homossexualidade seria uma característica desenvolvida no decorrer do desenvolvimento da criança;
- Informam que o fato de aparecer tendências homossexuais na criança e no adolescente não quer dizer que ele ou ela se tornará um/a homossexual quando adulto visto que nessa idade a tendência é desaparecer esse interesse e a pessoa então se inclinará para a heterossexualidade;
- Informam que o preconceito contra os homossexuais ainda é grande;
- Sobre estereótipos e preconceitos contra os homossexuais: argumentam que é importante cultivar o respeito e a solidariedade;
- Os livros problematizam sobre o estereótipo do homem afeminado e da mulher masculinizada e pontuam que é perigoso apontarmos as pessoas como sendo homossexuais tendo como perspectiva as características físicas e gestos corporais;


---

<sup>51</sup> Os dois livros catalogados são da mesma autora: Suplicy (1998) e Suplicy (1999). Mais detalhes consultar os Quadros-Resumos 38 e 39.

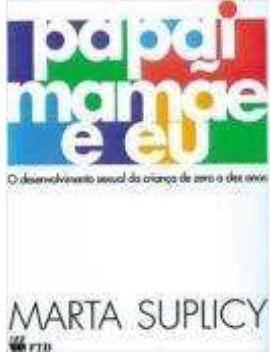
- A autora defende a importância do respeito às relações afetivas estabelecidas entre as pessoas homossexuais;
- A homofobia é tematizada e explicada. Todavia, não há uma problematização sobre os aspectos socioculturais da homofobia. Ela é percebida como um fenômeno individual e ligado principalmente à psicologia de quem a pratica;
- Os conteúdos presentes nas produções tentam desmistificar o conceito de homossexualidade como algo negativo. No entanto, operam com um discurso que tenta mostrar aos/às leitores/as a existência de formas de agir e conduzir aqueles e aquelas que apresentam (ou podem apresentar) um comportamento qualificado como homossexual. Existem, inclusive, indicações para pais/mães e professores/as de como combater a homossexualidade ou redirecionar o desejo para a heterossexualidade;

Os Quadros-Resumos 38 e 39 nos fornecem mais informações sobre os livros que apresentam conteúdos acerca da homossexualidade na perspectiva psicológica.

**Quadro-Resumo 38:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva psicológica extraídas do livro: SUPLICY, Marta. **Sexo para adolescentes:** amor, puberdade, masturbação, homossexualidade, anticoncepção, DST/AIDS, drogas. São Paulo: FTD, 1998. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Liceu Maranhense.

LIVRO	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação do autor:</b> psicologia.  <b>Ano da edição:</b> 1998.  <b>Público alvo:</b> adolescentes.</p> <p>-A autora discute variados temas que envolvem a sexualidade: conceito de sexo, puberdade, aspectos biológicos e reprodutivos da sexualidade, menstruação, gravidez, métodos anticoncepcionais, doenças sexualmente transmissíveis, drogas, amor, abuso sexual e assédio sexual e homossexualidade. A discussão realizada pela autora tenta ampliar a percepção em torno da sexualidade e, apesar de abordar temas que envolvam a subjetividade do corpo e do sexo, ainda traz fortes marcas do biologismo.</p>
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Temas abordados no capítulo sobre a homossexualidade: causas da homossexualidade, estereótipos e preconceitos contra os homossexuais e o tema da homofobia. Sobre as causas da homossexualidade a autora situa o tema como complexo e indefinido apresentando os pressupostos atuais que a Ciência se fixa para explicar esse fenômeno. Discorre sobre a possível causa biológica da homossexualidade em que o fator genético seria a explicação mais aceita e contundente. Apesar de se afeiçoar às explicações biológicas, a autora, além de explicar o mecanismo psicológico que pode estar relacionado à homossexualidade, deixa transparecer sua predileção por tal campo. As explicações sobre o mecanismo psicológico que leva o sujeito a ser homossexual estão estruturadas na psicanálise freudiana;</li> <li>• Estereótipos e preconceitos contra os homossexuais: a autora se posiciona a favor do respeito e da dignidade que temos que ter com os homossexuais. Fala que não devemos nos enganar com os estereótipos e que existem diversas formas dos sujeitos se expressarem. Defende que devemos respeitar as relações afetivas dos homossexuais.</li> <li>• Como discussão final, a autora problematiza sucintamente a homofobia. Explica o que é o termo; fornece informações sobre quem possivelmente pode ser um homofóbico e esclarece que a homofobia se caracteriza como uma ação de violência. Discute sobre projetos de lei tramitados no governo brasileiro acerca da união civil de homossexuais e o impacto de sua aprovação na minimização das violências sofridas pelos/as homossexuais.</li> </ul>	
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A autora faz indicações de leituras e sugere que os/as leitores/as assistam a filmes que abordam a temática homossexual.</li> </ul>	

**Quadro-Resumo 39:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva psicológica extraídas do livro: SUPPLY, Marta. **Papai, mamãe e eu:** o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos. São Paulo: FTD, 1999. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Cidade Operária, São Luís, Maranhão.

LIVRO	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação do autor:</b> psicologia.</p> <p><b>Ano da edição:</b> 1999.</p> <p><b>Público alvo:</b> obra dirigida a pais e educadores/as de crianças na faixa etária de zero a dez anos de idade.</p> <p>-Reconhece-se no texto uma clara intenção em discutir a sexualidade das crianças pelo viés psicológico. Não é uma obra que retrata somente os aspectos fisiológicos da sexualidade. Temas como desenvolvimento sexual da criança, reprodução, corpo, identidade de gênero, masturbação, nudez, sexo na TV, sentimentos, casamento e divórcio e homossexualidade são abordados no livro.</p>
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro não traz capítulo específico sobre a homossexualidade, mas no decorrer da obra o tema é abordado. Tematiza gênero afirmando que a sociedade padroniza comportamentos masculinos e femininos. A autora deixa claro seu posicionamento sobre o que é a homossexualidade. Usa os argumentos da teoria freudiana para explicar sua gênese nas crianças e posteriormente a expressão da mesma nos adultos. No capítulo intitulado <i>Orientação Sexual na Escola</i>, aborda o tema num tópico. Fala da dificuldade que pais e professores/as têm em lidar com o assunto e com algumas atitudes das crianças categorizadas como sendo práticas homossexuais iniciais.</li> <li>• Mesmo se baseando na psicanálise, a autora informa que as causas da homossexualidade são complexas e diferentes fatores concorrem para sua expressão. Aborda o tema do afeminamento em meninos dando orientações de como intervir e reorientar esse comportamento.</li> </ul>	
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A autora discute as fases do desenvolvimento psicosssexual da criança de forma detalhada e didática utilizando os pressupostos da psicanálise freudiana clássica. Apresenta diversas situações que pais e professores/as podem se deparar frente a atitudes e questionamentos dos/as filhos/as e alunos/as. Explicitamente encoraja pais e professores/as a agir sobre as atitudes do menino afeminado orientando-os/as a oferecer brinquedos e utensílios tradicionalmente masculinos para que ele mude seu comportamento. A autora acredita que a educação sexual na escola deve focar as dimensões fisiológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade pelo desenvolvimento da área cognitiva, afetiva e comportamental.</li> </ul>	



Suplicy (1998) expõe o tema da homossexualidade em um capítulo de seu livro *Sexo para adolescentes: amor, puberdade, masturbação, homossexualidade, anticoncepção, DST/AIDS, drogas*. No que se refere à abordagem sobre as causas dessa experiência a autora situa o tema como complexo e apresenta os pressupostos considerados por ela como mais atuais pela ciência biomédica. Suplicy (1998) discorre sobre a possível causa biológica da homossexualidade situando o fator genético como explicação mais aceita.

**Não se sabe ao certo por que um homem ou uma mulher se torna homossexual. Hoje, existem algumas pesquisas que apontam para uma modificação nos cromossomos dos homossexuais. Um grande número de psiquiatras e psicólogos acredita que as experiências emocionais com os pais têm influência decisiva na orientação sexual do indivíduo. Entretanto, hoje já existe grande questionamento sobre essa posição. Pesquisas recentes sugerem que o ambiente familiar e as experiências vividas não determinam a orientação sexual do adulto e apontam que fatores genéticos podem ter um papel predominante** (SUPLICY, 1998, p. 126-127) (grifos meus).

Apesar de se afeiçoar à epistemologia biomédica, a autora, além de expor o mecanismo psicológico que pode estar relacionado à homossexualidade, deixa transparecer sua predileção por esse campo. As explicações que ela fornece sobre os mecanismos psicogênicos que levam o sujeito a ser homossexual estão estruturadas na psicanálise freudiana.

*Baseia-se no trabalho do fundador da Psicanálise, Sigmund Freud. Em seus estudos sobre sexualidade infantil, ele aponta quatro razões para ocorrer a homossexualidade: a) a fixação em uma etapa anterior do desenvolvimento; b) o medo de castração diante do desejo pela própria mãe; c) o narcisismo que leva o indivíduo a procurar alguém igual a si; d) a identificação da menina com o pai e do menino com a mãe. Freud mostra que, nas suas relações de amor e de ódio, a família pode desencadear conflitos que acabam por dar origem a diferentes caminhos, dentre eles a homossexualidade* (SUPLICY, 1998, p. 128) (grifos meus).

Suplicy (1998) não se limita a falar apenas das causas da homossexualidade e envereda para a discussão dos preconceitos. Reconheço que nesse ponto a autora tenta se distanciar dos pressupostos biologizantes e morais da *pedagogia dos manuais médicos* e pratica a problematização do tema. A homossexualidade nesse ponto é abordada de forma reflexiva pela autora que defende a ideia da prática do respeito aos/às homossexuais. Para ela, o respeito é uma ação que deve ser colocada em evidência quando nos posicionamos diante das pessoas homossexuais.

*O homossexual merece nossa consideração e respeito como ser humano. Ele não é melhor nem pior que o heterossexual e não deve ser discriminado pela sua preferência sexual. Muitos homossexuais estão satisfeitos do jeito que são. Os relacionamentos homossexuais podem ser agradáveis e profundos, tais como os heterossexuais, mesmo que a sociedade ainda rejeite esse tipo de relacionamento (SUPLICY, 1998, p. 128).*

Explicita que não devemos nos enganar com os estereótipos e que existem diversas formas do sujeito viver sua sexualidade.

*Muita gente pensa que o homossexual sempre apresenta trejeitos, ou tem profissão artística, ou é cabeleireiro, decorador, e é magrinho. Não é verdade: em qualquer profissão existem homossexuais. Quanto à aparência, existem homossexuais campeões de atletismo, outros com cara de executivos caretas e lésbicas lindas e femininas. O homem de aspecto mais delicado, que não joga bola, às vezes sofre gozação na escola, assim como a jovem que não segue os padrões tradicionalmente femininos de se vestir ou de se comportar (SUPLICY, 1998, p. 127).*

Como discussão final, a autora problematiza sucintamente a homofobia. Explica o que é o termo, fornece informações de quem possivelmente possa ser um sujeito homofóbico e esclarece que a violência praticada contra gays e lésbicas é combatida por grupos que os defendem. Além disso, informa resumidamente sobre as estatísticas dos assassinatos de pessoas homossexuais. Minha sensação ao ler esse trecho do capítulo desenvolvido por Suplicy (1998) é que seu discurso leva os/as leitores/as a compreender que o tema é mais complexo do que se imagina.

*Homofobia é o nome que se dá a atitudes negativas e medos em relação à homossexualidade. Geralmente são homofóbicos os que **não trabalham o próprio desejo homossexual dentro de si.** Marginalizar e zombar do homossexual são formas de **se sentir aliviado e distante do seu próprio desejo** (SUPLICY, 1998, p. 128) (grifos meus).*

*Nos últimos anos as atitudes diante da homossexualidade têm sido discutidas principalmente pelos ativistas dos direitos humanos. No Brasil é assassinado um homossexual a cada três dias, o que mostra o nível de homofobia existente (SUPLICY, 1998, p. 128).*

Mesmo tentando ampliar o conceito de homofobia listando aspectos sociais que envolvem a vida dos/as homossexuais, a autora enfoca-o dando prioridade a uma discussão

psicológica. Essa perspectiva pensa a homofobia apenas a partir dos sujeitos envolvidos com essa violência: o/a homofóbico/a e a pessoa que sofreu a agressão – o homossexual. Para Suplicy (1998), o sujeito qualificado como homofóbico desenvolveu problemas psicológicos e não consegue se relacionar e aceitar quem é homossexual ou aceitar sua homossexualidade (muitas vezes o homofóbico é homossexual). Mas, como irei apresentar no item 5.3, que aborda a discussão da homossexualidade numa perspectiva qualificada por mim como sociocultural, a homofobia é muito mais que um problema individual e psicológico. Ela configura-se como uma situação que pode estar relacionada, muitas vezes, a questões histórico-sociais culturalmente produzidas a partir de discursos religiosos, jurídicos e médicos encaminhados por poderosas instituições sociais como a igreja, a medicina, a família e a escola. Foram instituições que produziram (produzem) discursos discriminantes, preconceituosos, estigmatizantes e violentos acionados contra aqueles e aquelas identificados como homossexuais.

### 5.3 Educação sexual presentificadora

Quando na atualidade presenciamos, por exemplo, o recrudescimento de discursos preconceituosos acionados contra os/as homossexuais e neles percebemos que sua constituição estrutura-se a partir de diferentes saberes historicamente construídos tendo como pano de fundo discursos da religião, da moral e da medicina, fica evidente o movimento, a mutabilidade, a instabilidade e a capacidade de readaptação dessas estruturas discursivas. Os discursos produzidos ao longo da história podem a qualquer momento ser exumados e transitar novamente com todo vigor. Vejamos uma notícia recentemente divulgada na internet sobre a celeuma nacional causada pela atitude do Ministério da Educação (MEC) em aprovar a produção de um material didático em formato de vídeo cujo conteúdo problematiza a homossexualidade e a homofobia no ambiente escolar. O blog noticiou o seguinte:

[...] fico sabendo que o kit gay do MEC, *aquele mesmo que quer incentivar crianças a serem lésbicas e homossexuais*, como se já não bastassem as novelas da Rede Globo, custou até o presente a bagatela de 3 milhões. E mais, os vídeos de apologia declarada ao *homossexualismo* ainda foram premiados pelo MEC. Bem, *ai não dá para aguentar*, usar meu dinheiro para [...] financiar *safadeza* é demais. Estamos a mercê destes dirigentes sem escrúpulos, sem ética, *sem moral*, que se locupletam dos recursos públicos. [...] E ainda me vem a informação de que agora que *a sociedade está caindo de pau no kit boiologem* o ministro da educação diz que não tem nada aprovado, tem só um projeto que ainda vai e vem, que ainda vai ter muita alteração, ou seja, os três milhões foram para o lixo. Existe nesse país inúmeras ONGS e *trabalhos sérios de igrejas protestantes, católicas, centros espíritas* que tiram pessoas das ruas e das drogas, dão roupa, comida e estudo, e não recebem um centavo do governo. Estes projetos ou fazem tudo para conseguir doações de

abnegados ou fecham as portas. Agora [...] para um projeto totalmente *contra a natureza* e a *família*, o dinheiro aparece fácil. Enquanto a população não se manifestar e pressionar *essa gente* nosso dinheiro e *nossos valores irão para o ralo*. [...] Se isso aqui virar a *república cor de rosa*, muitos de terno e gravata, bigodão e voz de macho se sentirá em casa. E você? Quer ver sua filha chegar com uma namorada em casa; ou seu filho lhe apresentar o Roberto? *Abramos o olho enquanto é tempo*<sup>52</sup> (Grifos meus).

O texto produzido por Fernando Teixeira, autor do blog, nos mostra a produtividade e atualidade da *pedagogia dos manuais médicos*. Esses pressupostos são culturalmente construídos e acompanham aqueles e aquelas que vivem a experiência homossexual ou mesmo a experiência bissexual ou transexual e também, talvez, aqueles e aquelas que vivem experiências que não podemos definir por apresentarem identidades líquidas, não identificáveis porque vazam, são complexas, não podem ser nominadas, são mutantes (BAUMAN, 2001). E isso incomoda porque a lógica é o padrão, é a díade, é o discurso binário (SILVA, 1999; LOURO, 2009, 2007, 2004; LIONÇO; DINIZ, 2009; BENTO, 2008, 2006). A lógica é a população “pressionar essa gente” (MEC FINANCIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011) para que os valores morais e a ética heterossexual não sejam canalizados “para o ralo” (MEC FINANCIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011), local que foi delimitado para os viventes da “boiolagem” (MEC FINANCIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011), ou melhor, para a “república cor de rosa” (MEC FINANCIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011).

O que nos ensinam a todo tempo é que existe o bom e o mau – no consultório médico, no confessionário da Igreja, na conversa com o/a pastor/a, na sala de aula, no campo de futebol, no salão de beleza, nos gabinetes do Governo, nos livros e na internet, dentre outros espaços de aprendizagem e socialização. A todo o momento somos estimulados a pensar pelas oposições: o certo e o errado (SILVA, 2009; FURLANI, 2005a; LOURO, 2004; BUTLER, 1999). Mas, não apenas “o certo” e “o errado” na acepção das palavras. Existe uma produção discursiva que tenta totalizar o certo como bom e o errado como ruim. Existe uma intenção em colocar o certo como metanarrativa, como “a narrativa certa” para todos/as. A sexualidade certa e a sexualidade errada. O sexo convencional e o sexo “contra a natureza”, como expressou o blogueiro maranhense. Para ele existe o “heterossexualismo”, a república dos que podem e estão autorizados pela sociedade a exercê-la sem restrições. As relações convencionadas como heterossexuais devem ser estimuladas e valorizadas e, para manter o *status* de “naturalidade”, é condição necessária rechaçar o Outro. Desprezar e estigmatizar o

<sup>52</sup> MEC FINANCIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE. Blog do Fernando Teixeira. Disponível em: <http://fernandofts.blogspot.com/search?q=pl+122>. Acesso: 16 junho 2011.

“de gravata, bigodão e macho” (MEC FINANÇIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011) que confunde “o certo” porque é “errado” um macho de gravata e bigode gostar e se relacionar afetiva e sexualmente com um “de gravata, bigodão e macho”. O rechaço e desvalorização de seu pólo, o “homossexualismo”, deve estar sempre operante porque depende deste para manter o discurso heteronormativo (BRITZMAN, 1996). “A república cor de rosa” (MEC FINANÇIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011) é sempre uma ameaça, mas uma ameaça produtiva. Para Judith Butler (1999), as sociedades produzem discursos que regulam a sexualidade dos sujeitos sendo que essas “normas regulatórias” precisam ser ininterruptamente repetidas e endossadas. No entanto, Butler afirma que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 1999, p. 54). Mesmo havendo resistências e contestações, os corpos disparatados precisam ser expostos para reiterar sua incompatibilidade social: “daí que essas normas precisam ser constantemente citadas, reconhecidas em sua autoridade, para que possam exercer seus efeitos” (LOURO, 2004, p. 44).

Quando o blogueiro disse “E você? Quer ver sua filha chegar com uma namorada em casa; ou seu filhão lhe apresentar o Roberto? Abramos o olho enquanto é tempo” (MEC FINANÇIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011), alerta, em escala planetária – tendo em vista que o blog é um artefato cultural inserido na rede mundial de computadores –, com limpidez e sem rodeiros que o discurso heteronormativo precisa ser acionado para conter a “safadeza” porque senão, segundo o blogueiro, os “nossos valores irão para o ralo”. O olho aberto poderá impedir que “a república cor de rosa” se manifeste e mostre não somente o “rosa estigmatizado”, mas outros tons do “rosa”. Tons diferentes, tons que incomodam porque quem teve poder para escrever a história, disse em um dado momento que a experiência homossexual era pecado, imoralidade, doença, perversão, prática nojenta e antinatural. Afirmou-se – usando-se diferentes cânones (religioso, moral, legal, científico) – que esse tom não tem tonalidade. Esse tom, parafraseando o referido blogueiro, é “totalmente contra a natureza e a família” (MEC FINANÇIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011).

O discurso que aparece é o da família modelo – diga-se de passagem, do modelo heterossexual tradicional (COSTA, 2004; FURLANI, 2005a; VIANNA, RAMIRES, 2009). A representação de costumes defendida é aquela que personifica os hábitos da “maioria”. Por isso, é importante abrir “o olho enquanto é tempo” (MEC FINANÇIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011). A “maioria” se sente ameaçada “por esse tipo de comportamento” que quer aparecer “no kit da boiologem” (MEC FINANÇIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011). Eles não devem aparecer! Os *qualiras* não devem mostrar o

que fazem, o que querem e o que desejam fazer. Caso isso aconteça e a “safadeza” apareça ou os “sem moral” resistam em querer aparecer, a sociedade deve “cair de pau” na “república cor de rosa”, como disse o blogueiro Fernando Teixeira (MEC FINANÇIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011). “Cair de pau” pode ser traduzido como violência simbólica, implícita, tácita, mas também violência com requintes de crueldade: *bullying*, surras e assassinatos. Acomoda-se ainda mais o que caracterizamos como homofobia. É o que a “boiolagem” merece. Não foi assim que professou o blogueiro maranhense? (MEC FINANÇIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE, 2011).

“Homossexualismo”, “safadeza”, “sem moral” e “contra a natureza”, palavras e expressões manifestadas no texto do blogueiro Fernando Teixeira e que soam para muitos como corriqueiro e “natural”. Para outros não. Hoje, não me enquadro na categoria dos que acham que essas palavras são de uso desprezioso e sem nenhuma conotação pejorativa. Dou importância a elas. O uso naturalizante desses termos me incomoda. Desestabiliza-me enquanto sujeito que vive o objeto. Faz-me estranhar ainda mais as ciências que outrora tinha deferência e paixão. Venho das ciências médicas e naturais. Sou graduado em Farmácia-Bioquímica, Biologia e Química. Realizei mestrado na área da saúde e fiz duas especializações com temáticas que atravessavam os campos da medicina e da biologia. Tenho consciência que das ciências médicas não posso apagar suas marcas incrustadas em meu corpo e em minha mente. A forma de escrever, pensar e organizar esta tese traz traços indelévels de minha formação médica e biológica.

Isso não quer dizer que abandonei ou relaxei o discurso biomédico. Muito pelo contrário, me aproximo cada vez mais. Agora com desconfiança, com estranheza. O discurso da patologia me fascinava porque era a partir de suas proposições que encontrava as respostas para qualificar meu trabalho como operador da medicina. Lidava<sup>53</sup> com o normal e o patológico sem pensar sobre os efeitos que isso gerava ao qualificar uma pessoa, um corpo, uma célula, uma mente a parte dessa polaridade. Hoje, agrada-me problematizá-lo quando suas proposições são utilizadas para (des) qualificar o diferente.

Acredito que, ao descrever e problematizar o que denomino de *pedagogia dos manuais médicos*, estou realizando um exercício desconstrucionista e, ao demonstrar o caráter construído e mutante de discursos que operaram (operam) na desqualificação do/a

---

<sup>53</sup> Na verdade ainda lido. Apesar de ter me afastado do labor da assistência farmacêutica e das atividades como analista em patologia clínica laboratorial por ter escolhido me dedicar exclusivamente às atividades de docência na Universidade, participo de equipes multidisciplinares que investigam doenças tropicais no Maranhão, tanto na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

homossexual ao longo de todo o século XX (e que não parou), estou construindo outro discurso. Não posso perder de vista que meu discurso sobre a *pedagogia dos manuais médicos* gerou outro discurso: o discurso que tenta presentificar<sup>54</sup> os/as homossexuais. Acho produtivo o que Musskopf (2008a) propõe na Teologia: a presentificação de gays e lésbicas por meio da utilização da percepção teológica como possibilidade de realização dessa ação. A partir dessa ideia, vejo que no campo educacional é possível presentificar os/as homossexuais, bissexuais, travestis, transgêneros, etc. Em vários espaços sociais como na igreja, na escola, nos hospitais, nos clubes, nos livros, na internet, etc., é possível discursar sobre outros modos de compreender a homossexualidade. Nesses ambientes, além das ideias já conhecidas e que constantemente são revigoradas sobre a homossexualidade, também existe lugar para outras ideias, outras informações e outras formas de falar sobre a experiência homossexual. Como bem salientou Musskopf (2008a), é válido expor os universos da homossexualidade que são (des) conhecidos. Existe por parte de quem se sente gay, lésbica, trans, etc., uma vontade de dizer, de se expressar, de falar sobre suas experiências, assim como existe uma vontade de saber sobre eles e elas.

Bento (2008), Furlani (2008, 2007, 2005a, 2005b, 2003), Louro (2009, 2008a, 2008b, 2007a, 2007b, 2006, 2004, 2003, 2001a, 2001b, 2000, 1999) têm discutido as operações desconstrucionistas no campo educacional. Ambas acreditam no potencial destabilizante que a teoria *queer* pode promover na escola. Destabilizante no sentido de colocar o currículo em xeque e demonstrar que seu conteúdo é impregnado de ditames heterossexistas e homofóbicos. Ela (a teoria *queer*) não pode ser vista apenas como acusadora, irreverente e subversiva. O agir *queer* pode ser propositivo no sentido de chamar a atenção para se pensar novas formas de perceber as relações sociais.

Louro (2004) propõe um estranhamento do currículo e sua revisão a partir da perspectiva *queer*. De acordo com sua linha de raciocínio, sendo o currículo generificado, ele reforça que determinado sexo indique determinado gênero e este gênero induza a desejos e gostos específicos. Desta feita, não há lugar no currículo convencionalmente trabalhado para a ideia de multiplicidade/pluralidade de sexualidade ou de gênero, pois ainda hoje a maioria das pessoas não admite a possibilidade de ser associada a formas não hegemônicas de sexualidade. Tornar *queer* o currículo implica trabalhar com conhecimentos aos quais se tem resistência em serem desenvolvidos, ou porque implicam em adotar um posicionamento

---

<sup>54</sup> Termo utilizado por André Sidnei Musskopf (2008a, 2008b) para defender a ideia de que gays e lésbicas devem ser visibilizados. Musskopf (2008a, 2008b) utiliza-se da experiência teológica ao propor a presentificação como mecanismo visibilizante dos LGBT.

desconfortável dentro de uma ótica androcêntrica culturalmente estabelecida.

Tornar *queer* o currículo é uma forma de resgatar a dignidade das sexualidades não-hegemônicas. Esse resgate é possível se usarmos metodologias problematizadoras e desconstrucionistas como fez Musskopf (2008b) ao propor uma nova forma de fazer teologia. Em *Veadagens teológicas*, título de seu ensaio teórico, Musskopf (2008b) nos faz pensar sobre os mecanismos opressivos pelos quais passam as pessoas marcadas como “veados”. Para refletir sobre as táticas invisibilizantes operadas pelo projeto homofóbico, ele se utiliza de um interessante recurso metodológico: a leitura pictórica. A partir da análise de uma pintura de Frida Kahlo, o quadro “La venedita”<sup>55</sup>, o teólogo nos estimula a “enxergar” as cores e as dores da diversidade machucada (EGGERT, 2008). Sua proposta metodológica resgata os termos “veado” e “veadagem” retirando-os da linguagem popular estigmatizante e situando-os no campo da reflexão. Ele subverte o conceito de “veadagem”. Torna-o *queer*, contextual, subversivo e político.

Concordo com Musskopf (2008b) quando diz que “veadagem” não é apenas “bichice”, como insiste em grafar o dicionário Aurélio: “atos ou trejeitos exagerados de certos homossexuais; bichice”<sup>56</sup> (FERREIRA, 1999, p.2051). Na verdade, Ferreira (1999) acaba por endossar o imperativo da cultura homófoba. Ao simplificar e marcar o termo “bichice” como “chulo”, o dicionarista ensina que os veados são pessoas “baixas”, “ordinárias” e as “veadagens” são ações desnecessárias, fúteis, inadequadas.

Na cultura popular brasileira, “veadagem” refere-se àquilo que é considerado próprio aos veados (homossexuais), podendo ser usado por homens (supostamente) heterossexuais para classificar ações ou atitudes que fujam do padrão de masculinidade socialmente aceito, como chorar, expressar sentimentos em público, abraçar e demonstrar afeto por outro homem. Uma advertência de que se está entrando em terreno perigoso, daquilo que pode expressar ou levar o indivíduo à condição incômoda de “veado”, traindo sua identidade masculina. Também se refere àquilo que é desnecessário, fútil, inadequado, uma “frescura”, por assim dizer (MUSSKOPF, 2008b, p. 103).

Condição incômoda porque denuncia, segundo a lógica heterossexista, um feminino “fora do lugar”. Denuncia delicadeza, amorosidade, ternura e fragilidade. Características associadas às mulheres e inadmissíveis naqueles que devem propagar a dureza, a frieza, a força, o equilíbrio e a razão. Ser “veado” é ser afeminado, ensina o *Dicionário de Sexo*:

<sup>55</sup> *La venedita* foi pintado por Frida Kahlo em 1946 (MUSSKOPF, 2008b).

<sup>56</sup> Mattoso (2005, p. 311) também grafa o termo *veadagem/viadagem* como sinônimo de bichice. Escreve que veadagem é frescura.



*Veado*: termo de gíria para o homossexual de aparência efeminada. Também, menino ou homens efeminados, que parecem se identificar mais com as mulheres do que com os homens. O “veado” evita atividades violentas, esportes agressivos e brutalidade, o que, no mundo ocidental, ainda está associado à masculinidade. Em vez disso, prefere atividades mais calmas e delicadas, como trabalhos artísticos, tricô e culinária (GOLDENSON; ANDERSON, 1989, p. 278).

Musskopf (2008b) redimensiona o conceito de “veadagem”. Primeiramente ele retira as aspas do termo: de “veadagem” para veadagem. Agindo assim, o autor, a partir do campo teológico *queer*, desconstrói e desnaturaliza a veadagem como ação volátil, fútil e de pouco valor. Defende que a ideia de veadagem “pode ser (e é) relevante” (MUSSKOPF, 2008c, p.104), produtiva, articuladora, visibilizante e presentificadora. Segundo ele, “auxilia a presentificar os sujeitos sociais identificados com essa terminologia” (MUSSKOPF, 2008b, p. 105). Para o teólogo *queer*, “fazer veadagem implica, em primeiro lugar, reconhecer a presença dos veados. Seu conhecimento e sua visibilidade têm se tornado fato nos diversos âmbitos e esferas de atuação social. Por isso, também na teologia eles saem do armário e ousam dizer-se” (MUSSKOPF, 2008b, p.105).

Presentificar é uma ação de resistência, uma forma de não se calar, de se expor, de se mostrar e se fazer presente quando a norma heterossexista tenta impor sua lógica. Vejo a presentificação como uma ação contra o heterocentrismo, o sexismo, o machismo, a misoginia, o racismo e a homofobia. A presentificação é uma atitude desconstrucionista porque coloca em xeque o texto naturalizante do binarismo heterossexualidade-homossexualidade.

Entendo que agir presentificando-se ou trabalhar na presentificação do outro é uma estratégia discursiva que visa desestabilizar a política do silenciamento. Durante séculos os/as homossexuais foram submetidos e se submeteram ao silêncio, ao ostracismo e ao saber-poder de diferentes instituições sociais.

O silêncio sobre a homossexualidade oprime as pessoas homossexuais de duas formas. Primeiro, porque impede o acesso a quaisquer informações, até mesmo sobre a experiência de outras pessoas que poderiam auxiliar na construção de sua identidade. Segundo, porque, por meio da política do “don’t ask, don’t tell (não pergunte, não conte), sua experiência permanece relegada ao território do não-dito, do não-pronunciado (MUSSKOPF, 2004, p. 157).

O silêncio, em ambos os casos, segundo Musskopf (2004), garante a invisibilidade dos LGBT e acaba sendo um dos mecanismos de controle das pessoas qualificadas como homossexuais. A invisibilidade faz parte dos mecanismos pelos quais opera a *pedagogia dos manuais médicos*.

O quadro *La venedita* mostra o rosto de Frida Kahlo num corpo de um veado. Na representação pictórica o animal está todo flechado. Muitas flechas. O rosto de Frida denota passividade. O veado está machucado, sofrido, reprimido, coagido, procurando abrigo sem encontrar. Ao realizar o exercício metodológico proposto por Musskopf (2008b) atentei para os seguintes detalhes:



Fonte: Frida Kahlo. *The little deer*. Oil on masonite. 1946.<sup>57</sup>

- O veado apresenta flechadas: nove flechas que representam muito. Representam o imperativo patriarcal heteronormativo. Faz pensar sobre nove pressupostos que insistem em retroalimentar o projeto homofóbico: silenciar, discriminar, estigmatizar, punir, violentar, tyrannizar, coagir, machucar e matar. Essas flechas sangram, machucam, doem, marcam...;
- As árvores próximas ao animal violentado estão numa disposição que nos faz lembrar grades. Temos a impressão de ser uma cadeia, uma prisão, um reduto, um gueto. Constantemente aprisionam os veados. Eles se tornam reféns de um sistema que insiste em fechar as portas (de casa, do trabalho, da escola). O veado de Frida está preso e encurralado nos pressupostos heterossexistas;
- A face de Frida é gélida, passiva, insatisfeita. Denota silêncio. Silêncio forçado. Silêncio que também pode significar recusa, protesto ou talvez seja a forma como ela encontrou de mostrar sua indignação.

<sup>57</sup> Fonte: Olga's Gallery: <http://www.abcgallery.com/K/kahlo/kahlo65.html>; Acesso: 17 de maio de 2010.

Precisamos resgatar a dignidade da diversidade machucada como nos lembra Eggert (2008). Digo mais: é importante que resgatem a alteridade machucada. Fundamental é que percebamos o outro, suas possibilidades, seus gostos, sua beleza, suas potencialidades sem utilizar a diferença para marcá-lo, posicioná-lo e aprisioná-lo. Entendo que praticar a alteridade é enxergar o sujeito em sua ética e perceber a nossa também. Resgatar a alteridade machucada utilizando o campo educacional como prática significa: sermos críticos, éticos, não nos deixar intimidar por discursos e pressupostos naturalizantes e utilizar o magistério e o discurso professoral para problematizar o instituído como natural. É também aproveitar o espaço da cátedra para discutirmos o invisível, o padrão, o essencializado. O discurso docente hiper-crítico e problematizador contribui para abalar e arranhar as “certezas” do projeto heterossexista que tem na *pedagogia dos manuais médicos* uma grande aliada.

Segundo Louro (2001), “é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão” (LOURO, 2001, p. 549). A presentificação de gays e lésbicas nos currículos seria uma possibilidade de mudança dessa lógica. É o que também pensa Furlani (2005a): “Parece que essa inclusão curricular das representações de gays e de lésbicas pode ser vista como uma estratégia possível de agir contra a homofobia, da mesma forma que pode ser vista como uma estratégia de subversão” (FURLANI, 2005a, p. 278).

Se na teologia é possível (MUSSKOPF, 2008a, 2008b), acredito que no campo educacional também seja e isso pode ser feito utilizando o espaço escolar para tocar em temas que não são abordados. Utilizar-se das veadagens para descortinar “aqueles assuntos” que “ferem a moral e os bons costumes”. A escola pode ser um espaço problematizador como querem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). No entanto, problematizar não apenas os temas que agradam, os temas “oficiais”, os assuntos da “maioria”. Precisamos discutir os temas que desconcertam, intimidam, ruborizam. Trazer o veado de Frida como recurso didático e discutir o não-visível da pintura. Apontar os outros sentidos das nove flechas, suscitar questionamentos que façam perceber a agonia do veado, o sofrimento de Frida, discutir os sentidos daqueles troncos e mostrar a alteridade machucada, por exemplo.

Realizar todos esses investimentos não é fácil, mas é possível. A tentativa de presentificação da homossexualidade em vários espaços sociais não é um movimento de agora. Basta olharmos para a história do movimento homossexual brasileiro e constatar que desde o final da década de 1970 ativistas de todo o Brasil vêm lutando por visibilização (BRASIL, 2004; CARRARA, 2006, 2005, 2004).

O projeto homofóbico avança, mas as resistências também. A luta contra a homofobia é um tema emblemático no movimento homossexual onde um dos campos considerados de maior destaque para promover a dignidade e cidadania de LGBT é a Educação. Os movimentos sociais LGBT vêm nas ações educativas a possibilidade de minimização das violências perpetradas contra pessoas categorizadas como homossexuais.

As pressões do movimento homossexual geraram algumas conquistas como o Programa *Brasil Sem Homofobia* (Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e a Promoção da Consciência Homossexual) desenvolvido pela Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal (BRASIL, 2004).

O *Brasil sem Homofobia* (BRASIL, 2004) traduz muito bem os anseios e as conquistas do movimento homossexual e nele percebemos algumas intenções de promoção da presentificação de LGBT. Esse Programa apresenta um conjunto de ações destinadas à promoção do direito à diversidade sexual e ao combate às várias formas de violação dos direitos humanos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. Ações na área educacional vislumbram os seguintes objetivos:

- Elaborar diretrizes que orientem os Sistemas de Ensino na implantação de ações que comprovam o direito ao cidadão e à não-discriminação por orientação sexual;
- Fomentar e apoiar curso de formação inicial e continuada de professores na área da sexualidade;
- Formar equipes multidisciplinares para avaliação dos livros didáticos, de modo a eliminar aspectos discriminatórios por orientação sexual e a superação da homofobia;
- *Estimular a produção de materiais educativos (filmes, vídeos e publicações) sobre educação sexual e superação da homofobia* (grifos meus);
- *Apoiar e divulgar a produção de materiais específicos para a formação de professores* (grifos meus);
- Divulgar informações científicas sobre sexualidade humana;
- Estimular a pesquisa e a difusão de conhecimentos que contribuam para o combate à violência e à discriminação de GLBT;
- Criar o Subcomitê sobre Educação e Direitos Humanos no Ministério da Educação, com a participação do movimento de homossexuais, para acompanhar e avaliar as diretrizes traçadas (BRASIL, 2004, p. 22-23).

Considero que “estimular a produção de materiais educativos” (BRASIL, 2004, p. 23) e “apoiar a divulgação de materiais específicos para a formação de professores” (BRASIL, 2004, p. 23) como forma de superação da homofobia são estratégias de presentificação. Atualmente o Ministério da Educação (MEC) bem que tentou, mas foi silenciado. Um silenciamento apoiado em escala nacional. As mídias agiram de forma rápida, implacável e produtiva. Imprensa radiofônica, escrita, televisiva, redes sociais, etc., todas se uniram para propagar que a homossexualidade não deve ser discutida no ambiente escolar. A celeuma do “kit gay”<sup>58</sup> trouxe à tona os caducos, mas ativos, discursos moralizantes. Fez emergir as ideias naturalizantes do discurso biomédico higiênico. Fez perceber que a *pedagogia dos manuais médicos* está mais produtiva do que nunca. Essas ideias operam sempre. É só aparecer um movimento que tenta desconstruir suas proposições. Esses discursos acompanham as sexualidades subordinadas: “Tinha certeza que o Brasil não iria aceitar esse tipo de comportamento. Quem educa filhos são os pais, governo não tem direito de dizer como a família deve fazer”, argumentou o senador Magno Malta, Presidente da Frente Parlamentar Mista em Defesa Permanente da Família Brasileira, ao se posicionar radicalmente contra o material didático proposto pelo Ministério da Educação para discutir a homossexualidade na escola. Disse ainda: “Fizemos pressão, lutamos em defesa da moral, da ética e dos bons costumes. [...] Prevaleceu a lei do bom senso e a maioria falou mais alto”<sup>59</sup>.

A maioria falou (e fala) mais alto e o discurso heteronormativo se impôs. Resultado: veto do Governo Federal ao material educativo que problematizaria a homofobia na escola. Isso demonstra que a maioria age potencializando o discurso do binarismo e (des) qualificando as experiências sexuais convencionadas como estranhas, esquisitas, repugnantes e antinaturais. A maioria resiste. A minoria também.

A resistência LGBT está em todos os espaços inclusive nos artefatos culturais. Em visita às bibliotecas de escolas públicas de ensino médio de São Luís tive a oportunidade de catalogar quatro livros de sexualidade e educação sexual cujos conteúdos vão contra a lógica heteronormativa. Tais livros mostraram-me que os/as autores/as tentam desconstruir as lógicas biologicista, naturalizante e higiênica em torno da homossexualidade ao problematizarem a educação sexual. Os livros analisados trazem como principal característica a ideia de que a homossexualidade é um tema que deve ser abordado tendo

<sup>58</sup> Expressão que alguns setores da imprensa brasileira e determinados parlamentares do Congresso Nacional deram ao material didático que iria ser distribuído pelo Ministério da Educação para servir de apoio didático-pedagógico aos/as docentes e alunos/as de escolas brasileiras para que discutissem a homossexualidade e a homofobia.

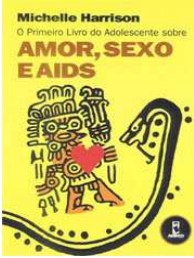
<sup>59</sup> EXPRESSOMT – A notícia em primeira mão. Presidenta Dilma atende Frente em Defesa da Família e suspende kit gay. Disponível: <http://www.expressomt.com.br/noticia.asp?cod=140225&codDep=11>

como princípio o respeito, a dignidade, e, acima de tudo, uma manifestação presente em diferentes culturas e percebida a partir de diferentes pontos de vista. Listo abaixo as principais ideias sobre a homossexualidade nas quatro produções catalogadas:


- O público a quem as obras são direcionadas: professores/as e adolescentes;
- A homossexualidade não é percebida como patologia. Para os/as autores/as, as pessoas são homossexuais assim como podem ser heterossexuais, bissexuais, transexuais, assexuais, etc.;
- O biologismo é colocado em xeque;
- A homossexualidade é uma característica construída na (pela) cultura;
- Os/As autores/as têm a preocupação de informar aos/às leitores/as como o preconceito se constrói e utilizam-se da história e da cultura para demonstrar que as agressões e vexações que os/as homossexuais ainda passam são frutos e reflexo de ideias, discursos e representações acionadas por diversas instituições sociais como a igreja, a medicina e a família;
- A homofobia é discutida pelo viés sociocultural. Os/as autores/as demonstram que práticas homofóbicas são violências alimentadas por muitos fatores como a inferiorização do feminino, a padronização dos papéis sexuais e sociais, o machismo, o sexismo, a misoginia, o racismo, a xenofobia, etc.;
- Alguns livros listam metodologias e técnicas para discutir o tema principalmente na escola. Os/as autores/as fornecem algumas dicas de como abordar o tema e sugerem que o assunto deva ser abordado a partir de discussões, conversas e, principalmente, pela via da problematização.

Vejamos os Quadros-Resumos.

**Quadro-Resumo 40:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva sociocultural extraídas do livro: HARRISON, Michelle. **O primeiro livro do adolescente sobre amor, sexo e AIDS.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Manoel Beckman, São Luís, Maranhão.

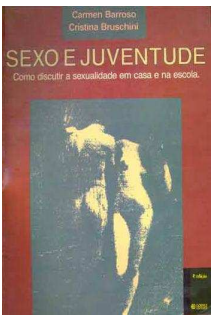
LIVRO	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação dos autores:</b> não informa.  <b>Ano da edição:</b> 1996.  <b>Público alvo:</b> adolescentes</p> <p>Apresenta diversos temas em linguagem adolescente: corpo, sexo, amor, gravidez, AIDS, sentimentos gay, masturbação, abuso sexual e sexo seguro. A característica principal do livro é apresentar os temas utilizando-se sempre de perguntas e suas consequentes problematizações. A linguagem é envolvente e acolhedora.</p>
CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informações sobre gênero estão presentes: a autora problematiza sobre a rigidez social e a padronização dos papéis sociais de homens e mulheres. Problemática que existem diferentes formas de se explicar as causas da homossexualidade e que a Ciência se posiciona a partir de proposições biológicas, sociais e culturais. Divulga que a homossexualidade é uma experiência sexual que pode envolver sexo, amor, paixão, prazer. Que esse sentimento pode está apoiado em apenas uma dessas características ou misturarem-se. Problemática a atitude preconceituosa de se pensar e divulgar que a homossexualidade está relacionada à AIDS.</li> </ul>	
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O texto sugere aos adolescentes a procurarem informações adicionais sobre a temática: buscar livros para ler; centros de auto-ajuda para adolescentes; além de conversar com um adulto de sua confiança como um/a professor/a, um/a médico/a, conselheiro/a, etc.</li> </ul>	

**Quadro-Resumo 41:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva sociocultural extraídas do livro: SUPLICY, Marta et al. **Sexo se aprende na escola**. 2ed. São Paulo: Olho d'Água, 1999. . O livro foi adquirido na Biblioteca da escola pública de Ensino Médio Liceu Maranhense, São Luís, Maranhão.

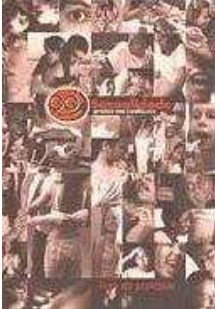
LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação dos autores:</b> multidisciplinar.  <b>Ano da edição:</b> 1999.  <b>Público alvo:</b> professores/as.</p> <p>-Livro escrito para ser utilizado por professore/as em atividades de educação sexual na escola. Os autores apresentam um conjunto de temas considerados difíceis de serem abordados em sala de aula assim como orientações pedagógicas visando superar tais dificuldades. Temas propostos: corpo, relações de gênero, homossexualidade, aborto, AIDS e a primeira vez (relação sexual).</p>
CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os/as autores apresentam uma série de informações sobre a homossexualidade tentando retirá-la da discussão biologizante e moralizante.</li> <li>• Ao tratarem de quem é o homossexual e quais as causas da homossexualidade os autores utilizam-se do recurso metodológico da problematização para criticar ideias preconceituosas sobre as pessoas identificadas como homossexuais.</li> <li>• Discorrem sobre a complexidade de se determinar as causas da homossexualidade informando que determinantes biológicos, psicológicos, sociais e culturais devem ser pensados.</li> <li>• Abordam o tema da diferença e da identidade. Explicam que as identidades podem não ser fixas. Os homossexuais podem se apresentar de várias maneiras.</li> <li>• Discute as questões de gênero informando que ser homem e ser mulher vai para além dos estereótipos que a sociedade insiste em divulgar e manter.</li> </ul>	
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homossexualidade é apresentada como tema polêmico e que deve ser discutido pelos/as professores/as na escola.</li> <li>• Orientações didáticas são sugeridas: trabalhar o tema sem fazer juízo de valor; discutir a homossexualidade problematizando as representações dos/as alunos/as; problematizar os estereótipos.</li> <li>• A metodologia da discussão em grupo é a sugestão dada pelos autores para tematizar a homossexualidade e fazer com que os/as alunos percebam e compreendam a diferença e a diversidade sexual; utilizar essa mesma discussão para criar sentimentos de respeito e solidariedade.</li> </ul>	



**Quadro-Resumo 42:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva sociocultural extraídas do livro: BRUSCHINI, Cristina; BARROSO, Carmen. **Sexo e juventude:** como discutir a sexualidade em casa e na escola. 7ed. São Paulo: Cortez, 2000. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Cidade Operária, São Luís, Maranhão.

LIVRO	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação das autoras:</b> psicologia.  <b>Ano da edição:</b> 2000.  <b>Público alvo:</b> pais e professores/as.</p> <p>-Apresentam uma proposta de discussão da sexualidade e da educação sexual a partir de uma perspectiva problematizadora e crítica objetivando mostrar que as questões de gênero e sexuais são construções socioculturais amplas e complexas. A obra é composta por textos que discutem e problematizam diversos aspectos ligados à sexualidade humana: anatomia e fisiologia sexual humana, controle voluntário da reprodução, aborto, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, masturbação, namoro e relações sexuais fora do casamento, papéis sexuais e homossexualidade.</p>
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Existe um capítulo específico tratando da homossexualidade. As autoras problematizam o tema a partir de uma perspectiva reflexiva.</li> <li>• O tema não é discutido pelo viés biologista, moralista e clínico. As autoras apresentam a temática pela perspectiva sociocultural.</li> <li>• Refletem sobre os aspectos que conduzem a sociedade a ver a homossexualidade como condição desfavorável e o sujeito homossexual como pessoa desqualificada.</li> <li>• Apresentam algumas temáticas que podem ser discutidas com os/estudantes como: as incertezas da Ciência em definir a origem da homossexualidade; mitos, preconceitos e estigmas produzidos e lançados contra os homossexuais e o homossexual; a importância de se respeitar as pessoas, independente de seus gostos e ações no âmbito sexual e de gênero.</li> <li>• Os papéis de gênero são apresentados de forma crítica. As autoras levantam diversas questões sobre a rigidez imposta a homens e a ideia de inferioridade produzida para que seja incorporada pelas mulheres.</li> </ul>	
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orientações didáticas são sugeridas: trabalhar o tema sem fazer juízo de valor; discutir os temas em sexualidade a partir da perspectiva dos/as alunos/as; utilizar a discussão em grupo como forma de desenvolver o respeito, a solidariedade e a cidadania.</li> <li>• Propõe ainda a utilização do questionário como recurso de apreensão de possíveis temáticas que os/as alunos/as gostariam de discutir na escola.</li> </ul>	

**Quadro-Resumo 43:** Informações sobre o tema homossexualidade na perspectiva sociocultural extraídas do livro: FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Sexualidade:** prazer em conhecer. Rio de Janeiro: Schering, 2001. O livro foi adquirido na biblioteca da escola pública de Ensino Médio Cidade Operária, São Luís, Maranhão.

LIVRO	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO
	<p><b>Formação do autor:</b> não informa.  <b>Ano da edição:</b> 2001.  <b>Público alvo:</b> professores/as.</p> <p>-A obra discute diversas temáticas em sexualidade humana tendo como perspectiva o olhar sociocultural. Não prioriza a visão biologicista e reducionista da sexualidade. O livro procura desenvolver uma visão mais plural da sexualidade e aborda desde questões ligadas ao corpo e reprodução, saúde, doenças sexualmente transmissíveis, disfunções sexuais até aspectos subjetivos como a primeira relação sexual, namoro e família. Apresenta conteúdos sobre aborto, gravidez, adolescência, abuso sexual. Além disso, destaca temas como diversidade sexual e papéis de gênero.</p>
<b>CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não existe um capítulo específico que trata da homossexualidade. No entanto, a discussão da temática aparece em vários momentos, principalmente ao discutir os papéis de gênero.</li> <li>• Ao tratar das questões de gênero problematiza a situação da mulher e as desigualdades impostas quando se coloca em discussão o masculino e o feminino;</li> <li>• A abordagem mostra ao leitor que a homossexualidade não apresenta mais o status de doença e que se constitui como uma expressão legítima da sexualidade.</li> <li>• Apresenta de forma resumida e esquemática a história da homossexualidade no mundo.</li> <li>• Informa que os homossexuais se organizam em associações para lutar por direitos. Toca no tema da união civil entre pessoas do mesmo sexo. Discute também sobre a discriminação e preconceito contra os/as homossexuais.</li> <li>• Apresentam o tema da homofobia relatando sobre estatísticas de homossexuais assassinados no Brasil.</li> <li>• Discute sobre os termos pejorativos e apelidos direcionados aos/às homossexuais como “viado”, “bicha”, “fruta”, “bofe”, “boiola”, “entendido”, “gay”, “lésbica”, “fanchona”, “machona”, “sapatão”, “mulher-macho”, e “entendida”.</li> </ul>	
<b>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A obra foi produzida como suporte teórico e metodológico para que professores/as trabalhem o tema sexualidade com estudantes do ensino médio.</li> </ul>	

- Além do livro, os professores também disponibilizam de fitas de vídeo para serem utilizadas em atividades planejadas que discutam a sexualidade.
- O livro fornece exemplos de atividades didáticas que podem ser desenvolvidas em sala de aula como: debates, jogos, gincanas, seminários, pesquisa, etc.
- Como recursos para a discussão dos temas, são sugeridos: filmes, músicas, artigos, livros, notícias publicadas em jornais e revistas.
- A problematização é a metodologia que embasa o livro e é sugerida como recurso didático de apresentação dos temas para os/as adolescentes.

Os Quadros-Sínteses 41 a 44 demonstram que a homossexualidade é percebida como uma experiência complexa. A força do discurso biologizante é minimizada e os/as autores/as tentam demonstrar que ela, assim como a heterossexualidade, caracteriza-se como um sentimento que envolve uma série de fatores e circunstâncias em que pesam mais os aspectos sociais e culturais.

*A homossexualidade se relaciona com as construções sociais; com o mundo fascinante da mente; com características biológicas; com os costumes e rituais criados pelas culturas; com os caminhos percorridos por cada indivíduo* (SUPLICY et al., 1999, p. 70) (grifos meus).

*Qualquer tentativa para demonstrar uma causa única determinante de um comportamento sexual específico não pode ser bem-sucedida. [...] o comportamento sexual humano se encontra regulado por uma enorme quantidade de fatores que agem durante a vida toda do indivíduo* (BRUSCHINI; BARROSO, 2000, p. 76) (grifos meus).

Por ser a homossexualidade uma temática complexa é importante que deixe de ser encarada como uma condição, um padrão de comportamento, uma essência. Carmem Barroso e Cristina Bruschini (2000), no livro *Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola*, desenvolvem uma narrativa cuja intenção é problematizar alguns pressupostos ainda considerados totais pela Ciência no que concerne à sexualidade. Segundo elas, não devemos mais nos fixar em proposições que enquadram a homossexualidade como pecado, desvio e doença. Realizam um movimento de desestabilização dos conceitos socialmente instituídos quando chamam os/as leitores/as para refletirem:

*Em relação à homossexualidade já se levantaram inúmeras hipóteses e discussões. Já foi considerada neurose, sintoma de imaturidade, pecado, doença endócrina, fraqueza genético-constitutiva, perversão, alternativa de vida ou até forma de vida requintada. Os enfoques perante um fenômeno humano mudam em relação ao nível de conhecimento que dele se tem, do momento histórico em que se vive e do lugar em que se está. A homossexualidade representa um exemplo típico* (BRUSCHINI; BARROSO, 2000, p. 76) (grifos meus).

*Se nós fizermos a seguinte pergunta: Por que alguns seres humanos são homossexuais e outros preferem as relações com indivíduos do outro sexo?, veremos que há muitas evidências de existirem múltiplas variáveis envolvidas, o que nos impede de dar uma resposta simples* (BRUSCHINI; BARROSO, 2000, p. 77) (grifos meus).

As quatro obras mostram outro ponto em comum: discutem o tema da homossexualidade problematizando assuntos pouco explorados ou mesmo excluídos das abordagens biologicistas e psicologizantes. Um exemplo é a problematização sobre os preconceitos que sofrem as pessoas homossexuais no cotidiano. Os referidos livros exploram e expõem o tema tendo o cuidado de informar sobre os determinantes socioculturais que geram preconceitos e discriminações. Ainda, fazem os/as leitores/as pensarem sobre algumas questões ligadas à sexualidade que culturalmente vamos assimilando e naturalizando sem refletirmos. A problematização é a tática metodológica utilizada pelos/as autores/as na tentativa de desmontar alguns pressupostos que insistem em marcar a homossexualidade como algo negativo. A tática questionadora estimula pensarmos sobre os preconceitos naturalizados por nós cotidianamente.

*Se a homossexualidade não é doença, crime, desvio de conduta, nem pecado, por que impedir aos homossexuais – jovens, inclusive – o livre exercício de sua orientação sexual? Por puro preconceito, ignorância, desinformação científica, desrespeito aos direitos humanos fundamentais (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 178).*

*Por que a nossa sociedade aplaude a cantora Madonna, considerada um ídolo do comportamento andrógino, ao mesmo tempo homo, hetero e bissexual, mas não aceita a vizinha que trouxe uma amiga para morar com ela? (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 182).*

*Por que uma sociedade que transforma transexuais como a modelo Roberta Close em um símbolo sexual feminino não dá a ela documentos de mulher, mesmo depois de ter seu corpo masculino corrigido pela Medicina para o feminino? (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 183).*

A forma como a Fundação Roberto Marinho (2001) explorou a temática do preconceito estimula os/as leitores/as a perceberem que agimos com sutilezas em alguns momentos e com crueldade em outros quando discriminamos as pessoas levando em consideração sua preferência sexual. O texto construído pode suscitar produtivos debates em sala de aula. No entanto, o/a docente tem que criar meios para fazê-los. Por exemplo: Roberta Close é uma transexual famosa que sofreu (e ainda deve sofrer) preconceitos (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001), mas é famosa, vive em um ambiente que possivelmente não a recrimina ou fazem de forma velada. O professor e a professora que por ventura buscam praticar uma educação sexual presentificadora e desconstrucionista poderiam indagar seus/suas alunos/as e realizar algumas problematizações: E a situação das transexuais que não

são famosas? Vamos pensar também sobre os preconceitos cotidianamente perpetrados contra as travestis?<sup>60</sup> Por que nos dizem que elas são pessoas abjetas? Por que a insistência em colocá-las às margens?

Uma educação sexual presentificadora tentaria demonstrar que no imaginário social as travestis são tidas como fáceis, prostitutas, pervertidas, perigosas, ameaçadoras, torpes porque discursos excludentes e estigmatizantes foram construídos ao longo da história. E ao explicar isso, novas indagações poderiam surgir: O que foi construído para que a sociedade rejeite um homem com corpo de mulher, com trejeitos femininos e atitudes consideradas “extravagantes”? O que disseram sobre os “corpos estranhos” das “damas de paus” (MOTT, 2003a, 2003b) que as tornam alvo de violências extremas colocando-as em primeiro lugar no ranking das estatísticas sobre assassinatos de homossexuais no Brasil? (MOTT, 2009). E muitas respostas poderiam ser dadas e problematizadas.

De acordo com Mott (2003b) não há meio termo quando o assunto é travesti: tem gente que adora, tem gente que detesta. Uns acham as travestis maravilhosas, cheias de charme, outro tanto de pessoas situam-se no lado oposto: “abominam os rapazes vestidos de mulher! Sentem-se agredidos só com a simples presença de uma dessas ‘damas de paus’ perto de si: xingam, querem bater, chegam a matar” (MOTT, 2003b, p. 71). Para Ronaldo Pamplona da Costa (1994), a sociedade expurga os/as travestis porque a ambiguidade que elas e eles mostram incomoda. O desconforto é notório na maioria das instituições sociais. Estado, família, igreja, escola e Ciência operam para que não apareçam. A sociedade e campos científicos como a Medicina insistem em invisibilizá-las/los: “[...] a Medicina e a sociedade não aceitam essas pessoas e se comportam como se elas não existissem” (COSTA, 1994, p. 144). Complexificando ainda mais a temática, o autor citado se questiona: “Por que tanta violência contra pessoas que não são consideradas cidadãos e nem têm seus direitos humanos preservados?” (COSTA, 1994, p. 147).

---

<sup>60</sup>Aqui me refiro especificamente aos homens que se travestem e se identificam com a experiência feminina. Frequentemente, as travestis reclamam pelo uso do artigo feminino quando as pessoas se dirigem a elas. Assim, ao nos referirmos “às travestis” estaremos informando que é um homem que usualmente se identifica com o feminino, além de preferir adornos e roupas desse universo. E quando citar “os travestis” estaremos nos reportando às mulheres que além de usarem indumentárias socialmente reconhecidas como de homens, se identificam com a experiência masculina. A antropóloga Berenice Bento alerta que esse é um campo conceitual frágil e de muitas tensões: “a discussão de como identificar e nomear experiências de gênero que se constroem em uma tensa negociação com as normas de gênero está longe de um consenso na academia e na militância. Para muitos o guarda chuva ‘transgêneros’, amplamente utilizado nos Estados Unidos e outros países, nada revela das especificidades daqueles que reivindicam o reconhecimento social do gênero identificado (as pessoas transexuais), tampouco a dimensão conflituosa de assumir-se e reivindicar a posição identitária de ‘travesti’ (BENTO, 2008, p. 167-168,). Para aprofundamento sobre o tema ver Bento (2008, 2006, 2004, 2003) e Benedetti (2005).

Pouquíssimos pais aceitam ter um filho que foi criado como homem e que começa a ter um comportamento masculino e feminino ao mesmo tempo. Para a sociedade, essas pessoas são “muito estranhas”. Na medida em que a sociedade não abre espaço para pessoas de comportamento ambíguo, isso vai se refletir em todas as situações de vida. [...] são agredidos, violentados e assassinados. As rondas policiais noturnas [...] caçam essas pessoas como cães vadios destinados à incineração. Enxotados de um lado para o outro da cidade, as páginas policiais trazem, frequentemente, notícias de travestis assassinados a sangue frio (COSTA, 1994, p. 141-146).

As identidades travestis – assim como as identidades transexuais, as identidades gays e lésbicas – desestruturam noções padronizadas de gênero que circulam no corpo social. Elas incomodam porque transitam entre os gêneros e desestabilizam noções cristalizadas do que deva ser homem e mulher. Cutucam desejos reprimidos, mexem com a libido, desafiam padrões (BENTO, 2008, 2006, 2004, 2003; BENEDETTI, 2005; FURLANI, 2005a).

O ser (estar) travesti envolve uma série de determinantes em que cultura e desejo devem ser levados em consideração, não cabendo apenas aos planos psíquico e biofisiológico a determinação de tal experiência. Esquecemos que existem identidades sexuais, assim como existem identidades de gênero, identidades étnicas, identidades de nação, etc. Não é lembrado que as identidades podem também significar aprisionamento e servir como marcas que alimentam os mecanismos de inclusão e exclusão. Passa despercebido que as identidades são líquidas, vazam, podem ser voláteis, mutáveis e inconstantes (BAUMAN, 2001; SILVA, 2009).

A sociedade esquece (ou se faz de esquecida!) que as travestis são pessoas. Não é lembrado que eles e elas – independentes de classe social, cor, etnia, gênero, sexualidade, credo religioso – podem ter práticas e atitudes das mais variadas no convívio social:

Não há qualquer relação entre a prática sexual que a pessoa apresenta com o seu caráter. Muitos dos valores morais são cultivados na família, posteriormente na escola. Aquilo que aprendemos a valorizar e a guardar como valores de vida, nada tem a ver com nossa orientação sexual. A bondade e a maldade são qualidades inerentes ao ser humano e não escolhem a homossexualidade, a heterossexualidade, o travestismo para se manifestar (FURLANI, 2003, p. 163).

O tema da homofobia também aparece nas discussões dos livros de perspectiva sociocultural. Sua definição não é pensada apenas como “medo de homossexuais e de ser homossexual” (TIBA, 1994; MULLINAR, 1993). O social e o cultural são fatores que devem ser levado em conta ao definirmos esse termo.

*[...] a homofobia é ainda o principal preconceito de nossa sociedade, pois age não apenas na rua e nas instituições públicas, mas, sobretudo, dentro de casa, tornando-se a família de jovens gays,*

*muitas vezes, o principal agente discriminatório* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 178) (grifos meus).

*A sociedade capitalista ocidental apresenta rigidez nos papéis de gênero, na maneira como se é homem ou mulher, e uma **fobia à homossexualidade**. Isto acarreta o crescente confinamento daqueles que, de alguma forma, não fazem a passagem por determinados ritos – como o casamento, a geração de filhos – exigidos para a entrada no grupo social ‘normal’* (SUPLICY et al., 1999, p. 71) (grifos meus).

*Numa sociedade repressora que não aceita a diversidade sexual, **os nomes e apelidos dados aos homossexuais são vistos como ofensa e muitas vezes são usados mesmo para ofender, ferir e estigmatizar os homossexuais*** (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 178-179) (grifos meus).

Pensar sobre as violências praticadas contra os/as homossexuais remete problematizar o conceito de homofobia, já que o mesmo tem lugar comum em diferentes espaços como o movimento homossexual, a mídia, a Educação, a Saúde e o Governo Federal – que por sinal aprovou em 2004 o “Programa Brasil Sem Homofobia” (BRASIL, 2004). Homofobia? O que dizem sobre esse conceito? Consultando o dicionário Houaiss encontramos que homofobia é a “aversão à homossexualidade e a homossexual” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2008, p. 397). No mesmo dicionário a terminologia “fobia” expressa “medo doentio” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2008, p. 353). Já o verbete “homossexual” caracteriza a “relação sexual entre pessoas do mesmo sexo” e “que(m) sente atração sexual por alguém do mesmo sexo” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2008, p. 397).

O sociólogo Rogério Diniz Junqueira (2007) complementa informando que o termo “homofobia” foi criado pelo psicólogo clínico George Weinberg em 1972 para denominar sentimentos negativos em relação à homossexualidade e a pessoas identificadas como homossexuais. Luiz Ramires Neto (2006) argumenta sobre a importância de se ter um olhar mais atento e crítico ao nos apropriarmos da definição de homofobia. Segundo ele, “um leitor desavisado tenderia a pensar que a homofobia seja talvez pouco mais do que uma certa má vontade por parte de alguns indivíduos em relação à pessoa que se enquadra naquela definição” (RAMIRES NETO, 2006, p. 46). Por detrás dessa expressão simples e aparentemente clara, situam-se violências e práticas hediondas perpetradas contra pessoas que não se enquadram nas normas do comportamento “padrão”.

Buscando compreender a assertiva de Ramires Neto (2006), e já praticando a vigilância proposta por ele, trago como exemplo a definição de homofobia dada por uma



entidade brasileira do movimento social homossexual, o Grupo Gay da Bahia:

Homofobia caracteriza o medo e o resultante desprezo pelos homossexuais que alguns indivíduos sentem. Para muitas pessoas é fruto do medo de elas próprias serem homossexuais ou de que os outros pensem que o são. O termo é usado para descrever uma repulsa face às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais e todos os aspectos do preconceito heterossexista e da discriminação anti-homossexual (GRUPO GAY DA BAHIA, 2010, p. 1).

Repulsa e ódio que podem incitar xingamentos e agressões físicas, ser motivo de chacotas em vários ambientes e resultar em restrições ou demissões no trabalho e, em muitos casos, assassinato (MOTT, 2009). A injúria homofóbica também invade a escola. Aquele/a homossexual pechado/a na escola, aquele/a homossexual estigmatizado/a no pátio escolar ou aquele/a homossexual violentado/a no banheiro do colégio pode ser aquele/a homossexual assassinado/a na rua, aumentando a cada dia as estatísticas de crimes contra GLBT no Brasil e no Mundo. De 1980 a 2009 o Grupo Gay da Bahia (GGB) já documentou 3.196 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil, concentrando-se 18% na década de 1980, 45% nos anos 1990 e 37% a partir de 2000. De acordo com estatísticas divulgadas por essa organização não-governamental, nos dois primeiros meses de 2010 já foram documentados 34 homicídios contra homossexuais no Brasil. Em 2009, foram assassinados 198 homossexuais, nove a mais que em 2008 (189 mortes), um aumento de 61% em relação a 2007 (122 assassinatos). Dentre os mortos, 117 gays (59%), 72 travestis (37%) e 9 lésbicas (4%). Nosso país continua sendo o campeão mundial de homicídios contra gays, lésbicas, bissexuais e travestis, seguido do México com 35 mortes e dos Estados Unidos com 25 assassinatos anuais. A cada dois dias um/uma homossexual é assassinado/a no Brasil, vítima da homofobia. O Nordeste, de acordo com o relatório, é a região mais homofóbica: registrou 39% dos/as GLBT assassinados/as. O risco de um/uma homossexual do Nordeste ser assassinado/a é aproximadamente 80% mais elevado do que no Sul e Sudeste. O relatório informa ainda que 41% dos/as GLBT assassinados/as eram jovens de até 29 anos, dos/das quais seis tinham menos de 18 anos. A vítima de menor idade foi uma travesti com 16 anos. O mais idoso, 72 anos, foi morto a marretadas no interior do Maranhão. Em 2005 o estado do Maranhão ocupou o 6º lugar em número de assassinatos de homossexuais. Em 2008 ocupou a 9º posição. Já em 2009, o Grupo Gay da Bahia registrou 2 assassinatos (22º lugar entre os Estados brasileiros (GRUPO GAY DA BAHIA, 2010).

Para Daniel Borrillo (2009) a noção de homofobia pode abarcar discursos ou atitudes que, para além do receio a gays e lésbicas, articulam uma forma geral de hostilidade a

comportamentos sociosexuais pré-estabelecidos. Assim a homofobia geral não é nada mais que uma manifestação do sexismo, ou seja, da discriminação de pessoas em relação a seu sexo (macho-fêmea), e, mais particularmente, de seu gênero (masculino-feminino). Essa forma de homofobia pode, então, ser definida como a discriminação de indivíduos que demonstram, ou a quem se atribuem, certas qualidades (ou defeitos) tradicionalmente consideradas características do outro gênero. Nas sociedades profundamente marcadas pela dominação masculina, a homofobia organiza uma espécie de “vigilância do gênero”, pois a virilidade deve se estruturar não somente em função da negação do feminino, mas também da rejeição da homossexualidade. A homofobia é a estigmatização, por repulsa ou violência, das relações sensíveis entre homens, particularmente quando esses homens são identificados como homossexuais ou se afirmam como tais. É, igualmente, a estigmatização ou negação das relações entre mulheres que não correspondem a uma definição tradicional de feminilidade.

A homofobia é um fenômeno social complexo e multifacetado, traduzindo-se em ações grotescas e extremas. Outras vezes, é sutil e invisível. Objetivo central da homofobia: manter a heteronormatividade. Alicerces da homofobia: o patriarcado, o machismo e o sexismo. Ingredientes das práticas homofóbicas: preconceito, discriminação, estigmatização, intolerância e silenciamento. Produtos da homofobia: desrespeito, medo, dor, desespero, exclusão, violência e em alguns casos a morte. Por isso, ao tratarmos desse tema não podemos nos fixar apenas ao olhar psicologizante. A essa perspectiva devemos adicionar o olhar sociocultural para que possamos discuti-la e melhor compreendê-la.

Compreender e discutir a homossexualidade pelo viés sociocultural foi o que fizeram os/as autores/as dos livros cujas sínteses estão nos Quardos-Resumos 41 a 44. Os mesmos se empenharam em apresentar e problematizar o tema exercendo a “descompressão” (NUNES; SILVA, 2000), a desconstrução (FURLANI, 2005a; MISKOLCI, 2005; LOURO, 2004, 2001) e a presentificação (MUSSKOPF, 2008a, 2008b). Os/As homossexuais são apresentados/as como sujeitos sociais, plurais e que podem ser como quiserem sem com isso deixarem de ser pessoas éticas e cidadãs, assim como os/as heterossexuais. Apontam que é pela (e na) cultura que são construídas as ideias que os (des) qualificam.

**Na nossa cultura, nós temos algumas idéias muito rígidas sobre como devemos nos comportar se somos homens e como devemos nos comportar se somos mulheres. Nós temos alguma dificuldade em aceitar que, se você é um menino, pode ser sensível e gentil, de modo que simplesmente dizemos que você não está sendo como os meninos devem ser. Bem, na verdade, um menino sensível continua sendo exatamente um menino, e uma menina áspera continua sendo**

*exatamente uma menina. Nós nunca questionamos os nossos ‘deve ser’. Então, ridicularizamos ou rejeitamos as crianças que não se encaixam naquele molde rígido (HARRISON, 1996, p. 70) (grifos meus).*

*A homossexualidade não é um fenômeno incomum. Dentre as pessoas que se sentem atraídas por indivíduos do mesmo sexo, encontramos, da mesma forma que entre os que o são pelo outro sexo, gente rude e gente suave, pessoas muito inteligentes e pessoas pouco brilhantes, crentes e ateus, fumantes e não fumantes, indivíduos que usam óculos ou lentes de contato e outros que não usam nenhum deles (BRUSCHINI; BARROSO, 2000, p. 75).*

*Os homossexuais, como todo mundo, têm a mesma vontade de se dar bem na profissão, de encontrar um par, fazer planos, se realizar na vida, inclusive sexualmente. Vivem conflitos como todos (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177).*

A educação sexual pode ser uma forma de agir na presentificação de LGBT. De acordo com a Fundação Roberto Marinho (2001, p. 183), “*uma das principais tarefas da Educação Sexual nas escolas é reconhecer a diversidade sexual como realidade a que o ser humano tem direito*”. Assim, praticar uma educação sexual que demonstre as contradições e os binarismos construídos pela política heterocêntrica, pelos discursos higienistas e biologizantes e pelos pressupostos do silenciamento, seria outra forma de falar sobre a homossexualidade tendo como princípio a presentificação dos veados como sugere Musskopf (2008a). Seria uma disposição para praticar a veadagem: falar dos veados, dizer quem foram e o que são, o que se construiu sobre eles e elas para serem o que são hoje e desnaturalizar estereótipos e preconceitos.

Metodologias não faltam para que se realize o empreendimento da educação sexual presentificadora. De acordo com os/as autores/es, existem diversas formas de expor o tema, seja na escola ou em outros ambientes de convivência, assim como existem diversificados artefatos culturais que auxiliariam na problematização da temática.

Utilizando-se de alguns desses aparatos didático-pedagógicos a intenção presentificadora poderia ser concretizada. Mas, de acordo com Suplicy et al. (1999), “*para nos orientarmos primeiro é preciso obter informações básicas. A seguir, [...] é importante conhecer um pouco mais o mundo homossexual para desmitificar preconceitos e facilitar a relação com alunos e filhos*” (SUPLICY et al., 1999, p. 69-70). Ou seja, é importante conhecermos os veados e exercer a prática da viadagem (MUSSKOPF, 2008a, 2008b).

Um ponto em comum defendido pelos/as autores/as – e que colocam sempre em

destaque em suas narrativas: o tema deve ser exposto por meio de metodologias problematizadoras. Dessa forma, a apresentação do tema deve acontecer a partir de debates e discussões. É importante dialogar, ouvir e falar. O/A docente ou os pais devem exercitar sempre o diálogo.

*Aproveite um acontecimento ou uma cena de TV que gire em torno de um personagem homossexual. **Reúna a turma num grande círculo. Fale sobre orientação sexual. Proponha um grande debate** (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 182) (grifos meus).*

*O tema da homossexualidade é uma excelente oportunidade para a discussão de atitudes estereotipadas e valores maniqueístas que foram levantados em torno do comportamento sexual humano. **O debate em grupo** sobre uma série de assuntos controversos que, muitas vezes, são muito mais conhecidos através do preconceito, do mito e das falsas generalizações do que através das evidências científicas objetivas, é uma das melhores formas para o esclarecimento do próprio sistema de valores e o da comunidade (BRUSCHINI; BARROSO, 2000, p. 77-78) (grifos meus).*

***Enfatizar** a importância de se respeitarem todos os indivíduos que optarem por comportamentos diferentes daqueles seguidos pela grande maioria da sociedade; **Discutir** os possíveis elementos que determinam a diversidade de atitudes perante a homossexualidade em diferentes épocas e lugares (BRUSCHINI; BARROSO, 2000, p. 78) (grifos meus).*

*Na **discussão** da homossexualidade com adolescentes, o enfoque principal é a compreensão da existência da diversidade e a capacidade de aprender a respeitá-la e conviver com ela. Após a **discussão**, a partir de conclusões das discussões que eles levantarem, será possível ampliar o debate, problematizando sobre essas questões e suas respostas, não para chegar a conclusões definitivas mas para explicar melhor os preconceitos e poder combatê-los (SUPLICY et al., 1999, p. 73) (grifos meus).*

Praticar a discussão é fazer o exercício da presentificação. O diálogo permite novas compreensões e outras formas de pensar. Através de uma educação sexual presentificadora é possível que a homossexualidade, ou outro tema, dependendo do que se queira alcançar, seja percebida de outra forma.

Os autores e as autoras dos livros analisados ao (re) produzirem discursos sobre a homossexualidade e o sujeito homossexual – a partir da perspectiva sociocultural – o fizeram tendo o cuidado de chamar a cultura e a história para o debate e apresentaram a temática tirando a exclusividade da biologia como epistemologia principal na explicação da

homossexualidade.

Os livros que abordam a homossexualidade tendo como guia o olhar sociocultural não descartam nem desvalorizam a ciência biológica. Muito pelo contrário, utilizam-se desses conhecimentos, mas, chamam outras ciências para o debate, principalmente a história, a sociologia e a antropologia. Assim, pelo viés sociocultural a homossexualidade é encarada como tema complexo, multifacetado e que está em constante movimento. Não existe um saber único sobre o tema, mas sim saberes produzidos por diferentes perspectivas e linhas de pensamento.

## 6 CONCLUSÃO

As categorizações, análises, descrições e problematizações que realizei nesta tese me fizeram enxergar e compreender determinados discursos sobre a homossexualidade tendo como objeto os saberes biomédicos e suas táticas pedagógicas. O uso dos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa documental me ajudou a perceber as sutilezas e detalhes desses discursos além da complexidade do objeto. No momento da análise e posterior apresentação dos dados, a criação de quadros-resumos foi de grande importância para a formulação da tese da *pedagogia dos manuais médicos*.

As descrições e problematizações expostas nesta tese levaram-me a defender que entre os anos de 1920 a 1970, um conjunto de ideias sobre a homossexualidade foram configuradas e constituíram saberes médicos pedagogicamente articulados visando gerir os sujeitos categorizados como homossexuais. Este conjunto de discursos os quais articulam conhecimentos da biologia, da psicologia e da educação denominei de *pedagogia dos manuais médicos*. A construção da argumentação de que livros de medicina, psicologia e educação do século XX veiculavam ideias que ensinavam como conduzir esses sujeitos, ditando formas de tratar, curar e posicioná-los/as mediante a lógica heterossexual de viver a sexualidade, teve como *corpus* um conjunto de proposições e pressupostos analisados a partir da perspectiva teórico-metodológica *queer*. Além disso, defendi que essa pedagogia ainda opera na atualidade ao demonstrar que livros de sexualidade e educação sexual disponíveis em bibliotecas de escolas públicas do ensino médio trazem suas marcas.

Os trechos dos livros de medicina, psicologia e educação das décadas de 1920 a 1970 que apresentei ao longo da tese demonstram que os/as autores/as forneceram informações de cunho pedagógico de como reverter a situação da homossexualidade que por ventura pudesse aparecer nas pessoas (filhos/as, alunos/as, etc.). No material analisado existem proposições médicas que “ensinam” como conduzir a homossexualidade dos sujeitos, lidar com o menino afetado/afeminado, reconduzir a menina masculinizada e, posteriormente, torná-los/las aptos/as a exercer a heterossexualidade. São apontadas estratégias educativas, receitas, experiências, modos de agir diante da situação “indesejável” de se ter um/a filho/a homossexual. A educação sexual proferida na época fazia parte dessa teia discursiva consubstanciada pela *pedagogia dos manuais médicos*.

Os livros que compuseram o *corpus 1* deixam explícito que a educação moral e sexual da época eras aliadas nesse projeto de (re) condução do/a homossexual. A ideologia médica presente nas produções orientava os/as leitores/as para estimularem o exercício da

heterossexualidade onde essa prática deveria estar no ambiente familiar e na escola consubstanciando a vigilância, a higiene, a disciplina e, acima de tudo, fortalecendo ideias, pressupostos e representações que inscreviam a homossexualidade como uma prática indesejável, antinatural, suja, etc.

Defendo a ideia de *pedagogia dos manuais médicos* porque o *corpus 1* me fez compreender que o discurso médico sobre a homossexualidade como entidade patológica e, portanto anormal, vinha sendo construído desde o século XIX, mas foi sobretudo no século XX que o mesmo se articulou de forma mais elaborada, complexa e respaldada pelos cânones da ciência médica visto que as ideias de cunho religioso estavam sendo colocadas em xeque e os conhecimentos médicos sobre o sujeito homossexual se dissipavam com mais intensidade influenciando áreas como a psicologia e a educação. A medicina, utilizando-se dos aparatos científicos e tecnológicos das ciências biológicas (como as ideias e experiências nas áreas da genética e endocrinologia), intensificou suas investidas discursivas na sexualidade homossexual. (Re) produzia teorias, disseminando-as a partir de artefatos culturais como livros, manuais e revistas científicas.

O cabedal de informações sobre a homossexualidade acumuladas nos séculos passados reforçavam a ideia de que essa sexualidade nada tinha de vantajoso para a sociedade, muito pelo contrário, poderia atrapalhar e manchar o projeto de ter uma humanidade ideal, ativa, vencedora e produtiva que vinha sendo projetada sob influência da ideologia da Modernidade. Os/As homossexuais – assim como os negros, os “tuberculosos”, “os sífilíticos”, “os pobres”, “as mulheres da vida” e as que não eram “da vida”, “os leprosos”, por exemplo – eram um empecilho para que esse projeto se concretizasse pois sua constituição orgânica e psíquica destoava do que era estabelecido como padrão. O controle da homossexualidade constituía-se com ação estratégica e uma das formas de materializar tal empreendimento era divulgar o saber-poder médico-científico sobre os sujeitos qualificados como homossexuais. Assim, a medicina construiu um arsenal de teorias e proposições que marcaram e posicionaram esses sujeitos delimitando-os como doentes geneticamente e/ou endocrinologicamente afetados. Os aparatos e artefatos médicos foram utilizados para “provar” e divulgar essas verdades. Até a década de 1950 a ideia de homossexualidade como patologia genética ou endócrina era endossada, mas com os novos discursos médicos sobre a ineficiência explicativa das teorias genética e endocrinológica, começaram a ser valorizadas as explicações de cunho psicologizante.

Nos anos 1960 e 1970 ganharam força e prestígio no meio médico as ideias da psicanálise freudiana como epistemologia explicativa das causas da homossexualidade.

Medicina e psicologia se afinam e, juntas com a educação, produzem um arsenal de ideias sobre o sujeito homossexual que em minha compreensão contribuía ainda mais para o fortalecimento discursivo da *pedagogia dos manuais médicos*.

Os livros do *corpus I* divulgavam que a má orientação e as conduções equivocadas que a família encaminhava – como os excessos ou a ausência de carinho, a repressão em demasia – podiam conduzir o menino e a menina para a homossexualidade. Para os/as autores/as o comportamento inadequado dos pais diante dos/as filhos/as e a influência do ambiente onde viviam e interagiam eram situações que levavam o sujeito a desenvolver a homossexualidade. Ainda assim, alguns livros mostravam que tais proposições não eram compartilhadas na totalidade. Algumas vezes as teorias psicológicas eram severamente criticadas pelos adeptos do biologismo. Diante disso, a endocrinologia e a genética eram novamente acionadas para tentar explicar o fenômeno da homossexualidade.

A percepção de que a homossexualidade era um tema complexo e difícil de falar apareceu com muita força nos livros de todas as décadas por mim analisados demonstrando as fragilidades das certezas médicas sobre o homossexual. Médicos, psiquiatras, psicólogos/as e outros profissionais ligados ao campo biomédico não tinham tanta convicção quanto à origem e causas da homossexualidade. Em muitos discursos o que prevalecia era a dúvida e eles/elas preferiam divulgar que tal comportamento seria multifatorial onde elementos endócrinos, hereditários, psicológicos e culturais se faziam presentes.

A figura do afeminado foi amplamente divulgada nos livros de todas as décadas, sendo mais acentuada nos anos de 1940 a 1960. Os livros médicos marcavam o homossexual masculino como afeminado e a homossexual como masculinizada, produzindo descrições de um sujeito de personalidade fixa e previsível. Para os/as autores os homossexuais masculinos eram passivos, afetados, gostavam de indumentárias femininas, eram tímidos, tristes e podiam ainda ser reconhecidos pela profissão que exercem. Todas essas informações “científicas” sobre o afeminado transformavam-se em substâncias discursivas pedagógicas direcionadas principalmente para pais e educadores/as para que as utilizassem na ortopedia sexual daqueles e daquelas marcados/as como homossexuais.

Ideia muito divulgada nos livros de medicina, psicologia e educação foi também a que defendia o ambiente como promotor da homossexualização do sujeito. A educação mal conduzida poderia culminar em homossexualidade. Aqui apareceu com força a denúncia de que o ambiente dos internatos, prisões e dormitórios coletivos constituíam-se como locais propícios para as práticas homossexuais. Os/as autores/as alertavam para que se tivesse cuidado com os mesmos. Também aparece com relativa expressão a percepção de que nesses



ambientes a homossexualidade e masturbação caminhavam juntas.

Outra ideia desenvolvida e veiculada pelos/as autores era que a homossexualidade poderia ser reorientada para a heterossexualidade. Os conteúdos dos livros das décadas de 1950 a 1970 mostraram que existia uma preocupação de médicos, psiquiatras, psicólogos/as e educadores/as em orientar os leitores como conduzir as pessoas suspeitas ou identificadas como homossexuais. Além de proporem tipos de tratamentos ou receitas que conduziam para a cura – utilizando a tecnologia médica disponível como hormônios, cirurgias e psicoterapias –, sugeriam estratégias classificadas por mim como pedagógicas. O sujeito poderia reorientar sua conduta adaptando-se às condições caracterizadas como normais e saudáveis. Para isso teria que seguir os conselhos dos médicos, dos pais, dos/as professores/as e colocar em prática os ensinamentos sobre como ser masculino e como ser feminina a partir do que era estabelecido para desenvolver a prática da heterossexualidade.

O espectro de orientações e conduções era mais amplo e não envolvia apenas ações endereçadas ao sujeito identificado como homossexual. Os pais também deveriam seguir o receituário e praticar a propedêutica e a terapêutica dos/as doutores/as. Os livros das décadas de 1960 e 1970 expunham que os pais precisavam praticar determinadas ações para que os/as filhos/as não se tronassem homossexuais. Mas, a responsabilidade não era somente do pai e da mãe visto que os/as professores/as também deveriam contribuir para a prevenção da homossexualidade assim como no processo de deshomossexualização dos alunos e alunas suspeitos/as de serem homossexuais. Assim, pais, professores/as e outros profissionais da educação deviam se unir no projeto heterossexualizador conduzidos pelas teorias e proposições médicas em voga acerca do sujeito homossexual.

As ações pedagógicas em educação sexual, segundo os/as autores/as da época era uma forma de guiar o/a homossexual para o caminho normal e natural. A educação sexual deveria fazer ode à heterossexualidade porque ela era (é) o modelo. Falar da heterossexualidade e expor temas como reprodução, fecundação, gravidez, doenças sexuais que os heterossexuais eram acometidos e doenças que os homossexuais poderiam trazer para os heterossexuais eram táticas que deveriam ser praticadas na educação sexual, seja em casa ou na escola.

O *corpus 2* forneceu evidências de que os discursos da *pedagogia dos manuais médicos* se fazem presentes na atualidade. Isto foi comprovado nos livros de sexualidade e educação sexual analisados que também trazem conteúdos sobre a homossexualidade a partir de outras perspectivas. As ideias e representações sobre a homossexualidade veiculadas nessas produções vão do puramente biológico, passando por ideias psicologizantes até

discursos que focalizam o tema a partir de uma visão que qualifiquei como desconstrucionista visto que imprimem uma discussão pautada na contextualização e problematização do tema ao apresentarem o/a homossexual como uma pessoa que deve ser respeitada, valorizada e percebida como cidadã/o. Além disso, temas como preconceito e discriminação fazem parte das discussões desses autores/as que tiveram o cuidado de apresentar esses assuntos enfocando os aspectos psicossociais e culturais que levam a práticas homofóbicas. Apesar desses avanços, alunos/as, professores/as e outros membros da comunidade escolar podem ter acesso a livros que apresentam a homossexualidade como patologia visto que em algumas bibliotecas visitadas tais artefatos culturais ainda encontram-se disponíveis. Penso que nesta situação os/as docentes poderiam utilizá-los como recurso para realizar problematizações desconstrucionistas apresentando seus conteúdos aos/às alunos/as e fazendo-os/as perceberem como foram construídas tais ideias. Assim, seria possível demonstrar, por exemplo, que a homofobia possui vários ingredientes e que dentre eles estão as ideias biológicas que ajudam (ajudam) a reforçar os discursos entomologizantes direcionados aos/às homossexuais – ideias materializadas em discursos que transitam cotidianamente nos corredores das escolas ludovicenses e que insistem em qualificar os sujeitos “estranhos” como *qualiras*.

Os livros de sexualidade e educação sexual do *corpus 2*, categorizados como de perspectiva psicologizante, avançaram na discussão sobre a experiência homossexual ao divulgarem que é importante cultivar o respeito e a dignidade para com os/as homossexuais e que é perigoso apontarmos as pessoas somente pelas características físicas e gestos corporais.

Nos livros de sexualidade e educação sexual categorizados como de perspectiva sociocultural apareceram discussões que introduzem conteúdos os quais valorizam os olhares da cultura e da subjetividade ao discutirem a temática da experiência homossexual. Alguns livros deixam evidente a dificuldade que a Ciência tinha (tem) em falar sobre as causas da homossexualidade. Os livros dessa perspectiva trazem como principal característica a ideia de que a homossexualidade é um tema que deve ser tratado com respeito, dignidade, e, acima de tudo, como uma manifestação presente em diferentes culturas e percebida a partir de diferentes pontos de vista. Nessas obras, a homossexualidade não é percebida como patologia; o biologismo é colocado em xeque pelos/as autores/as; a homossexualidade é uma característica construída na (pela) cultura; os autores e autoras tiveram a preocupação de demonstrar para os/as leitores/as como o preconceito se constrói e ao fazerem isso utilizam a história cultural como perspectiva teórico-metodológica. Compreendo que tal estratégia visa demonstrar que as agressões e vexações que os/as homossexuais ainda passam são frutos e

reflexo de ideias, discursos e representações acionadas por diversas instituições sociais como a igreja, a medicina e a família; os/as autores/as demonstram que práticas homofóbicas são violências alimentadas por muitos fatores como a inferiorização do feminino, a padronização dos papéis sexuais e sociais, o machismo, o sexismo, a misoginia, o racismo, a xenofobia, etc.; alguns livros listam metodologias e técnicas para discutir o tema principalmente na escola e fornecem algumas dicas de como abordar o tema além de sugerir que o assunto deva ser abordado a partir de discussões, conversas e, principalmente, pela via da problematização.

A *pedagogia dos manuais médicos* está viva, inserida nas práticas de educação sexual e em todos os ambientes sociais. Constitui-se em alguns momentos como a própria educação sexual: aquela insistentemente criticada como biologicista, anatômica, fisiologista, terapêutica e exclusivamente ligada a apresentação das doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, mas que continua sendo ensinada nas aulas de Ciências e Biologia e em outros campos disciplinares. Ela incide nos artefatos culturais: nos livros didáticos e paradidáticos, nos livros não didáticos, nas mídias, nas redes sociais, na conversa do botequim, no consultório médico, na academia de ginástica, na alcova, etc. Incide como outras pedagogias incidem. Fortalece e se enfraquece. Fica adormecida, mas pode vir à tona quando as necessidades da cultura a chama. Ela ainda traz traços das proposições sobre o homossexual veiculadas no século XX, mas também pode ganhar outros contornos. Ela é uma pedagogia cultural que age de acordo com as necessidades da cultura.

O *qualira* continua sendo entomologizado, apontado, malhado, insultado, minimizado e (des) qualificado. O *qualira* continua sendo sujeito e objeto de categorizações infundáveis. O *qualira* ainda nutre a política do escárnio, do silenciamento, da patologização. Mas, o *qualiral*<sup>61</sup> também é espaço de resistência, de alegria, de política, de alteridade, de presentificação, de pedagogia, etc.

As resistências a essa forma de ver a sexualidade homossexual estão em constante movimento e uma possibilidade de reagir às operações dessa pedagogia cultural é problematizá-la trabalhando com metodologias que introduzam discursos desconstrucionistas e presentificadores sobre os sujeitos que vivem a experiência homossexual no espaço escolar.

O sonho de fato é a presentificação daqueles e daquelas que conseguem sair das sombras para, em alto e bom som dizer: ‘eu sou eu mesmo/mesma’. E esse dizer somente será

---

<sup>61</sup> *Qualiral* significa “reunião de qualiras”. Termo comumente utilizado por alguns/algumas ludovicenses quando querem se referir a um grupo de homossexuais masculinos que estão reunidos ou agrupados em determinados locais ou espaços. Estar no *qualiral* representa pertencer à classe dos homossexuais. Terminologia interpretada como pejorativa, discriminante e segregadora. Acredito na resignificação do termo *qualiral*. Entendo que estar no *qualiral* é também vivenciar experiências presentificadoras, identitárias e libertárias.

ouvido se a presentificação for aprendida em lugares como a escola. Desse modo instituições como a família e a escola estarão num processo de desconstrução para uma reconstrução com dignidade presentificada. Será afinal a utopia, a democracia e a esperança dando sinais concretos de dias melhores sem medo da morte que ronda as esquinas e as vias públicas do nosso país para todos aqueles e aquelas que ousam desafiar a norma da sexualidade padronizada.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V.; RIOS, L.F.; PARKER, R. **Ritos e ditos de jovens gays**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

ANDRADE, A. J. A; SILVA, T. T. **Representações de Exclusão na Educação: onde estão os homossexuais?** Monografia (Especialização). Centro de Educação à Distância da Universidade de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 2005. 58p.

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BALESTRA, C. F. **Criminologia y educacion**. Buenos Aires: Libreria Hachette, 1943.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Educação sexual: debate aberto**. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola**. São Paulo: Cortez, 1990.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zarar Editores, 2001.

BELMONTE, P. R. **História da homossexualidade: ciência e contra-ciência no Rio de Janeiro (1970-2000)**. Tese. (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro. 2009. 224p.

BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_. Da transexualidade oficial às transexualidades. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_. Transexuais, corpos e próteses. **Labrys Estudos Feministas**. n. 4, ago-dez., 2003.

BENEDETTI, M. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BERNARDET, J. C. Ser ou não ser não é a questão. In: PINSKY, J. **12 faces do preconceito**. São Paulo: Contexto, 2006.

BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: EDUSP, 1999.

BETHENCOURT, F. **História das inquisições**: Portugal, Espanha e Itália – séculos XV-XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BOARINI, M. L.; YAMAMOTO, O. H. Higienismo e Eugenia: discursos que não envelhecem. **Psicologia Revista**. v. 13, n. 1, São Paulo, 2004, p. 59-72.

BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs). **Educação & Homofobia**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009.

\_\_\_\_\_. **Homofobia**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Temas Transversais. Orientação Sexual. Brasília: MEC, 2006.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Temas Transversais: Orientação Sexual. Brasília: MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

\_\_\_\_\_. Conselho Federal de Educação (CFE). Parecer 2264. **Documenta**, n. 165, p. 172, 1974.

BRITZMAN, D. O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, v.21, n.1, jan./jul., 1996.

BULLOUGH, V.L. O desenvolvimento da sexologia nos EUA no início do século XX. In: PORTER, R.; TEICH, N. (orgs.). **Conhecimento sexual, ciência sexual**: a história das atitudes em relação à sexualidade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G.L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CAETANO, M.R.V. **Os gestos do silêncio para esconder as diferenças**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

CARRARA, S. **Tributo a Vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

\_\_\_\_\_. Aids e doenças venéreas no Brasil. In: LOYOLA, M.A. (org.). **Aids e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ, 1994.

CARVALHO, M.M.C. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, M.C. (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

CASTRO, M.G; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L.B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CATONNÉ, J.P. **A sexualidade ontem e hoje**. São Paulo: Cortez, 1994.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa desconhecida**. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CÓRDOBA, D. Identidade sexual y performatividad. **Athenea Digital**, n.4, 2003.

COSTA, J.F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

\_\_\_\_\_. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

COSTA, M.V. Poder, discurso, e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: LOPES, A.C.; MACEDO, E. **Currículo: debates contemporâneos** (org.). 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COSTA, R.P. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Editora Gente, 1994.

CUNHA, M.V. A escola contra a família. In: LOPES, E.M.T; FARIA FILHO, L.M.; VEIGA, C.G. **500 anos de educação no Brasil**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DICIONÁRIO ONLINE PORTUGUÊS. DESORDEIRO. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/desordeiro/>. Acesso: 26 julho 2011.

DOVER, K.L. **A homossexualidade na Grécia antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

DUFFY, B. **Análise de evidências documentais**. In: BELL, J. Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. 4ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

EDGAR, A.; SEDGWICK, P. **Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2003.

EGGERT, E. (orgs.). **(Re) leituras de Frida Kahlo: por uma ética estética da diversidade machucada**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

ENGEL, M.G. **Meretrizes e doutores – Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

EXPRESSOMT – A notícia em primeira mão. Presidenta Dilma atende Frente em Defesa da Família e suspende kit gay. Disponível em:  
<http://www.expressomt.com.br/noticia.asp?cod=140225&codDep=11>.

FELIPE, J. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. **Pró-Posições**, v.18, n.2, maio/ago, 2007.

\_\_\_\_\_. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, D.E.E. **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

FERRARI, A. Esses alunos desumanos: a construção das identidades homossexuais na escola. **Educação & Realidade**, v.28, n.1, jan./jul., 2003.

\_\_\_\_\_. **O professor frente ao homoerotismo no contexto escolar**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2000.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGARI, C. **@s outr@s cariocas: interpelações, experiências, e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro – séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FONE, B. **Homophobia: an history**. New York: Picador, 2000.

FONTES, M. Ilustrações do silêncio e da negação. LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs). **Educação & Homofobia: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009.

FOUCAULT, M. A Psicologia de 1850 a 1950. In: FOUCAULT, M. Ditos e Escritos I. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria, psicanálise**. MOTTA, M.B. (org.). 3ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2010.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sexo, poder e indivíduo: entrevistas selecionadas**. 2ed. Desterro, Santa Catarina: Edições Nefelibata, 2005.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 15 ed. São Paulo: Graal, 2000a.



\_\_\_\_\_. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo.** São Paulo: Landy Editora, 2000b.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

FREITAS, P. A mulher e seu útero. A criação da moderna medicina feminina no Brasil. **Antíteses.** v.1, n.1, ja.-jun., 2008.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 4 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. Sexo, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da educação sexual. **Educação em Revista.** Belo Horizonte. n.46, p.269-285, dez., 2007.

\_\_\_\_\_. **O bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2005a.

\_\_\_\_\_. Políticas identitárias na educação sexual. In: GROSSI, M.P. et al. (orgs). **Movimentos sociais, educação e sexualidades.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Mitos e tabus da sexualidade humana:** subsídios ao trabalho em educação sexual. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GAGNON, J.H. **Uma interpretação do desejo:** ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006a.

\_\_\_\_\_. A ciência e a política da patologia. In: GAGNON, J.H. **Uma interpretação do desejo:** ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006b.

GAMSON, J. As sexualidades, a teoria *queer* e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é pedagogia.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. 2 ed., São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOLDENSON, R.M.; ANDERSON, K.N. **Dicionário de sexo.** São Paulo: Ática, 1989.

GONDRA, J.G. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, E.M.T.; FARIA FILHO, L.M.; VEIGA, C.G. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil.** 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. Paul-Michel Foucault – Uma caixa de ferramentas para a História da Educação? In: FARIA FILHO, L.M. (org.). **Pensadores sociais e História da Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

\_\_\_\_\_. Conformando o discurso pedagógico: a contribuição da medicina. In: FARIA FILHO, L.M. (org.). **Educação, modernidade e civilização**: fontes e perspectivas de análises para a história da educação oitocentista. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GREEN, J.N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GREEN, J.N.; POLITO, R. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GROSSI, M.P. Identidade de gênero e sexualidade. Disponível em: [http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade\\_genero\\_revisado.pdf](http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf). Acesso: 17 novembro 2011.

GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL. GTPOS. **Guia de orientação sexual**: diretrizes e metodologia. 10 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

GRUPO GAY DA BAHIA. Informes sobre homofobia: relatório anual divulga número de homossexuais assassinados no Brasil em 2009. Disponível em: <http://www.ggb.org.br/dossier%20de%20assassinatos%20de%20homossexuais%20em%202009.html>. Acesso: 19 maio 2010.

\_\_\_\_\_. **Textos do Grupo Gay da Bahia**. Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 1990.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

HALL, L.A. Os ingleses possuem bolsa de água quente: o casamento morganático entre medicina e sexologia na Inglaterra depois de William Acton. PORTER, R.; TEICH, N. (orgs.). **Conhecimento sexual, ciência sexual**: a história das atitudes em relação à sexualidade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

HAUSER, R. Compreensão psicológica do comportamento sexual por Krafft-Ebing. In: PORTER, R.; TEICH, N. (orgs.). **Conhecimento sexual, ciência sexual**: a história das atitudes em relação à sexualidade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C.A.M. (org.). **A invenção do Brasil Moderno – Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HILL, A. O médico pode aconselhar intercurso extraconjugal: debates médicos sobre abstinência sexual na Alemanha, c. 1900. In: PORTER, R.; TEICH, N. (orgs.). **Conhecimento sexual, ciência sexual**: a história das atitudes em relação à sexualidade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

HOCQUENGHEM, G. **A contestação homossexual**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

HOOKS, B. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, G.L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

HORA, Dayse Martins. Medicalização. Disponível: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_medicalizacao.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_medicalizacao.htm). Acesso: 26 julho 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S.; FRANCO, F.M.M. **Míni Houaiss**: dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

IDÍGORAS, J.L. **Vocabulário teológico para a América Latina**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

JUNQUEIRA, R.D. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs). **Educação & Homofobia**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009.

\_\_\_\_\_. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**. v.1, n.1, jul./dez., 2007.

KAHLO, F. **The little deer**. Olga's Gallery. Oil on masonite. 1946. Disponível em: <http://www.abcgallery.com/K/kahlo/kahlo65.html>. Acesso: 17 maio 2010.

LA MARCHE, F. **O amor dos rapazes da idade média ao renascimento**: a audácia dos gestos. [s.l], 1996.

LANTERI-LAURA, G. **Leitura das perversões**: história de sua apropriação médica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

LIMA, M. A. A. O estilo Sui Generis de vida gay: identidade e esfera pública. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (2000, p.34).

LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs). **Educação & Homofobia**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009a.

\_\_\_\_\_. Qual diversidade sexual dos livros didáticos? In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs). **Educação & Homofobia**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009b.

\_\_\_\_\_. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs). **Educação & Homofobia**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009c.

LÔBO, Y.L. Bertha Maria Júlia Lutz. In: FÁVERO, M.L.A.; BRITTO, J.M. (org.) **Dicionário de Educação no Brasil**: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / MEC-INEP, 2002.

LOPES, M.C. Inclusão escolar: currículo, diferença e identidade. In: LOPES, M.C.; DAL'IGNA, M.C. **In-Exclusão nas tramas da escola**. Canoas: Editora da ULBRA, 2007.

LOURO, G.L. O cinema como pedagogia. In: LOPES, E.M.T. ; FARIA FILHO, L.M.; VEIGA, C.G. **500 anos de educação no Brasil**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. Foucault e os estudos queer. In: VEIGA-NETO; A.; RAGO, M. (org.) **Por uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições**. v.19, n.2 (56), maio-ago, 2008a.

\_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 9 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007a.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, n.46, p. 201-218, 2007b.

\_\_\_\_\_. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D.E. (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M.V. **O currículo nos limites do contemporâneo**. 3ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e gênero na escola. In: SCHMIDT, S. (org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a.

\_\_\_\_\_. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, ano 9, 2001b.

\_\_\_\_\_. Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, L.H. **A escola cidadã no contexto da globalização**. 4 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LYRA, R. **Polícia e justiça para o amor**. Rio de Janeiro: Editora S.A. Noite, 1932.

MACHADO, L.D.C.N. **Patologização do desejo: o homossexualismo masculino nos manuais de medicina legal do Brasil das décadas de 1940 e 1950**. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 92p. 2010.

MACHADO, R. et al. **Da (nação) da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARQUES, V.R.B. **A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico.** Campinas: Unicamp, 1994.

MATTOSO, G. **Dicionário do palavrão e correlatos.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

MCLAREN, A. Não um estranho, um doutor: médicos e questões sexuais no fim do século XIX. In: PORTER, R.; TEICH, N. (orgs.). **Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

MEC FINANCIA QUEM É RICO E HOMOSSEXUALIDADE. Blog do Fernando Teixeira. Disponível em: <http://fernandofts.blogspot.com/2011/05/MEC-financia-quem-e-rico-e.html>. Acesso: 16 junho 2011.

MINAYO, M.C.S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S. (org.); DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MISKOLCI, R. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, A; SILVÉRIO, V.R. **Afirmando diferenças: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola.** São Paulo: Papyrus, 2005.

MONTARDO, J.L.V. **Do pecado ao perigo: discursos sobre educação sexual para adolescentes brasileiros no século XX.** Dissertação. (Mestrado em Educação nas Ciências). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. 140p. 2008.

MONTEOLIVA, José Maria. **A sexualidade. 50 palavras.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MOTT, L. **Assassinato de homossexuais no Brasil: relatório de 2008.** Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2009.

\_\_\_\_\_. Os filhos da dissidência: o pecado de sodomia e sua nefanda matéria. **Tempo**, n.10, 2005.

\_\_\_\_\_. Nefandos pecados. **Revista Nossa História**, ano 1, n.8, jul., São Paulo: Editora Biblioteca Nacional, 2004.

\_\_\_\_\_. Porque os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? In: MOTT, L. **Homossexualidade: mitos e verdades.** Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2003a.

\_\_\_\_\_. O jovem homossexual. In: O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. RIBEIRO, M. (org.). São Paulo: Editora Gente, 1999.

\_\_\_\_\_. **Rosa egípcica: uma santa africana no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 1993a.

\_\_\_\_\_. **A inquisição no Maranhão.** Conferência. Semana de História. Universidade Federal do Maranhão, 1993b.

\_\_\_\_\_. **Aidsfobia e aidsteria:** preconceito e discriminação às pessoas com Aids no Brasil. I Encontro Aids: repercussões psicossociais, Universidade de São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. Pagode português: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais. **Ciência e Cultura**. v. 2, n.40, 1988a.

\_\_\_\_\_. Maria, Virgem ou não? Quatro séculos de contestação no Brasil. In: MOTT, L. **O sexo proibido:** virgens, gays e escravos nas garras da inquisição. Campinas: Papyrus, 1988b.

\_\_\_\_\_. Desventuras de um sodomita português no Brasil. In: MOTT, L. **O sexo proibido:** virgens, gays e escravos nas garras da inquisição. Campinas: Papyrus, 1988c.

\_\_\_\_\_. **Inquisição e homossexualidade.** Comunicação. I Congresso Internacional sobre a Inquisição Portuguesa, Lisboa, 1987a.

\_\_\_\_\_. Os médicos e a Aids no Brasil. **Ciência e Cultura**. v.1, n.39, 1987b.

\_\_\_\_\_. **O lesbianismo no Brasil.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

\_\_\_\_\_. Relações raciais entre homossexuais no Brasil colônia. **Rev. Bras. Hist.** V.5, n.10, São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. **Os gays e as doenças sexualmente transmissíveis.** Comunicação. 34ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Campinas, São Paulo, 1982.

MUSSKOPF, A.S. **Via(da)gens teológicas:** itinerários para uma teologia queer no Brasil. Tese de Doutorado. São Leopoldo: EST, 2008a.

\_\_\_\_\_. Veadagens teológicas. In: EGGERT, E. (orgs.). **(Re) leituras de Frida Kahlo:** por uma ética estética da diversidade machucada. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008b.

\_\_\_\_\_. Além do arco-íris: corpo e corporeidade a partir de 1 Co 12.12-27 com acercamentos do ponto de vista da Teologia Gay. In: STROHER, M.J.; DEIFELT, W.; MUSSKOPF, A.S. **À flor da pele:** ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004.

NOVINSKY, A. **A inquisição.** 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NUNES, C.A. **Desvendando a sexualidade.** 6 ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Filosofia, sexualidade e educação:** as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. 1996, 319f. Tese - Curso de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, 1996.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança.** São Paulo: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, L.S. **Representação de sexualidade que orienta práticas educativas no Brasil desde o final do século XIX**. 81p. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura Contemporânea). Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro. 2007.

PARKER, R. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, G.L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Depois da AIDS: mudanças no comportamento (homos) sexual. In: DANIEL, H.; PARKER, R. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo: Iglu Editora, 1991.

PEREIRA, C.A.M. O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30. In: HERSCHMANN, M.M; PEREIRA, C.A.M. **A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PHILIPPI, J.N. Considerações sobre a sexualidade humana. In: GROSSI, M.P. et al. (orgs.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. **Cadernos de Pesquisa**. n.114, p.179-195, nov., 2001.

PINTO, E. B. **Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade**. São Paulo: Gente, 1999.

POCAHY, F.; OLIVEIRA, R.; IMPERATORI, T. Cores e dores do preconceito: entre o boxe e o balé. LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs). **Educação & Homofobia: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009.

POLLITZ, P. **Psicologia do criminoso**. Rio de Janeiro: Atlantida Editora, 1934.

POLLAK, M. **Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

POLLOCK, G. Missing women. Rethinking early thoughts on images of women. In: Squires, C (ed.) **The critical image**. Seattle: Bay Press, 1990.

PORTER, R.; TEICH, N. (orgs.). **Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PORTINARI, D. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PRADO, M.A.M; MACHADO, F.V. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

QUEIROZ, M.S. **Saúde e doença: um enfoque antropológico**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

RAMIRES NETO, L. **Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no ensino médio em São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) -Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

REIS, J.F. Orientação sexual: homossexualidade e escola. In: TEIXEIRA, A.B.M.; DUMONT, A (org.) **Discutindo relações de gênero na escola**: reflexões e propostas para a ação docente. Araraquara, São Paulo: Junqueira & Martin; Belo Horizonte: GSS; FUNDEP, 2009.

REIS, G.V. **Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920-1950: um estudo sobre a obra de Francisco Albuquerque**. 92p. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Araraquara. 2006.

RIBEIRO, L. **Polícia científica**. Rio de Janeiro: Guanabara, Waissman Koogan, 1934.

RIBEIRO, M. Educação sexual. **FEMINA**, v. 14, n. 9, p. 945 - 948, out., 1988.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual**: além da informação. São Paulo: EPU, 1990.

RICHARDS, J. Homossexuais. In: \_\_\_\_\_. **Sexo, desvio e danação**: as minorias na Idade Média – hereges, bruxos, judeus, prostitutas, homossexuais e leprosos. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3ed., São Paulo: Atlas, 1999.

RIOS, R.R.; SANTOS, W.R. Diversidade sexual, educação e sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático. LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs). **Educação & Homofobia**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009.

ROSEMBERG, F. Educação sexual na escola. **Caderno de Pesquisa**, n. 53, maio, 1985.

ROTELLO, G. **Comportamento sexual e AIDS**: a cultura gay em transformação. São Paulo: Summus, 1998.

RUSSO, J.A. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F.; CARRARA, S. **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_. O campo da sexologia e seus efeitos sobre a política sexual (paper). Seminário Diálogo Latinoamericano sobre Sexualidade e Geopolítica. Rio de Janeiro, 2009.18p.

RUSSO, J.A.; ROHDEN, F.; TORRES, I.; FARO, L. O campo da sexologia no Brasil: constituição e institucionalização. **Physis**. Rio de Janeiro, n.19, v.3, 2009.

SANTOS, A.C. Heteroqueers contra a heteronormatividade: notas para uma teoria queer inclusiva. **Oficina do CES**, n.29, nov., 2005.

SANTOS-FILHO, L. **História geral da medicina**. São Paulo: HUCITEC – EDUSP, 1991.

SÁ-SILVA, J.R.S; ALMEIDA, C.D.; GUINDANI, J.F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. Ano 1, n.1, jun., 2009.



SÁ-SILVA, J.R.; PORTO, M.J.F.; DANTAS, J.G.; ALMEIDA, F.V.P. O lugar da sexualidade na escola e as ações docentes em educação sexual. In: EGGERT, E.; SILVA, M.A. (orgs.). **A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes**. Pelotas: Ed. UFPEL, 2009.

SÁ-SILVA, J.R.S. **Representações sociais de professores do ensino fundamental da rede pública municipal de São Luís – MA sobre a hanseníase**. Dissertação de Mestrado. São Luís, Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 2004.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

SAYÃO, I. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários, In: AQUINO, J. G. (org). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, C.A.C. A homossexualidade ao longo dos tempos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, n.36, v.6, p.321-326, 1989.

SOUZA, S.T; RIBEIRO, B.O.L. Educação escolar e modernização no interior paulista (Franca – década de 60). **Cadernos de História da Educação**. n.7. jan./dez., 2008.

SPENCER, C. **Homossexualidade: uma história**. São Paulo: Record, 1996.

STEINBERG, S. R. **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações**. In: SILVA, L.H.; AZEVEDO, J.C.; SANTOS, E. (orgs.). **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Educação de Porto Alegre, 1997.

STEPHANOU, M. Discursos médicos e educação sanitária brasileira. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C. (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. v. III: Século XX. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Tratar e educar: discursos médicos e educação nas primeiras décadas do século XX**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 356p.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C. (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. v. III: Século XX. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

STRECK, D.R. Pedagogia. In: STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. (org.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SULLIVAN, A. **Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SUPLICY, M. et al. **Sexo se aprende na escola**. 2.ed. São Paulo: Olho d' água, 1999.

TREVISAN, J.S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 2 ed. São Paulo: Editora Max Limonard, 1986.

ULLMANN, R.A. **Amor e sexo na Grécia antiga**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

VAINFAS, R. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997a.

\_\_\_\_\_. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: In: NOVAIS, F.A.; SOUZA, L.M. (orgs.). **História da vida privada no Brasil**: cotidiano e vida privada na América Portuguesa. v.1, São Paulo: Cia. Das Letras, 1997b.

\_\_\_\_\_. Homoerotismo feminino e o Santo Ofício. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997c.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

VIANNA, C.; RAMIRES, L. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs.). **Educação & Homofobia**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009.

VIANNA, C.; RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, J.G. (org.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

VIANNA, C.; UNBEHAUM, S. O gênero nas políticas públicas de educação. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas: Autores Associados, São Paulo, v.34, n.121, 2004.

VIDAL, D. G. Educação sexual: produção de identidades de gênero na década de 30. In: SOUZA, C. P. (org). **História da educação**: processo, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras, 1998.

VIEIRA, E.M. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

VIVIANI, L.M. **A Biologia necessária**: formação de professoras e escola normal. Belo Horizonte: Argumentum; São Paulo: FAPESP, 2007.

WASKEN, R.L. A educação sexual e o respeito à diversidade. **Revista Educação e Família**, ano 1, 2 ed., São Paulo: Editora Escala, 2005.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G.L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 9, 2º Semestre, 2001.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

\_\_\_\_\_. Implantação da educação sexual no Brasil. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n. 26, p. 21-27, set., 1978.

ZENTI, L.; GENTILE, P. A vida invade a escola. **Nova Escola**. n. 141, abr., p. 18-25, 2001.

## FONTES DA PESQUISA DOCUMENTAL

*CORPUS I***Década de 1920**

FOREL, Augusto. **A questão sexual**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928.

**Década de 1930**

PAUCHET, Victor. **Os filhos**: sua preparação para a vida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

SILVA, Gastão Pereira; SILVA, José Pereira. **Crime e Psico-Análise**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Marisa, 1933.

STEKEL, Wilhelm. **Educação dos pais**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936.

**Década de 1940**

LACHAPELLE, Paulo. **Psiquiatria pastoral**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1944.

RAMOS, Arthur. **A criança problema**: a higiene mental na escola primária. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Editôra da Casa do Estudante do Brasil, 1949.

SCHMIDT, Isabel Junqueira. **Orientação educacional**. Porto Alegre: Editora da Livraria Globo, 1942.

VIVEIROS DE CASTRO, Francisco José. **Atentados ao pudor**: estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 1943.

**Década de 1950**

BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS. **Erotologia feminina**: com fotografias originais. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora, 1955.

FOUQUÉ, Charles. **Homossexualismo**: o amor que não ousa dizer seu nome. Estudos psico-sexuais. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1953.

IRAJÁ, Hernani. **Psicoses do amor**: estudos sobre as alterações do instinto sexual. 9 ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1954.

NÉRICI, Imídeo. **Seus filhos, o sexo e você**: normas de educação sexual da infância à adolescência. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959.

NEVES, Margarida Sinai. **Educação sexual**. Porto Alegre: Editora Globo, 1954.

### Década de 1960

CAPRIO, Frank ; BRENNER, Donald . **Conduta sexual**: aspectos psicolegais incluindo casos típicos. São Paulo: IBRASA, 1967.

ELLIS, Albert. **Sexo e o homem solteiro**: mitos e realidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.

ROCHA, Zaldo. **Como educar nossos filhos?** Rio de Janeiro: Vozes, 1965.

SCHMIDT, Maria Junqueira. **Educar para a responsabilidade**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1967.

\_\_\_\_\_. **Também os pais vão à escola**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1964.

STORR, Anthony. **Desvios sexuais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

ULLERSTAM, Lars. **As minorias eróticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1967.

VANDERVELDT, J.H.; ODENWALD, R.P. **Psiquiatria e catolicismo**. Lisboa: Editorial Aster, 1968.

WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola**: guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores. Rio de Janeiro: Editôra Civilização Brasileira S.A, 1960.

### Década de 1970

COSTIN, Frank. **Psicologia do anormal**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

DUVALL, Evelyn Millis. **A juventude descobre o amor**: fatos sobre o sexo e o amor para adolescentes. 4 ed. São Paulo: IBRASA, 1970.

EDELSTEIN, Isidoro. **Princípios educativos de medicina social**: sexologia. Rio de Janeiro, 1971.

MARMOR, Judd. **A inversão sexual**: as múltiplas raízes da homossexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

NETTO, Aguiar. **Psicologia, ciência e vida**: orientação educacional. v.1. São Paulo: Editora e Encadernado Formar, 1975.

\_\_\_\_\_. **Psicologia, ciência e vida**: orientação educacional. v.2. São Paulo: Editora e Encadernado Formar, 1975.

\_\_\_\_\_. **Psicologia, ciência e vida**: orientação educacional. v.3. São Paulo: Editora e Encadernado Formar, 1975.

PANDU, Pandiá. **Enciclopédia do sexo ilustrada**: sexo, amor, erotismo. Rio de Janeiro: Editora Tanguará, 1970.

PEREIRA, F.A. (org.). **Moderna enciclopédia sexual**. 8 ed., v.2 (F-M), São Paulo: Libra Empresa Editorial, 1971.

SPOERRI, Thomas. **Compêndio de psiquiatria**. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1972.

### *CORPUS II*

ALVES, Rubem. **O gato que gostava de cenoura**. São Paulo: Loyola, 2001.

BOLSANELLO, Aurélio. **Enciclopédia pedagógica da educação sexual**: a sexologia sem preconceito. 18ed. São Paulo: Editora Educacional Brasileira, 1986.

BRUSCHINI, Cristina; BARROSO, Carmen. **Sexo e juventude**: como discutir a sexualidade em casa e na escola. 7ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **AIDS**: prevenção, escola. 6ed. São Paulo: Paulus, 1987.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Sexualidade**: prazer em conhecer. Rio de Janeiro: Schering, 2001.

HARRISON, Michelle. **O primeiro livro do adolescente sobre amor, sexo e AIDS**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MULLINAR, Gill. **Dicionário de Orientação Sexual para adolescentes**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu**: o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos. São Paulo: FTD, 1999.

SUPLICY, Marta. **Sexo para adolescentes**: amor, puberdade, masturbação, homossexualidade, anticoncepção, DST/AIDS, drogas. Edição atualizada. São Paulo: FTD, 1998.

SUPLICY, Marta et al. **Sexo se aprende na escola**. 2ed. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

TIBA, Içami. **Adolescência**: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo das novas gerações. 11ed. São Paulo: Gente, 1994.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE A: Material completo resultante das categorizações dos livros de medicina, psicologia e educação do século XX utilizados para compor o *Corpus 1*.

**Categoria 01: “É hereditária? – O homossexual nasce homossexual?”**

*“Os excessos sensuais, as aberrações, os vícios que afligem a humanidade são o resultado de lesões intelectuais e físicas que provêm de taras hereditárias”* (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.24).

*“Os phenomenos psycho-pathologicos apresentados pela maioria dos invertidos são primitivos, isto é, hereditarios”* (FOREL, 1928, p.241).

*“A teoria biológica considera que um certo grau de homossexualismo é organogênico”*(VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.393).

*“Entende-se por homossexualismo a tendência natural de um ser em experimentar apetites sexuais noutro indivíduo de seu próprio sexo, preferindo-o a outro de sexo diferente”* (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.62).

*“Alguns partidários do caráter orgânico do homossexual autêntico insistem em que as suas experiências sexuais infantis são de natureza homossexual. [...] O estado do doente é determinado biologicamente”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.394).

*“Sabendo quão fragil mostra-se a responsabilidade humana em face desse medonho desconhecido neuro-endocrinológico do qual ignoramos quase tudo, comandado pelo misterio hereditário sobre o qual não temos senão vislumbres”* (FOUQUÉ, 1953, p.6).

*“A patogênese do homossexualismo foi igualmente discutida do ponto de vista genético. Se se pudesse provar que se trata de uma perturbação hereditária, teria então uma indiscutível base orgânica”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.394).

*“A prova da teoria biológica está na diferença que existe entre as medidas antropométricas dos homossexuais e as dos heterossexuais. Com efeito notam-se diferenças anatômicas na largura das ancas, no comprimento das pernas, no desenvolvimento dos músculos dos braços, na espessura dos cabelos, na gordura, etc.”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.395).

*“[...] o amor homossexual não produz descendencia e se extingue por si mesmo, pela seleção”* (FOREL, 1928, p.242).

*“Existem muitos pervertidos refinados que desejam ter filhos homossexuais como elles. Como as relações sexuais com o objecto de sua paixão amorosa não pode proporcionar-lhes este prazer, casam-se para, com esforço e repugnancia, procrear algumas crianças com uma pobre mulher que se torna a sua victima, sem por isto abandonarem absolutamente as orgias que fazem com homens. Sua esposa é a dona de casa ou criada, cuja função accessoria é de pôr no mundo alguns pequenos invertidos. Terei necessidade de dizer que um medico instruido e que se respeita não deve nunca tornar-se cúmplice de tal casamento? Ainda aqui*



*o seu dever é de ameaçar o invertido com denuncia immediata á noiva – o que fará se elle mostrar-se decidido a realizar a sua má acção” (FOREL, 1928, p.446).*

*“É mais vantajoso para a sociedade que estes infelizes psychopathas se contentem com as suas mutuas relações sexuaes, cujo resultado é absolutamente esteril, não prejudicando, pois, a nossa descendencia. O verdadeiro crime é o casamento de um invertido com pessoa de outro sexo. É crime commettido contra o conjuge normal e contra os filhos que podem resultar desta nefasta união forçada” (FOREL, 1928, p.410).*

### **Categoria 02: “A endocrinologia pode responder? – A homossexualidade é uma questão hormonal?”**

*“A teoria hormonal apresenta uma outra prova do caráter biológico, inato, do homossexualismo. Quando se descobriu que todos os indivíduos tinham no sangue simultaneamente hormonas andrógenas (masculinas) e hormonas estrógenas (femininas), os investigadores examinaram a proporção desses hormonas nas urinas dos heterossexuais e dos homossexuais. Verificou-se que, quando examinados em grupos, estes últimos tinham, menos androgênios e mais estrogênios que os indivíduos normais; por outras palavras, a proporção era mais fraca. Conclui-se daí que as tendências homossexuais são devidas a certa preponderância das hormonas do sexo oposto” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.395).*

*“Ocorre muitas vezes, entretanto, uma disfunção glandular. Pode haver certamente um distúrbio na endocrinologia do menino, e neste caso os sintomas deverão surgir” (NETTO, 1975, p.245, v.1).*

*“A inversão sexual corresponde em muitos casos a uma especie de hermaphroditismo parcial, em que as glandulas sexuaes e os órgãos copuladores apresentam os caracteres de um dos sexos, enquanto o cerebro toma boa parte do sexo contrario. Mas o fenomeno não é menos pathologico” (FOREL, 1928, p.241).*

*“Sabemos hoje que há mesmo causas biológicas, glandulares de uma bi-sexualidade animal. Na espécie humana, a mulher possui hormônios masculinos, como o homem possui hormônios femininos. Os estudos endocrinológicos contemporâneos admitem a inscrição, no gérmen, nos cromossomos, de uma sexualidade indiferente, uma bi-sexualidade gonadal, e só num período posterior é que sobreviria a distinção dos sexos. Haveria por assim dizer, uma ‘perversão’ zigótica, nesta inscrição orgânica, muito primitiva, da inter-sexualidade celular. [...] Certos psico-biólogos vão mais além e admitem que as chamadas ‘perversões’ infantis, os ‘infantilismos sexuais’, como a curiosidade, exhibicionismo, auto-erotismo em geral, etc., todos êsses ‘resíduos’ teriam a sua normalidade orgânica” (RAMOS, 1949, p.319-320).*

*“Não existe prova alguma que permita afirmar que os desequilíbrios hormonais sejam mais freqüentes nos homossexuais do que nos heterossexuais. Se se procurar curar um homossexual com um hormônio masculino, obtêm-se, no máximo, um aumento do seu instinto homossexual” (ULLERSTAM, p.97, 1967).*

*“Os hormônios circulam na corrente sanguínea em concentrações extremamente pequenas e, até recentemente, não foram quantitativamente identificáveis. Mesmo hoje, certos hormônios podem ser medidos apenas de maneira relativamente grosseira e às vezes só indiretamente. A maior parte dos estudos levados a efeito no passado envolvia produtos excretórios urinários do sexo básico ou esteróides correlatos. A interpretação desses resultados está repleta de dificuldades porque muitas metamorfoses metabólicas ocorrem entre a formação de um hormônio dentro de uma glândula, secreção da glândula, ligação com proteína e transporte na corrente sanguínea, utilização no corpo, degeneração no fígado e conversão numa forma excretável pelos rins na urina” (MARMOR, p.46, 1973).*

*“Deve estar claro que, apesar do intenso e generalizado interesse na possível influência dos hormônios sobre o comportamento sexual, este tipo de pesquisa provou ser extremamente frustrante e desalentador” (MARMOR, p.47, 1973).*

*“O estradiol, entre os seus muitos outros efeitos metabólicos, provoca o crescimento dos seios e o desenvolvimento da vagina e do útero. Na maioria dos animais, ele é produzido em quantidades maiores pela fêmea do que pelo macho e foi chamado de ‘hormônio sexual feminino’. De modo semelhante, por causa de seus efeitos produtores do crescimento do pênis e dos órgãos genitais acessórios e por ser secretado em quantidades maiores pelo macho, a testosterona foi denominada ‘hormônio sexual masculino’. Esta terminologia é infeliz, e em grande parte desorientadora, por sugerir conceitos incorretos e conduzir a um raciocínio falho. Na realidade, o garanhão [espécie de cavalo] produz mais material estrógeno do que qualquer outro animal conhecido e, se houvesse o estrógeno sido isolado pela primeira vez neste animal, ele bem poderia receber hoje o nome de ‘hormônio sexual masculino’” (MARMOR, p.54, 1974).*

*“A homossexualidade, por muitos anos, foi considerada uma manifestação de desequilíbrio endócrino e relatórios publicados pretendiam provar que proporções anormais entre os andrógenos e os estrógenos poderiam constituir a base para o comportamento homossexual. Os exemplos seguintes ilustram nossa experiência e o ponto de vista oposto: Caso 1: E.S., uma mulher branca, de 27 anos, nos foi enviada por um psiquiatra, devido a atividades hormonais. As regras eram regulares e ela ovulava normalmente, tal como determinam tabelas de temperatura corporal basal e modificações do muco cervical. Havia estado casada cinco anos, gostava do marido, mas era incapaz de desfrutar das relações sexuais com ele, embora alegasse fácil excitação sexual na presença de mulheres atraentes. O exame físico foi normal sob todos os aspectos e seu padrão hormonal achava-se perfeitamente dentro da variação para mulheres encontrada em nosso laboratório. Repetidos estrógenos urinários eram, na realidade, altamente normais; Caso 2: I.H., do sexo masculino, branco, com 24 anos de idade, nos foi enviado por um psiquiatra devido a práticas homossexuais. O paciente há muito tempo desconfiava de sua própria homossexualidade e havia tentado relações heterossexuais por diversas vezes, a fim de testar sua virilidade. Essas experiências não foram satisfatórias, mas numerosos contatos homossexuais o foram” (MARMOR, p.54-55, 1974).*

*“Caso 3: S.C., um rapaz negro, de 14 anos de idade, foi enviado à clínica endocrinológica por causa de ‘maneirismos e comportamento femininos’. Um testículo abdominal direito atrófico fora removido anteriormente. Tratava-se de um rapaz extremamente gracioso, com dedos longos e afilados e feições delicadas. Seus movimentos e posturas eram bastante femininos, e sua maneira de falar era precisa e do tipo popularmente associado aos homossexuais do sexo masculino. Os resultados do exame físico foram normais para um indivíduo do sexo masculino de 14 anos de idade. Análises hormonais de uma amostra de 24 horas de urina achavam-se bem dentro da variação normal para o seu grupo etário. Ele experimentara ereções e poluições noturnas e, na realidade, tivera experiências sexuais satisfatórias com várias mulheres. Era profundamente religioso e recentemente havia-se determinado a ‘abandonar os caminhos do mundo mau’ e devotar-se ao serviço da igreja. Não escutava vozes ou tinha alucinações visuais, mas considerava-se ‘diferente dos outros rapazes’. Uma entrevista com seu pai foi extremamente interessante, pelo fato de serem as semelhanças físicas e emocionais notáveis à primeira vista” (MARMOR, p.55-56, 1973).*

*“Caso 4: K.R., moça branca, de 15 anos de idade, nos foi enviada por um psiquiatra por lhe haverem sido exigidos documentos trabalhistas e achar-se em dúvida o seu sexo. Fora, considerada menina ao nascer, porque, ao ser examinada, nem testículo nem escroto haviam sido encontrados e um pequeno orifício, onde a vagina ordinariamente estaria, achava-se presente. Fora criada como menina e seu sexo havia sido pouco questionada até seis meses antes do exame, quando, por causa de um certo crescimento de pêlos faciais, aumento do clitóris e ligeiro engrossamento da voz, surgiram dúvidas na mente de seus professores e pais. A principal preocupação da paciente é que ela nunca havia menstruado. Ao ser submetida a exame físico parecia ter a idade declarada. Era feminina tanto na voz como nos maneirismos, estava noiva e considerava-se mulher. Havia completa ausência de tecido dos seios. Alguns pêlos poderiam ser vistos na ponta do queixo, mas existia apenas pequena quantidade de pêlos axilares. Os pêlos púbicos eram abundantes, mas apenas alguns fios isolados estendiam-se até a metade do abdômen. O órgão genital podia ser um clitóris aumentado ou um pênis muito pequeno, achando-se presente, na região do períneo, um pequeno orifício uretral. Em cada dobra labial ou escrotal podia-se apalpar um pequeno nódulo, do tamanho de uma ervilha. Pareciam ser pequenos testículos atróficos, o que foi comprovado pelo exame histológico. Uma amostra da mucosa bucal foi colorida para determinação sexual nuclear e descobriu-se ser do sexo masculino. A laparotomia revelou ausência de útero e de partes anatômicas associadas. Essa paciente foi extensivamente entrevistada por um psiquiatra e estudada intensamente por um psicólogo, ambos os quais concordaram que a identificação psicológica achava-se tão intensamente fixada no sentido da feminilidade que seria um erro grosseiro tentar modificar sua orientação sexual física no sentido da masculinidade. Por conseguinte os pequenos testículos foram retirados do escroto; foi tratada com estrógeno, a fim de desenvolver os seios e constituiu-se uma vagina artificial. Apesar de sua situação genital lhe ter sido repetidamente explicada e lhe ter dito em muitas ocasiões que ela nunca poderia ter filhos, casou-se e ficou muito preocupada quando, após vários meses, não engravidou” (MARMOR, p.56-57, 1973).*

*“Durante muito tempo predominou a corrente segundo a qual fatores constitucionais eram responsáveis pela homossexualidade. Esses fatores deveriam ser encontrados na herança ou nas desendocrinias (desequilíbrio nas glândulas endócrinas). Ficaram famosos os estudos comparativos entre homossexuais que tinham irmãos gêmeos idênticos, e um grupo de homossexuais que tinham irmãos gêmeos, porém, não idênticos. Mas esses estudos não convenceram. O mesmo se pode dizer das pesquisas sobre os cromossomos e os hormônios. Também seus resultados mostraram-se improdutivos, pelo menos até agora. A terapêutica hormonal, por exemplo, foi de há muito abandonada, por que seus resultados foram quase nulos. A prescrição de hormônios para homossexuais não muda, de modo algum a linha de sua conduta. Ao contrário, aumenta seu impulso, ou sua excitação na mesma linha, agravando, portanto, seus problemas de conduta” (PEREIRA, 1971, p.361).*

*“Em nossa experiência, nenhum paciente, homem ou mulher, mostrou qualquer inversão coerente de padrão endócrino para explicar tendências homossexuais. Nunca observamos qualquer correlação entre a escolha do objeto sexual e o nível de excreção hormonal. Substâncias estrogênicas administradas a mulheres homossexuais não alteraram o impulso sexual, nem a escolha do objeto sexual. Grandes doses de estrógeno administradas a homens homossexuais reduziram ocasionalmente seus impulsos homossexuais, mas não influenciaram a escolha do objeto sexual. O mecanismo desse decréscimo no impulso sexual é, acreditamos, o efeito repressivo do estrógeno sobre a própria função testicular do paciente, com um decréscimo na produção de andrógeno e a conseqüente baixa de sensibilidade do pênis. As substâncias andrógenas, particularmente a testosterona, não alteram a escolha do objeto sexual dos homossexuais masculinos ou femininos. No entanto, quando empregadas em grandes quantidades, tendem a aumentar a atividade sexual das mulheres e dos homens hipogonádicos. Estas observações nos levam a acreditar que os hormônios esteróides dos tipos estrógeno e andrógeno nada têm a ver com a escolha do objeto sexual e, dessa maneira, com a determinação da homossexualidade. A terapêutica com essas substâncias pode ocasionalmente afetar o impulso sexual, mas não se deve esperar que exerça efeitos benéficos sobre o curso da homossexualidade” (MARMOR, p.55, 1973).*

*“Qual a causa do homossexualismo? Para começar, há algumas coisas que o homossexualismo não é: 1. O homossexualismo não é condição hereditária. Há cem anos, a medicina explicava as situações mais delicadas e complicadas pondo a culpa nos defeitos genéticos do bisavô que jamais estavam por perto para se defenderem. Nos dias que correm, muito se sabe sobre genética para afirmar que os traços homossexuais não se transmitem de pais para filhos. Além disso, já que os homossexuais se entregam tão raramente a práticas heterossexuais, seria difícil produzir bastantes pequenos homossexuais para reabastecer a provisão; 2. O homossexualismo não é um problema hormonal ou glandular. Esta era outra explicação muito popular no século dezenove. Qualquer condição que intrigava os peritos era considerada ‘glandular’, já que ninguém conhecia muito sobre as glândulas. A despeito de anos de trabalhos com hormônios masculinos e femininos pelos pesquisadores, ninguém conseguiu parar ou desencadear, de modo significativo, o comportamento sexual dando ou retirando hormônios” (PANDU, 1970, p.76-77).*

*“Foi amplamente sustentada a opinião de que o padrão hormonal de um paciente pode ser deduzido pela observação de seu comportamento. [...] A avaliação psicológica e endocrinológica cuidadosa de pacientes cujos maneirismos parecem congruentes com seus padrões sexuais somáticos ou nucleares nunca apresentou anormalidade da função endócrina. Nos pacientes em quem foi possível exercer uma investigação psiquiátrica, a importância dos fatores psicológicos foi evidente. À exceção dos portadores de clara perturbação hormonal, nos foi impossível prognosticar a situação hormonal de um paciente pela investigação física, pela observação de seu comportamento ou pela avaliação psicológica. Nossa conclusão, portanto, foi de que os chamados ‘hormônios sexuais’ não são importantes na determinação das atitudes e dos ‘maneirismos sexuais’” (MARMOR, p.57, 1973).*

*“Resumindo tudo o que dissemos sobre a teoria biológica do homossexualismo, pode dizer-se: a) que não há motivos sólidos para admitir que os homossexuais formem um grupo ‘intersex’; b) que os argumentos em favor da natureza bioquímica ainda não são concludentes; c) as análises estatísticas poucas provas dão da determinação genética do homossexualismo” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.395-396).*

*“Várias teorias biológicas da homossexualidade têm sido propostas. Algumas têm afirmado que a homossexualidade tem uma base genética, mas os dados esparsos que existem a respeito não são suficientes para confirmar essa opinião. Vários estudos têm sido desenvolvidos sugerindo que a homossexualidade pode originar-se, pelo menos em parte, de um desequilíbrio de hormônios relacionados à sexualidade. No entanto, as pesquisas em si mesmas não demonstram que o desequilíbrio hormonal é a causa da homossexualidade, pois é possível que a manutenção do comportamento homossexual em si leve a mudanças da secreção hormonal” (COSTIN, 1978, p.127).*

*“Mesmo admitindo que certas formas de homossexualismo tenham uma causa orgânica biológica, nem por isso o homossexual tem o direito de satisfazer os seus desejos” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.401).*

### **Categoria 03: “Pelos mãos de Freud...: a homossexualidade é uma condição adquirida?”**

*“A idéia segundo a qual a homossexualidade é um comportamento que se adquire não impede que fatores hereditários possam desempenhar o papel. Herdamos uma tendência mais ou menos grande ou uma disposição para manifestar certa necessidade sexual” (ULLERSTAM, p.98, 1967).*

*“Freud sempre considerou a psicanálise uma superestrutura que deve repousar sobre seu fundamento orgânico. Na evolução sexual normal, prevaleceriam, na crise puberal, os hormônios correspondentes ao sexo dominante. Os hormônios do sexo oposto não desapareceriam, porém, totalmente: há normalmente, alguns caracteres do sexo oposto, no homem e na mulher. Quando êsses caracteres se hipertrofiam, porém, vemos instalado o homossexualismo. Isso que é verdadeiro, para os casos típicos, flagrantes, de homossexualismo, até com caracteres morfológicos evidentes, se torna de mais difícil compreensão para os casos de homossexualismo sem nenhum desvio morfológico, ou para o*

*homossexualismo psíquico. A discussão é enorme. Os psicanalistas põem-se em guarda, assim contra os exageros do endocrinismo e preferem enxergar, no homossexualismo, uma persistência, uma 'fixação' da sexualidade infantil, agravada por influências das suas constelações e complexos familiares. [...] o homossexualismo tem sempre raízes ambientais. O papel da educação, do meio, é realmente fundamental na gênese do homossexualismo"* (RAMOS, 1949, p.319-320).

*"A homossexualidade pode ser causada por condições biológicas. Distúrbios endócrinos, predisposições bissexuais congênitas, alterações orgânicas do aparelho sexual, são fatores a serem considerados. Esta, entretanto, é uma problemática particularmente relativa à medicina. [...] Parece por outro lado, que são poucos freqüentes as causas de ordem biológica, sendo mais relevantes os fatores psicológicos e sociais"* (NETTO, 1975, p.62-63, v.3).

*"Numa palavra, a homossexualidade é um desvio adquirido"* (PEREIRA, 1971, p.355).

*"Os homossexuais não nascem homossexuais: fazem-se homossexuais; e embora os elementos inatos desempenham muitas vezes um papel de relevo no homossexualismo, as influências ambientais exercidas pelo 'papá' e pela 'mamã' são de importância primordial"* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.397).

*"O maior perigo está nos primeiros anos. Então é quando se adquirem os hábitos, se iniciam nos vícios, se contraem os germes das aberrações que, mais tarde, arrastam o indivíduo a uma vida nefasta"* (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.24).

*"A homossexualidade é uma condição potencialmente reversível. Acredita-se que grande parte do recente êxito obtido no tratamento dos homossexuais decorre do reconhecimento crescente entre os psicanalistas de que a homossexualidade é um distúrbio de adaptação"* (MARMOR, p.26, 1973).

*"O comportamento sexual requer prolongado período de desenvolvimento biopsicológico, antes de alcançar a maturidade"* (NÉRICI, 1959, p.14).

*"[...] não são os hormônios sexuais a causa disso. Meninos e homens efeminados têm tanto hormônio sexual masculino como meninos e homens normalmente masculinizados. Por outro lado, os geneticistas demonstraram que o desvio não é provocado por alterações dos cromossomas, quer dizer, da hereditariedade. De maneira que sobram apenas os fatores extrabiológicos, isto é, os psicológicos, pedagógicos e sociais. Na verdade, são as experiências psicológicas e emocionais vividas pela criança, desde a mais tenra infância, que condicionam o aparecimento do desvio de personalidade"* (PEREIRA, 1971, p.347).

*"Esta forma de comportamento constitui um problema psicológico dos mais delicados"* (NETTO, 1975, p.57, v.2).

*“Nossa experiencia permite-nos afirmar que o amor homosexual é de ordinario pathologico e que quasi todos os invertidos são em grao, menos ou mais accentuado, psychopaths ou nevroticos, cujo desejo sexual é tão anormal como ainda ordinariamente exaltado” (FOREL, 1928, p.240).*

*“Houve geneticista no passado que acreditavam ser a homossexualidade hereditária. A tendência atual consiste em julgar que a homossexualidade resulta de um condicionamento psicológico” (PEREIRA, 1971, p.350).*

*“As raízes desse desvio de personalidade se acham na infância; são raízes precoces” (PEREIRA, 1971, p.347).*

*“Trata-se de uma homossexualidade que não é congênita, mas devida a traumatismos e deformações psíquicas registradas ao longo do desenvolvimento da personalidade” (NETTO, 1975, p.63, v.3).*

*“A homossexualidade é um desvio emotivo, ou seja, uma desordem de orientação psicogênica, ou ainda uma neurose que tem sua expressão na imaturidade” (EDELSTEIN, 1971, p.107).*

*“Os desvios sexuais são, principalmente, o resultado de uma persistência de sentimentos infantis de culpa e inferioridade que impedem o indivíduo de atingir a maturidade sexual, definida como a capacidade de manter um relacionamento estável com o sexo oposto” (EDELSTEIN, 1971, p.105).*

*“O médico procurará estudar os fatores psicológicos que criaram este estado de perversão” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.399).*

*“Perturbação psicogênica. É a teoria dos psiquiatras analistas e de muitos outros. Crêem estes que o homossexualismo é devido exclusivamente – ou acima de tudo – a experiências que remontam à infância. Como a educação e o ambiente podem ter levado a criança a hábitos homossexuais, ou tornado a criança hostil ao sexo oposto, pensam que o homossexualismo é psicogênico, pelo menos em grande parte” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.393-394).*

*“Tomam corpo cada vez mais os estudos que visam determinar as causas psicológicas e educativas responsáveis pelo desencadeamento da conduta homossexual. Esses estudos mostram a extrema importância dos primeiros anos de vida, até os seis anos, na formação de hábitos e traços de caráter” (PEREIRA, 1971, p.361).*

*“A teoria mais influente na psiquiatria moderna é a de Sigmund Freud, que acreditava ser a homossexualidade a expressão de uma tendência universal existente em todos os seres humanos, decorrente de uma predisposição bissexual biologicamente enraizada. Freud, cujas idéias sofreram forte influência darwiniana, acreditava que todos os seres humanos passavam por uma fase ‘homoerótica’ inevitável no processo de atingir a heterossexualidade. Certos tipos de experiência de vida poderiam deter o processo evolutivo e o indivíduo poderia permanecer ‘fixado’ num nível homossexual. Além disso, mesmo se o*

*desenvolvimento se processasse normalmente, certos vestígios de homossexualidade perdurariam como aspectos permanentes da personalidade, e essas tendências ‘homossexuais latentes’ seriam refletidas em expressões ‘sublimadas’ de amizade por pessoas do mesmo sexo e em padrões de comportamento ou interesse mais apropriados ao sexo oposto – por exemplo, interesses artísticos ou culinários ou atitudes ‘passivas’ em pessoas do sexo masculino e interesses atléticos ou profissionais ou atitudes ‘agressivas’ em pessoas do sexo feminino” (MARMOR, p.11-12, 1973).*

*“Já estão popularizados os trabalhos de Freud: mostrou este psiquiatra austriaco o papel considerável que os instintos e a vida sexual desempenham nos seres humanos; revelou o número considerável de perturbações pathológicas atribuíveis á má educação ou mau emprego destes instintos naturaes” (PAUCHET, 1930, p.150-151).*

*“Freud acreditava que o homo-erotismo era uma fase libidinal normal na vida de toda criança, um estágio na evolução da heterossexualidade. De acordo com seu ponto de vista, a homossexualidade como síndrome clínica representa ou uma detenção do desenvolvimento normal ou uma regressão a um ponto de fixação anterior como resultado da ansiedade de castração mobilizada, via de regra, por experiências familiares patogênicas” (MARMOR, p.18, 1973).*

*“Numa grande maioria de casos é o homossexualismo uma fixação à fase anal da libido” (RAMOS, 1949, p.318-319).*

*“Segundo a Psicanálise, ao nascer, o indivíduo possui componentes heterossexuais e homossexuais, podendo estes últimos permanecer latentes, reprimidos ou manifestar-se na conduta aberta. Quando latentes, não chegam a constituir problemas sérios. Podem ser sublimados ou traduzir-se em alguma forma desviada de conduta. Um dos dois componentes pode impor-se sobre o outro. O componente vencido será sublimado ou convertido em origem de sintomas neuróticos. O componente homossexual irá suplantará o heterossexual se ocorrerem circunstâncias externas favoráveis, durante o processo educativo” (PEREIRA, 1971, p.363).*

*“Todo indivíduo passa por três fases distintas, na sua evolução até o sexto ano de vida, que são: oral, anal e genital ou fálica. A fase oral coincide com o período de vida no qual as sensações giram em torno da boca. Depois, essas sensações passam à uretra e ao ânus (fase em que começam os problemas relacionados com o controle da urina e das fezes). Finalmente aparece a fase fálica, na qual se desenvolve o interesse pelos genitais. Os homossexuais seriam, segundo a psicanálise, pessoas fixadas na fase anal, e, portanto imaturas quanto à sexualidade. Como a cultura os impede de viver, na idade adulta, segundo os desejos e os impulsos da fase anal em que estão fixados, tornam-se neuróticos, isto é, desajustados emocionalmente nos vários planos da vida” (PEREIRA, 1971, p.362).*

*“Quando se vê um garoto brincar com o pênis, ralham-lhe, castigam-no, vão ao ponto de ameaçar corta-lho. O receio de uma mutilação pode levar a criança a atribuir a este órgão um valor excessivo e, por dedução, a desprezar os indivíduos do sexo oposto, que não o têm.*



*Este estado de espírito transformar-se-ia numa espécie de aversão às mulheres” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.396).*

*“Factor importante, ainda dentro da teoria de Freud, é a ideia de ‘fixação sobre a mãe’. Certas crianças, diz Freud, devotam-se de tal modo a sua mãe, que não lhes resta no coração lugar qualquer para as outras mulheres” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.396).*

*“Sendo universalmente conhecido que os filhos pequenos começam por se apaixonar pela mãe, segue-se que a formação da sexualidade e a sua passagem para a heterossexualidade são determinados em grande parte pela atitude da mãe” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.396).*

*“[...] a homossexualidade é condicionada nos primeiros anos de vida, sobretudo na vigência das fases anal e genital. Mais tarde (por volta da puberdade) ela se fixa como conduta habitual” (PEREIRA, 1971, p.350).*

*“A fixação no pai ou na mãe impede, às vezes, o jovem de admitir a idéia de se separar da família. Em consequência evita-se o sexo oposto. O regime de rigidez excessiva também determina a mesma dependência e o afastamento do sexo oposto. A fixação pode ser tão grave que forme, em relação ao rapaz, uma personalidade do tipo ‘filhinho da mamãe’, tão mal equipado para o casamento” (SCHMIDT, 1964, p.143).*

*“O sentimento de inferioridade pode prolongar a fase normal do medo do sexo oposto. Há um momento em que a môça tem medo do rapaz, e vice-versa. Alimenta, então, exaltação amorosa pelos símbolos da fôrça e do sucesso: campeões, artistas de cinema, vedetas em qualquer plano. A timidez, o medo do ridículo, a falta de assunto, o receio de não ser bem aceita nem querida a afastam do convívio dos rapazes. Há ainda o medo de não saber defender-se da ‘aventura’, se sair desacompanhada. Por seu lado, o rapaz passa pela fase do homossexualismo, apegando-se, como a môça, às amizades exclusivas, sombrias, ciumentas. Mas, depois, o rapaz é atraído pela relação sexual distinta, com qualquer mulher. Em seguida, demora-se em determinado tipo. E, só no fim da evolução psicosssexual, genital e afetiva é que se interessa pela mulher especialíssima, única capaz de fazê-lo feliz” (SCHMIDT, 1964, p.147-148).*

*“Os psicanalistas admitem a existência de uma sexualidade geral a princípio difusa por todo o corpo, e depois conglomerada em zonas mais expostas às excitações (zona buco-labial, ano-retal, uretral...). Êste período da sexualidade, que vai até os 5 anos, é chamado pré-genital, pois a libido (ou energia do instinto sexual) não conhece ainda a localização genital. É desta época em diante, quando a criança toma nota da existência do seu pequeno órgão genital, que surge a fase fálica, período importante para a pedagogia, pois é a fase onde se inicia a masturbação e começa a exercer-se o papel repressor da educação. É a fase ainda dos complexos familiares, do famoso complexo de Édipo, que sucumbe do quinto para o sexto ano, quando se instala a fase de latência, período em que as manifestações da sexualidade são esquecidas e recalçadas, para explorarem mais adiante, na época da puberdade. Essa evolução bi-fásica da sexualidade – do nascimento aos 5 anos, da puberdade em diante, com a fase de latência de permeio – é, para os psicanalistas, típica da vida humana, pois os*

*animais não possuem a fase de latência. É a força repressora da educação que faz bi-partir, desta maneira, a evolução do instinto sexual, o que pode originar traumatismos psíquicos graves, e às vezes irremediáveis, quando se exerce aquela força com grande intensidade. Realmente, muitas conquistas da civilização se fazem à força da repressão do instinto sexual. Os próprios psicanalistas não o ignoram. [...] A pedagogia, porém, deve zelar, para que a fase da latência e da sexualidade não se hipertrofiem em mecanismos perigosos para o equilíbrio da criança. Nem consentir demasiado, nem reprimir demasiado. A socialização do homem consiste no domínio dos seus instintos, subordinando-os a uma finalidade social. Mas esta socialização não deve ser feita às custas de um recalçamento brusco, exagerado, inadequado, das forças instintivas da personalidade” (RAMOS, 1949, p.301).*

*“A evolução sexual (tudo indica) processa-se por fases que se distinguem pelo predomínio de determinadas características que, no entanto, não eliminam as outras. É questão de predominância de certos aspectos. Estas fases evolutivas requerem cuidados especiais para que estes aspectos não se fixem, não evoluam, ou mesmo para que não haja regressão de comportamento, isto é, para que, em fases mais adiantadas, não predominem características próprias das fases anteriores. De modo geral, a evolução sexual pode ser assim dividida: a) do nascimento aos 3 anos; b) dos 3 aos 6 anos; c) dos 6 aos 10 anos; d) dos 10 aos 18 anos. Estas fases serão apresentadas dentro do esquema psicanalítico, isto porque apresenta vantagens pedagógicas apreciáveis, possibilitando retirar o assunto das generalizações e imprecisões, a fim de que a educação da criança possa ser levada a efeito e acompanhada de maneira objetiva, idade por idade” (NÉRICI, 1959, p.15-16).*

*“Libido, energia sexual existente no ser humano, desde o nascimento, e que vai assumir função definida e específica somente pelo final da adolescência. Antes, a libido encontra-se difusa por todo o organismo, havendo, porém, segundo a idade evolutiva do indivíduo, concentração maior numa ou noutra parte, formando as zonas erógenas de transição, enquanto não se localiza, com a maturidade, nos órgãos de reprodução. Estas zonas erógenas de transição podem, no entanto, tornar-se permanentes devido os fenômenos de fixação e regressão da libido. Estes fenômenos de fixação e regressão podem ser evitados com a conveniente orientação educacional” (NÉRICI, 1959, p.21) (grifos do autor).*

*“[...] desde a vida infantil, o jovem se identifica com o pai ou com a mãe. Na puberdade ele vai procurar se identificar com o pai, com o ‘herói’, e muitas vezes não o encontra. As causas desse desencontro podem estar no temor que o menino sente do pai, na falta de tempo que este tem para cuidar do filho, ou ainda pela personalidade fraca deste pai, que deixa de ser o ‘herói’. O adolescente se identifica então, com a mãe, e poderá adquirir um comportamento homossexual. Em um processo inverso, pode ocorrer tal situação com a menina, que ficará masculinizada” (NETTO, 1975, p.58-59, v.2).*

*“Quando o pai é uma personalidade forte, o menino vai admirá-lo, imitá-lo e fazer as mesmas coisas que o pai faz” (NETTO, 1975, p.59, v.2).*

*“Na infância a homossexualidade é uma irregularidade relativamente fácil de ser superada, e na adolescência um traço marcante das necessidades sexo-afetivas do indivíduo” (NETTO, 1975, p.58-59, v.3).*

*“O caso de meninos mimados, presos à mãe, e cujo Super-Ego se desenvolveu pelo modelo materno. Estas crianças, vindas assim do ambiente familiar, encontram na Escola um ambiente propício às suas manifestações. São crianças que, geralmente, se identificam ao genitor do sexo oposto, e que lançadas pela primeira vez, em outro meio, afastadas da ternura e dos afagos da família, se voltam para um camarada, à procura de amor e proteção. Estas amizades homossexuais podem ficar confinadas no plano puramente psíquico, mas muitas vezes conduzem a práticas evidentemente sexuais. Outras causas podem intervir: sentimento de inferioridade no indivíduo que procura o ideal de fôrça e potência viril; narcisismo; medo ou aversão pelo outro sexo. Todas essas causas confluem, na explicação do homossexualismo escolar” (RAMOS, 1949, p.320-321).*

*“O prolongamento exagerado com complexo de Édipo, pode fixar a imagem materna em um jovem. Muitas vezes, forçado pela própria mãe, que teima em estender a sua influência sobre ele, por uma educação de super-proteção, fará com que ele se identifique, com a imagem materna, não se transferindo para o caráter agressivo do estereótipo paterno. Ele, então, terá dificuldade em seu ingresso na heterossexualidade. Poderá vir a ser um homossexual, se acomodar a situação e se tornar um adulto viciado” (NETTO, 1975, p.63, v.3).*

*“Em sentido freudiano, a teoria do Complexo de Édipo ensina que a vinculação sexual primitiva entre homem e mulher deriva da vinculação originária entre pais e filhos. A primeira mulher, a primeira amante que aparece na vida de todo homem, é a mãe, e seu primeiro rival – a quem quer matar – é o pai. Em troca, o primeiro homem que aparece na vida de toda mulher é o pai; e sua primeira rival, a mãe. Por complexo de Édipo Freud entende a atração sexual para com um dos pais, acompanhada de ciúmes para com o outro. O complexo recebe a denominação de Édipo, quando se refere ao menino, e de Eletra, quando se refere à menina. Costuma desenvolver-se entre os três anos e meio a quatro anos. Por volta dos cinco ou seis anos, deve estar superado. A superação se realiza pela identificação do menino com o pai e da menina com a mãe, isto em têrmo de desenvolvimento normal” (NÉRICI, 1959, p.95-96).*

*“Consiste êste complexo, em termos simples, na aproximação amorosa do menino para com a mãe e da menina para com o pai. O problema discutido é se esta atração faz parte, obrigatoriamente, da evolução biológica do ser humano, ou se é consequência de razões culturais. [...] O problema persiste quanto ao saber se tais fixações aos pais surgem na criança por motivos biológicos ou por motivos sociais. Creio que êste último seja o certo. Há, em geral, duas séries de condições que provocam um apego mais forte para com um dos genitores. Podem ou não estar relacionadas, mas ambas são criadas por êstes (genitores). Uma delas é, em poucas palavras, o estímulo sexual dos pais. Poderá consistir em um contato com a criança grosseiramente sexual; poderá surgir de carícias de reflexos sexuais, ou de uma atmosfera emotiva continuada que rodei todos os membros da família, ou que inclua alguns e exclua outros, que serão vistos com animosidade. Tal atitude dos pais é não só o resultado de falta de satisfação emotiva ou sexual dos mesmos” (NÉRICI, 1959, p.96-97).*

*“Se o conflito fôr bem conduzido, dar-se-á a identificação do filho com o pai. Sentindo que não pode vencer o pai, passa o filho a imitar-lhe o comportamento, na esperança de chegar a*

*ser igual a êle e, então, poder melhor substituí-lo. Na solução positiva do conflito, o filho, então, quererá parecer-se com o pai, passando a imitá-lo e admirá-lo, isto se houver condições de orientações favoráveis em casa. Dizem os psicanalistas que um sintoma de não superação do complexo de Édipo é o fato de o rapaz namorar môça muito mais velha que êle. Ela é, inconscientemente, a imagem da mãe. Por volta dos cinco ou seis anos, em condições favoráveis, os desejos incestuosos do menino devem estar reprimidos e sublimados, convertidos em amor puro à mãe e admiração ao pai” (NÉRICI, 1959, p.99).*

*“O complexo de Eletra corresponde ao de Édipo, com relação à menina. [...] Percebendo a diferença de sexo, a menina passa a inculpar a mãe pela sua condição. Dá-se, então, a primeira identificação com a mãe, mas com vontade de substituí-la junto ao pai. [...] Na primeira identificação, como ocorre com o menino em relação ao pai, a menina quer eliminar a mãe, para tê-lo somente para si. Sente, porém, que a mãe é poderosa e que nada conseguirá. Se o problema for bem conduzido, logo poder-se-á dar a segunda identificação. Esta consiste em a filha querer imitar a mãe, ser igual a ela, na esperança de, mais tarde, adquiridas as virtudes da mesma, substituí-la melhor...” (NÉRICI, 1959, p.99-101).*

*“O complexo de Édipo e o seu correspondente feminino, de Eletra, se têm algo de biológico têm muito mais de influências comportamentais intra-humanas e sociais. Muito das influências pouco recomendáveis da conduta dos pais junto aos filhos” (NÉRICI, 1959, p.102-106).*

*“Da mesma maneira que o jovem, a mocinha custa a entrar na heterossexualidade e se interessa definitivamente pelo sexo oposto. Ela conserva ainda traços edípicos, isto é, ela não quer se identificar com a mãe por ser ela concorrente pelo amor do pai, traços que são naturais na infância, mas que devem se atenuar na adolescência e desaparecer na vida adulta. Enquanto ela estiver presa ao ‘Édipo’, não entrará em heterossexualidade, isto é, ela não se identificará com a mãe e com o seu próprio sexo” (NETTO, 1975, p.66-67, v.2).*

*“Recebe esta fase o nome de fase de maturação, por que é nela que a libido vai encaminhar-se, preponderantemente, para os órgãos sexuais, indo êstes encontrar a sua maturidade funcional, tornando-se aptos à reprodução. Em outras palavras, o sexo vai alcançar a possibilidade de exercer sua função natural, que é a reprodução. O primeiro estágio desta fase recebe o nome de auto-erotização, porque o corpo volta, novamente, a ser um centro de interesse e curiosidade do ser humano, que se sentirá impressionado pelas alterações sofridas pelo próprio corpo, tanto internas (cenestesia) como externas (alterações morfológicas). O segundo estágio recebe o nome de heterossexual porque o centro de preocupações passa a ser não mais o próprio corpo e sim o corpo do sexo oposto, estando, pois, praticamente alcançada a maturidade sexual” (NÉRICI, 1959, p.120).*

*“O estágio heterossexual estende-se dos 14-15 anos aos 17-18 anos na adolescente e dos 15-16 aos 18-19 anos no adolescente. Recebe o presente estágio o nome de heterossexual porque o centro de preocupações passa a ser, no campo sexual, não mais o próprio corpo, e sim o sexo oposto, estando, ao final deste estágio, praticamente alcança a maturidade sexual. Assim, nesta fase, as preocupações sexuais do adolescente começam a encaminhar-se para o sexo oposto, em busca decidida do comportamento sexual, afetivo e social. Sexual, tendo em*

*vista a reprodução, solicitação de ordem biológica; afetivo, no sentido da necessidade que o homem tem de encontrar uma alma com quem possa comungar em ideais e aspirações; e social, levando-se em conta a tendência de o homem formar o seu próprio lar, organizar e dirigir o seu próprio mundo, tendo em vista a esposa, os filhos e a sociedade” (NÉRICI, 1959, p.155-156).*

*“Os psicanalistas admitem a existência de uma sexualidade geral a princípio difusa por todo o corpo, e depois conglomerada em zonas mais expostas às excitações (zona buco-labial, ano-retal, uretral...). Êste período da sexualidade, que vai até os 5 anos, é chamado pré-genital, pois a libido (ou energia do instinto sexual) não conhece ainda a localização genital. É desta época em diante, quando a criança toma nota da existência do seu pequeno órgão genital, que surge a fase fálica, período importante para a pedagogia, pois é a fase onde se inicia a masturbação e começa a exercer-se o papel repressor da educação. É a fase ainda dos complexos familiares, do famoso complexo de Édipo, que sucumbe do quinto para o sexto ano, quando se instala a fase de latência, período em que as manifestações da sexualidade são esquecidas e recalcadas, para explorarem mais adiante, na época da puberdade. Essa evolução bi-fásica da sexualidade – do nascimento aos 5 anos, da puberdade em diante, com a fase de latência de permeio – é, para os psicanalistas, típica da vida humana, pois os animais não possuem a fase de latência. É a fôrça repressora da educação que faz bi-partir, desta maneira, a evolução do instinto sexual, o que pode originar traumatismos psíquicos graves, e às vêzes irremediáveis, quando se exerce aquela fôrça com grande intensidade. Realmente, muitas conquistas da civilização se fazem à fôrça da repressão do instinto sexual. Os próprios psicanalistas não o ignoram. [...] A pedagogia, porém, deve zelar, para que a fase da latência e da sexualidade não se hipertrofie em mecanismos perigosos para o equilíbrio da criança. Nem consentir demasiado, nem reprimir demasiado. A socialização do homem consiste no domínio dos seus instintos, subordinando-os a uma finalidade social. Mas esta socialização não deve ser feita às custas de um recalçamento brusco, exagerado, inadequado, das fôrças instintivas da personalidade” (RAMOS, 1949, p.301).*

*“A evolução sexual (tudo indica) processa-se por fases que se distinguem pelo predomínio de determinadas características que, no entanto, não eliminam as outras. É questão de predominância de certos aspectos. Estas fases evolutivas requerem cuidados especiais para que êstes aspectos não se fixem, não evoluam, ou mesmo para que não haja regressão de comportamento, isto é, para que, em fases mais adiantadas, não predominem características próprias das fases anteriores. De modo geral, a evolução sexual pode ser assim dividida: a) do nascimento aos 3 anos; b) dos 3 aos 6 anos; c) dos 6 aos 10 anos; d) dos 10 aos 18 anos. Estas fases serão apresentadas dentro do esquema psicanalítico, isto porque apresenta vantagens pedagógicas apreciáveis, possibilitando retirar o assunto das generalizações e imprecisões, a fim de que a educação da criança possa ser levada a efeito e acompanhada de maneira objetiva, idade por idade” (NÉRICI, 1959, p.15-16).*

*“Depois que a psicanálise salientou o fundo do quadro familiar na formação da sexualidade, cada dia mais cresce para os especialistas a importância da posição do indivíduo em relação ao pai e à mãe. [...] Quem não sabe que são ‘bons filhos’ certos homossexuais? Como são dedicados incondicionalmente à mãe? É fato que certos homens só se resolvem casar quando*

*lhes morre a mãe. Outros, após muitas lutas e conflitos ingressam no casamento, mas, contrariando o ditado que diz ‘bom filho, bom marido’ – são incapazes de fazer a felicidade da companheira – por se conservarem absolutamente dominados pela influência da genitora. Replicar-se-á: é absurdo envolver o amor materno na sexualidade. Natural o protesto que por muito tempo perdurará, impossibilitando o exame objetivo da questão. Só aqueles que forem capazes de dominá-lo, poderão serenamente estudar o assunto. [...] Na evolução infantil há um momento em que o eu é solicitado a abandonar a forma primitiva dos laços familiares. Não se trata de fantasia psicanalítica. É o registro da marcha da afetividade e interesses do ser humano. Há indivíduos bastante fortes para enfrentar os obstáculos. Outros são particularmente débeis ou encontram demasiada resistência familiar. Seja como fôr, alguns dominam perfeitamente a situação. Outros se emaranham na rêde de complicações que os envolvem. Conservam-se radicados à condição infantil não resolvida – o que poderá repercutir funestamente na evolução da sexualidade. Nos casos mais graves, a mãe perdura como o único ideal diante do qual tôda mulher desaparece. Ou então, se transforma no símbolo da Mulher. Não podem amar sexualmente a nenhuma, porque em tôdas encontram o reflexo da imagem materna. Repugna-lhes pensar que amam sexualmente a mãe. Desesperados, procuram relações com os do próprio sexo. Todo êsse mecanismo psicológico implica em graves conflitos, tanto mais quanto os padrões morais intervêm mais fortemente. Que fazer? Que prognóstico? Que tratamento? Sei que, apesar do cuidado em apresentar o problema, dir-se-á que estou a macular o amor da mãe. Ao contrário, porque o valorizo, insisto no intento de ajudar as mães a respeitarem a evolução natural de seus filhos. Defendo o seu amor, justamente porque o considero o que há de mais puro, nobre e humano. Queremos que todas as mães saibam esclarecidamente guiar seus filhos – ajudá-los a tornarem-se independentes, a amar a outros ideais e a uma mulher. O sacrifício dêsse desapego é sobejamente compensado. Evidentemente, nos casos normais, passada a fase da necessidade vital de afirmação, depois do encontro com heróis e heroínas vivos ou imaginários; depois que as buscas da adolescência se encaminham para o êxito, os filhos, enriquecidos em sua personalidade, reajustam os valores e retornam aos pais – com redobrado amor, estima e veneração. Desta forma, a cisão do cordão umbilical psíquico que prende os filhos às mães, é a prova de fogo do seu amor genuíno. Por outro lado, é a garantia de que êsse amor produzirá os frutos e as recompensas esperadas e merecidas” (NEVES, p.202-204, 1954).*

*“Normas que possam atenuar, e mesmo superar, o conflito edipiano, tanto no menino quanto na menina: 1) Evitar os excessos de carinho, de alisamentos e de agarra-agarra com os filhos. Estas são formas de comportamento que pode provocar excitação de natureza sexual e conseqüente fixação com o objeto dêsse mesmo comportamento. A linha geral é evitar os contatos corporais, reduzindo-os aos estritamente indispensáveis; 2) Os pais devem estimular a identificação do filho com o genitor do sexo oposto, exortando-o a admirá-lo e a imitá-lo. E não devem perder oportunidades para realizar êste trabalho, realçando as qualidades e virtudes do cônjuge diante do filho de sexo oposto. Assim, deveriam ser comuns frases como estas: ‘Quero ver-te valente como teu pai’; ‘És prestimosa como tua mãe’; ‘Serás grande e trabalhador como teu pai’ ou ‘Vais ficar hábil e econômica como tua mãe’, etc. Daí se vê quão prejudicial, a esta necessária identificação, o péssimo e lastimável hábito de os*

*cônjuges se digladiar e se diminuir com frases como estas: ‘Seu pai não presta, não sei como fui casar-me com êle’ ou ‘Não ligue para sua mãe, ela é sempre do contra’; 3) Os pais devem ser ‘modêlo’ de suas funções familiares e sociais, cumpridores de seus deveres e se esforçar para manter, em casa, um ambiente sempre festivo, alegre,. Se quisermos que os filhos sejam criaturas responsáveis e normais, devemos oferecer-lhes modelos permanentes; 4) Cada cônjuge, notadamente a mulher, deve fazer ênfase na aceitação de seu sexo, sem valorizações nem desvalorizações do sexo oposto. O menino deve ser orientado para a aceitação de seu sexo, de maneira simples e convincente; deve-se proceder assim com relação à menina e com mais cuidado e insistência, ainda; 4) Procedimento importante dos pais é fazer com que a criança não se sinta culpada de seus problemas edipianos, e não se mostrarem aborrecidos por suas preferências. Esta atitude aumenta a admiração pelo genitor em foco, ajudando a resolver o conflito e predispondo para a segunda identificação, superadora do complexo” (NÉRICI, 1959, p.102-106).*

*“É perfeitamente compreensível, já por uma questão tradicionalmente aceita, que o pai espere um filho, seu herdeiro, que satisfará muito mais intensamente sua necessidade de prole. Ao contrário o seu orgulho, a sua vaidade de homem, a sua condição masculina ficará mesmo um tanto ferida ao perceber que o rebento pertence ao sexo frágil. É um fato bastante característico que ao nascer uma filha o pai se demore inconscientemente para tomar certas providências, como certidão de nascimento ou batizado. Se fosse um menino, ele alvissareira e rapidamente, providenciaria tudo isso. E não se pense que tal atitude provenha apenas do pai. Muitas mães esperam um, dois, três e até quatro filhos pensando numa filha; a cada filho que nasce não esconde sua frustração” (NETTO, 1975, p.251-252, v.1).*

*“É necessário um cuidado maior quando esta frustração do sexo da criança assume um porte mais grave. A mãe deve se policiar, se preparou um enxoval cor-de-rosa e veio um rebento masculino. Ela poderá ter uma tendência para educar aquele menino num sentido de orientação feminina. Não é preciso ser psicólogo nem psicanalista para se deduzir as conseqüências desta atitude. Muitos e muitos homossexuais, efeminados, surgiram em função de uma atitude como esta. Quase sempre, é preciso que se note, muitas das peças deste enxoval, vão ser aproveitadas pelo nenê, e aí já reside então uma válvula aberta para uma compensação da frustração materna. A mãe deve está bem alertada sobre este assunto, e evite dar a seu filho uma educação que poderá se transformar na causa de um grave dissabor” (NETTO, 1975, p.253-254, v.1)*

*“É muito comum também, quando a menina chega e os pais esperavam um filho, este pai procura compensar na educação dada à menina, sua frustração em não ter o filho varão. Vemos com freqüência jovens moças assumindo direção de casas comerciais, gerindo indústrias, portando atitudes viris, isto porque herdaram tais negócios de seus pais, que não se conformaram em não possuir um herdeiro para aquilo que construíram às vezes com grande sacrifício. Estas jovens tiveram certamente uma educação inadequada, e quase sempre são muito infelizes e portam problemas psicológicos muito graves” (NETTO, 1975, p.254, v.1).*

*“Uma educação então tende a prolongar o traço edípico, poderá ser uma das causas de um possível comportamento homossexual entre as moças. A educação dada pela mãe que inculta na sua filha as idéias mais extravagantes sob as relações sexuais ou sobre de quão são odiosos os homens, poderá prolongar esse traço edípico. A moça passará também a evitar os namorados, os contatos masculinos, enfim, uma vida afetiva normal, chegando mesmo a ter repugnância pelo sexo oposto. A sua satisfação será encontrada então entre as pessoas do mesmo sexo com as quais possivelmente entre em relações homossexuais. Há um aspecto aliciador para a relação homossexual que reside na falta de punição para relações entre pessoas do mesmo sexo, no caso, entre jovens mulheres. A mãe ‘moralista’ que se escandalizaria com a presença de um namorado, jamais condenaria a presença de uma amiga íntima para sua filha. Cria-se, então, entre as duas amigas, um ambiente discreto, reservado e aceito, não apenas pela mãe, mas também pela sociedade em geral. Esta é uma maneira errada de se orientar uma adolescente sem que se force situações, nem se crie ambientes artificiais, é preciso que se dê às adolescentes, condições propícias para que elas entrem em heterossexualidade, isto é, que passem a se interessar por pessoas de outro sexo e tenham possibilidades então, de uma vida sexual normal. A presença de namorados, o convívio entre amigos de ambos os sexos, são situações praticamente obrigatórias para uma jovem normal. O seu alienamento a estas situações, somente terá o efeito de prolongar sua fase de identificação com sua mãe, portanto, um estímulo a uma dificuldade crescente para que ela entre em heterossexualidade. Por isso mesmo, situações às vezes aceitas pela autoridade materna, podem ser dúbias e falsas e conduzir à possibilidade da relação homossexual. É muito preferível então, que desde cedo as adolescentes se habituem ao convívio com o sexo oposto para que sejam menores as barreiras impeditivas ao seu ingresso em uma sadia heterossexualidade” (NETTO, 1975, p.66-67, v.2).*

*“Os conceitos dos psicanalistas provêm todos do estudo dos homossexuais que procuraram a terapia psicanalítica ou então a ela foram encaminhados devido a dificuldades externas. [...] Existe assim acentuada possibilidade de que os conceitos psicanalíticos tradicionais sobre os defeitos caracteriológicos dos homossexuais se baseiem numa amostragem assimétrica dos homossexuais e não representem talvez o espectro de personalidades presente na população homossexual total” (MARMOR, p.22, 1973).*

*“Embora possam ser encontradas inúmeras explicações na literatura psiquiátrica e psicanalítica sobre as origens de casos específicos de homossexualidade, não existe ainda nenhuma constelação de fatores que possa explicar adequadamente todos os desvios homossexuais. A verdade é que mães dominadoras e sedutoras; pais fracos, hostis ou omissos; e as múltiplas variações sobre esses temas que são com tanta frequência sugeridos como etimologicamente significativos na homossexualidade, multiplicam-se nas histórias de inúmeros indivíduos heterossexuais também e não podem portanto ser, em si mesmos, fatores causativos específicos. [...] Quando digo que determinada constelação familiar não é especificamente causadora, estou simplesmente mostrando que, em vista de casos de homossexualidade poderem ocorrer, e de fato ocorrerem, com históricos familiares bem variados, os antecedentes de família – embora constituam um fator importante e pertinente – não são especificamente etiológicos no sentido em que o bacilo da tuberculose é específico da*



tuberculose. Estamos provavelmente lidando com uma condição que não é apenas multiplamente determinada por fatores psicodinâmicos, socioculturais, biológicos e situacionais, mas que também reflete a importância de sutis variações temporais, qualitativas e quantitativas” (MARMOR, p.14, 1973).

“Mais do que qualquer teoria genética da homossexualidade, foi a hipótese freudiana de uma bissexualidade psicológica inata que alcançou aceitação generalizada entre os psiquiatras modernos. Trata-se de uma teoria persuasiva, baseando-se, como o faz, no aparente hermafroditismo embriológico precoce do feto humano e que é ainda tenazmente sustentada, apesar da ausência de qualquer prova corroborantes fundamentais” (MARMOR, p.17, 1973).

#### **Categoria 04: “A homossexualidade é muita coisa junta!”**

“Estamos provavelmente lidando com uma condição que não é apenas multiplamente determinada por fatores psicodinâmicos, socioculturais, biológicos e situacionais, mas que também reflete a importância de sutis variações temporais, qualitativas e quantitativas” (MARMOR, p.14, 1973).

“[...] a causalidade nesta área – não menos no que na maior parte de outras áreas da psicopatologia – não pode ser procurada em qualquer fato isolado, mas é multifatorial” (MARMOR p.11, 1973).

“Entre os fatores que podem explicar a homossexualidade figuram: fatores psicológicos e constitucionais, a bissexualidade psicanalítica, a teoria hormonal, os casos em que há na gônada tecido ovariano e não testicular, e vice-versa, e a combinação desses fatores todos. Mas as forças psíquicas são muito sérias” (PEREIRA, 1971, p.359).

“Causas da homossexualidade: falta de oportunidade para a expressão natural ou normal do erotismo; distribuição irregular dos hormônios sexuais masculinos e femininos de maneira que as práticas homossexuais e heterossexuais conduzem à mesma satisfação erótica; escolas femininas que adotam regras de conduta contrárias ao namoro e encontro com pessoas do sexo masculino. As lésbicas podem surgir aí; sedução de meninos por homens homossexuais. Os rapazinhos ficam habituados a essa forma de prazer sensual, e ao atingirem a maturidade sexual continuam ‘passivos’; psicose ou debilidade mental; o alcoolismo; Complexo de Édipo; a atitude conciliadora para com os homossexuais. Estes estão socialmente avançando em muitos países, buscando seus ‘direitos’ de liberdade sexual. Homossexuais famosos também trabalham para isso” (PEREIRA, 1971, p.360).

“Causas secundárias da homossexualidade são as seguintes, de acordo com os psicanalistas: complexo de inferioridade, solidão, medo do casamento, episódios sexuais desagradáveis na infância e adolescência, instabilidade emocional dos pais, lar neurótico, influências culturais, efeitos do alcoolismo paterno, deficiências de personalidade, sedução por pervertidos, etc.” (PEREIRA, 1971, p.354).

*“A causa principal da homossexualidade são os ambientes impróprios: 1) Lar: relação emotiva prolongada e exagerada entre o pai e o menino, ou a mãe e a menina, ou às vezes entre o pai e a filha, a mãe e o filho”; 2) Escola: educação sexual errônea; 3) Vizinhos: atividades homossexuais durante a puberdade e a adolescência; 4) Acampamentos: há cientistas que acham que os acampamentos (de escoteiros, marianos, militares, associações juvenis, etc.), prestam-se à eclosão ou fixação da homossexualidade; 5) Instituições Penais: a homossexualidade é comum nos presídios” (PEREIRA, 1971, p.355).*

*“Seria melhor falar de conduta ou inclinação homossexual, porque as causas individuais dessa conduta são tão diversas quanto são as da depressão mental ou da dor de cabeça. Isso significa que a conduta homossexual, é um sintoma. Uma variante do que se chama conduta normal. Cada caso de conduta homossexual tem um elemento de predisposição constitucional ou biológica (isto é, a hereditariedade e as funções glandulares endócrinas). Mas tão importante quanto isso é o condicionamento psicológico do lar onde se formou o indivíduo” (PEREIRA, 1971, p.355-356).*

*“A homossexualidade pode ter uma variedade de causas e motivos muito ampla. Porém o certo é que fatores familiares e educativos desempenham papel importante, se não decisivo, na direção da sexualidade” (PEREIRA, 1971, p.362).*

*“Se pudermos, com precisão, investigar e analisar completamente os vulgares casos de inversão, chegaremos a concluir que existe um elemento ou fator congênito em inversões ditas adquiridas, e que em outros, cuja causa congênita é evidente, foi um acidente, uma condição do meio, um caso qualquer que atuou de modo a desenvolvê-las inteiramente, tornando-as completas perversões” (IRAJÁ, 1954, p.195).*

*“Apontemos causas que podem levar à homossexualidade: 1) Inconformismo do pai com o sexo do filho. A espera dos pais, muitas vezes, é contrariada, mas o inconformismo leva a tratar o filho como de sexo oposto, penteando-o, vestindo-o, como se fôsse êle do sexo esperado; 2) Inconformismo com o próprio sexo, por parte dos pais. Esta ocorrência é mais comum na mãe, que fica a recriminar-se pelo fato de ser mulher. É claro que esta atitude trabalha, negativamente, no ânimo da filha, levando-a a invejar a condição masculina e a querer imitar o homem em tudo; 3) Pouca vigilância em relação às pessoas que estão em contato com a criança. O desvio homossexual tem causa, muitas vezes, em iniciações levadas a efeito, na infância, por influência de crianças mais velhas ou mesmo adultos. É preciso, pois, desenvolver o máximo de contrôle com relação a todas as pessoas que lidam com as crianças. Certamente: êste tôdas as pessoas é fôrça de expressão, mas a verdade é que o depoimento de homossexuais condena o abandono a que foram relegados com relação a irmãos mais velhos, que levaram a efeito a iniciação; 4) Um amigo que tenha ampla influência sobre o adolescente, muitas vezes pode induzi-lo a práticas homossexuais. Os pais, quando se convencerem destas ligações de seus filhos, devem falar claramente com êles sôbre o assunto e cortar a amizade; 5) Freqüência em internato, devida a ausência de elementos de sexo oposto: a) Em internatos femininos, geralmente, os únicos elementos de sexo oposto do meio escolar são o porteiro e o faxineiro. Esta situação favorece a fixação da afetividade da aluna em uma professora, que pode encarnar a figura de um homem; b) Em internato*

*masculino ocorre que os únicos elementos de sexo oposto costumam ser, quase sempre, as lavadeiras ou arrumadeiras. Esta situação favorece, também, a fixação afetiva do aluno em um professor; 6) É comum suceder em colégios, em regime de internato ou não, que um aluno manifeste admiração excessiva por outro colega, chegando às raias do amor. Se forem duas adolescentes seriam vistas sempre juntinhas; e, se forem rapazes, serão vistos, continuamente segredando coisas um ao outro. Por causa do que pode ocorrer em internatos ou em colégios só para rapazes, o uso para môças (mesmo não sendo internato), é útil promover atividades sociais que atenuem êste convívio com elementos do mesmo sexo, de maneira a facilitar o despertar do interêsse pelo sexo oposto e a evitar fixações homossexuais; 7) Intersexualidade episódica ou passageira. Esta não deve preocupar os pais e educadores, pois, se não houver outros fatores negativos de ambiente e de educação, êste estado passará, sem maiores conseqüências, assumindo o adolescente as características plenas do seu sexo; 8) Intersexualidade persistente. Esta deve merecer total atenção de pais e educadores, para evitar que chegue a ter práticas homossexuais, a fim de prevenir hábitos indesejáveis. É claro: o adolescente deve ser encaminhado a um especialista, que indicará o tratamento a seguir, para tentar a normalidade sexual e de comportamento social” (NÉRICI, 1959, p.151-153).*

*“Existem outros fatores ainda como a educação mal orientada, convívio exclusivo com jovens do mesmo sexo, timidez, e expressam-se em gestos impetuosos e emotivos” (NETTO, 1975, p.59-60, v.2).*

*“Uma outra causa que poderia ser apontada é um terror infantil pelo sexo oposto, adquirido por experiências traumatizantes ocorridas quando o indivíduo se encontrava na primeira infância. Uma cena violenta de ordem sexual, vista por uma criança, pode de certa maneira inibir seu processo sexual e impedir que posteriormente ele entre em heterossexualidade” (NETTO, 1975, p.63, v.3).*

*“A imagem de um casamento infeliz pode criar desinterêsse em relação ao sexo oposto” (SCHMIDT, 1964, p.143).*

*“Causas da homossexualidade: sexualidade imatura, condicionamento psicológico na vida infantil e pressões culturais e ambientais (Marinheiro, etc)” (EDELSTEIN, 1971, p.108).*

*“Uma falta de virilidade nos homens da família pode levar os mais jovens a imitarem-nos e a chegarem assim a tendências invertidas”; “Alguns adolescentes tornam-se homossexuais por terem sidos sucessivamente repelidos pelas mulheres” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.397).*

*“Uns e outros podem ser aliciados para o homossexualismo pelo ambiente dos meios que freqüentam” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.397).*

*“Um indivíduo pode entregar-se ao comportamento homossexual devido a grande número de motivos – pelo dinheiro, pela aventura, pelo tédio, pela curiosidade, pela necessidade de agradar ou por hostilidade ou rebeldia e poderá ainda não experimentar nenhum sentimento erótico autêntico pelo companheiro. Ou, então, esse comportamento pode ser a expressão de*

*interesses sexuais transitórios e de curiosidade entre adolescentes e pré-adolescentes numa sociedade que lhes proíbe as experiências heterossexuais que prefeririam” (MARMOR, p.12-13, 1973).*

*“A revolução feminina, as tendências dominantes emergentes de muitas mulheres americanas, a ascensão do ‘culto à mãe’ e a importância decrescente do papel do pai no lar são outros fatores sociológicos significativos que repercutem nas relações intrafamiliares e impedem o desenvolvimento de identidades masculinas saudáveis” (MARMOR, p.21, 1973).*

### **Categoria 05: “Dissecando a homossexualidade...”**

Subcategoria 5.1: “É difícil falar sobre a homossexualidade!”.

*“Num sentido muito básico, portanto, nossa abordagem psiquiátrica do problema da homossexualidade está condicionada à posição em que nos colocamos: se como puros cientistas, se como clínicos militantes. O cientista deve abordar os fatos de maneira não avaliativa; o comportamento homossexual e o comportamento heterossexual são áreas meramente diferentes de um amplo espectro do comportamento sexual humano, cujas fontes devem ser determinadas e compreendidas, não se podendo presumir que nenhuma delas seja intrinsecamente mais ou menos ‘natural’ que a outra. O psiquiatra clínico, por outro lado, está pela natureza do seu trabalho, profundamente envolvido em conceitos de saúde e doença, normalidade e anormalidade. Esses conceitos, contudo, não são absolutos, mormente na área do comportamento social” (MARMOR, p.23, 1973).*

*“O problema envolve uma série de valores, e tem sido motivo de muitas polêmicas, pesquisas e controvérsias” (NETTO, 1975, p. 59, v.3).*

*“Em um assunto no qual os especialistas ainda não chegaram a conclusões definitivas, seria extremamente precário procurar estabelecer as causas que determinam a conduta homossexual. A enorme variedade dos casos de pessoas já é um motivo mais que suficiente para invalidar uma tarefa dessa natureza” (NETTO, 1975, p.62, v.3).*

*“Sabe-se muito pouco sobre as causas da homossexualidade e as características físicas e psíquicas do homossexual. Essa falta de conhecimento contrasta estranhamente com a segurança das afirmações feitas sobre o assunto. Não existe prova alguma que permita afirmar que os desequilíbrios hormonais sejam mais frequentes nos homossexuais do que nos heterossexuais. Se se procurar curar um homossexual com um hormônio masculino, obtêm-se, no máximo, um aumento do seu instinto homossexual. Igualmente, não se estabeleceu a correlação entre um tipo de constituição, um sistema capilar, etc., e as inclinações eróticas. Na verdade, tôdas as combinações devem ser possíveis entre o aspecto físico, os traços psíquicos e as escolhas sexuais. Não é raro que um homem de aparência viril e com um psiquismo robusto demonstre tendências para a passividade, feminilidade, masoquismo e homoerotismo. Muitos indivíduos interessam-se pelos órgãos sexuais do seu próprio sexo de maneira fetichista, embora tenham, no mais, concepções heterófilas. Tudo isto demonstra que é inútil qualificar uma pessoa de homossexual sem apresentar dados precisos” (ULLERSTAM, p.97-98, 1976).*

*“Há muitos erros em matéria de julgamento da homossexualidade. Assim, as seguintes afirmações são improcedentes e falsas: 1) A homossexualidade é uma enfermidade, uma doença, que pode ser hereditária ou passível de cura; 2) Os atos homossexuais constituem um delito contra a natureza; 3) O homossexual é sempre uma pessoa de personalidade propensa ao crime; 4) Há maior número de gênios e talentos entre os homossexuais do que os heterossexuais; 5) O homossexual tem natureza inferior, sendo indigno de associar-se aos demais indivíduos normais da sociedade” (PEREIRA, 1971, p.352-353).*

*“Uma das principais dificuldades inerentes a qualquer debate do problema da homossexualidade é sua definição. Que queremos dizer exatamente quando falamos de homossexualidade? Trata-se de uma perturbação mental ou de uma forma de comportamento? É consciente, ou pode ser inconsciente? É um aspecto ontogenético universal de todo comportamento humano ou uma forma específica de psicopatologia? Sua expressão manifesta é o resultado de perturbações familiares individuais ou reflexo de fatores socioculturais mais amplos?” (MARMOR, p.11, 1973).*

*“Não temos provas absolutas desse facto...” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.394).*

*“É difícil conhecer os homossexuais pelo hábito externo. Nos homossexuais masculinos, menos se destaca o comportamento feminino do que a falta de acentuação de características masculinas” (SPOERRI, 1972, p.137).*

*“Os cientistas ainda não conhecem exatamente todas as causas que produzem o efeminamento dos homens” (PEREIRA, 1971, p.346).*

*“Os intelectuais estão desde muito cedo preocupados com as causas da homossexualidade. Os médicos psiquiatras têm focalizado sua atenção nesse problema. Muitas explicações complicadíssimas têm sido dadas. Mas apesar de tanto estudo, a homossexualidade continua sendo um enigma” (PEREIRA, 1971, p.358).*

*“Sabemos pouco da Química Emocional para tentar explicar a homossexualidade” (PEREIRA, 1971, p.359)*

*“Não se sabe bem com é que surge a inclinação homossexual. Por isso reclama muito maior dose de pesquisa científica” (PEREIRA, 1971, p.359).*

*“A terapêutica da homossexualidade tornou-se mais problemática precisamente porque várias são as teorias a respeito de suas causas. Ainda se discute muito a respeito da natureza e das causas dessa conduta sexual” (PEREIRA, 1971, p.361).*

*“As generalizações de opinião, mesmo com base em trabalhos estatísticos, são extremamente perigosas e não correspondem, em todo, à verdade” (PEREIRA, 1971, p.364).*

*“A questão sexual é extraordinariamente complexa, e não lhe poderemos achar soluções simples” (FOREL, 1928, p.2).*

*“Sabendo quão fragil mostra-se a responsabilidade humana em face desse medonho desconhecido neuro-endocrinológico do qual ignoramos quase tudo, comandado pelo misterio hereditário sobre o qual não temos senão vislumbres”* (FOUQUÉ, 1953, p.6).

Subcategoria: 5.2: “Traços (in) falíveis na identificação do/a homossexual”

*“Não é difícil perceber um indivíduo efeminado, ou uma mulher masculinizada. Os adultos, em geral, cometem o erro de considerar que os meninos efeminados (às vezes chamados, no Brasil, de ‘Mariquinhas’) constituam uma bizarrria ou uma curiosidade sem importância. Acham que isso é passageiro. É um grande erro”* (PEREIRA, 1971, p.346).

*“Teem como as mulheres a paixão da toilette, dos enfeites, das cores vistosas, das rendas, das jóias, dos perfumes. Trazem sempre consigo um arsenal particular, espelho, pente, alfinetes, vidros de sal e de perfume, caixa de pó de arroz, leque. São de uma verbiage insuportável. Depilam-se cuidadosamente. Um de seus maiores prazeres é vestir-se como mulheres, com flores, grinaldas nos cabelos. Suas cenas de ciúmes terminam com ataques de nervos. Designam-se por nomes femininos, Maintenon, princesa Salomé, Foedora, Adriana Lecouvreur, Cora Pearl, etc. São caprichosos, invejosos, vingativos. Nenhuma energia, nenhuma virilidade. Inconstantes e versáteis, passam rapidamente de um egoísmo feroz à sensibilidade que chora. Mentira, delação, covardia, obliteração do senso moral, tal é o seu apanágio. A carta anônima é a expressão mais exata de sua coragem. Não conseguem as profissões que demandam qualidades viris, preferem ser alfaiates, modistas, lavadeiros, engomadores, cabeleireiros, floristas, etc.”* (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p.228-229).

*“Há outras características que podem indicar que determinado indivíduo é um homossexual, como os gestos afetados, a atitude, certo maneirismo, a pronúncia e a escolha das palavras, o modo de se vestir certos ares afeminados no homem, etc.”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.395).

*“Nota-se – e os educadores bem o sabem – que as crianças sôbre quem se fixam os olhares dos maiores são alunos de aparências femininas, cujo porte, andar e maneiras relembram as de mulher, ao mesmo tempo que sua graça e delicadeza. Fazendo uma análise mais profunda nas meninas, achar-nos-íamos diante dêstes característicos: a que mais tem de mulher, com sua franqueza, sua necessidade de proteção, procura um complemento daquilo que lhe falta, na fôrça de vontade, na energia, no caráter forte de sua amiga”* (LACHAPELLE, 1944, p.200).

*“Um belo dia chega ao colegio um garoto de minha idade, chamado Gastão G..., mais baixo do que eu coisa de uns vinte centímetros. Tinha uma figura rara. Dois grandes olhos negros. Perfil de camafeo. Cabelos loiros, cortados curtos. Era também efeminado de corpo e de aspecto tendo horror aos exercicios violentos. Em compensação era muito bom aluno e particularmente dotado para a literatura. Como todos os fracos, tornou-se logo o armazem de pancadas dos demais. Durante algum tempo, não se passava um dia em que ele não levasse pelo menos um bofetão. De inicio experimentei contra ele esse desprezo natural do adolescente vigoroso por aquêle que apanha e não revida”* (FOUQUÉ, 1953, p.18-19).

*“Vejam, em esquema, quais seriam as principais causas desse comportamento. Primeiramente, pode-se dar a ocorrência de um violento desejo tanto por parte da mãe como por parte do pai de que o filho nascido fosse uma menina e então, embora a frustração não seja consciente, ela se manifesta na educação e no tratamento dado ao filho, sempre dirigido às coisas femininas, principalmente por parte da mãe que, no caso, é a maior frustrada. Há casos em que a mãe ansiou, violentamente uma criança do sexo feminino. Nascendo ela do sexo oposto, a mãe não se conformou, e por uma forma subconsciente administrou a esta criança uma educação muito próxima àquela que se dá às meninas. Evidentemente, o menino vai adquirir maneirismos e atitudes femininas. Neste caso, é simples a solução: é suficiente a mãe compreender e aceitar a situação, e lentamente transformar seu modo de educar. Pode ocorrer também a situação em que haja mais irmãos, mas o menino tenha apenas irmãs e não tenha oportunidade de convívio com crianças do mesmo sexo. Não é raro observar-se três ou quatro irmãs e um irmão entre elas. Ora, os pais menos esclarecidos, embora com boas intenções, educam este menino entrosando-o no mundo feminino das irmãs. É difícil perceber a falha da situação, principalmente quando ocorre uma prole relativamente grande: o menino fica entregue à sua evolução, mas dentro de um universo feminino. [...] Há, por outro lado, a situação do filho único que foi cuidado pela mãe, posteriormente pela empregada, com excesso de carinho e proteção. Tendo sido educado por mulheres, e em tais condições de afetividade, vai-se tornar então uma pessoa dócil, submissa e, em certo sentido, de temperamento feminino. Vai sofrer um processo emocional no qual exige sempre proteção e se considera uma pessoa indefesa. Esse processo trar-lhe-á aquela atitude feminina que poderá inclusive se prolongar por mais tempo e poderá se transformar em uma situação grave quando for atingida a adolescência. Neste caso, é necessário que a mãe, como a maior responsável pela educação da criança, sinta e compreenda o problema, e transforme radicalmente sua maneira de orientar o filho. Pode haver também a ocorrência de uma bisecção nas relações pais e filhos, isto é, mães extremamente autoritárias e pais dóceis e submissos. Esta situação, por um processo psicanalítico, pode acarretar como consequência a feminilidade de uma criança do sexo masculino. É necessário que se atente bem a este fator: cenas através das quais o pai seja desprestigiado e desautorizado devem ser banidas do universo infantil, a fim de que ela veja no pai o representante máximo ao qual no fundo deseja pertencer” (NETTO, 1975, p.243-244, v.1).*

*“De maneira geral, o problema do menino afeminado reside sempre em causas sociais. Isto é: numa educação exageradamente protetora, que envolve o menino numa campânula como se ele fosse um objeto de cristal, absolutamente indefeso ante um mundo agressivo. Ou ainda, a necessidade de compensação de uma mãe que sempre desejou uma filha quando não, uma convivência exagerada com mulheres. Todas essas circunstâncias podem provocar uma atitude afeminada. A mudança nesta orientação certamente despertará um maior sentido de agressividade no menino e o problema será resolvido” (NETTO, 1975, p.245, v.1).*

*“Menino que só brinca de boneca, prefere a companhia de meninas, tem maneiras efeminadas, gosta de vestir de mulher para ‘brincar’, não é forçosamente um candidato ao homossexualismo; muitos pais chegam apavorados ao psicólogo, porque pensam que o filho já é um invertido sexual. Quando isto acontece é necessário, em primeiro lugar, procurar*

porque a criança se tornou assim, e há várias causas possíveis: 1) A criança nunca ou raramente teve oportunidade de brincar com outros meninos; só tem irmãs, que acostumaram a jogos femininos; brinca de boneca, porque não conhece brinquedos e jogos masculinos; 2) O mesmo se dá quando a criança é filho único e que a mãe lhe faz companhia o dia inteiro; a criança passa a imitar as maneiras da mãe; 3) O filho só foi educado por mulheres, além da mãe, babás, professoras, irmãs adultas; 4) A mãe queria ter uma filha; então veste, no princípio, a criança de menina; deixa crescer o cabelo, e só lhe dá brinquedos de menina; 5) Há entre os pais uma inversão da situação conjugal; mãe hiperautoritária e pai submisso; esta situação faz com que, por um processo psicanalítico, muito complexo, certos meninos se tornarem efeminados; 6) A superproteção dos pais e, sobretudo, das mães e avós, impede ao menino tomar qualquer iniciativa e o torna, aos poucos, completamente passivo, dependendo inteiramente da vontade da mãe. É, pelas observações feitas pelos psicanalistas, esta situação que se encontra mais freqüentemente nos homossexuais adultos; não conseguiram sair da situação afetiva mãe-filho e não têm, por isto, interesse para o outro sexo; 7) Existe um distúrbio glandular, em geral facilmente curável, por tratamento endocrinológico. Como exceção do sétimo caso, é necessário colocar o menino em contacto com outros meninos, dar-lhe jogos e brinquedos masculinos, inclusive violentos, como: luta e futebol, evitando as situações que acabamos de descrever” (WEIL, 1960, p.151-152).

“É difícil conhecer os homossexuais pelo hábito externo. Nos homossexuais masculinos, menos se destaca o comportamento feminino do que a falta de acentuação de características masculinas” (SPOERRI, 1972, p.137).

“Certos indivíduos têm aparência completa de pederastas passivos: a conformação do corpo, o modo de andar, a agudeza da voz, os gestos, as predileções, o todo enfim, indica tratar-se de investido. Entretanto, apesar da concomitância desses sinais ditos infalíveis, o indivíduo apresenta vida sexual inteiramente regular, suas inclinações são exclusivamente heterossexuais e normais” (IRAJÁ, 1954, p.196).

“É conhecido o homoerótico educado, que destrói completamente a idéia de dever ter o homossexual maneiras femininas e falar com voz fina como os eunucos. Possui, pelo contrário, maneiras mundanas, exhibe em todas as ocasiões espírito e caminha varonilmente. Quem não o conhece de perto não lhe descobre os pendores homossexuais. Sabe magistralmente ocultar a inclinação” (POTIN, 1963, p.312).

“Os termos de gíria ‘machona’ e ‘maricas’ que indicam respectivamente a mulher viril e o homem efeminado são impróprios para designar pessoa homossexual, porque têm pequena relação com os fatos. A moça que é desenvolta e robusta ou o rapaz que tem voz menos viril pode receber êste rótulo sem qualquer fundamento. Nenhum deles tem qualquer anormalidade. A moça ou o rapaz que são criticados ou escarnecidos por sua aparência devem ser tranqüilizados e orientados por um bom conselheiro, que empregará seu tempo em analisar a situação, auxiliando os jovens na autocompreensão” (DUVALL, 1970, p.76).

“Afeminado é o homem que tem jeito, gestos e andar de mulher. Nem todo afeminado é invertido. Há até casos de pederastas, que aparentam masculinidade. Não têm como se diz, a



*pinta. O verdadeiro efeminado requebra-se, quando anda; tem voz fina; possui pouca barba e trejeitos femininos” (PANDU, 1970, p.103).*

*“A respeito dos pederastas passivos, há umas observações que, por úteis, merecem ser contadas. Encontram-se certos invertidos que, apesar de passivos, surgem aparentemente como homens, na rigorosa acepção da palavra. Têm voz máscula. São corpulentos. Andam e gesticulam virilmente. Dançam. Namoram. Casam-se, às vezes. É relativamente reduzido o número de tais anormais. Mas existem” (PANDU, 1970, p.153-154).*

*“O problema do efeminamento, ou seja, meninos que têm maneiras, hábitos e modos de ser que lembram as atitudes femininas, é sanado quando se conhecem as verdadeiras causas deste comportamento. É preciso, entretanto, ficar bem claro que nem sempre um comportamento desses, indica o fenômeno da homossexualidade. Não se poderia rotular ou diagnosticar uma menino efeminado como sendo um homossexual” (NETTO, 1975, p.243-244, v.1).*

*“O homossexual activo, homem ou mulher, desempenha o papel do homem no acto com uma pessoa do mesmo sexo; o passivo desempenha o papel da mulher; e há ainda o homossexual misto, que desempenha ora um, ora outro” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.391).*

*“O homosexual característico sente a mais completa volúpia quando um outro homem lhe introduz o penis no anus, isto é, quando desempenha o papel de pederasta passivo. Outros preferem o papel de pederastas activos” (FOREL, 1928, p.240).*

*“Homossexual é o indivíduo que pratica relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. O homossexual pode ser: a) ativo, quando introduz o membro ou ocupa posição ativa. b) passivo, quando recebe ou fica em posição passiva. O homem, quando homossexual passivo, faz o papel de mulher; a mulher, quando homossexual ativa, representa o papel do macho” (PANDU, 1970, p.126).*

*“Os pederastas estão divididos em dois grupos: a) ativos; b) passivos. Pederasta ativo é aquele que, na prática de atos carnavais, introduz o membro. Pederasta passivo é aquele que recebe. Eis algumas palavras sinônimas de pederastia: sodomita, homossexual, ‘bicha’. O verdadeiro pederasta passivo tem alma, instinto e coração de mulher num corpo de homem. Eis alguns traços que caracterizam os pederastas passivos: a) andar, gestos e jeitos de moças. b) voz fina. c) pouca barba. d) preferências as coisas atinentes à mulher. Estes são os traços que abtangem à maioria. Há porém, exceções: encontram-se certos pederastas que apresentam grande masculinidade. Será pequeno o número de tais invertidos? Infelizmente não. É bem grande” (PANDU, 1970, p.152).*

*“Certos garotos, certas garotas afirmam logo seu sexo em seu psiquismo. Ela, coquetes, faceiras; eles, trabalhadores, temerarios; ambos curiosos das particularidades que os separam uns dos outros. Mas é também a doçura e a timidez nos machos e a turbulencia e a ousadia nas fêmeas que os faz parecerem pertencer ao gênero exatamente oposto ao seu. Êles são carinhosos, afaveis, prontos ao pranto, amigos das consolações e das queixas. Elas são brutais, arrebatadas, autoritárias, tumultuosas e não receiam maltratar seus camaradas,*

*cujas lágrimas as encantam, provocando-as para depois poderem enxugá-las. É entre essas espécies de tipos tendo uma alma feminina em um corpo masculino e vice-versas que se formarão, mais tarde, os complexos de homo-sexualidade, muitas vezes definidos”* (FOUQUÉ, 1953, p.11-12).

*“Em criança, aborrecem as bonecas e preferem os brinquedos dos homens. Moças, amam as roupas masculinas, adquirem prontamente certos vícios do homem, como o uso do charuto e da bebida, aborrecem os enfeites e perfumarias, não suportam os trabalhos de agulhas, as ocupações pacíficas do lar, ambicionam a existência livre do estudante, a vida aventureira do soldado, entregam-se com o ardor de uma amazona aos exercícios violentos do sport. Esta alma masculina, encerrada em um peito de mulher, dá expansão nestes exercícios violentos à sua coragem e aos seus sentimentos viris”* (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p.192-193).

*“O pederasta vive, sente, pensa, quer, age diferentemente do resto dos homens”* (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p.228-229).

*“Todos os pederastas experimentam pela mulher repulsão e desgosto”* (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p.229).

*“É sabido que as relações homossexuais tendem a ser mais efêmeras do que as heterossexuais. Na mocidade, a homossexualidade não vai além de uma ou duas relações com o mesmo indivíduo. Os homossexuais jovens geralmente procuram novos companheiros, não se estabelecendo ligações permanentes entre eles. Os homossexuais (passivos) que vão envelhecendo tornam-se conscientes da trágica situação pessoal em que se estão mergulhando, pois que seus atrativos sexuais masculinos estão desaparecendo. Quando comparamos o homem homossexual passivo com o homem normal, o envelhecimento pode não representar nada para este último, se for psicologicamente amadurecida e de higiene mental sadia. Mas o homossexual passivo, não. O envelhecimento para ele é o fim da vida”* (PEREIRA, 1971, p.366).

*“O homossexual activo, homem ou mulher, desempenha o papel do homem no acto com uma pessoa do mesmo sexo; o passivo desempenha o papel da mulher; e há ainda o homossexual misto, que desempenha ora um, ora outro”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.391).

*“Os homossexuais, os exibicionistas, e os voyeurs, que constituem uma proporção considerável dos desviados atuais, são geralmente homens que vivem só; embora alguns dentre eles sejam ou tenha sido casados”* (ELLIS, 1969, p.176).

*“Homossexualidade constitucional (também chamada verdadeira, congênita ou de inclinação). O indivíduo não apresenta estigmas somáticos nítidos do outro sexo, nem anomalias cromossômicas, nem alterações psíquicas grosseiras. Pode escolher formas de expressão, ocupações e ofícios próprios do sexo oposto. Formam-se casais, eventualmente por associação de um homossexual ativo a outro passivo; mas o homem procura sempre o homem, do mesmo modo que a mulher procura uma mulher autêntica. O homossexual verdadeiro não sofre com sua anormalidade”* (SPOERRI, 1972, p.137).

*“Quando travamos conhecimento com um homossexual masculino, aparece-nos como um indivíduo reservado e de certa distinção; é só com o tempo, à medida que se cria intimidade, que ele começa a tornar-se equívoco, a sugerir as suas ideias, a se revelar em ditos e histórias obscenas” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.392).*

*“Os homossexuais parecem ter uma necessidade compulsiva de camaradagem, não no sentido amplo de precisarem de um grupo de amigos, mas, mais restritamente, de um amigo. Tem se verificado que muitos deles são sexualmente hiperexcitáveis em todo o corpo, particularmente nos mamilos” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.392).*

*“O homossexualismo influi às vezes na escolha da profissão. Constata-se, por exemplo, que os homossexuais do sexo masculino preferem as artes e os ofícios femininos: a alta costura, os institutos de beleza, a decoração de montras, as lojas de bordados, o negócio de tapetes, de quadro e objectos de arte. Como os seus impulsos instintivos os levam a formar grupos e a procurar um meio que lhes proporcione certas liberdades, encontramos-os entre os pintores, os músicos, os escultores e os actores, assim como no exército, na marinha, na polícia e entre os carcereiros, os massagistas, os enfermeiros e os empregados de balneários. Isso não quer dizer que nas profissões apontadas só haja homossexuais, longe disso, mas simplesmente que alguns homossexuais têm freqüentes vezes essas profissões” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.393).*

*“Há outras características que podem indicar que determinado indivíduo é um homossexual, como os gestos afetados, a atitude, certo maneirismo, a pronúncia e a escolha das palavras, o modo de se vestir certos ares afeminados no homem, etc.” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.395).*

*“O extrovertido homossexual mostra possuir bom critério, harmonizando as cores que escolhe, revelando muitas vezes uma verdadeira personalidade, sem ter nada de excêntrico. É apurado no vestir, no corte de cabelo, cuida das mãos e sabe decorar bem a sua casa” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.395).*

*“O invertido prefere exhibições de bailados clássicos e de teatrinho de amadores, onde cante modinhas, recite sonetos melancólicos e faça gestos de crianças que levou palmada. Uma das propensões do investido é ser costureiro, ou figurinista” (IRAJÁ, 1954, p.193).*

*“Alguns autores, entre os quais Tardieu, pretenderam encontrar caracteres somáticos certos e freqüentes nos pederastas que preferem, na união homossexual, o papel passivo. Tal afirmação é discutível e falha grande número de vezes. Porém, nos claramente investidos, nos uranistas passivos, efeminados, é quase regra geral a proposição dos partidários de Tardieu. É comum o adotarem profissões femininas (alfaiates de senhoras, cabeleireiros, costureiros, cozinheiros, doceiros) ou outras que lhes permitam fácil contato com indivíduos do mesmo sexo (massagistas, barbeiros). Gostam de usar calças apertadas, para que se lhes vejam o arredondamento das nádegas e pernas. Falam fino, cuidam muito do cabelo, sempre perfumados, das mãos e das unhas. Moll nota-lhes a incapacidade de assoviar, e outros autores afirmam sua atração pela cor verde. Havelock-Ellis cita especialmente o pendor do*

uranista para a música. São vaidosos, têm pudor homossexual, e muitos, são facilmente irritáveis” (IRAJÁ, 1954, p.195-196).

“Alguns apresentam raridade de pêlos, ancas volumosas e arredondadas, feições femininas, ginecomastia. Outros adoram as fitas de cores vistosas, são fanatizados por rendas, jóias, flores, perfumes, as mil futilidades da toilette feminina ocupando-lhes horas inteiras a atenção. Levam sempre em seus passeios um verdadeiro arsenal para cuidar do cabelo, do rosto, das unhas; caixas com pó de arroz, pentes, escovas e até leques. Tratam-se como se fossem mulheres, gostam de trabalhos de agulhas, de bordados, de pirogravura, chegando não raro, a tratar-se por nomes femininos. Uma coisa que verdadeiramente lhes dá prazer é o vestirem-se de mulher. Até se fazer fotografar assim trajados. O carnaval é uma delícia para eles. Elas se vestem de apaches; eles de colombinas, de baianas, de qualquer coisa que seja mulher” (IRAJÁ, 1954, p.196) (grifos do autor).

“Os uranistas são mais propensos aos homens normais; alguns há que manifestam repugnância pelos de profissão ou por aqueles em que a anomalia é percebida claramente. Alguns preferem adolescentes, outros, só encontram prazer com adultos vigorosos e que apresentam fartas barbas e bigodes. Feré cita um que só procurava homens de barbas brancas. Alguns só escolhem indivíduos que exercem certa profissão: militares, atletas, esportistas” (IRAJÁ, 1954, p.199).

“Desde os primeiros clarões sexuaes da infância, os invertidos machos sentem como as meninas sentem para com os rapazes: experimentam a necessidade de se submeterem passivamente, exaltam-se, entusiasmam-se pelos romances e pela toilette, gostam de ocupar-se com trabalhos femininos e de vestir-se affeminadamente, frequentando a sociedade feminina. Consideram as mulheres como amigas, como espiritos que os compreendem. São em geral (mais nem sempre) de um sentimento banal ou mesquinho, gostam das phrases religiosas, admiram tudo quanto brilha e é luxuoso nos vestuários e nas casas e penteiam-se e vestem-se com faceirice muitas vezes bem maior que a das moças. Nem todos são completamente assim, mas um ou outro desses traços predomina nelles”( FOREL, 1928, p.238-239).

“Os invertidos se apaixonam de preferencia pelos homens normaes, fugindo dos invertidos. Mas como em regra são repellidos, com nojo e ameaçados com a policia, não teem remedio senão se contentarem com seus eguaes. Ora, estes senhores formam em si uma confraria secreta, especie de franco-maçonaria, reconhecendo-se ao menor sinal, farejando-se, por assim dizer” (FOREL, 1928, p.239).

“O amor sexual da mulher inspira-lhes profundo desprezo; acham-no baixo e repellente, bom quando muito, para a reprodução de pequenos invertidos...” (FOREL, 1928, p.240); “O invertido trata-a como criada ou dona de casa; não copula com ella senão com repugnância e raramente, apenas para produzir pequenos invertidos que correspondem ao seu ideal” (FOREL, 1928, p.242).

“A invertida gosta de trajar-se como homem e sente-se homem quando deante de outras mulheres. Aprecia os sports masculinos, usa penteado de homem e tem prazer nas

*ocupações masculinas. Seu desejo sexual é, às vezes, poderosamente exaltado e então se torna Ella um verdadeiro Don Juan feminino” (FOREL, 1928, p.248);*

*“A invertida sente-se homem. A idéia do coito com homens lhe causa horror. Gosta de tomar hábitos, costumes e trajes masculinos. Sob um regimen irregular teem-se visto investidas usarem uniforme, fazerem o serviço militar como qualquer soldado e até se portarem como heróis, só depois da morte descobrindo-se-lhes o sexo” (FOREL, 1928, p.250).*

*“O homem normal separa nitidamente a sympathy, ou mesmo a afeição exaltada que experimenta por outro homem de toda a sensação sexual, e não sente o menor desejo de beijar e acariciar o amigo que mais admira e preza, e ainda menos de ter com elle relações sexuaes. Toda a caricia sensual entre homens é, pois, suspeita de inversão, excepto nos internatos e outros logares onde faltam mulheres” (FOREL, 1928, p.250).*

*“O homem invertido deseja ser tratado por outro homem com se fosse uma mulher; a invertida sente-se invadida pelo violento desejo de possuir, à maneira do macho, a mulher que excite seus sentidos. Ambos possuem tendências diametralmente opostas às do seu sexo (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.62).*

*“A invertida nasce, geralmente, com gostos masculinos. Já de menina não tem afeição senão pelos jogos violentos e ruidosos; desdenha as meninas e admira com veemência os homens, sobretudo os homens maduros” (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.63).*

*“É um desvio que deixa o indivíduo insensível, frio e indiferente ao sexo oposto” (PANDU, 1970, p.127).*

*“Os verdadeiros pederastas passivos, aqueles em cujo corpo palpita e vibra alma de mulher. São verdadeiras mulheres. Mulheres em tudo. Têm pouca ou nenhuma barba. Requebram-se sestrosamente. Cuidam das unhas. Falam com voz fina. Depilam as sobrancelhas. Reviram os olhos. Possuem trejeitos femininos. Pintam os lábios. Mas não é só! Em seus quartos ou apartamentos, usam roupa de seda ou vestidos. E lá esperam o amado que não tardará. Almas sensíveis, vibram com a arte. Gostam de música e de ópera. Adoram os bailados. Apreciam os versos e os romances. Admiram a pintura. E qual a profissão que exercem? Uns são bailarinos. Outros empregam-se em pensões alegres. Outros trabalham como barbeiros, garçons e assim por diante. Há até alguns que cantam em boates com vestes femininas. São os imitadores do belo sexo. E no carnaval? É a época que fazem miséria. Fantasiam-se. Mas...tudo fantasia de mulheres. E seus nomes? Nunca usam o de batismo. Preferem outros nomes, geralmente de mulheres. Cada um tem o seu romance, o seu caso sentimental onde o macho ou é pederasta ativo ou então indivíduo que, aproveitando-se deles, tira-lhes o dinheiro. E amam. E sofrem. E têm ciúmes. E brigam. E fazem as pazes. E conquistam novos amores. São verdadeiras mulheres. Mulheres em tudo” (PANDU, 1970, p.153-154).*

*“O homossexual entre nós, é um desajustado, um indivíduo destinado a sofrer a sanção social e portanto votado a uma inevitável marginalização” (NETTO, 1975, p.60-61, v.3).*

*“A mulher masculinizada (não necessita ter exteriormente aparência masculina) tem o desejo de dominar e ao mesmo tempo o medo de ser subjugada. Sentir o prazer do amor*

*equivaleria a conceder que é a parte mais fraca e a reconhecer o homem como senhor. Muitas mulheres deste tipo impedem por orgulho o orgasmo. Procuram imitar os homens, suas roupas, suas qualidades esportivas e até seus defeitos: fumar, beber e cousas semelhantes. Abominam a gravidez, encaram a ditosa função de amamentar como um rebaixamento, tremem ante as dôres do parto, bem como procuram esconder a menstruação ou supprimil-a. Observei algumas mulheres-homens que se esterilizaram por meio de raio X ou pela ligadura das trompas, isto é, tornaram-se infecundas artificialmente e renunciaram à procriação, libertaram-se da menstruação, pesado fardo para ellas. No matrimonio são de uma castidade fora do natural, excessivamente reservadas; descartam-se quando possível de seus deveres matrimoniaes e procuram satisfação por vias irregulares. Se engravidam, torna-se-lhes a vida um martyrio. Vomitos incoercíveis revelam ao psychologo o desejo de se libertarem do ser embryonario (STEKEL, 1936, p.87).*

*“Há, não obstante, uma variação de personalidade tão ampla entre os homossexuais como entre os heterossexuais: de extremamente passivos a extremamente agressivos; de introvertidos tranqüilos a extrovertidos exuberantes e ásperos; de histéricos a compulsivos; de tipos sexualmente inibidos a sexualmente promíscuos e espalhafatosos; de indivíduos socialmente irresponsáveis a cidadãos altamente responsáveis e cumpridores da lei. Seu diagnóstico psiquiátrico, independentemente do sintoma homossexual, percorre toda a gama de nosologia moderna. Sua aparência física é igualmente variada, naturalmente, e abrange um amplo espectro que vai desde a extrema ‘feminilidade’ física e maneiras até a extrema ‘masculinidade’” (MARMOR, p.10, 1973).*

*“Não é, a rigor, invertido o indivíduo ativo que, para obter dinheiro, emprego ou boa situação financeira, explora pessoas do mesmo sexo e com elas mantém relações sexuais. Os que assim procedem revelam apenas falta de caráter” (PANDU, 1970, p.133).*

Subcategoria 5.3: “A homossexualidade é um problema do ambiente, do meio social, da educação... ”.

*“A heterossexualidade ou definição sexual depende muito da educação, do meio social, da organização familiar e de muitos fatores (NETTO, 1975, p.58, v.2).*

*“Vejam, agora, as anormalidades sexuais mais resultantes de fatôres mesológicos e de experiência de vida, do que propriamente de fatôres biológicos. O que vamos apresentar, pois, são desvios sexuais que não se radicam tanto na hereditariedade ou no biológico, mas, sim, na má orientação educacional: Desvios com relação ao objeto: a) Zoofilia; b) Fetichismo; c) Homossexualismo” (NÉRICI, 1959, p.149-150).*

*“Os seres humanos de qualquer sociedade, em geral, desenvolvem-se numa direção heterossexual de preferência a uma homossexual. Evidentemente, qualquer sociedade que deixasse de agir dessa forma ficaria ameaçada de extinção. Os instintos atuam nos seres humanos em comparação com os animais inferiores. Quanto mais baixo estiver um animal na escala evolutiva, mais complexos serão seus padrões instintivos herdados e menos modificáveis pelas condições ambientais. À medida que se sob na escala evolutiva, contudo, verifica-se que os padrões instintivos herdados se tornam menos complexos e mais sujeitos à*

*modificação pela aprendizagem. Esse desenvolvimento alcança seu apogeu nos seres humanos que nascem, não com padrões de adaptação instintivos complexos, mas com impulsos biológicos básicos relativamente desconcentrados. A direção que esses impulsos tomam nos seres humanos e os objetos aos quais vêm a se ligar estão sujeitos a enormes modificações pela aprendizagem. É precisamente este fato que dá aos seres humanos sua extraordinária adaptabilidade” (MARMOR, p.17, 1973).*

*“Os desvios sexuais são principalmente produtos de aprendizagem social. A maneira pela qual eles se desenvolvem, e como se expressam, depende da história particular do indivíduo, dos reforços encontrados na família e na vida social mais geral, e o contexto cultural que permite ou inibe um tal desenvolvimento” (COSTIN, 1978, p.125).*

*“Na perspectiva psicogênica, o ambiente e a educação contribuiriam para a expressão final da heterossexualidade e da homossexualidade” (VANDERVELDT, 1968, 394).*

*“[...] o homossexualismo tem sempre raízes ambientais. O papel da educação, do meio, é realmente fundamental na gênese do homossexualismo” (RAMOS, 1949, p.319-320).*

*“Ninguém nasce homo-sexual, mas se torna homo-sexual, em virtude de uma educação errada. O meio e sua influencia nefasta formam os homo-sexuaes” (STEKEL, 1936, p. 280-281).*

*“O problema do menino afeminado reside sempre em causas sociais. Isto é: numa educação exageradamente protetora” (NETTO, 1975, p.245, v.1).*

*“No fundo encontraremos tendências constitucionais ou erros educativos que as circunstâncias ambientais forçando a isso indivíduos que, sob outras condições, muito provavelmente não se revelariam como tais” (NEVES, p.201, 1954).*

*“Na medida em que determinado tipo de aparência, constituição, ou incoordenação física possa afetar as reações paternas ou dos irmãos em relação a uma criança ou à sua capacidade de participar de atividades do comum das crianças, isso pode às vezes desempenhar um papel determinante e significativo no gênero a ela atribuído pelas pessoas do seu ambiente, ou em sua incapacidade em identificar-se com seu próprio grupo sexual, podendo assim facilitar uma derradeira escolha do objeto homossexual. Mas mesmo nesses casos, a reação do meio é fatal, pois como freqüentemente se tem notado, meninos constitucionalmente ‘efeminados’ ou meninas ‘masculinizadas’ podem desenvolver relacionamentos de objeto sexual perfeitamente normais quando o ambiente e as oportunidades familiares são favoráveis à identificação com o papel de gênero apropriado” (MARMOR, p.16, 1973).*

*“Os fatores sociais e culturais também possuem importante relação com as atitudes referentes à homossexualidade entre homens e mulheres em qualquer sociedade dada” (MARMOR, p.20, 1973).*

*“Tomam corpo cada vez mais os estudos que visam determinar as causas psicológicas e educativas responsáveis pelo desencadeamento da conduta homossexual. Esses estudos*

*mostram a extrema importância dos primeiros anos de vida, até os seis anos, na formação de hábitos e traços de caráter” (PEREIRA, 1971, p.361).*

*“Os estudiosos ressaltam que as condições do lar em que se está formando a personalidade da criança são muito importantes” (PEREIRA, 1971, p.348).*

*“Tem-se falado muito dos fatores ambientais que favorecem o aparecimento da homossexualidade. Citam-se fatores culturais, por exemplo: a exibição das virtudes belicosas e viris da nossa civilização, a segregação dos sexos, o puritanismo, etc. Embora se desinteressem totalmente pela psicologia do condicionamento experimental, os psicanalistas pretendem conhecer bem os estímulos sociais que provocam a homossexualidade. Seu sistema dispõe de impressionante arsenal de termos mitológicos e outros, como complexo de Édipo (ou de Electra), angústia de castração, inveja do pênis, etc. e, trocando os termos, podem elaborar quantas explicações queiram. Tive o prazer de assistir a um ‘concílio’ de psicanalistas. O número de hipóteses era quase tão importante quanto o de intervenções. Mas todos estavam acordes sobre um dogma: a homossexualidade é um defeito, e esse defeito se encontra numa entidade mística chamada ‘o Ego’. Os psicanalistas talvez tenham razão quando pensam que a atitude dos pais pode desempenhar um papel no nascimento da homossexualidade, mas ainda seria preciso que se tratasse de uma questão de ‘harmonia mais ou menos defeituosa entre pais e filhos’” (ULLERSTAM, p.98-99, 1967).*

*“As causas de ordem social são, talvez, as de maior importância. Elas se envolvem com problemas de educação, atitudes, crenças, enfim, com as condições gerais do ambiente social onde o indivíduo se formou. A ausência de convívio com pessoas do outro sexo, uma educação excessivamente zelosa e cheia de mimos, preconceitos contra a experiência sexual, convivência com outros homossexuais, são alguns dos fatores sociais que poderão conduzir um indivíduo à esfera da homossexualidade” (NETTO, 1975, p.63-64, v.3).*

*“Um rapaz já por natureza tímido, ao qual se dê noções dos perigos que cercam a experiência sexual, exagerando-se o teor dessa periculosidade, vai adquirir um verdadeiro horror às pessoas do sexo oposto. Mesmo que ele tenha oportunidade de conviver com moças, sua conduta será constrangida e a sua comunicação com elas, bastante difícil. Ele se sentirá muito mais à vontade, convivendo com pessoas do mesmo sexo e poderá considerar então, muito mais cômoda e tranqüila esta categoria de relações. Suas amizades serão todas do sexo masculino e se iniciando por um processo afetivo, dadas suas carências de ordem sexual, poderá se instalar nele um processo de homossexualidade, com fortes tendências para se estruturar na vida adulta. Com as moças pode ocorrer idêntica situação. Seu ingresso na heterossexualidade, ou seja, o seu convívio com rapazes, é sempre dificultado por preconceitos, convenções sociais e normas éticas. Elas vão achar muito mais facilidade nas relações afetivas mantidas umas com as outras. E não é difícil, embora menos freqüentes que entre homens, elas também considerem uma situação mais cômoda, aquela constituída pelas condições homossexuais, e se habituem a estas mesmas condições” (NETTO, 1975, p.64, v.3).*



*“Não seria possível determinar as condições gerais dos fatores sociais que determinam o comportamento homossexual. Eles são múltiplos e vários como é variada a experiência humana, mas em grande síntese, poderíamos afirmar que o indivíduo impelido por um motivo ou outro, em entrar em heterossexualidade, prefere a situação homossexual e acaba se habituando a ela”* (NETTO, 1975, p.64, v.3).

*“As paraphilias não são congênitas, são resultados da educação, do ambiente e de circunstâncias ocasionais na primeira infância. Não constituem um destino irrevogável, são psychopathias curáveis* (STEKEL, 1936, p.81).

*“Uns e outros podem ser aliciados para o homossexualismo pelo ambiente dos meios que freqüentam”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.397).

*“Os pederastas, os sodomitas e outros debochados, cujos hábitos perversos foram adquiridos por hábito, não os cometeem no princípio senão por falta de melhor e teriam preferido um coito normal se tivessem ocasião e meios de os conseguir”* (FOREL, 1928, p.449).

Subcategoria 5.4: “Cuidado com os internatos!”.

*“A homo-sexualidade de substituição é devida simplesmente à ausência do outro sexo. [...] Não se trata aqui de inversão sexual, mas sim de uma tendência de expressão por meio de um substituto aproximado, na ausência do objeto normal”* (FOUQUÉ, 1953, p.14).

*“Está absolutamente provado que a homossexualidade aparece sempre que pessoas do mesmo sexo são obrigadas, por condições externas, a viver em íntimo contato, entre si, em virtude da ausência de pessoas do sexo oposto”* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.91).

*“Uma vida caracterizada pela solidão entre pessoas estranhas, pela freqüente mudança de ambiente e pela necessidade de partilhar de aposentos com pessoas do mesmo sexo aumenta a susceptibilidade para o prazer homossexual”* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.91).

*“Uns e outros podem ser aliciados para o homossexualismo pelo ambiente dos meios que freqüentam”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.397).

*“A homo-sexualidade de substituição é devida simplesmente à ausência do outro sexo. [...] Não se trata aqui de inversão sexual, mas sim de uma tendência de expressão por meio de um substituto aproximado, na ausência do objeto normal”* (FOUQUÉ, 1953, p.14).

*“Em situações que estamos cercados exclusivamente por membros do nosso sexo, por um certo tempo, talvez se manifestem em nós desejos anormais. Porém, tão logo seja possível a convivência com membros do sexo oposto, em geral voltamos mais ou menos inteiramente a ter interesses heterossexuais”* (DUVALL, 1970, p.76).

## PRISÕES

*“As práticas homossexuais proliferam, puramente, em locais onde, havendo indivíduos do mesmo sexo, não se encontram pessoas do sexo oposto: conventos, prisões, pensionatos, internatos, quartéis”* (PANDU, 1970, p. 127).

*“O entregar-se ao comportamento homossexual na sociedade contemporânea pode ser uma conseqüência da privação heterossexual prolongada, como ocorre entre presidiários e marinheiros” (MARMOR, p.12-13, 1973).*

*“Quando o impulso erótico do homem é inibido, como nas prisões, nos navios, nos internatos, pode desviar-se para um erotismo dentro do mesmo sexo” (PEREIRA, 1971, p.352).*

*“Nos quartéis, nos internatos, nas prisões, em todos os lugares onde os indivíduos do mesmo sexo se acham em contato íntimo, as práticas homossexuais florescem de maneira assombrosa” (IRAJÁ, 1954, p.185).*

*“A homossexualidade de emergência é a que ocorre nas prisões e noutros casos de isolamento do sexo oposto” (SPOERRI, 1972, p.138-139).*

*“Embora seja problema ao qual poucas pessoas dão atenção – inclusive os funcionários da prisão – a vida sexual da pessoa comum confinada numa prisão constitui questão muito importante. Os muros de uma prisão não reprimem o desejo sexual, que é instintivo e básico. O desejo persiste, as emoções tornam-se mais fortes e a tensão intensifica-se. Prisioneiros masculinos e femininos acham-se separados uns dos outros, e as visitas de espôsas e amigas – ou de homens, no caso de prisioneiras – são limitadas e conduzidas de modo a tornar impossível qualquer contato pessoal. O resultado inevitável é a satisfação sexual por contato com alguém do mesmo sexo ou pela masturbação. Alguns prisioneiros são capazes de manter o equilíbrio sexual e não se entregam a práticas homossexuais. Tais pessoas têm que dominar-se completamente, mas raramente suportam a situação todo o longo período da pena. À medida que a reclusão vai se arrastando, a privação cria tensões e martírios, e ao prisioneiro resta uma de duas alternativas: ou recorre à masturbação, geralmente conjugada com fetichismos, ou se entrega à homossexualidade. Conseqüentemente, encontra-se em todos os tipos de instituições de confinamento certa forma de masturbação e homossexualidade, ambas consideradas anormais no adulto” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.112-113).*

*“A sociedade humana acha natural, conveniente e sem perigo que indivíduos do mesmo sexo tomem banho, durmam e morem juntos. Nos asylos de alienados, nas prisões e internatos os homens são vigiados por homens e as mulheres por mulheres. O voto de castidade dos padres catholicos e das freiras também leva á separação dos sexos. O curioso é que em todos estes usos a inversão sexual não é tomada em consideração. Ninguém se espante, pois, de que os homossexuales se aproveitem dessas cousas e procurem as situações que lhes fornecem oportunidades, escolhendo carreiras como a de padre catholico, director de collegio e principalmente enfermeiro de hospicio. Neste ultimo caso especulam elles com a inconsciencia dos alienados e sua incapacidade de formularem queixas. Nos banhos publicos podem gosar sem risco da vista de homens nús” (FOREL, 1928, p.243).*

*“[...] das visitas de espôsas resultam menor tensão entre os prisioneiros, menor índice de homossexualidade” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.114).*

*“Tanto as mulheres quanto os homens compartilham com outras espécies animais a capacidade para obter satisfação sexual com seu próprio sexo, quando o oposto não é disponível. Em parte por êsse motivo é que a homossexualidade prevalece especialmente em escolas, comunidades religiosas e outros grupos dos quais o sexo oposto é excluído” (STORR, 1967, p.69).*

*“As probabilidades de práticas homossexuais parecem sofrer maior incidência nos internatos que, pelo seu círculo fechado, favorecem a fixação amorosa em colega do mesmo sexo. É comum ouvir, de pessoas egressas de internatos, que não se casarão...E, de fato, os seus problemas são mais difíceis de ser resolvidos” (NÉRICI, 1959, p.132).*

*“A grande vantagem de taes descobertas é que se poderá submeter a creança atacada de perversões sexuaes a uma vigilancia especial e principalmente afastal-a dos internatos onde está sujeita a excitações mais fortes. Um invertido num internato acha-se, a bem dizer, nas condições de um homem que dormisse no mesmo quarto com moças. E ninguém reflecte nesse perigo! Uma vez reconhecida a perversão não devemos tratar a pessoa como criminosa ou perversa e viciada e sim como doente, offerecendo por este motivo perigos para si e para as outras. Tratal-a-emos impedindo ao mesmo tempo que se torne fóco infeccioso para os que a cercam. Os invertidos em particular devem ser vigiados até a idade adulta” (FOREL, 1928, p.397-398).*

*“A tendência das famílias de classe alta a enviarem os filhos, ainda muito novos, a escolas sexualmente segregadas constitui, segundo se acredita, um dos fatores responsáveis por uma incidência relativamente alta de inversão sexual entre os mesmos” (MARMOR, p.21, 1973).*

*“Nos dormitórios os leitos estão muito perto, os meninos passam das carícias às exibições, às apalpações lúbricas, ao onanismo recíproco, enfim à pederastia. Curiosidade sensual no começo, gosto depravado depois” (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p.284).*

*“Uma palavra sôbre esta atração para o mesmo sexo, nos Conventos e Colégios. É necessário não nos iludirmos a esse respeito. Tal amizade de um jovem para outro, ou de uma moça para sua companheira, explica-se, na maioria dos casos, de modo muito natural. Seria cometer êrro grosseiro classificar logo essas crianças no grupo dos perversos constitucionais. Trata-se simplesmente de moços e moças, atormentados pelo instinto sexual, na época da puberdade. Como não saem, ou só muito pouco na qualidade de internos, a ocasião de encontrarem pessoas do outro sexo lhes é freqüentemente rara. Então sua necessidade de amar e de ser amados, unida ao apetite da presença, que é um dos poderosos fatôres com que se nutre e se entretém o amor, faz com que o instinto sexual se desvie simultâneamente. Êstes jovens e estas jovens encontrarão de novo o equilíbrio, uma vez saídos do Internato. Nota-se – e os educadores bem o sabem – que as crianças sôbre quem se fixam os olhares dos maiores são alunos de aparências femininas, cujo porte, andar e maneiras relembram as de mulher, ao mesmo tempo que sua graça e delicadeza. Fazendo uma análise mais profunda nas meninas, achar-nos-íamos diante dêstes característicos: a que mais tem de mulher, com sua franqueza, sua necessidade de proteção, procura um complemento daquilo que lhe falta, na fôrça de vontade, na energia, no caráter forte de sua amiga” (LACHAPELLE, 1944, p.199-200).*

*“A atração para um mesmo sexo em um Convento ou Colégio é perigosa, porque uma ocasião, um hábito mau, a presença de um ou vários perversos, podem ser o ponto de partida para a perversão de um grande número de crianças, cuja constituição é isenta de qualquer vestígio mórbido. Enquanto tudo isso fica no plano sentimental puro ou platônico, há numerosos meios que podem fazer uma diversão e farão ‘sublimar-se’ estes instintos e tendências” (LACHAPPELLE, 1944, p.200-201).*

*“Todos os internatos, isto é, todos os estabelecimentos onde os indivíduos do mesmo sexo vivem reunidos por longo tempo num mesmo domicílio mais ou menos amplo, exercem influência particular sobre a vida sexual. Assignalaremos os conventos, os internatos escolares, ao molde dos lyceus francezes, etc. O grande inconveniente de todos esses estabelecimentos está no perigo da contaminação de seus pensionistas com os hábitos do onanismo e da pederastia. Os invertidos sentem-se fortemente atraídos para os internatos, o que não é de admirar, já que allí acham o terreno tão desejado onde possam com toda a tranqüilidade e comodidade entregar-se á paixão instintiva; o dormitório dos internatos lhes faz a mesma impressão que um dormitório de moças num rapaz normal. É uma coisa que se tem muito negligenciado ao organizar os internatos, tanto de rapazes como de moças. [...] O perigo dos internatos está em que, entre os numerosos pensionistas, fácil e frequentemente se intrometem pervertidos, dos quaes um só basta para contaminar e perverter muitos indivíduos normaes, pois é muito difícil vigiar um internato do que uma família” (FOREL, 1928, p.343-344).*

*“Nas guarnições afastadas, nos internatos de meninos mal vigiados, veem-se ás vezes indivíduos assaz libidinosos se satisfazerem com a masturbação, ou pela pederastia, isto é, introduzindo o penis no anus de um companheiro mais moço, que tenha aspecto um tanto feminino” (FOREL, 1928, p.224).*

*“O onanismo e o safismo se propagam assustadoramente nos conventos e se impõem à menina débil e ignorante, sendo às vezes ensinado pela própria educadora que sacia seus vícios. Outras vezes, basta uma rapariguinha viciosa para contaminar toda uma instituição. Em todo o caso, o encerramento origina nos cérebros infantis um estado mórbido, propício ao desenvolvimento de todas as manias, de todas as taras que afligirão o indivíduo futuro” (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.27).*

*“Já pensamos alguma vez o que representa para um menino ou menina ir para um internato? Imagine-se, em princípio de ano, dezenas de meninos a deixar os sertões para se emparedarem nos internatos, onde iniciam vida oposta a que levavam. Confluem também para aí crianças outras de cidades do interior e da capital. De qualquer forma, são desarraigados subitaneamente do seu meio e sob o mesmo regime têm de se implantar num solo comum. Êsses meninos trazem cada qual os seus costumes e as suas iniciações boas ou más. O comum infortúnio os atrai mutuamente. É natural que procurem compensação para a falta de carinho da família, para o vazio do coração e para a estranha sensação de abandono e desambientação de que são acometidos. Se a disciplina do colégio é rígida, e se não há distrações apropriadas à idade, o inevitável acontece. Arvoram-se em chefes e em pouco tempo as práticas viciosas se estabelecem como que automaticamente. A contaminação*

*ameaça envolver até os que a isso não são inclinados por uma predisposição constitucional. O mesmo acontece com as meninas. Arrancadas da família, do seu ambiente e de seus interesses, desorientam-se e procuram compensar-se dos sofrimentos. As mais abaladas, sentem-se mutuamente atraídas, projetadas uma nas outras. Começam-se entre tais meninas, manifestações exageradas, tratando-se ora como namoradas, ora com ternura de mães. Todo o afeto, carinho, atividade, necessidade de dedicação que, numa criança de vida normal, deve ser distribuído entre os pais e irmãos, na menina de tais internatos, concentra-se em si mesma, ou numa companheira, nela derramando-se uma paixão” (NEVES, p.199-200, 1954).*

*“O exagêro contido nessas manifestações, as mais das fezes, representa fome de carinho, de ternura, de afeto, de correspondência humana. É o irrompimento de fôrças que, não encontrando canalização para objetivos próprios da idade, desvirtua-se na razão direta das tendências constitucionais e das sugestões recebidas” (NEVES, p.200, 1954).*

*“Geralmente nesses internatos, como já foi ponderado, há regulamentos dificultando as expansões, proibindo andar sobraçadas, passear duas a duas (devem ser três ou mais)... Essas medidas são ineficazes. Melhormente, contribuem para incrementar a situação porque não consideram a necessidade de amigas nesta idade e não removem a causa condicionante dos exageros. Ao contrário, aumenta o descontentamento e o fascínio do ‘proibido’. Para continuarem as manifestações sentimentais, as meninas recorrem a expedientes de namorados: bilhetinhos, encontros furtivos, beijos e carinhos trocados às ocultas. Quando surpreendidas, as punições lhes agravam a situação e as expõe à angústias e ansiedade. A profilaxia dessas situações consiste em reconhecer as necessidades afetivas da idade; aliviar a tensão da disciplina para que as meninas não se sintam tão necessitadas de compensações; ocupar o tempo em coisas interessantes e próprias da idade. De par com isso, e por meio disso, sólida formação de caráter. Sempre que for necessário, consultem-se médicos clínicos e especialistas criteriosos. Com essas medidas, inteligentemente postas em prática e sem a interferência de proibições contraproducentes que despertam a atenção e incitam o proibido, em grande parte ficam eliminadas as ocasiões de cultivo das tendências homossexuais porventura existentes” (NEVES, p.200, 1954).*

*“Tive oportunidade de ouvir testemunhos de pessoas que no período escolar viveram em internatos. Eis, em resumo, a impressão de uma delas: ‘No primeiro colégio andava tão ocupado e satisfeito que à noite ansiava por dormir – o mesmo se dando com a maioria dos rapazes. Nunca percebi nenhuma anormalidade nos meus companheiros. Depois, fui transferido para outro colégio em que o regime era o comumente usado. Havia grande reclame dos princípios morais do estabelecimento e regras explícitas para a sua observância. Em poucos dias – percebi com assombro: parte dos colegas tinha hábitos para mim insuspeitados. Foi dêsse modo que tive ciência do que é a homossexualidade’” (NEVES, p.201, 1954).*

*“Em internatos femininos, geralmente, os únicos elementos de sexo oposto do meio escolar são o porteiro e o faxineiro. Esta situação favorece a fixação da afetividade da aluna em uma professora, que pode encarnar a figura de um homem; Em internato masculino ocorre que os*

*únicos elementos de sexo oposto costumam ser, quase sempre, as lavadeiras ou arrumadeiras. Esta situação favorece, também, a fixação afetiva do aluno em um professor; É comum suceder em colégios, em regime de internato ou não, que um aluno manifeste admiração excessiva por outro colega, chegando às raias do amor. Se forem duas adolescentes seriam vistas sempre juntinhas; e, se forem rapazes, serão vistos, continuamente segredando coisas um ao outro. Por causa do que pode ocorrer em internatos ou em colégios só para rapazes, o uso para môças (mesmo não sendo internato), é útil promover atividades sociais que atenuem êste convívio com elementos do mesmo sexo, de maneira a facilitar o despertar do interêsse pelo sexo oposto e a evitar fixações homossexuais”(NÉRICI, 1959, p.151-153).*

Subcategoria 5.5: “Relações entre homossexualidade e masturbação”.

*“A pessoa, homem ou mulher, no começo da vida sexual, tem e sente necessidade de saciar as excitações carnis que em si despontam. Como, nessa idade, não pode procurar o sexo oposto, entrega-se à masturbação. E tem que ser assim, por que no vigor das treze primaveras, o ente humano ainda não se encontra suficientemente desenvolvido nem no ponto de vista fisiológico, nem do ponto de vista moral. Em circunstâncias tais, a masturbação, quando moderada, é coisa normalíssima. Às vezes, o indivíduo masturba-se pela impossibilidade de se acercar de pessoas do sexo contrário. É o caso dos que vivem nos colégios internos, nas prisões, nos pensionatos. É o caso dos religiosos” (PANDU, 1970, p.138).*

*“O amor e as relações sexuaes normaes são naturalmente o melhor remedio para a masturbação” (FOREL, 1928, p.226).*

*“O onanismo forma um complemento frequente da homossexualidade, seu efeito mais commum, mas não causa” (FOREL, 1928, p.247).*

*“Inicialmente deve-se adotar uma profilaxia no cuidado com as crianças que resultará, pelos seus benefícios, numa profilaxia do onanismo. Certas inversões adquiridas têm origem no onanismo” (FOUQUÉ, 1953, p.99).*

*“Nos pederastas entregues à manualização, seus órgãos tenderam a modificar-se pelo onanismo” (IRAJÁ, 1954, p.198).*

*“Um observador attento descobrirá, com mais frequência do que se julga, desejos homossexuaes entre os rapazes. [...] Em ambos os sexos o observador prestará toda a atenção aos habitos da masturbação (FOREL, 1928, p.397-398).*

*“O onanismo é, indubitavelmente, a prática que com mais frequência arrasta a mulher ao safismo. É muito compreensível: a onanista, quer dizer, a mulher que pratica o prazer solitário por intermédio de toques digitais, se encontra particularmente disposta a buscar ou a escolher uma companheira para gestos destinados a experimentar o delicioso calafrio dos nervos. A onanista experimentou todos os enervantes gozos do amor; conhece o poder dos contactos, aspira frequentemente receber carícias que ela a si mesma não poderá prodigar.*

*Quando sabe que se encontra junto a uma companheira, apreciadora de idênticos prazeres, estabelece a correspondente comunhão” (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.15).*

*“Contentam-se com a masturbação mútua” (FOREL, 1928, p.240).*

*“O primeiro aparecimento do desejo homossexual, com os ingenuos impulsos da mocidade, faz com que o invertido veja o mundo, a felicidade e o amor sob um aspecto especial, determinado pela irradiação invertida do desejo. Imagina que o fim de sua vida será uma união amorosa com o ser querido e forja idyllios e romances ideaes. Mais tarde, porem, quando o desejo se accentua e elle ao mesmo tempo verifica que a maioria dos homens sente de outro modo, e que a humanidade se reproduz pela união entre homens e mulheres, torna-se um infeliz e cáe na amargura. Percebe que será ridiculo e perigoso desvendar seus sentimentos intimos e entrega-se com mais frequência à masturbação (FOREL, 1928, p.239).*

*“Podemos chamar onanismo essencial ao dos invertidos sexuaes. Trata-se de homens cujo desejo sexual tem por objecto o seu próprio sexo. Chamaram-nos homosexuaes e o onanismo mutuo constitue por assim dizer a satisfação normal do seu desejo invertido. Emquanto as relações sexuaes normaes formam o melhor e mais racional remedio para a masturbação compensadora, no onanismo essencial não se dá, absolutamente, o mesmo. O casamento é o peor e o mais escandaloso dos remédios para tal caso. É pois de muita importancia, para bem julgar da natureza da masturbação, informar-nos do genero de imagens eroticas com as quaes Ella se associa. Se, no homem, são imagens de mulheres, trata-se apenas de masturbação compensadora; mas se são regularmente e desde a origem imagens masculinas, trata-se de inversão sexual” (FOREL, 1928, p.227).*

*“A homossexualidade é a grande preocupação dos educadores, na Escola, e a freqüência de suas manifestações vem logo, depois do onanismo” (RAMOS, 1949, p.318-319).*

*“Nos dormitórios os leitos estão muito perto, os meninos passam das carícias às exhibções, às apalpações lúbricas, ao onanismo recíproco, enfim à pederastia. Curiosidade sensual no começo, gosto depravado depois” (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p.284).*

*“O resultado inevitável é a satisfação sexual por contato com alguém do mesmo sexo ou pela masturbação. Alguns prisioneiros são capazes de manter o equilíbrio sexual e não se entregam a práticas homossexuais. Tais pessoas têm que dominar-se completamente, mas raramente suportam a situação todo o longo período da pena. À medida que a reclusão vai se arrastando, a privação cria tensões e martírios, e ao prisioneiro resta uma de duas alternativas: ou recorre à masturbação, geralmente conjugada com fetichismos, ou se entrega à homossexualidade. Conseqüentemente, encontra-se em todos os tipos de instituições de confinamento certa forma de masturbação e homossexualidade, ambas consideradas anormais no adulto” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.112-113).*

*“Nas guarnições afastadas, nos internatos de meninos mal vigiados, veem-se ás vezes indivíduos assaz libidinosos se satisfazerem com a masturbação, ou pela pederastia” (FOREL, 1928, p.224).*

*“É fácil provar que os homens cujo instinto sexual é normal abandonam com facilidade os hábitos de onanismo e pederastia que adquiriam em vista dos máos exemplos, sedução ou por compensação, desde que lhes seja possível ter relações sexuaes normaes com uma ou varias mulheres” (FOREL, 1928, p.244).*

Subcategoria 5.6: “O problema são os pais!”.

*“Os cientistas descobriram um fato muito importante a respeito do desenvolvimento desses desvios da personalidade. Em média, se passam cinco anos entre o dia em que os pais ou responsáveis descobrem o desvio do filho (ou da filha) e o dia em que levam a criança ao médico. Em geral, é o pai, e não a mãe, que tergiversa, isto é, age como um avestruz da história: fecha os olhos, não vê nada. A mãe é que percebe e dá quase sempre o alarma em casa. Provavelmente, a atitude dos pais decorre da falta de conhecimento científico em matéria de Biologia e Psicologia Humana” (PEREIRA, 1971, p.347)*

*“O homossexualismo desenvolver-se-ia, pois, quando os pais, sobretudo as mães, não se esforçam por fazer dos filhos seres sãos e independentes; quando as mães não se decidem a desprender-se dos filhos que lhes agarram às saias; quando o amor torna intolerável para ela a ideia de que os filhos as hão-de deixar; quando não se inculca no pequeno uma atitude viril perante a vida, sobretudo no que respeita à vida sexual” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.397).*

*“Certos pais que esperam o nascimento de um filho desejam ardentemente uma menina, se nasce um menino, educam-no como se fosse do sexo feminino” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.397).*

*“O menino que nota a preferência dada à irmã pode tentar imitar seus gestos e atitudes, para as boas graças dos pais” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.397);*

*“[...] as mães estão sujeitas a se tornarem emocionalmente mais envolvidas com crianças nascidas quando estão mais idosas. Existem provas consideráveis de que a homossexualidade na cultura ocidental se desenvolve com mais freqüência em unidades familiares menores, nas quais a intensidade dos relacionamentos interfamiliares é susceptível de ser maior. Além disso, o filho (a) caçula está mais sujeito a ser ‘tratado como bebê’ ou a desenvolver sentimentos de inadequação em relação aos irmãos mais velhos. Uma criança mais nova ou o filho (a) caçula está também muito mais susceptível de tornar-se o alvo principal das necessidades afetivas de uma mãe idosa, se os interesses do marido por esta começou a diminuir” (MARMOR, p.16, 1973).*

*“Uma excessiva emotividade entre pais e filhos – tanto no sentido negativo como positivo. Um menino que se fixa demais no amor por sua mãe, e que simultaneamente tenha aversão inconsciente pelo pai, pode, na puberdade, comportar-se eroticamente como mulher. Moça mimada em excesso pelo pai e que o idolatra, pode desenvolver em si mesma um erotismo masculino. Mas há também o caso dos meninos que sentem hostilidade para com a mãe e, assim, depois não conseguem sentir nenhuma atração por mulheres” (PEREIRA, 1971, p.353).*



*“Há grande risco de desvios da personalidade quando o pai é fraco, ou não haja domínio paterno no lar” (PEREIRA, 1971, p.348).*

*“Os excessos sensuais, as aberrações, os vícios que afligem a humanidade são o resultado de lesões intelectuais e físicas que provêm de taras hereditárias que deveriam ser combatidas ativamente, ou de feios costumes adquiridos desde a infância por falta de cuidados de vigilância e de inteligência por parte dos pais” (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.24).*

*“É perigoso dar a uma criança uma educação adequada ao sexo oposto. Conheço mães que desejavam uma menina e deram á luz um filho. O pequeno desde o nascimento foi tratado como menina. Usava cachos, brincava com bonecas e trem de cozinha até os 4 annos. As pessoas na rua exclamavam: ‘Que menina bonitinha’ – ao que a mãe, orgulhosa e alegre, respondia – ‘Qual o que, é menino’. As consequencias dessa educação foram uma exaltação das qualidades femininas e mais tarde uma homo-sexualidade passiva” (STEKEL, 1936, p.288).*

*“A imagem de um casamento infeliz pode criar desintêrêsse em relação ao sexo oposto” (SCHMIDT, 1964, p.143).*

*“A fixação no pai ou na mãe impede, às vezes, o jovem de admitir a idéia de se separar da família. Em consequência evita-se o sexo oposto. O regime de rigidez excessiva também determina a mesma dependência e o afastamento do sexo oposto. A fixação pode ser tão grave que forme, em relação ao rapaz, uma personalidade do tipo ‘filhinho da mamãe’, tão mal equipado para o casamento” (SCHMIDT, 1964, p.143).*

*“A superproteção dos pais e, sobretudo, das mães e avós, impede ao menino tomar qualquer iniciativa e o torna, aos poucos, completamente passivo, dependendo inteiramente da vontade da mãe. É, pelas observações feitas pelos psicanalistas, esta situação que se encontra mais freqüentemente nos homossexuais adultos” (WEIL, 1960, p.151-152).*

*“A relação de forças entre pae e mãe representa tambem papel importante. Atrás da homo-sexualidade occulta-se o medo em face da mulher. Nos lares em que a mãe é senhora absoluta, pode-se formar na alma do menino uma tendencia a nunca se submeter a uma mulher” (STEKEL, 1936, p.288).*

*“É sabido através de muita historia morbida, colhida pela psychanalyse, que o carinho exaggerado pode agir sobre a vida affectiva futura como uma perturbação funcctional da vida sexual. Entre os homens homo-sexuaes se encontram muitos ‘filhinhos da mamãe’ e entre as lesbianas muitas meninas com fixação paterna. Toda mulher representa para o homem que soffre de uma fixação materna a mãe, todo homem representa o pae para a filha que soffre de uma fixação paterna” (STEKEL, 1936, p.289).*

*“Não há dúvida que a maneira como uma criança é educada influencia de certa forma seu comportamento homossexual futuro ou outra espécie qualquer de desvio sexual. Isso ocorre, por exemplo, quando os pais educam o menino como se fosse uma menina; quando são extremamente puritanos em suas opiniões e induzem o filho a acreditar que as relações pré-*

*conjugais são uma coisa horrível; quando o filho apega-se exageradamente à mãe na primeira infância; quando ele tem um pai excessivamente fraco, que não possui uma certa “virilidade” e que não deu a devida atenção ao menino; quando o filho possui uma mãe extremamente pessimista, que criou preconceitos nele a respeito das demais mulheres – se algumas dessas formas de educação ocorreram na infância, é possível que o filho tenha sido influenciado contra a heterossexualidade e contra a possibilidade de se acreditar um homem forte, o que favorece, sem dúvida alguma, a prática futura da homossexualidade” (ELLIS, 1969, p.180).*

*“Há grande risco de desvios da personalidade quando o pai é fraco, ou não haja domínio paterno no lar” (PEREIRA, 1971, p.348).*

*“Tendências efeminadas podem cristalizar-se em meninos de 10, 11, 12 anos quando, ao se manifestar aquele sentimento normal de ‘rebelião’, receberem os meninos um impacto reacionário dos pais ou tutores” (PEREIRA, 1971, p.349).*

*“O grande erro dos pais consiste em imaginar que a curta idade da filha a impede de observar aquilo que não chega a compreender. Ao contrário, o maior perigo está nos primeiros anos. Então é quando se adquirem os hábitos, se iniciam nos vícios, se contraem os germes das aberrações que, mais tarde, arrastam o indivíduo a uma vida nefasta” (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.24).*

### **Categoria 6: “Conduções médicas...”**

#### Subcategoria 6.1: “Os médicos: nossos condutores, nossos professores”

*“É muito importante o papel do médico na educação do povo quanto à vida sexual” (PANDU, 1970, p.3).*

*“Consultai o vosso médico se qualquer coisa em seu comportamento vos parecer anormal” (FOUQUÉ, 1953, p.100).*

*“O homo-sexualismo representa um desvio. É o menos que se pode dizer. O médico deve, portanto, esforçar-se em combatê-lo” (FOUQUÉ, 1953, p.98).*

*“Há muitos desentendimentos sobre o que é normal e o que é anormal no sexo. Muitos casais, muitos homens, ou muitas mulheres, criam para si próprios certas concepções e agarram-se a elas. São erros que os fazem sofrer, mas não se lembram de procurar a única pessoa autorizada para orientá-los: o médico” (PANDU, 1970, p.58).*

*“Não me esquecerei, em nenhum momento, que sou em primeiro lugar um médico, isto é, um indivíduo a quem os fatos sexuais não amedrontam e que tem o direito de falar francamente. Terei sempre presente que o papel do médico não é o do sábio e que tôdas as suas constatações devem, tender a uma utilidade. Se algumas vezes eu der a impressão de que fujo às regras da moral convencional, não perderei nunca de vista as regras da moral prática” (FOUQUÉ, 1953, p.5-6).*

*“Tudo seria muito mais fácil se os médicos dominassem com segurança o terreno sexual” (FOUQUÉ, 1953, p.100).*

*“Os casos de intersexualidade persistente devem receber assistência médica especializada o mais cedo possível, de maneira a se tentar uma correção na natureza ou a se processar uma educação adequada” (NÉRICI, 1959, p.147-148).*

*“Sempre que for necessário, consultem-se médicos clínicos e especialistas criteriosos” (NEVES, p.200, 1954).*

*“Em caso de pouco sucesso ou de maiores dúvidas quanto ao comportamento sexual do filho, recorrer a um especialista, sem perda de tempo” (NÉRICI, 1959, p.153-154).*

*“Casos mais graves, como a homossexualidade precoce, relações sexuais e outros tipos de perturbações do comportamento sexual, somente os especialistas poderão resolver” (NETTO, 1975, p.223, v.1).*

*“Quando persiste a relação homossexual entre dois jovens, cuidados devem ser tomados e, se possível, sob orientação de um especialista” (NETTO, 1975, p.60-61, v.2).*

*“Quando a criança ingressa na Escola, já trouxe, aliás, todo um passado familiar, cujo estudo é indispensável. Psicanalistas e mesmo pediatras e estudiosos não ligados diretamente à psicanálise, verificam a existência de uma pré-sexualidade na infância” (RAMOS, 1949, p.300).*

*“São os psicólogos, os psiquiatras e médicos-pedagogos os profissionais indicados para as consultas. Devemos ser bem claros a esse respeito: não se deve consultar padre, freira, pastor, professor, a não ser que padre, freira, pastor, professor sejam também profissionalmente formados para o assessoramento pedagógico-sexual desejado” (PEREIRA, 1971, p.348).*

*“Cada caso é objeto de estudo especial do psicólogo, do médico, do psicanalista, que sabem muito bem da impossibilidade de fixar regras ou aconselhar uma terapia estabelecida e uniforme” (NETTO, 1975, p.57, v.2).*

*“Não devem os pais deixar-se levar pelas impressões primeiras que muitas vezes não significam traços definidos de homossexualidade. É necessário cuidado extremo na observação do comportamento desses adolescentes. Uma constatação ou uma acusação desse tipo envolve uma situação altamente problemática. [...] a última palavra ainda cabe ao analista, ao psicólogo clínico, pois, conforme o caso, eles saberão ministrar a terapêutica indicada” (NETTO, 1975, p.61-62, v.2).*

*“Se influencias danosas, dentro ou fora de casa, já causaram desajustamento sexual em seu filho, não deixem perdurar o problema. Se não têm suficiente educação sexual para tratar dele, confiem-no ao médico da família ou a um psiquiatra” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.300).*

*“O medico tem o dever de instruir e aconselhar amigavelmente as pessoas que o consultam sobre questões sexuaes, e de nunca arvorar-se em juiz e moralista rabugento. Não deverá assustar ou reprovar o pobre hypocondriaco que lhe vem confessar masturbação, nem os perversos sexuaes, de qualquer natureza que sejam, e a menos que não offereçam verdadeiros perigos (sadistas, etc.) deverá acalmal-os e guial-os” (FOREL, 1928, p.428-429).*

*“O psiquiatra clínico do século XX, no mundo ocidental, inevitavelmente reflete os costumes de seu tempo e de sua cultura quando considera a homossexualidade uma alteração ou um desvio indesejável do desenvolvimento e adaptação ideais da personalidade em nossa sociedade. Não é minha intenção difamar a abordagem do clínico. Em seus esforços para ajudar o homossexual a adquirir uma adaptação heterossexual sempre que possível, o psiquiatra clínico – como qualquer outro médico – se empenha a ajudar o paciente a atingir um relacionamento homeostático ideal com o ambiente em que se encontra. Esse objetivo é válido e legítimo, em particular, naturalmente, quando o próprio homossexual se dirige ao psiquiatra à procura de auxílio” (MARMOR, p.23, 1973).*

*“Minhas opiniões sobre a questão sexual baseiam-se, de um lado, sobre os meus estudos científicos relativos ao cerebro humano, à psychologia e á biologia animal, e de outro lado, sobre a longa experiencia pessoal de um alienista, que se tem occupado tanto com a mentalidade normal e com as questões de hygiene social como com a mentalidade pathologica” (FOREL, 1928, p.2).*

*“As opiniões modernas dos medicos na questão sexual infelizmente ainda estão, como no caso do alcool, muito obscurecidas pelos preconceitos, pela fé autoritaria e pela influencia directa das doutrinas da moral religiosa. Mas não queremos falar mal da medicina porque é a ella e ás suas sciencias accessorias que devemos os conhecimentos que nos tornam hoje possivel julgar nas relações sexuaes do homem do ponto de vista sadio e verdadeiro da sciencia social e moral” (FOREL, 1928, p.426).*

*“Qualquer que seja a opinião que se tenha sobre o amor que não ousa dizer o seu nome, eu afirmo que suas alegrias sempre perturbadas, são purificadas pela Dor e que ele conserva pelo menos uma magestade – a do sofrimento” (FOUQUÉ, 1953, p.4).*

*“Eu quero que os meus irmãos ou minhas irmãs que se atormentam com o amor de olhos baixos sintam, lendo-me, que esta obra não é para êles nem um ultrage nem uma homenagem” (FOUQUÉ, 1953, p.6).*

*“O estilo de vida homossexual é intrinsecamente insatisfatório, e devemos dedicar nossos esforços para encorajar pesquisas que nos ensinem meios de impedir que se estabeleça o padrão homossexual e de alterá-lo quando possível” (STORR, 1967, p.86).*

*“O médico ajuda o doente, pelos seus conselhos, a livrar-se dos laços da carne, acalmando pela hygiene, exercícios físicos, psicoterapia, se necessario algumas drogas discretas (nós as temos em nosso arsenal homeopático) – o eretismo que o atormenta. Êle o trata exatamente como faria diante de um hipergenésico ou de uma ninfomaniaca” (FOUQUÉ, 1953, p.112).*

Subcategoria 6.2: “Conduzir para o tratamento... conduzir para a cura...”

*“Qualquer anomalia, constatada no comportamento sexual da criança, deve fazer com que os responsáveis pela sua educação encaminhem, sem mais delongas, para clínicas especializadas, a fim de serem prevenidos males maiores que poderão tornar-se irremediáveis”* (NÉRICI, 1959, p.15).

*“Como no caso do câncer, da poliomielite e de outras doenças, deve-se levantar fundos para o estabelecimento de clínicas destinadas ao tratamento dos desvios sexuais”* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.265).

*“É evidente que num caso assim, um tratamento médico (que não é dos mais complicados), resolverá o problema”* (NETTO, 1975, p.245, v.1).

*“O homossexual somente deve ser repellido, quando a repulsa fôr justificada por mal comportamento. Em todos os outros casos, somos de opinião de que o mesmo deve ser tratado”* (EDELSTEIN, 1971, p.108).

*“O adolescente deve ser encaminhado a um especialista, que indicará o tratamento a seguir, para tentar a normalidade sexual e de comportamento social”* (NÉRICI, 1959, p.151-153).

*“Muitos invertidos não desejam modificar-se. Preferem pensar que seu mal é congênito, de modo a poder usá-lo como escusa para não assumirem as responsabilidades ligadas ao casamento e à vida familiar. Muitos desejam viver uma vida de dissipações e são indiferentes às penas impostas pela sociedade. Não se mostram dispostos a renunciar aos contatos com círculos homossexuais”* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.232).

*“A maioria dos autores aconselha um tratamento que, no fundo, depende de sua posição teórica sobre a etiologia do mal”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.398).

*“A terapêutica da homossexualidade tornou-se mais problemática precisamente porque várias são as teorias a respeito de suas causas. Ainda se discute muito a respeito da natureza e das causas dessa conduta sexual”* (PEREIRA, 1971, p.361).

*“Os que crêem na origem biológica do homossexualismo, preferem o tratamento físico, até porque se a anomalia se deve – segundo a sua teoria – a uma perturbação das funções glandulares, há que procurar a cura tratando as glândulas”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.398).

*“Alguns autores e seus discípulos, tentaram transformar homossexuais em heterossexuais pelo enxerto de testículos provenientes de um homem normal. Mas estas experiências, a princípio acolhidas com entusiasmo, mostraram-se ilusórias. Em fase disso, outros, baseados na teoria bioquímica, tentaram uma medicação de hormonas sexuais por injeções intramusculares de testosterona e outras extractos endócrinos. [...] o tratamento glandular não só falha na maior parte dos casos, como intensifica por vezes as tendências homossexuais”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.398).

*“O uso de hormônios masculinos pelo homossexual pode fortalecer seus impulsos homossexuais. A administração de hormônios femininos pode reduzir seus impulsos”* (PEREIRA, 1971, p.351).

*“A terapêutica hormonal, por exemplo, foi de há muito abandonada, por que seus resultados foram quase nulos. A prescrição de hormônios para homossexuais não muda, de modo algum a linha de sua conduta. Ao contrário, aumenta seu impulso, ou sua excitação na mesma linha, agravando, portanto, seus problemas de conduta”* (PEREIRA, 1971, p.361).

*“Será a castração permitida, como último remédio para a cura do homossexualismo?”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.402).

*“Diz-se que a castração não é uma mutilação porque se limita a retirar do corpo uma parte doente. Será este o caso do homossexualismo?”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.403).

*“A castração tem um duplo efeito: um bom, outro mau. O bom efeito consistiria na cura das tendências anormais; o mau efeito seria o doente ficar privado para sempre das suas funções vitais de reprodução. Além disso, a operação pode trazer vertigens, palpitações e, no plano psicológico, um estado de depressão e um complexo de inferioridade. Ora, dizem esses autores que, se o bom efeito desta operação não ultrapassar o mal, pode considerar-se que o compensa”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.402).

*“Auxiliar o homossexual a desenvolver sua personalidade, ensinar-lhe como sublimar com êxito seu impulso sexual em canais socialmente aceitáveis e auxiliá-lo a estabelecer um objetivo na vida são medidas terapêuticas necessárias para ser permanente o resultado”* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.237).

*“A Psiquiatria não pode corrigir a homossexualidade. O único remédio é o recondicionamento, processo longo, demorado, difícil, mas que deve ser encarado pelas autoridades em higiene social e sexual”* (PEREIRA, 1971, p.355).

*“A homossexualidade é curável e cede ao poder de uma direcção psychologica competente”* (STEKEL, 1936, p.287-288).

*“Ele deve ser recuperado socialmente e reformular as estruturas gerais de sua personalidade. Não é fácil alcançar este objetivo: mas a psicologia clínica atual tem elementos que justificam uma tentativa”* (NETTO, 1975, p.61, v.3).

*“O objetivo de todo o tratamento efetivo é, em última análise, operar uma modificação radical no comportamento do indivíduo”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.399).

*“Os partidários do conceito psicogênico do homossexualismo entendem que se deve aplicar a psicoterapia no tratamento desses doentes, procurando modificar-lhes não a constituição orgânica, mas a atitude mental”* (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.398).

*“Consiste o tratamento em capacitar o paciente a compreender o problema da personalidade que o conduziu à condição de homossexual”* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.232).

*“A política de aquiescência e resignação, recomendada por alguns médicos, é insensata, porquanto muitos invertidos não desejam aceitar a condição de homossexual. Tal conselho dá à pessoa um sentimento de futilidade como se a homossexualidade fosse inata; e a psicoterapia acabaria sendo inútil. O tratamento, portanto, elimina o obstáculo mental que impede o paciente de ter um ajustamento heterossexual” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.232).*

*“Como estamos agora convencidos de que a homossexualidade é um distúrbio adquirido ou psicogênico, e não uma condição congênita devido a fatores biológicos e hereditários, o método de tratamento deve, forçosamente, ser de ordem psicológica. Literatura científica mostra que muitos homossexuais – entre eles os tipos ‘exclusivos’ ou ‘compulsivos’ – têm sido curados por meio de psicanálise. Tem-se verificado curas; todos os psiquiatras dotados de experiências têm-nas realizado. Deviam elas ser mais conhecidas, a fim de dar esperança a essas pessoas” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.232).*

*“Em cada caso, individualmente considerado, pode-se descobrir uma estrutura neurótica. A terapia procura diminuir a ansiedade e eliminar as defesas desnecessárias contra o sexo oposto. No tratamento, não pergunte por que o homossexual é o que é, e sim o que o impede de ser heterossexual. Se o descobrir, libertará o elemento heterossexual” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.232).*

*“Tudo o que a psicoterapia consegue é restituir ao indivíduo o equilíbrio mental, mas sem o transformar num heterossexual. Mas mesmo este resultado negativo, digamos assim, é muito importante, porque um doente mentalmente equilibrado domina-se com maior facilidade. Por outro lado, se um homossexual não consegue transformar-se em heterossexual, deve resignar-se a uma vida assexual. E isto não é pedir o impossível, porque há muitos heterossexuais que vivem assim. Por isso, todo o homossexual que consegue dominar-se tem direito à admiração e ao respeito que merece um homem de caráter” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.400).*

*“O primeiro dever moral do doente é naturalmente abandonar todos os contactos com homossexuais e toda a dedicação, mesmo aparentemente inofensiva, a pessoas do mesmo sexo, procurando substituí-la por relações normais, na vida social” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.400).*

*“A cura dos homossexuais depende em grande parte da duração do seu hábito, da idade do doente, de querer ou não seriamente tornar-se uma pessoa normal e da estrutura de sua personalidade” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.400).*

*“Deve o psiquiatra, também, levar em consideração a ocupação do invertido. A exposição do homossexual, em suas ocupações, a tentações de ordem sexual, torna a reação ao tratamento mais difícil. No tratamento terapêutico a desviados sexuais deve o paciente aprender a exercer a autodisciplina, se tem que conseguir adequado ajustamento sexual. O psiquiatra deve recomendar, quando é indicada, mudança nas ocupações” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.238).*

“Recomendava-se, também, ‘freqüentes visitas a bordéis’” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.238).

“Que providências tomar para evitar um desvio sexual grave? Eis algumas: 1. Adote uma atitude anti-puritana quanto possível com respeito a todos os aspectos da sexualidade humana. Convença-se a si mesmo que as relações sexuais entre adultos que as praticam voluntariamente são sempre legítimas, ou pelo menos não são imorais. [...] Não acredite de uma forma ortodoxa e absoluta que as relações heterossexuais antes do casamento, a masturbação, a excitação ou qualquer outra forma inofensiva de participação sexual sejam condenáveis ou pecaminosas; 2. Os desviados sexuais são quase sempre indivíduos irresponsáveis que buscam o caminho mais fácil e imediato da satisfação, não percebendo que haverão de encontrar no meio do caminho, com o decorrer do tempo, desvantagens imensas e processos autodestrutivos inúteis. Se você perceber que está evitando as relações heterossexuais normais pelo fato de serem difíceis, demoradas ou demasiado caras, indague a si mesmo se elas são realmente tão onerosas quanto lhe pareçam, ou se você não está exagerando as dificuldades possíveis. Obrigue-se a sair com moças, tente algumas intimidades com elas mesmo que seja rejeitado, procure conquistá-las e mantê-las como namoradas fixas, e assim por diante; 3. Se você acreditar que está se tornando levemente fixado ou desviado em alguma forma sexual anormal, empenhe-se vigorosamente na direção contrária dessa tendência; 4. Caso você se torne um desviado sexual de forma sexual qualquer, isso não significa que você tenha nascido assim, nem que você deva permanecer igualmente perverso até o fim de sua vida. Tanto por seus esforços próprios, quanto preferivelmente por auxílio psicoterapêutico, é possível a você superar todas as formas dos desvios sexuais, sobretudo ao aplicar um tempo e uma energia adequados. Você é apenas um indivíduo perturbado emocionalmente. E quase todas as formas de distúrbios emocionais podem ser serenamente combatidas e superadas – sobretudo se você admite este fato desde o início com um espírito livre de preconceitos (ELLIS, 1969, p.185).

“Se o desviado admitir e entender plenamente a enorme soma de esforços que foi posta em jogo durante um certo período para provocar e manter esse tipo de desvio sexual, e se ele decidir aplicar, teórica e praticamente, apenas uma fração do esforço, despendido antes, os resultados serão muitas vezes excelentes, e o indivíduo terá tendência a abandonar sua atividade desviada. Na maioria dos casos, é aconselhável que o desviado praticante recorra ao tratamento psicoterapêutico enquanto procura superar sua perversão. Mas em muitos casos, tenho certeza, esses indivíduos venceram suas tendências anormais pela reflexão constante e pelo esforço próprio, sem o recurso de uma terapia formal. Claro, se o esforço malograr, o desviado deverá recorrer ao tratamento. Mas não há perigo algum nele tentar, pelo menos durante algum tempo, superar sozinho suas idéias absurdas, da mesma forma que as ações e emoções que decorrem inevitavelmente delas” (ELLIS, 1969, p.182-183).

“O homem com tendências homossexuais deve examinar, reformular e modificar os seguintes tipos de filosofia: (a) que algo terrível ocorrerá com ele se tiver relações sexuais com as mulheres; (b) que está falido como indivíduo humano se não encontrar o amor de um homem forte, belo ou ativo; (c) que nasceu dessa maneira e que por isso não é possível ser bem sucedido sexualmente com as mulheres; (d) que assumir as responsabilidades masculinas do



*noivado, do casamento e da educação dos filhos é algo demasiado penoso e que jamais viveria feliz em meio a circunstâncias tão difíceis; (e) que pelo fato de haver sido um homossexual durante alguns anos, e estar fetichicamente à idéia de ter relação com outros homens, não poderá superar seu comportamento passado de maneira a se tornar atraente e satisfeito na companhia das mulheres” (ELLIS, 1969, p.181).*

*“Se um homossexual definido pensar consciente e consistentemente a respeito dessas idéias que adotou durante anos; se procurar debater e refutar esses conceitos agindo na prática contra eles, saindo com moças, forçando-se a ter relação com elas, pensando nelas em uma maneira desejável enquanto se masturba, e assim por diante, ele acabará por superar suas idéias homossexuais e perceberá que elas estão sendo substituídas, gradual e rapidamente, por pensamentos mais normais, o mesmo ocorrendo com os sentimentos e o comportamento próprio. Geralmente, será necessário algum tempo para o indivíduo desfazer-se das idéias antigas e das práticas habituais, de modo a substituí-las por novas direções heterossexuais. Contudo, dado o tempo e o esforço necessário, as transformações ocorrem sempre” (ELLIS, 1969, p.182).*

*“Muitos homossexuais quando persistem no tratamento, conseguem cura. Um dos maiores obstáculos é a resistência do homossexual. Ele começa o tratamento e logo depois o abandona” (PEREIRA, 1971, p.351).*

*“Para a plena eficácia da psicoterapia, é necessário que o homossexual queira curar-se do seu mal. O psicoterapeuta há-de, portanto, convencer o doente dessa necessidade antes de iniciar o tratamento. Coisa difícil, porque, ao contrário do que se pode pensar, a maioria dos homossexuais querem ser aceites tal como são e raramente procuram o psiquiatra, a não ser quando receiam a polícia, o escândalo, a chantagem ou querem ter o espírito e a consciência tranquilos, para poderem continuar a viver confortavelmente a seu modo” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.398).*

*“Enquanto não desejarem sinceramente transformar-se, nenhum psiquiatra lhes pode valer. A primeira coisa a tentar, portanto, é estimular-lhes a vontade de se curarem, e convencê-los – se se tratar de um psicoterapeuta psicogênico – de que a anomalia não é determinada pela hereditariedade” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.399).*

*“É difícil conseguir qualquer espécie de reação favorável, na psicoterapia, se o paciente prefere associar-se a outros homossexuais ou com eles viver, pois quase sempre será influenciado pelos amigos homossexuais que, em geral, conseguem fazer com que ele desista das boas intenções” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.237).*

*“Há invertidos que se esforçam para convencer o psiquiatra de que não são capazes de criar interesse pelo sexo oposto. Obcecados pela idéia de que se tornariam impotentes e sexualmente inadequados, crêem que a simples tentativa nesse sentido resultaria em fiasco. É uma falácia ser impotente a maioria dos homossexuais. [...] O homossexual emprega o receio de impotência como racionalização para não tentar relações heterossexuais. Aplica-se o mesmo princípio às lesbianas, que são frias no que diz respeito a homens” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.237).*

Subcategoria 6.3: “Vigiar discretamente e não punir severamente”.

*“[...] submeter a criança atacada de perversões sexuais a uma vigilância especial. [...] Tratal-a-emos impedindo ao mesmo tempo que se torne fôco infeccioso para os que a cercam. Os invertidos devem ser vigiados até a idade adulta” (FOREL, 1928, p.397-398).*

*“A pederastia deve ser punida? [...] Quando se trata de debochados, de viciados, uns procurando excitante para a virilidade enfraquecida, outros vivendo do torpe comércio de seu corpo, a repressão penal deve-se se fazer enérgica e forte, principalmente aqueles que corrompem menores. Mas quando se trata de uranistas, isto é, de indivíduos atingidos de inversão congênita ou psíquica a punição seria uma verdadeira crueldade, porque eles não podem furtar-se a estas inclinações, elementos integrantes de sua personalidade” (VIVEIROS DE CASTRO, 1943, p.233).*

*“A lição da Escola nos esclarece como devemos agir no particular. A pedagogia antiga fechou-se ao eco das manifestações do sexo. E o resultado foi o mais desastroso possível. Coibiu-se, com atitudes de horror e de ameaças, a sexualidade infantil. As crianças se tornaram quietas, amedrontadas, inibidas, dando a aparência de ‘inocentes’ e tranqüilas, mas a ruminação interior da angústia e dos desvios psíquicos estão se processando lentamente...já se acabou o mito, de se considerar a criança como ‘inocente’, olhando a infância como a ‘idade feliz’ ” (RAMOS, 1949, p.300-301).*

*“É importante o exame das companhias das crianças. Faz-se necessária a vigilância, também sobre os brinquedos das mesmas. Com relação a êste aspectos, o da vigilância, é obrigação dos pais, a par da liberdade concedida à criança, acompanhar-lhe e observar-lhe os passos, tudo isso de maneira discretíssima. Não gosta a criança de ser controlada. Mas é preciso que o seja: e de jeito que nada desconfie” (NÉRICI, 1959, p.86).*

*“É necessário cuidado extremo na observação do comportamento desses adolescentes. Uma constatação ou uma acusação desse tipo, envolve uma situação altamente problemática” (NETTO, 1975, p.61-62, v.2).*

*“Pela necessidade de extravasamento e de comunicação das impressões e apreensões, o adolescente procura um amigo com quem possa ‘abrir-se’, tornando-o seu confidente. Estas amizades são recrutadas, geralmente, dentro do mesmo sexo, isto porque as revoluções orgânicas, as novas situações de vida e a desconfiança para com o meio levam a um afastamento do sexo oposto. [...] Há necessidade de vigilância discreta destas amizades, dêstes pares do mesmo sexo. É que elas podem desenvolver-se no sentido das práticas homossexuais. Aliás, isto é fácil perceber, por exemplo: os ciúmes que passam a devorar o adolescente quando o seu amigo predileto está conversando com outro. Chega a ficar zangado e, até mesmo, a fazer ameaças” (NÉRICI, 1959, p.130-131).*

*“Normas aconselhadas para evitar ou, pelo menos, para atenuar tais fixações de amizades homossexuais: 1) As amizades a dois devem ser discretamente controladas, não dando oportunidade para que fiquem a sós; 2) A introdução de um terceiro elemento nessas duplas é conveniente, pois então cada qual passa a desempenhar a função de vigilante involuntário;*

3) Deve-se, de modo geral, favorecer a formação de grupos de três ou mais adolescentes e opor dificuldades à formação de camaradagens em grupos de dois; 4) Outra medida de ordem geral é de, aos poucos, procurar realizar a aproximação dos dois sexos, através de trabalhos em grupo, de festinhas, etc.” (NÉRICI, 1959, p.132-133).

“É aconselhável, para prevenir a eclosão de tendências homossexuais, favorecer a formação de grupos de três ou mais adolescentes, evitando os pares, isto muito discretamente. E, quando os pares estiverem formados, tentar introduzir um terceiro elemento, que funcionará como supervisor do grupo” (NÉRICI, 1959, p.137).

“Favorecer a aproximação dos dois sexos. Esta aproximação é necessária para atenuar a aversão que se constata, no início da adolescência, de um para outro sexo, e, principalmente, para prevenir possíveis fixações homossexuais. A aproximação deve ser favorecida, na escola, pela coeducação, formando-se turmas mistas de estudantes; bem como pela constituição de grupos de trabalhos mistos; fora da escola, por meio de atividades sociais, como festinhas de aniversários, comemorações, passeios, piqueniques, bailezinhos familiares, representações teatrais, em que tomem parte ambos os sexos. Compreende-se que tôdas estas atividades devem sofrer o discreto contrôle dos pais ou de pessoas outras, responsáveis pela educação dos adolescentes. Uma das causas de desvio do comportamento do adolescente é não ter orientação para as suas atividades” (NÉRICI, 1959, p.138).

“Quando persiste a relação homossexual entre dois jovens, outros cuidados devem ser tomados e, se possível, sob orientação de um especialista. Os amigos devem ser separados, mas com brandura e delicadeza. Será altamente prejudicial se esta separação for feita com brutalidade, provocando-se escândalo e envergonhando os rapazes envolvidos no problema. É recomendável, isto sim, que eles não percebam a separação, que pode ser camuflada por muitos motivos: mudança de colégio para efeito de melhor aprendizado, transferência para um clube melhor, etc. Na fase da separação, é importante a presença de um psicólogo ou de um psicanalista: tanto um como o outro saberão evitar que o problema se repita ou que o rapaz sinta de repente um vazio perigoso em sua personalidade. Pode-se fazer ver ao jovem que ele deve modificar sua situação em face à vida, principalmente se ele for inteligente e comunicativo. Ele compreenderá que a situação em que ele se envolveu não é aquela que deve ocupar no conjunto social, no diálogo sexual e no comportamento em geral. Novos interesses, novas ocupações, nunca se recriminar pelo que passou” (NETTO, 1975, p.60-61, v.2).

“Devem as crianças freqüentar classes mistas, de maneira a realizar a co-educação. Desde pequena a criança deve ser habituada a lidar com o sexo oposto, de igual para igual, e em sentido de colaboração e solidariedade. A vida escolar está cheia de oportunidades que levam aproximação franca e sincera dos sexos, em sentido altamente educativo e social, de maneira que meninos e meninas aprendam a querer-se, respeitar-se e trabalhar juntos” (NÉRICI, 1959, p.157).

“A presença de namorados, o convívio entre amigos de ambos os sexos, são situações praticamente obrigatórias para uma jovem normal. O seu alienamento a estas situações, somente terá o efeito de prolongar sua fase de identificação com sua mãe, portanto, um

*estímulo a uma dificuldade crescente para que ela entre em heterossexualidade. Por isso mesmo, situações às vezes aceitas pela autoridade materna, podem ser dúbias e falsas e conduzir à possibilidade da relação homossexual. É muito preferível então, que desde cedo as adolescentes se habituem ao convívio com o sexo oposto para que sejam menores as barreiras impeditivas ao seu ingresso em uma sadia heterossexualidade” (NETTO, 1975, p.66-67, v.2).*

*“Se a disciplina do colégio é rígida, e se não há distrações apropriadas à idade, o inevitável acontece. Arvoram-se em chefes e em pouco tempo as práticas viciosas se estabelecem como que automaticamente” (NEVES, p.199-200, 1954).*

*“Professôres ou inspetores de alunos, de vez em vez, devem fazer uma visita às instalações sanitárias das crianças. Estas inspeções não devem ser feitas ostensivamente, mas sim para dar a impressão às crianças de que os adultos podem estar ali, de um instante para outro” (NÉRICI, 1959, p.174).*

*“Deve ser mantida discreta, mas eficiente vigilância nos recreios das escolas, tanto para jovens quanto para crianças. Lastimável que os recreios vivam, praticamente, abandonados, entregues aos próprios alunos, tendo êstes, então, oportunidades de brincadeiras, práticas e conversas indesejáveis para uma boa educação. Os professores podem fazer, entre si, rodízios, para estar em contato com seus alunos, durante os recreios, ajudados, é claro, por inspetores” (NÉRICI, 1959, p.179).*

*“Vigilância nas instalações sanitárias – Esta vigilância deve ser estendida até as instalações sanitárias. Professôres, diretores e inspetores de alunos devem, de quando em quando, dar uma volta pelas instalações sanitárias dos alunos. Estas visitas imprevistas darão aos alunos a sensação de que ‘não estão sós’. É claro que esta vigilância deve ser discreta. Haverá, assim, a vantagem de não oferecer oportunidade a práticas indesejáveis, nas instalações sanitárias, bem como poderão ser dadas orientações de ordem higiênica, aos alunos, quando necessário. Prática interessante é estabelecer rodízio entre alunos, que se encarregarão da ordem, disciplina e higiene nas instalações sanitárias” (NÉRICI, 1959, p.180).*

*“Devem ser tomadas medidas sérias para a seleção de inspetores de alunos. Imprescindível que êstes apresentem condições de personalidade e de cultura pedagógica que os reconheçam em condições de lidar com crianças e adolescentes. Esta seleção deve ter por fim, principalmente, afastar neuróticos, incompetentes e, em especial, os sádicos” (NÉRICI, 1959, p.181).*

#### Subcategoria 6.4: “Conduzir para o matrimônio”

*“Pode se orientar o matrimônio como solução para o homossexualismo?” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.402).*

*“Para os pseudo homossexuais, tal como os definimos, o casamento, ou um regresso à vida conjugal regular, pode ser muitas vezes a melhor solução. Mas seria desastroso aconselhá-lo a um homossexual autêntico, sem querer saber se o seu estado é organogênico ou psicogênico. O casamento não cura as tendências perversas do autêntico homossexual, e só*

*contribui para tornar infeliz o outro cônjuge. Em todo o caso, se antes de estar curado, o homossexual insistir em contrair matrimônio, tem a obrigação moral de revelar ao outro cônjuge o seu estado” (VANDERVELDT; ODENWALD, 1968, p.402).*

*“É preciso que os invertidos saibam que o casamento, per se, não é remédio para a homossexualidade” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.237).*

*“O casamento não soluciona nenhum desvio sexual. Nunca deveria ser aconselhado o casamento como remédio para o homossexualismo” (PEREIRA, 1971, p.350).*

*“É mais vantajoso para a sociedade que estes infelizes psychopathas se contentem com as suas mutuas relações sexuaes, cujo resultado é absolutamente esteril, não prejudicando, pois, a nossa descendencia. O verdadeiro crime é o casamento de um invertido com pessoa de outro sexo e, entretanto, a lei sanciona este crime! É crime commettido contra o conjuge normal e contra os filhos que podem resultar desta nefasta união forçada” (FOREL, 1928, p.410).*

*“Existem muitos pervertidos refinados que desejam ter filhos homossexuaes como elles. Como as relações sexuaes com o objecto de sua paixão amorosa não pode proporcionar-lhes este prazer, casam-se para, com esforço e repugnancia, procrear algumas creanças com uma pobre mulher que se torna a sua victima, sem por isto abandonarem absolutamente as orgias que fazem com homens. Sua esposa é a dona de casa ou criada, cuja função accessoria é de pôr no mundo alguns pequenos invertidos. Terei necessidade de dizer que um medico instruido e que se respeita não deve nunca tornar-se cumplice de tal casamento? Ainda aqui o seu dever é de ameaçar o invertido com denuncia immediata á noiva – o que fará se elle mostrar-se decidido a realizar a sua má acção” (FOREL, 1928, p.446).*

Subcategoria 6.5: “Conduzir para o natural... para a sexualidade normal... para a heterossexualidade”

*“Antes de abordarmos o problema da homo-sexualidade deveremos nos inclinar sobre o da sexualidade. A sexualidade é, sob a dependencia da Libido, a grande força que impele os indivíduos criados a se reproduzirem. [...] O fato sexual se compõe em realidade de dois impulsos: o impulso da cópula e o impulso da reprodução, aquêl precedendo evidentemente este. [...] Que é o impulso da cópula? O impulso que possui dois indivíduos de sexos diferentes a se unirem para formar um terceiro” (FOUQUÉ, 1953, p.7-8).*

*“A questão sexual é extraordinariamente complexa, e não lhe poderemos achar soluções simples. [...] Os sentimentos e o instinto sexual, ao contrário, tem suas raizes na propria vida; estão intimamente ligados á humanidade e exige um tratamento diverso. Mas a sociedade humana os tem dirigido para caminhos falsos e perniciosos. É urgente regularizar o seu curso, pondo-lhes diques e canalizando-os” (FOREL, 1928, p.2).*

*“Anormal: é o indivíduo portador de anormalidades. É aquele que comete atos e vícios contra a natureza. São anormais: os pederastas, os homossexuais, as tríbades, as ninfomanas ” (PANDU, 1970, p.89).*

*“O invertido foge à lei estabelecida pela natureza, em virtude da qual o macho sente atração pela fêmea e a fêmea pelo macho. Prazeres nos atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo, só os tem o anormal. Não pode o ser normal experimentar gozos na prática de atos carnavais com pessoas cuja constituição anatômica seja idêntica à sua”* (PANDU, 1970, p.133).

*“Não pergunte por que o homossexual é o que é, e sim o que o impede de ser heterossexual. Se o descobrir, libertará o elemento heterossexual”* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.232).

*“Os seres humanos de qualquer sociedade, em geral, desenvolvem-se numa direção heterossexual de preferência a uma homossexual* (MARMOR, p.17, 1973).

*“A atração de um sexo para o outro é fundada no instinto sexual normal. É a lei da natureza”* (LACHAPELLE, 1944, p.200-201).

*“Desvios sexuais incluem os indivíduos que dirigem seus interesses sexuais ‘fundamentalmente em direção a objetos outros, que não as pessoas do sexo oposto, em direção a atos sexuais não comumente associados ao coito desempenhado em condições normais’”* (COSTIN, 1978, p.124).

*“[...] a sociedade deve, em última análise, aprender a viver com eles e a aceitá-los na medida em que mantenham padrões comuns de decência pública”* (MARMOR, p.26, 1973).

*“Na ausência de objetos heterossexuais muitos seres humanos em última instância procuram gratificação em objetos homossexuais”* (MARMOR, p.14, 1973)

*“A concepção integral do amor e do casamento corresponde às exigências profundas da verdadeira sexualidade”* (NEVES, p.236, 1954).

*“Precisamos tomar certos cuidados com o comportamento normal e com aquele que não é normal, pois senão poderemos incorrer em erros de educação que seriam profundamente desastrosos na vida futura da criança”* (NETTO, 1975, p.246, v.1).

*“A homossexualidade entre os adolescentes, é geralmente uma forma de conduta passageira, que termina com a vida madura, quando o indivíduo se realiza na heterossexualidade”* (NETTO, 1975, p.58, v.2).

*“Os amigos abraçam-se, tocam-se, em uma ânsia de serem agradados e de agradarem. É um espetáculo comum meninas que andam pelas ruas de mãos dadas e mocinhos conversando com as mãos apoiadas nos ombros dos amigos. São movimentos emotivos naturais da juventude. Quando da amizade resulta um traço homossexual não é necessário, que se envolva a situação em um clima de escândalo. Ocorreu, apenas, que a necessidade afetiva se transpôs para níveis da carência física. São casos relativamente comuns na puberdade, no início da adolescência e tendem a desaparecer quando o jovem entra em heterossexualidade”* (NETTO, 1975, p.60, v. 2).

*“A homossexualidade não é um comportamento normal se considerarmos os aspectos naturais do desenvolvimento do processo sexual humano. Os homens podem algum tempo, principalmente na adolescência, que é a época de indecisão, permanecerem em estado de*

*homossexualidade, isto é, não se definirem sexualmente. Mas em breve tempo eles penetram na esfera de heterossexualidade e passam a desempenhar os seus papéis sexuais em padrões de normalidade, isto é, motivados por interesses advindos do sexo oposto. A fixação da homossexualidade, significa então, que não houve evolução e o indivíduo passa a ter interesses pelas pessoas do mesmo sexo. Não é portanto esse tipo de comportamento, fruto de um desenvolvimento regular, e pode ser então considerado como uma forma de comportamental doentia” (NETTO, 1975, p.59, v.3).*

*“A imagem de um casal embevecido um pelo outro é o fator que inicia o jovem na apreciação do matrimônio e do sexo oposto. É garantia de um intercâmbio sadio entre rapaz e mûça” (SCHMIDT, 1964, p.148).*

*“Modernamente, o adolescente precisa ter consciência de sua personalidade, sentindo-se indivíduo parte de uma sociedade, sem, contudo, perder sua identidade. Neste afã de fixação da personalidade, nota-se uma preocupação de fazer algo diferente, cujo resultado é: a feminilização do homem e a masculinização da mulher, perdendo ambos, neste trajeto, as qualidades diferenciais outorgadas pela própria natureza” (EDELSTEIN, 1971, p.21).*

*“O desejo sexual masculino tem as seguintes características: 1) Uniforme (em intensidade e manifestação); 2) Surge independente da presença feminina; 3) Despertado por qualquer mulher atrativa, mesmo nos casados, a vida inteira; 4) Não depende muito do amor espiritual; 5) Leva praticamente ao orgasmo; 6) Não depende do estímulo, experiência ou educação; 7) Pouco susceptível de inibição pela religiosidade. O desejo sexual na mulher – suas características são: 1) Extremamente variável; 2) Geralmente associado a determinado homem; 3) Torna-se rapidamente exclusivo, não podendo ser despertado por outro homem durante muito tempo; 4) Muito ligado ao período menstrual; 5) Cresce relativamente pouco com a abstinência; 6) Freqüentemente tardio e muitas vûzes ausente; 7) Muito associado ao amor espiritual; 8) Depende muito do estímulo, da educação e da atitude masculina; 9) Orgasmo menos freqüente e muitas vûzes tardio; 10) Bastante inibido pelo complexo do pecado, pois a felicidade é impossível sem paz de espírito” (EDELSTEIN, 1971, p.41-43).*

Subcategoria 6.6: “A Educação é uma aliada!”

*“Educai as crianças e não será preciso punir os adultos” (NETTO, 1975, p.5, v.1).*

*“Se a educação não tem o poder de destruir as más tendências hereditárias, mas tem o poder de desenvolver outras que compensam as primeiras, a educação seria ainda evidentemente de uma vantagem considerável na profilaxia das ações anormais” (SILVA; SILVA, 1933, p.148).*

*“Erros educativos, situações traumáticas, conflitos familiares podem arrastar à prática homossexual indivíduos que, em outro meio e com outra educação, teriam mantido um comportamento normal” (NEVES, p.197, 1954).*

*“Não são encontradas, no homem, formas de comportamento inelutáveis, fatais ou estereotipadas. Há, sim, tendências que podem sofrer modificações na sua forma originária. Esta possibilidade de modificação é que, paradoxalmente, vai dar oportunidade à ação*

*educativa sobre o homem e, ao mesmo tempo, permitir desvios negativos no seu comportamento...*” (NÉRICI, 1959, p.13).

*“O melhor método para tratar a inversão orgânica essencial, não é o castigo nem o constrangimento, mas o auto-controle, a educação dos desejos”* (FOUQUÉ, 1953, p.111).

*“[...] as sensações e os sentimentos sexuaes de toda a creatura humana compõem-se de dois grupos de elementos: 1. Elementos phylogenicos encerrados nas disposições hereditarias e; 2. Elementos adquiridos durante o curso da vida pela acção combinada de agentes exteriores e do habito. [...] A pedagogia não pode mudar aos primeiros. São preformados, ou predeterminados e constituem a matéria sobre a qual se exercerá a arte da educação. A tarefa desta não pode ser senão de dirigir as disposições sexuaes hereditarias no rumo mais sadio, bom e útil que for possivel. Quando existem disposições perversas, como os desejos homosexuaes definidos, o sadismo, etc., a educação moral não poderá agir senão de um modo geral sobre o carater, combatendo sobre o que excita o desejo. Não pode mudar a qualidade deste desejo, e não devemos illudir-nos a este respeito. Onde quer que as disposições hereditarias apresentem uma media normal, a educação pode, ao contrario, fazer muito para evitar excessos, erros e hábitos pathologicos e dirigir sadiamente o desejo”* (FOREL, 1928, p.482-483) (grifos do autor).

*“A creança tem o direito de ser protegida contra a perversão contagiosa e os attentados sexuaes de qualquer natureza que sejam, e á sociedade cabe o dever de organizar essa proteção. Mas a sociedade só o poderá fazer se instruir-se sobre a questão e collocar-se em estado de dar á mocidade uma instrucção racional. Se forem descobertas perversões congênicas perigosas, principalmente sadismo e pederastia, deve-se tomar medidas de proteção energicas. Quando tal systema educativo é executado com intelligencia desde tenra idade, o desejo sexual não se desenvolve senão tardiamente e de modo moderado, o que é muito desejavel, e influencia com felicidade toda a futura vida sexual do homem”* (FOREL, 1928, p.498).

*“A sociedade deverá dedicar todos os seus cuidados á educação geral do corpo e da alma das creanças. Fará tudo para lhes desenvolver harmonicamente a intelligencia, os sentidos e a vontade, o character, o altruismo e a esthetica. Nas pessoas defeituosas por hereditariedade, poder-se-ão desenvolver pelo menos até certo ponto, as disposições melhores e pol-as em actividade e em antagonismo com as más, afim de que estas ultimas não invadam muito o cerebro”* (FOREL, 1928, p.535).

*“Cremos oportuno caracterizarmos aquêles indícios de anormalidade, quanto ao desenvolvimento sexual, de maneira a serem tomadas as providências necessárias, quanto for o caso, a fim de se tentar uma normalização ou uma educação adequada, segundo a natureza da anomalia constatada”* (NÉRICI, 1959, p.146).

*“As crianças pervertidas pelo meio, familiar ou escolar, podem curar-se. A educação moral tem influência sobre elas”* (LACHAPELLE, 1944, p.201).



*“[...] esse tipo de comportamento exige uma providência séria e muito bem cuidada, porque todos sabem que o processo de afeminização tende a se desenvolver e quando atingir a adolescência poderá assumir forma bastante grave, que deve a todo custo ser evitada” (NETTO, 1975, p.245, v.1).*

*“Conhecendo-se a situação, é necessário que se dê a esse menino uma nova orientação sob a qual ele se desenvolva no sentido adequado à sua peculiaridade masculina, provocando-se assim uma mudança na educação. É suficiente inclusive que se desperte nele a noção de responsabilidade. Certo sentido de agressividade, certa noção de não-aceitação de muita das condições das meninas é também, no começo, uma providência bastante sadia” (NETTO, 1975, p.244, v.1).*

*“A menina deve ser educada como uma mulher e o menino como um homem, sejam quais forem as atitudes, as preferências e os desejos de seus pais. É tão óbvia a psicologia, tão claros são os seus ditames, e por paradoxal que pareça, tão poucos são aqueles que a reconhecem assim, e que seguem sua sadia orientação” (NETTO, 1975, p.254, v.1).*

*“Não se poderia rotular ou diagnosticar uma menino efeminado como sendo um homossexual, porque as aparências podem indicar sintomas de uma educação falha, de uma orientação mal dirigida, e até mesmo de uma formação errada” (NETTO, 1975, p.243-244, v.1).*

*“Medidas de caráter geral, preventivas para tôdas as anomalias: 1) Procurar sã formação moral com relação ao sexo; 2) Eliminar, do lar, os estímulos que possam perturbar o normal desenvolvimento sexual; 3) Educar os pais para que sejam os orientadores das informações e de formação com relação à vida sexual; 4) Evitar no lar: a) carinho em excesso; b) abandono da criança à sua própria sorte; 5) Entrar em contato com os amigos dos filhos, de maneira a conhecê-los o mais possível, moral e socialmente; 6) No caso de fortes suspeitas de más companhias, intervir, decididamente, nas mesmas; 7) Em caso de pouco sucesso ou de maiores dúvidas quanto ao comportamento sexual do filho, recorrer a um especialista, sem perda de tempo” (NÉRICI, 1959, p.153-154).*

*“Para que a educação exerça toda a sua influencia sobre o indivíduo, é necessário que nenhum vicio de conformação, nenhum estado patológico, nenhuma condição hereditaria transmitida através de muitas gerações, tenha tornado absolutamente inescitaveis determinados centros nervosos” (SILVA; SILVA, 1933, p.144).*

*“É a fôrça repressora da educação que faz bi-partir, desta maneira, a evolução do instinto sexual, o que pode originar traumatismos psíquicos graves, e às vêzes irremediáveis, quando se exerce aquela fôrça com grande intensidade. Realmente, muitas conquistas da civilização se fazem à fôrça da repressão do instinto sexual. Os próprios psicanalistas não o ignoram. [...] A pedagogia, porém, deve zelar, para que a fase da latência e da sexualidade não se hipertrofie em mecanismos perigosos para o equilíbrio da criança. Nem consentir demasiado, nem reprimir demasiado. A socialização do homem consiste no domínio dos seus instintos, subordinando-os a uma finalidade social. Mas esta socialização não deve ser feita às custas*

*de um recalçamento brusco, exagerado, inadequado, das forças instintivas da personalidade” (RAMOS, 1949, p.301).*

*“Cremos oportuno caracterizarmos aqueles indícios de anormalidade, quanto ao desenvolvimento sexual, de maneira a serem tomadas as providências necessárias, quanto for o caso, a fim de se tentar uma normalização ou uma educação adequada, segundo a natureza da anomalia constatada” (NÉRICI, 1959, p.146).*

Subcategoria 6.7: “A condução familiar...”

*“É preciso tirar a máscara de um pudor falso e hipócrita que esconde à mocidade as verdades sexuais. Com tal máscara, sistema do avestruz, só se consegue arrastar os rapazes, não prevenidos pelos pais, à prostituição que os arruína. [...] É, pois, dever sagrado dos pais instruir a tempo os filhos de ambos os sexos sobre as verdades sexuais e perigos que os ameaçam” (FOREL, 1928, p.9).*

*“É dever sagrado dos pais preparar os filhos para serem criaturas felizes, capazes de lutar pela vida. De nenhum modo devem sobrecarregar-os com uma vida sexual que os segregue da comunidade humana num grupo de indivíduos à parte ‘que não são como os outros’. Será cabível esta expressão habitual para os homo-sexuais?” (STEKEL, 1936, p.279).*

*“É obrigação dos pais, a par da liberdade concedida à criança, acompanhar-lhe e observá-lo os passos [...]” (NÉRICI, 1959, p.86).*

*“O princípio pedagógico-educacional mais importante descoberto no século XX é o seguinte: toda criança, para que possa vir a ter personalidade plenamente desenvolvida e normal, precisa ter no seu lar um ‘ídolo’. O menino precisa ter no pai (ou no substituto masculino do pai) um ponto de referência, um farol, um guia. Mas não no sentido figurado. Farol mesmo, como indicação de rumo, como padrão de conduta, como espelho em que a criança busque refletir a sua própria vida. Em suma, o pai é muito importante, é a chave do desenvolvimento psicosssexual do menino. Por isso, todo pai deve compreender que precisa dedicar parte do seu tempo atendendo ao seu filho. A mãe, a este respeito, raramente pode substituir o pai. Melhor do que a mãe, se o menino não tiver o pai (desquite, separação ou morte), será um tio, um avô, um irmão mais velho ou até mesmo um líder político ou social” (PEREIRA, 1971, p.348-349).*

*“Toda criança vê no casal (o pai e a mãe) modelo em matéria de vida em comum, casamento, relações sociais, etc. Nós nos adestramos para a futura vida conjugal, e mesmo social, no espelho do comportamento diário dos nossos pais!” (PEREIRA, 1971, p.349).*

*“Fatores familiares e educativos desempenham papel importante, se não decisivo, na direção da sexualidade” (PEREIRA, 1971, p.362).*

*“As crianças pervertidas pelo meio, familiar ou escolar, podem curar-se. A educação moral tem influência sobre elas” (LACHAPPELLE, 1944, p.201).*

*“Na educação sexual de qualquer criança, o ponto mais importante é ensiná-la o que existe sobre o amor e o que ele implica. [...] Relações normais de amor entre pais e filhos atuam como base de ajustamento sexual destes, em seu desenvolvimento. O amor e o bom senso, ao serem gradativamente transmitidas aos filhos informações sobre o aspecto físico do amor, conforme a idade deles, são a melhor garantia de um bom ajustamento sexual” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.231).*

*“A criança é, em toda a vida, sexualmente susceptível; não se deve mimá-la ou tiranizá-la, e sim dar-lhe o justo quinhão de amor e disciplina” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.230).*

*“Quais são os sinais e sintomas de comportamento infantil que os pais devem procurar observar? São os seguintes: 1) Preferência acentuada ou crônica da criança por brincedos e atividades peculiares ao sexo oposto; 2) Preferência ou intenção freqüente de usar roupas do sexo oposto; 3) Expressão freqüente de gestos e maneirismos do sexo oposto; 4) Desejo declarado de ser do sexo oposto. Qualquer um desses sintomas, ou qualquer combinação deles deve alertar os pais, que devem agir imediatamente, sem rodeios” (PEREIRA, 1971, p.348).*

*“Durante a infância, há um período de natural curiosidade por parte do menino, que inclusive é levado a experimentar emoções, também na esfera sexual. É quando os pais, instrutores e professores devem redobrar ao máximo a atenção, porque pode acontecer que uma emoção nova (prática erótica homossexual) se torne prazerosa para o rapazinho. Eis aí o perigo” (PEREIRA, 1971, p.352).*

*“Na medida em que determinado tipo de aparência, constituição, ou incoordenação física possa afetar as reações paternas ou dos irmãos em relação a uma criança ou à sua capacidade de participar de atividades do comum das crianças, isso pode às vezes desempenhar um papel determinante e significativo no gênero a ela atribuído pelas pessoas do seu ambiente, ou em sua incapacidade em identificar-se com seu próprio grupo sexual, podendo assim facilitar uma derradeira escolha do objeto homossexual. Mas mesmo nesses casos, a reação do meio é fatal, pois como freqüentemente se tem notado, meninos constitucionalmente ‘efeminados’ ou meninas ‘masculinizadas’ podem desenvolver relacionamentos de objeto sexual perfeitamente normais quando o ambiente e as oportunidades familiares são favoráveis à identificação com o papel de gênero apropriado” (MARMOR, p.16, 1973).*

*“Os pais católicos praticantes também devem evitar que os meninos portadores dos desvios se entreguem a extremos de devoção religiosa, porque muitas vezes – quase sempre dizem os psicanalistas – a devoção religiosa na infância e adolescência constitui uma sublimação extemporânea da vida sexual” (PEREIRA, 1971, p.348).*

*“Se as mães estivessem mais versadas nas verdades fisiológicas, dirigiriam com maior segurança e maior destreza suas filhas e seus filhos. Preserva-los-iam não somente dos perigos exteriores como também dos interiores; saberiam protegê-los contra as paixões precoces e anormais graças a uma moral física bem empregada” (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.14-15).*

*“Estudai – evitando demonstrar que o estais fazendo – o temperamento de vossos filhos, sobretudo na puberdade” (FOUQUÉ, 1953, p.100).*

*“Uma menina de sorte é aquela cuja mãe está apaixonada pelo marido, tem prazer em sua função materna e, por isso, dá à criança desde seus primeiros anos, de que ser uma mulher amada por um homem e dêle ter filhos é o principal e mais importante objetivo da existência feminina” (STORR, 1967, p.70).*

*“Muitas vezes com o decorrer do tempo, e superadas as fases e crises do desenvolvimento infantil, a vida sexual se adapta à estrutura geral da personalidade e o amadurecimento prematuro da vida sexual se dilui sem deixar vestígios; mas poderão ocorrer conflitos e traumatismos de certa gravidade. Por esta razão, se os pais constatarem a irregularidade em questão, devem tomar certos cuidados” (NETTO, 1975, p. 222-223, v.1).*

*“Conheci vários meninos que tiveram experiências homo-eróticas passivas e que hoje são indivíduos absolutamente normais. Muito mais importantes que tais experiências na determinação da citada perversão são as atitudes dos pais, tais como o rechaço franco por parte do pai de sexo oposto, a estimulação física e psíquica excessiva partida do pai do mesmo sexo, a ausência do pai do sexo oposto ou de um substituto, os castigos ou ameaças freqüentes por experiências hetero-heróticas e outras atitudes prejudiciais. Assim sendo, não há motivos para angústias ou vaticínios intempestivos se uma criança é surpreendida em relações homo-eróticas ou hetero-eróticas. A conduta a seguir é levar a criança a se identificar com o pai do sexo oposto e promover a assimilação de atitudes normais” (SCHMIDT, 1965, p.14).*

*“As influencias da mocidade são decisivas para o aparecimento da homo-sexualidade. Por isso volto-me para os paes, afim de que evitem todos os erros educacionaes que privem uma criança da sexualidade normal” (STEKEL, 1936, p.287-288).*

*“Paes, vós conheceis o importantissimo papel desempenhado pela sexualidade nos seres humanos de ambos os sexos; bem orientado este instinto e soffreado por meio dos desportos, desempenhará papel considerável na existência dos moços; equilibrará suas forças phisicas, preparará a pessoa, por meio da cultura corporal e da hygiene, para a procreação de descendentes robustos, felizes e productivos; afastará o perigo das molestias venereas, os inconvenientes do vicio precoce e da fadiga causada pela devassidão. [...] Estes perigos que ameaçam a juventude dependem, no commum dos casos, das suggestões recebidas durante o período de sua formação” (PAUCHET, 1930, p.149).*

*“A imagem de um casal embevecido um pelo outro é o fator que inicia o jovem na apreciação do matrimônio e do sexo oposto. É garantia de um intercâmbio sadio entre rapaz e mōça” (SCHMIDT, 1964, p.148).*

*“A conversa sobre amor e casamento com naturalidade na vida de família esclarece o espírito sôbre a função do amor. A informação sexual é preciosa ocasião de orientação e de confidências as mais íntimas” (SCHMIDT, 1964, p.148).*

*“Os pais devem compreender que sua verdadeira função é produzir um adulto e não uma criança. E ainda mais, não devem esquecer de que o desenvolvimento da personalidade é o estabelecimento da identidade, pois já não há dúvida de que todo adolescente procura esclarecer quem ele é e qual seu papel na sociedade” (EDELSTEIN, 1971, p.15).*

*“As mães têm obrigação, pois, de ajudar as filhas a desenvolver a sua feminilidade, e não a reprimi-la. Para isso, têm de mostrar-se também femininas, ajustadas à condição de mulher” (NÉRICI, 1959, p.94-95).*

Subcategoria 6.8: “Os professores no processo de condução”

*“Pedagogos de tôdas as escolas, a não ser alguns espíritos atrasados e hipócritas, já encaram com olhos de ver, os problemas universais da sexualidade infantil, procurando estudá-los com espírito objetivo. A atitude dos adultos vai mudando progressivamente e já vemos mesmo iniciativas oficiais na realização de pesquisas sobre o problema sexual na escola. [...] É o reconhecimento da existência de problemas do sexo, na infância, que não podem deixar de ser estudados por todo o educador digno dêste nome” (RAMOS, 1949, p.298-299).*

*“A atitude desacertada de alguns educadores, é em muitos casos responsável pelos desvios mais graves” (NEVES, p.198, 1954).*

*“Durante a infância, há um período de natural curiosidade por parte do menino, que inclusive é levado a experimentar emoções, também na esfera sexual. É quando os pais, instrutores e professores devem dobrar ao máximo a atenção, porque pode acontecer que uma emoção nova (prática erótica homossexual) se torne prazerosa para o rapazinho. Eis aí o perigo” (PEREIRA, 1971, p.352).*

*“[...] cabe ao mestre ou ao pae instruir os rapazes e ás mães ou mestras instruir as meninas” (FOREL, 1928, p.487).*

*“Um ponto importante, mas infelizmente ainda hoje desconhecido da pedagogia, é o das perversões sexuaes congenitas. A opinião tradicional considera toda a anomalia sexual como um vicio adquirido que deve ser tratado com uma bella indignação moral e com castigos. Os effeitos deste modo de ver são desastrosos. Dá á mocidade noções inteiramente falsas e fecha os olhos dos Paes e educadores á verdade. Não foi sem motivo que descrevemos longamente os phenomenos repugnantes da phatologia sexual. Educadores e Paes devem conhecel-os a fundo (FOREL, 1928, p.496).*

*“Se os paes e os mestres trocarem com as creanças, francamente, com seriedade, os seus pensamentos sobre este assumpto, com facilidade elles poderão tirar a limpo a natureza sexual das creanças. Perceberão quaes as meninas frias e indifferentes e quaes as animadas desde cedo por sensações e inclinações eroticas. Não preciso dizer que deverão agir diferentemente conforme o caso. Aquellas poderão ser instruidas sem reservas sobre toda a questão sexual; ao passo que com estas é necessario prudencia, e muito cuidado para não despertar-lhes o desejo. Encontram-se ás vezes entre as moças naturezas hystericas, com inclinações invertidas, que se apaixonam por outras ao passo que sentem repugnancia sexual*

*pelos homens. Excepcionalmente se encontrará uma sadica. Entre os rapazes observam-se diferenças análogas na intensidade e na precocidade do desejo sexual. Um observador atento descobrirá, com mais frequência do que se julga, desejos homossexuais entre os rapazes” (FOREL, 1928, p.397-398).*

*“O comportamento sexual requer prolongado período de desenvolvimento biopsicológico, antes de alcançar a maturidade. Êste desenvolvimento, para chegar a bom termo, dentro de um sentido de normal e natural comportamento, requer cuidados especiais por parte de pais e educadores, a fim de serem prevenidos desvios e retificados a tempo, quando surgirem, antes que haja indesejáveis fixações. Nunca é demais encarecer as influências malsãs, sobre a personalidade, dos desvios de natureza sexual como, por exemplo, sadismo, masoquismo, homossexualismo, protesto viril, etc. (NÉRICI, 1959, p.14).*

*“A masculinidade, ou a feminilidade, deve vir sendo preparada desde a infância, ou melhor, desde o nascimento. Faz parte das responsabilidades dos pais e educadores o saber encaminhar para êste objetivo, proporcionando oportunidades educacionais para que se firme e se desenvolva, normalmente, o sexo de que cada espécie é portador” (NÉRICI, 1959, p.156-157).*

*“A maioria dos educadores vive à margem de tais conhecimentos ou os repele terminantemente. Por isso, vêzes sem conta, quando um caso se apresenta ao especialista, está irremediavelmente perdido – por ser tarde demais, ou porque os educadores negam o que lhe é pedido” (NEVES, p.197, 1954).*

*“Ao lado da educação afetiva, uma das armaduras com que se forra o indivíduo contra as tendências e solicitações homossexuais é a confiança que lhes inspiram os educadores. Esta confiança nunca será demasiadamente enfatizada, seja no tratamento da questão, seja na sua profilaxia. Ilustremos com o caso seguinte: Um garoto, do meu conhecimento, vem do interior e se interna numa grande capital. Um mês depois, a família recebe um apêlo patético, categórico e imperativo! ‘Aqui no colégio os meninos fazem coisas que o papai nos ensinou que não se devem fazer. Venham tirar-me, porque senão eu fujo’. Soubemos do caso e quisemos apreciá-lo de perto. Gente simples...nenhuma formação especial...nenhum diploma superior, mas uma intuição compreensiva da natureza humana. Os meninos confiavam encantadoramente nos progenitores. Por seu pai, dia a dia, tinham sido iniciados na vida. Nas longas excursões pelo campo, explicava-lhes a fecundação das flores e a reprodução dos animais. Tudo se tinha sedimentado diretamente na alma das crianças, numa percepção da sexualidade sob seu verdadeiro aspecto, de modo que os desvios se apresentaram de si mesmos como aviltantes e repulsivos. Na hora difícil do contato com a sexualidade desviada dos companheiros, a formação prévia e a **SEGURANÇA EMOCIONAL AFETIVA TUDO SALVOU E TUDO SIMPLIFICOU**. Repeliu espontaneamente as insinuações, e foi direto, de um só ímpeto, a quem lhe podia resolver a situação – como de fato foi resolvida. Averiguações posteriores evidenciaram as informações da criança que, retirada do meio impróprio, portou-se, como esplêndido, promessa de homem de bem. Êste fato constitui exemplo expressivo da delicada entrosagem da segurança emocional afetiva e educação sexual” (NEVES, p.201-202, 1954) (destaques da autora).*

*“É função de pais, mestres e de todos os responsáveis pela educação da criança instruí-la convenientemente sobre sexo, satisfazendo suas curiosidades naturais e normais” (NETTO, 1975, p.295, v.1).*

*“Ao educador cabe acima de tudo conservar o diálogo com os moços. Deixar falar com a maior naturalidade, interessar-se, tornar-se confidente. E, habitualmente, levar à reflexão, aconselhar distância para conhecer a natureza do afeto. Encorajar a análise, tão fria quanto possível, das vantagens da moderação. Apoiar o esforço no sentido de manter os hábitos de estudo e as relações com grupos de amigos. Evitar a todo transe os excessos do exclusivismo sentimental” (SCHMIDT, 1967, p.197).*

*“Os professores podem contribuir para a questão sexual fortificando os hábitos de correção e de coragem, de limpidez e de obediência aos preceitos morais. Urge também criar atividades que mobilizem as novas fôrças – a curiosidade, o pensamento reflexivo, o impulso criador – tão tragicamente desempregados. A ação cura o sonho e previne os vícios secretos” (SCHMIDT, 1967, p.198).*

*“Paes e educadores precisam saber que está em suas mãos, por uma educação adequada e pela proibição de medidas perigosas, possibilitar aos seus filhos a sublimação de todos os instintos asociaes. [...] A acumulação de erros na educação de uma criança a empurra numa direção homo-sexual” (STEKEL, 1936, p. 280-281).*

*“O orientador ver-se-á a braços com problemas originados não raro, na má compreensão ou no mau emprêgo do instinto sexual nascente. Apontar aos adolescentes seus perigos e inconvenientes será o primeiro cuidado do orientador, pois muitas vezes as informações que chegam ao jovem sôbre estes assuntos, são deturpadas e erradas fazendo-o às vezes incidir em faltas, apenas por não estar bastante esclarecido. Também ao orientador caberá promover o interêsse do adolescente por tôda sorte de atividades extra-classe, esportivas ou sociais que são o melhor derivativo para a inquietação própria ao despertar do problema sexual mal orientado. A indicação e a escolha de leituras sadias será também um dos meios pelos quais o orientador combaterá eficazmente o mau emprêgo do instinto sexual” (SCHMIDT, 1942, p.97-98).*

*“A lição da Escola nos esclarece como devemos agir no particular. A pedagogia antiga fechou-se ao eco das manifestações do sexo. E o resultado foi o mais desastroso possível. Coibiu-se, com atitudes de horror e de ameaças, a sexualidade infantil. As crianças se tornaram quietas, amedrontadas, inibidas, dando a aparência de ‘inocentes’ e tranqüilas, mas a ruminação interior da angústia e dos desvios psíquicos estão se processando lentamente...já se acabou o mito, de se considerar a criança como ‘inocente’, olhando a infância como a ‘idade feliz’ ” (RAMOS, 1949, p.300-301).*

*“O adulto ‘desconheceu’ o mundo da sexualidade infantil na Escola e, no entanto, como êle é vasto! Aí estão os fatos de observação diária, nas classes, nos jogos...As práticas do onanismo, as ligações homossexuais, as leituras e conversas clandestinas, as frases e desenhos de caráter sexual, e outras atividades ligadas ao sexo” (RAMOS, 1949, p.302).*

*“As nossas observações, neste particular, ressentem-se da falta de dados, em vista das dificuldades em observar os desajustamentos de caráter sexual na criança escolar. Jamais adotamos o critério de interrogar diretamente a criança. Os preconceitos dos pais e mesmo da maior parte dos professores, são ainda muito cerrados, o que não lhes permite um espírito de objetividade, na observação desses casos. Quando surgem, na Escola, problemas dessa ordem, as informações dos professores consignam quase sempre, expressões como estas: ‘atos pouco dignos’, ‘práticas vergonhosas’, ‘criança imoral’, etc. Tem sido uma ação lenta do Serviço, através dos auxiliares que trabalham nas Escolas, para que todos êsses problemas observados, sem nenhuma atitude preconcebida, sem ares de escândalo e sem prejulgamentos. A colheita de dados só pôde ser feita, porê, até agora, para alguns casos mais flagrantes, que chegaram quase que ao conhecimento em geral”* (RAMOS, 1949, p.321-322).

#### Subcategoria 6.9: “Conduzindo pela Educação Sexual”

*“O pudor que é preciso conservar nas relações sociais e que, às vezes, exageramos ao negar e ao ver ao nosso redor as verdades naturais e os fenômenos fisiológicos, é a causa de que a maioria dos indivíduos, ainda os mais instruídos, ignorem o número de invertidos de ambos os sexos que acotovelam diariamente”* (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.61).

*“É para lastimar que tão poucos pedagogos se tenham ocupado com essas questões e que se abandone às mais impuras fontes – aos máos criados, aos camaradas depravados, aos livros pornográficos – a instrução das crianças relativa á questão sexual. Dahi resulta um afastamento deploravel entre paes e mestres de um lado e as crianças de outro, o que abala a confiança mutua”* (FOREL, 1928, p.488).

*“Se quizermos combater as perversões sexuais em tenra idade ou o desenvolvimento precoce do máo desejo sexual, não será com pudores falsos e vagos sermões de moral, nem com carrancas que chegaremos a um resultado efficaz, e sim, unicamente, pela affeição e franqueza. As respostas evasivas, as dissimulações da moral severa não obtem senão o afastamento e a hypocrisia”* (FOREL, 1928, p.488).

*“Existem providências específicas para alguém se prevenir contra a possibilidade de vir a ser um desviado sexual? Sim existem. A primeira de todas é estar bem informado a respeito da origem das perversões”* (ELLIS, 1969, p.180).

*“Na educação sexual de qualquer criança, o ponto mais importante é ensiná-la o que existe sôbre o amor e o que êle implica. [...] Relações normais de amor entre pais e filhos atuam como base de ajustamento sexual dêstes, em seu desenvolvimento. O amor e o bom senso, ao serem gradativamente transmitidas aos filhos informações sôbre o aspecto físico do amor, conforme a idade dêles, são a melhor garantia de um bom ajustamento sexual”* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.231).

*“Adequado conhecimento das questões sexuais deve tornar-se acessível às pessoas, em todo o mundo, através de conferências, livros e revistas”* (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.264).



*“À medida que cresce a curiosidade sexual da criança, esta deve ser educada, porque com isto cresce a confiança nos pais. Logo, é importante cuidar da Educação Sexual das crianças, pois, normalmente, instruídos, estão a salvo dos anormais” (EDELSTEIN, 1971, p.15).*

*“As verdades sexuaes precisam, certamente, ser conhecidas pelos moços e moças de hoje, porque o falso pudor que as vela impellem para o vicio, para a corrupção, para a doença para a desorganisação da familia e abalo da sociedade. As questões genesicas devem ser apresentadas com seu aspecto verdadeiro, sem a indumentaria pernicioso de hypocrisias e mentiras que tanto mal produz ao homem e à mulher” (FOREL, 1928, p.5).*

*“Se a creança se habitua com a nudez do adulto do seu sexo, não verá nada de particular nos seus órgãos sexuaes e achará muito naturaes os pellos do pubis quando nella apparecerem. Vêm-se, ao contrário, certas creanças educadas num exagero de pudicicia e ignorancia das questões sexuaes, excitarem se intensamente quando percebem que o pubis se está cobrindo de pellos; experimentam vergonha ao mesmo tempo que o erotismo se lhe superexcita. Quando não as preparam, as meninas se excitam ao primeiro apparecimento das regras e os rapazes á primeira polluição. O mysterio de que cercam tudo quanto diz respeito ás funções sexuaes não é apenas um motivo de ansiedade e tormento para as creanças, mas ainda lhes excita a curiosidade e os primeiros clarões do erotismo, de sorte que quasi sempre acabam instruidas sobre a materia por pessoas perversas, por creanças depravadas, pela observação que fazem da copula de animais ou ainda por livros obscenos, modos por certo pouco propicios a favorecer o desenvolvimento sadio. Mas o mais grave é que o iniciador ou seductor da creança em geral se encarrega, ao mesmo tempo, de a arrastar á masturbação, á prostituição e ás vezes a perversões sexuaes” (FOREL, 1928, p.483).*

*“A botanica e a zoologia fornecem boas occasiões de darmol-a. [...] na escola deveriam falar ás creanças sobre a reprodução do homem, já que não lhes fazem mysterio da das plantas e animaes, e porque seria o melhor modo dellas o aprenderem visto como os mestres tratariam o assumpto com o tacto exigido. [...] cabe ao mestre ou ao pae instruir os rapazes e ás mães ou mestras instruir as meninas” (FOREL, 1928, p.487);*

*“EDUCAÇÃO SEXUAL COMPULSÓRIA: Uma educação sexual em nossas escolas, desde os primeiros graus até à Universidade, muito poderá fazer para impedir transgressões sexuais e reduzir a incidência de incompatibilidades sexuais” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.258).*

*“A escola deve transmitir informações reais sôbre o sexo assim como preparar para desenvolver um caráter sadio, estimular os alunos a visarem ideais sadios e felicidade pessoal, além de atentarem para a sua responsabilidade na sociedade” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.262).*

*“Nas aulas de educação sexual meninos e meninas devem receber instruções em comum; mas nos casos de informações específicas para um sexo, a instrução é dada em separado. Ao descreverem as doenças venéreas, os professôres devem se precaver para não assustarem as crianças. O assunto relativo a aberrações sexuais deve ser tratado de maneira delicada. Os alunos com distúrbios ou problemas especiais na conduta sexual (homossexualidade,*

gravidez, doença venérea) devem ser encaminhados à autoridade médica escolar” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.262-264).

“As Instruções Preliminares sobre Questões Sexuais abrangem, na primeira classe, o seguinte: 1. Como diferem os sexos; 2. Onde vêm as crianças e como se desenvolvem antes do nascimento; 3. Como nascem as crianças; 4. Como as crianças dependem dos pais no que diz respeito ao lar. As Instruções sobre Questões Sexuais para criança de 11 a 13 anos incluem tópicos como estes: 1. Diferenças entre os sexos; 2. Estrutura e função dos órgãos sexuais; 3. Puberdade; 4. Menstruação; 5. Poluições; 6. Masturbação; 7. Concepção; 8. Gravidez e desenvolvimento do feto; 9. Dôres do parto; 10. Determinação do sexo; 11. Gêmeos; 12. Experiências traumáticas durante a gravidez. As instruções sobre Questões Sexuais para jovens de 14 a 16 anos devem incluir temas como estes: 1. Sexo e juventude. Considerações morais. Abstenção das relações sexuais durante a adolescência; 2. Filhos ilegítimos; 3. Abortos espontâneos e provocados; 4. Doenças venéreas; 5. Preventivos contra a gravidez; 6. Esterilização; 7. Menopausa; 8. Anormalidades sexuais; 9. Aspectos morais e sociais do sexo; 10. Medidas de bem-estar durante a gravidez; 11. Medidas de bem-estar para ajudar a estabelecer a família; 12. Medidas de bem-estar para cuidados e criação de crianças e adolescentes. As instruções sobre Questões Sexuais para jovens de 17 a 20 anos abrangem temas como os seguintes: 1. Menstruação e hormônios; 2. Impotência e frigidez. Há recomendações e orientação especiais para tratar com alunos empenhados em práticas sexuais indesejáveis, bem como medidas, por parte da escola, nos casos provados de relações sexuais entre alunos e no de uma aluna ficar grávida. Adequado conhecimento das questões sexuais deve tornar-se acessível às pessoas, em todo o mundo, através de conferências, livros e revistas” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.262-264).

“Nas escolas se formam com frequencia grupos de invertidos. Basta assinalar esses phenomenos que se repetem de tempos a tempos, provocando os escandalos escolares, para fazer todo homem de bom senso e sem preconceitos compreender que, ainda por este motivo, é urgente instruir cedo as creanças sobre as questões sexuaes” (FOREL, 1928, p.497) (grifos do autor).

“Quanto mais cedo se iniciar a educação sexual, maiores serão os frutos daí colhidos” (SILVA; SILVA, 1933, p.152).

“O que torna mais premente a educação sexual é o longo período que leva o sexo para amadurecer, isto é, para alcançar a sua plenitude funcional, que se estende do nascimento à adolescência. Êste longo período de latência ou de amadurecimento da função sexual é que a torna susceptível de múltiplos e variados desvios que irão refletir-se, negativamente, no comportamento sexual do indivíduo. Não há dúvidas de que muitos desajustamentos sociais e, principalmente, familiares, são provocados por anomalias no comportamento sexual” (NÉRICI, 1959, p.12).

“Dados informativos a serem fornecidos aos adolescentes: 1) Tanto o rapaz como a môça devem ser informados, de maneira oportuna e com muito tato, sobre as doenças venéreas; 2) Ambos os sexos devem ser expostos a par da maternidade, em todos os seus aspectos. Deve ser feito amplo esclarecimento quanto à fecundação e parto; 3) Mostrar o papel de cada

*indivíduo e de cada sexo na sociedade. Dentro desta linha de funções específicas, encarecer a importância e responsabilidade de cada sexo, dentro de uma coletividade; 4) Deve ser evidenciado ao jovem que o sexo só tem expressão dentro do lar, à base de obrigações bem definidas, em defesa do próprio adulto, dos filhos e da sociedade. Não é demais esclarecer que o exercício normal do sexo conduz à maternidade e esta exige conduta exemplar do homem e da mulher; 5) A masculinidade, ou a feminilidade, deve vir sendo preparada desde a infância, ou melhor, desde o nascimento. Faz parte das responsabilidades dos pais e educadores o saber encaminhar para êste objetivo, proporcionando oportunidades educacionais para que se firme e se desenvolva, normalmente, o sexo de que cada espécie é portador” (NÉRICI, 1959, p.156-157).*

*“Temos de ser educados no conhecimento e no respeito à verdade do sexo. Esta conclusão implica os pontos principais seguintes: a educação sexual: a) deve substituir o mistério do sexo pela verdade do sexo; b) há de ser ministrada num profundo respeito às leis que regem a natureza humana; c) há de ser oportuna, natural, científica, atendendo às necessidades da cada um, isto é, deve ser individual” (NEVES, p.235, 1954).*

*“A educação sexual deve ser orientada dentro do respeito às diferenças psicobiológicas dos sexos. Vale dizer: a) há de levar o homem e a mulher ao respeito às suas características sexuais e ao cultivo das mesmas; b) há de apresentar a cada sexo a psicologia do sexo oposto, encaminhando-os ao respeito mútuo às suas personalidades; c) há de apontar ao homem e à mulher a tarefa que lhes é atribuída especialmente na família e na organização social” (NEVES, p.235, 1954).*

*“A educação sexual perfeita é fator de equilíbrio em cada sexo, na sua vida conjugal e conseqüente repercussão na vida da família e da sociedade, porque: a) contribui para o equilíbrio e o aperfeiçoamento do indivíduo; ensina-lhe os derivativos mais perfeitos para as suas energias sexuais; b) assegura a cada sexo o máximo de capacidade individual para a completação da vida matrimonial – tanto no domínio físico como no psíquico; c) apresenta ao homem e à mulher a concepção integral do amor e do casamento e cultiva em ambos as qualidades que a natureza especificou, para a tarefa que lhes cabe na obra da procriação e educação dos filhos. Por extensão, as qualidades específicas transpostas da família para o trabalho social, completam-se com o máximo de eficiência e de harmonia para o aperfeiçoamento da vida humana” (NEVES, p.236, 1954).*

*“A primeira idéia que a criança deve ter do sexo é aquela que se refere à reprodução, que confere à questão sexual transcendente dignidade. Tranquilamente, então devemos ir apontando como se reúnem pequenos animais e surgem dessa união os filhotes: as borboletas, os pássaros, etc. Mostrar que o reino da natureza nada cresce ou floresce sem a união de elementos: a terra dá frutos com a chuva, as plantas crescem com a água, o dia e a noite formam o ciclo do tempo, etc. Das forças da natureza as crianças passarão aos seus semelhantes, aceitando principalmente amigos do sexo oposto como indispensáveis à sua própria vida. O pai e a mãe, o homem e a mulher, o menino e a menina. No fim do processo, lento e seguro, a criança já deixou a primeira infância, e por seus próprios recursos irá*

*compreendendo com lucidez e sem traumas os significados vitais da questão sexual” (NETTO, 1975, p.239-240, v.1).*

*“A educação sexual nas escolas terá a sua vantagem. O sexo, a fecundação, a gestação e o nascimento poderão ser encarados como parte das ciências naturais, que ela estuda com naturalidade. E, como tal, o problema sexual será por ela aceito e discutido” (NETTO, 1975, p.112, v.1).*

*“O sexo sendo encarado como um processo natural da vida, será também colocado na formação geral do mundo infantil, segundo as suas necessidades e solicitações” (NETTO, 1975, p.115, v.1).*

*“No decurso de toda a nossa existencia deve a vida sexual ser soffreada pelo conhecimento das molestias contagiosas e pelo receio dos desperdícios de força nervosa de que constituem ponto de partida os abusos sexuaes. É tão importante este aspecto da educação, que reclama estudo especial e um tacto particular” (PAUCHET, 1930, p.150).*

*“A môça deve saber qual a forma que reveste o amor masculino e o homem deve saber reconhecer os métodos femininos de amor, a fim de evitar a exigência descabida e se complementarem conscientemente” (SCHMIDT, 1964, p.148-149).*

*“A questão da educação sexual deve ser encarada sob o aspecto fisiológico e, embora entregue a especialistas (médicos, enfermeiros, etc.), não pode ser descurada pelos que se encarregam da orientação moral de um jovem” (SCHMIDT, 1942, p.97).*

*“O orientador ver-se-á a braços com problemas originados não raro, na má compreensão ou no mau emprêgo do instinto sexual nascente. Apontar aos adolescentes seus perigos e inconvenientes será o primeiro cuidado do orientador, pois muitas vezes as informações que chegam ao jovem sôbre estes assuntos, são deturpadas e erradas fazendo-o às vezes incidir em faltas, apenas por não estar bastante esclarecido. Também ao orientador caberá promover o interêsse do adolescente por tôda sorte de atividades extra-classe, esportivas ou sociais que são o melhor derivativo para a inquietação própria ao despertar do problema sexual mal orientado. A indicação e a escolha de leituras sadias será também um dos meios pelos quais o orientador combaterá eficazmente o mau emprêgo do instinto sexual” (SCHMIDT, 1942, p.97-98).*

*“A utilidade da educação sexual se evidencia, pois, através dela, aprendemos a dominar o instinto, evitar o onanismo, desvios sexuais, etc.” (EDELSTEIN, 1971, p.16).*

*“A meta da Educação Sexual se destina a ajudar o jovem a incorporar significativamente o sexo normal em sua vida presente e futura” (EDELSTEIN, 1971, p.15).*

*“A Educação Sexual já não se preocupa tão somente do aspecto biológico da reprodução. Tem de ser ampliada. Tem de ser completada com informações sobre os costumes sexuais de nossa sociedade. Nada é mais inconveniente do que o mau início provocado pelas informações distorcidas que a criança reúne junto a amigos sabidos, adultos menos sérios e leituras pornográficas. Além disso, vale observar que da má formação sexual originam-se:*

*mau humor, fracasso do indivíduo (social e familiar) e desajustes. Portanto, compete aos pais, sexólogos, professores e orientadores esclarecer convenientemente o adolescente sobre a sexualidade aceita na sociedade” (EDELSTEIN, 1971, p.29-30).*

*“A Educação Sexual, entre outras finalidades, tem por objetivo ajustar o comportamento humano habitual com o do sexo oponente e prepará-lo para o controle do desejo sexual, noivado, noite de núpcias, casamento e relações sexuais e não permitir que surjam os sentimentos de culpa, desconfiança que redundam em ciúmes exagerado entre o homem e sua amiga ou esposa” (EDELSTEIN, 1971, p.30).*

*“Malefícios trazidos por falsidades em redor do assunto sexo – entre vários malefícios, podemos citar os seguintes: 1) Desajustes sexuais (tendo como consequência lares desfeitos); 2) Crimes sexuais (contribuindo com manchetes nas crônicas policiais); 3) Movimentos fanáticos, políticos e sociais (que podem arruinar localidades e nações inteiras, haja vista os exemplos das causas da Segunda Guerra Mundial onde o chefe da SS, por exemplo, era homossexual); 4) Indivíduos de carreiras arruinadas (Ex: médico homossexual)...” (EDELSTEIN, 1971, p.30).*

*“Enquanto grande parte da população não for esclarecida ou permanecer mal informada, continuará a alta incidência de doença sexual. Eis alguns dos grandes benefícios que adviriam se as pessoas se valessem da educação sexual de que necessitam, e se cada um se esforçasse, sinceramente, para melhor se ajustar sexualmente na vida: 1. Haveria menos número de crimes sexuais. Os delinqüentes sexuais desconhecem as questões relacionadas ao sexo; 2. Haveria menor incidência de delitos entre os jovens; [...] A respeito da prevenção de padrões homossexuais lista-se algumas regras para orientação dos pais modernos: 1. Os filhos devem ter o carinho da mãe. Ao carinho deve a mãe acrescentar afeição, a fim de que eles, especialmente os homens, possam ter lembrança de experiências agradáveis com as mulheres e mais tarde, na vida, desejem estabelecer laços íntimos com mulheres; 2. Devem os filhos ser esclarecidos a respeito de uma sexualidade livre de tabus ou de aversão no tocante à união heterossexual; 3. O filho homem deve ter interêsses próprios do homem durante o desenvolvimento, a fim de identificar-se com atitudes masculinas, especialmente as que dizem respeito à responsabilidade e à formação do lar, inclusive a satisfação decorrente da paternidade. A primeira e a segunda regras aplicam-se também às filhas. Quanto à terceira, devem elas ter, desde o início da vida, o interêsse carinhoso do pai para sentirem afinidade com a vida do próprio homem. Considerando-se o grande número de pais, que deixam completamente de dar atenção às filhas durante todo o desenvolvimento destas, não é de surpreender que haja, nelas, pouca capacidade de virem a gostar dos homens e darem-se bem com eles. Em certos casos em que faltam o carinho e a compreensão do pai e o prazer na intimidade física com êle, o resultado é propensão para uma satisfação emocional e física. Por conseguinte, os pais que estejam preocupados com o ajustamento homossexual dos filhos devem examinar o padrão familiar que encoraja o ajustamento heterossexual” (CAPRIO; BRENNER, 1967, p.229-230).*

*“O habito diminue o efeito erotico de certas percepções dos sentidos e, inversamente, o erotismo ou desejo sexual excita-se pelas percepções e imagens poucas vezes vistas que dizem*

*respeito ao outro sexo. [...] Pode-se pois perfeitamente falar ás creanças sobre as questões sexuaes sem as excitar. Se se habitua a creança a considerar as relações sexuaes como coisa natural, innocente, estas, mais tarde, lhe excitarão muito menos a curiosidade e o erotismo, porque terão perdido a pimenta da novidade e do desconhecido” (FOREL, 1928, p.483).*

*“Quanto mais ocupada está a imaginação do educando, melhor seus membros se consagrarão a um exercício são e natural e menos de temer será, nele, a preocupação sensual” (BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS, 1955, p.26).*

*“[...] há numerosos meios que podem fazer uma diversão e farão ‘sublimar-se’ êstes instintos e tendências” (LACHAPELLE, 1944, p.200-201).*

*“Aliviar a tensão da disciplina para que as meninas não se sintam tão necessitadas de compensações; ocupar o tempo em coisas interessantes e próprias da idade. De par com isso, e por meio disso, sólida formação de caráter. Com essas medidas, inteligentemente postas em prática e sem a interferência de proibições contraproducentes que despertam a atenção e incitam o proibido, em grande parte ficam eliminadas as ocasiões de cultivo das tendências homossexuais porventura existentes” (NEVES, p.200, 1954).*

*“Todos sabem como é tumultuoso, mormente na juventude masculina, o despertar do instinto sexual. Impõe-se, portanto, a disciplina dêsse instinto, tendo em vista tanto o desenvolvimento físico do adolescente como, principalmente, o seu desenvolvimento moral” (SCHMIDT, 1942, p.96).*

*“O estágio de latência caracteriza-se, como o nome está a sugerir, por um amortecimento no interêsse pelos assuntos sexuais. É a idade mais feliz da vida do indivíduo, dizem os psicólogos. [...] Daí a oportunidade, agora, de sedimentar princípios de ordem social, com fins educativos, a respeito do sexo, pondo em evidência a importância do casamento, dos filhos, do cumprimento do dever, da honestidade, da solidariedade e da cooperação” (NÉRICI, 1959, p.111).*

*“Normas gerais de orientação: 1) Discreta vigilância sôbre as amizades da criança. Esta, aliás, deve ser medida preventiva para tôdas as idades evolutivas. Baseia-se no rifão: ‘É melhor prevenir que remediar’. É a época em que a criança deve merecer maior atenção – sôbre o problema da seleção dos amiguinhos. Quanto às amizades, é interessante proceder a pequena investigação sôbre o tipo de amigos do filho. Interessante é vê-lo brincar livremente com êles, oportunidade em que aparecerão, fatalmente, os hábitos e formas de conduta dos futuros amiguinhos. Para tal, nada melhor que promover festinhas em casa, convidando essas crianças para, discretamente, observá-las; 2) Formação relacionada com os problemas sociais básicos referentes ao sexo. Como foi dito acima, é preciso ir preparando a mentalidade da criança para aceitação e consolidação das formas de conduta sexual, com repercussão social, como o lar, o casamento, os filhos, a honestidade, etc.” (NÉRICI, 1959, p.115).*

*“Um dos primeiros cuidados é fazer com que eles participem de jogos, folguedos e brinquedos com outros meninos. Mas isso não deve ser forçado! Devemos usar uma diplomacia, psicologia com o menino!” (PEREIRA, 1971, p.349).*

APÊNDICE B: Material completo resultante das categorizações dos livros de sexualidade e educação sexual utilizados para compor o *Corpus 2*.

**Categoria 01: “Quem é o/a homossexual? Por que são assim?”**

“*Homossexual: Alguém que se sente sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo*” (MULLINAR, p.68, 1993) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).

“*O que define uma pessoa como homossexual é a escolha de um parceiro do mesmo sexo para curtir o amor, o afeto e o prazer sexual*” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.175, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).

“*Gay: homossexual masculino. Também pode ser utilizado para designar as mulheres homossexuais*” (MULLINAR, p.58, 1993) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).

“*Sapatão: palavra vulgar, que pode chocar ou ofender algumas pessoas. Significa lésbica*” (MULLINAR, p.107, 1993) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).

“*Em geral não são perigosos. [...] São, em geral, pessoas vivas e inteligentes*” (BOLSANELLO, p.87, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

“*Algumas profissões apresentam uma proporção de invertidos maior do que outras. A inversão não prevalece de maneira especial entre cientistas e profissionais da medicina; ela é mais freqüente no meio literário e artístico, e na arte dramática é muitas vezes comum. Ela é também comum de modo especial entre cabeleireiros, garçons e garçonetes. Em uma grande proporção de invertidos instruídos, verifica-se a aptidão artística sob uma forma, e o amor pela música*” (BOLSANELLO, p.89, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

“*Os homossexuais adultos ‘se realizam’ através da moda unissex, do uso de adornos e cosméticos antes destinados apenas às mulheres: é um meio de satisfazerem abertamente suas tendências femininas*” (BOLSANELLO, p.89, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

“*Como saber se um homem é homossexual? O estereótipo é um sujeito feminino, desmunhecante, que anda com afetação*” (BOLSANELLO, p.87, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

“*Nos invertidos do sexo masculino há uma tendência freqüente a aproximarem-se do tipo feminino, e os invertidos do sexo feminino, do tipo masculino. Isto ocorre tanto no aspecto físico, como no psíquico, e embora possa ser identificado em um grande número de aspectos, isto não é, absolutamente, sempre acentuado. Contudo, alguns invertidos do sexo masculino são ciosos de sua masculinidade, ao passo que muitos outros são totalmente incapazes de dizer se sentem mais como homem do que como mulher. Entre os invertidos do sexo feminino, há geralmente uma certa identificação com a atitude e o temperamento masculino embora*



*nem sempre manifesta” (BOLSANELLO, p.91, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).*

*“A genética nos conta que nosso destino está gravado nas células de nosso corpo, num disquete muito, muito pequeno chamado DNA. Ele já está no feto, antes que o bichinho nasça. Antes de você nascer, seu corpo já estava programado pelo DNA: a forma de seus olhos, a cor de seu pêlo, se você seria gato ou gata. É assim com todas as coisas vivas. Os cachorros, os urubus: todos são diferentes porque seu DNA é diferente. Isso vale até mesmo para as plantas: de semente de abóbora só nasce abóbora. De semente de carvalho só nasce carvalho. E o DNA é implacável: aquilo que a natureza fez ninguém é capaz de desfazer. Por vezes, o disquete DNA não funciona da forma esperada. E, quando o bichinho nasce, nasce um pouquinho diferente. Alguns, chamados daltônicos, não vêem as cores do jeito como a maioria vê. Outros, chamados canhotos, funcionam melhor com a mão esquerda que com a direita. Eles têm de tocar violão ao contrário. Parece que esse é o caso com aqueles que têm uma dieta de amor diferente daquela reconhecida como padrão. O padrão é gato comer rato. Mas você gosta é de cenoura” (ALVES, p.14, 2001) (BIBLIOTECA ESCOLA MANOEL BECKMAN).*

*“Os chamados heterossexuais amam o diferente: o corpo dos homens se comove ao ver um corpo de mulher; o corpo das mulheres se comove ao ver o corpo de um homem. Mas o corpo dos homossexuais, quem sabe se por obra do DNA, se comove ao ver um corpo igual ao seu. Tal como aconteceu com Narciso, aquele do mito dos gregos: ele se apaixonou por sua própria imagem refletida na água da fonte. É tão interessante isso: que nosso sexo seja movido por uma imagem!” (ALVES, p.16, 2001) (BIBLIOTECA ESCOLA MANOEL BECKMAN).*

*“Durante a adolescência, você pode experimentar sentimentos fortes por uma outra pessoa do mesmo sexo. Isso é bastante comum e você não é um homossexual apenas por ter esses sentimentos. Em nove entre dez dos casos, esses sentimentos desaparecem. Mas um em cada dez meninos ou homens (e meninas ou mulheres) é homossexual. Mesmo que você ache que pode ser homossexual, talvez ainda demore para você ter certeza” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.176, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“É comum na adolescência surgir a dúvida: sou ou não homossexual? Muitos adolescentes experimentam algum tipo de atração e até mesmo de experiência sexual com pessoas do mesmo sexo. Na maioria das vezes, trata-se apenas de uma forma de descoberta da sexualidade. Somente na idade adulta podemos saber se a nossa orientação é homossexual ou heterossexual. Muitas vezes, a atração por uma pessoa do mesmo sexo, geralmente mais velha, tem mais o caráter de admiração de um modelo do que de atração sexual” (MULLINAR, p.68, 1993) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“A homossexualidade, como problema real e estruturado, não existe numa idade em que a sexualidade ainda está indefinida – e isso é válido até certa altura da adolescência. O menino de catorze, quinze anos, em geral ainda guarda nos gestos a indecisão e no rosto a suavidade*

da infância. Já é sexualmente ativo – na base do auto-erotismo, mas carece ainda de maturidade psicológica para estabelecer bons vínculos heterossexuais. Sua sexualidade ainda não superou os restos das fixações edípicas, que só se resolvem no final da adolescência” (BOLSANELLO, p.552, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

“Desde a infância até certa altura da puberdade, as crianças se dedicam a brincadeiras sexuais com seus companheiros, independentemente do sexo destes. No plano inconsciente, é a procura de um objeto não comprometedor para o extravasamento dos instintos; ao nível da consciência trata-se, sobretudo de uma cumplicidade em algo considerado proibido. Ora, se as meninas são vigiadas com mais severidade do que os garotos; são advertidas de que não devem permitir ‘certas coisas’; além disso, são incitadas a não participarem em jogos e brinquedos tidos como ‘de meninos’. Daí que seja mais fácil a cumplicidade entre companheirinhos do mesmo sexo: mais oportunidades, menos fiscalização. Pais modernos e evoluídos reagem adequadamente às brincadeiras sexuais dos filhos com outros garotos. Não é o caso de estimulá-los, mas também não cabe atribuir-lhes importância nem tomá-las como indício de inversão sexual. Qualquer pai que não for particularmente reprimido recordará que em sua própria infância, ou a certa altura da puberdade, também idealizou brincadeiras sexuais com seus amiguinhos” (BOLSANELLO, p.552, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

“Seria necessário entender o aspecto fundamental do problema: se um homem não pode assumir o papel ao qual a natureza (a constituição de seu organismo) o destinou, é porque algo aconteceu para que ele tenha medo: medo de exercer o papel masculino ou medo de relacionar-se no plano erótico com o sexo feminino. Ninguém se torna homossexual por malícia, só para agredir aos pais. Há, sem dúvida, um elemento inconsciente de agressão contra eles. [...] Enfim, é preciso muita intimidação, muita traumatização para que um indivíduo renuncie ao exercício das características sexuais que a natureza lhe deu” (BOLSANELLO, p.554, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

“Alguns meninos começam sua vida sexual com outros meninos e não com meninas, às vezes com animais, pois é mais fácil para eles, por timidez ou por estarem mais próximos. Mas isso também não quer dizer que são ou que serão homossexuais. Para a maioria das meninas, as brincadeiras sexuais ocorrerão mais dos 4 aos 9 anos de idade que dos 10 aos 13. Pode acontecer que as meninas tenham a primeira experiência de prazer com outra menina. Muitas vão ter essa experiência mais íntima, mas nem de longe serão lésbicas. Esse comportamento geralmente é somente expressão da curiosidade, e a experiência acaba por aí. Se você percebe que sente muita atração sexual por pessoas do seu sexo, tem fantasias sexuais ou já teve algum tipo de aproximação sexual, e isso lhe causa ansiedade ou preocupação, converse com um adulto que tenha condições de escutá-lo sem pânico e sem recriminações. Lembre-se que ainda é muito cedo para você ter uma definição de sua tendência sexual e muitos podem ser os motivos – que não têm nada a ver com sexo – que o levam a preferir a companhia de pessoas do mesmo sexo e a evitar o outro sexo. Vale a pena pensar sobre essa questão com um adulto esclarecido ou com um profissional qualificado

*que possa ajudá-lo a entender melhor o que se passa com você. O importante é desenvolver-se como ser humano e não ficar com medo de se aproximar de alguém. A identificação com pessoas do mesmo sexo faz parte do desenvolvimento saudável. A amizade, freqüentemente com pessoas do mesmo sexo, é um privilégio que deve ser mantido ao longo da vida” (SUPLICY, p.130, 1998).*

*“Baseia-se no trabalho do fundador da Psicanálise, Sigmund Freud. Em seus estudos sobre sexualidade infantil, ele aponta quatro razões para ocorrer a homossexualidade: a) a fixação em uma etapa anterior do desenvolvimento; b) o medo de castração diante do desejo pela própria mãe; c) o narcisismo que leva o indivíduo a procurar alguém igual a si; d) a identificação da menina com o pai e do menino com a mãe. Freud mostra que, nas suas relações de amor e de ódio, a família pode desencadear conflitos que acabam por dar origem a diferentes caminhos, dentre eles a homossexualidade. Ressalte-se que a teoria freudiana teve como referência original uma sociedade burguesa determinada no tempo e espaço, na qual a família era de tipo preponderantemente nuclear – pai, mãe e filhos. As conclusões de Freud podem não se aplicar a outros tipos de estrutura econômica e familiar com as quais nos deparamos em nosso cotidiano” (SUPLICY et al., p.70-71, 1999).*

*“[...] certamente tem mais a ver com a relação afetiva da criança com os pais do que com qualquer brincadeira infantil” (SUPLICY, p.87, 1999).*

*“A homossexualidade se relaciona com as construções sociais dos padrões de gênero; com o mundo fascinante da mente e do psiquismo humano; com características biológicas; com os costumes e rituais criados pelas culturas; com os caminhos percorridos por cada indivíduo; com os dramas e tramas familiares; com as relações no interior do sistema capitalista. Todos esses fatores integram um complexo sistema de elos ainda não decifrados, o que suscita mais questões do que conduz a respostas” (SUPLICY et al., p.70, 1999).*

*“Os cientistas modernos têm apontado diferentes ponteiros para aprimorar os conhecimentos da homossexualidade que, no entanto, nem sempre são objetivos e nem sempre são convergentes, pois enquanto alguns partem do fato de que alguns homossexuais nascem com essa forma de comportamento sexual já determinada (determinismo biológico), outros consideram que é um fenômeno de indução, quer pela iniciação por um corruptor, quer pela falta de uma imagem paterna adequada ou pela presença de uma mãe dominante ou ainda pelo exagerado ou deficiente funcionamento dos seus sistemas endócrinos... Evidentemente a homossexualidade pode assim ser encarada como doença, vício, desajustamento ou neurose. Por outro lado, qualquer tentativa para demonstrar uma causa única determinante de um comportamento sexual específico não pode ser bem-sucedida. Antes, pelo contrário, todas as evidências parecem indicar que o comportamento sexual humano se encontra regulado por uma enorme quantidade de fatores que agem durante a vida toda do indivíduo. São todos esses fatores que determinarão que alguém experimente sentimentos ou realize contatos com outra ou outras pessoas do mesmo ou do outro sexo; que o faça com maior ou menor freqüência; que procure este ou aquele tipo de experiência” (BRUSCHINI; BARROSO, p.76, 2000).*

*“Não se sabe ao certo o que faz alguém se sentir atraído por pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos. Há numerosos estudos e pesquisas da sociologia, medicina, psicologia, antropologia, que procuram explicar esse fenômeno, e não há nenhuma teoria conclusiva a esse respeito. Embora várias pesquisas apontem um componente biológico da homossexualidade, ainda não está comprovada a existência de um gene responsável pela orientação sexual. O que se sabe é que a homossexualidade não é uma opção, tanto quanto a heterossexualidade também não é uma escolha” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.176, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Há pessoas que já nascem com tendência homossexual e outras que se tornam assim no transcorrer da vida. Há também as que são transitoriamente homossexuais e as que são bissexuais. No primeiro caso, de homossexualidade nata, os cientistas estão muito próximos de identificar um fator genético que determinaria a preferência sexual. A única atitude digna, nessa hipótese, seria solidarizar-se com o filho e prepará-lo para enfrentar uma vida que será inevitavelmente difícil” (TIBA, p.116, 1994) (BIBLIOTECA ESCOLA MANOEL BECKMAN).*

*“É importante observar que a ciência atual não tem uma explicação definitiva para ‘homossexualidade’. Ainda existem dúvidas em relação às hipóteses levantadas acerca dessa condição. Muitas vezes desejamos encontrar a grande verdade, a qual não existe. A homossexualidade é uma forma milenar de comportamento sexual que apresenta inúmeras faces e, portanto, não é possível olhá-la através de um só ângulo” (SUPLICY et al., p.69-70, 1999) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).*

*“Ninguém sabe realmente por que você poderia se sentir atraído por pessoas do mesmo sexo enquanto outros não se sentem” (HARRISON, p.70, 1996).*

*“Algumas pessoas acham que a homossexualidade é algo que nasce com a pessoa. Outras pensam que ela acontece em resultado do seu ambiente. E outras, ainda, a consideram como uma das muitas escolhas que as pessoas fazem para expressar a sua sexualidade” (HARRISON, p.70, 1996).*

*“Não se sabe ao certo por que um homem ou uma mulher se torna homossexual. Hoje, existem algumas pesquisas que apontam para uma modificação nos cromossomos dos homossexuais. Ressalve-se que as pesquisas têm sido feitas com homens e não com mulheres. Um grande número de psiquiatras e psicólogos acredita que as experiências emocionais com os pais têm influência decisiva na orientação sexual do indivíduo. Entretanto, hoje já existe grande questionamento sobre essa posição. Pesquisas recentes sugerem que o ambiente familiar e as experiências vividas não determinam a orientação sexual do adulto e apontam que fatores genéticos podem ter um papel predominante” (SUPLICY, p.126-127, 1998).*

*“Se nós fizermos a seguinte pergunta: Por que alguns seres humanos são homossexuais e outros preferem as relações com indivíduos do outro sexo?, veremos que há muitas*

*evidências de existirem múltiplas variáveis envolvidas, o que nos impede de dar uma resposta simples” (BRUSCHINI; BARROSO, p.77, 2000).*

*“Em relação à homossexualidade já se levantaram inúmeras hipóteses e discussões. Já foi considerada neurose, sintoma de imaturidade, pecado, doença endócrina, fraqueza genético-constitutiva, perversão, alternativa de vida ou até forma de vida requintada. Os enfoques perante um fenômeno humano mudam em relação ao nível de conhecimento que dele se tem, do momento histórico em que se vive e do lugar em que se está. A homossexualidade representa um exemplo típico” (BRUSCHINI; BARROSO, p.76, 2000).*

### **Categoria 02: “Nos livros... Qual educação sexual?”**

*“Meninos de pré-escola que apresentam comportamento feminino, ou que gostam de brincar com meninas, devem ser incentivados de maneira gentil mas firme a participar das atividades mais tipicamente masculinas. Deve haver cuidado para este entrosamento ser feito de forma gradual, nos jogos em que o garoto possa ter um desempenho mais adequado” (SUPLICY, p.87, 1999).*

*“Os meninos que apresentam traços femininos muito acentuados, além das atitudes tomadas pela escola, devem ser encaminhados para atendimento psicológico” (SUPLICY, p.88, 1999).*

*“Na escola a educação sexual deve informar sobre as relações, tanto homossexuais quanto heterossexuais. É preciso que os adolescentes sejam claramente informados para que possam situar-se lucidamente diante do problema que acabarão por enfrentar inevitavelmente” (CHARBONNEAU, p.25, 1987).*

*“Se dois homens estiverem tendo um relacionamento sexual, eles podem decidir ter sexo anal. Se isso acontecer, eles precisam pensar em maneiras de se proteger do risco de uma infecção pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis” (MULLINAR, p.68-69, 1993) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Sexo Anal: relações sexuais em que um homem coloca o pênis no reto da outra pessoa através do ânus. Se dois homens estiverem tendo uma relação sexual, eles podem decidir fazer sexo anal. Mas se alguém estiver infectado pelo HIV e fizer sexo anal com você sem usar camisinha, há um alto risco de que ele passe o vírus que pode causar Aids para você. Por isso, muitos gays agora preocupam-se em fazer sexo seguro” (MULLINAR, p.109, 1993) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Através de que caminhos a AIDS circularia de um a outro, sem que nenhum dos dois tenha consciência disso, a maior parte do tempo? A princípio tendia-se a ligar a transmissão desse mal apenas ao homossexualismo. Teria sido pelo contato sexual como o praticam os homossexuais que o vírus teria sido veiculado de uns para outros. Mas uma observação mais ampla e mais aguda rompeu essa exclusividade e revelou que, se a prática homossexual é, infelizmente, privilegiada na contaminação do tipo AIDS, não é o único veículo através do qual esta possa propagar-se” (CHARBONNEAU, p.25, 1987).*

*“A este ponto de nossa civilização, o mundo enfrenta um novo problema: o da pandemia da Aids, diante da qual encontra completamente desprevenido. Durante os últimos anos, crise após crise, estabeleceu-se entre nós uma permissividade total que conduziu à prática generalizada, não mais apenas tolerada mas encorajada, do homossexualismo e da toxicomania. Na euforia libertária, nada permite prever que essas duas modalidades de comportamento desembocaram em uma doença. [...] Doença implacável, doença incurável (pelo menos por um longo período de tempo ainda), doença fatal que só conhece uma única saída: a morte inevitável após a contaminação”* (CHARBONNEAU, p.25, 1987).

*“O tipo de relação que se pratica entre homossexuais facilita muito a incubação do vírus. Com efeito, recorre-se freqüentemente à relação anal que se insere num contexto fisiológico que oferece perigos múltiplos. Tanto o ânus quanto o pênis tornam-se extremamente vulneráveis, sofrendo feridas imperceptíveis que fazem com que sangue e esperma se misturem; um e outro constituem o meio de crescimento por excelência do vírus. Tudo indica que na relação anal o vírus se introduz mais rapidamente no organismo. [...] Acrescenta-se a isso, o fato de que a homossexualidade favorece uma grande promiscuidade que multiplica os parceiros, multiplicando, também, na realidade, os riscos de contaminação”* (CHARBONNEAU, p.25, 1987).

*“Assim como a homossexualidade, a toxicomania é fonte abundante de contaminação”* (CHARBONNEAU, p.25, 1987).

*“Na relação heterossexual, o esperma é suficiente para transmitir a doença; na relação homossexual, comumente anal, e que, como tal, comporta sempre um risco de grandes lacerações e microfissuras imperceptíveis mas reais, o perigo da infecção se multiplica, pois haverá cruzamento de esperma e sangue”* (CHARBONNEAU, p.25, 1987).

*“A permissividade está, hoje em dia, integrada a nossos costumes e é ela que fundamenta os comportamentos sexuais do homem de hoje. Recusamo-nos a nos submetemos a toda regra moral sob o pretexto de que queremos libertar-nos. Mas é essa liberação que nos conduziu onde estamos. [...] é preciso retomar as indicações e orientações que uma moral sadia nos propõe em termos de comportamento sexual”* CHARBONNEAU, p.40, 1987).

*“A sexualidade humana é importante demais, permeada demais de dignidade, para que possamos aviltá-la sem mais, em nome do pretexto que for. É preciso operar uma rigorosa crítica do homossexualismo sem deixar-se prender por um moralismo que ignoraria a dimensão da pessoa do homossexual, mas também sem ceder a teorias que surgem a partir de modismos e confundem normalidade e desvios neuróticos”* (CHARBONNEAU, p.40, 1987).

*“É preciso também voltar a uma forma de exercício da heterossexualidade que seja compatível com o respeito que o homem e a mulher que se unem devem dedicar um ao outro. Isso nos fará voltar a certos valores que estavam esquecidos ou eram negados em nossos dias. Como, por exemplo, a monogamia, a fidelidade, a recusa à promiscuidade etc.”* (CHARBONNEAU, p.25, 1987).

*“O problema é que é praticamente impossível, para os pais, saber se uma criança é ou será homossexual, a não ser com ajuda psicológica especializada. Mas quando procurar um psicólogo? O razoável é que essa atitude só seja tomada quando o garoto ou a menina começa a sofrer discriminação – e isso geralmente ocorre no início da adolescência”* (TIBA, p.118-119, 1994).

*“Separado da mãe, de uma babá carinhosa ou de uma amiguinha predileta, o menino freqüentemente passa a imitar seus gestos, sua voz, suas peculiaridades, o que talvez possa dar a impressão de que ele se efeminou. Nada disso: o problema – se é que podemos chamá-lo assim – desaparece quando a criança recebe de um novo objeto suficientes compensações afetivas”* (BOLSANELLO, p.552, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

*“A atitude adequada para com a sexualidade na criança, é a de uma prevenção atenta, que deve ser sempre discreta. Os impulsos eróticos infantis são muitas vezes inconscientes, e nada se lucra em torná-los conscientes ou em concentrar a atenção neles. É necessário precaver-se contra a possibilidade de que a criança cause algum mal evidente a si mesma ou a outros”* (BOLSANELLO, p.535, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

*“Parece também aconselhável em alguns casos, prevenir a mãe, não somente contra uma grande e excessiva ansiedade de castigar a criança que apresenta essas manifestações, mas também contra qualquer excesso de ternura física, que poderá despertar indevidamente as emoções de crianças sensíveis”* (BOLSANELLO, p.535, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

*“As melhores autoridades sustentam atualmente que a orientação sexual das crianças deve começar, dentro dos limites adequados, muito cedo, e que uma mãe capaz e compreensiva é a pessoa ideal para desempenhar esta tarefa verdadeiramente maternal. Pode-se dizer, na verdade, que somente uma mãe, pode executá-la de maneira correta, e a educação das mães é uma condição essencial para o desenvolvimento saudável das crianças”* (BOLSANELLO, p.535, 1986) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

*“Como ter certeza de que seu filho será ou não homossexual? Os pais buscam indícios por todos os lados e vigilantes que estão, desde que os filhos nascem, os temores dos pais aumentam consideravelmente quando o filho exhibe uma gesticulação considerada afeminada”* (TIBA, p.117, 1994) (BIBLIOTECA ESCOLA MANOEL BECKMAN).

*“[...] é importante compreender que provavelmente estamos na presença da fase inicial de um processamento que pode ser causado às necessidades nervosas e mentais de um menino. Elas poderão ser controladas adequadamente, quando houver necessidade absoluta disso, por um professor ou tutor bondoso que, no decorrer de instruções gerais sobre sexo, incute no menino o respeito a si próprio e a atenção ao bem-estar dos outros”* (BOLSANELLO, p.92, 1986).

*“Que homens e mulheres são diferentes ninguém duvida. Graças a essas diferenças biológicas, os homens são capazes de fecundar e as mulheres, de engravidar e amamentar.*

*Mas, ser homem ou mulher neste mundo vai muito além da realidade biológica, é uma construção social” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.56, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Sabemos que as características físicas próprias de cada sexo são transmitidas através da hereditariedade, enquanto o comportamento social atribuído a cada um dos sexos é transmitido pela cultura através de crenças, valores, atitudes e regras criadas pelas instituições sociais, como família, igreja, escola e governos” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.56, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Mesmo quando não concordamos com as diferentes formas de a sociedade e a cultura estabelecerem o que é ser homem e mulher, é comum estarmos reforçando os papéis de gênero tradicionais nas crianças desde o seu nascimento, quando vestimos a menina de rosa e o menino de azul, ou quando presenteamos uns com bolas e chuteiras e outras com bonequinhos e maquiagens” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.57, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Reforçamos os estereótipos de gênero, que nada mais são do que rótulos, opiniões predeterminadas que generalizam e padronizam o comportamento das pessoas. [...] o estereótipo para mulheres aponta para a passividade, afetividade, fragilidade, tolerância, emotividade e, para homens aponta para a agressividade, força, objetividade, competição. Tudo isso limita homens e mulheres em suas ações e reprime a expressão e o jeito de ser de cada um ao longo da vida” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.57, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Muitos desses padrões são aprendidos na infância. Basta olhar em volta para perceber como isso funciona: as famílias, as escolas e a sociedade procuram ensinar como meninas e meninos devem se comportar. A todo tempo eles recebem mensagens sobre como ser mulher ou homem, como se relacionar entre si e isso nada têm a ver com a biologia” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.57, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Bichinhos fofinhos de pelúcia pendurados nas portas dos quartos das mulheres que acabaram de dar à luz uma menina; chuteirinhas de futebol indicam que um menino chegou. As meninas, mesmo as recém-nascidas, são tratadas em tom delicado, a voz ligeiramente mais forte quando se fala com o menininho no colo. Quando a criança começa a crescer, as diferenças vão se aprofundando. Um temperamento brigão no menino é considerado muito natural. Já para a menina, sempre tem alguém dizendo que ela deve ser delicada, gentil” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.59, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Mas hoje em dia essas diferenças já diminuíram muito, as mulheres trabalham fora, os homens ajudam em casa... Realmente, o mundo está mudando, mulheres e homens estão tendo que se adaptar a novas realidades, novas atividades. Mas será que a base do comportamento também mudou? Mulheres com uma educação muito tradicional têm muito*



*mais dificuldade de enfrentar situações de competitividade no mercado profissional, de impor sua opinião quando necessário. Às vezes, para conseguirem espaço no mercado de trabalho, são rotuladas de machonas, Os homens, obrigados a participar da organização da casa e da criação dos filhos, também encontram dificuldades. Afinal, eles não estão acostumados a lavar louça, preparar sua própria comida e outras atividades tradicionalmente femininas. Na grande maioria das vezes, sequer aprendem coisa sobre isso” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.59, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“A criança aprende o tipo de comportamento esperado do homem e da mulher observando os pais. Entre três e cinco anos, meninos e meninas já começam a imitar as formas de agir do pai ou da mãe” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.61, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Da mesma forma que existem diferenças quanto a maneiras de pensar, agir e encarar a vida, existem também atitudes e comportamentos diferenciados em relação à expressão da sexualidade. As pessoas que têm um comportamento sexual diferente da maioria acabam sendo discriminadas por isso” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.175, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Embora os direitos humanos sejam mundialmente reconhecidos nas conferências mundiais, nas resoluções, nas leis, nos estatutos, observamos na prática que a discriminação das pessoas em função de suas diferenças é uma realidade. Para algumas pessoas, ser diferente significa ser desigual. Quem pensa assim tem, com certeza, muita dificuldade de conviver democraticamente com a diversidade, ou de reconhecer que o diferente tem os mesmos direitos e deveres na vida em sociedade” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.175, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Para entender o que é diversidade, basta observar nossos próprios alunos. Eles representam uma população de origem bastante diversificada, raças/etnias variadas, culturas diversas. Cada componente de uma sala de aula – inclusive o professor – tem uma história, ou várias: a história da raça ou da etnia a que pertence; a história do País ou região de onde veio a sua família. Existem ainda arranjos familiares diferentes, classes sociais, religiões, profissões, estilos de vida e inúmeras outras diferenças que precisam ser valorizadas e respeitadas, pois fazem parte do todo que é a sociedade brasileira. Muitas vezes essa diversidade é marcada pelo preconceito e pela discriminação” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.175, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Na nossa cultura, nós temos algumas idéias muito rígidas sobre como devemos nos comportar se somos homens e como devemos nos comportar se somos mulheres. Nós temos alguma dificuldade em aceitar que, se você é um menino, pode ser sensível e gentil, de modo que simplesmente dizemos que você não está sendo como os meninos devem ser. Bem, na verdade, um menino sensível continua sendo exatamente um menino, e uma menina áspera continua sendo exatamente uma menina. Nós nunca questionamos os nossos ‘deve ser’. Então, ridicularizamos ou rejeitamos as crianças que não se encaixam naquele molde rígido” (HARRISON, p.70, 1996) (BIBLIOTECA ESCOLA MANOEL BECKMAN).*

*“A determinação da sexualidade vai muito além das características físicas de uma pessoa. Ao longo de seu desenvolvimento, as crianças aprendem a se comportar de acordo com o que a sociedade – a família, seus amigos, a escola – espera de uma pessoa do seu sexo. Assim, a criança aprende sua identidade de gênero, ou seja, ela passa a se identificar com o gênero masculino ou feminino reproduzindo o comportamento de homens e mulheres à sua volta”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.177, 2001).

*“Outra questão que deve ser discutida pela sociedade é a relação entre orientação sexual e a identificação de gênero. Nem sempre uma mulher que tem atração sexual por outras mulheres gosta de se comportar como um homem. Homens homossexuais também não são necessariamente afeminados”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.177, 2001).

*“Uma das principais tarefas da Educação Sexual nas escolas é reconhecer a diversidade sexual como realidade a que o ser humano tem direito”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.183, 2001).

*“O princípio básico para acabar com o preconceito contra a homossexualidade é entender que as noções de sexualidade feminina e sexualidade masculina não são instintivas, mas construções sociais”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.176, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).

*“É curioso observar como – inclusive entre pessoas muito esclarecidas e mesmo profissionais – uma grande quantidade de membros da nossa sociedade acredita que, de acordo com o tipo de atividade sexual na qual o indivíduo se envolve, é possível determinar, dentre outras coisas, o tipo de roupas que usa, sua maneira de falar, mexer as mãos, as atividades profissionais que realiza, a orientação ideológica que tem, sua solidez moral, honestidade, confiabilidade e sua estabilidade emocional. O contrário também acontece: muitas pessoas acham que podem afirmar que tipo de envolvimento sexuais o outro tem, somente pelo tom da sua voz, pela sua militância em algum tipo de movimento comunitário, pelas músicas que ouve, amizades que frequenta, cores de sua roupa ou estilo de sapatos que usa habitualmente”* (BRUSCHINI; BARROSO, p.75, 2000) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).

*“O homossexual merece nossa consideração e respeito como ser humano. Ele não é melhor nem pior que o heterossexual e não deve ser discriminado pela sua preferência sexual. Muitos homossexuais estão satisfeitos do jeito que são. Os relacionamentos homossexuais podem ser agradáveis e profundos, tais como os heterossexuais, mesmo que a sociedade ainda rejeite esse tipo de relacionamento”* (SUPLICY, p.128, 1998) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).

*“Por que a nossa sociedade aplaude a cantora Madonna, considerada um ídolo do comportamento andrógino, ao mesmo tempo homo, hetero e bissexual, mas não aceita a vizinha que trouxe uma amiga para morar com ela?”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.182, 2001).

*“Por que uma sociedade que transforma transexuais como a modelo Roberta Close em um símbolo sexual feminino não dá a ela documentos de mulher, mesmo depois de ter seu corpo masculino corrigido pela Medicina para o feminino?” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.183, 2001).*

*“Se a homossexualidade não é doença, crime, desvio de conduta, nem pecado, por que impedir aos homossexuais – jovens, inclusive – o livre exercício de sua orientação sexual? Por puro preconceito, ignorância, desinformação científica, desrespeito aos direitos humanos fundamentais” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.178, 2001).*

### **Categoria 03: “Das informações sobre a homofobia...”**

*“Homofobia: medo de homossexuais e da homossexualidade” (MULLINAR, p.107, 1993) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).*

*“Homofobia é o nome que se dá a atitudes negativas e medos em relação à homossexualidade. Essas atitudes são perigosas porque levam ao desrespeito para com a outra pessoa, comportamentos antidemocráticos e discriminatórios, quando não violentos. Geralmente são homofóbicos os que não suportam conviver com a diferença ou não trabalham o próprio desejo homossexual dentro de si. Marginalizar e zombar do homossexual são formas de se sentir aliviado e distante do seu próprio desejo” (SUPLICY, p.128, 1998).*

*“Nos últimos anos as atitudes diante da homossexualidade têm sido discutidas principalmente pelos ativistas dos direitos humanos. No Brasil é assassinado um homossexual a cada três dias, o que mostra o nível de homofobia existente” (SUPLICY, p.128, 1998).*

*“Da mesma forma que os meninos sabem ser cruéis com as meninas consideradas feias, eles são tomados por uma verdadeira aversão à homossexualidade. Esse pavor, a que chamamos homofobia, é principalmente masculino e se manifesta tanto em relação à sua própria identidade quanto à homossexualidade alheia” (TIBA, p.61, 1994) (BIBLIOTECA ESCOLA MANOEL BECKMAN).*

*“Vivemos, particularmente no Brasil, imersos em uma cultura homofóbica, ou seja, que alimenta um intenso pavor com relação ao homossexualismo. A sociedade condena e desvaloriza a opção sexual diferenciada, seja pela violência, seja pelo desprezo preconceituoso” (TIBA, p.115, 1994) (BIBLIOTECA ESCOLA MANOEL BECKMAN).*

*“A melhor atitude dos pais é ajudar a acabar com a homofobia dos filhos e prepará-los para que não precisem se agarrar à primeira mulher que encontrarem pela frente, só para provar sua masculinidade” (TIBA, p.119, 1994) (BIBLIOTECA ESCOLA MANOEL BECKMAN).*

*“A sociedade capitalista ocidental apresenta rigidez nos papéis de gênero, na maneira como se é homem ou mulher, e uma fobia à homossexualidade. Isto acarreta o crescente*

*confinamento daqueles que, de alguma forma, não fazem a passagem por determinados ritos – como o casamento, a geração de filhos – exigidos para a entrada no grupo social ‘normal’” (SUPLICY et al, p.71, 1999) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).*

*“[...] a homofobia (aversão à homossexualidade) ‘é ainda o principal preconceito de nossa sociedade, pois age não apenas na rua e nas instituições públicas, mas, sobretudo, dentro de casa, tornando-se a família de jovens gays, muitas vezes, o principal agente discriminatório’” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.178, 2001).*

*“Numa sociedade repressora que não aceita a diversidade sexual, os nomes e apelidos dados aos homossexuais são vistos como ofensa e muitas vezes são usados mesmo para ofender, ferir e estigmatizar os homossexuais. Homossexual masculino: Viado, Bicha, Fruta, Bofe, Michê, Boiola, Entendido, Gay; Homossexual feminino: Lésbica, Fanchona, Machona, Sapatão, Mulher-Macho, Entendida, Gay” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.178-179, 2001).*

*“A chegada da adolescência traz uma nova questão para a sexualidade. Além da identificação de gênero, o adolescente tem de lidar com o desejo que começa a aparecer. Só que, em muitos casos, esse desejo contraria aquele comportamento de gênero que foi aprendido na infância, que teve como primeiro modelo a relação entre os pais. Daí podem surgir grandes conflitos, tanto com familiares e amigos quanto conflitos internos, de medo, culpa, incerteza, baixa auto-estima. Todos esses conflitos poderiam ser resolvidos se a sociedade encarasse a homossexualidade com naturalidade. Piadas, fofocas, olhares maliciosos podem ser sinais de um preconceito leve, mas, ainda, preconceito. É o mesmo preconceito que leva grupos radicais a praticar atos criminosos contra homossexuais, que podem levar até à morte” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.177, 2001).*

*“A maior parte dos meninos, um pouco antes da onipotência pubertária, começa a incorporar, de forma até exagerada, o preconceito adulto em relação à homossexualidade. Da mesma forma que acham que as mulheres são ou santas ou prostitutas, consideram que os homens são ou machos ou gays. Passam a ser particularmente cruéis com colegas afeminados e assim permanecem até que, mais velhos, partem para agredir travestis nas ruas. Os rapazes fazem isso porque são muito inseguros em relação à própria opção sexual. Como ainda não têm provas definitivas de que são homens, ou seja, capazes de se relacionar sexualmente com uma mulher, tentam prová-lo de outro modo. Ao agredir o colega afeminado, estão tentando provar a si próprios que são diferentes do agredido. Na verdade, batem no homossexual que pode existir dentro deles” (TIBA, p.119, 1994).*

*“[...] Sabemos que muitos homens adultos permanecem intolerantes com os homossexuais mesmo depois de adultos. Nesse caso, a opção sexual não foi totalmente resolvida ou há o temor de que, ao ser visto conversando com um gay, possa ser confundido com um deles” (TIBA, p.119, 1994).*

#### **Categoria 04: “A homossexualidade problematizada”**

*“Alguns professores logo pensam em homossexualidade quando vêem dois meninos envolvidos em jogos sexuais ou duas meninas de mãos dadas. Pois saibam que a homossexualidade está muito mais na cabeça dos adultos do que na das crianças. Ser homossexual é um caminho complexo, com muitos fatos desconhecidos pela ciência” (SUPLICY, p.87, 1999).*

*“Existem algumas hipóteses levantadas por diferentes áreas do conhecimento que tentam oferecer alguma luz sobre a homossexualidade. Há autores, alinhados ao determinismo biológico, para quem a homossexualidade resultaria de uma formação específica do cérebro ou de uma predisposição genética. Quais seriam as conseqüências do determinismo biológico? Uma justificativa clara para o que não entendemos? A possibilidade de admitir diferenças? Esse modo de pensar levaria a tentativas de controle? De diminuir o número de homossexuais? Com isto estaríamos diminuindo o quê: a nossa dificuldade de lidar com as diferenças?” (SUPLICY et al., p.70, 1999).*

*“Gostar da companhia de pessoas do mesmo sexo, ter brincado de tocar os órgãos genitais, ou ter tido uma relação sexual com pessoa do mesmo sexo faz parte da experiência de muitas pessoas e não quer dizer que se é homossexual” (SUPLICY, p.127, 1998).*

*“Se você quiser ver um monte de adultos pouco à vontade, simplesmente mencione a homossexualidade” (HARRISON, p.69, 1996) (BIBLIOTECA MANOEL BECKMAN).*

*“A homossexualidade tem a ver com a pessoa por quem você se sente sexualmente atraído. Tem a ver com meninas que preferem estar sexualmente com meninas, e meninos que preferem estar sexualmente com meninos, e essa preferência pode incluir vários estágios da sexualidade adolescente. A homossexualidade tem a ver com meninos acariciando meninos, e meninas acariciando meninas. É quando os meninos namoram meninos e meninas namoram meninas. E todas as boas e más razões para você estar com alguém se aplicam aos relacionamentos homossexuais assim como aos heterossexuais (aqueles entre um menino e uma menina)” (HARRISON, p.69, 1996) (BIBLIOTECA MANOEL BECKMAN).*

*“Muita gente pensa que o homossexual sempre apresenta trejeitos, ou tem profissão artística, ou é cabeleireiro, decorador, e é magrinho. Não é verdade: em qualquer profissão existem homossexuais. Quanto à aparência, existem homossexuais campeões de atletismo, outros com cara de executivos caretas e lésbicas lindas e femininas. O homem de aspecto mais delicado, que não joga bola, às vezes sofre gozação na escola, assim como a jovem que não segue os padrões tradicionalmente femininos de se vestir ou de se comportar. [...] Na verdade, as relações homossexuais são tão variadas e diferentes como ocorre com as relações heterossexuais. Sua duração ou envolvimento vai depender do quanto as pessoas têm em comum e do quanto se amam” (SUPLICY, p.127, 1998).*

*“Muitas pessoas sentem-se atraídas sexualmente por pessoas do outro sexo. Este é um fenômeno extraordinariamente comum. Outras pessoas se sentem atraídas sexualmente por pessoas do mesmo sexo. A heterossexualidade, que é a atração por indivíduos do outro sexo,*

*é a forma de experiência sexual humana mais freqüente durante a idade adulta. A homossexualidade, embora menos freqüente, não é um fenômeno incomum. Dentre as pessoas que se sentem atraídas por indivíduos do mesmo sexo, encontramos, da mesma forma que entre os que o são pelo outro sexo, gente rude e gente suave, pessoas muito inteligentes e pessoas pouco brilhantes, crentes e ateus, fumantes e não fumantes, indivíduos que usam óculos ou lentes de contato e outros que não usam nenhum deles” (BRUSCHINI; BARROSO, p.75, 2000).*

*“Na nossa sociedade, as expectativas que transparecem nos sistemas de valores encontram-se voltadas, na área do comportamento sexual, para a procura de um parceiro do outro sexo. Outros comportamentos representam ‘desvios’ do que a sociedade espera que venha a acontecer. Entretanto, isto de forma alguma significa que outros padrões de expressão da sexualidade sejam melhores ou piores que aquele que a comunidade endossa oficialmente. A expressão ‘veado’ com a qual muitas vezes é chamado o homossexual masculino talvez seja uma transformação do termo ‘desviado’, utilizado neste caso com um sentido moralista, isto é, designando alguém como um ‘afastado’ do caminho ‘certo’” (BRUSCHINI; BARROSO, p.75-76, 2000).*

*“É mais interessante assumirmos uma atitude humanista de respeito e compreensão perante todos os nossos semelhantes sem nos importarmos com a forma como realizam sua vida íntima, nem tampouco com o sexo, cor, crença ou ideologia política da pessoa que amam” (BRUSCHINI; BARROSO, p.77, 2000).*

*“Os homossexuais, como todo mundo, têm a mesma vontade de se dar bem na profissão, de encontrar um par, fazer planos, se realizar na vida, inclusive sexualmente. Vivem conflitos como todos, mas enfrentam barras poderosas como, por exemplo, não poder demonstrar em público através de carinhos o que sente pela pessoa amada” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.177, 2001).*

*“Pais, mães, familiares, educadores, profissionais da saúde, todos, enfim, precisam se comprometer com uma educação e serviços livres dos preconceitos que geram tantas violências em relação à homossexualidade. Os adultos costumam negar aos adolescentes o exercício da sexualidade que lhes é própria ou que se manifeste de forma diferente, humilhando-os, insultando-os, castigando-os” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.178, 2001).*

*“O Conselho Federal de Medicina, a Organização Mundial de Saúde e as principais associações científicas brasileiras e internacionais (desde 1970 nos Estados Unidos e desde 1985 no Brasil) deixaram de considerar a homossexualidade como desvio ou doença, e, hoje, entendem como uma orientação sexual tão saudável quanto a bissexualidade ou a heterossexualidade” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.178, 2001).*

*“A homossexualidade não é uma doença e, portanto não se pode pensar em cura e muito menos em transmissão” (SUPLICY et al., p.73, 1999).*

*“Os homossexuais diferem dos heterossexuais tão-somente na questão da atração sexual. São antes de mais nada seres humanos, com direitos iguais aos outros e merecem nosso respeito. Há entre eles, pessoas criativas, bondosas, inteligentes, honestas, neuróticas, inseguras, maldosas. Há aqueles com aparência efeminada e aquelas com aparência masculinizada; porém, há o homem homossexual forte e viril e a mulher homossexual, ou lésbica, meiga e feminina”* (SUPLICY et al., p.73, 1999).

### **Categoria 05: Metodologias em educação sexual para discutir a homossexualidade**

*“Para nos orientarmos e assim diminuir nossas idéias preconceituosas, primeiro é preciso obter informações básicas. A seguir, precisamos olhar com outros olhos o aluno e a aluna quanto a comportamentos ligados ao seu gênero (masculino ou feminino). Por último, é importante conhecer um pouco mais o mundo homossexual para desmitificar preconceitos e facilitar a relação com alunos e filhos”* (SUPLICY et al., p.69-70, 1999) (BIBLIOTECA ESCOLA SÃO CRISTÓVÃO).

*“Convença a sua escola – caso isto ainda não tenha acontecido – a adotar uma postura crítica em relação aos materiais pedagógicos, pois muitos deles costumam reproduzir mensagens preconceituosas. Se forem encontrados livros didáticos e outros materiais com conteúdos discriminatórios em relação aos homens ou às mulheres, converse com a direção da escola para substituí-los”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.65, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).

*“Faça um esforço para evitar os estereótipos como: meninas são mais fracas, mais dependentes, mais sensíveis, menos agressivas, e meninos são mais fortes, mais independentes, mais práticos, mais agressivos. Com esta atitude, você impede que as meninas sejam colocadas em situação de inferioridade. Debata com a classe o modo como jornais, revistas, livros, programas de televisão, músicas, propaganda etc. tratam a igualdade de gênero, para estimular uma discussão sobre os estereótipos femininos e masculinos. Lembre que todos podem exercer todo tipo de atividade, na escola ou em casa, como cozinhar, fazer consertos mecânicos, jogar bola, costurar, servir a mesa, lavar a louça, limpar a cozinha (inclusive o fogão engordurado), varrer a casa, trabalhar com ferramentas de marceneiro etc. Piadinhas, apelidos, disputas entre os sexos podem render muitas risadas, mas quase sempre constituem um desrespeito à dignidade das pessoas”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.65, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).

*“Questões de gênero estão sempre presentes, e os educadores devem estar atentos para elas. Importante também é lembrar que o grande desafio deste trabalho é sensibilizar os jovens para que possam ultrapassar as limitações culturalmente impostas, de modo que todos possam viver com mais igualdade e solidariedade”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.66, 2001) (BIBLIOTECA DA ESCOLA CIDADE OPERÁRIA).

*“Deixar claro que homossexualidade não é crime, nem pecado, nem doença. A orientação sexual de cada um é um direito que todos temos em nosso País”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.182, 2001).

## METODOLOGIAS INDICADAS PELOS LIVROS PARA QUE OS DOCENTES PROBLEMATIZEM O TEMA HOMOSSEXUALIDADE COM OS/AS ALUNOS/AS

### **Pesquisa**

*“1. Pesquise e veja nos diferentes momentos históricos e nas diferentes civilizações como a homossexualidade era vista ou aceita” (SUPLICY, p.128-129, 1998).*

### **Debate em Grupo e Problematização do Tema**

*“Você acha que os homossexuais deveriam ter os mesmos direitos que os heterossexuais? Por que sim ou por que não? Se você conhece alguém que é homossexual, pergunte-lhe se já viveu algum preconceito e como o enfrentou? Você nota em você, ou nas pessoas que conhece, preconceito ou mesmo homofobia, em relação aos homossexuais? Descreva situações em que o preconceito aparece. Após ler este capítulo o que você percebe como sua maior desinformação sobre homossexualidade?” (SUPLICY, p.128-129, 1998).*

*“O tema da homossexualidade é uma excelente oportunidade para a discussão de atitudes estereotipadas e valores maniqueístas que foram levantados em torno do comportamento sexual humano. O debate em grupo sobre uma série de assuntos controversos que, muitas vezes, são muito mais conhecidos através do preconceito, do mito e das falsas generalizações do que através das evidências científicas objetivas, é uma das melhores formas para o esclarecimento do próprio sistema de valores e o da comunidade” (BRUSCHINI; BARROSO, p.77-78, 2000).*

*“Enfatizar a importância de se respeitarem todos os indivíduos que optarem por comportamentos diferentes daqueles seguidos pela grande maioria da sociedade; Discutir os possíveis elementos que determinam a diversidade de atitudes perante a homossexualidade em diferentes épocas e lugares” (BRUSCHINI; BARROSO, p.78, 2000).*

*“– O que é bicha? (Esta pergunta e as próximas aparecem mais devido ao contato com pessoas que utilizam a palavra como xingamento, ou por ouvir comentários de adultos ou assistir a cenas na TV, do que a algo que corresponda a uma curiosidade infantil).*

*- Esta é uma maneira de desqualificar as pessoas que amam outras do mesmo sexo e têm relação sexual com elas. Não se sabe por que essas pessoas, que também são chamadas homossexuais, são assim. Os homossexuais não são nem melhores nem piores do que os que fazem amor com pessoas do outro sexo; são diferentes, e você deve ter respeito por eles.*

*- O Juca e o Marcelo estavam brincando de sexo, eles são homossexuais? E a Clariana e a Monique, que ficam o tempo todo de mãos dadas?*

*- Não, eles não são homossexuais. Ser homossexual é um desenvolvimento muito complexo e depende de muitos fatores. Não são homossexuais os meninos ou as meninas pequenas que brincam de sexo, andam de mãos dadas, têm como melhor amigo alguém do mesmo sexo. (Ter uma experiência sexual na adolescência com alguém do mesmo sexo também não significa ser homossexual. Seja claro para que sua criança não fique encucando que, só por ter tido brincadeiras amorosas com um coleguinha do mesmo sexo, ela é homossexual.)*

*- Como o homossexual tem relação sexual?*



- *Os homossexuais fazem carícias e se tocam no corpo todo. Podem ou não ter relação sexual com a penetração do pênis no ânus um do outro. Ou então praticando sexo oral, que é chupar o pênis do outro. A mulher homossexual tem relação sexual manipulando o clitóris da outra, ou passando a língua pela vagina e sugando o clitóris*” (SUPLICY et al., p.55, 1999).

“- Como é uma relação sexual entre duas mulheres?

- *Elas trocam muitas carícias e manipulam os genitais até sentirem prazer.*

- Como é uma relação sexual entre dois homens?

- *Eles fazem bastante carinho, manipulam os genitais e, às vezes, ocorre a penetração do pênis no ânus. Tudo isso lhes dá muito prazer*” (SUPLICY et al., p.57, 1999).

“*Alguns mitos comuns sobre a homossexualidade: Os homossexuais quase sempre são ‘afeminados’, enquanto as homossexuais quase sempre são ‘masculinizadas’; Os homossexuais costumam seduzir crianças; Nos casais homossexuais, um dos parceiros assume sempre o papel ativo, enquanto o outro desempenha sempre o papel passivo; Homens e mulheres são homossexuais porque nasceram assim; A principal causa do homossexualismo é o desequilíbrio hormonal; Os homossexuais, em geral, têm muita criatividade e jeito especial para as carreiras artísticas; Devido a seu comportamento sexual, os homossexuais tendem, mais do que os heterossexuais, a serem ladrões ou criminosos*” (BRUSCHINI; BARROSO, p.77, 2000).

“*Na discussão da homossexualidade com adolescentes, o enfoque principal é a compreensão da existência da diversidade e a capacidade de aprender a respeitá-la e conviver com ela. Sugerimos dividir a turma em pequenos grupos com um roteiro de discussão com questões-chave, como os que se seguem: - Homossexuais são diferentes de heterossexuais? Em quê?; - Os homossexuais masculinos têm ‘trejeitos’ e as lésbicas são ‘masculinizadas’?; - A pessoa é homossexual porque quer?; - Homossexualidade é doença? Homossexualidade ‘pega’?; - A atração homossexual pode mudar ao longo da vida?; Homossexuais devem ser respeitados?E devem ter direitos de cidadãos?. Após a discussão nos subgrupos, a partir de conclusões das discussões que eles levantarem, será possível ampliar o debate, problematizando sobre essas questões e suas respostas, não para chegar a conclusões definitivas mas para explicar melhor os preconceitos e poder combatê-los. É importante que os alunos saibam que não há conclusão definitiva sobre a gênese da homossexualidade, que as teorias existentes não abarcam a amplitude do fenômeno e que a compreensão e aceitação da homossexualidade como expressão da sexualidade vem avançando continuamente na sociedade moderna*” (SUPLICY et al., p.73, 1999).

“*Reúna a turma num grande círculo. Fale sobre orientação sexual. Proponha um grande debate sobre orientação sexual*” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.182, 2001).

“*Aproveite um acontecimento ou uma cena de TV que gire em torno de um personagem homossexual*” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.182, 2001).

*“Não pode faltar: deixar claro que a homossexualidade não é crime, nem pecado, nem doença. A orientação sexual de cada um é um direito que todos temos em nosso país”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.182, 2001).

*“Por que a nossa sociedade aplaude a cantora Madonna, considerada um ídolo do comportamento andrógino, ao mesmo tempo homo, hetero e bissexual, mas não aceita a vizinha que trouxe uma amiga para morar com ela? Por que uma sociedade que transforma transexuais como a modelo Roberta Close em um símbolo sexual feminino não dá a ela documentos de mulher, mesmo depois de ter seu corpo masculino corrigido pela medicina para o masculino?”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.182, 2001).

### **Filmes**

*“Combine com um grupo de amigos para assistirem ao filme Filadélfia (Jonathan Demme, 1993) e depois converse a respeito”* (SUPLICY, p.141, 1998).

### **Dramatização**

*“Faça uma dramatização mostrando as dificuldades mais comuns na hora de assumir a homossexualidade”* (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, p.182, 2001).

### **Livros**

*“O adolescente deve obter de fontes confiáveis tantas informações quanto for possível. Há muitos livros excelentes sobre homossexualidade. Ele não deve se fiar num único livro ou fonte para sua informação, pois isso pode fornecer-lhe uma visão parcial. O adolescente deve procurar um adulto para conversar. Quem decide que pessoa será essa é ele, mas a pessoa escolhida deve ser capaz de ouvi-lo e responder sem tentar influenciá-lo a adotar uma orientação ou outra”* (GALE, p.186, 1989).

*“Você pode encontrar livros para ler, ou números telefônicos de ajuda aos adolescentes”* (HARRISON, p.74, 1996).